ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 95
T. II
1975

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1976

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 95

T. II

1975

SUMARIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO — 1976

Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional.
Anais da Biblioteca Nacional... v. 1— Rio de Janeiro, 1876—
v. il.

Título do v. 1-50: Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

1. Brasil — História. 2. Brasil — Bibliografia. 3. Literatura brasileira — Bibliografia. 4. Manuscritos — Brasil. I. Título.

O CDD 027.581

Daniel, João, sac., 1722-1776.
Tesouro descoberto no Rio Amazonas, padre João Daniel. Introdução de Leandro Tocantins. Relatório da diretora da Biblioteca Nacional, 1975. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976.
2 v. (t. 1: 1ª, 2ª e 3ª pt.; t. 2: 4ª, 5ª e 6ª pt.)

Em Anais da Biblioteca Nacional, v. 95, t. 1-2, 1975.

1. Amazônia — Geografia e viagens. I. Título. II: Título: Anais da Biblioteca Nacional.

O CDD 918.11

QUARTA PARTE

CAPÍTULO 1º

PRAXE DA SUA AGRICULTURA AO USO DOS NATURAES ÍNDIOS

Descriptas já as muitas águas do Rio máximo Amazonas; os muitos e grandes rio[s] que em si recolhe soberbo; a muita extensão com que se jacta ufano; sabida também a grande fertilidade das suas margens, a amenidade aprazível dos seus campos sempre alegres, porque sempre verdes, e a grande vastidão das suas matas vestidas sempre da pomposa gala das suas folhas em perpétua primavera; compendiadas também as suas muitas, e grandes riquezas com que não só a sí, mas também enriquece a todo o mundo, se não com termos cabalmente expressos dos seus muitos haveres, ao menos com rústicas expressões suficientes a formar nos leitores algum conceito do seu descuberto tesouro; resta-nos agora dar a desejada notícia, da mestria e indústria, com que os seus naturaes índios e europeos se utilizam dos seus haveres, na agricultura dos campos, no benefício das terras, e na colheita dos seus gêneros.

Daremos princípio a esta "Quarta Parte" 1º resistando coriosos os seus sítios, em que cada um vive contente como na sua quinta das suas semeadeiras e searas, mais como bichos do mato, do que como homens racionaes. 2º admirando o plantamento, cultivo das suas searas, a que chamam roças. 3º veremos a indústria, e fábrica das suas embarcações, e modo de navegar. 4º a indústria, que observam na laboriosa extracção dos haveres das suas matas. 5º como fazem os plantamentos, ou searas de cacao, café, canaviaes, e mais cultivos. 6º praxe dos missionários de índios nas suas missões. 7º indústria, de que usam para persuadir aos tapuias bravos a saírem dos seus matos, e brenhas para as missões. 8º repartição dos seus índios aos moradores brancos, para a colheita dos haveres do sertão, e remagem das suas canoas. O que tudo servirá assim para divertimento dos leitores, como para preâmbulo da "Quinta Parte" do *Tesouro do Amazonas*, para a qual, como principal, são necessários prelúdios as mais partes, e notícias que nelas temos dado, e vamos dando.

DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS DOS ÍNDIOS, DAS SUAS SEMENTEIRAS, E SEARAS.

Suposta a notícia de forma, e feitio das casas, e povoações dos índios, que dissemos na "Segunda Parte", resta agora saber a praxe, que usam no cultivo das suas terras, o que fazem desta maneira: logo cada um busca fora da povoação mais oumenos distante o sítio, e paragem que mais lhe agrada

para nela fazerem as suas sementeiras, ou plantamentos; e como a extensão das terras é tão grande, tem todos onde escolher mesmo à sua vontade, sem que ninguém lhe dispute a eleição e se oponha a posse, e muito menos lhe enveje a sorte; porque todos elegem, todos escolhem, e todos vivem contentes, e satisfeitos da sua sorte; e quando o não estejam; buscam outra, e outras como, e toda a vez que querem. Nestes sítios pois, que ordinariamente fazem só nas margens de rios e lagos pela conveniência dos ventos, e ares, pela utilidade das pescarias e muitas outras conveniências como são os seus inevitáveis banhos, e fácil navegação.

Nestes sítios, pois tão distantes, e separados uns dos outros, que ordinariamente se não avistam, vivem a maior parte do tempo tão contentes, e satisfeitos como quem está na sua quinta, e só nas funções comũas se [ajun]tam nas suas povoações de tempos, em tempos, excepto algũas nações, que tem por costume inviolável [ajun]tar-se todos os dias de manhã, e de tarde para a celebração dos seus bailes, e beberronias, como dissemos em seu lugar: os quaes acabados se ritiram logo para os seus sítios, a que chamam roças, onde vivem contentes como as feras do mato.

Esta mesma eleição de sítios fazem os índios mansos, e doutrinados nas suas missões, sem mais diferença dos índios salvages, do que algũa melhor economia, e indústria, e não serem tão escondidos, como os sítios, e roças dos bravos; ainda que há muitos que ainda que sejam mansos de prepósito buscam as paragens mais escondidas, para nelas não serem perseguidos, nem perturbados, como eles dizem, dos brancos, posto que neles façam pouca assistência não por falta de [de]sejo, mas por serem obrigados ao serviço dos brancos, como diremos adiante; e nesta parte são mais bem afortunados os salvages, porque não tem quem lhes perturbe a sua paz, nem os obriguem ao trabalho, mais do que eles querem, e o preciso para as suas searas, que fazem assim.

A primeira diligência é fazerem algũa ligeira choupana, ou palhoça levantada, onde se recolham dos raios do sol, e da chuva, dos tigres, e mais feras, feita esta diligência, entram em outra muito mais laboriosa, que é o cortar mato, e descobrir campo para as searas, que ordinariamente são só de mandioca para a farinha de pao; e como não tem machados, nem instromentos necessários para cortarem, e lançarem abaixo a madeira, que não é só muita, como mata brava, mas algũa tão dura, que fere fogo, e tão grossa, que sendo mata virgem, ou de muitos anos há paos de 30, 40, e mais palmos em roda, que para se lançarem abaixo ainda com instrumentos aptos de machados necessita cada pao de muitos índios, e de muitos dias, suprem esta falta com machados de pedra; e com outros paos desta sorte.

Alimpam primeiro por baixo a mata em todo aquele destricto que querem para fazer o seu plantamento de todas as virgultas, que vão nascendo, as quaes não cortam mas, quebram ou com as mãos, se podem; ou senão podem com as mãos, as quebram com varapaos às pancadas, e se ainda assim não podem quebrá-las, lhes decotam os ramos, que é o que basta para secarem. Para as árvores e, paos grandes se valem dos seus machados de pedra seguros em paos rachados, os quaes não sendo capazes de cortar, bastam para a poder de golpes, que vão dando à roda do pao, lhe pisarem, ou machucarem a casca, e isto mesmo vão fazendo a todo aquele grande arvoredo, e espesso bosque, em que sempre gastam muitas semanas, ou meses, mas basta isto para secar todo aquele arvoredo, e se pôr capaz de se lhe lançar o fogo,

e se pôr capaz de por baixo fazerem os seus plantamentos de maniba, como logo veremos.

Os indios mansos das aldeas, como também os brancos, e europeos como já usam do ferro, e tem instrumentos aptos para cortarem, e desbastarem estas matas, com fouces e machados cortam as virgultas, e alimpam por baixo, e depois entram a cortar todo o arvoredo com trabalho insano, porque são paos grossos, e tão duros, que ferem fogo os machados, e se não *[roto o original]* de suas indústrias ainda seria mais laborioso; porém o que fazem é picarem só com alguns golpes de machado os paos mais delgados, depois cortam algum outro mais grosso, que lhe fique mais vezinho, o qual caindo sobre os outros os leva todos a terra, gastam porém sempre muito tempo para fazerem qualquer roçado, em que lhes sua bem o tupete aos operários, além de serem animados com as suas águas ardentes, e vinhos, com que se revestem de forças.

E para milhor animarem a seus escravos, e operários nesta grande *[roto o original]* usam os brancos de várias indústrias, como são repartindo, e devidindo os operários, que são muitos, em dous bandos, cada um por sua parte, e prometendo prêmios aos que primeiro chegarem à meta. Outros lhes mostram algum, ou alguns frascos de água ardente em chegando a algũa paragem; outros com outras indústrias, os quaes não tem os índios das missões, e muito menos os bravos, e salvages, por isso fazem os seus roçados muito de seu vagar embora, que gastem muitos meses.

Não se pode bem expremir o laborioso trabalho destas roças, e como eu com a sua notícia não só pertendo divertir os leitores, mas muito mais persuadir aos habitantes do Amazonas a grande ventage, e muito maior conveniência, que terão na nova praxe, que lhes insinuo na "Quinta Parte" de outro mais fácil cultivo daquelas terras, desejara poder declarar-lhes com palavras bem expressivas este insano trabalho, repetido não só todos os anos, mas ordinariamente duas vezes em cada ano, além do muito tempo, que gastam nestes roçados especialmente se não anda algum branco feitor com os trabalhadores, que os faça trabalhar, e anime; porque sem ele basta dizer, que gastam sete, ou oito meses, ou mais em um roçado, em que se andassem com a diligência necessária, apenas gastariam um.

Acabada enfim esta quotidiana diligência, em quanto secam os paos ou cortados, ou machucados, para o que são necessários dous, ou mais meses, se divertem os índios já nas suas caças, e já nas suas pescarias, porque não tem mais cuidados, do que comer, e tratar do ventre; e quando muito, se não tem embarcações, que todos devem ter para a necessária servintia daqueles muitos rios, e lagos, de que vivem cercados, e lhes chamam canoas, as fazem alguns no entretanto, que secam as roças, como logo diremos; mas como as canoas são trastes, que todos tem, e lhes duram muitos anos, ordinariamente não necessitam de as renovarem todos os anos; e assim só se divertem nas suas caças, e pescarias.

Não assim os brancos europeos habitantes naquelas terras, porque como tem mais cuidados, e ambição, não dão semelhantes folgas a seus escravos, e índios, de que se servem; mas sempre os trazem occupados em algum serviço; ou fazendo canoas depois das roças, ou fazendo pescarias, e lucrosas salgas, ou colheitas dos seus fructos, e haveres. E como tem diverso modo, e melhor economia, pede a rezão, que digamos o modo, como se situam, e dão princípio aos seus sítios, de como se apossam daquelas terras, e nelas se estabelecem.

Quando algum europeo, ou seja novato, ou já lá nascido, a que os tapuias chama[m] — caraíba — quer dizer branco, e os brancos já naturaes, chamam reinões, para distinção dos já lá naturalizados, quer situar-se naquelas terras, se são vizinhas a povoações de brancos, fazem petição ao magistrado, pedindo tantas léguas de terra, que ordinariamente não passam de três por frente, ou menos conforme a extensão de terras, que há devolutas, ou conforme as posses, que tem para as poder povoar; o que o magistrado facilmente despacha, e concede: longe porém de povoado, se fazem estas petições aos governos, que também facilmente concedem por ũa Portaria a que chamam Carta de Data; ou doação de ũa, ou duas, ou três légoas em frente, dos rios junto aos quaes se formam sempre estes sítios pelas conveniências que já disse, e para o centro ordinariamente ou muitas vezes lhes põe limite, mas lhes concedem ampla faculdade para se estenderem, e cultivarem quanto quiserem, e poderem. E como as terras são dos índios, e passas por estas Cartas de Data a possessão dos brancos, lhes põe sempre esta clâusula — não prejudicando a seus naturaes — além de não se concederem no circuito das missões dos índios por espaço de duas léguas, para que os índios tenham terras livres para os seus sítios.

Fora esta diligência das Cartas de Datas se mandam estas ao [Reverendo] a confirmam pelo Conselho, ou Tribunal *[em branco no original]* e sem esta confirmação não ficam em posse segura, mas lhas pode tirar qualquer outro morador, se tirando Carta de Data delas foi mais diligente em tirar a confirmação, de sorte, que se dá o jus ao que primeiro tirou a confirmação embora que a sua Carta de Data seja posterior a dos outros. Estas circunstâncias guardam comumente só na vezinhança de outras povoações; mas pelo districto do que não está povoado, como é quase a maior parte daquelas imensas terras, cada um faz sítio da paragem que mais lhe contenta e só tem o perigo de outro em qualquer tempo o poder desapossar com data confirmada o que muitas vezes socede não só por inimizades, mas ainda com boa conciência, não sabendo se as terras que pedem, e tiram Carta de Data, tem já outros possuidores. Confirmadas pois as suas datas tem obrigação de as povoarem dentro de ano, e dia, sob pena de lhas tirarem, ou poderem tirar por devolutas, mas basta para a sua legítima possessão, que nelas tenham ũa choupana, em que more algum índio, ou negro. Nem ordinariamente há demarcações, senão ao pé das cidades, e povoações, onde as terras são mais povoadas, e tem vizinhos.

Escolhidos assim, e apossados dos seus sítios, no mais tem os trabalhos de cortar o arvoredo, como fazem os índios das aldeias, e fazerem os necessários roçados conforme a multidão, que tem de trabalhadores, e conforme as searas, que querem fazer, que ordinariamente são plantamentos de maniba, e searas de algodão, milho, arroz, canaviaes, e outros semelhantes; e como para fazerem os necessários roçados necessitam de muita escravatura, que não tem os reinões novatos; ordinariamente só fazem semelhantes feitorias os brancos naturaes da terra, que tem muita gente a seu serviço; e os novatos ou se agregam aqueles; ou se querem também ter sítios, se contentam com algum piqueno roçado, quanto lhes basta: e pela maior parte se occupam em agências té terem posses com que possam formar semelhantes sítios. E muitos com mais conveniência compram aos índios com mui limitado preço os seus sítios, porque ainda que fracos, e pouco cultivados, acham já meio trabalho feito nas casas, e nos roçados o que eles pouco a pouco vão augmentando, ainda que sejam sós ou com pouca família.

Feitos pois os roçados, e dado-lhes tempo de secarem, e se porem capazes de lhes dar fogo, para o que não bastam às vezes dous meses não obstante os intensos calores do sol, [buscam] conjunção capaz para lhes deitarem fogo, porque nem todo o tempo é apto para isso, mas buscam occasião de vento, e que não haja, nem se tenha chuva, que apague o incêndio, o qual lhe deitam na borda do roçado da parte onde sopra o vento, e não obstante a secura da madeira, em que o fogo se atea, e levanta lavareda té as nuvens, com taes fumaças, que escurecem o ar por muitas légoas, contudo anda fogo a arder muitas vezes mais de um mês e como gasta tanto tempo, nele se occupam os operários em outros serviços, que ordinariamente são em montar algũas palhoças, em que se recolher, enquanto pelo tempo adiante as não fabricam mais capazes; e os brancos não se contentando com quaesquer moradas, pelo tempo adiante levantam soberbos, e bem vistosos palácios e igrejas.

Emquanto pois arde o fogo na mata seca direi algũas circunstâncias dignas de saber-se sobre estas roçarias para as searas, que usam no Amazonas. 1ª é que ordinarimente tem esta trabalheira todos os anos; porque como as searas são ou só, ou principalmente maniba para das suas raízes fazerem a farinha de pao, que é o pão ordinário da maior parte dos habitantes do Amazonas, e esta maniba só se cria bem nas terras de matas, e quanto mais salvages as matas, melhor se cria esta planta, por isso todos os anos fazem novos roçados para novas searas. E não é todos os anos, mas ordinariamente os fazem duas vezes no ano por serem algum deles, no caso, que o outro por não lhe correr bem o tempo se frustre; e por isso vem a ser ũa roça fiadora da outra, e as fazem de seis, em seis meses pouco mais, ou menos.

2ª circunstância, e mais galante é o esmero, em que fazem estes roçados; porque os primeiros que são os principaes os fazem nas maiores secas, e calmarias, quando principiam a ouvir um pássaro, que com ũa mui clara e distinta voz os avisa com estas palavras — preto, corta pao, preto corta pao — que pareça os avisa da boa occasião e tempo oportuno para entrarem na laboriosa fadiga das roças. 3ª é consectária da primeira, e vem a ser, que como sempre se fazem em diversas matas, ficam as paragens das primeiras inúteis para muitos anos até tornarem a ser matas capazes de se tornarem a roçar, o que só soceda depois de vinte e mais anos; posto que, quando se lhes acaba a mata, muitos por não andarem mudando sítios, e formando novas casas etc. tornam a principiar as roças no lugar das primeiras se esta já tem de oito anos para cima embora, que então não sejam as searas de tanto rendimento.

E daqui se enfere ũa consequência mui notável, e é que vale mais um quarto, ou meia légoa de terra na Europa, e mais regiões sendo boa, e de lavradio; do que três légoas no Amazonas por mais fértil, que sejam as suas margens, e matas; porque estas só servem de muitos em muitos anos, e as de lavradio ou servem todos os anos as mesmas, ou ao menos de dous em dous anos, e ainda no ano, em que descansam são rendosas a seus donos, nos pastos, que então criam para os gados; as do Amazonas porém depois de servirem ũa só vez em um só ano, ficam totalmente inúteis a seus donos. E por isso os índios amiudadamente largam os sítios, e mudam paragens buscando matas capazes de roçarem; e alguns o fazem todos os anos assim os bravos do mato, como os mansos.

Os brancos também largam muitas vezes os seus sítios pela mesma rezão de se lhes acabarem as matas capazes de roças, ou lhes ficarem muito

longe das sua moradias; e pedindo novas terras para elas mudam habitação, e principiam novos sítios, e nova habitação, embora que seja com o grande dispêndio de novas casas, e novas feitorias por segurarem só matas capazes de nelas fazerem as suas roças. Como porém a maior parte dos brancos fazem nestes seus sítios, ou quintas muitas e mui custosas feitorias, e fábricas em moradias, que mais [merecem] o nome de soberbos palácios, do que de grandes casas, com bem ornadas igrejas, e bem formados ranchos para os seus fâmulos, e escravos, de sorte, que parecem, e são mui lindas povoações, além de outras feitorias de cacuaes, cafezaes, árvores fructíferas, e pomares bem como se beneficiam as quintas, embora que se lhes acabem as matas, e terras para as searas precisas, e principaes da maniba, ordinariamente não largam estes sítios, mas ou compram a farinha, que não podem cultivar, ou pedindo novas terras, nelas mandam fazer os seus roçados, embora que lhes fiquem longe alguns dias de viagem, e nelas conservam algum casal para guarda, e para avisar do benefício que necessitam.

E ainda que as datarias sejam amplas de três légoas de matas *v. g.* nos moradores, que tem muita escravatura, e fâmulos em mui poucos anos se acabam de roçar, porque a economia que ordinariamente observam é além dos roçados precisos para os senhores. Cada escravo, e fâmulo faz outro roçado à parte para si, e sua família, e ficam os senhores livres da obrigação de lha darem, excepto quando vão a algum serviço fora do sítio, porque então sempre corre por conta dos senhores o provimento. Isto é no que toca a farinha, que é o pao da terra, que o conducto sempre corre por conta dos anos. De sorte, que se os brancos tem nos seus sítios 20 fâmulos *v. g.* além dos seus roçados, haverá mais 20 para cada um seu, se 100 escravos, sem roçados, ou sem searas; e como todos os anos se fazem em novas terras em poucos anos se acabam as matas das três légoas; e pouco se evita este inconveniente, ainda quando os brancos proibindo-lhes estas roças lhes querem dar a farinha: porque sempre então mandam fazer grandes roçados proporcionados a darem de comer todo o ano a toda a família; é bem verdade, que lucram então na melhoria das matas, e terras, que os fâmulos, que fazem roças, costumam escolher à sua vontade, [e as] vezes a peior terra é, a que fica para os senhores.

Mas deixados estes, e muitos outros inconvenientes, que no benefício das terras são uso, ou abuso daqueles habitantes que os primeiros povoadores europeos foram tomando dos índios naturaes, e os vindouros foram conservando, que melhor se verão na "Quinta Parte", onde proporemos se Deus for servido outra melhor praxe, e método de beneficiar as terras para melhor se utilizarem da sua fertilidade por ora vamos a ver os roçados, que deixamos a arder com incêndio, e chamas té às nuvens, e se eles se queimam bem, é fortuna grande para os operários; pelo contrário, não se queimando bem, entram em outra grande trabalheira de fazer coivaras como logo diremos.

É para admirar, que andando o fogo nestas roças às vezes semanas inteiras a arder, ainda fiquem os troncos das árvores, ou inteiros, ou quase só chamuscados, o que provém da sua muita dureza, e as vezes, além dos troncos, ficam ainda muito ramos, e pernas mui inteiras e fica o campo por essa causa incapaz para a seara que nele se quer fazer, e por isso é necessário entrar em nova diligência de encoivarar; e daqui fica respondido aos leitores, que perguntarem, se o fogo queima, e damnifica as matas, que o ro-

çado tem à roda; porque se ele deixa muitas vezes inteiros, ou quase ilesos os madeiros já cortados, e secos do sol; muito menos entrará pelas matas que tem a roda, as quaes ficam tão inteiras, verdes, e viçosas, como se o fogo lhes não tocasse; e só secam as chamas algũa árvore, que os trabalhores ordinariamente deixam por cortar no meio dos roçados, nos quaes ficando secas costumam pousar as aves com grande divertimento dos donos, e também proveito da caça; mas à roda toda a mata fica tão verde, e viçosa, como estava; quando muito lhe queimam as chamas algũas folhas, de que logo se tornam a enfeitar com outras novas. Ficando pois os roçados mal queimados, entram a fazer coivaras com muito trabalho.

Encoivarar chamam lá, depois do incêndio apagado, e deixando o campo atrapalhado de paos, e por isso incapaz de se fazer plantamento, e ajuntar em montes os paos mais piquenos, com que podem para de novo lhes lançarem o fogo, não os grandes, e grossos, de que não fazem muito caso, nem podem. São estes montes, ou coivaras um trabalho tão custoso, e insano para os índios, que muitas vezes lhes custa mais, do que o primeiro trabalho de cortar a mata, 1º por ser trabalho de muita demora. 2º por ser mui custoso o cortar as pernadas, e ramos para os poderem ajuntar uns com outros em montes. 3º porque por cima os queima o sol; e pelos pés as cinzas, e brasas, que ainda estão vivas, além do fogo, que vai consumindo alguns troncos, em que se pegou. 4º porque com o muito carvão, que está, e cobre a terra, e com os paos tisnados do fogo se tingem de preto *[ilegivel]* que senão distinguem dos pretos os mesmos brancos; mas como todos os sítios são à beira ou vizinhos dos rios, na água tem o remédio.

Os índios bravos são nisto mais bem afortunados, porque, como não cortam as matas nem para isso tem instromentos, mas só lhes machucam a casca a roda, e decotam os arbustos e virgultas, bastando isto para secarem todas as árvores, assim que as vem secas lhe sopram o fogo o qual queimando por baixo os arbustos secos, e as folhas das árvores, deixam os paos levantados, e mui inteiros, como mastros de navios, e sem mais diligência plantam por *[roto o original]* a maniba, do mesmo modo que os índios mansos, e brancos, o que fazem desta maneira.

Cortam em bocados as varas da maniba, que é planta da farinha, de dous palmos *v. g.* de compridos com dous, ou três olhos por onde hão de arrebentar, e lhes vão metendo as pontas na terra, a cinza em boracos, que fazem muito à ligeira com um pao aguado se são os bravos, ou com um instromento de ferro direito abaixo, e proporcionado a que chamam [tacira] se são brancos, ou índios mansos, que já usam de ferro. Em cada cova vão metendo dous, ou três bocados de maniba não juntos, nem direitos, mas quase mais deitados e olhando cada um para diverso rumo; e cada cova distante da outra um [pé] pouco mais, ou menos: e é de tal condição esta planta, que enterrando-se na terra, e cinzas quase ainda fomegando não só pega logo, mas em poucos dias arrebenta, e logo se infeita de folhas, e verduras, correndo já entre os naturaes este adágio como se a maniba falasse — planta-me no pó, e não tenhas de mim dó — contudo sempre lhe desejam brevemente algũa chuva, ou orvalho copioso para mais se arraigar, e enramar.

Por entre a maniba fazem os brancos outras sementeiras de milho graúdo, e algodão, alguns tapuias mansos também já a imitação dos brancos, fazem o mesmo nos seus roçados; mas de ordinário se contentam como os salvages

só da maniba, e algum milho grosso, que usam não para dele fazerem pão; mas para assarem, quando verde, ou já maduro, e para as galinhas, e para os seus vinhos; plantam também algũas outras sementes como melancias, inhames, que são ũa espécie de batatas, e outras cousas, de que usam ou por entre a maniba, ou separadamente em tabuleiros. De sorte que nos brancos vem a servir estes roçados ordinariamente de três searas, primeira e principal de maniba, segunda de milho, terceira de algodão ao menos. Nem ũas impedem, ou fazem mal às outras; porque se fazem, e dão as suas colheitas em diversos tempos: o milho em três meses; o algodão em pouco mais tempo, e fica depois a mandioca só, e senhora do campo té a sua colheita depois de um ano.

Porém os que tem gente de serviço suficiente, não se contentam com só estas searas por entre a maniba; mas além delas, fazem sementeiras separadas de algodão, milho, arroz, canaviaes para açúcar e águas ardentes, e muitas outras sementeiras para tabaco, e legumes, cujos roçados em tudo são semelhantes, aos que já dissemos da maniba, e só com esta diferença; que para os roçados de maniba quanto a mata for mais antiga, e crescida melhor; e pelo contrário para os outros roçados, porque basta para eles qualquer capoeira: capoeiras chamam as matas piquenas que vão saindo, e crescendo no lugar dos primeiros roçados depois das colheitas; bastam pois para estas searas, que as matas tenham já três, ou poucos mais anos para já estarem capazes para estas roças. Mas em se acabando as matas crescidas, e antigas para as roças *[roto o original]* precisas da maniba, pouco já estimam as mais, porque só da maniba é que se valem para o pão quotidiano.

Também tem outra circunstância estas roças mui notável, e é, que para o plantamento da maniba não se requerem boas matas: mas boa terra, que não seja alagadiça, nem muito úmida, circunstância mui agravante para aquelas terras, que ordinariamente são mui alagadas, e por isso mais próprias para searas de milho, e mais grão, do que para a farinha de pao, de que se segue, que ũa dataria de três légoas de terra, as vezes não chega a ter légoa, e meia ou ũa légoa de terra capaz para plantamentos da maniba; pelo contrário, as que nas cheias e invernadas mais se alagam, essas são as melhores para o grão, e para cacao; porque a planta do cacao dá-se nos alagadiços como em terra própria; e por isso aqueles grandes cacuaes que é de natureza nas margens do Amazonas, como dissemos na "Terceira Parte" ficam nas enchentes muitas vezes alagadas té as folhas, sem que recebam damno, antes por isso mais frutificam nas vazantes.

O plantamento dos cacuaes mansos, que os brancos costumam fazer nos seus sítios tem algũa mais diligência, que as searas, segundo o costume dos brancos, o que fazem assim: semeam em tabuleiros levantados da terra com paos, e varas, a que chamam jiraos, os canteiros, que querem, onde com água que lhes vão deitando nascem, e vão crescendo as plantas; depois de um ano as vão plantar no roçado, que para isso já tem preparado, e talvez depois da colheita da maniba, e para que as plantas, como tenras, não desmaem, murchem, ou sequem a grande terreira do sol, lhes tem já de ante mão plantadas em boas fileiras, e ruas espaçosas árvores pacoveiras, que são mui sombrias, e mui fructíferas e por baixo delas, depois de crecidas, e bem copadas [as] põe o plantamento de cacao na mesma ordem de ruas, com distância proporcionada; e só quando as plantas do cacao se fazem já sombra a si mesmas, e entram a fructificar, o que ordinariamente fazem no

terceiro ano do seu seu plantamento lhes cortam as pacoveiras de cujos deliciosos fructos té então se utilizaram; e se avaliam estes cacuaes em tantos mil cruzados, quantos mil pés são, para que se veja, quanto lucrosos são os sítios ou quintas do Amazonas só por estes cacuaes, além dos cafezaes. e mais benfeitorias, que lhes fazem.

Os canaviaes, que ordinariamente se fazem, os que nos seus sítios levantam engenhos de açúcar, ou águas ardentes, também se fazem em roçados de terras alagadiças, e para maior conveniência, e mais fácil condução por água em barcos os costumam fazer à borda dos rios, também se fazem por plantamento metendo na terra as pontas das canas, onde logo pegam, e crescem, e duram estes canaviaes sempre os mesmos cinco té seis, ou sete anos, arrebentando tantas vezes as raízes quando todos os anos as vão cortando; em diferença da Bahia, e mais Brasil, onde os canaviaes duram a vida dos seus donos, e ainda ficam para os filhos por usarem outra melhor economia, como diremos no Melhor Método da "Quinta Parte".

As mais searas de arroz, milhos, legumes, e toda a mais casta de sementeiras fazem de mui diverso modo, que na Europa; porque não usam no Amazonas (excepto em algũas partes no domínio espanhol) lavrar as terras, e muito menos cavar. Mas preparado o roçado, e queimado na forma, que dissemos, com uns paos aguçados, ou com taciras de ferro, nos que já o viam caminhando, e picando a terra, deitam na cova, que vão fazendo um, ou mais grãos, e se são miúdos, *v. g.* arroz, deitam quantos lhes parecem, muitas vezes mais de vinte, ou em quantos socedeo pegar, quanto metem a mão no paiol, que levam à cintura, e com a ponta do pé caminhando da mesma sorte cobrem com terra, e fica feita a sementeira.

Os brancos porém, que tem muitos operários, e fazem mais dilatadas searas usam outras ceremônias nestas semeaduras, porque fazem duas fileiras compridas conforme o número da gente, ũa dos homens, que vai adiante picando a terra, outra das mulheres, que vão logo atrás com o grão, de que vão metendo nas covas, e tapando com o pé; e tudo isto com tal facilidade, e destreza, que parecem vão passeando, e em meio dia semeam dilatados campos.

Os cafezaes também fazem quase como os cacuaes, mas não em alagadiços, nem necessita[m] de tantas ceremônias, porque as plantas do café são tão pegadiças, que basta cair a semente na terra para logo pegar, arrebentar, e crescer; contudo quem bem os quer beneficiar sempre lhe cobre com terra a semente; e o dispõe em fileiras, e ruas, como fazem aos cacuaes, não só para divertimento da vista, mas também pela melhor comodidade das colheitas, que nas plantas do café são ordinariamente no segundo ano de semeadura. E os que tem a economia de fazerem os cafezaes por plantamento com as plantas tenras, que por si mesmo nascem, onde há as suas árvores, ou com ramos ou varas, que metam na terra, logo no fim do primeiro ano, ou pouco mais os principiam a desfrutar.

Tem muita galantaria a boa ordem, e disposição. com que fazem estas searas e plantamentos, porque lhes fazem espaçosas ruas pelo meio, as quaes ornam por um, e outro lado com plantas do ananás; ou com árvores, que fructifiquem cedo, pela conveniência dos frutos, e pela utilidade da sombra. Nos mesmos cacuaes, e cafezaes sem desmanchar a boa ordem das ruas entresacham outras árvores *v. g.* laranjeiras, e outras, que também servem de fazer sombra ao mesmo cacual. Enfim fazem estes sítios tão ricos, e bem ordenados, como as mais bem dispostas quintas da Europa.

CAPÍTULO 2º

DA PRAXE, E DA DIVERSA AGRICULTURA QUE USAM OS NATURAES DO RIO SOLIMÕES, E TODA A PROVÍNCIA DE MAINAS, E DO MAIS BENEFÍCIO QUE FAZEM NAS ROÇAS, E SEARAS JÁ DITAS TÉ O TEMPO DAS SUAS COLHEITAS.

Na discripção do Amazonas dissemos que este rio desde a boca do Rio Negro té os fins dos limites portugueses, que são pouco acima do Rio Javari por espaço de mais de 100 légoas se chama o Rio Amazonas pelos portugueses Rio Solimões, pelos castelhanos desde a dita boca do Rio Negro té a cidade Borja chamam Maranhão por espaço de 300 légoas, ou pouco menos, em que estão duas províncias ũa dos Cambebas índios do destricto de Portugal, outra chamada de Mainas no destricto de Castela; ambas estas províncias tem diversa agricultura nas suas searas, porque nem usam de roças de matas como os mais índios; nem de lavouras como na Europa. Para o que se há de saber, que os seus naturaes nem usam de grão para o pão ordinário ou quotidiano como usam as mais nações do mundo; nem de farinha de pao como os mais índios do Amazonas; O seu pão são frutas, e raízes, que comem ou assadas, ou cozidas ou cruas, como são pacovas, jeticas, batatas, e principalmente as raízes chamadas macaxeiras.

É certo, que para as pacovas, batatas, e jeticas, que são ũa casta de batatas vermelhas, fazem já alguns suas roças como acima dissemos, e como lhes servem de pão há muita abundância de pacovaes por entre aquelas matas, com grande conveniência, dos que sobem rio acima a colheita do cacao, e salsa, porque nelas acham sempre muita abundância de frutos, com que se sostentam. Porém as raízes principaes, de que usam em lugar de pão, são as macaxeiras.

Macaxeira é ũa espécie, e das melhores, da maniba, de que se faz a farinha de pao, e a sua especialidade sobre as mais espécies, faz que seja entre os brancos pouco usada, e estimada; e a rezão é; porque como não é venenosa a sua raiz, como são as mais espécies da maniba, e por outra parte é gostosíssima assada, são muito perseguidas as suas roças, de que vão tirando pouco a pouco com tanto prejuízo dos donos, que nas colheitas se acham mui defraudadas; e para não se exporem a semelhantes furtos a rejeitam nos seus sítios, e só se contentam com algũas poucas plantas, não para delas fazerem farinha, posto que é da mais perfeita, mas para comerem assadas, ou cozidas suas famílias. Mas se todos fizessem as suas roças de macaxeira e todos a cultivassem nos seus sítios, já então se evitavam os furtos, e os inconvenientes da diminuição pela abundância, que todos dela teriam, e se utilizariam das suas maiores conveniências.

Porque é esta espécie de maniba de mui diversa qualidade das mais: porque as mais para se fazerem té chegarem à sua consistência necessitam de um ano, ou mais tempo; e a macaxeira já em 7, ou 8 meses está perfeita. Mais: as outras espécies só se bem logram em terras firmes e matas antigas; a macaxeira pelo contrário dá-se bem nas terra úmidas, e alagadas não necessita de cortar mato para dela se fazerem os plantamentos; e por estas tão

boas propriedades, é a mais estimada pelos índios daquelas províncias, e não usam das mais espécies.

A sua agricultura pois é mui diversa da dos mais índios, que já dissemos, porque sem cortar matos, nem outro trabalho, fazem os seus plantamentos nas margens, e praias dos rios, e lagos assim que vão ficando descubertas na vazante do Amazonas, onde com a muita umidade e lodo, logo pegam, crescem, e lançam boas raízes, e com a sombra empidem a erva, que não nasça e sem mais outro benefício a deixam crescer té tornarem as enchentes das águas de a 7, ou 8 meses, então fazem as suas colheitas nas suas raízes, que são só o que lhe aproveitam, e fazem grandes provimentos em covas na terra ou na area, onde se conservam muitos meses, e delas vão comendo ou cozidas, ou mais ordinariamente assadas em lugar de pão; posto que as podiam beneficiar em farinha, como fazem as mais nações, não se cansam com isso; e a sua imitação vivem, e comem os seus missionários por não alterarem o costume dos índios.

Há outras nações, que ainda mais descansadas que os Cambebas, e Mainas, nem usam de farinha, nem ainda de macaxeira assada, ou cozida; mas só de fructas, que lhes servem de pão, como são além de outros, os índios purus, cuja nação mui populosa deu o nome ao rio em cujas margens vivem, e se chama por causa deles o Rio Purus, que deságua na mesma província dos Mainas no Rio Solimões: Não se cansam em fazer roças, nem searas, pomares, ou alguns outros plantamentos, que lhes sirvam, e donde tirem o pão quotidiano, e mais sustento; porque pendentes só da Providência Divina vivem, como as feras, das frutas dos matos, e com especialidade da fruta do cacao, de que estão cheias as suas matas légoas, e légoas. Quase da mesma sorte vivem os índios da Nação Mura, porque também senão occupam com roçados, nem searas, ou plantamentos alguns; e só vivem de fructas silvestres, peixe, e carne, porque a sua vida é só caçar, e pescar; e muitas nações também caçam gente para comer.

Tornando porém aos plantamentos, e searas dos brancos, e índios, enquanto eles se vão fazendo, se occupam os índios já em caçar, ou pescar; já em fazerem casas, e já em fazerem, se necessitam, canoas; os brancos da mesma sorte ocupam os seus escravos em outros serviços, ou os licenciam para também fazerem roçados de maniba para eles, e suas famílias para eles ficarem desonorados de lha darem, até que chega o tempo da primeira mundação, ou capinação, como eles lhe chamam, das searas, e plantamentos. É esta capinação ordinariamente ofício das mulheres índias, e negras; e é o alimpar a maniba, a mais searas de algũa relva, que vá nascendo; e cortar algũas virgultas, que vão rebentando das raízes das árvores queimadas; e se os roçados são feitos em mata virgem, ou ao menos muito antiga, pouca erva, e pouco trabalho dá a sua capinação; mas se são feitas em matas piquenas, ou capueiras, logo se enchem de ervas, e arbustos, que não custam pouco a capinar, rezão também porque rejeitam as matas piquenas, e preferem as grandes; porque nas grandes apenas necessitam as roças de ũa só capinação; e nas piquenas não bastam as vezes 3, ou 4.

Crescem estas ervas, e arbustos enquanto a maniba é piquena, porém depois de mais crescidas, e bem enramada ũa com outra já então não cresce erva nem dá, que fazer. Só em a vigiar, e guardar dos bois, e javalis, que gostando muito da sua rama, e raízes a destroem, e acabam; nem tem medo os animaes do seu veneno, que tem no suco, e sumo das suas raízes, porque a comem com a casca, que é o seu contraveneno. Do gado vacum, cavalar, e

semelhantes facilmente se livram fazendo na estrada, que vai para a roça ũa como seve, que baste a impedir os animaes maiores, porque pelas mais partes *[ilegível]* estacada o mato fechado, e quase impenetrável; e desta diligência se livram os índios do *[ilegível]* porque não criam, nem usam de animaes domésticos, quando muito de algũas aves que não fazem mal.

Peiores inimigos são os javalis, porque esses ou pelas seves das estradas, ou pelo mato fechado vão furando sem obstáculo; para os impedirem fazem muitos à roda das roças um alteamento de paos, e ramos secos; outros lhe fazem covas [subterrâneas], onde os apanham com grande conveniência das carnes; outros lhe fazem [esperas], e dão caça com frechas de que também muito se utilizam de uns, e com que espantam os outros. Assim se podessem livrar do maior inimigo da maniba, que são as formigas chamadas tacibas, de que há imensas pragas, como dissemos, em seu lugar, e as vezes em ũa só noute deitam a perder toda ũa roça, não porque totalmente a destruam, mas porque lhe cortam, e deitam abaixo todos os olhos, pontas, e folhas, deixando despidas as plantas, que para se refazerem necessitam de muita substância, que tiram da raiz; e por isso ficam mui deterioradas, as colheitas; o mesmo damno lhe fazem a praga das lagostas, ou gafanhotos, ainda que estas são mais raras vezes; e para se livrarem delas costumam os índios apanhar alguns vivos, e deitá-los nos rios, porque, dizem, que afogando-se aqueles todos os mais morrem afogados: se é, ou não superstição? deixo à censura dos leitores.

Os plantamentos do cacao pouco trabalho dão; porque só necessitam de algũa, ou algũas capinações enquanto não fecha: e só necessitam de algũa viiglância de os tirar da erva, que chamam de passarinho, que é o maior inimigo, que tem as árvores naquelas terras: chama-se erva de passarinho, porque nace das sementes, que comem os passarinhos, e põem nas árvores, em que pousam, com o seu esterco; e é de tal qualidade a má erva, que logo arrebenta a semente, e atraindo a umidade das árvores delas fazem vaso, e lhe comem a substância, e deixam infructíferas, ao princípio, quando se vão pegando, e lançando raízes arrancam-se com facilidade, se porém a deixam crescer custa a desisçar. Outro inimigo tem o cacao, e é ou são uns filhos, que deita, a que chamam lagartão; e basta um para comer, e tirar toda a substância a mãe; saem estes filhos algũas vezes do tronco do cacao com tal força, e tão viçoso, que em 24 horas, ou pouco mais tempo aparece, cresce, e sobe a altura de ũa vara, ou mais, e tirando toda a substância à mae ou a esteriliza ou a mata; e por isso é necessária vigilância nos quinteiros, para vigiarem os cuaes; e onde vem, que principia arrebentar algum lagartão, logo o matam, antes que ele mate a mãe, o que fazem com muita facilidade dando-lhe ũa boa bordoada.

De todos estes inimigos estão isentos os cafezaes; porque depois de plantados, não tem mais necessidade, do que de alguma fácil capinação, mas em principiando a estender os seus ramos e a copar-se, já nem erva deixam crescer, nem tem algum outro inimigo que lhe faça mal; e só depois de alguns anos, lhe costumam decotar, ou aparar alguns ramos pelo mais desafogar, porque são árvores mui viçosas, e copadas, e se as deixam crescer à sua vontade se faz ũa mata tão fechada, que impede as largas ruas, que tem por baixo, nem se podem desfrutar nas colheitas com tanta facilidade; por isso ainda que o dispõem com suficiente distância de ũas plantas a outras; pelo tempo adiante, sempre é necessário decotá-lo, e apará-lo.

Os plantamentos mais custosos são os do tabaco, não porque necessita o tabaco de roçados de grandes matas, porque basta para eles qualquer pi-

quena capoeira; mas porque necessita de mais capinações, de chegar a terra as plantas, e de amiudadamente o decotar, ou como lhe chamam capar, e cortar-lhe os olhos, que sobem mui viçosos, para assim deitarem para as folhas a substância que as puxe para cima; não porque a planta do tabaco sem estas benfeitorias se não dê bem, e utilize muito a seus donos; mas porque com este benefício crescem mais as folhas para as bandas e mais se encorporam, e dão mais substancial, e perfeito tabaco. Fora, ou além destas diligências, é necessário cuidado em o mundar das lagartas semilhantes as da couve, que são o seu maior inimigo, e comem as folhas de sorte, que deixam a planta como árvore seca; enquanto é piqueno *v. g.* té a altura de um côvado, é mais perseguido desta praga; mas tem então fácil remédio, quando o seu plantamento é perto das moradias, porque metendo-lhe dentro algum bando de galinhas, bastam estas para a mundarem bem, e comerem toda a lagarta; depois porém de mais crescidas as plantas, e quando as galinhas já não podem chegar aos saltos, é necessário então o tirá-las à mão; posto que depois de bem crescido, já então o não assaltam as lagartas.

O seu benefício é também por plantamento do modo que fazem na Europa as hortaliças, e o fazem no princípio do verão, mas nos primeiros dias cobrem as plantas de dia para as ampararem dos ardores do sol; e se a chuva é nímia também mata as plantas, e é muitas vezes necessário fazer novo plantamento por morrer o primeiro com as águas, por estes benefícios que ainda são mais suaves, que os da Europa no cultivo das hortas, é lá o mais custoso roçado o do tabaco, porque não querem lá, onde a perguiça reina, cultivos de muito trabalho. E*

Por isso os mais fáceis cultivos, e por isso mais gostosos são os pomares, que também fazem nos seus sítios, porque roçado o mato, e metida a virgulta na terra, ou a semente não tem trabalho mais do que cortar-lhe alguns arbustos, que vão crescendo na terra, para que não afoguem, e sufoquem as tenras plantas, e mais nada; estes pomares fazem, e dispõem ordinariamente no 2º ano, depois da colheita da primeira maniba; porque no terreno, que occupada, depois de expedito designam primeiro o lugar das casas que logo entram a delinear, e agenciar; 2º fazem imediato as casas pela parte de trás algum grande plantamento de cacao com bom cercado à roda. 3º fazem ũa bem espaçosa área ou fronteira as casas; ou em circuito das casas, e cercado, servindo esta grande área de não impedir os ventos com os quaes ficam as quintas mais frescas; de divertimento a vista e passeio; de pasto para gados, que logo metem; e para os seus pomares, porque lhe p[l]antam muitas laranjeiras, e muitas outras castas de árvores cada um como quer; ultimamente fecham toda esta área com um cordão de casas em circuito para moradias da escravatura e fâmulos, que também servem de obstáculo aos gados, que não saiam da área, e vão destroir as roças; e quando o primeiro número dos fâmulos, e suas moradias não chegue, como ordinariamente não chega a fechar todo o círculo té as bordas do rio, que sempre tem em frente, suprem o que falta de estradas.

O cultivo das hortaliças quase é o mesmo da Europa, e só com a singularidade de as não fazerem (excepto a primeira vez, e muitas vezes nem essa) por semeadura; porque das couves que vão deitando filhos depois de cortadas, fazem plantamentos, arrancando os filhos, e metendo-os na terra. Nas semeaduras dos seus meloaes não usam cavar, nem lavrar a terra, mas

* Termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

só depois de limpa em covas lhas metem a pevide, e basta, para terem abundância de melões, e melancias quase todo o ano, e quando muito, fazem as covas para as pevides com algũa grandeza capaz de lhe deitarem dentro algum estrume, e basta sem a precisão de lavrar, ou cavar todo o terreno como fazem na Europa; a estes melões fazem ordinariamente de 6, em 6 meses no ano; e os que não querem estar com diversos terrenos, os fazem no mesmo roçado da mandioca por baixo da maniba.

Estas, ou semelhantes são as benfeitorias, que costumam fazer nos seus sítios os moradores brancos do Amazonas mais, ou menos segundo os escravos, e fâmulos que tem: donde se vê claramente, que só quem tem gente proporcionada a tantas feitorias, pode fazer semilhantes sítios, e quintas e por isso quem não tem escravos, e é só com sua família como são os índios bravos, e mansos *[ilegível]* fazem os precisos roçados para a farinha, e quando muito entresacham por entre a mesma maniba algum milho, e algodão, e vivem contentes dispondo pouco a pouco algũas árvores, e plantas fructíferas. Mas ordinariamente todos seguem esta forma cada um conforme as suas forças. Os brancos porém que são sós, ou com sua piquena família, ordinariamente *[ilegível]* passam pobrícissimos se não tem algũa outra agência, pela rezão de todos quererem ser fidalgos e terem por desonra o trabalhar.

Só são ricos, os que tem escravos, e quem mais escravos tem é mais rico, porque só com muita gente de serviço se podem formar sítios capazes, e fazer tantos, e tão costosos roçados, e feitorias; o que não socede na Europa, e mais mundo onde as terras são bens estáveis, e perpétuos servindo todos os anos para cujo benefício basta o aluguel de jornaleiros proporcionados em tempos determinados. No novo método da "5[ª] Parte" proporei outra nova praxe, com que todos poderão viver abastados, e utilizar-se de tão fértil terreno, em que Deus depositou um grande tesouro, mas escondido, por não se saberem aproveitar dele os seus habitantes, uns por viverem à lei da natureza como os índios, outros por se accomodarem ao costume dos índios, por serem eles os mesmos operários dos brancos, e por isso trabalham a sua moda.

Nas cabeceiras do Amazonas, especialmente na margem, e banda do Sul no Império do Purus já tem mais agricultura as terras, e melhor economia os seus naturaes índios, e principalmente os brancos espanhões, porque cultivam grandes searas de trigo, e muitas outras diversas castas de grão a modo da Europa, de que fazem o pão quotidiano, que não tem inveja ao nosso. O mesmo fazem nas cabeceiras austraes no Reino de Quito, e o mesmo podiam fazer os portugueses pelo destricto, que habitam rio abaixo, se se resolvessem a deixar o costume tão laborioso da maniba mas como — *tenacissimi sumus eorum, quae rudibus annis percepimus** — com a farinha principiarão uns, e vão continuando outros, em quanto não houver algum corioso, que se resolva a pôr em praxe a agricultura da Europa com grande melhoria, e maiores conveniências; ou ao menos imitem aos brancos moradores nas minas, e cabeceiras do Rio Tocantins na região do Amazonas da parte do Sul, por quanto**

Posto que também usem alguns da farinha de pao, a maior parte usa do milho graúdo ou feito em broa, que tem mais graça que a farinha de pao; ou só em farinha à semelhança da farinha de pao, mas mais gostosa, mais excelente, e mais fácil, cujo benefício reservo para a "5ª Parte", onde proporei as suas maiores conveniências; e por já as conhecerem os mineiros,

---

* Lat.: Somos muito apegados às coisas que aprendemos (aos hábitos que adquirimos) nos anos da mocidade.

** Assim no manuscrito, continuando o assunto no parágrafo seguinte.

delas se valem, e utilizam para o pão quotidiano das suas famílias; a mesma escravatura.

Há também muitas nações de índios pelo, que sustentando-se da farinha a fazem de caroços de frutas, sem o molesto, e trabalhosíssimo cansaço das roças, e plantamentos da maniba, e tem para isso imensidade de frutas pelos matos, e palmeiras com só terem o cuidado de as ajuntarem a seu tempo; e desta mesma indústria se valem os mais índios bravos, e mansos, que usam de roças, quando estas por contratempo se malogram; porque tem muitos contratempos a maniba, como logo diremos; e com a galantaria, que a farinha feita destas frutas, e caroços é ordinariamente mais mimosa, mais gostosa, e mais preciosa que a farinha de pao.

Mas vamos já aos contratempos das roças de maniba, que são muitos, e com os quaes ficam muitas vezes frustrados tantos trabalhos, e inútil tanta fadiga; e são além dos inimigos que já dissemos dos javalis, e muitos outros animaes, da formiga, e gafanhotos, as demasiadas chuvas, os excessivos calores; as primeiras; porque quando as chuvas são demasiadas, apodrecem na terra as raizes, de que só se faz a farinha, e deixa nas colheitas a seus donos a chupar os dedos: Mais vezes se perde por causa de grandes secas; porque então faltando-lhe a umidade necessária ardem as raízes na terra, e se fazem semelhantes a cabaços ôcos, ou a estopa por dentro, e não deitam substância algũa. Socede isto mais vezes para as bandas do Maranhão onde as secas são mais rigorosas, e mais ordinár.as, ficando seus donos obrigados a comprar farinha para suas famílias por alto preço, e ainda dão graças a Deos se acham, por qualquer preço, depois de verem perdido o trabalho de 50, ou ma's escravos em mui extensos roçados.

Mas enquanto crescem, ou fazem as roças da maniba no dilatado tempo de um ano vamos já a ver as suas primeiras colheitas, e productos, que já principiam aos 3 meses do plantamento como são as famosas melancias, e quaesquer outras frutas terrestres, que entre a maniba semearam, como também, os que não se contentando, com as que semearam por entre a maniba, fizeram a parte separados melacias, e melões, como todos eles, e searas de legumes já aos 3 meses principam a desfrutar-se, pagando com boas colheitas a seus donos o grande trabalho da roçaria, e são estas frescuras tanto mais regaladas no Amazonas, quanto mais ardentes os seus calores, e todo o ano há estas frescuras havendo qualquer leve diligência de os semear, e conservar.

Fora as fructas da terra, e legumes também já aos 3 meses se fazem as colheitas dos milhos, assim os que semearam por entre a maniba, como as searas separadas, dos que querem ter maiores colheitas. Tem os milhos graúdos naquele Estado, porca serventia para os homens, porque como já disse, só tem por pão usual a farinha de pao, e apenas alguns reinões novatos costumados a broa da Europa, vendo lá a sua abundância e barateza se aproveitam para o beneficiar em broa; Os mais apenas alguns lhe dão algum gasto em o comer assado, ou em algum outro guisado: por este pouco apreço, que dele fazem, e pouca estimação, se não cansam muito nas suas colheitas, e conservação, porque só dela se provêm para sustento das galinhas, e animaes domésticos, e por isso o procuram livrar do gorgulho, que é o seu maior inimigo: e dos macacos, e pássaros nas roças. Para os livrar do gorgulho deixam alguns os milhos nas mesmas roças, cortando-lhes ou virando-lhes para baixo as espigas, para que também as chuvas corram abaixo; e na verdade, que assim nem lhe dá o gorgulho, nem lhe fazem mal as águas; e lá mandam buscar só o necessário para um ou para alguns dias:

porém também lá tem grandes avarias, e diminuição; porque os papagaios, e muitos outros pássaros tem nelas as suas comedias, e comem a sua vontade.

Para evitarem estes inconvenientes o mandam colher outros, e atando espiga com espiga o põem em dependura em giraos bem levantados da terra nos seus quintaes descuberto a todo o tempo; e assim o conservam todo o ano livre do gorgulho, e sem que as águas lhe façam mal por correrem abaixo; posto que ainda assim muitas vezes o assalta a praga do gorgulho e comendo todo deixa só por fora a camisa, e por dentro o carolo limpo do grão; mais muito peior é o pôr estes giraos debaixo de cuberta; os índios, que só procuram ter algũas poucas mãos pelo pouco gasto, que lhe dão, o conservam bem todo o ano no defumeiro das suas chaminés. Na "5[a] Parte" insinuarei a indústria de se poder conservar sem damno por quantos anos quiserem.

Também aos meses do plantamento principiam as primeiras colheitas do algodão; e em principiando, todas as manhãs dão copiosas camadas, e nelas muito, que fazer às servas, e fâmulos, que são sós, as que fazem estas colheitas, tomando já então posse dela para própria tarefa do seu cuidado, *manus ejuz apprehenderunt juguru*, tê o accomodem as telas, sem se meterem nas miadas, nem descorarem para o curarem, como socede na Europa ao benefício do linho, em cuja comparação é o linho muito mais fácil; porque, como já dissemos na "3[a] Parte" no mesmo dia se pode colher da árvore, descaroçar, fiar, e tecer, sem os trabalhosos prelúdios, que tem o linho; contudo *[ilegível]* manha, em que ordinariamente se fazem as suas colheitas, está o algodão úmido com o orvalho da noute, assim que o colhem o põem ao sol em lenções, ou grandes esteiras.

Dura por muitos tempos esta colheita do algodão; porque quando um já está de vez, e maduro, outro ainda está verde, outro arrebentando, outro crecendo e em flor outro; e se há *[ilegível]* nos fazendeiros de conservar-lhe limpo de arbustos o terreno se conservam, e fructificam as plantas não só todo o ano, depois que principiam *[ilegível]* mas por muitos anos, e algũas vi eu que já tinham cousa de 20 anos, ou mais árvores feitas como as nossas pereiras, que todos os dias davam sua porção de algodão a seus donos, além de colheitas mais copiosas no verão, ou primavera. Porém os fazendeiros ordinariamente só os desfructam no primeiro ano, e cada ano fazem dele novos roçados, e quando muito o aproveitam no 2º ano, decotando o primeiro para como as vides sair com maior colheita.

Depois destas primeiras colheitas, quando já lhes vai chegando o seu São João, entram em novos cuidados, e novas tarefas das 2as roças, a que chamam a roça de São João, como acima dissemos, porque ordinariamente as fazem por esse tempo com o intento de suprirem com elas algum damno, ou avaria das primeiras, e terem a que se tornar, se é que também estas 2as se não perdem como as primeiras, o que muitas vezes socede, em tudo a fazem semelhantes as primeiras, e com o mesmo laborioso trabalho, excepto, em serem ordinariamente menos extensas, e nelas renovam os milhares, ou melanciaes, ou quaesquer outras searas conforme querem, e podem, porque todo o tempo, excepto as nimias águas é tempo de quaesquer plantamentos, e semeaduras; e depois de outros 6 meses, quando já a maniba da primeira

roça tem um ano, e está de vez para se colher, e beneficiar em farinha: porque*

Então antes de fazerem a sua colheita renovam a fadiga de novas roças como as primeiras com os mesmos trabalhos, e fadigas, que tiveram com as outras; porque este é o costume, e a praxe de todos os anos, em lugar das lavouras anuaes das mais regiões. De sorte, que o maior emprego dos operários no Estado do Amazonas é cortar matas, queimar, encoivarar, e plantar, ou semear, nisto é que consomem a maior parte do tempo, as forças, e os cuidados: por isso quem tem ofício, ou benefício acha mais conveniência em comprar a farinha para comer, do que em a cultivar, porque além de tantos trabalhos, e fadigas são excessivos os gastos nos trabalhadores, ainda que sejam escravos.

E com a circunstância de que os fazendeiros, que só se occupam nestes roçados, por mais bem socedidas, que sejam as suas colheitas, nunca enriquecem, nem engrossam muito, como ouvi afirmar aos mesmos cidadãos, e experimentados naquela vida e só o que os faz ricos são os grandes cacuaes, e cafezaes, que fazem nos seus sítios, porque só estes são os seus bens estáveis; e não as roças de farinha, cujos lucros quase não compensam os gastos, e muito menos o insano trabalho, com que se fazem: além de outros perigos, como são a morte de alguns operários, quando andam cortando as árvores, porque lhes cae sobre a cabeça algum pao tão de repente, que não tendo tempo de fogirem ficam debaixo derreados, e mortos, desgraças, que socedem não poucas vezes.

Feito assim os novos roçados para os plantamentos, e searas do 2º ano, entram a desfazer a 1ª roça, do modo, que já dissemos na "3ª Parte", quando falamos na farinha de pao, e por isso aqui não repito a sua gabante feitoria por não causar fastio; e só aponto a diversidade, com que as desfazem os índios, e os brancos; porque os índios, e mais fazendeiros, que tem piquenas roças, e só pertendem nelas o sustento para suas casas, e famílias, e quando muito fazer com o seu producto algum piqueno, e precioso provimento, não fazem a colheita toda de ũa vez, nem podem; e assim a vão desfazendo pouco a pouco; e só tirando, o que podem fazer, e gastar naquele dia, se tem a roça ao pé da casa; e quando distante, só fazem o preciso para algũas semanas, ou para algum mês té acabarem.

Porém os brancos, que tem muita gente de serviço, e fazem por isso grandes roças, e feitorias de farinha, etc. desfazem toda ao mesmo tempo, e de ũa vez, e tem para isso próprias feitorias de engenhos com rodas, tipitis, fornos, e mais instromentos, que usam, e já exposemos; beneficiando-a dos diversos modos, que querem, ou em farinha seca, ou de água mais mimosa; ou carimã, ou tapioca, ou em beijus, ou em águas ardentes, ou como querem.

No campo da roça desfeita bem no princípio de sítio novo, fazem casas, ou moradias acomodadas a sua família, porque té então só usam algũas ligeiras choupanas; pelas costas plantamentos de cacao, e o mais campo ornam com belas laranjeiras, e outras árvores fructíferas, como já dissemos, e se tem posses, logo lhe metem algũa piquena manada de gado vacum, não só para serviço da fazenda, e mais conveniências dos gados; mas também para impedirem que rebentem os arbustos, e se faça nova mata, nem há melhor modo

* Finaliza assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

para fazer campos, donde antes eram matos, e ordinariamente só aproveitam os primeiros roçados, porque feitas essas benfeitorias, os roçados dali por diante, depois de servirem para a maniba, e searas daquele ano, se tornam logo a fazer matas bravas com tanta facilidade que dentro em um ano já estão bem fechadas, e crescidas.

É pois o maior empenho a factura das casas, não as que hão de servir para ostentação, e grandeza, porque essas ficam reservadas, para diante, quando já os cacuaes, e cafezaes, podem não só cobrir os gastos com o seu producto, mas ainda enriquecer a seus donos com os avanços: Entretanto se contentam com ũas medianas casas acomodadas a suas famílias, e para paiões das searas, e do pajos: ordinariamente já para elas tem neste tempo preparados os esteios, e materiaes *[ilegível]* curaram nas vacâncias dos roçados, alguns as fazem só de ligeiras taipas de pilão; o ordinário porém são de madeira, levantadas em bons, e fortes esteios do pao ocapu, que quer dizer; pao de cusas por ser o mais escolhido para estas obras pela duração, e fortidão, que tem; mas não falta lá muitas outras espécies de madeira óptima a escolha de cada um.

Levantam os esteios com as medidas, e proporções necessárias, repartimentos etc. seguram com fortes travessas, e antes que lhe façam as paredes, lse põem a cobertura, ou telhado que ordinariamente são folhas de palmeiras em lugar de telhas; e depois de feito o telhado e cobertos com a sua sombra entram a fazer as paredes com ũa facilidade notável, e presteza, desta sorte: cortam palmeiras, racham-lhes os troncos em tiras da largura de ũa mão travessas e limpas do seu âmago, ou miolo estupanto, o que fazem com ũa facilidade notável, as põem assim, depois de secas as vão atravessando nos esteios com ũa cava por dentro, outra por fora, em distância de um palmo pouco mais, ou menos de ũa a outra desde o chão té o telhado, entesam-nas, e seguram-nas com cipós em lugar de pregos as de dentro com as de fora, e depois de assim bem atravessadas tanto as paredes de fora, como os repartimentos de dentro, entram a entaipálas com barro amassado, ou argamassa, ou com o lodo das praias de rios doces.

Segura-se este barro assim nas travessas, como também nos cipós, e depois de seco, o mesmo barro segura os cipós, e as travessas ou ripas, para o que não necessitam disso, posto que nos cipós tem boa segurança as ripas, mais do que em pregos, porque os pregos não duram tanto como os cipós, depois de bem seca esta argamassa, e entaipação rebocam, e caiam as paredes; e fazem ũas casas muito bem seguras, e lindas, e todos tem nos mesmos matos todos os materiaes, excepto a cal que nem todos tem, e por isso a compram; como também o ferro para as portas, e janelas, porque para as mais obras não tem necessidade de ferro; isto é o que fazem os brancos.

Os índios porém, posto que as fazem do mesmo modo, e com os mesmos esteios *[ilegível]* diferem nas paredes, e sobrados, porque tanto os sobrados como as paredes são descubertos sem barro ou argamassa algũa, mas só das ripas seguras nos esteios, e nos sobrados, e fazem isto por muitas conveniências. 1ª porque de dentro sem serem vistos, vem tudo para fora, como por [dentro] 2ª porque ficam assim as casas mais patentes aos ventos, e mais frescas, que é o que mais se pertende naqueles climas. 3ª por mais facilidade pelo Amazonas acima também alguns as entaipam com barro.

CAPÍTULO 3º

DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR, E FEITORIAS DA ÁGUA ARDENTE.

Dada a notícia da agricultura do Amazonas, que por uma parte necessita de muita escravatura nos fazendeiros, por não haver naquele Estado jornaleiros de servir, querendo ser todos senhores e serem, ou parecer fidalgos, e por outra parte exclue os arados, e lavouras, resta-nos dar notícia dos engenhos de açúcar, e águas ardentes, que os moradores que tem muita gente, e operários, procuram logo levantar nos seus sítios, e posto que semelhantes fábricas necessitam de grandes cabedaes, e gastos para a sua erecção e conservação, são contudo as mais lucrosas feitorias daquele Estado, e as que dão maior rendimento a seus donos; a sua primeira diligência é em fazer grandes roçados e canaviaes, além dos mais roçados supra, maiores, ou menores conforme a multidão que tem de gente; mas nunca são tão grandes que possam dar sostento quotidiano aos engenhos, não obstante serem estes engenhos no Estado do Amazonas de mui pouca expedição, como logo veremos, porque moem só em algũas temporadas, e descansam o mais tempo, de que nace o sertão diminuto o seu rendimento a respeito do Brasil, e outras regiões onde moem em todo o ano, e com muito expedição.

Fazem pois estes canaviaes ordinariamente nas margens dos rios, embora que sejam alagadiços, tanto, que no tempo das cheas, ficam muitas vezes as canas submergidas na água té a vazante; por esta causa fazem os seus roçados, e plantamento no tempo das vazantes, e secas para poderem trabalhar, secar as árvores, e queimar, como já dissemos costumam com os mais roçados, e plantam a cana como a maniba, metendo os olhos na terra picada com algum sarguncho, ou tacira.

São estes canaviaes mais bem socedidos, que os plantamentos da maníba, porque estes todos os anos se renovam em novas matas; e os canaviaes duram 5, té 7 anos com os mesmos plantamentos rebentando novamente a cana depois de cortada em todos estes anos; e se tivessem a economia que há no Brasil, e outras partes lhes durariam os canaviaes, como lá toda a vida, como insinuarei na "5ª Parte", e muito melhor na "6ª" quando propusermos engenhos mais fáceis, de nova invenção, e de moto contínuo, e me parece terão grande aceitação.

E na verdade, se não tivessem alguns inconvenientes pela pouca duração de anos, seriam de muitas utilidades pela facilidade dos carretos por água em barcos té às portas dos mesmos engenhos, escusando a trabalhosa condução por terra em carros, como usam em outras partes; cresce, e põe-se capaz, e madura a cana em um ano, e já então se principia a cortar, e moer, e depois de acabado de cortar todo o canavial, deixar secar a ramada, e olhos, e lhe lançam fogo; depois do qual rebentam outra vez as raízes, menos algũa, a que damnificou o fogo, em cujo lugar replantam; mas ainda que a deixem estar mais tempo, não corre perigo: E enquanto ela se torna a pôr capaz em outro ano, se servem de outro, ou outros canaviaes que com necessária providência tem preparados. Em quanto pois cresce a cana té se pôr

capaz erigem os engenhos, e se provém dos mais instromentos, e requisitos para a factura do açúcar, que não são poucos.

A fábrica principal são as moendas, as quaes são desta forma. Em uma grande, e bem espaçosa lógea, ou sala térrea levantam no meio um cocho de 10 palmos, ou mais de comprido, e do feitio de ũa casca de noz virada para cima, e dentro ao comprido com distância proporcionada lhe põe 3 bases, ou postiças ou feitas no mesmo pao, em que se hão de assentar as moendas, estas consistem em 3 colunas levantadas, direitas, e bem unidas, do comprimento de 6, ou 8 palmos da primeira sala um espigão, ou ũa vara da grossura de um bom esteio que vai segurar-se em ũa *[ilegivel]*, e grande viga, que em cima atravessa toda a sala de parte a parte, e descansa nas paredes; e não tem mais serventia do que segurar a moenda do meio, ou moenda mestra por meio do dito espigão, posta, e levantada bem ao olivel.

Nos lados desta coluna, e sobre as outras duas bases levantam outras duas colunas da mesma grossura, e em tudo semilhantes à primeira menos no espigão comprido, que não tem mais de um coto curto do comprimento de 3 dedos, ou pouco mais quanto baste a segurá-las em ũa travessa, que é ũa bem grossa prancha que em cima as segura; esta prancha se sustenta em dous balaústes levantados nas extremidades do cocho, com um buraco no meio, por onde sobe o espigão da moenda mestra: A estas 3 colunas assim levantadas bem direitas seguras, e unidas chamam engenho ou moendas de açúcar; todas estas 3 colunas são grossas, e terão 10, ou 12 palmos em roda lavradas ao torno para serem bem esféricas.

Não só são unidas todas 3; mas tem dentes em cima, e em baixo, os quaes quando andam à roda se vão atracando uns com outros de sorte, que por eles se enlaçam, e andando ũa, faz andar a roda todas as outras. A do meio é a mestra, e móvel de todas, e para se poder impelir tem no meio do espigão ũas travessas por modo de cruz, ou por modo de sarilho; acima do sarilho pregam, ou seguram outras 4 travessas deitadas para baixo, pelas quaes hão de puxar bois, ou cavalos, e para que façam larga roda, e fiquem bem seguras as pregam nas 4 pontas do sarilho.

Todas estas madeiras das moendas, espigão, travessas, sarilho etc. são de madeira bem forte, e dura, mas principalmente as 3 colunas, que ordinariamente são de angelim, muito apto para semelhantes obras não só por ser duríssimo, mas com bastante grosia para se poder lavrar, e tornear; mas com ser duríssimo se armam sempre, e fortificam as colunas com grossas pranchas de ferro, ou cobre, que renovam de anos a anos, porque também se gastam com o tempo pelo forçoso moto das moendas: Os dentes, com que se enlaçam, e impelem ũas com outras são ordinariamente do pao piquiá tão duro como ferro. Os encaixos das duas moendas, ou colunas de fora, tem pela banda de fora ũas cunhas que servem para apertar mais as moendas a do meio, e também para as alargar, quando é necessário fazer-se algum conserto, ou quando se querem renovar; ou para as alargar, quando algum, dos que ministram a cana lhe escapa alguma mão, apanhada pelas moendas, a que é preciso acudir com o único remédio de alargar as moendas; *sub poena* de atraírem todo o corpo, e moídos todos os ossos, e carne deitá-lo da outra parte, desgraça, que muitas vezes socede; e quando socede por mais pressa, que se dem a parar os agentes, e alargar as moendas ordinariamente não tem mais remédio, do que chamar o vigário para lhe rezar um Responsório pela alma, e ainda fazendo parar o engenho de repente, o que é dificultoso,

sempre os desgraçados ficam sem algum braço. E para acudir a semelhantes desgraças usam em algũas partes estar sempre promptos dous fâmulos um de ũa banda, outro da outra com alfanjes levantados para de repente cortarem de um golpe o braço pegado da moenda, para atrás do braço não levarem todo o corpo. Na "5ª" ou "6[ª]" Parte darei melhor indústria, e facílima para evitar, ou acudir a semelhantes desgraças.

Para puxar estes engenhos usam os moradores do Amazonas pela maior parte de bois, poucos de cavalos: metem 4 de cada vez, atado cada um atravessa das quatro que doce *[ilegível]* do espigão da moenda do meio té a altura em que se lhes possam amarrar estes animaes, os quaes amarrados em larga roda deixando no centro não só as moendas, mas lugar suficiente para a cana, e seus ministradores, andando em círculo, fazem andar a roda a moenda mestra, e esta por meio dos dentes as moendas dos lados, e conforme a maior, ou menor ligeireza dos animaes, assim as moendas andam menos, ou mais depressa.

Está a cana em rumas nos cantos da grande sala, e de lá a vão chegando os serventes em braçados para o pé das moendas, onde a vão ministrando com diligência dous, ou 3 serventes; um ou dous de ũa banda, e outro da outra banda: um vai metendo a cana na moenda, e a enche de alto a baixo, o da outra banda, vai pegando nesta cana, que sae moída, e a vai dando à comer à outra moenda, onde acaba de a espremer; e o 3º, ou o mesmo primeiro se são só dous os serventes, vai tirando o bagaço, que sae da 2ª moenda; e se as moendas moem com ligeireza, é necessária ũa grande agilidade nos serventes, e muito mais se são só 2. O sumo da cana correndo pelas colunas abaixo cae no cocho, e dele por meio de canos subterrâneos vai desaguando nas caldeiras, ou para os lambiques conforme o querem aplicar ou para açúcar, ou para águas ardentes para o que*

Em ũa ilharga do salão das moendas fazem pegada ũa casinha com as caldeiras e fornos por baixo para a fábrica do açúcar. A guarapa, que assim chamam ao sumo da cana, não cae logo nas caldeiras, mas em outro grande cocho, do qual cheio, e por meio de resistos a vão encaminhando para a caldeira principal, a qual está com grande, e mui activo fogo por baixo subministrado por serventes de fora já augmentando, ou já diminuindo, conforme lhe insinua de dentro quem manda à via, que é o mestre do açúcar, o qual está com grande atenção a ũa ilharga da caldeira com ũa grande, e comprida escomadeira mexendo, e escumando aquela calda, a qual escuma deitada fora da caldeira, se vai juntar a um canto disposto para a receber, e é a de que ao depois se faz o melaço, ou se destila em água ardente.

Tem também o mestre ao pé um vasculho em um pao comprido, o qual mete amiudadamente em água, e com ele molhado vai molhando, e refrescando as bordas da caldeira onde não chega a calda, para que o metal se não derreta à violência do fogo. Assim vai fervendo a guarapa nesta caldeira té tomar o ponto de mel; e os que dela fazem mel, como fazem ordinariamente todos pouco, ou muito, a deixam ficar neste ponto; os que porém a querem converter em açúcar passam a calda a outra caldeira mais piquena; e desta a outra subindo-a sempre de ponto, té a meterem nas formas, onde se coalha, e converte em açúcar; e para sair perfeito tem várias circunstâncias, e mestrias, que sabem os prácticos, ũa delas, e mui principal é o*

---

* Assim no manuscrito, continuando no parágrafo seguinte.

Purificarem a calda, quando está no auge das suas fervuras com decoada do pao *[em branco no manuscrito]* mui forte, deste modo: queimam este pao verde, e na sua cinza deitam água bem quente a ferver, desta água ou sanrada, coada por um pano, vão salpicando, ou borrifando a calda, a qual, semilhante ao ouro derretido borrifado com solimão, levanta a fervura mui alterada, té consumir a decoada, e tornar a sossegar, então se lhe torna a deitar e se vai repetindo té estar bem purificada, o que se conhece, quando já se não altera, nem levanta com os salpicos da decoada.

As formas, em que ultimamente deitam esta calda, quando já na sua última perfeição, são de barro furadas em baixo, e tapadas com rolha; não tem regularidade na grandeza; porque ũas são maiores em uns engenhos, do que em outros; mas as que usam cada engenho ordinariamente são iguaes, e por isso pelo número das formas, a que chamam piroleiras sabem já os prácticos o número das arrobas, que hão de ter de açúcar, porque cada ũa leva duas, ou mais arrobas; e nem por isso são mais estimadas as maiores; por serem mais custosas de menear, e por isso mais arriscadas a quebrarem: cheias pois as formas, as acomodam em lógeas frescas, onde se vão convertendo em açúcar no que gastam alguns dias, depois dos quaes *v. g.* no 8º

Lhes abrem, *[ilegível]* a boca, e o fundo, por onde vão desaguando algũa purgação, que é como a escória, a que chamam mel de cavalos: e para melhor se exporgar lhe deitam por cima lodo bem líquido, o qual macerando o açúcar pouco a pouco té desaguar pelo fundo, o purifica, e expurga 2ª vez, depois da qual, quando o lodo está seco, e duro o tiram para fora, e com instrumentos de ferro cavam, mexem, e revolvem o açúcar, e logo pondo-lhe por cima outra camada de lodo bem líquido, lhe dão nele 3ª purgação: e como o lodo não só serve para o expurgar, mas também para o purificar, e fazer branco, e alvo, seco ele fica já perfeito o açúcar, e se tira das formas para os tapetes, e lançóes, em que anda alguns dias ao sol té ir para o paiol. Com a circunstância de que da mesma forma saem diversas castas de açúcar, porque o 1º de cima, e o último de baixo sae mais pesado, e é o que chamam vulgarmente mascavado; e o do meio mais branco, e mais precioso.

De toda esta feitoria bem se vê que o açúcar é um dos mais costosos gêneros do Amazonas, e tarefa vagarosa, além de necessitar de muita gente os seus engenhos; porque uns são necessários para [carre]gar a cana dos canaviaes ao engenho; outros para a ministrarem às moendas; outros para administrarem nas caldeiras, outros para fazerem lenha, e chegarem ao pé das fornalhas: outros para beneficiarem nas formas; e finalmente outros para fazerem os roçados, plantamentos e searas; e só ũa numerosa povoação de gente pode dar aviamento a um engenho; e por isso são estes tão poucos no Amazonas e de mui pouco rendimento; porque não havendo ordinariamente os serventuários precisos para tanto serviço, se vem obrigados os senhores de engenho a parar na fábrica do açúcar todas as vezes, que a gente é necessária para os roçados, e muitos outros serviços: para o que não é piqueno incoveniente o servirem-se nas moendas ordinariamente com bois, que posto que sejam seguros, são muito vagarosos. Mais aviamento dão, os que usam de cavalos, mas como ordinariamente lhes faltam os mais requesitos, poucos mais avanços tem. Na "5ª parte" proporei mais útil praxe, e na "6ª" novas fábricas de engenhos que sobrepujarão não o cento, mas milhares por um. Por hora vamos relatando o mais costume.

Mais rendosos são os engenhos de água ardente, o que para distinção dos do açúcar chamam engenhocas; mas antes de falarmos nelas, havemos de saber, que os engenhos de açúcar não só fazem o açúcar; mas mel, e águas ardentes; antes a maior parte dos seus canaviaes se consome em águas ardentes por rezão de serem mais fáceis, mais rendosas, e terem mais gasto, porque são o vinho da terra: e por isso para outro lado da sala em que estão as moendas, fazem contígua outra casa mais baixa, e subterrânea, para onde vai do cocho, em que assentam as moendas, outro cano, e por ele, quando querem, encaminham a guarapa para os lambiques, que estão nesta casa sobterrânea mais, ou menos, conforme a mais, ou menos, quantidade, que costumam, ou querem distilar, onde tem os mais requesitos de cochos, em que primeiro deixam azedar a guarapa, fornos, e água como se costuma nos lambiques; e onde também destilam as escórias, escumas, e purgações do açúcar.

As engenhocas, que só tem feitoria de águas ardentes, em tudo são simelhantes aos engenhos ditos, excepto, em não fazerem açúcar, nem caldeiras, e mais requesitos para ele, tem porém mais lambiques, que os outros; necessitam de menos gente, fazem menores gastos, e *respective** são mais rendosas, não só por ser a água ardente o vinho usual daquelas terras, mas porque tem corjas de muitos, e grandes bêbados; e dão gasto, a quanta haja; e se os feitores se esmeram em a fazer mais sabista, não lhes faltam logo fregueses, que lhe dem gasto e daqui fica respondido, aos que se admiram da pouquidade de açúcar, que do Amazonas se embarca nas frotas para a Europa; porque mais se occupam com águas ardentes, tanto, que tem alguns anos, em que se tem experimentado grandes faltas de açúcar ainda nas mesmas cidades, e povoações maiores, e se não fossem os privilégios, que gozam os senhores de engenho todos se exporiam na factura de águas ardentes; e apenas fariam só o açúcar necessário para o provimento de suas casas, e família; e para isso basta qualquer tacho sem a precisão de tantos pretechos, e gastos, que necessàriamente tem os engenhos de açúcar.

Tão bem não é piqueno obstáculo à expedição dos engenhos, além do vagar dos bois, com que moem, o modo de os administrar; porque é mui diverso da Europa. Na América, e Amazonas cria-se o gado no mesmo campo, em que pasta. Ali nasce, ali pasta, e ali dorme, por isso é ordinariamente bravo, e ainda o gado destes sítios, e engenhos nunca é tão manso, que não necessite de cavaleiros, ou ao menos muitos pastores para o trazerem ao curral, quando querem moer os engenhos; os curraes são, como os que chamam curros, isto é, ũa estacada de paos sem cubertura algũa; nesta estacada, ou curral metem o gado, e ali com compridos laços de corda vão amarrando 4 a 4 bois; não porque os levem todos 4 juntos às moendas, porque não são tão mansos como isso por mais uso que tenham de trabalhar; assim que se laça algum boi logo pela corda o vão subjugar nas moendas; depois outro, e outros etc.

Ordinariamente trabalham 4 horas, as quaes acabadas se laçam outros, e se soltam aqueles que dali vão pastar para o campo; e assim se vão revezando uns ao[s] outros de 4 em 4 horas, de sorte que para moerem 24 horas a 4 horas são necessários ao menos 24 bois com a circunstância, de que no curral, ou estacada não tem alimento algum, e por isso os últimos jejuam todo o dia, e toda a noute; e pela manhã tornam a vaquejar para o curral como

---

* Lat.: respectivamente.

no dia antecedente, embora que os últimos que tem saído apenas teriam tempo de apanharem a dente algum bocado de erva, e terem saciado a sede, e nesta trabalheira anda o gado em quanto dura a feitoria do açúcar, que costuma ser de 1 ou mais dias, de tempos em tempos, e nestas occasiões se trabalha de dia, e de noute; e para que o gado não fique estropeado, é necessário que seja numeroso, para não irem sempre os mesmos bois, e terem tempo de pastarem. Alguns tem a providência de lhes mandarem deitar no curral o bagaço da cana moída, em que ao menos vão enganando a fome. Nas engenhocas não são tão trabalhados os bois, porque se trabalham algum, ou alguns poucos dias a fio logo descansam outros tantos, ou mais; que a moerem todos os dias, e todo o ano seria necessário um grande curral de gado para cada engenho, ou grandes lotes de cavalos, nos que os usam.

O sustento, e víveres nos sítios, e engenhos são ordinariamente peixe, ou fresco, ou salgado, e carnes secas, por ficarem muito distantes das povoações, e açougues, a que não podem recorrer. Para o peixe fresco tem ordinariamente seus pescadores; mas como estes não bastam, quando a gente é muita, fazem provimentos de carnes, e peixes secos; menos os índios, porque esses como se contentam com a seara de maniba, e quando muito com algum pouco milho, e algodão todo o mais tempo levam a caçar, e a pescar, e com isto vivem contentes, e sem cuidados. O seu cabedal todo, e todos os seus bens são ter roça donde pouco a pouco vão tirando para comer, e para fazerem suas vinhaças, a que chamam mocororó, e sua canoinha para pescarem, e navegarem por onde querem, e com isto estão bem navegados. Sobre esta matéria de canoas, e embarcações é mui repreensível a falta de economia, e providência dos moradores do Amazonas, ainda dos brancos, e europeos, e enquanto não mudarem de sistema, nunca poderá haver grande augmento nas suas povoações, e habitantes; porque*

Hão de saber os leitores, que em parte algũa outra, nem região são mais necessárias as embarcações do que na Região do Amazonas pela causa, que por vezes temos tocado, de serem todas as povoações, sítios, quintas, e fazendas sobre os rios; e por isso todos os caminhos, e serventia é por mar e água. Por outra parte (aqui agora é que está a falta de economia) não barcos, nem [pesca] algũa de embarcações comũas, e de aluguel por cuja rezão, cada morador se vê obrigado ou sejam índios, ou sejam brancos, a terem embarcações próprias para se poderem servir, e não basta ũa, mas a cada um são necessárias mesmas 1ª para o pescador, que isso é neles enevitável, e se são necessários muitos pescadores, são também necessárias muitas canoas, em que actualmente se pesca e outras de providência para as soprirem no caso de alagações, e outros descaminhos. Fora estas é necessária algũa outra ligeira para chegarem as povoações e freguesias, ou para saírem das povoações para os sítios, a que chamam o cavalo da viagem. Tem assim mesmo canoas de carga menores, e maiores porque todas são necessárias para si, suas famílias, e transporte das suas fazendas, e sem elas nem podem acudir a seus negócios, nem passar suas fazendas, nem ainda ter sítios, porque neles se vem como presos sem poderem sair por falta de embarcações.

De que se segue outro incoveniente não piqueno, e é, que quando querem, ou lhes é preciso fazer viagem, ou transportar fazendas, ou qualquer outra diligência se vem obrigados não só a puxarem por suas canoas, mas

* Final de parágrafo no manuscrito, continuando o assunto no seguinte.

também por seus escravos, e fâmulos para as equiparem, e remarem com o prejuízo notável dos seus sítios porque então param todos os serviços, param os engenhos, e param as mais obras todas, ou parte conforme a mais, ou menos gente que sae a remar as canoas, e isto às vezes por semanas, e meses inteiros conforme a distância, em que estão das povoações, e cidades; e quem não tem escravos, ou fâmulos para todos estes serviços ou não pode ter sítios, ou se os tem, são de pouca monta como os dos índios; e quando lhes é preciso sair, ou outra algũa diligência, o pedem por favor a algum outro navegante, quando lhes passa por perto acenando-lhes com algum lenço a que cheguem; mas como cada um só usa de embarcação accomodada a carga, que leva, ordinariamente se negam semelhantes petições.

Não só os Brancos, que vivem dipersos pelos seus sítios, mas também os missionários, que catequizam os índios pelo Amazonas acima, alguns meses de distância, para fazerem os seus provimentos, e para qualquer diligência das suas missões, se valem, dos mesmos meios de canoas próprias grandes, e piquenas e se servem dos mesmos índios, que catequizam com não pouco prejuízo dos mesmos missionários, e dos mesmos índios; dos missionários; porque fazem os provimentos, e gastos; dos índios, pelo grande trabalho, que padecem nestas viagens, levando mais dias, e peiores noutes em tanto, que muitos enfermam, e outros morrem; e de alguma missão me chegou a afirmar o seu missionário, que cada vez, que mandava ele, e os seus antecedentes missionários a sua canoa à cidade, morriam sempre 6, 8, 10 ou mais índios na viagem; e que tinha havido ano, em que tinham morrido todos, sendo ordinariamente 25, e ficar na cidade a embarcação por não restar, quem a remasse para a aldea, ou missão.

Os ministérios reais; ou governo, quando lhes é preciso mandar algũa ordem pelo rio acima, ou executar algũa diligência, ou transportar soldados para os presídios, ou enfim para qualquer serviço real, ou de justiça: Como também os Prelados da igreja na sua administração, se valem das missões mais vizinhas, onde mandam buscar índios, para esquiparem canoas, e com elas fazerem as suas diligências com total desassossego dos pobres índios, que senão podem escusar de semelhantes serviços, e o peior é, que as vezes se recolhem as suas missões depois de muitos meses sem pagamento algum, mais do que derreados do trabalho do remo, consumidos, [definhados], fustigados de açoutes, senão andam à vontade dos cabos das canoas, que ordinariamente são *[roto o original]*.

Da mesma sorte os mineiros toda a vez, que lhes é necessário descerem às cidades, e portos do mar fazer seus provimentos com viagem de 6, ou mais meses, ou faz cada um *[ilegível]* as próprias para cuja esquipação se valem dos seus negros mineiros privando-se entretanto do lucro, que estes lhe podiam dar em tão dilatado tempo nas minas. E a este respeito socedem muitos outros incovenientes não só aos moradores dispersos pelos rios, os quaes se não tem escravos, e canoas para os seus interesses são o mesmo que pássaros sem asas.

Não é menor outro incoveniente que se segue em damno de todo o Estado, e é a falta de viveres, e frutos da terra, que os fazendeiros perdem pelos seus sítios, e cuja falta sentem nas cidades, e povoações os moradores por falta de barcos, que os transportem, porque seria muito maior a despesa, que a receita aos fazendeiros se para mandar os seus frutos as cidades se privassem do serviço dos seus fâmulos por dilatado tempo. Esta é também a causa porque os índios das missões não acodem às cidades, e povoações dos

brancos com os haveres preciosos de bálsamos, resinas, e os mais que abundam nos seus matos, e se perdem pela terra. Este é o impedimento dos missionários e mais administradores das missões para não remeterem, e fartarem as povoações dos brancos das tartarugas, e mais pescaria do Amazonas, e do arroz nativo de sua natureza, que se perde nos mesmos lagos, em que nace: e finalmente tantos outros damnos, como cada um pode considerar, consequentes todos de não haver a necessária providência de barcos públicos.

Bem ponderava já no seu tempo o grande Padre Vieira, missionário digníssimo que foi daquele rio, e a quem se devem muitas das suas missões, estes públicos damnos: e por isso já então aconselhava, que ao menos se posessem no Amazonas dous barcos públicos, e de carreira para utilidade de todos, e para boa execução do serviço real; mas nem no seu tempo, que foi o século passado, nem até o meu extermínio, e dos mais missionários em 57 se pôs em execução esta diligência, sem a qual nunca aquele Estado poderá florecer. Na "5ª Parte" proporei o modo de poder pôr estes barcos públicos, com grandes interesses não sós dos habitantes; mas também dos mesmos barqueiros: e já então não só se evitarão todos enconvenientes referidos; mas com muita facilidade se extrairão os haveres preciosos das matas, crescerão as povoações, augmentar-se-ão os sítios, multiplicar-se-ão os gados, de que há muita falta nas povoações do rio acima por falta do transporte. Tornando porém às canoas, que cada morador deve ter para se poder servir nos seus sítios, passo agora a dar notícia delas, por ser mui curiosa a sua factura nos portugueses moradores naqueles rios, com enveja dos franceses, e espanhões, que lá lhes ficam vizinhos, e não atinam com a sua fábrica.

CAPÍTULO 4º

NOTÍCIA DA ESPECIAL FACTURA DAS EMBARCAÇÕES DO RIO AMAZONAS.

É tão coriosa a factura das embarcações do Amazonas, a que lá chamam canoas, que são de grande admiração não só as mais nações, vizinhas dos portugueses no Rio Amazonas, mas também aos europeos, e ainda aos mesmos portugueses dos mais Estados, que possuem na América, tanto, que chegou a expressar admirado um português natural de São Paulo, religioso de muita experiência, mandado ao Amazonas a negócios da sua religião com muitos meses de trabalhosa viagem, que só por ver ũas taes canoas, ou a sua factura dava por bem empregados tantos trabalhos, semelhantes admirações fazem os europeos, que vem a sua fábrica, e grandeza, porque são inteiriças de um só pao embora que sejam de 100 palmos de compridas com proporcionada largura, e com lotação de 3, ou mais mil arrobas de carga.

De muitas castas são estas canoas pelo feitio: 3 são as mais ordinárias. 1ª é a que usam os índios salvages, que não tem uso de ferro, nem instromentos aptos para semelhantes facturas; e ordinariamente são piquenas, e ligeiras, quanto baste para navegarem de ũas, a outras ilhas, e para atravessarem os rios, transportando as suas famílias, e pouca bagagem, que costumam ter: são estas do feitio de meia casca de noz feitas de grandes cascas de árvores, que facilmente tiram, e despem dos paos, pondo-lhes suas rodelas na proa, e poupa, seguras com paos atravessados, e grudados com breu, usando do fogo em lugar do ferro, no que lhes é preciso desbastar: e como são tão leves correm pela água com tanta ligeireza, que parece voam. Os que porém as querem mais fortes, e possantes usam de troncos de paos, escavacados por dentro com fogo lento té lhe deixarem a grossura de dous dedos de casco, ou a que querem; e é a 2ª casta de canoas, a que chamam ibás, a cuja imitação fazem os brancos muitas com mais facilidade pelos instromentos de ferro, que para isso tem, e deles quase só se servem para transportar fazendas, e por isso de muita grandeza, e carga.

São muito usadas estas castas de canoas ibás pelos mineiros, que descem das minas ao Pará, e portos do mar; e pelos que sobem pelo Amazonas acima às colheitas do cacao, e mais haveres daquelas matas, quando acham tanta abundância, e tão grande carga, que não é para ela suficiente a canoa, em que sobiram; porque nestes casos se valem então de ibás, pela facilidade com que se beneficiam; porque se fazem de qualquer madeiro, que ordinariamente acham caídos pelo mato, sem mais feitio por fora, que o mesmo boleado do pao, o qual escavacam por dentro com instrumentos aptos, que para isso tem, deixando-lhe na proa, e poupa seus assentos; e atravessando-lhe por cima os bancos necessários para assento dos remeiros; e quando mesmo com fogo lhe alargam mais o boijo, e cobrem com teçume de folhas; cuja obra fazem em poucos dias: e desta casta de canoas são as mais ordinárias nas mais províncias do Brasil; e nas nações estrangeiras, as quaes propriamente equivalem a bestas de carga.

Nenhũa destas castas de canoas são dignas de admiração, porque não tem mais especialidade, do que serem inteiriças [de] um só madeiro, sem necessidade de cavernas, e mui aptas para se puxarem por terra, quando é necessário nos secos, por serem boleados, e sem quilha: Cas que porém levam as atenções são os burgantins, que são as canoas mais ordinárias, e usadas pelos portugueses do Amazonas, e as fazem maiores, ou menores conforme querem, de cuja[s] facturas são mui prácticos os portugueses, e índios mansos das suas missões, a qual é assim, falando das maiores, a que chamam canoas de viagem, e são as que sobem pelo Amazonas acima à colheita dos haveres do sertão, e as que são capazes de toda a navegação, e carga; porque da sua fábrica e feitio se vem no conhecimento das mais, que só diferem em serem mais piquenas.

Advertindo primeiro que assim os missionários, como os senhores tem já nos índios mansos mestres destas canoas tão destros, e expeditos, como, ou mais que qualquer branco, porque, sendo os índios de rara habilidade para todos os ofícios, como dissemos, quando deles demos notícia na "2ª Parte", especialmente o mostram nas canoas não só os mestres, que os brancos, e missionários de prepósito mandam aprender a carpinteiros, e calafates, mas todos ordinariamente são mestres, ou ao menos oficiaes de canoas; e a rezão é, porque como a canoa é traste, que todos tem, e todos fazem, todos as sabem fazer; contudo quando se lhes encarrega a feitura da algũa, não

se fia o branco, ou missionário de qualquer oficial, mas só dos mesmos, a cuja direção, e preceitos estão os mais oficiaes. O que suposto; quando algum morador, ou missionário quer algũa canoa grande, e de viagem *v. g.* de 60, 70, ou 100 palmos de comprido; ou de qualquer grandeza, que quer chama os oficiaes, e *[ilegível]* explica ao mestre a canoa, que quer de tal comprimento, largura, etc. e a casta de pao, de que a quer que ordinariamente é angelim.

Dada a ordem com algum piqueno viático de farinha de pao, e quando muito algum pouco conducto de carnes, ou peixes secos, parte o mestre com seus discípulos, e se embranham nas matas acompanhados dos seus cães caçadores, que todos tem, e armados com seus arcos, e frechas, que são as suas armas ofensivas, e defensivas, e algum já também como gente leva alguma espingarda, e sem medo das onças, tigres, e mais feras a sua primeira diligência é buscarem na caça o sustento, que cozinham ligeiramente sobre o fogo; e o que lhes sobeja guardam sobre o mesmo fogo em umas como trempes feitas de varas, a que chamam jiraos, no entretanto, ou depois da caçada entram a ver os paos para fazerem eleição do que que acham mais apto para a obra, que pretendem, e como nesta diligência andam apartados uns dos outros, repara cada um, nos que vê mais capazes, e tomando-lhe as medidas da grossura, e medindo com a vista a altura, vem dar parte ao capataz, o qual depois de bem examinados, faz eleição no que mais lhe agrada, que ordinariamente é angelim.

Escolhido assim o madeiro de *v. g.* 30 palmos em roda pouco mais, ou menos, e comprimento proporcionado, se recolhem depois de alguns dias com todas as medidas, que vão dar a seus patrões, com a notícia da paragem, em que está; e conforme esta notícia, os tornam a mandar com os instromentos necessários para a sua factura. Dos paos angelins não só escolhem algum de boa grossura, e comprimento, mui direito, e jeitoso; mas também algum, que seja oco por dentro, porque também estes paos, quando são mui antigos, ou por algum outro contrário, de que ninguém nem ainda as mais duras árvores se livram, se vão fazendo ocos, e quanto mais ocos menos trabalho dão a fazer; e para conhecerem se são ocos por dentro tem já sinaes certos; outros acham já sem copa em cima por lha terem quebrado os ventos: Atendem também muito a paragem, que seja, quanto mais perto dos rios melhor, para a mais fácil condução pela água aos estaleiros, que os preparam nos mesmos sítios: Muitas vezes tem os brancos, e missionários junto das suas mesmas missões, e nas suas mesmas matas mui perto paos óptimos, e muito a escolha; mas os índios os não querem descobrir, e antes querem ir longe a buscá-los com insano trabalho, do que descobrir os que tem perto por malfazejos, como fazem a tudo o mais, de que vem fazer estimação nos brancos.

Por isso fazendo ũa vez cargo um missionário aos mestres canoeiros da sua missão, de que lhe não davam parte de ũa mata, que tinham muito perto, e com multidão de madeiros mesmo a escolha para toda a casta, e grandeza de canoas, que tinha sabido por acaso; e indo até então longe a fazê-las com tanto mais trabalho, respondeo, que era seu gênio, e costume: e disse a verdade; porque são mui tenazes em encobrirem o bem que sabem, tanto, que se põem contrários e inimigos de qualquer, que desse parte de algũa cousa especial a seus missionários, e só às vezes a revelam quando estão esquentados com água ardente; ou seja bem por algum acaso.

Mandam pois, os que querem algũa canoa, vistas as medidas, outra vez os mestres, e oficiaes canoeiros, muitos em número, com os instromentos de machados, taciras, e mais necessários os quaes levam já as suas camas, que são ligeiras maquiras, e viático de farinha. Chegados a paragem, a primeira diligência é de partir, e determinar caçadores, para trazerem o conducto; e os mais cortam paos ligeiros com os quaes enramados com ramos, e folhas de palmeiras fazem um grande tijupar, ou palhoça, com outros esteios pelo meio para armarem as suas redes, ou maquiras com fogueiras etc. e posto que isto se faz em poucas horas, eles sempre gastam dias por mui preguiçosos, e só quando vai com eles algum branco por capataz, que os faça trabalhar, dão algum aviamento, doutra sorte, com o trabalho de uma semana, gastam um, ou mais meses.

Feita esta diligência, entram a cortar o arvoredo na vizinhança do madeiro escolhido para limpar o terreno, e fazer campo, em que livremente possam trabalhar; depois de limpo, entram a cortar o madeiro, em que pela sua dureza fere fogo os machados, e posto que se revezem uns a outros sempre gastam muitos dias para o deitar abaixo, e muitos mais para o alimparem da copa e ramada: depois de boliado, lhe dão o talho conveniente a embarcação, que querem fazer, e quando já bem preparado por fora, antes de entrarem a descavacá-lo por dentro, entram a verrumá-lo todo a roda, e de poupa a proa com a distância de palmo de buraco a buraco com verrumas grossas e com seu signal té onde há de entrar a verruma é esta diligência para se guiarem para escavação por dentro té onde hão de cortar, de sorte que o casco não fique mais grosso em ũas partes, que nas outras, e por isso em chegando por dentro a divisar o buraco da verruma passam adiante, mas sempre no fundo deixam maior grossura.

Depois desta diligência tiram pela banda de cima ũa tira ao pao de ponta a ponta da largura de palmo, e meio pouco mais ou menos que há de ser a abertura da casca, depois entram a escavacar por dentro com taciras, que por serem feitas para semelhantes ministérios, chamam taciras de canoa, e são uns ferros direitos abaixo do comprimento de um palmo, mais estreitas, que as taciras de furar a terra, mais grossas porém, e mais pesadas metidas em hastes de paos, e com estes instromentos dando para baixo, e para diante desbastam todo aquele madeiro por dentro até o porem semelhante a um cortiço, diligência, em que se gastam muitas semanas, por rezão de ser não só a mais custosa, mas por não poderem trabalhar nela muitos oficiaes juntos, mas só os que cabem na estreiteza da abertura de ponta a ponta té finalmente a acabarem de desbastar; desbastado o pao, põe de parte as taciras, e lançam mão das enxós, e com elas descobrem *[roto o original]* das verrumas, e alisam por dentro aquele grande cortiço: e nos buracos das verrumas lhe metem tornos, não os que hão de ficar para sempre, mas só enquanto o pao vai ao estaleiro.

Acabado todo este trabalho, restam muitos outros, como é a condução do pao ao rio e pelo rio ao sítio, e estaleiro; para o conduzirem té o rio esteja distante, ou esteja perto lhe fazem primeiro estrada suficiente, cortando para isso muita madeira, e desviando-a para as bandas, e não é piqueno trabalho por serem matos mui fechados; mas muito maior é o trabalho de puxarem aquele gigante dos cortiços, o que fazem assim: Convocam toda a gente do sítio, ou grande número se é em algũa missão: depois de junta a gente *v. g.* 40 ou 50, ou mais pessoas deitam na estrada, que tem preparada paos atravessados, delgados, e roliços, por cima deles e com eles vão rolando ao

comprido o madeiro puxado direito por ũa, e outra parte té o deitarem no rio, já então com facilidade o conduzem pela água, e com remos ao porto té o porem no estaleiro, onde se acaba de abrir, e é não o maior trabalho, mais* o mais perigoso, e arriscado, e que não poucas vezes deita a perder todo o mais passado.

O feitio do estaleiro são paos atravessados bem do feitio de tesouras abertas com as pontas metidas [na terra], e as pontas de cima bem seguras em esteios, ou estacas distante cada tesoura das outras *v. g.* um côvado no comprimento do casco, o qual para se suspender e [le]var às tesouras é um insano trabalho, que pende de muita gente, e ficará alto da terra suspenso nas tesouras cousa de 3 palmos, com a abertura para cima depois enchem o casco pelas bordas de ũa, e outra banda de outras tesouras, que são uns paos compridos *v. g.* de 10, ou mais palmos rachados por ũa banda, e por esta racha os [metem] no bordo, e ficam suspensos para cima, e nas pontas de cima lhes atam cipós grossos que são as cordas mais usadas, caídos baixo para por eles puxarem a seu tempo, e terão as tesouras de distância ũas a outras *v. g.* 5 palmos, preparam logo gatos de pao do comprimento pouco mais ou menos de um palmo com racha aberta por ũa banda, para com eles acodirem com presteza às pontas do casco, quando com o fogo dão mostras de se racharem; depois preparam lenha seca, e outras miudezas antes de lhe porem o fogo.

Esta é a função mais coriosa, e mais perigosa que tem estas canoas; coriosa pela indústria; e perigosa, porque do seu bom, ou mao socesso depende o bom, ou mao logro de todo o trabalho, e em que os mestres põe toda a sua ciência e vigilância, não só para que não fique perdido todo o trabalho, mas também para que a canoa não fique torta, corcovada, mal aberta, ou com algum outro desar; antes que fique aberta por igual, bem ovada bem lisa, e mui semelhante a mesma casca de noz, e para isso secam, e tressecam, e é necessário animá-los com bons frascos de água ardente para que não esmoreçam pelo receio de ficar o trabalho todo perdido, e eles com má reputação; porque ainda que se levam pouco da honra em outras cousas, nesta, e algũas outras são mui ciosos. São pois todos os medos, que o casco fique com algum desar, ou que rache de ponta a ponta, e se faça em duas ametades como muitas vezes socede, ficando os mestres com as mãos na cabeça pasmados, e os donos com os gastos feitos, e os cascos abismados: por isso*

Tem alguns a providência de deitar antes o casco de molho por alguns dias, para que seja bem úmido; outros não se contentando com isso, o untam todo de azeite, quando lhe querem dar fogo; e é o melhor resguardo. Mais admirável é a superstição, que tem os índios, quando querem entrar nesta diligência, para que nesta função nem a vejam, nem assistam mulheres prenhadas, nem ainda seus maridos, porque tem para si, que assistindo algum [com] semelhante impedimento, se abrirá, e rachará o casco, ou ao menos não [seja] bem socedida a função; por esta causa se o mestre, ou qualquer outro oficial tem a mulher prenhe já se sabe, que não pode dirigir, ajudar, nem assistir a esta manobra, e assim se retira, e vai meter em casa; e da mesma sorte se alguns dos assistentes tem semelhantes signaes, logo o mestre os manda retirar dizendo, fulano, sotano etc. se retirem para suas casas, e de outra sorte, não querem principiar a função com medo de a perder; e*

---

* Final de parágrafo no manuscrito, continuando o assunto no seguinte.

São tão religiosos desta, e outras suas superstições, que não há tirar-lhas da cabeça ainda que com repetidas experiências vejam o contrário; alguns brancos lhas disfarçam, para que lhes não atribuem os índios a culpa, e se disculpem de algum mao socesso, que possa soceder; não assim muitos missionários, que para lhes tirarem da cabeça semelhantes abusos, vão assistir a função, e quando os mestres mandam retirar alguns, eles os retém, e que trabalhem como os mais, e para mais lhes mostrarem aos olhos o seu erro, não só fazem que assistam eles, mas lhes mandam chamar as mesmas mulheres prenhes, que vejam, e assistam; depois de acabada a função com bom socesso lhes fazem prácticas, para que deixem semelhantes superstições, mas nada acabam com eles, atribuindo então o bom successo à santidade dos seus missionários ficam supersticiosos como dantes — *tenuissimi sumus coram quos rudibus annis percepimus*.*

Quando pois com todos estes preâmbulos querem principiar a função barram com lodo por dentro, o espinhaço do casco com ũa camada de lodo, ou terra úmida de poupa a proa e sobre ela vão pondo achas de lenha bem secas; e tão bem na terra por todo o comprimento isto é, por cima, e por baixo; por dentro, e por fora; e a todas põe o fogo; logo o mestre diretor da obra se põe da parte da proa muito vigia, e alerta olhando para ũa, e outra banda com todos os seus cinco sentidos; e da mesma sorte se põem os oficiaes por um, e outro bordo do casco cada um correspondente a ũa tesoura e pegando na sua corda com os olhos no mestre para promptamente executarem, o que ele com qualquer signal lhes intimar; e fora toda esta gente ainda ficam expeditos alguns outros para administrar mais lenha, e acudir aonde for necessário tudo segundo a direcção do mestre.

A** pouco tempo vae o casco amolescendo todo por igual, e com o peso das tesouras por si mesmas vão alargando, e caindo as bordas; e se em algũa parte não desce por igual, manda o mestre puxar para baixo pela tesoura, já esta já aquela, ũas mais puxadas, outras manda largar, outras entesar etc. Se por algũa das pontas ameaça ruína com algũa racha, logo manda acudir com algum gato de pao, dos que para isso tem preparados. Outras vezes manda avivar mais o fogo nesta, ou naquela paragem, em outras o manda diminuir té que nesta vigilância a lida continua se gastam algũas horas té o casco abrandar como ũa cera, e descerem os bordos por igual, e se os deixam se põem todo aquele grande cortiço tão direito como ũa táboa; porém em chegando à consistência, em que é de ficar do feitio de ũa casca de noz, manda o mesmo apagar o fogo, o que os oficiaes fazem em um instante borrifando-lhe água, e mais água em cima, e em baixo; e se é necessário por estar muito brando, lhe põem espeques pelos bordos: E***

Para que quando se for esfriando, não torne a fechar, lhe põem espetos de pao atravessados por cima seguros nas pontas dos tornos que lhes metem nos buracos das verrumas, que tem e ali estão abertos, logo lhe tiram as tesouras de cima, que puxavam os bordos para baixo; depois lhe tiram os tições, e alimpam a terra, que servio de pavimento áo fogo; e então é que aparece o bom ou mao successo da obra; porque se então aparece o casco tão são como antes, e sem algũa barriga ou corcova dão a função por bem feita, e bem lograda a obra; e a festejam mui contentes, e alegres, puxando

---

* Lat.: impotentes somos diante daqueles que conhecemos nos anos da mocidade.

** Assim no manuscrito.

*** Final de parágrafo no manuscrito, continuando o assunto no seguinte.

então os donos pelos frascos da água ardente a cuja saúde bebem todos não obstante o estarem bem esquentados pelo trabalho e pelo calor do fogo.

Porém se pelo contrário tirado o lodo aparece algũa cesura, corcova, tortura, ou queimadura, já a obra não sae perfeita, porque já naquele lugar, se for corcova, há de dar que fazer no ajustar as cavernas com aquela necessária; e se é racha, ou queimadura, há de levar remendo, ou rombo maior, ou menor, conforme o desar; porém todos estes defeitos, posto que desfaçam muito a obra, não a perdem totalmente, ainda se consertam o melhor que podem: não assim quando tirado o lodo aparece o casco rachado pelo espinhaço de poupa a proa; ou ao menos alguma grande racha; porque então está perdido todo o trabalho, e a obra se lança no fogo, sem mais remédio, do que entrar em novos cuidados, e novas fadigas na diligência de buscar outro pao, e repetir o trabalho de tanta gente, e de tanto tempo; porque sempre esta obra leva um, ou mais meses por muitos que sejam os obreiros: saindo porém a obra limpa, se recolhem a suas casas tomando aquele, e alguns dias de folga, depois dos quaes entram a buscar os mais aparelhos, que ainda faltam muitos.

Depois da folga convoca o capataz os oficiaes, e alguns manda buscar nos matos paos proporcionados, e jeitosos para cavernas, de que lhes dá as medidas: A outros recomenda as conchas da proa; a outros as bochecas; a outros as falcas, que são uns pranchões largos com dous palmos, ou mais, e do comprimento do casco, ou mais para altear os bordos de ambas as bandas, fazendo a canoa mais alterada, e dá mais carga, a outros dão a incumbência dos talabardões, que são outras táboas grossas mais estreitas, que as falcas, mas mais compridas, porque hão de sair pela poupa fora para sobre eles se assentar a câmera, e costumam pôr estes talabardões por cima das falcas: a outros dão a incumbência dos bancos, e dormentes etc. e se não há gente para tanta repartição, os mesmos oficiaes depois de uns vão buscar outros materiaes, embora que então se demore mais a obra: porque não atendem ao tempo, que gasta, mas a que saia bem acabada. E*

Posto que tem toda a mata por sua para buscar todos estes materiaes, como para eles não servem quaesquer paos, mas só os paos de madeira de muita duração, não só gastam tempo em os buscarem, mas também lhes custa muito trabalho; porque as falcas fazem cada uma de sua árvore só aos golpes do machado, como também os talabardões, porque cada árvore dá um só: e assim também cada dormente, e cada banco se faz de cada árvore, porque cada árvore dá um só ajustado, e lavrado a puros golpes de machado, porque para tudo tem paos a escolha, e por isso não poupando madeira antes querem levar tudo ao machado, do que ocupar-se com serras, embora que então bastariam menos árvores. O que mais custa são as cavernas; porque não bastam quaesquer cavernas como nas embarcações da Europa, em que as táboas se acomodam às cavernas; nas canoas é pelo contrário, porque o casco está feito, segundo o seu feitio ou torto, ou direito, ou corcovado se hão de fazer, e ajustar as cavernas, o que não é piqueno trabalho, e impertinência, além da condição que devem ter de serem de madeira bem forte, e de muita duração.

Para as bochecas, e conchas, com que lhe fazem ũa proa mui semelhante a qualquer nao, como para lhe darem aquele feitio necessário, é necessário cortar, e desbastar, muito pao, é preciso tronco de boas árvores,

---

* Final de parágrafo no manuscrito, continuando o assunto no seguinte.

porque cada tronco deita ũa só concha, ou ũa só bocheca: Antes de lhes acomodarem, lhe ajustam o beque, e talhamar, e nele bem seguro lhe seguram, e seguram as mais obras. A rodela da poupa também é inteiriça, embora que tenha a largura de *[ilegível]* ou mais palmos, e outros tantos de altura; mas não é obra de mais custo, porque se acham nas árvores junto às raízes; ou as mesmas raízes crescendo fora da terra, e unidas ao tronco umas conchas do feitio de grandes orelhas, a que os naturaes chamam sapopemas, cada uma das quaes se accomoda com pouco trabalho à canoa depois de posta toda por igual, o maior trabalho, que tem é o cortar-se da árvore, e da raiz: põe também ũa meia quilha, que apenas chegará da poupa até a 3ª parte do casco; e nesta, e na rodela seguram o leme. Enfim consertam-nas por dentro, e por fora com todos os mais requesitos, levantam-lhe na poupa suas bem feitas câmeras, e as fazem uns mui lindos bargantins, sem enveja aos bargantins mais bem feitos da Europa.

Taes são as canoas mais comũas e ordinárias do Amazonas no Domínio Lusitano; e taes eram os bargantins, que mandou fazer, e em que sobio pelo Amazonas acima té o Rio Negro com grande ostentação, e aparato o General Francisco Xavier de Mendonça Furtado a esperar como plenipotenciário, e primeiro ministro de Portugal os comissários de Castela para as divisões, que no Amazonas se queriam fazer entre os dous domínios, as quaes nunca se fizeram, nem vieram os taes ministros; atribuindo-se todo o seu impedimento aos missionários jesuítas, sendo ele um protesto, que contra as taes divisões fez El Rei Carlos de Nápoles, como sucessor de Castela: *[roto o original]* aquela armada *[roto o original]* estrondosa, mas com especialidade a capitania, porque era tão bem feita, tão grande, e tão ornada poupa, como ũa piquena nao, digna de nela se divertir, e passear qualquer monarca.

Chamam-se de um só pao; porque, posto que se componha de muitos outros, como tema *[roto o original]*, o principal é o casco inteiriço; e por essa causa são tão estimadas, e admiradas; mas na verdade mui custosas, e perigosas, e por isso os moradores antes as querem comprar por 500 mil réis, ou mais, do que fazê-las tendo toda a madeira e matas à sua ordem. Na "5ª Parte" proporei melhor indústria de fazer estas canoas, e bargantins com mais facilidade, com mais brevidade, e sem os riscos, que acompanham a estas.

Além dos riscos, que tem na sua factura, tem muitos outros na sua navegação, mais, do que as embarcações da Europa, porque, além dos perigos da alagação comuns a todas as embarcações, tem demais 1º o perigo do bicho, a que lá chamam, minhoca da água, a qual sendo um indivíduo tão mole, e desprezível, tem habilidade de roer, furar e deitar a perder qualquer madeira por mais dura, e forte que seja; e dando nas canoas as deitam a perder com muita brevidade pondo-lhe o casco furado como um crivo; e como o casco é inteiriço, furado, que seja por baixo em longo espaço, fica perdido, e pára o fogo; assim vi perdido um grande canoão, com ũa só viagem, que tinha feito, porque alagando-se em um baixio com ũa trevoada donde se pode tirar, tirada se vio por baixo toda passada do [turu]

2º o perigo de quebrarem pelo espinhaço, como muitas vezes socede nas paragens, em que as prendem o pé de terra; porque como tudo são matas, de que vão caindo pouco a pouco muitos paos, e estes por serem de madeira pesada, vão o fundo, socede muitas vezes, que vazando a maré, e abaixando a canoa, se assenta em algum madeiro atravessado, e com o peso se faz em duas ametades. Outras vezes navegando por perto das margens por evitar

correntezas, ou trovoadas, lhe cae impelido dos ventos algum madeiro em cima, e a quebra, e alaga sem remissão. É certo, que para se não alagarem nas trevoadas, e ondas, de que algum tempo se pendiam cada dia, e se alagavam muitas, com morte dos navegantes, tem [pois] os moradores a providência de lhes fazerem coberta bem tapada, indústria que ensinou, e usou um *[roto o original]* missionário jesuíta, porque antes se não usava esta providência, que tem livrado inumeráveis canoas, e alagações; posto que muitos ainda continuam com elas descubertas, fiados em ũa ramada tecida, que lhes põem por cima, que as não pode livrar das alagações.

O modo de remar no Amazonas estas, e todas as mais embarcações também é corioso, porque não usam de remos de voga compridos, como os da Europa, mas de ũas pás curtas do comprimento *v. g.* de 5 palmos, e dous de largura, os quaes meneam os índios assentados nos dormentes, ou bordas das canoas viradas para diante, debruçando-se quando os metem na água direita abaixo, e tirando-os, quando se indireitam; e andam nisto tão prácticos, pelo uso, que tem desde mininos, que aturam meses, e meses contínuos a remar com só algum piqueno espaço da noute para dormir, e enquanto comem; e quando lhes cansa o braço, e mão de baixo, que é o que puxa para trás o remo, se mudam para o outro bordo da canoa, onde já lhe fica o braço cansado por cima: E destes remos é que ordinariamente se fazem as navegações; porque ainda que haja ventos, e mui contínuos, e fortes no Amazonas, ũas vezes não aproveitam, antes impedem por contrários; outras vezes não entram os ventos nos esteiros impedidos do arvoredo das margens, quando são estreitos, ou por entre ilhas, de que abundam muito aqueles rios; e por estas e muitas outras causas não só se valem dos remos; mas são necessários muitos para levarem ũa canoa, que sendo das grandes, a que chamam de viagem, necessita de 60, ou mais, que vem *[ilegível]* banda; e esta é, suponho eu, a causa principal de ninguém se animar a pôr barcos públicos no Amazonas, de que acima falamos, pela muita gente, de que necessitam, e por consequência dos muitos gastos etc. Mas para obviar estes impedimentos, é que eu excogitei, e descobri os dous engenhos mui coriosos, primeiro para navegar com todos os ventos, ainda que sejam os mais ponteiros com muita ligeireza. 2º para navegar nas calmarias com quaesquer 10, ou 12 pessoas como declaro na *[roto o manuscrito]* Parte.

CAPÍTULO 5º

DAS MISSÕES DO AMAZONAS, MODO DE SUA FUNDAÇÃO, E PRAXE DO SEU GOVERNO.

Muitas são as indústrias, com que os Missionários assim portugueses, como espanhões se tem empenhado em tirar os índios dos matos, onde vivem

como feras, para os civilizarem em povoações, onde com incansável zelo, e contínuo trabalho os vão pouco a pouco doutrinando assim nas leis evangélicas, como nas regras da polícia: uns metendo-se entrépidos nos matos, e expondo a sua vida as contingências da sua ferocidade; assim o fizeram o grande Missionário Antônio Vieira, e outros, que oferecendo a sua vida pela salvação dos índios nheengaíbas, e outras nações, que com contínua guerra com os portugueses no dilatado tempo de mais de 20 anos, impediam com morte de muitos a passagem, ou boca do grande Rio Amazonas no seu braço meridional a que chamam Tajupuru, ele por bem da pátria, e utilidade especial e temporal dos índios, se foi a meter entre eles; e poderem mais as suas prácticas para os amansarem e pacificar, do que as armas portuguesas em tantos anos.

Assim foram fazendo outros muitos Missionários pelo rio acima, e seus colatraes, de sorte, que o povoaram de missões, das quaes são as muitas, que ainda existem, e muitas mais que pela crueldade dos brancos se tem desfeito. Outros julgando por temeridade o irem meter-se entre eles sem esperança de os reduzir, os mandam primeiro practicar por algum branco, dos que com algũa nação tem comércio, ou por algum índio já manso, que saiba a sua língua repetidas vezes, té que abrandados já algum tanto os ânimos a poder de dádivas, que pouco a pouco lhes vão repartindo, e despendendo, os persuadem a descer, e sair dos seus matos para povoações de melhor forma vizinhas aos portugueses, onde finalmente os domesticam.

Da mesma indústria usam os Missionários espanhões, ainda que esses não tem tantos impedimentos, nem acham nos seus índios tantos obstáculos, como os Missionários portugueses; e a rezão é; porque nas missões portuguesas o mesmo é fazerem-se cristãos os índios, que ficarem obrigados a servirem aos brancos, e europeos; de sorte que enquanto são pagãos, e gentios, ninguém intende com eles, quando muito se deixam as vezes enganar de algum branco, que com eles tem comonicação, mas *nullo modo** se obrigam aos serviços dos brancos; mas *ex eo*, que practicados por algum Missionário para se aldearem, e fazerem cristãos, é o mesmo que obrigarem-se a servir aos mesmos brancos; sendo a dignidade Cristão a que os devia proteger, e previligiar para serem isentos das vexações, no estado lusitano do Amazonas é pelo contrário; porque sendo antes isentos, quando gentios, são tratados como, ou peior que escravos quando católicos; não assim nos domínios espanhões; porque não entram lá brancos europeos, que obriguem, e perturbem os índios católicos a seus serviços; e muito menos se obrigam, ou se mandam sair das suas missões para remarem as canoas dos brancos, e os servirem a maior parte do ano.

Por isso os índios nos destrictos de Espanha não tem muita dificuldade em sair dos seus matos practicados por Missionários e em se aldearem, e fazerem cristãos; pelo contrário nos domínios portugueses tem muita dificuldade o fazerem-se cristãos, por não estarem sujeitos aos brancos, e muitas vezes respondem aos Missionários que, ou por si, ou por outrem os practica para o Grêmio da igreja, que isso é capa para os obrigarem ao serviço das orações. É certo, que se eles fossem mais racionáveis, e percebessem bem a vida eterna no céo que hão de ter os verdadeiros cristãos; e as penas eternas para as quaes caminham, os que não querem sujeitar-se, e viver com os preceitos evangélicos, se deveriam subjeitar a todos os trabalhos só pela es-

---

* Lat.: de modo algum.

perança de tão grande prêmio no céo; e pelo temor de tão grandes penas no inferno, porque se muitos se vendem as suas liberdades, e fazem-se escravos voluntários, para poderem viver temporalmente ũa vida, que brevemente há de acabar, com mais rezão se deveriam sujeitar a todas as pensões, fazendo-se cristãos visto o não poderem isentar-se delas para viverem eternamente no céo; mas isto não percebem aqueles índios brutaes senão depois de muito cansaço dos Missionários por isso não se convencem com motivos esperituaes para saírem para as missões; mas só com motivos, e interesses temporaes, que eles vejam com os olhos.

Por esta rezão, quando os Missionários ou por si ou por outrem practicam algũa nação de índios para se aldearem em algũa missão, não lhes propõem logo os motivos da outra vida. Que há um só Deus a quem todos havemos de adorar, e guardar os seus divinos preceitos; que há céo, e bem aventurança para os bons cristãos; e inferno para os mais, e semelhantes motivos; nada disto lhes propõem logo ao princípio; mas só interesses temporaes, de que nas missões não serão acometidos dos seus contrários, com que ordinariamente andam em guerras; de que nas missões tem machados, fouces, e mais instromentos de ferro para fazerem as suas roças; e outros semelhantes motivos temporaes, que eles percebem, e vem com os seus olhos; como porém já sabem das vexações grandes, que padecem nas missões os mansos, e que eles hão de ser tratados do mesmo modo, já senão deixam persuadir dos mais interesses, porque todos lhes fazem menos peso do que a liberdade, que gozam nos seus matos: e por isso são já mui dificultosos os *[roto o original]* para as missões portuguesas. Ah! se bem se ponderasse quão grande obstáculo, e impedimento são os serviços dos brancos a promulgação do Evangelho e bem dos índios!

Estas rezões não ponderam, nem convencem aos brancos, e europeos; os quaes indo aquelas partes para poderem viver, e devendo por direita justiça obsequiar, e servir aos senhores das terras, que são os seus índios naturaes; antes pelo contrário obrigam os índios ao seu serviço sem mais direito, que o serem brutaes, e tímidos; e basta a sua brutalidade, e rusticidade para darem jus a qualquer europeo estranho para os fazer escravos, ou ao menos obrigarem a seu serviço, *sub poena** de logo lhes ir um golpe de alfange pelo pescoço; ou ũa bala de cravina pelo peito, e se alguém lhes estranha a crueldade; respondem muito promptos, pois para que são as missões para que tem a *[ilegível]* os índios, senão para trabalharem para os brancos; que outra utilidade se espera das missões? e outras semelhantes repostas tão alheias de católicos, quão próprias de turcos, e gentios, ou para milhor o dizer, do diabo. Como se a redução à fé dos índios não valesse de nada, quando esse devia ser só todo o empenho e desvelo: se basta a condição de se reduzirem a fé para logo ficarem os novos cristãos obrigados ao serviço dos brancos; também então estarão obrigados os chinas, os cochincinas, os japões, e muitas outras nações do mundo ao serviço dos portugueses, e mais europeos porque se vão convertendo, e reduzindo à fé; o que nunca conseguirão os europeos, antes os que por lá andam, para poderem viver, os serve a eles; pois se isto seria um absurdo intentar-se, como o não é para os índios do Amazonas? Que mais rezão há em uns, que em outros? Nenhuma mais do que o serem aquelas nações muito urbanas, muito *[ilegível]* e tão civilizadas como as mais bem polidas nações da Europa: e os índios do Amazonas *[roto o original]* rústicos, serem tímidos, e cobardes; mas quem dirá, que por ser

---

* Lat.: sob pena

rústico um português se [fique] nas suas mesmas terras a trabalhar; e servir a qualquer estranho, que nelas se meta? Mas isto é o mesmo que pregar aos hereges; tanto que já por acudirem pelos índios foram os jesuítas por 3, ou 4 vezes levados fora daquele Estado. E assim tornemos ao modo como se practicam os índios.

Não tem as missões espanholas semelhantes obstáculos, antes fazendo o rei católico grandes gastos com os seus Missionários dando a cada um 60 mil réis de esmola para se poderem sustentar nenhum estrumento tiram dos índios, porque os tem priveligiado de todos os tributos, e serviço dos brancos espanhões, tanto quem nem ainda lhes permitem o irem a eles; assim o afirmou um Missionário espanhol escrevendo a outro Missionário português no Rio Madeira com estas substanciaes palavras — Tenho notícia, que os brancos portugueses vão as missões cada vez, que querem, e que delas levam índios, para deles se servirem em seu serviço por 6, 8, ou mais meses; cá seria isso um grande absurdo, porque os brancos nas aldeias não servem senão de deitar a perder os índios com as suas más práticas, e interesses; menos se permitiria o saírem índios das suas missões para fora, porque tem mostrado a experiência que basta um mês, que andem ausentes para se esquecerem de toda a doutrina, que aprenderam em muitos anos, quanto mais por tanto tempo, que isso seria perdê-los de todo — Esta a substância da carta, de que bem se colhe quão isentos são nas missões espanholas os índios mansos de todo o serviço; mas dizer isto aos portugueses é caso de extermínio, grande sacrilégio.

Deste diverso trato dos índios nasce a dificuldade de se deixarem amansar os índios portugueses, e os grandes gastos, que para os cariciarem fazem os seus Missionários; e a facilidade de se reduzirem os espanhões índios a qualquer práctica dos seus: por isso bastou um só Missionário espanhol para aldear, catequizar, e converter a fé de Cristo todas, ou quase todas as nações, que habitavam no Rio Amazonas desde o Rio Purus que está em 315 graus de longitude até o Pongo, e cidade *[roto o original]*, que está em 305 graus de longitude que só per linha recta são 12 graus ou 240 légoas, e pela [parte alta] passam de 350. É digno de memória este Missionário chamado Samuel Fris, foi o primeiro que penetrou aquelas brenhas, e se meteu só entre tanta barbaridade sem outras armas mais, que o grande seu apostólico zelo, e a proteção divina implorada por intercessão do gloriosíssimo São Joaquim, de quem era devotíssimo. Saio de Quito no ano 1680 acompanhado só com um quadro do seu grande protector São Joaquim, a quem tomou por seu fiel companheiro e apelidou patrono das suas apostólicas missões; e por isso desde então tégora é o padroeiro de toda a província, e missões de Mainas, onde se lhe faz, e celebra festa por 8 dias continuados do seu [octavário], em cuja celebridade são mui prontoaes os índios.

Debaixo de tão grande protector converteu o Padre Samuel inumerável gentilismo, que habitava todas aquelas dilatadas margens do Rio Amazonas, onde se chama Solimões, e Maranhão desde o Pongo, té o Rio Purus, o que parece supera as forças humanas; andava em um perpétuo giro para baixo, e para cima catequizando, e baptizando té que morreu em santa velhice pelos anos de 1720: Ainda hoje todas as missões, que administram os religiosos do Carmo no Rio Solimões nos domínios portugueses, excepto duas, todas as mais, que são muitas foram fundadas pelo Apóstolo Missionário Jesuíta Samuel Fris, como também a maior parte das missões de Mainas, que administram os jesuítas espanhões assim no Amazonas como no Rio Napo.

E não só fazem com mais facilidade as suas missões; mas com menos gastos; porque como os seus índios são fáceis de se practicarem, e convencerem, não é necessário aos Missionários o despender com eles muito cabedal para os aldearem; não assim os Missionários portugueses, que não só quando os tiram dos matos para os formar em missões dispendem muito; mas ainda antes, quando os practicam, o que fazem repetidas vezes para pouco a pouco os ir acariciando, e conquistando com dádivas, para lhes ir intranhando amor, e para lhes fazer conhecer, que os não buscam para os fazer escravos, mas para os tratar como filhos; não para interesses próprios como os brancos, mas só para bem deles; por isso lhes vão repartindo várias castas de belórios para infeite das crianças, de que muito se levam; algum vestuário ao cacique ou maioral; e seus filhos, algũa ferramenta, que muito estimam; e assim muitas outras cousas, que repetidas vezes importam em muito, e estes mimos lhos mandam os Missionários ordinariamente por alguns brancos, que sobem aos sertões às colheitas do cacao, e mais haveres, quando não podem ir em pessoa; e o mao é que tudo às vezes se frustra, porque os índios, que são muito mudáveis, se arrependem; ũas vezes pela sua inconstância, outras vezes por algũa má práctica dos mesmos índios mansos; outras vezes por agouros, que apreendem; e as mais das vezes por algum distúrbio dos mesmos brancos; e ficando os gastos feitos, eles ficam feras como antes.

Mas no caso, que finalmente se resolvam a sair dos seus matos, e descer para algũa missão se ajusta primeiro o decimento no ano antecedente porque dando palavra os índios de sairem, também lha dão os Missionários de os irem buscar no ano seguinte; e não os tiram logo 1º para lhes darem tempo de fazerem as colheitas das suas roças; 2º para entretanto lhes fazerem roças, searas, e casas na missão onde os querem ajuntar, ou em algũa paragem, que julgam mais accomodada, se é que querem fundar missão de novo: Cuidam pois em prevenir-lhes, e preparar-lhes a hospedagem com dilatados roçados de maniba, searas de milho, e frutas por outros índios mansos já baptizados, de que sempre se valem nestes decimentos; fazem casas, preparam-se com grandes provimentos de ferragem, panos, águas ardentes, bolórios, e muitas outras miudezas.

Chegado o tempo do ajuste, sobe o Missionário pelo Amazonas acima, os rios colatraes [onde] estão os índios practicados em ũa canoa das mais possantes, ou em mais senão baste *[roto o original]* do gentilismo, que se espera, bem provida de pano de algodão, e de algũas outras drogas; de farinhas, e víveres etc. esquipada com índios mansos, e com algum língua para lhes falar. Gastam muitas vezes um mês, ou mais para lá chegar conforme a sua longitude. Chegado o Missionário vem a fala o cacique com os mais principaes índios, os quaes o Missionário procura acariciar mui bem já brindando-os com águas ardentes, já vestindo-os com camisas, e cabeções que é o usado vestuário dos índios mansos, e dos que leva por remeiros; reparte-lhes algũas carapuças, ou chapéos; mas sempre fazendo distinção do cacique, e dos mais graves; e depois de os ter contentes, entram a practicar o embarque; e o cacique a consultar os vassalos, a propor dúvidas, e dificuldades ao Missionário, e primeiro que se resolvam, e ajustem se gasta muito tempo, andando o padre com muita cautela, de que nem ele, nem seus remeiros digam algũa palavra, ou façam algũa acção, que eles possam estranhar, porque bastará qualquer palavra estranha para desfazer tudo.

Ajustado finalmente o embarque, vem o cacique com toda a chusma. Grandes, e piquenos, e todos nuos, como naceram, e se presentam ao padre o qual logo procura acariciá-los repartindo-lhes algũas cousas de víveres e afagando as crianças; manda também cortar pano, e fazer camisas, saias, e calções a todos, o que fazem com diligência quase todos os índios mansos: e depois de vestidos, se embarcam todos; e descem bem navegados para a missão, onde ficarão. Casas, e víveres; que se lhes repartem, e se lhes entregam as roças já então capazes de colhê-las. Postos na missão é necessário grande cuidado com eles, especialmente nos primeiros anos *[roto o original]* em tudo as vontades, porque de qualquer cousa se escandalizam, e *[roto o original]* não a fogir para as suas terras tão ocultamente, que só se sabe muitas vezes, quando já não os podem obstar, e o peior é, que levam consigo as crianças já baptizadas, que nos matos [poderão] perder, além de deixarem empenhadas as missões pelos muitos gastos que com eles se tem feito: porque além dos víveres, e vestuário, lhes repartem machados, ferramentas, e mais instromentos para cortarem as matas, e fazerem os seus roçados, e sítios como fazem os mansos.

Para evitar estas retiradas, e fugidas procuram os missionários descê-los para bem longe das suas terras embora que augmentem os gastos; porque aldeando-os longe 15 dias, ou um mês de viagem, já então lhes é mais difícil a fugida assim por não saberem a navegação; como por temerem em tanta distância a falta de víveres; dificuldades, que os tem mão, ainda que muitas vezes não olhando para elas ainda de bem longe, todos fogem; mas mui especialmente estando nas suas terras, ou perto delas, porque em ũa noute desaparecem: que a não ter estes, e ainda outros inconvenientes, seriam menos os gastos, e mais fácil o persuadi-los a admitirem missionários: mas não convém, porque, além da maior facilidade para a fuga também os missionários vivem com muitos perigos, e sobressaltos da sua vida, porque, quando fogem ordinariamente matam o missionário e brancos, que tem na missão, e muitas vezes não é por ódio, mas para não terem, quem os estorve, e para lhes roubarem todo o trem, que acham; e por isso quanto mais longe, mais seguros vivem os missionários[.]

A milhor indústria, de que usam alguns missionários para estes descimentos dos índios bravos é o procurarem haver primeiro algũa pessoa da nação, que querem practicar, especialmente algum menino; mas basta qualquer adulto; porque com afagos e mimos o vão domesticando nas missões até que já afeiçoados aos missionários os levam estes consigo bem nutridos, regalados, e vestidos, quando vão practicar a sua nação, a qual vendo a seu parente tão bem tratado, e por outra parte praticados pelo padre mais facilmente se deixam convencer, e se resolvem a sair, muito mais vendo, que os ditos parentes lhe dizem bem das missões, que antes querem voltar para elas, do que ficar com eles. É bem verdade, que as vezes estes mesmos, que os missionários levam para seus fiéis, se viram da parte dos índios, e os practicam pelo contrário, dizendo-lhes a pensão que tem nas missões de servirem aos brancos, os castigos, com que são tratados, e outras prácticas com que totalmente os esfriam; e por evitar semelhantes contingências procuram os missionários tê-los contentes, e se desconfiam deles, não os levam consigo. Como os missionários fazem, e donde tiram os grandes gastos, que fazem nestes decimentos, diremos adiante.

CAPÍTULO 6º

DO REGIMEM DOS MISSIONÁRIOS NAS MISSÕES DO AMAZONAS.

Suposta já a notícia da fundação das missões, e do modo, e destreza, com que procuram domesticar aquelas feras, passemos já a dar notícia de como os administram nas missões os missionários espanhões no seu destricto, e como os administram os missionários portugueses, quando as tinham a seu cargo, até o ano de 57, em que sendo expulsos das missões todos os regulares, passaram a ser paroquiadas dos clérigos. Cujo ministério é mui diverso; porque os regulares administravam as suas missões *in utroque foro* assim no esperitual, como no temporal: no temporal porque domesticavam os seus neófitos, dirigiam-nos, impediam quanto podiam os distúrbios, exortavam ao trabalho, castigavam os delinquentes nos castigos menores; acodiam aos doentes com o necessário; proviam os necessitados; e finalmente com todas as providências, que julgavam necessárias regiam as suas missões ajudados com ofícios públicos, que faziam com patentes dos generais, e por meio de alguns meirinhos, a que pela sua língua chamam Ibiraricoaras, que equivalem ou a meirinhos de justiça, ou a sargentos da guarda (?), e ainda que ordinariamente todos são cobardes, e só com a presença do seu missionário ou de algum branco é que parece (?) se animam a fazer alguma prisão, ou a dar algum castigo.

Tem também catequistas, que costumam ser alguns meninos, que os mesmos Missionários instruem, sostentam, e tem em casa, e esses mesmos são os sacristães; alguns tem também um catequista mor, e um meirinho da igreja, tem pescadores; porque ordinariamente os missionários portugueses só vivem do pescado; porque ainda que ordinariamente tenham algũas cabeças de gado, apenas chegam para se matar algũa res por occasião de alguma solenidade; alguns tem também algum caçador, que de quando em quando traz alguma caça; mas o sustento ordinário é peixe, e por isso estão atidos ao que lhes trazem os pescadores, que muitas vezes os deixam jejuando. Tem cacique ou principal, ou ordinariamente tem muitos, porque como as missões se tem ido conservando com diversos decimentos, que os Missionários vão fazendo, quando podem, e todos eles são de diversas nações, e cada nação tem seu cacique socede haver muitos caciques em cada missão; mas é dignidade ordinariamente só de nome; [mas] na realidade não lhe obedecem os mais excepto em alguma, em que por muito tempo com os brancos se fez mais ladino o seu principal, e pouco a pouco se foi fazendo obedecer dos mais índios vassalos.

Com o governo esperitual não só os dirigem como párocos, mas também como solícitos, e caritativos missionários, para cuja direcção não basta a ordinária diligência; mas é necessária ũa paciência, e caridade paternal: porque são tão rudes, que é necessário fazer-lhes doutrina duas vezes ao dia pela manhã, e a tarde, cuja diligência não fiam ordinariamente de outrem que de si mesmos, ou ao menos assistindo com a sua presença. Administram os sacramentos, e finalmente fazendo ofício de bom pastor os tratam não só com caridade de Missionário mas também com afecto de pai, o que ordinariamente conhecem os índios, que por isso lhes chamam pai a seu missionário,

e o missionário lhes chama filhos, com ũa paciência grande para os sofrer, e muito maior prudência para os governar, sabendo igualmente repartir-lhes o pão, e o pao, porque se falta qualquer destes requesitos, todo o trabalho sai baldado, e *é perdere oleum, et operam;** porque o nímio castigo os exaspera, e afogenta, e o nímio afago os faz insolentes, e atrevidos; socedendo muitas vezes, que um castigo talvez bem merecido deita a perder toda ũa povoação; e por isso muitas vezes é prudência o disfarçar os delictos para obviar maiores males; porque não são os índios tão afixos as suas povoações, como as mais nações, não tem bens estáveis; e os móveis são tão ligeiros, que nem lhes impedem a fugida, nem lhes carregam na viagem, e retirada cada vez que querem.

A praxe ordinária é assim: pela manhãa mandar tocar o sino a doutrina a que sendo domingo, ou dia santo acode todo o povo, acabada a doutrina lhes fazem alguma práctica doutrinal, depois da qual celebram missa, a que assistem os neófitos com boa ordem; os piquenos separados dos adultos no cruzeiro da igreja, os meninos todos para uma banda, as meninas para a outra; no corpo da igreja, a gente feminina; em último lugar os adultos. Ao levantar a Deos principiam os meninos em alguma canção devota, que cantam a dous coros e as continuam até o fim da missa, a qual acabada entoam a "salve a Senhora", e outras canções té o missionário se expedir; o qual dando a benção a todos os despede para suas casas: pouco depois sae o missionário acompanhado dos seus meninos, e muitas vezes do barbeiro, e vai por toda a povoação a visitar os doentes. De tarde se há baptizandos vae a igreja baptizá-los, depois torna a visitar os doentes, depois se é domingo volta a igreja com a gente, que ordinariamente acode toda, assiste e acompanha a procissão do terço do rosário, que vai pelo terreiro, ou praça, e se termina na mesma igreja com as ladainhas da Senhora, Salve, e outras canções devotas té as "Ave Maria", em que se retiram a suas casas e a maior parte aos seus sítios, e roças: e este mesmo é o diário em todos os mais dias da semana, excepto o não haver práctica, nem terço. Mas sempre tem muitas occasiões de exercitar a paciência, e caridade.

Tem ordinariamente lindas igrejas nas suas missões, com bons ornamentos, e paramentos para os ofícios Divinos que não tem inveja aos templos das cidades com 3, ou mais sinos, feitas ordinariamente de madeira escolhida, retábulos bem feitos, e em algumas dourados, imagens de vulto cortinados, e finalmente com tudo, o que costumam ter as igrejas bem ornadas, e parimentadas; e em algumas para maior devoção costumam os meninos por mandado dos missionários pôr nos altares pratos de jasmins, que vão colher antes da Doutrina em algum *[em branco no manuscrito]* que tem ao pé das igrejas; e nas festas adornam com arcos de ramadas, o que tudo serve não só para maior culto e glória de Deus, mas tãobẽ para mais atrair os índios e promover a devoção. E**

Posto que nem as igrejas, nem os ditos Missionários tem rendas estáveis, ou côngruas certas, contudo não tem pé de altar, nem emolumento algum dos seus neófitos, mais do que 30 mil réis, que a Majestade lhes manda dar anuaes; e 25 índios dos seus mesmos neófitos, com cujo serviço procuram fazer os seus provimentos anuaes, e resarcir os gastos, que são muitos porque não obstante poderem utilizar-se do seu producto em utilidade

---

* Lat.: perder o tempo e o trabalho.

** Final de parágrafo no manuscrito, continuando o assunto no seguinte.

própria por expressa ordem da Majestade, eles o gastam com as igrejas, e com os índios como se fossem só administradores, e não senhores de tal producto. E não só não recebem dos índios o pé de altar, mas antes gastam com eles nos baptizados, nos funeraes, e casamentos; nos funeraes, porque além dos medicamentos assistência nas doenças por caridade, ordinariamente lhes dão as mortalhas com que vão a enterrar; nos baptizados, e casamentos; porque também para eles se costumam valer dos missionários.

Tiram pois todos estes gastos do serviço dos seus 25 índios, que os Senhores Reis lhes determinaram; os quaes mandam ao sertão, e matas às colheitas da natureza, ou cacao, ou salsa, ou cravo, como fazem os brancos; e quando o producto não chega, para os gastos, se empenham nas procuraturas, com a esperança de que nos anos seguintes se poderão desempenhar; outros se ajudam de alguma canoa, que mandam fazer, e vendem; e cada um se vale do modo que pode, regulando os provimentos conforme o maior, ou menor cabedal, com que se acham; e se este sobeja o vão reservando nas procuraturas, para deles se valerem nos mais anos, em que a canoa dos 25 índios lhes venha mal socedida, ou para os grandes gastos, que fazem nos decimentos supra porque não bastam para eles 600 mil réis que os piadosos reis mandam dispender ao seu fisco régio para estes decimentos, e ainda que bastassem ordinariamente os não pedem os missionários, e se valem do producto dos seus 25 índios, *[ilegível]*, quando podem, os provimentos.

Não obstante o tirarem dos mesmos productos o pagamento dos mesmos 25 índios, e dos pescadores, a qualquer serviço, que mandem fazer a seus neófitos que nada fazem de graça, e sustentarem os meninos, que costumam ter em casa, ainda sustentam os doentes repartindo-lhes, o peixe mais capaz de doentes que trazem os pescadores; como tãobẽ alguns velhos, que já não podem trabalhar, e contudo são taes as murmurações dos seculares contra os missionários regulares, que não ousam estes mandar, nem ainda dar licença a algum outro índio, que queira também ir na canoa, e trabalhar para o padre ganhando o seu estipêndio, não obstante se dignar responder o senhor *[roto o original]* 5. a algũas queixas, que lhe fizeram alguns malfazejos nesta matéria por saberem que algũa vez *[roto o original]* mais dos 25 algum outro — que os missionários que tiravam do mato os índios, e com tanto trabalho os administravam nas missões, não deviam estar de peior condição, que os brancos; que com eles não tinham algum trabalho; e que assim como os brancos se utilizavam dos índios também, e com mais rezão o poderiam fazer os missionários pagando-lhes o seu jornal; contudo ordinariamente não consentiam, que nas suas canoas fosse algum índio de mais, especialmente jesuítas, que nesta matéria eram tão observantes, que até os seus superiores lho faziam observar com preceito inviolável, e rigorosa obediência.

Nasce este reparo nos seculares do ódio que tem aos missionários, por pugnarem, defenderem os pobres índios das suas tiranias; porque o que queriam os brancos, era entrar cada vez que quisessem nas aldeas, ou missões, e fazer dos índios, quanto quisessem, levando-os para as colheitas do sertão, e depois para os seus sítios; e fazer quanto quisessem deles, sem que ninguém lhes obstasse, e como muitos ainda a fazem, não obstante as muitas precauções que para obviar os seus desmanchos, se tem posto; e como os missionários os impedem nestes seus absultos, e defendem os pobres índios, quanto podem, lhes criam tal aversão, que todo o seu empenho é andar a mirar a ver se acham algũa cousa, em que os possam calumniar, e desterrar

por ũa vez das missões, sem atenderem, que senão fossem os regulares missionários não teriam nem índios, nem missão algũa.

Lembra-me neste ponto o provérbio vulgar, que anda entre os portugueses do Amazonas, que explica bem o seu procedimento e devassidão pelas missões, e povoações daqueles rios. Já nós dissemos na "Primeira Parte", que toda a serventia, e navegação do Amazonas, e mais rios colatraes é pelo seu braço do Sul chamado Tajupuru; e posto que para sobirem *[roto o original]* tem a mais do rio; por maior segurança das trevoadas, ondas, e correntezas quase todos os navegantes decendo a mãe do rio, sobem por um atalho com bom rodeio, a que chamam Iguarapé Mirim e os índios costumam pendurar algum mimo nas árvores que por cima o *[roto o original]* é o diabo, que com superstições quer ser adorado, sob pena de lhes fazer mal; e posto que já hoje os índios mansos, o não acreditam, contudo como por zombaria, quando passam lhe penduram sempre algũa cousa: A sua imitação lhe deixam tãobẽ os portugueses a sua conciência; de sorte que corre entre eles por provérbio — Que os que vão ao sertão (chamam assim à viagem do Amazonas) deixam, no Garapumere a conciência — E quando algum se quer abonar de cristão, o faz dizendo — que não faz conta de deixar a sua conciência no Iguarapé Merim —. Era esta a maior desgraça que chorava o S. Xavier nas conquistas da Índia; e o grande Vieira no Amazonas, e daqui com isto fica respondido, aos que repararem nas muitas impiedades, que se fazem pelo Amazonas, de que largamente falam já muitos autores, e ainda dizem pouco.

Para evitar pois tantos insultos, e defender os pobres índios das opressões dos brancos, se serviram os respectivos monarcas nos seus destrictos, que os Missionários dos índios, que os tiravam dos matos, e deregiam nas missões no esperitual, os governassem juntamente no temporal pelas regras, e ditame dos seus superiores com o título de superiores das missões; os quaes superiores, visitando todos os anos os seus respectivos subordinados missionários, se empenham em dar toda a providência necessária para o bom regimen daquela pobre gente; e como os missionários não tem *vim coactiva* contra os brancos se valem de dar parte aos seus superiores *[roto o original]* aos governos, que algũas vezes castigam os delinquentes, mas como isto é raras vezes, ainda *[roto o original]* nultos insultos, que só tendo os Missionários *vim coactiva* nas suas respectivas missões se poderiam detalhar; sirva de exemplo um dos casos que pesenciou na sua missão o padre que aqui é meu companheiro no cárcere e na missão foi meu vizinho: apontaram lá ũa vez dous soldados, de noute, e ambos accometeram com as espadas nuas ũa casa de índios novatos, ou vindos de pouco dos seus matos, *[roto o original]* vendo o repente, procuraram livrar-se fogindo cada um por onde pôde, e só poderam segurar ũa índia, a qual levaram viajando para outra aldea, e para lá senão descobrir o atrevimento a deixaram escondida no mato, para a acharem prompta, quando voltarem; não parou aqui a insolência; lá poderam enganar os meninos catequistas do missionário e fizeram que lhes levassem 20 galinhas, das que criava em um quintal. Soube o padre pela manhãa do roubo das galinhas, e foi com os mesmos meninos ao porto onde já se estavam embarcando os soldados, requereu-lhes o roubo, e a reposta foi; que se recolhesse, senão: Assim o fez o paciente missionário e deu parte de tudo ao seu capitão, que estava destacado no mesmo rio na boca; o qual deu por resposta — que eram soldados, que senão podiam sempre refrear: e os delitos ficaram feitos.

Peior foi o que socedeu ao outro Missionário, o qual estando dizendo missa na igreja a seus neófitos, e perturbado da grande descompostura, com que outro militar estava com alta práctica, lhe pedio, que por respeito do lugar em que se achava atendendo por si, e por aqueles índios, que escandalizava etc. a reposta foi — Cale, cale lá padre, quando não lhe meterei um bastão pela boca: Mas para que é referir casos, que não tem conto? e era já nos últimos anos, em que todo o empenho era já exasperar a sua paciência, esperando, que saíssem em algum excesso, de que tomassem ocasião para de todo os expulsarem das missões, como finalmente conseguiram no ano de 57, pondo em seu lugar clérigos seculares, que os paroqueem no esperitual; e um branco, que os dirija no temporal, e civil, elevando as missões a vilas, e fazendo tantas vilas quantas missões.

De todo o referido nada dava tanto em que cuidar aos Missionários nem lhes perturbava tanto seu sossego, e paciência, como era a repartição dos índios aos brancos, e ministros régios: porque era pensão que não só lhes tirava a paz, sossego, e quietação mas muitas vezes os faziam andar em tinos; e como por muitas vezes temos tocado nesta repartição dos índios ao serviço dos moradores, bom é, que demos já notícia dela aos leitores; para cuja inteligência, se há de saber: Que não há no Amazonas gente plebea de servir a soldada, como há em todo o mais mundo; porque todos os europeos, que vão ainda que sejam, ou tenham servido na Europa de mariolas, marinheiros ou lacaios, todos lá afectam nobreza, e fidalguia, e querem ser servidos como taes; e como o não podem conseguir senão com os índios, que acham tímidos, e cobardes, deram em os amarrar, e vender, e tratar como escravos; para obviar tantos damnos, que havia, foram servidos os sereníssimos reis de Portugal determinar ũa tropa de resgastes, a cuja incumbência pertencia o comprar, ou como eles lhe chamavam, resgatar os índios, que ũas nações apanhavam das outras, e os matavam, e comiam; e estes resgastados se repartiam aos moradores por escravos para terem, com quem se servirem. Desta tropa, e as causas porque se desfez, já demos notícia na "2ª Parte", e por isso julgo desnecessário o repetir aqui.

Além da tropa dos resgastes, e dos seus escravos, lhe mandavam repartir índios das missões para com eles sobirem pelo Amazonas as colheitas do sertão, com esta ordem. Contam-se os índios de qualquer missão em 3 partes iguaes. 1ª para repartir aos moradores brancos, que sobirem ao sertão, 2ª ficar nas missões. 3ª para os 2 índios do Missionário, para pescadores, e mais ofícios da República além da pensão outras em darem aos governos outros 25 índios, aos prelados episcopaes outros 25; e assim aos mais ministros régios: e ordenaram outras leis muito pias em bem dos índios, e missões; *[rasurado]* o são: 1ª Que esta repartição aos moradores não fosse violenta, mas só voluntária aos que quiserem ir servir aos brancos livremente atendendo a não os violentar a servir contra sua vontade nas suas mesmas terras, e sendo senhores da sua liberdade. 2ª Que os taes índios, que se repartirem aos brancos, não sejam ausentes das suas missões, e casas, mais do que meses para terem tempo de fazerem os seus roçados, e sementeiras para terem que comer eles, e suas famílias; obrigando aos que os levam e os reporem nas suas mesmas missões, obviando com esta cautela, o excesso dos moradores, que depois de se servirem dos índios nas colheitas do sertão, os levavam para os seus sítios obrigandos a roçar, e mais trabalhos, té os fazerem ou mortos, ou esquecidos, e ainda casando-os com suas escravas para mais os prenderem sentindo assim as suas famílias um notável damno, e as missões ũa notável decadência.

3ª que só entrem nesta repartição voluntária os índios de 13 anos até 50; para evitar queixa de alguns zelosos, que reparando em alguns velhos, e trôpegos, queriam, que também estes os servissem. 4ª que os índios, que saem um ano ao serviço dos brancos não saiam no seguinte, para que se reparta por todos igualmente o trabalho: E muitas outras leis muito ajustadas a favor dos índios atendendo a que eles são os verdadeiros e senhores daquelas terras; e porque ainda com tantas providências se não evitavam vários desmanchos, que havia, levando-os ainda os brancos para os seus sítios, depois da torna viagem do sertão, onde os faziam esquecer, e casavam com suas escravas para melhor os segurarem; fiados, em que não poderiam vir a notícia aos Missionários e que quando por algum tempo se viesse a saber, não lhes faltam desculpas, que alegam, de que os índios foram, e estão por sua vontade nos seus sítios com família etc. e que como senhores da sua liberdade podem estar onde quiserem, e muitas outras todas a seu favor, e em prejuízo das missões: Outros fingindo ordens, ou sem elas iam pelas missões, e pediam os índios que queriam, chegando ainda a ameaçar os Missionários se promptamente lhos não davam; Outros sem os pedirem, iam pelos seus sítios, onde agarravam, e levavam quantos queriam; e outras muitas desordens[.]

Se expediram novas leis para a melhor observância das primeiras; mas antes que apontemos algũas referirei alguns casos, pelos quaes se venham a conhecer as grandes desordens que socedem, per aqueles desertos. 1ª seja, o que socedeu a um Missionário, a quem chegou um cidadão a pedir uns tantos índios intimidando-o, que se cabalmente lhos não desse, visse bem que trazia carregadas *[roto o manuscrito]* todas, ũa cravina ao lombo, e ũa espada, que tinha desembainhada: e que já em outras missões tinha feito bramuras. Era o Missionário animoso, e sem se alterar procurou abrandar aquela fera dando-lha boas esperanças; té que sentindo-o descuidado, com um repentino abraço o lançou por terra, e tirando-lhes as armas, o repreendeu do seu atrevimento, e persuadio a retirada. A outro Missionário chegou outro branco a pedir ũa índia por não sei, que título, e que visse, que não havia de partir da missão sem ela. Viu o padre que não podia em conciência deferir-lhe, e assim o desenganou da pertensão: Aportou-se o branco exasperado para a sua canoa; onde deu alguns como quem preparava algũas armas; e voltou pouco depois, com um traçado, e pistola, e um atrás com ũa cravina ao lombo, e chegando a presença do Missionário que estava despachando outro branco o intimidou, de que ia buscar a índia; mas vendo que o padre senão intimidava ainda quando com ímpetos de cólera, esteve em pontos de assaltar, antes se foi pôr ao pé dele desenganando-o resoluto de que a não havia de levar, finalmente caindo em si amainou, e pedio perdão do intento que tivera de o matar, e se retirou, de que o outro secular, que estava temendo algum fim funesto, não cessava depois de ponderar ao padre o grande perigo, em que estivera, porque conhecia aquele homem, e que era mais fera que homem[.] Conheci a ambos os Missionários e bastam estes dous casos, para fazer conceito dos mais. Vamos às leis:

1ª ordenava que secular nenhum podesse ir às aldeias, ou missões buscar índios sem especial licença dos governos, e papel assignado a que chamam Portaria, a qual não só devesse ser assignada pelo ou capitão mor do Estado, mas também pelo superior e Missionários, que se achassem nas cidades onde *[roto o manuscrito]* cuja 2ª condição foram abolindo pouco a pouco os governos parecendo-lhes os seus cargos de que necessitassem as suas Portarias da

assignatura do superior das missões, e mais regulares; e que apresentando-os aos Missionários só à sua vista podessem dar-lhe os índios pedidos; e que na entrega deles passassem ao superior ũa certidão dos índios, que levavam com a sua assignatura; para que ao depois faltando, se podessem buscar pelo seu procurador, e sendo necessário ainda com braço secular pelos brancos, que os tivessem levado; mas ainda assim se não remedeam todos os casos; porque os seculares os negam, dizendo que já os reposeram, e como os seus sítios estão tão dispersos, que é necessário despachar canoas com muitos dias de viagem para lhes ir dar vestoria, e muitos outros incovenientes, se esfriam os procuradores de índios de semelhantes requerimentos* [.]

Basta dizer, que só de ũa missão das mais vizinhas a cidade do Pará, e tem além da obrigação geral de em dar índios, outro barbicacho peior de também dar índias para leiteiras, e amas dos filhos dos brancos, e para desfazerem as suas roças, e fazerem a farinha de pao a requerimento de qualquer morador; faltavam, e se subnegavam 80 índias, que lá escondiam os brancos pelos seus sítios no ano de 50, e tantos. É digno de saber-se o caso, que socedeu a um cidadão com um destes furtos de índios. Desceo um Missionário à cidade, e levava consigo um menino catequista, com quem se acompanham os Missionários, e depois de alguns dias desapareceo o minino, fez o Missionário todas as diligências, que pôde para o descobrir, tudo debalde, e já se cuidava na disculpa que havia de dar a seus pais; passados tempos se vio o menino na casa de um cidadão, que o tinha escondido por pessoa, que logo o foi noticiar ao procurador das missões, e este ao governo, o qual depois de bem informado o mandou prender, e que da prisão não sairia, enquanto não entregasse o índio furtado: o qual fiado, em que o tinha muito oculto o negou, e se deixou prender, depois de alguns dias fez requerimento de livramento por se achar preso sem culpa etc. e foi o despacho, que se lhe deitassem grilhões: Ao 2º requerimento, teve por despacho que se lhe acrecentassem cadeias, e finalmente a cada requerimento que fazia, se lhe mandavam augmentar os ferros, té que desesperado de poder fazer a sua, tomando melhor acordo, confessou, e descobrio o lugar, em que tinha escondido o minino, e se foi buscar.

2ª que os índios das missões não podessem mudar domicílio sem licença competente, e que convocassem às suas povoações, os que sem licença se ausentassem; atendendo nesta lei à conservação das missões, e a obviar as desculpas, que davam os seculares, de que os tinham por sua vontade nos sítios etc. e mandando tirar-lhos ou por força, ou por vontade. 3º Que quando os seculares os casassem sem as devidas licenças com as suas escravas, como faziam para mais os segurar, e prender no seu serviço, perdessem em pena não só os índios, mas também as escravas, que os acompanhassem para as suas missões ficando libertas. E quem diria, que com tantas, e tão piadosas leis, ainda houvesse desmanchos, e tran[s]gressões? O certo é que as há; posto que não com tanto desaforo como antes; e para todas tem nos sítios solitários, e nos matos carta de seguro. Tem tran[s]gressões a 1ª da repartição, porque*

Não se contentando os brancos com os índios voluntários, porque *velint, nolint* eles os querem e hão de levar, e quando não os possam haver por bem, os hão de levar por mal fazendo-lhes esperas nos rios, ou assaltando-os

---

* Termina assim o parágrafo.

nos sítios os levam obrigados, e as vezes amarrados. Lembra-me o que me socedeu em ũa missão. Chegou um branco com ũa Portaria para índios a tempo, que já a maior parte dos índios andava fora; contudo fiz diligência pelo despachar à sua vontade, porém por mais diligência que fiz não achei índio algum que quisesse ir, de alguns poucos, que havia na missão: instava o homem, respondia-lhe com a diligência que ele mesmo via fazer; mas como senão satisfazia com isso, lhe dei licença para que fosse pela povoação practicar algum, e que eu de boa vontade lho concedia: foi ele mesmo ũas mais vezes pelas casas dos índios, mas debalde, porque nenhum queria: Não sossegava o homem, antes já despropositado, e com demasiada liberdade, se pôs em franquia, afirmando-me, que dali não sairia sem levar os índios ou por força, ou por vontade, e que quando não podesse doutra sorte iria esperar os pescadores, e os levaria: Enfim vi-me obrigado a dar-lhe o meu cozinheiro para o sossegar, de quem fiquei privado.

Pois quando chegam militares a buscar índios? então é que se fazem as maiores insolências, uns cercando de súbito as igrejas, quando o povo está na missa, e assim que vão saindo, vão amarrando a quantos querem, a outros assaltando-os nos sítios; outros prendendo o cacique enquanto lhes não dá os índios, e tudo e mais querem; e não dão, nem querem dar tempo, a que se busquem, e preparem, sendo como se fossem reses, querem logo logo lhos ponham ali. Muitos desaforos observei destes no meu tempo, só direi alguns, dos que a mim mesmo me socederam. Ũa vez partia eu para outra missão vizinha por occasião de assistir; e ajudar os devotos ofícios da Semana Santa: Apenas tinha atravessada a outra banda, ũa grande baía, quando me vejo assaltado de um militar, que trazendo uns índios cansados do serviço real, *[roto o manuscrito]* queria outros em seu lugar: respondi-lhe, que chegasse a missão, onde o cacique logo lhos daria em minha ausência; respondeu-me, que era escusado ir a aldeia, quando da minha canoa, e dos meus remeiros eu mesmo lhos podia dar; satisfiz-lhe dizendo-lhe, que os meus remeiros tinham tão bem chegado de pouco do serviço real, e que não podiam voltar tão depressa deixando as suas famílias sem sementeiras, que deviam fazer primeiro, e outras rezões bastantes ao convencer, e persuadir; mas não dando por nenhũa, me protestou, que se eu lhes não dava, ele os tomaria; foi-me necessária muita retórica, para o amainar, o que fez dizendo, que cedia por ter de passar acima a outras missões a buscar outros, que senão fosse isso, não passaria dali.

Mais comedido foi outro, o qual chegando, apenas ia sobindo a escada da residência, e já me ia intimando o seu empenho que era de levar um bom número de índios daquela missão, e que lhes havia de pôr promptos té a manhãa do dia seguinte sob pena de o sustentar na missão, enquanto o não despachasse: depois de o comprimentar lhe respondi, que faria diligência para o despachar muito à medida do seu desejo, o mais depressa, que pudesse; e como era missão populosa, pela manhã lhe presentei promptos os índios; mas ele, que nem tinha pressa, nem esperava tão depressa o bom despacho, querendo tratar de seus negócios por alguns dias pela povoação, se deteve quanto quis, sostentando em todo o tempo a ele, e seus soldados; mas não foi isso o mais custoso, mas sim por não se querer contentar com quaesquer índios, rejeitando a uns por muito moços, e outros por magros, e ficou mais tempo a fazer-lhe todas as vontades chegando a confessar, e exclamar um sacerdote

que eu então tinha por hóspede com outros dous seculares. Ora só um padre da Companhia pode ter paciência para sofrer tantas, e taes impertinências! e que diriam se vissem o que socedia por outras missões?

E com tudo, muitos não se contentando com os índios, que pediam, e lhes davam, se encontravam pelo caminho alguns outros ainda que os pescadores, ou oficiaes públicos das missões; ou alguns sítios deles também os pegavam, e levavam; e os que mais estropolias destas fazem mais áfricas tem para se gabarem uns com outros nas suas prácticas. A 2ª Lei de que só entre em repartição a 3ª Parte dos índios, também não tem ordinariamente observância; tanto que nos últimos anos, em que os regulares administrávamos as missões, não só a 3ª parte, mas se obrigavam a ir ao Serviço Real, e dos brancos todos os índios, e muitas vezes por não chegarem, se obrigavam a ir os mesmos, que de poucos dias tinham chegado; chegando a tanto excesso os militares, que chegaram por vezes nas missões a amarrar, e obrigar as índias a irem remando nas suas canoas, por já não acharem *[ilegivel]* Outras vezes pegavam sem distinção nos índios, que viam, sem atenderam a que eram privilegiados como catequistas, sacristães, oficiaes, e quem queríam; protestando alguns, quando partiam, que não tornariam mais a suas missões, visto que apenas chegavam de um serviço, logo os mandavam para outro, em um contínuo desassossego, sem terem tempo nem para descansarem; e não só é desassossego para os pobres índios, mas também para os Missionários, e para as famílias dos mesmos índios, que não tinham quem lhes fizesse suas, e buscasse de comer. Cujas misérias todas caíam sobre os Missionários.

Por isso um Missionário de outra religião, não estando para aturar semelhantes desordens, em pouco menos de um mês, largou a missão; e se foi meter no Convento dizendo, que ele não era Missionário de índios para os trazer em um retorteiro com total desassossego seu, e deles, mas só para os doutrinar, dirigir, e atender pelo seu bem; e como as ordens para dar índios eram tantas, que excediam os dias; porque havia dia de duas, a 3 ordens, o traziam a ele, e a eles em um total desassossego, e sem a paz interior que dizia ter como religioso, que a ia buscar ao seu convento escolhendo antes os cárceres, e mais penitências que lhes receitassem os seus superiores. Estas, e muitas outras desordens, para cuja narração seriam necessárias inteiras livrarias, socedem por falta dos barcos públicos, que acima dissemos. Por último nesta matéria contarei o embuste de um militar, a vista do qual se faça conceito, do que faziam.

Como nos anos últimos dos regulares nas missões andam os índios mansos em um setor já nem Portarias se davam para se irem buscar; só ũa licença geral a todos os militares que navegavam para cima, e para baixo o Rio Amazonas, que podessem chegar as missões, e povoações dos índios prover-se dos índios, que julgassem necessários para completa esquipação das suas canoas; com tão ampla licença chegavam; e se lhe bastavam 6 pediam, e levavam 12; se bastavam 10 pediam 20; etc. com uns proviam as canoas, com outros proviam outras embarcações, que mandavam a seus negócios particulares, o que suposto, vamos ao caso. Aportou um militar em ũa missão, e pedio um bom número de índios para serviço real, que era a boa capa com que encobriam todas as suas ousadias; como pôde, o despachou o bom Missionário, e lhe deu os indios que pedia e com os quaes se partio; mui brevemente voltou a pedir outros tantos dizendo que os primeiros lhe tinham

fogido; já o Missionário sabia, que ele os tinha levado ao seu oficial maior, ou Capitão para o seu serviço; e com esta notícia lhos negou, e desenganou, que sem Portaria, ou ordem escripta de quem tocava, lhos não havia de dar.

Podia o bom soldado fazer, o que outros faziam, que era ir pelas casas dos índios, roças, e sítios apanhar apanhar quantos quisesse, e apanhasse, porque pasmam os índios à vista de qualquer militar, porém, ou por não lhe occorrer, ou por não se querer demorar, respondeo ao Missionário que ele ia buscar ũa ampla Portaria, que traria, e tinha na sua barca, para onde logo partio: e se pôs a campo *[roto o original]* escrevê-la muito à sua vontade, e voltando muito ufano ao Missionário (o qual aqui tãobẽ se acha preso) lha apresentou, e abonando-se, de que ele não pedio índios segundo a sua vontade, mas para o serviço real; etc. etc. vio, leu, e reparou o Missionário na diversidade da letra, na assignatura, e em muitas outras cousas, que todas provavam o fingimento, e como descreveo à sua vontade, dezia a fingida Portaria, que necessitando de remeiros para a sua canoa, aportasse nas missões, e que a vista dela os pedisse aos Missionários e que quando estes lhos não dessem promptamente os podesse apanhar, e levar por força; e que não os achando pegasse nas índias, e com os seus remos as fizessem remar as canoas: Porém o bom do soldado não advertindo na data claramente se deu a conhecer de falso; porque além dos mais reparos do padre ultimamente advertio que a data devendo ser alguns tempos antes, conforme a demora que vinha fazendo; não só era daquele mês, mas dos dias adiantados dele; porque sendo só 3 do mês de *[roto o manuscrito]*, cuja incoerência estranhada, como devia ser; se apartou o soldado blasfemando contra o Missionário, mas indo a outras aldeias, onde se não conheceo o imbuste, foi bem despachado à moda do seu desejo. Pobres índios que nas suas mesmas terras são tão perseguidos dos estranhos!

É bem verdade, que os Missionários deram muita causa a serem assim tão desassossegados nesta trabalhosíssima destribuição dos índios; porque, depois que os governos tiraram a obrigação que havia de que as Portarias, e ordens que mandavam às missões, fossem assignadas pelos superiores das missões, e Missionários que estivessem presentes, e por outra parte não podiam obrigar com ordens aos ditos Missionários, que só tinham obrigação de lhes dar comprimento, mediante a assignatura do seu superior, dirigiam as ordens, e Portarias aos caciques com esta fórmula: O Principal de tal aldeia, mostrando esta ao seu Missionário dará tantos índios etc. O intento é certo, que era obrigar os Missionários e a eles diretamente se mandavam entregar, e segundo a sua execução, sem fazer caso do Principal; porque bem sabem, que os Principaes ordinariamente não são obedecidos, e por isso lhes não pode dar comprimento, mas podiam os Missionários eximir-se muito bem daquele grande ônus com o pretexto, de que as Portarias senão derigiam a eles; porém por evitarem bulhas, e contendas, e por evitar outros damnos, se tomaram a si o ônus da repartição, que era o maior que tinham nas missões portuguesas do Amazonas té delas serem expulsos, como foram no ano de 57, e desde então tégora não sei mais do novo regimento das missões, e só tive notícia no seguinte ano de 58, de que algũas missões inteiras tinham fogido para os matos; outras partes; e outras acabando-se. Este era o regimento das missões portuguesas que estavam destribuídas em carmelitas, mercenários, capuchinhos, e jesuítas, Seguia-se agora o dar no-

tícia do regimento das missões espanholas do mesmo rio; porém como falamos na repartição dos índios aos brancos para as colheitas do sertão; antes de passarmos às missões espanholas vejamos primeiro a viagem das canoas ao sertão.

CAPÍTULO 7º

VIAGEM DOS SERTANEJOS PARA AS COLHEITAS DO SERTÃO.

Suposta a notícia da repartição de índios aos moradores brancos, que só é para fazer a navegação acima do Amazonas, e para as colheitas dos preciosos haveres do sertão, e suas ricas matas; e que para entrarem na dita repartição lhes é necessário Portaria dos governos, e oturas condições, como são o presentarem folha corrida como lá se explicam, de que não tem crime, que os impeça, posto que esta condição está já tão abolida, que antes os criminosos no sertão, e matas para onde fogem, acham o seu asilo, e refúgio; todos, e quaesquer moradores que querem excepto os militares, posto que já tãobẽ esses não só ocultamente como antes faziam mas também já publicamente com Portarias etc. se preparam para ũa comprida viagem de 6 té 8 meses e*

Fazem nas frotas provimento de algũas bretanhas, e outras drogas, chapéos, ou carapuças etc. Fazem também provimento de panos da terra, que ordinariamente são panos de algodão grosso; de ferramentas, farinhas, águas ardentes e muitas outras miudezas, té chegar o tempo, que ordinariamente é em novembro, excepto, os que também querem de fazer feitorias de manteigas de tartaruga, porque esses já partem em setembro ou de *[roto o original]* por diante; chegando pois o tempo, e feito o provimento, entram no requerimento da Portaria, e licença, que ordinariamente se lhes concede, e depois dela preparam a canoa, em que hão de sobir, ou se a não tem suficiente, a compram, ou alugam por bom dinheiro; mas ainda que a tenham própria como ordinariamente tem, sempre os gastos lhe sobem para cima de 300$000; rezão, porque nem todos podem ir, por não poderem com tantos gastos.

Aviados já de tudo, o maior trabalho é o ajuntar os índios por tão dispersas aldeias, porque não lhes concedem todos em ũa só missão, mas em diversas, 1, ou 2, em cada uma, e por isso primeiro que os cheguem a ajuntar, e esquipar de todas as suas canoas é trabalho: usam porém de indústrias como é irem, ou mandarem algũa ligeira canoinha às missões mais vizinhas, e delas junto das suas Portarias ajuntarem os índios, que se lhes

* Assim termina o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

determinam; e também nesta viagem fazem nas mesmas missões algũas compras de farinha, e outros víveres, que os índios vendem baratíssimo, com estes índios, ajudados com as marés, e ventos, já pouco a pouco vão levando as canoas té as missões, donde vão ajuntando os mais, em que às vezes não chegam a ajuntar todas em uma pela grande longitude das missões. Outros as provêm com os seus mesmos escravos té ajuntarem pelas aldeias mais vizinhas índios, que possam levar as canoas, e de lá tornam a mandar para os seus sítios os escravos, e partem com os índios; e pouco a pouco se são inteirando-os mais pelas missões mais distantes.

O modo que usam para tirarem os índios é assim: chegados a qualquer missão, se vão logo presentar ao Missionário, e lhe presentam a Portaria, que levam, e em que se lhes mandam dar tantos índios, para o Missionário, e logo pelo cacique, ou algum outro oficial público manda chamar os índios, que há mais capazes, e expeditos; e posto que na repartição entram já os meninos de 13 anos para cima, ordinariamente ninguém os quer, senão de 20 para cima: No entretanto, que se convocam, que as vezes necessita de dias, para os irem buscar pelos sítios, se aproveitam os brancos de comprar pela povoação algũas farinhas porque ordinariamente nunca delas levam da cidade ou dos seus sítios todo o provimento que costuma ser de 200 para 300 alqueires nestas viagens. Chegados os índios, e ouvidos se tem algum impedimento, e por isso nomeados outros etc. os entrega ao branco, o qual logo passa deles um recibo, que assigna.

Logo manda vir o pagamento, que costuma ser (té *[roto o original]* tempo) duas varas de pano grosso de algodão taxado pelos magistrados por cada mês de serviço; e quando o serviço é como este de remar nas canoas, ainda por pagamento de cada dia, seria mui pouco: nestas viagens do sertão o pagamento que ordinariamente costumam dar a cada índio por toda a viagem, que ordinariamente é de 6 té 8 meses são 12 varas de pano grosso de algodão; 2 té 2, e meia, ou 3 varas de bretanha para camisa; uns calções de baeta, ou algũa outra droga, um barrete, um prato de sal, com 6, agulhas em cima, e nada mais, antes as vezes de menos; excepto aos pilotos, a que chamam jacumaíbas, a quem costumam dar mais 3 varas de pano grosso, e um corte de ruão para saia de sua mulher; e é todo o pagamento de tantos meses com trabalho insano, e grandes perigos de vida. Os Missionários ordinariamente dão mais aos seus 25 índios; porque dão a todos mais pano, dão chapéos, e outras miudezas, além muitas águas ardentes, e ũa piquena botica para curar os enfermos etc.

Pegam os índios no pagamento, e cortando algũas varas de pano para si como tãobẽ o chapéo, ou barrete, ou o que lhe parece, o mais entregam a suas mulheres, e família; e logo pegando no seu trem, que é o remo, arco, e frechas, maquira para dormirem, quando nos matos a poderem armar, um balaio com algũa camisa, e calções, um novelo de linhas, e agulha, e um cabacinho de jaquitaia, ou malagueta moída, cujo enxoval todo, excepto o remo, arco, e frechas, costumam levar-lhes as mulheres à canoa, se vão meter nela; e logo os brancos, que já o estão esperando, se põem em viagem: e desta mesma sorte fazem pelas mais missões, que lhes vão ficando no caminho té os ajuntarem todos *v. g.* 40, ou 50 ou mais, que leva cada canoa, excepto as dos Missionários que só levam 25, como dissemos, e ainda esses lhes desejam tirar os brancos.

Para tão dilatada viagem não levam mais provimento, ou matalotagem, do que a farinha de pao, e sal; porque o conducto esperam ter de graça pelas

estalagens, que a Divina Providência lhes tem preparadas pela viagem; embora que andem não só semanas inteiras, mas inteiros meses sem beberem mais, que a água por onde navegam, e dilatadas matas pelas margens sem encontrarem sítio, ou povoação alguma, acham promptas, e preparadas estalagens por todas essas solidões, regalia tão grande, que facilmente senão acharam semelhante em outras algũas regiões. São pois estas estalagens, ou casas de pasto todas, e quaesquer paragens onde aportam as canoas ou para esperar maré, ou para fogirem a trevoadas, ou para comerem, e descansarem os remeiros; Mas ordinariamente tem já paragens certas, onde aportam, e que chamam esperas, por rezão de nelas como em algũas esperarem as marés, ou boa conjunção de ventos; ou boa tranquilidade nas ondas para se meterem a algũa travessia de baías perigosas; e por isso fazem muito por sempre chegarem as ditas esperas onde se detém mais, ou menos tempo conforme a boa occasião que esperam.

Chegada pois a canoa, ou canoas a espera, a estalagem, ou estância a encostam, e prendem em algũa árvore, ou prendem a algum canto, que metem, e encravam na água e como costumam ser enseadas abrigadas dos ventos, e do mesmo arvoredo, a que as canoas estão chegadas, estão seguras, e sem susto: logo saltam a água os remeiros a brenharem-se, e refrescarem depois pegam nos seus arcos, e frechas, e saltam na terra a buscar víveres; ficando unicamente que vai por cabo na canoa, e se quer manda também ficar algum piloto, ou índio, para lhe dar fogo ao cachimbo, e para lhe ir cozinhando o comer, ou preparando a cozinha, ou fogão. Depois de algũa piquena demora se recolhem, ou voltam os índios cada um com a sua caçada, ou pescaria, a que chamam embiara; um traz um macaco, outro, um javali, aquele com algũas aves; outro com ũa cambada de peixe, a que chamam peixe do mato, e vive em lagos, que há pelos matos, e cada um traz a sua colheita, ainda que as canoas, e remeiros sejam muitos e tudo matam com as suas frechas, ainda o mesmo peixe.

Recolhidos pois vão acomodar as suas armas nos seus lugares, e logo vão apresentar ao branco, ou seja Missionário as suas embiaras, como oferecendo-lhe algũa parte deles, e escolhendo, o que querem, tornam os índios a saltar em terra, e ali na mesma margem fazem fogueiras, cozinham as suas embiaras, que ordinariamente são assadas, que comem com a farinha de pao, e com o seu costumado molho de jequitaia se banqueteam, e depois bebem do rio, ou das belas fontes, que ordinariamente tem nestas paragens; e se algum piloto, ou remeiro, ou doente ficou na cama com caridade repartem com ele; e o resto se o há, guardam para a cea, e para o almoço do outro dia, porque só no outro dia quase as mesmas horas, terão outra espera, ou estalagem: excepto quando os cabos vão com pressa; porque então *[roto o original]* rara nas esperas, e ainda que então costumam levar algum provimento de conducto, o ordinário é passarem os índios rigorosas fomes, comendo algũa pouca farinha com água, a que chamam tiquara; e para disfarçarem a fome atam a barriga com um cipó: mas não levando pressas ordinariamente vão correndo as estações por estas estalagens.

Refeitos já, e banqueteados se lançam outra vez a água a banhar-se; e depois armam em terra as suas maquiras, ou se deitam a lastro nas canoas, e dormem té a occasião de maré, ou de boa conjunção, tempo em que os desperta o arraes, a cujo aviso acodem todos; e cada um vai buscar o seu lugar, onde pegando nos remos só os tornam a largar, e a descansar depois de 24 horas na seguinte estalagem; e quando já lhe cansam os braços, ou

algum deita o remo atravessado para o que lhe fica defronte no outro bordo, que é signal, de que se quer mudar do outro lado, e vendo isto o fronteiro atravessa também para ele o seu remo, levantam-se então ambos, e trocam os lugares, té tornarem a cansar, e deste modo se vão revezando uns, e outros.

Para se animarem em tão laborioso exercício vão variando vários modos de remar segundo o compasso, que lhes vai dando um dos proeiros, cuja variedade não só os anima a eles, mas também deleita, e diverte os passageiros, Missionários brancos, e cabos de canoas; porque ainda que os remeiros sejam muitos *v. g.* 40, 20 por cada bordo, ao signal do compasso todos os metem, puxam, e tiram da água ao mesmo tempo como se fosse um só remo, e juntamente ao golpe dos remos vão dando urros, e fazendo gritarias, taes, que por elas se sentem muito ao longe estas canoas: assim que vão aquecendo, e suando tiram, e despem as camisas, e as metem debaixo dos assentos, como também os calções; e assim nus vão sofrendo já os raios do sol, que parecem fogo, e já as chuvas e peior que tudo as molestíssimas pragas dos mosquitos, que pousam, e picam à sua vontade.

Por causa deste tão duro trabalho pouco divertida é esta navegação aos pobres índios, excepto quando tem bons ventos; porque então levantando as velas, pouco remam, e mais se divertem; não assim os brancos, e passageiros, porque sem mais cuidados do que comer, cachimbar, e dormir, se vão divertindo por aquelas imensas águas do Amazonas admirando quanto se pode estender a vista as delatadas matas das suas margens sempre verdes; já vistosas praias passeadas de tartarugas, jacareaes, e grandes bandos de pássaros de várias castas; pela banda do Norte vão contemplando as bem dispostas, e grandes serranias, que lá chamam as Serras do Pará, que parecem taboleiros bem compassados, e se vão seguindo uns a outros; e nas suas baixas, ou divisões vomitando caudalosos rios; e já gozando-se se encostam as margens da música bem compassada dos macacos guaribas, chamados por ela coristas, e com muitas outras coriosidades, que fazem a viagem mui divertida; aportando, além das ordinárias, e já ditas estações, nas fortalezas, onde os brancos apresentam as suas licenças; e quando as não levam, se escondem, ou passam de noute para não serem empedidos dos comandantes, té chegarem às dilatadas praias, que lá chamam do Ceracá, onde aportam, depois já de 20 dias, ou um mês de viagem.

Nestas praias, de que demos notícia na "1ª Parte", e das muitas tartarugas, que nelas saem a desovar, fazem estas canoas a primeira feitoria de manteigas, conforme a providência, que levam de vasilhas preparadas, qual 200 potes, qual 600, qual 1000, ou mais, ou menos; e muitos não se cansam com levarem potes para elas, ou outras vasilhas; mas lá mesmo fazem cubas, a que chamam cochos, de troncos de pao cavados por dentro, e os enchem de manteigas de tartaruga, cuja feitoria já dissemos em outro lugar; e é mui divertida, e farta para brancos, e índios; porque também comem dos ovos a fartar cozinhados à vontade de cada um; banqueteam-se com as tartarugas piqueninas, que vão saindo dos ovos, e recolhendo-se às águas, as quaes assadas são uns torresmos sem enveja dos do porco; regalam, se *[ilegível]* que acodem em bandos aquelas praias acabar-se nas ditas tartarugas piqueninas; e finalmente levando, ou deixando no mato as manteigas, té a torna viagem; fazem um grande provimento de tartarugas grandes para dali para cima irem comendo; e tãobẽ na 2ª e principal feitoria.

Já mais contentes por mais fartos os índios, saltam nas canoas levam âncora, levantam vela, empunham os remos, e continuam a viagem ũas canoas em demanda do cacao, outras de salsa, outras de cravo, conforme cada branco leva já o intento. O cacao buscam ordinariamente nas matas do grande Rio Madeira, ou em qualquer outro dos muitos, que deste rio para cima té o Rio Javari, que são mais de 200 léguas desaguam no Amazonas, onde se chama Rio Solimões; porque todas as suas matas, e margens do Rio Amazonas dali para cima estão cheias de cacuaes por ambas as margens, de que se aproveitam os portugueses; e dali para cima perdem com bem pesar os espanhóes, por senão poderem aproveitar dele, e das outras muitas riquezas, que tem nas suas matas, por causa da mui dilatada, e custosa condução rio acima, e longetudo dos seus portos; e por isso suspiram per terem comonicação, e comércio com os portugueses, para desagadouro das suas muitas riquezas, proibida por ocultas rezões de Estado. A salsa, e cravo buscam por outras matas.

Aportam finalmente em alguma paragem, de que já tem notícia, e informes; ou em que já tem estado outros anos, e feito feitorias: assim que aportam, escolhem algum lugar, que vem mais apto para formar a feitoria, e nele cortam algum mato, alimpam, e fazem algum bom terreiro; logo levantam esteios, e neles ũa grande palhoça, que cobrem, e tapam a roda com pindoba, e dentro levantam ũa como tarima, a que chamam girao levantado da terra quanto querem, e fazem outro semelhante fora da palhoça: no de dentro recolhem as farinhas e todo o trem, que levam na canoa, e ainda lhes fica lugar para pendurarem as suas camas, fazerem fogueiras, e passearem: o de fora é para secarem as colheitas, que forem fazendo: entretanto já andam alguns caçadores, e pescadores buscando o sustento na caça, e peixe do mato, enquanto não fazem canoinhas, para pescarem nos rios, e outras para buscarem diversas paragens a descobrir negócio, do que buscam, *v. g.* cacuaes mais extensos, e mais bem carregados, e como para tudo levam instromentos; e tem madeira a escolher, em poucos dias fazem tudo; e alguns brancos já tem prevenidas estas canoinhas do ano, ou anos antecedentes, que deixam guardadas no mato com melhor providência, do que outros, que acabada a feitoria, as quebram.

Além dos jiraos supra fazem de pindoba tupés, que são ũas grandes esteiras, em que sobre os jiraos hão de deitar ao sol o cacao, e mais fructos, que forem colhendo; tudo fazem com muita brevidade, porque todos os índios são oficiaes destas manobras, e como são muitos, dão muito aviamento, uns cortando, e levantando esteios; outros buscando cipós; aqueles trazendo pindoba, estes cobrindo com ela a palhoça: outros fazendo as canoinhas, e finalmente cada um trabalha no que pode. Acabadas todas estas tarefas, e expeditos os índios; os reparte o Piloto Jacumaíba, uns para pescadores do branco, e de alguns índios, que ficam na feitoria; outros mandam a descobrir mato por terra divididos estes para a direita, aqueles para a esquerda: outros em ũa canoinha, outros em outras: eles levam as suas armas arco, e frechas, e farinhas, que às vezes dias, e semanas por lá andam dispersos; e só voltam a feitoria com as canoinhas bem carregadas de cacao, ou do que buscam; e da mesma sorte os que foram por terra; ou com a notícia de que não descobrem carga, como socedem muitas vezes especialmente aos que buscam cacao por ser árvore aneira, que alguns anos carrega, outros não dá.

Fica só na feitoria o branco cabo da canoa, com algum índio, ou piloto, e algum rapaz para seu cozinheiro, e para lhe chegar o fogo ao cachimbo, além dos pescadores, e caçadores, e como a demora há de ser de muitos meses, se ocupam em semear milhos, legumes, e outras *[roto o original]* praias, que na vazante vão ficando descubertas, com que se regalam, e criam muitas galinhas, e aves domésticas, sem mais cuidados, do que comer, dormir, cachimbar, e ir recebendo, o que os índios vão trazendo; e quando algum senão mostra diligente o manda surrar com bons açoutes; além dos perigos grandes em que andam per aquelas matas de serem assaltados de feras, mordidos de cobras, e expostos a serem invadidos de índios bravos, que os matam, e comem padecendo rigorosas fomes, cruéis sedes, desacomodadas noutes, e contínuos sustos no centro dos matos.

Como já dissemos, quando partem estas canoas as colheitas do sertão, já vão determinadas a algũa carga principal, *v. g.* cravo, ou salsa, ou cacao; e destes haveres fazem o principal negócio, mas depois de segurarem esta principal carga, também se aproveitam do bálsamo de copaíba, da bainilhas; de grandes pescarias de peixe boi; e de muitos outros haveres, que há, e encontram pelos matos. Contudo se não acham a grande, e principal carga, já se não tem por bem socedidos por mais que façam, ou achem de outros haveres; E ordinariamente não achando aquela, ficam perdidas as canoas, porque não achando *v. g.* o cacao, que buscavam naquelas paragens talvez por não ser ano dele naquele rio, descoberta a falta, se vem obrigados a buscar outro rio, e largar aquela feitoria, e como estas paragens, e rios são tão distantes, gastam o tempo, e muito mais para levantarem as feitorias, com o risco de tão bem ali não achar carga; e como nestas diligências conforme o tempo, e as farinhas, por isso também não fazem colheitas das outras, e se vem obrigados a voltar para baixo com as canoas vazias, e perdidas, e desta sorte ficam quebrados muitos moradores pela grande despesa, que fizeram na preparação das canoas, que ao depois lhes vem vazias, ao mesmo tempo, que outras vem carregadas a mais não poder por acertarem com boas paragens.

Acsando porém boas colheitas na primeira feitoria, e nas matas vizinhas, donde as vão conduzindo uns por terra, outros nas canoinhas, e as vezes em tanta abundância, que sobeja para carga de muitas canoas; depois de já ou não acharem mais, ou não quererem mais, fazem 2ª colheita de bálsamo de cupaíba, e as vezes dão com algũa mata das suas árvores, e acham tanta abundância, que depois de encherem as vasilhas, que para ela tem levado preparadas, e costumam ordinariamente ser potes, enchem também as frasqueiras já então cestas de água ardente, e outros fazem cubos de pao que também enchem. Depois, ou ao mesmo tempo, se ainda tem tempo fazem pescarias, e grandes salgas de peixe boi, de que acham muita abundância em alguns lagos, cujas carnes são de gosto semelhante as de porco; e finalmente se aproveitam de tudo o mais, que acham precioso, té chegar o tempo da torna viagem, que costuma ser do São João por diante té o mês de agosto para chegarem a tempo das frotas, em que hão de embarcar para a Europa o negócio que fizeram, além de só levarem té aquele tempo o provimento de farinhas.

Esta feitoria de cacao é mais lucrosa para os índios, do que as feitorias de cravo, e de salsa, porque alguns ao mesmo tempo que vão colhendo um,

vão comendo outros, e quando o não comam, se aproveitam da massa branca, ou tripas, em que as pevides estão envoltas, e tem um gosto delicioso de agre doce; outros se aproveitam dos seus deliciosos vinhos, destilados da dita massa pondo levantados os cestos de cacao ainda com suas tripas, e debaixo em vasilhas vão aparando o vinho, que deitam: e fora estes regalos, como as matas de cacuaes costumam ser em lugares úmidos e a borda, ou margens dos rios, e lagos, são muito fartos de toda a casta de pescaria, e especialmente de peixes bois, tartarugas e outros deliciosos; e também são fartos de aves, que andam em bandos pelos mesmos lagos, e margens.

Não assim, os que fazem feitorias de cravo, e salsa; porque ambos estes gêneros são de terra firme *[roto o original]* são as suas matas mais metidas para o centro dos matos; onde muitas vezes nem água tem para beberem os pobres índios, e matam a sede com a água, que tiram de alguns cipós, com que se ajudam a levarem a farinha, que há naqueles centros ordinariamente o seu único refúgio, e sustento semanas inteiras, e as vezes meses, e fazem ũa grande festa quando apanham alguns macacos, ou algũa caça, e frutas do mato; além de serem muito mais custosas, e trabalhosas estas feitorias, porque a salsa, como é semelhante nos espinhos, ou peior que a madre silva quer muita cautela para se não espinharem andando, como costumam não só descalços, mas totalmente nus; e por isso usam de forquilhas de pao para desviarem as silvas, e terem comodidade de lhes tirarem as raízes, que são sós as que se aproveitam, mas são fáceis de arrancar, porque se estendem quase à flor da terra; todo o trabalho aborrecido é desviarem-se das hastes, e seus terríveis espinhos; e não terem nada, que neste trabalho comam: vão levando em feixes estas raízes delgadas, e compridas para a feitoria onde as secam, e atam em manípolos.

A feitoria do cravo também é aborrecida dos índios, porque, posto que não tenha espinhos, tem contudo mais trabalho, que as outras; porque só aproveitam a casca da árvore, e para melhor lhe despirem, cortam, e deitam abaixo a árvore, e no chão deitada a vão despindo; por cuja rezão só delas se aproveitam ũa vez na vida; e posto que é das mais rendosas para os brancos esta feitoria, se tem deitado a perder matas de cravo mui extensas, e virá tempo, em que já se não achem com tanto cortar. Esta casca beneficiam de dous modos. 1º e mais suave é encanar a casca como a tiram da árvore sem mais benefício, do que cortá-la toda do mesmo comprimento encaná-la com as mãos, e secá-la; mas não é tão preciosa, como o 2º modo, que é tirada a casca, raspá-la bem por fora té a porem como papel pouco mais, ou menos; a esta chamam taquari ou cravo fino muito estimado, e precioso; A primeira chamam cravo grosso, um, e outro conduzem para a feitoria, onde o secam, e atam em molhos do comprimento de ũa braça, o grosso, o fino mais curto: Não lhe aproveitam a flor, de que só na Índia fazem colheitas.

Estes 3 gêneros são os principaes, a que vão estas canoas, e brancos; não a todos juntamente mas cada uma ao que, quer dos 3; é certo, que alguns buscando um *v. g* cacao se acham de caminho outro *v. g.* cravo, e vem que lhe dá boa carga para as suas canoas se aproveitam da occasião. As canoas, que buscam o cacao nas margens do Rio Madeira ordinariamente sempre são bem socedidas, porque sempre acham carga; e por isso chamam

a este rio o Paiol do Cacao; ou remédio dos pobres; não assim no Rio Solimões, e seus muitos colatraes; porque são os seus cacoaes aneiros, uns anos carregam muito; outros tem pouco; porém ordinariamente vão as canoas para Solimões; e não para o Rio Madeira com ser mais perto, e abundante, por rezão de fogirem os índios Muras bravos, e de corço, que o enfestam, e ordinariamente socedem algũas mortes nas canoas, que lá vão; e por isso fogem de lá.

Alguns brancos por fogirem as contingências, e perigos do mato fazem todo o seu emprego em manteigas de tartarugas, e peixe seco; e posto que então vão mais cedo, abreviam muito a viagem; e seguram melhor o seu negócio; abreviam a viagem, porque se socedem em 2 ou 3 meses; seguram melhor o negócio, porque com menos gastos, é certo o lucro, e mui farta a feitoria. Na boca do Amazonas, e mui perto da cidade do Pará também muitas canoas fazem a sua carga de cacao, de que tem cheias muitas, e grandes ilhas; porém, a maior parte busca o sertão, só com a esperança de outras riquezas, posto que menos principaes; sendo que nas ilhas fazem menos gastos, e abreviam muito a viagem, livram-se de muitos perigos, e em tudo é mais cômoda a viagem; parece que as riquezas do longe são mais apetecidas.

As mais riquezas de bálsamos, baunilhas, paos preciosos, e muitas outras de que abundam aquelas matas como dissemos na "3ª Parte"; como também da flor do cravo; só se aproveitam as que acham de caminho, sendo que ordinariamente são mais preciosas, e estimadas; e a rezão é porque não há delas tão extensas matas, e por isso não tem tão certas as suas colheitas; daqui nace a pouca quantidade, que embarcam das mais preciosidades sendo tantas nas matas do Amazonas; porque ninguém vai a elas determinadamente; mas ainda só colhendo-as de caminho poderiam fazer boas colheitas, se os índios fossem mais fiéis aos seus e lhes dessem parte das matas, que encontram pelo centro de baunilhas, de cupaíba, de puxeri, de casca preciosa, e de outras; mas nada menos fazem; o seu ponto é só colher cacao, se vão a ele; se a salsa só está colhem etc. E se depois da carga principal os não manda o cabo determinadamente a outra cousa eles de si nem a buscam, nem a apanham, ainda que a encontrem em muita abundância pelas matas.

Os Missionários, é que podiam aproveitar muitas preciosidades mandando a eles determinadamente, porque as tem ao pé das suas missões uns tem ao pé abundância de paos preciosos; outros quantidade de casca preciosa; outros grandes matas de cupaíbas; outros grande cópia do precioso bálsamo umeri, e outros outras, ou todas estas; porém ordinariamente só se aproveitam do cacao, salsa, ou cravo por fogirem, e evitarem envejas, e murmurações dos seculares. Na "5[ª] Parte" direi a indústria em que se hão de incitar os índios, que de sua natureza são fura matos a extraí-las, e passá-las aos brancos; porque por pouco que colha cada um, como são muitas povoações, haverá de tudo muita abundância, que possam remeter a Europa, onde são mui precisas. Mas já é tempo de vermos a torna viagem das canoas do sertão, que como dissemos é pelo São João, ou té agosto para no Pará se encontrarem com as frotas, em que possam embarcar as suas riquezas; e fazer novos provimentos para as segundas expedições do sertão sendo que as frotas cada vez vão a menos, por ser cada vez menor a carga.

CAPÍTULO 8º

DA TORNA VIAGEM DAS CANOAS DO SERTÃO.

Prescindindo agora das canoas, que por não acharem carga vem perdidas no negócio, cujos brancos, e cabos voltam mais tristes, do que sobiram; é para as mais canoas esta torna viagem muito alegre para os cabos, e para os índios; 1º porque é navegação muito suave por decerem com as águas, e correnteza, a qual só basta para trazer as canoas, sem a precisão dos remos, posto que também ajudam, mas sem cansarem, e quebrarem os braços; basta só cuidado nos pilotos para endereitarem o leme, e desviarem os galeões dos baixos, dos passos perigosos, e de algum encontro nos grandes madeiros, que vem trazendo as águas. 2º porque já se vão avizinhando as suas povoações, e famílias, com quem querem matar saudades, e descansar de tão penoso trabalho na prolongada demora de 7, ou 8 meses. 3º porque a torna viagem costuma ser mais farta de víveres, porque além das colheitas, se tem lugar nos barcos fazem também boas carregações de tartarugas, que vem comendo; e se os cabos são demasiadamente ambiciosos, e lhas não querem conceder para as venderem, e só lhes dão algũas, que vão morrendo, usam eles de indústria chegando tabaco, ou fumo do cachimbo aos narizes, com que logo morrem, e eles comem a fartar.

Tão bem trazem bom sustento, e matalutagem nos peixes secos se os cabos não são mesquinhos em lhos repartirem; como também em salmouras, linguiças feitas de peixe boi, ou de tartarugas; quantidade de legumes, dos que os brancos mandam cultivar nas feitorias, e muitas outras cousas, que trazem, e fazem a torna viagem farta, sem lhes ser necessário vir aportando nas estalhagens, que acima dissemos; sendo porém avarentos os cabos, e não lhes querendo repartir estes víveres não lhe mandam aportar nas estações costumadas; mas alguns mandam adiante alguns índios em algumas das canoetas, que fazem nas feitorias, os quaes nas estações tem preparada a vianda para a marinhagem do Galeão quando a elas chega: nem fazem falta na canoa grande, porque pela ajuda da correnteza, não necessita de muitos remeiros.

Chegando às praias do Carajá, recolhem as manteigas de tartarugas, que lá fizeram e deixaram na ida para cima; e muitos se tornam a prover ali de outras tartarugas, se tem comodidade para as embarcarem. Quando chegam a Fortaleza de Pauxis são obrigados a aportar, e irem os brancos tomar o beneplácito do seu comandante; como também fazem na ida para cima, não tinham antes esta obrigação de aportarem, e darem conta de si os navegantes, mais do que na Fortaleza do Gurupê; mas lhe imposeram os governos a requerimento dos seus cabos, dizendo, de que serviam nas fortalezas, se os navegantes lá não haviam de aportar? Como se as fortalezas fossem para os naturaes, e vassalos, e não para impedirem os inimigos, e estranhos: Mas o certo é, que desde então ficou esta obrigação aos passageiros nesta e outras fortalezas, e às vezes os seus comandantes lhes pregam peças tirando-lhes, e obrigando os índios a algum serviço como de alimpar a fortaleza, e suas praças da erva, ou outras semelhantes com demora das canoas.

Chegando à foz do Rio Topajós, tão bem fazem 2ª apresentação, e demora na sua fortaleza, a que também tem agora obrigação de aportar, que antes não tinham; passada ela, e depois de muitos dias de viagem chegam a boca do Rio Xingu; e também aqui tem outra fortaleza, e é a principal do grande Rio Amazonas na margem do Sul; e nesta é que antigamente só tinham obrigação de aportar os navegantes apresentando as suas licenças, e passaporte assim na subida, como na decida, a qual se lhes impôs pela rezão dos muitos distúrbios, que faziam os brancos pelos sertões, apanhando, amarrando, e carregando as canoas de índios bravos, que faziam escravos, e por taes os vendiam e como não bastavam outras muitas cautelas, que havia, para evitar tantas desordens, se impôs esta obrigação a todos os navegantes do Rio Amazonas, para que apresentando na subida a sua licença, e registado o número de índios, e remeiros, que levam; mostrem na decida mesmo número; e trazendo demais alguns outros do mato contra as ordens reaes; não só se lhes tiravam, mas com pena se lhes confiscavam as canoas, e toda a sua carga para o fisco real; È bem verdade, que esta providência foi de muita piedade para os pobres índios; porém pouco aproveitou, por quanto, como o rio é tão largo, que nesta paragem terá 3 para 7 légoas de largura, podem os navegantes muito bem passar para cima, e para baixo sem serem impedidos da fortaleza encostados a outra banda, muito mais passando de noute; e desta sorte se tem passado muitíssimos índios às porta delas, e vendidos por escravos: porém a obrigação sempre foi boa, e posto que para evitar de ũa vez o mao estado, em que viviam os brancos com estes injustos cativeiros, foi servido Sua Majestade dar por livres todos os índios escravos, e proibir para o futuro as suas escravidões, sempre contudo ficou perseverando a dita obrigação aos navegantes, e eles também pagam o passaporte aos seus comandantes, que antigamente eram capitães mores com Patente Real.

Passada esta fortaleza chamada Gurupê pouco mais abaixo entram no Estreito do Tijupuru, que é a boca menor do Amazonas, e por ela, e muitas baías, que se vão seguindo, já perto do Pará busca canoa o seu sítio; ou muitos outros primeiro, pelos quaes vão vendendo já os víveres, que trazem, e por estes sítios tem logo todo o gasto para sustento das escravaturas, e gente de serviço; e depois busca cada ũa o seu próprio sítio, ou a cidade, se já nos seus portos estão as frotas, onde transportam para a Europa os seus productos, e descansam de tão prolongada viagem, té chegar o tempo da futura, para a qual já na frota presente fazem alguns provimentos.

Resta agora dizer, quaes são ordinariamente os brancos, e cabos destas canoas; poucos são os cidadãos, que subam por cabos nas suas canoas ao sertão; A maior parte manda homens expeditos, e já experimentados por cabos das suas canoas, aos quaes chamam sertanejos, e vivem alguns anos neste ofício té engrossarem em cabedaes, com que possam menear outro modo de vida: semelhantes cabos são, os que também mandam nas suas canoas os Missionários com os 25 índios, que a Majestade lhes dá para este efeito; não se fiando nos índios, porque como são muito tímidos não são capazes de defenderem as canoas de algum assalto, que podem ter de outros brancos; e porque costumam ser irresolutos para obrigarem a marinhagem dos mais índios a trabalhar, sem terem algum branco, que os anime. Bem que na companhia dos brancos cabos são uns leões os pilotos, e por eles se governam os mesmos brancos para serem bem socedidos.

E tem já introduzido o costume o pagarem-se estes cabos com os quintos de todo o producto, ou carga que traz a canoa, *v. g.*, se traz 2000 arrobas

de cacao lhe pertence, a eles 400 arrobas. Se 500 arrobas de peixe seco, toma para si 100, e assim se vão quintando de tudo, o que traz a canoa, e fizeram os índios; saindo no fim da viagem com mil, ou perto de mil cruzados, se o producto da canoa importa em 5; com a circunstância, de que todo este lucro terão puro, e limpo; porque não põem de sua parte mais, do que a su acanoa; correndo por conta dos donos, e Missionários todos os provimentos, e gastos; e se as canoas vem perdidas, eles cabos nada perdem, antes sempre ficam com lucro de terem comido, e regalados aqueles 7, ou mais meses à custa da canoa, e dos índios: porque eles não fazem mais do que comer, beber, cachimbar, e dormir, e tomar conta do que os índios vão colhendo repreendendo, e mandando castigar, aos que vem menos serviços; e se ainda com isto são fiéis, se dão os donos por contentes.* Não tem estes sertanejos, ou cabos de canoas maior título para levarem estes quintos, do que algum risco de vida nestas viagens, especialmente nas feitorias ao serem acometidos de alguns índios bravos, que de repente dão o assalto, como algũas vezes tem socedido; mas quem nestes casos tem o maior perigo, porque ou andam dispersos pelos matos, e por isso expostos a qualquer acometimento, ou se estão na feitoria, eles são os que levam a surriada, e os que pagam as custas. Algũas vezes, também estes índios bravos acometem estas canoas, quando vão junto, ou encostadas a terra, assaltando-as com boas surriadas de frechas, que despedem da terra muito a seu salvo escondidos atrás das árvores, e no espesso do mato; mas também nestas occasiões quem paga o pato são os pobres índios remeiros, que não tem reméd o para se defenderem mais, do que porem por escudo dos seus corpos, os remos, com que vão remando, e quasi sempre nestas occasiões ficam alguns mortos; mas os brancos nenhum perigo tem porque vão refugiados nos camarotes da canoa, por cujas jenelas vão descarregando contra os do mato alguns arcabuzes, que sempre vão nas canoas já para o intento de com eles se defenderem de algum acometimento. Alguns brancos contudo tem morrido nestes assaltos; e também às mãos dos mesmos índios mansos, que levam nas canoas; mas porque eles brancos às vezes os tratam com muita desuman dade, e exasperam com execrandos castigos.

Sirva de exemplo a morte de um destes cabos, o qual, levando consigo uma má companhia, ou companheira, e suspeitando, que o piloto algũa vez lhe pusera os olhos irados talvez por vê-la em tão mao estado, e não poder com mais clareza estranhar-lhes a má conciência de ambos, bastou esta sospeita para o mandar prender, e amarrar com fortes cordas e lhe mandou esfolar as carnes com açoutes por um negro escravo, que levava, e lhe conservou as prisões por algum tempo, em que talvez repetiu por vezes os mesmos açoutes; e não satisfeito com esta sevície passou a outra maior de o obrigar a beber as águas da mesma manceba; irritou tanto esta barbaridade ao índio, que assentou consigo o despicar-se em tendo occasião, como na verdade conseguio, dessimulando por então, na primeira occasião que teve de o fazer muito a seu salvo, e o fez por desta sorte:

Postas d'ante mão as suas armas de arco, e frechas, e vendo ao branco descuidado mudando roupa no camarote, lhe despedio, e cravou ũa taquara de banda a banda, sem lhe deixar mais alentos, do que chamar o miserável branco já ansiado com a morte com um grito, pelo negro escravo seu valentou, que lhe acudisse; o que na verdade queria fazer saindo à carreira

* Final de parágrafo, no manuscrito.

lá da tolda da canoa, onde ia; mas o índio com outra taquara lhe quebrou os brios, porque atravessado caio mortal; servindo ao branco de mortalha a mesma camisa, que estava vestindo; mas foi digna pena da sua crueldade. Desta sorte tem morrido alguns outros não tanto as mãos dos índios, que irritam com cruéis castigos; quanto às mãos da sua própria crueldade, e a não serem os índios tão tímidos, muitas mais vezes socederiam estas desgraças.

Pelo contrário se estes sertanejos são prudentes, dão-se bem com os índios, de quem não tem que temer, antes tem deles quanto querem: porque não só lhes obedecem, quando os mandam, mas também regalam com o milhor da caça; com o mais mimoso peixe; e nas missões, em que ordinariamente vivem os cabos dos Missionários sustentados pelos mesmos Missionários enquanto não voltam para o sertão, lhes presenteam o mais mimoso das suas roças, ou seja farinha, ou sejam frutas. Nem se irritam quando moderadamente os castigam se eles se vem culpados, porque ainda que rústicos, facilmente se não irritam com os castigos moderados: E por isso tendo prudência os cabos já não tem, que temer, ou recear dos índios.

Sendo tão exorbitante o lucro destes cabos, e sertanejos nos seus quintos a respeito da boa vida, que levam, contudo ordinariamente se não contentam com os quintos; porque uns mandando trabalhar nos domingos, e dias proibidos os índios, todo o lucro destes trabalhadores querem que lhes pertença, e o apropriam para si, dizendo ser tudo fruto da sua diligência. Outros nas feitorias do cravo tomam para si todos os canudos, e fragmentos que não chegam à medida, e comprimento dos mais canudos; comprando-o aos índios por algũas facas ou porradas de água ardente; para o que se há de saber, que tanto o cravo grosso, como o fino chamado taguari o fazem e beneficiam em feixes todos do mesmo comprimento, e medida; e todo o canudo, ou *[ilegível]* que não chega aquela medida concediam ordinariamente os Missionários aos índios, não bastante o seu pagamento, quando da boa carga da canoa conheciam, que foram diligentes; sabendo isto os cabos lho contratam com quaesquer porradas de água ardente, ou cousa de pouca monta, sendo que juntos de todos os índios os fragmentos às vezes fazem ũa considerável conta de 10, 12 ou mais arrobas; e tudo isto querem os brancos para si, não se contentando com os quintos.

Porém, como isto crece em notável damno dos Missionários; e donos das canoas; porque com a casca de fragmentos o quebram de prepósito, ou já o beneficiam curto; muitos lhes fazem repor tudo para o monte, e do monte lhes dão os quintos aos cabos. Muitos outros modos buscam estes cabos para tirarem maiores avanços, porque ordinariamente sempre levam de mais algum índio, que pedem para seu moço, e tudo o que ele trabalha lhe chama seu o cabo. Também chamam seu tudo quanto eles brancos fazem por suas mãos nas feitorias, se querem ter a *[ilegível]* de trabalhar, e para isso mandam os índios para o centro, e mais distante mato, e lhes põem ordem, que não bulam nos frutos, que tem mais perto da feitoria, para eles os colherem; e enfim tudo são trapassas e ambições, e muitas vezes os donos, e principalmente os Missionários cede[m] de tudo para evitar contendas; mas na verdade tudo pertence ao monte, e do monte só pertencem os quintos aos cabos.

De outras duas indústrias usam outros cabos de maiores avanços; 1º é o fazerem algum emprego na cidade de fazendas, que já sabem tem muita saída pelas missões, e pelos sítios dos brancos dispersos pelo Amazonas: acima, que muitas vezes nem tem gente, nem modo de fazerem seus provimentos

na cidade; e por isso compram a todo o preço as cousas, de que necessitam, e lhes vão pelas portas; e como os cabos tem à sua reveria as canoas dos Missionários que conduzem à cidade, e dela levam os provimentos para a missão, carregam as canoas das fazendas que compram e as vão vendendo pelos taes sitios, e nas mesmas missões com avanço de mais de 100 por um, de sorte, que no fim da viagem vem alguns a tirar tanto, ou mais lucro, que os donos das canoas sem dispêndio algum no pagamento aos remeiros; nem no aluguel das canoas.

A outra indústria pode ser mais censurada, e é: Como já pelos anos antecedentes sabem as milhores paragens de grossas colheitas, preparam algũa canoa por sua conta, e a mandam ir na companhia da canoa da missão, em que sempre vão por cabos; e por fim tiram todo o lucro, e negócio das próprias; e os quintos das alheias; mas isto fazem às escondidas dos Missionários porque se o sabem, o não consentem por ceder *[ilegível]* seu prejuízo 1º porque primeiro atendem a carregar as suas, do que as outras: 2º porque se na paragem que escolheram apenas haverá carga para ũa e seria com ela bem socedida, devidida por duas, ambas ficam deterioradas; além de muitos outros prejuízos de repartirem com os índios das suas canoas as farinhas, e provimento que vai só para os da missão; e se servirem dos mesmos instromentos etc. Basta porém de notícia das missões portuguesas. Vamos já dar algũa das missões espanholas do mesmo Amazonas.

CAPÍTULO 9º

PRAXE DAS MISSÕES ESPANHOLAS DO RIO AMAZONAS.

Já nós dissemos, que não há nas missões espanholas do Rio Amazonas, obrigação algũa nos seus neófitos de servirem a brancos, e remarem as suas canoas. Daqui se infere a maior paz, e sossego dos seus Missionários, sem os cuidados de os repartir, nem apartar das povoações; por esta causa todo o seu empenho é o doutrinar a seus neófitos; ornar as suas igrejas, e augmentar o Culto Divino; e para o fazerem mais livremente nem ainda em muitas missões, especialmente nas que administram no Rio Madeira tem cuidado do seu sustento, porque os seus neófitos tem tomado esse emprego à sua conta dividindo pelas famílias principaes o comer de cada dia por seus turnos, e o fazem com abundância não só para os Missionários, mas também para os meninos, que tem em casa, e para os hóspedes; tudo com muita diligência e asseio de sorte, que as suas horas tem tudo prompto; e são nisto

tão pontuaes, que sentiriam por grande desonra o excluir-se algũa família *[ilegível]* livres pois de cuidados temporaes, e só zelosos do bem, e salvação dos índios, e Culto Divino, tem as suas igrejas, que são magníficas, muito bem ornadas, e paramentadas; e como sabem, que os índios se levam muito e se atraem com músicas, e instrumentos músicos, ensinam esta arte aos meninos, e a usam ainda quando adultos. Bem sabia o grande Vieira, que a música era a maior indústria para atrair os índios, e os afeiçoar ao Culto Divino; e por isso gastou grande cabedal em Instrumentos músicos: E ordenou na instrução, e regimento, que deu aos Missionários do Maranhão, e Pará, que ensinassem, e industriassem aos meninos seus neófitos no cantar, e tocar nos Ofícios Divinos, e funções da igreja; e ainda eu vi alguns destes instrumentos, que se conservavam no meu tempo no colégio do Pará testemunhas irrefragáveis do zelo das almas daquele grande herói, e incansável Missionário; mas a inconsistência dos índios nas suas missões fez esfriar totalmente os Missionários portugueses de tão louvável indústria; porque que servia aos Missionários e índios este trabalho, se quando já estavam capazes de o exercer, se viam obrigados a ir remar canoas, e servir aos brancos? por esta rezão se deixaram totalmente deste exercício: por isso*

Um missionário português carmelita por segurar o trabalho do insino, sem o receio de se ausentarem os músicos mandava ensinar, e industriar em lugar dos meninos as meninas; e escolhendo para isso as mais sonoras, serviam, cantavam, e oficiavam os Divinos Ofícios, como o fazem as freiras nos seus conventos, e na verdade só deste modo se poderia conservar nas missões portuguesas a música, que nos índios é perdida, só isentando-os do serviço dos brancos, e tirando-lhes o remo das mãos, como bem respondeo um Missionário português a um governador que sobre este ponto o consultava. Como pois nas missões castelhanas não há estes estorvos, tem todas muitos músicos, uns que cantam, outros que tocam, e todos beneficiam nas funções da igreja, que fazem com todo o primor com admiração de todos os passageiros, e utilidade esperitual de todos os índios.

Todos os dias se ensina pela manhã o catecismo, depois do qual se diz missa ou a canto de órgão, ou de outros instromentos músicos; de tarde, além das ladainhas, e repetição do catecismo, há muitas vezes outras funções de muita devoção. Nos sábados dedicados a nossa Senhora se esmeram não só pela manhã, mas também a tarde. Nos domingos, e festas se celebram com tanto esplendor como se pode fazer nas cidades, advertindo, que toda a gente da povoação, excepto algum doente, ou legitimamente impedido, acode todos os dias de manhã, e tarde a igreja a ouvir missa, e assistir as mais funções, atraídos uns por devoção, outros pela música; e todos pelo exemplo, e bom costume dos outros, em que dão ũa grande repreensão aos brancos, que ainda nos de obrigação são remissos.

Na direção temporal não é menos cuidadosa a economia com que estes Missionários espanhóis do Rio Madeira procuram o augmento temporal das suas missões; porque tem nelas quase todos os oficiaes, que constituem a ũa república bem provida, basta dizer, que até tem ũa fundição para sinos em ũa missão, donde se provêm todas as mais daquele rio; beneficiam, e tecem panos de algodão, que na fineza não tem enveja aos da Índia, e em todos os mais ofícios da república são insignes, e só com o desar comum a todos os índios do Amazonas de serem mui preguiçosos; e de pouca ambição; e por isso se contentam com pouco. As suas telas, e mais obras vão vender

* Termina assim o parágrafo

à cidade de Santa Cruz de La Sierra em certa estação do ano em pública feira; onde tão bem com o producto fazem suas compras.

Um dos empenhos, em que mais se esmeram aqueles Missionários, é em terem suas missões mui fartas de sustento; empenham-se para isso em terem grandes manadas de gado vacum, com algum gado cavalar, para as pastorearem índios vaqueiros; isto se colhe da carta, que escreveo um daqueles Missionários a outro português, em que lhe dava a notícia de ũa nova missão, que estava fazendo, e que já tinha para fundação de um corral de gado 800 vacas. Este gado é comum para toda a povoação, mas administrado com boa economia; ainda quando passam algũas canoas de portugueses, que pelo Rio Madeira sobem, ou decem das minas, e governo do Mato Grosso; e aportam àquelas missões, sem dificuldade lhes dão ũa, ou mais cabeças de gado para seus viáticos de graça; e por mais que lhes requeiram o preço, dizem, que eles não vendem gados.

Com esta fartura vivem mui contentes os índios; fazem grandes decimentos de índios salvages; tem mui populosas povoações, que sem injúria se podem chamar cidades. Os Missionários estão a dous em cada missão; tem um superior na principal, que cuido ser na missão de Santa Rosa, donde vigia, e visita aos mais Missionários daquele rio; e pertencem todos à Província do Império do México, cuja divisão principia neste Rio Madeira, e vai correndo a Oeste té o Mar Pacífico. Tem estas missões outras notabilidades dignas da história; mas bastam estas por agora, em quanto outros com as necessárias informações, e melhor cômodo, as não descrevem.

As mais missões castelhanas dispersas pelo Rio Amazonas acima, onde se chama Rio Maranhão, e Província de Mainas, tem quase o mesmo governo excepto, que para as execuções da justiça tem estas missões alguns militares com o posto de tenentes, em cada ũa seus subalternos a um oficial maior com patente de tenente general das missões de Mainas, e justiça maior; por estes oficiaes mandam os Missionários castigar os delinquentes nos crimes maiores, e nas penas, em que os regulares tem proibição canônica de poder executar, correm por conta do tenente geral. No sustento necessário também aqui tem diversa economia os Missionários, porque só na festa de São Joaquim, e seu oitavário tomam os índios à sua conta o sustento dos Missionários, e se esmeram não só na abundância, mas também na qualidade, e bom guisado. No mais tempo do ano corre esta pensão por conta dos mesmos Missionários; mas para se livrarem destes cuidados, os dão a algũa branca castelhana, que ordinariamente tem nas missões, para onde decem do Reino de Quito a cuja província pertencem todos estes Missionários: e excepto ũa missão novamente fundada na foz do Rio Içá Paraná fundada pelos religiosos franciscanos de Quito. Todas as mais té a cidade Borja, e Pongo, foram fundadas, e são administradas pelos jesuitas de Quito.

São para cima de 30 as missões desta Província de Mainas, e todas mui populosas; mas Missionários ordinariamente não passam por todos de 15; e por isso cada um dos vices superiores posto que tem a sua residência ordinária em alguma determinada, tem outras de visita; e para que na sua ausência não haja falta nos sacramentos do baptismo em casos de necessidade, tem catequistas bem instruídos. Mamalucos, para baptizarem em caso de necessidade, e para todos os dias fazerem doutrina. Tem um superior geral com patente com jurisdição sobre todos os mais Missionários, e missões daquela província, o qual tem a sua residência na missão chamada da Laguna por estar sobre um grande lago distante do Amazonas 5 légoas; o

qual nomea dous vice superiores, um que assista na missão de São Joaquim, com jurisdição té a foz do Rio Madeira, lhe chamam o superior do partido de baixo. Outro, que reside no Rio Napo, e se chama o superior do partido de Napo; ambos andam em contínuo giro visitando as missões de visita do seu destricto; e todos com recurso ao superior geral da Laguna.

A mesma cidade Borgía, que é a cabeça de toda aquela grande província, é paroquiada por um jesuíta; como também a vila Jaen de Bracamouros, que são as 2 principaes povoações de castelhanos em todo aquele grande destricto, que só da dita cidade Borja té Bracamoros são cousa de 70 légoas. A cidade Arquidona cabeça do Rio Negro tem tãobẽ o seu pároco jesuita com toda a jurisdição esperitual: enfim em todo o destricto, que possuem os castelhanos no Rio Amazonas e seus colatraes não há outros Missionários mais que jesuítas, excepto a missão nova, que dissemos no Rio Içá Paraná, que é administrada pelos religiosos franciscanos; e a mandou fundar o Rei Católico Fernando 6[º] para por ela tomar posse daquele grande rio, que lhe ficava no Tratado de Madrid de divisões entre os dous monarcas Fidelissimo, e Católico, o qual não chegou a efeituar-se pelo protesto, que fez contra ele o Rei Carlos, que então era rei de Nápoles, como já acima dissemos. As mais notabilidades de todas estas missões, fiquem reservadas para quem descrever com mais miudezas as cousas do Rio Amazonas; porque isto basta para os meus apontamentos.

CAPÍTULO 10º

DO MÉTODO, QUE TEM NO AMAZONAS DE PASTOREAR OS GADOS.

Posto que já por vezes temos tocado nos gados do Amazonas, e da sua multidão; agora mais de prepósito direi algũas circunstâncias do modo de o pastorearem não só nas terras, que pertencem ao grande destricto do Amazonas mas em toda a mais América, por me parecer serão de gosto aos leitores, por serem só practicadas naquela região. Para melhor inteligência se há de saber, que as terras raras, a que chamam campinas, descubertas, ou de pouco arvoredo, que nas mais regiões são as mais preciosas, e estimadas para as lavouras, e searas, não tem no Brasil, e Amazonas outro préstimo, e emprego, que para pastos das feras, onde não há povoações, e gados; e para pastos destes onde os há; e por isso só aproveita estes campos, quem tem, ou quer ter gados; e quem os não tem, nenhum caso faz de semelhantes terras; e só buscam as matas, para os plantamentos da farinha de pao como já dissemos.

Em tão vasta região do Amazonas já se vê, que há de haver grande vastidão de semelhantes campinas, com pastos muito mimosos, e feno tão alto, que cobre os gados; mas como quase tudo está despovoado, só apenas se aproveitam alguns campos mais próximos às povoações, como são na cidade do Pará as vastas campinas da Ilha do Marajó; a qual sendo de 60, para 80 légoas de comprida, e pouco mais ou menos de 30 de largo quase toda, ou a maior parte são deliciosas campinas, e pastos óptimos para gados, e posto que ainda tem muitas, que não tem donos se pode dizer, que só elas por ora são as povoadas, a respeito de tantas outras, em que só pastam feras. Isto posto.*

Quem quer ter gados nestes campos, alcançando primeiro Carta de Data *v. g.* de 30 légoas de *[ilegível]* como acima dissemos; levantando também algũa ligeira palhoça em algũa melhor paragem, e fazendo ao pé algũa estacada, ou cerca de estacas para curral, compra para princípio dele as vacas que quer, ou pode com alguns machos, *v. g.* 1000 vacas, ou as que pode, e as deita naqueles pastos, por onde livremente pastam a sua vontade sem pastores, que as vigiem, ou ao menos retraam, que não passem fora das três légoas; mas as deixam andar por onde querem: deitam também algum gado cavalar a maior parte fêmeas para creação, e augmento; mas em muito menor número porque como as viagens no destricto do Amazonas lá todas por água em canoas, não tem saida gado cavalar, nem outro préstimo mais ordinário, do que servir nestes campos para quando se quer recolher o gado vacum aos curraes, para este efeito amansam os poldros, e os mais como os *pais de égoas pastãm* tão bem livremente pelas campinas como o mais gado vacum.

Ordinariamente só homens abastados fazem, e tem estas fazendas de gado; não porque qualquer morador não possa ter tãobẽ terras, e gados; mas porque necessitam de muito cabedal para se fundarem com manadas bastantes, a que possam em poucos anos resarcir os gastos, e fazer as fazendas rendosas; e conforme as suas posses levantam 1, ou 2, ou 4, ou mais curraes de gado distantes uns dos outros *v. g.* ũa légoa, para com mais facilidade beneficiarem os gados, que sendo muitos, e em terras cortadas de rios, como ordinariamente são as campinas, é mais deficultoso o ajustar-se, e beneficiar-se em um só curral. Estes curraes consistem, como já dissemos, em levantar ũas ligeiras casas, para morarem um, ou dous pastores, a que lá chamam curraleiros, com suas famílias, e ao pé um, ou mais cercados, onde de quando em quando se recolhem os gados, e beneficiam; e costumam fazer-se sobre a margem de rios, quanto podem, para maior comodidade do embarque. Mas sempre algum destes curraes é preferido aos mais assim na preferência da paragem como na melhoria das casas; porque aqui levantam os donos para si, e suas famílias grandes, e belas casas, quando não possa ser ao princípio, pelo tempo adiante, com ranchos bastantes para os pastores, e suas famílias com igreja, aonde acodem de todos os mais curraes a obrigação da missa etc.

Enfim costumam fazer um corral como arraial, onde assistem o dono, seus escravos, e fâmulos, e o mais precioso da fazenda, e constituem ũa piquena povoação, e deste arraial passam em dias determinados aos mais curraes a beneficiar os gados; porque o capataz que lá assiste com algum outro, ou poucos outros, não chegam sós; e só assistem para vigias, e para darem

* Termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

caça às onças, e tigres, que se costumam cebar nos gados; e para de quando em quando correndo as campinas a cavalo advertirem as paragens que os gados buscam, e outras diligências semelhantes: e como mais experimentados daquelas ditas paragens, são estes os capatazes de todos os mais curraleiros, quando se juntam no seu: e assim o são, todos os mais, quando vão aos curraes, em que actualmente assistem, e por isso aqueles mesmos curraleiros, que hoje nos seus curraes são como capitães de todos os mais, que lá se ajuntam, amanham em outro curral obedecem ao que lá é capataz.

Os cercados, em que recolhem os gados, como logo diremos, são maiores, ou menores conforme a multidão de gado, que pasta nas suas campinas, que as vezes são muitas mil cabeças, e já se vê, que para tanto gado é necessário ũa grande cerca, *v. g.* de carreira de um *[roto o original]* de espaço para nela estar o gado à sua vontade, e poder passar comodamente para ũa banda lhe fazem ao pé outros cercados mais piquenos um a que chamam curral de laçar, porque quando querem beneficiar o gado, ou pegar algũas cabeças vão metendo por partes algũas manadas neste curral, e nele por mais piqueno anda o gado mais junto, e por isso mais apto para se laçar; imediato a este fazem outro, para onde vão separando o gado beneficiado: fazem também ordinariamente em algum canto destes curraes um piquenino, a que chamam chiqueiro, onde recolhem as crias de algũas vacas, a que querem aproveitar os leites; e alguns ainda fazem outro piqueno cercado ao pé do chiqueiro, para as ditas vacas de leite: e toda esta divisão de curraes fazem em todas as mais paragens onde beneficiam etc. e todos eles tem porteiras por onde se comonicam uns com os outros, e suas divisões de boas estacadas; e todos eles descubertos a todo o tempo, excepto o chiqueiro das crias, que alguns pastores cobrem de folhas de palma, para abrigo dos bezerrinhos dos grandes calores do sol. Fora estes curraes,*

Costumam tão bem fazer no arraial principal, que dissemos, outro cercado muito maior de 200, ou mais braças de comprido, e boa largura sobre a margem do rio, e para o outro lado das casas, ou como melhor julgam, para neles pastarem seguros alguns cavalos, que querem ter promptos; e algũas cabeças de gado, que algũa vez querem ter à mão. Fazem todos estes cercados de boas estacas de pao a pique, e ordinariamente são de pao inerruptível, para não andarem a renová-las pelo tempo adiante; e as fortificam por cima com algũa travessia; outros com mais facilidade põem só estacas em algũa distância *v. g.* de braça a braça verdes, que pegando na terra, e arraigando-se se fazem árvores, e ficam estáveis, de duas em duas separadas ũa da outra cousa de um palmo isto é, ũa para a parte de dentro, outra para fora; e de ũas a outras põem deitados paos tãobẽ de muita dura uns sobre outros seguros no meio das estacas, e ficam por modo de ũa cancela em toda a roda: e são mais convenientes estes cercados, porque levam menos madeira; fazem-se com mais facilidade, e brevidade; principalmente por que são um grande refúgio dos curraleiros, que acometidos de algum touro, facilmente lhe escapam sobindo por estas cancelas, cujas travessas lhes servem de degraos; o que não podem fazer sendo tudo estacas a pique, ou ao menos com tanta facilidade[.]

Além de muitos cavalos, que tem de sobre excelente, outros reservados para divertimento dos donos, cada pastor, ou cavaleiro tem seu determinado cavalo com todos os seus aprestos, e cada um lança mão dele na ocasião; e

* No manuscrito termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

como os curraleiros andam em giro trabalhando um dia em um, outro dia em outro curral, os quaes curraes ordinariamente se devidem por alguns rios intermédios, na véspora do dia, em que querem trabalhar em algum, para lá passam a cavalaria; ou a passam de manhã, para a terem prompta de tarde em que hão de vaquejar, o que fazem desta maneira. Acabando de comer prepara cada um o seu cavalo, e tomando na mão compridas aguilhadas, algũas com ferrão de meio palmo; outros em lugar destas com azaguaias, ou lanças; e algum, que ordinariamente é o capataz, ou capitam com sua clavina para dela usar no encontro de algum tigre, ou na investidura de algum touro, montam todos a cavalo, e vão marchando 20, ou mais cavaleiros, como quem vai a ũa caçada, ou montaria de feras.

Depois de algũas horas de caminho pelo centro das campinas, em que toda a cavalaria vai junta, fazem alto; então se dividem os curraleiros ao mandamento do seu capataz, uns manda para diante, outros para a direita, e outros para a esquerda, e diversos rumos conforme as diversas paragens, em que já sabe costumam pastar diversas manadas; e todos depois de correr os seus rumos, se hão de ajuntar naquela, ou outra paragem, em que hão de ajuntar todo o gado; e dali rodeado o hão de trazer todo junto ao curral: assim divididos andam algũas légoas pondo-se de quando em quando algum em pé sobre o cavalo, ou sobindo-se a algũa árvore; porque sempre estes campos tem dispersas algũas árvores, para delas observarem ao longe se vem algũas manadas as quaes vistas vão buscar, rodeando ao largo, para lhes não fogirem para diante, e assim as vem conduzindo, quase a correr para a paragem ajustada, onde todos finalmente se ajuntam.

Juntas todas as manadas, e curraleiros, vão levando todo aquele montão de gado para as tranqueiras, ou curral, vindo um cavaleiro adiante, a quem vai seguindo todo o gado; outros detrás, outros o rodeiam pelos lados com marcha mui apressada; não porque temam lhes falte o dia, ou por (que)? querem chegar mais depressa; mas para não darem tempo ao gado a fazer cabeça, e fogirem alguns da manada; posto que sempre fogem algũas, porque alfim é gado bravo; para as evitar vem os corraleiros todos a mira com os olhos no gado; e assim que vem algũa cabeça com a cabeça levantada, ou parada, ou olhando para algum lado, que tudo são indícios de querer fogir da manada só lhe bradam, e algũas vezes atiram com a aguilhada, e obrigam caminhar para diante: para mais entreterem o gado, todos os corraleiros lhe vão cantando, té finalmente o entroduzirem dentro das tranqueiras, que ordinariamente é ao sol posto do mesmo dia se os gados se não afastam para longe; não assim no tempo das secas, e verão, em que os gados vão sempre para diante buscando os pastos mais viçosos, e para os trazer ao curral vão as vezes os pastores dormir ao campo, e gastam dous dias, em cada vaquejada; e para menos se afastarem, procuram fazer as vaquejadas amiudadas *v. g.* duas vezes na semana.

São mui divertidas ordinariamente estas vaquejadas, ou montarias: 1º porque no grande *[roto o original]* de campinas se encontram aqui viados pastando, ali javalis; acolá algum tigre, em outras partes muita outra variedade de feras, e caça em cujo alcance deitam os curraleiros a perder os cavalos em carreiras desfeitas. Em as margens, e bordas de lagos, que costuma haver nas campinas se vem grandes bandos de aves aquáticas: quando o sol vai já atirando os raios, e declinando até *[roto o manuscrito]* se os ares de papagaios, araras, e outras aves, que vão buscando os seus dormitórios. No mesmo gado há muito divertimento; porque sempre espirram da manada algũas cabeças, ũa

aqui, duas acolá; e as vezes ao mesmo tempo ũas fogem para ũa banda, outras para outra; mas assim que algũa foge logo um corraleiro lhe vai ao alcance, não em direitura mas rodeando-lhe a carreira por detrás com a aguilhada, ou lança feita, té que sempre a correr quanto pode um cavalo em carreira desfeita muitas vezes obrigam as reses por cansarem mais depressa a virem, e buscarem a manada; outras vezes se metem em alagadiços, ou atoladouros, onde não podem entrar, sem grande perigo os cavaleiros: outras vezes se vão esconder em algũas ilhas de matos fechados, que de quando em quando se acham nestas campinas, a que chamam caapões, que quer dizer ilhas de mato, ou mato, que acaba, e nelas escapam aos cavaleiros, que não podem penetrar o interior: e o peior é que sempre estas cabeças se por lá ficam não só ficam manhosas para as outras vaquejadas, mas incitam outras a tão bem fogirem.

Para evitar estes inconvenientes, fazem toda a diligência para as meterem outra vez na manada; e quando não possam, ou as reses absolutamente repugnem metem mão a lança, ou zagaia, e procurando chegar-lhe a seu salvo, para o que tem alguns os seus cavalos bem ensinados, lhe dão ũa, ou mais estocadas, ou com cravina lhe metem algũa bala, e a matam; e logo saltando abaixo do cavalo a esfolam para lhe aproveitar a pele, deixando as carnes às feras, e aves: Outras fazem isto com mais facilidade, e é que assim que algũa cabeça espirra fora da manada vão sobre ela com a lança; ou aguilhada; ou com bala a matá-la, e lhe tiram a pele. Muitas vezes porém socedem desgraças nestas vaquejadas não tanto em quedas, que amiudadamente dão os corraleiros nas carreiras desfeitas dos cavalos, ou quando estes tomando o freio nos dentes se vão precepitar em perigos; porque nisso andam já bem calejados os corraleiros; as peiores são quando os touros, ou reses fogidas se viram contra os corraleiros, que lhe vai no alcance; porque então todo o remédio se o boi se põe enfranquia virado para o cavaleiro, e raspando a terra com os pés é meter esporas ao cavalo, e fogir para algum lado, ou para a banda detrás do boi, senão tem tempo, porque o touro corre atrás do cavaleiro e não dá tempo até lhe poder furtar a volta, é lançar a aguilhada para trás com o ferrão sobre a cauda do cavalo, e valer das esporas, e carreira té cansar o touro; socede isto muitas vezes, e ordinariamente quando não fiquem ambos no campo, fica estripado o cavalo; e socedendo à vista de outro cavaleiro menos perigo corre, se ele com toda a velocidade vai sobre o touro, ou por ilharga; porque então pára o touro, e livra o cavaleiro; por isso procuram muito não se apartar sós.

Sempre nestas fazendas de gado há algũas manadas mais mansas, e outras mais bravas, e manhosas, as quaes em sentindo ao longe os cavaleiros logo fogem para algũa mata fechada, das que dissemos costuma haver pelas campinas, e nelas se escondem em quanto sentem os cavaleiros, e não há força, que dali as tire, porque não podem lá entrar os cavaleiros, senão *[ilegível]*, e se as obrigam a sair, saem a carreira desfeita a meter-se em outras semelhantes matas, como se tivessem juízo não se apartam a pastar muito longe destas matas, para nelas se poderem refugiar, quando as buscam os curraleiros; usam então estes de indústria para as poderem trazer aos curraes; armando-lhe redes por fora da mata desta sorte: vaquejam para aquela parte algũas manadas das mais mansas, e com elas bem estendidas ao comprido, e rodeadas de cavaleiros para não fogirem, se metem outros cavaleiros a pé pela outra banda da mata armados com as aguilhadas e lanças dando urros, e fazendo gritarias de que o gado assustado vai fogindo para a banda

da rede, onde finalmente perseguido, e querendo fogir se vai meter na rede do gado manso; e se quer escapar por algum dos lados lhes saem da banda contrária alguns cavaleiros a furtar-lhe a volta, e virando para a rede se vai meter nele; e desta indústria pouco a pouco se aproveitam para amansar aquele gado bravo: mas o melhor meio é passá-lo para outros pastos longe, onde se lhe mete algum rio de permeio, e não possam tornar para os primeiros, porque neles sempre ficam bravos e manhosos, e custa mais trabalho ũa só manada destas, do que todo o mais gado.

Estas vaquejadas fazem ordinariamente duas vezes na semana em cada curral, ou mais, se os corraes são poucos. No curral vigiam as reses doentes para as curar, as doenças mais conhecidas no gado são bicheiras de inumeráveis bichos, que logo se criam nos corpos em algũa ferida, ou calo, ou arranhadura, e se não se lhe acode logo, passam às entranhas, e em poucos dias morrem as rezes comidas de bichos em vida, para as curarem laçam as cabeças doentes, chegam-nas ao mourão, que é ũa grande estaca ao pé da tranqueira, e ali ũa depois de outras bem subjugada, e se é necessário deitada por terra lhe tiram toda a bicharada, e podridão, alimpam a ferida, e pondo-lhe em cima sarro de cachimbo, ou tabaco de folha mascada ou cal, a largam, sem mais cura. As papeiras tãobẽ são doença pestilente nos gados não só porque os faz definhar, e morrer; mas porque se pega de uns a outros; curam porém facilmente trazendo as reses ao [mourão]; ali as deitam em terra, e logo com um ferro arqueado como gancho, ou anzol feito em brasa lhe furam a papeira pela parte de cima té sair a ponta pela parte da boca, tirado então o ferro, espremam a papeira, que é um grande postema no queixo debaixo, de que sai muita agadilha, e tornam a largar a rês. Tãobẽ em algũas lhes fazem arco as pontas, e viradas para a testa lhas furam; e para evitar o dano, lhas serram, e encurtam.

No tempo do verão só é que beneficiam o gado; consiste o benefício em porem sinal do dono com ũa marca de ferro na anca dos bezerrinhos, e crias; para se conhecer, a quem pertence; cortar-lhes as pontas das orelhas; e castrar os touros já grandes; o que fazem com muita brevidade, e destreza; trazem ao mourão o touro, nele bem subjugado lhe deitam um laço as pernas, e lhas ajuntam, o touro em terra logo um dos pastores alevanta-lhe quando pode a perna de cima, tirado o laço, e já o boi se não pode bulir de costas; e se estrabucha lhe vira outro o fucinho para cima as pontas para a terra, e enquanto assim está, não só se não pode levantar, mas nem ainda mover, logo outro com dous golpes um em cada grão lhos tiram para fora, puxam alguns tendões já por onde estão pendurados, cortam, e lançando-lhe em cima com a mão, ou com a ponta do pé algũa terra, lhe largam a perna, viram a cabeça, e largam pondo-se no seguro das tranqueiras para que o touro que logo quer investir lhe não pague com algũa pontada o benefício.

Fazem isto com tanta destreza, e ligeireza, que em ũa tarde, ou manhã beneficiam todo o gado. Com a mesma ligeireza põem as marcas nas crias; porque laçada a cria pelo pescoço; e puxada para fora da manada a deitam no chão, logo um dos pastores detrás de um fogão, que tem ao pé um ferro esférico com seu cabo apto para se menear, e feito em brasa vermelho lho premem sobre a anca com algũa merula, e fica empresso o signal, ou armas do (do) senhorio *[ilegível]* a cria que ordinariamente vai coxeando para a mãe. Este benefício fazem em todo *[ilegível]* em giro; e só no tempo das secas do verão, porque só então estão os curraes capazes, e não molhados; porque, quando se laça, ou quer laçar algũa rês, anda todo o montão de gado à car-

reira a roda do curral, e se este está úmido, se faz um tal lamaçal, que ficam reses, especialmente crias atoladas na lama, e enterradas; o que não socede estando o curro bem seco; embora, que então levante o gado tal poeira, que faz escurecer o ar.

É grande divertimento ver a subtileza, e destreza com que estes curraleiros laçam, e seguram os touros: e muitos mais, se são meninos de 8 té 10, ou 12 anos, os que laçam como muitas vezes fazem. Os laços são cordas feitas, e tecidas de peles de boi, e mui compridas pegam em ũa destas cordas, e vão para o gado com ela enrodilhada no braço esquerdo, de sorte, que não chegue, nem arraste pelo chão, e a ponta do laço na mão direita; e assim vão dous ou mais laçadores contra o gado; o qual, assim que o vê se junta todo ao pé das tranqueiras, com as cabeças uns sobre os outros; e a correr em círculo já para ũa, e já para outra banda, com os olhos nos laçadores, os quaes estão a dar voltas com o laço, e de repente atiram com ele a cabeça, ou seja touro, que quer segurar; e andam nest *[roto o original]* tão destros, que não obstante ser longe *v. g.* 40, ou mais palmos de distância; e ir o touro involto, e no centro do mais gado, e a correr a roda, lá lhe vai cair nas pontas e fica laçado; e algũas vezes socede, que não erram golpe em toda ũa manhã ou tarde; algũas vezes porém se erram os tiros ou caindo sobre outra rês, ou prendendo ũa só ponta, de que o laço logo se tira, e a rês vai livre; mas de ordinário não erram.

Assim que o laçador atirou o laço, e prendeo o touro, logo segura a ponta da corda, e logo a vai encolhendo té a pôr tesa virando-se entretanto, porque o touro laçado vai continuando com o mais gado a carreira; e todo o mais gado, que fica de entre meio, vão abaixando as cabeças com medo do laço; posto que algũas vezes o levam com as pontas, e sem os laçadores obrigados a largá-los; mas como são compridos, e vão de rastos, facilmente lhes tornam a pegar; e puxando pouco a pouco vão obrigando o touro a sair para fora da manada, e por mais que estrebuche, ordinariamente o não larga o laçador embora, que menino, e para melhor segurar a corda, e disfarçar os calos das mãos, as enche primeiro de pó, ou terra; e se o touro estrebuchar muito cingem a corda pela barriga, e segura nas ilhargas, e se ainda assim o boi o vai levando deixa-se cair, e faz fincapé, té que finalmente dá tempo a correrem atrás curraleiros, e o puxarem do mourão; Muitas vezes, antes é mais ordinário, e assim que os touros se vem presos, e puxados acometem ao laçador; outras vezes acometem qualquer outro da manada; porém sendo isto bastante para atemorizar a qualquer gigante, e ficar sem sangue de susto; porque não há ali modo de fugir, ou escapar; contudo andam eles já tão destros e afeitos, que não fazem caso; e quando o touro já vai chegando, e abaixando a cabeça na distância de ũa lança pouco mais ou menos retira o acometido, o pé direito atrás, e dando um pontapé na terra contra o boi, lhe lança o pó nos olhos, com que logo o touro já com a cabeça baixa, logo foge por modo de que só viera fazer-lhe ũa grande cortesia; e ainda que não levante terra, ou pó, basta a ação do pontapé para logo o boi ir fogindo, e o curraleiro fica tão firme no mesmo posto, e tão senhor de si, como se nada lhe socedesse.

Para tirar o leite as vacas também usam de indústria; porque como são bravas, só por indústria se lhes pode tirar, o que fazem desta sorte: quando trazem o gado ao curral, laçam algũas crias quantas querem pela manhã, e as metem no chiqueiro, que dissemos acima embora que não saibam, quaes são as mães por andar todo o gado mui revolto, toda a vez, que há laça-

mento, seguras assim as crias, abrem as tranqueiras, largam o gado, e o deixam ir à sua reveria por esses campos; de tarde já quando as vacas estão fartas, e lhes faz peso o leite se lembram dos filhos, e entram a buscá-los pelas manadas, não os achando pouco a pouco os vem buscar ao pé das tranqueiras, e sempre a berrar, o que fazem tão bem as crias presas, assim ouvem as mães, e seguindo o grito ou mugido dos filhos: entram as porteiras, e se vão pôr ao pé dos filhos, pouco pouco té se juntarem todas; mas depois de alguns dias, já vem sem medo, e com mais promptidão, porque já sabem onde tem os filhos.

Depois de todas dentro mugindo para os filhos presos, e estes para elas, lhes fecham as porteiras, e logo largando algũa cria, vai esta buscar a mãe, e deixam-na matar a fome, e mamar só um bocadinho, logo lhe lançam um laço ao pescoço, e o prendem na mão da mãe, que não cessa de o lamber, e pegando em algũa vasilha entram a tirar o leite muito a seu salvo, porque o filho virado para o úbere, em que se lhe vão os olhos, cuida a mãe, que ele é, o que lhe está mamando o leite: depois de tirarem, o que querem deixam algum para os bezerrinhos, os tornam a largar, e deixam mamar quanto querem; ou o resto que acham, e assim fazem às mais: depois de mugidas todas, e satisfeitos os bezerrinhos, os tornam a meter no chiqueiro té pela manhã, em que tornam a fazer o mesmo: Nas primeiras vezes, em que as mães não só por bravas, mas por estranhas não consentem, nem querem largar o leite, é necessário prendê-las a tranqueira pelas pontas, e subjugá-las pelos lombos com outro laço; mas depois de costumadas, basta só a primeira diligência. Alguns por compaixão dos filhos, só ũa vez tiram o leite no dia: Outros, que tem grandes cercados, em que as tenham seguras, lhes largam pela manhã os filhos e deixam acompanhar as mães para o pasto; a tarde com alguns cavaleiros (bastam meninos) que as vão buscar, e metendo as crias no chiqueiro só pela manhãa lhes tiram o leite.

Multiplicam muito estes gados, e em breves anos se fazem grossas fazendas; e teriam mais augmento, se os gados fossem mansos, e se não tivessem tantos descaminhos; como são 1º as muitas cabeças, que no tempo das secas principalmente indo a beber aos rios, ficam atoladas no lodo, onde morrem, ou são comidas dos jacarés. 2º outras muitas, que atravessando alguns reachos, ou lagos são assaltadas dos ditos lagartões jacarés, sem lhes pode[re]m escapar. Outras comem pelos campos as onças, e tigres. 3º os bois castrados, como logo os largam alguns morrem pelas campinas esgotados em sangue: Outros tãobẽ esgotados pelas feridas dos compridos ferrões das aguilhadas: ou mortas à lança, ou bala, quando fogem das manadas. Mas o maior descaminho é o das crias, porque nas correrias do gado nos corraes ficam atropeladas, pisadas, e mortas, outras vão coxeando com a queimadura da marca, e pelo campo morrem: e a maior parte morre, porque metidas no chiqueiro; as mães por bravas as não vem buscar; e ainda que então largam as crias, vão morrer no campo por não saberem ainda buscar as mães, nem poderem ainda peitar: fora as muitas outras, que os curraleiros matam as escondidas, por gostarem melhor de vitela, do que da vaca ou rês antiga, que todas as semanas se mata para o seu sustento. Enfim ũa grande parte do gado se perde, contudo é tão grande a multiplicação das vacas, que em poucos anos se fazem os curraes e ũas grandes fazendas, dem mil cabeças de gado de cuja multidão dissemos na "3ª Parte".

Os fazendeiros de gado ordinariamente não se fiam só na fidelidade dos seus pastores escravos; porque costumam ser tantos ladrões, quantos pastores, não só pelo gado que matam as escondidas para comerem, mas muito mais pelo que vendem aos brancos passageiros; e são nisso tão destros, que para não serem descobertos contratam com os passageiros *v. g.* ũa vitela, deixam ir o branco continuando a sua viagem; e lá de noute como tem os cavalos à sua reveria, atam a vitela laçada a cauda do cavalo, e pelas campinas a bom correr vão sair ao encontro aos brancos na paragem ajustada, e lhos entregam a vitela, e recebem o pagamento, que ordinariamente é um frasco de água ardente. Mais com o roubo das peles porque montando a cavalo com algũa boa zagaia, ou com algũa cravina matam quantos touros querem, e deixando as carnes as feras, lhes tiram as peles, e as vão vender aos brancos; e há também muitos brancos, que vivem de semelhantes furtos.

Costumam então os donos tomar para capitão, ou capataz dos seus curraes algum branco dos muitos que vivem neste ofício, com o ajuste de lhes darem os 4ᵛᵒˢ das crias de cada ano; e eles pelo grande enteresse, que no contrato lucram põem mais cuidado na vigilância, e benefício do gado, e depois de alguns anos ficam com muitas mil cabeças nos seus quartos; e com elas fazem já fazendas suas próprias; e desta sorte enriquecem muitos europeos em poucos anos; como acima dissemos dos sertanejos nas canoas do sertão com os quintos. Porém pode questionar-se qual seja maior damno destas fazendas; se os quartos, que lucram estes brancos; se os roubos, que fazem os escravos e alguns fazendeiros por esta causa antes dissimulam os furtos dos seus negros, do que dar os quartos aos brancos.

Muitas outras particularidades nos restam ainda nesta matéria dignas de história; as quaes as passo em claro por não ser difuso; e porque já na "3ª Parte" dissemos algũas. Esto porém não calarei, porque denota um grande instinto nos animaes como se tivessem juízo; e é o modo com que tratam as vacas as suas crias: porque nos campos, onde o sol é mui ardente, e pode assar os viventes, para não perigarem as crias as vão abrigar à sombra de algũa árvore copada, e elas vão pastar por onde querem, e quando já o sol pela tarde está mais brando vão buscar as crias, e as levam consigo té a manhã do outro dia, em que as tornam a pôr à sombra, quando o sol vai apertando: onde melhor se vê este instincto é nos mesmos curraes, ou tranqueiras; costumam estes estar como já dissemos as bordas de rios, e por isso ordinariamente tem nas margens algũas árvores, que deixam ficar os fazendeiros, porque nada impedem, antes formarão o lugar; debaixo destas árvores vão algũas vacas esconder as crias, especialmente as que tem nascido naquela noute no mesmo curral; e algũas outras de poucos dias, para as livrarem das atropelações do mais gado nas correrias, que já dissemos, e ainda ao depois quando se abrem as porteiras, e saem as mais, e mais gado a pastar, lá ficam algũas crias tão escondidas em alguns arbustos, que indo a passear pelo terreno alguém, ainda que já de propósito ver se ficou algũa, nada descobrem; e só se dão a conhecer de tarde; porque indo alguém a passear, como já então as persegue a fome, saem elas, cuidando achar nos passeadores as mais; e entram a acompanhar, e a passear com a mesma gente divertindo-a com seos saltos, té que finalmente já de tarde as vem buscar as mães, e as levam para os pastos. Tãobém é admirável este instincto nas vacas, quando já muito velhas, se a tanta idade as deixam chegar os fazendeiros, porque fogem do encontro do mais gado; e por isso não acom-

panham as manadas, sim as seguem, mais de longe mui afastadas, e retiradas, nas vaquejadas, em que o gado vem às tranqueiras, vem elas tão bem mas sempre de longe, e de nenhum modo querem entrar para dentro; deixam-se ficar de fora das porteiras, e ali andam té o outro dia, mas saindo o mais gado para o campo o tornam a seguir de largo.

CAPÍTULO 11º

DA INDÚSTRIA, DE QUE USAM OS NATURAES DO AMAZONAS NA PESCARIA.

É notável a falta de providência, e economia, que há no Amazonas sobre o peixe; porque não usam, nem há pescadores comuns, e peixe de venda; por cuja rezão, sendo inumerável a multidão, e variedade de peixe, que criam aquelas águas ou sejam as doces do Amazonas, e rios colatraes; ou sejam as salgadas do mar, que tem vizinho, há tanta falta de pescado nas povoações, que ainda nos dias de preceito, e quaresma se vê precisado o povo a substentar-se de vaca; o que ainda algũas vezes socede às mais ricas comodidades religiosas; e esta incúria não é só dos índios naturaes; mas tão bem dos mesmos brancos, e portugueses, e nas maiores povoações, e cidades porque em parte nenhuma há pastores de ofício, nem praças de peixe, em que se possa comprar. O único peixe, que algũas vezes há de venda é salgado, ou seco, do que fazem como já dissemos, os sertanejos nos lagos do Amazonas; mas este por muito, que seja, apenas chega aos sítios dos brancos, onde logo todo se consome. Tão bem alguns moradores nas vizinhanças do salgado fazem de quando em quando algũas pescarias, que remetem à cidade; mas são pescarias mais de coriosidade do que de ofício, não são certas, nem em tempos determinados; e apenas chega a alguns moradores.

Para remedear esta falta usam aqueles moradores dos mesmos meios que acima dissemos na falta de barcos comuns, isto é, vem-se obrigados a ter cada morador seu pescador, ou pescadores próprios seus escravos, que em canoinhas tão bem próprias todos os dias andam no mar, e à noute trazem ũa enfiada de peixe, a que chamam cambada quanto baste para seus senhores, e famílias, ou melhor diríamos, que às vezes não chega para cea de meia família; e por isso, quem tem numerosa família, põe duas, 3, ou mais canoas, para segurar o sustento de suas casas; cada canoinha leva precisamente dous homens ao menos; e quantos pescadores tem, tantos escravos tira do serviço dos seus sítios, e lavouras. E na praxe usam assim nos sítios, como nas cidades, e povoações, só com esta diferença, que nos sítios, e povoações piquenas, em que não há açougue público, não tendo outra cousa, a

que se tornar, vivem ordinariamente de peixe; e por isso para as escravaturas compram peixe seco dos sertanejos, como já dissemos, e dele tãobẽ comem os senhores, se lhes falta o fresco; mas sempre tem algũas canoinhas na pesca. Nas cidades porém como há açougue público, e a vaca na barateza ordinariamente de 5 réis ou pouco mais, basta-lhes ũa canoinha, que lhes dê o peixe necessário que sempre querem ter para a cea, e para os dias, em que a carne é proibida.

As comonidades acham da mesma economia trazendo actualmente no mar alguns pescadores, que apenas trazem peixe, que chegue a alguns doentes; e rara vez, que chegue a toda a comonidade; e por isso rara vez comem nos seus conventos peixe fresco: e para os dias proibidos da carne, e quaresmas se precatam antes de peixe seco, e salmoura; mandando de quando em quando fazer pescarias particulares com os escravos, e gente de serviço, que então tiram de suas herdades; outras vezes compram, aos particulares, quando o acham; e com toda esta providência ainda muitas vezes lhe falta, e se vem obrigados os prelados a darem carne as suas comonidades nos dias proibidos: Vem bem aqui o caso, que socedeo em um conselho dos magistrados do Maranhão, em que se usa esta mesma economia: Consultava o governo os magistrados por ordem real, se seria melhor tirar as fazendas, e herdades, que possuía ũa religião, e consignar-lhes renda estável como se faz aos filhos da folha; e quanta côngrua seria suficiente etc. Depois de vários pareceres sobre a matéria, respondeo um já venerando por velho, homem apotentado com várias, e grossas fazendas, muita escravatura, e lucrosos negócios, que o seu parecer era, que se lhes queriam tirar os escravos, e fazendas, e consignar-lhes côngruas; melhor, e mais piedade lhes seria dar-lhes logo com um maço na cabeça, e mandá-los para a outra vida; e dar logo rezão, porque eu que tenho fazendas, escravos, e dinheiros, quando quero comprar alguns víveres, ou sustento ordinariamente o não [vendo] por dinheiro algum; e sinto por esta falta algũas necessidades na minha família, como tão bem hão de sentir todos os mais cidadãos por ricos que sejam; sendo assim quantas necessidades padecerão uns religiosos recolhidos se os privam de seus escravos, e fazendas, de que vivem? Porque não se acham os víveres nas praças, como nas terras da Europa, e havendo dinheiro, não se acha [o] que comprar.

Usam pois de pescadores próprios os moradores, e comodidades; porém como a gente é muita e são poucos os moradores, que possam ter estes pescadores, porque ou não tem escravos, ou os que tem apenas lhes chegam a outros serviços. Nasce daqui ũa grande desordem de se anteciparem muitos às canoinhas dos pescadores, quando se recolhem, e mostrando-lhes água ardente lhes tiram o peixe; outros os practicam de ante mão para que lho leve a casa; e tudo conseguem facilmente por meio da água ardente, porque são mui tentados; e por isso ao depois apenas levam a seus senhores algũa piquena porção que muitas vezes não chega para ũa consoada: e muitas vezes nada levam dizendo, que não acharam; e é porque o tem levado a outras partes: e por mais castigos, que lhes dem, não há tirar-lhes este costume; sobre isto usou ũa comonidade ũa boa indústria com um seu pescador, assim: era ele insigne no seu ofício, mas fazia como os mais vendendo o peixe, e apenas levava de quando em quando algũa piquena porção, que não chegava a meia comonidade, e como não havia castigos, que posessem a caminho, o chamou ũa vez o prelado, e depois de lhe fazer ũa boa práctica, finalmente rematou, que tivesse dó do seu corpo, e que para não andar com tantos furtos, e logros lhe dava licença para vender a quem quisesse, e as claras todo

o mais peixe só com a condição de lhe levar todos os dias ũa piraíba (é peixe mui grande, que se leva a pao, e corda, e ainda vai de rastos, e muito gostoso) que chegasse a dar cea a toda a comonidade; ou outro equivalente, contentou a proposta ao escravo, e prometendo que sim, compria todos os dias, com a sua palavra e todo o mais peixe vendia.

Já eu disse, que os moradores brancos do Amazonas fazem a sua maior assistência nos seus sítios, e quintas, e só por occasião de negócios é que chegam de quando em quando as cidades com demora de alguns dias, ou temporadas, por outra parte se vem obrigados a sustentarem nas povoações a seus filhos, que frequentam os estudos, e aulas; e por conseguinte além dos pescadores precisos nas quintas, põem outros atuaes na cidade para tratarem do filho, ou filhos além de algũa escrava; e moleque para o servirem; de que se vê quanta gente lhes é necessária a estes moradores para a poderem occupar em tantos ministérios, e por isso muitos não mandam ensinar os filhos por não terem escravos, com que os sostente, e sirvam nas cidades; e por isso tão bem não cessavam muitos de louvarem os seminários, que há poucos anos eregiram nas cidades os jesuítas, porque metendo neles os filhos, se livravam de tantos cuidados; mas bastava para serem obra divina, a boa doutrina, com que nelas se criam, e livrá-los das más companhias das amas, e escravas, que primeiro lhes ensinavam os vícios, do que eles aprendiam o *A, B, C,* além de elas mesmas por outra parte viverem com a nímia liberdade sem medo dos senhores ouvintes, nem dos meninos, que não reparam.

Desta mesma economia usam pelo Amazonas acima não só os brancos, que tem gente; mas, ou muito mais os Missionários nas suas missões; porque não havendo por lá a providência da vaca, o seu ordinário sustento são tartarugas, e peixe; e como por outra parte sustentam nas suas residências muitos meninos catequistas; e acodem aos doentes, e velhos com algum sustento, se vem obrigados a pagarem alguns actuaes pescadores de peixe, e tartarugas para poderem sustentar-se, e não obstante terem para isso multiplicadas canoinhas, ficam muitas vezes, e muitos dias sem terem que comer, porque tãobẽ por lá pregam peças os pescadores, uns, porque em lugar de pescar se vão divertir; outros, porque o levam para seus parentes, e depois se disculpam, que não acharam; e ainda que façam ũa grande pescaria, não leva[m] ao Missionário ou seus senhores, senão ũa piquena cambada, segundo o seu costume, de que há casos mui ridículos, por onde se tem descoberto, como um, que se desculpava com o seu Missionário, de que não achava peixe por ter em si um diabo; e que só dele sairia com ũa boa surra de açoutes, e na verdade depois dela fazia boas pescarias.

A disculpa mais ordinária, que dão aqueles moradores para não haver pescadores de ofício, e peixe de venda nas praças, é por rezão da brevidade com que o peixe se corrompe, assim como todos os mais cadáveres por rezão do clima quente, e úmido por extremo; tanto que senão pode conservar o peixe fresco de manhã para a tarde, e muito menos de um dia para o outro se não tem sal, ou com algũas outras indústrias, de sorte, que de ũa até outra maré já o peixe contrai algum damno; e quanto mais mimoso mais corruptível; e para evitar este inconveniente pescam ordinariamente perto do povoado para poderem com brevidade levar o provimento a seu senhores; e pescam ou só de noute, para o levarem a casa pelas manhãs, ou só de manhã para o levarem ao jantar, ou só de tarde para o levarem à noute; excepto alguns brutos, e monstros marinhos como são o peixe boi, o peixe piraíba, e outros

desta casta, que aturam mais: e daqui nasce a dificuldade de sair [a] pescar ao mar, ou mais longe; porque ou se há de trazer salgado, ou há de chegar corrupto.

Porém esta desculpa, posto que tenha algũa força para o não haver sempre fresco; mas não para o haver salgado, salpresado, seco, ou outros modos, e ainda assim teria certo gasto, se fossem certos os pescadores; na 5[ª] Parte direi o modo de conservar o peixe, e a praxe que usam algũas nações para o terem sempre fresco, e prompto a toda a hora, que o quiserem: Agora só diremos a praxe mais ordinária de pescar que usam os habitantes do Amazonas; menos a indústria, com que seguram as tartarugas, porque já a temos dito na 3ª Parte. Usam pois de diversos modos as suas pescarias; e só nas partes do salgado se usa de redes, mas não pelo Amazonas acima, nem tem para isso muita comodidade por estarem as praias cheias de paos, dos muitos, que vão caindo das matas, e ficam sendo impedimento às redes.

Onde enchem, e vazam as marés usam muito os pescadores de parises; pari é ũa casta de seve que tecem de varas, para taparem nas enchentes as bocas de lagos, ou garapés, seguros com algũa travessa para a correnteza das vazantes os não levar; e se é necessário para maior segurança, lhe encostam algũas estacas de pao a pique; e se não chegam a tapar bem toda a boca do guarapé lhe accrescentam pelas ilhargas folhas de palma metidas a pique no lodo, de sorte que o peixe não possa escapar; e no entretanto que vaza a maré se deitam os pescadores a dormir, ou vão a seus negócios, e só voltam nas vazantes a colher o peixe, que fica represado em alguns poços; se não acham a tapagem disfeita, como muitas vezes socede por algum monstro marinho. Os principaes são os peixes a que chamam pirarucu; é ũa espécie de jacaré. O pirarucu não é dos maiores peixes, porque terá pouco mais de 5 palmos de comprido; mas de tal sorte se embravece, quando topa com algum pari, ou tapagem, que deita tudo por terra, e os pescadores ficam olhando; o mesmo socede com ũa certa espécie de jacaré das mais piquenas, porque também zomba do pari, nem valem estacas para lhe ter mão.

Perseverando porém a tapagem, acodem dentro os pescadores, e para não se atolarem no lodo, metem dentro a canoinha, e embora que o iguarapé fique quase seco, a vai puxando pelo mesmo lodo, quase como por água, e vão apanhando o peixe, que anda [a]os saltos por aquele lodo, ou por alguns poços, que sempre ficam com algũa água, e as vezes é tanto, que não cabe na canoeta: vão então levá-lo a suas casas; e na seguinte chega[m], vão deitar o pari em outro iguarapé, porque são mui leves, e ligeiros, e por isso com muita facilidade os levam enrolados para onde querem; e servem-lhes também de vela levantado[s] na canoa.

Quando porém os iguarapés são fiendos; de sorte que, ainda nas vazantes fica muita água, em que se esconde o peixe usam de outra indústria, que é envenenarem as águas com o pao timbó pisado, e batido na água; ou esfregado em água, e com ela envenenam a outra; logo o veneno se vai difundindo por todo o iguarapé, ou lagoa; e assim que o peixe sente o cheiro, e não acha por onde fugir infurecido, e bêbado ou atira consigo a terra, ou depois de muitos saltos, e escaramuças vem a de cima morto, e com a barriga para o ar; e assim o apanham com muita facilidade. Nos lagos cheios de peixe, que deixam as vazantes pelas dilatadas praias do mar, é mui divertida esta pescaria do timbó, e tãobẽ mui lucrosa, porque alguns fazem nestes lagos grandes pescarias: Mas o peixe morto com timbó corrompe-se mais depressa estas pescarias, e timbó a peste do peixe, porque não só o

mata todo grande, e piqueno mas o lago e iguarapé, em que se bate fica estéril de peixe por muitos dias; e [ilegível], ou usam muitas vezes até faz estéreis os mesmos rios; por cujos inconvenientes o proíbem os magistrados; porém sempre o usam os particolares às escondidas.

Para o peixe mais avultado, que não entra nos iguarapés, e só anda pelo mais largo e fundo, usam de linha, e o pescam com anzol; mas como para semelhantes se requer nos pescadores mais paciência; fogem quanto podem destas pescarias; porque além da paciência, tem mais trabalho para o meterem dentro das canoetas, o que não podem fazer sem as alargar para o meter dentro muitas vezes, por ser de desmarcada grandeza; e tãobẽ lhes custa a condução do porto a casa de seus senhores porque o levam a pao, e corda como são as grandes piraíbas, pirauíbas-ramuias, e outro muito peixe, que mais se podem chamar monstros do mar; mas além de serem deliciosos, cada um é ũa fartura em casa.

Alguns moradores, que vivem ao pé das praias do salgado usam de camboas, que é outro modo mui fácil de pescar, e cada ũa é para seus donos um morgado, sem a precisão de mais pescadores, ou redes: São as camboas ũas tapagens de pedra lançada como a montão nas praias com o feitio de meio arco, ou de meia lua, cujas pontas vem a rematar em terra. Enchem-se de água na enchente, e de peixe; e como este fica enganado té que já a água lhe vai fogindo, quando se quer retirar para o mar, já a pedraria fica sobre a água, e topando com ela não tem mais remédio, que morrer em seco; e então vão, ou mandam os donos ajuntar o peixe, que acham, que as vezes é tanto, que são necessários muitos homens para o carregarem, porque são camboas mui extensas; e nelas fica toda a casta de peixe; e para o colherem vivo, ordinariamente as fazem de sorte, que nas vazantes sempre lhes fique algũa água.

Outro modo de camboas usam outros nos rios de lodo; porque aqueles só usam nas praias de area; nas praias de lodo, e rios, em lugar dos montões de pedra usam de estacas a pique de troncos de palmeiras rachados, e feitos em tiras com o mesmo feitio de meia lua na distância, que querem; ficam estas estacas debaixo da água nas enchentes, e por isso entra o peixe para dentro; mas se não sae antes que a vazante chegue as estacas, depois, que estas ficam descubertas já não pode sair; e na total vazante fica totalmente em seco. Há ocasiões, em que fica muito peixe, sem mais trabalho, do que ir a buscá-lo; e de quando em quando vigiar a camboa, que senão damnifique faltando algũa estaca. Estes dous modos de camboas só se usam nos rios, e praias, onde alteam, e abaixam as marés; e sendo ũa obra muito fácil, e de muita conveniência para seus donos, são poucos os curiosos, que as tenham, a respeito dos muitos, que as podiam ter como são todos os moradores do salgado, e ainda muitos nos rios doces, por sobirem por elas às marés alteando, e abaixando. Quase semelhante a este é o cubo, de que usam muitos.

Cubo é outra espécie de camboa, porque é tãobẽ feito ou de estacas, ou de parises estáveis, firmes, e permanentes, e lhes chamam cubos, porque ordinariamente são redondos; mas podem ser de qualquer figura ainda de meia lua como as camboas supra; costuma porém ser fechado todo a roda pela rezão, de que o metem, ou fazem dentro totalmente da água: são mais levantados, que as camboas, porque ainda nas enchentes ficam mais altos que a água; e lhe entra o peixe pela boca, em que está a maior indústria: é a boca redonda, mas grande, com ũas canas, ou tiras mui leves feitas da casca del-

gada das palmas com tal indústria, que as pontas, caindo para dentro, se vão unir, e fechar todas juntas; Entra o peixe para dentro sem dificuldade; porque as canas ou suas pontas unidas basta tocar-lhes da parte da boca para logo se abrirem; mas como por si mesmas se tornar a unir, e ajuntar de nenhum modo pode o peixe ũa vez entrado tornar a sair; porque além das canas se tornarem a fechar, se picaria o peixe nas suas pontas se intentasse por violência tornar a sair. Deste modo, ou quase semelhante usam muitos na pesca das tartarugas, com a diferença de serem mais piquenos, e portáteis; e os põem nos rios, lagos, e paragens por onde andam, e passam as tartarugas, e lhe chamam... *

Há alguns peixes deliciosos, que não entram, nem se apanham facilmente em algũas das maneiras sobre ditas como são o peixe pacamó, e a morca, e outros mui especiaes na república dos peixes; e por isso usam na sua pescaria de outras indústrias. O peixe morca vive entre pedras, mitido em boracos, entre lajes, e em lapas como láparos; e dali quase nunca sae, para os tirar e pescar mergulham os pescadores, ou ao menos se prefundam na água até esta lhes dar pela barba, e levando na mão preparado um anzol, onde acham por entre as lajes algũa aberta metem a mão com o anzol adiante, e se dentro está a morca assim que sente assaltada a sua lapa, abre a boca para accometer ao que encontra, e quando menos se precata se acha presa com o anzol, pelo qual a puxa para fora o pescador, e assim vai fazendo as mais. O peixe pacamó vive em buracos nas ribanceiras dos rios, e alguns destes buracos ficam em seco nas vazantes, e por isso o peixe sae nesse tempo a passear em quanto as águas não tornam a encher-lhes as suas casas; para os pescarem nas enchentes saltam os pescadores a água ũas vezes de mergulho; outras vezes com a cabeça de fora conforme a altura das águas, e metendo o braço quanto podem pelos buracos dentro, agarram o peixe, e o trazem para fora, sem medo de que lhes faça mal, porque é peixe inocente.

A pesca das tainhas, é mui divertida; não falo na comũa, porque também se pescam com rede, ou nos lagos, e iguarapés tapados com os paris supra, ou também com timbós; mas a de que usam muito de noute com turi. Chamam turi a fachos acesos, que fazem de rama, ou milhor da casca da palma seca, e rachada em tiras, a qual arde como fachos, ou archotes de cera, e breu, e atura bastante tempo a arder. Andam as tainhas em cardumes, como em outras partes as sardinhas; metem os pescadores, ou coriosos em canoetas ligeiras sem mais outro instromento que os fachos turi, acendem o primeiro, e enquanto algum remeiro, ou remeiros vão remando vai algum com o facho aceso dando para um, e outro bordo da canoa; e a vista do fogo são tantas as tainhas, que acodem e saltam a canoa, que em breve espaço a enchem de sorte, que muitas vezes é necessário deitar fora o facho, para não se alagarem com o peso de tantas tainhas: só de noute, e às escuras se fazem estas pescarias, de que alguns fazem grandes salgas pela manhã. Mas especialmente se fazem nas marés grandes da lua nova, ou cheia; e se requer para isso que as baías estejam bem sossegadas sem ventanias, e muito menos trevoadas: e também é necessário que os pescadores vão precatados para levarem vários saltos na cara e mais corpo.

Pelo Amazonas acima e mais rios, onde já pouco, ou nada alteam as marés, usam os índios de outras indústrias: A mais ordinária é à frecha.

---

* Incompleto no original.

Em outro lugar dissemos, que nas margens, e bordas dos rios, ainda de area, crescem árvores na mesma água, de sorte que nas enchentes ficam de todo, ou quase de todo sumergidas, e alagadas; outras deitadas para os mesmos rios etc. Sobem então os pescadores, a que vem mais jeitosa, e dali como de atalaia se põe a observar o peixe, que lhes passa por baixo, ou ao pé, e então lhe despedem a frecha com muita ligeireza, e com um cordel que leva amarrado tornam a puxar para si a frecha, e o peixe; e se não tem árvores, em que se subam, metem na água estacas compridas de pao com algũas travessas, em que se sobem, e seguram, e dali com muita paciência fazem a sua pescaria. Deste mesmo modo usam tãobẽ para pescar tartarugas; mas também as pescam de longe atirando-lhes com frechas por elevação; isto e, atiram para o ar com tal proporção, que a frecha vai cair sobre ela.

Tão bem usam de frecha não só para peixe miúdo, mas tão bem para peixe grosso passeando pela água *v. g.* té os joelhos, e onde vem o peixe, lhe despedem ũa frechada; e são nisto os índios tão insignes, que basta qualquer criança de poucos anos para matar muito peixe, mas é só onde a água é clara, e não está alterada com ondas, que lhe tirem a transparência; porque de outra sorte, além de não poderem divisar bem o peixe, se expõem a algũa topada do peixe tremulga, ou da arraia ambas perigosas; e para as evitar querem não ser a água clara, mas também querem ver onde põem os pés; ordinariamente usam desta pescaria nas vazantes dos rios, e é para os rapazes um grande divertimento, e lucrosa pescaria. Deste mesmo modo usam nos lagos dos matos, nas pescarias do peixe, que chamam do mato; nestes lagos estão as águas ordinariamente claras, e se vê por baixo o peixe, e por isso à frecha o matam com muita facilidade; e é o peixe mais ordinário, de que se provém os índios, e canoas do sertão, *ut supra*.*

Outro modo de que usam os índios mui ordinariamente são as negaças, com que enganam o peixe, desta sorte: fazem de pao a forma, e figura de um peixe, e presa esta figura com algum cordão subtil nas paragens onde já sabem, que há abundância de peixe, se põem a mirá; e todo o peixe que chega a reconhecer a figura ou com frecha, ou com isca fica preso, e seguro. Usam também os índios de ũas piquenas redes tecidas na ponta de algũa comprida vara, muito leves, e ligeiras, metem com sutileza debaixo da água, e quando por cima sentem nadar o peixe, de repente atiram, e atiram a terra com o peixe posto que ordinariamente é miúdo. Tãobẽ usam de anzol os índios mansos, que já usam de ferro; especialmente para o peixe piranha, e outros, de que há infinidade, e com a circunstância, de que para pescarem a piranha, não é necessário isca, basta de cima de algum pao, ou de algũa canoa meter na água o anzol na ponta da linha para logo lhe pegar a piranha com tanta abundância, e ligeireza quanta possam ter as mãos em meter, e tirar para baixo, e para cima: não assim para o peixe grande que pescam à linha do modo ordinário.

Na pesca do boi marinho, ou peixe boi usam como em outras partes a pesca da baleia com fisga, ou arpão; e com muita destreza, e subtileza nos pescadores; depois de fisgado o deixam ir estrebuchando por onde o leva o ímpeto até se esvair todo em sangue; depois vão buscar onde foi a parar, e o conhecem por ũa boia, que leva presa na corda da fisga. Para meterem dentro da canoa aquele monstro a alagam; e alagada lha metem por baixo

---

* Lat.: como acima.

do peixe um bordo té o peixe ficar dentro da canoa; e para este ministério fazem já as canoas de pao leve, que só possa alagar sem o perigo de ir ao fundo; assim alagada e com o peixe dentro a vão levando para terra onde encostada lhe deitam a água fora, e se recolhem com a presa. E basta de peixe.

CAPÍTULO 12º

PRAXE ORDINÁRIA NOS MERCADOS DO AMAZONAS.

Semelhante à falta de providência, e economia que acima dissemos dos barcos comuns, e pescadores públicos, é a falta de mercados no Rio Amazonas, porque em todo o seu destricto não há feira algũa em forma, (té o meu tempo) nem praça algũa, em que se façam compras, e vendas, dos víveres, dos gêneros, ou dos fructos, mais do que as lógeas ordinárias dos mercadores, e nas cidades algum açougue público da vaca: Digo nas cidades; porque nas vilas, e povoações menores que tem esta providência há, e cada um vive sobre si, e do que por si, os seus escravos, se os tem, pode buscar ou na pesca, ou na caça; e quem não tem escravos, nem por si pode buscar, só por intervenção de procuradores, ou de 3ºˢ pessoas pode haver o necessário para suas casas; e muitas vezes, ainda, que tenham dinheiro não acham absolutamente [o] que comprar. Por isso só são bem servidos os moradores, que tem sítios, e escravos, porque nos sítios, em que mais ordinariamente vivem, fazem por ter o preciso para passarem, sem a precisão de o buscarem; mas quem não tem sítios, nem escravos sente muita falta nem acha onde a poder remedear ainda que ofreça preços exorbitantes. São enfim terras as do Amazonas, onde não basta ter dinheiro para passar bem, é necessário ter quintas, e ter escravos.

Ainda dos ofícios mais ordinários, e precisos na república há tanta falta, que ordinariamente se não acham oficiaes para as obras precisas; e só por empenhos se alcançam, porque os poucos oficiaes que há, ou não querem servir os seus ofícios, tendo por desonra o trabalhar; ou se algum tempo trabalham, são tão vagarosos, que passam anos para lhes tirar das mãos algũa obra: E tãobẽ para remedear estas faltas tem os moradores nos seus escravos oficiaes de todos os ofícios; porque um é sapateiro, outro alfaiate, outro ferreiro, outro tecelão, outro carpinteiro etc. e deles se servem nas occasiões, em que precisam, e no mais tempo todos trabalham nas lavouras, roçarias, remagens de canoas, ou no que é preciso como senão tivessem ofício particolar: daqui nace, que havendo quantidade grande de oficiaes de qualquer ofício nas casas, e serviço dos particulares, há muita falta das suas manobras para o público. E se há alguns poucos oficiaes públicos, que talvez por não

terem outro modo de passar a vida se resolvem a trabalhar algum dia, ou tempos no seu ofício, é necessário pedir-lhe por mercê, quando se lhe quer encomendar algũa obra, como se só a fizessem por mera coriosidade, e não por ofício; e como se fiam na falta grande, que há destes oficiaes, se fazem caríssimos no pouco, que fazem.

Mas o peior é a falta de mercados dos fructos, e víveres; e nasce esta falta de barqueiros comuns, e públicos, como já acima falamos; e a rezão é; porque estando os sítios, quintas, e herdades tão destantes ũas das outras, e tão longe dos povoados, não podem os donos transportá-los às cidades e povoações sem mais dispêndio, do que lucro; occupando para isso os seus fâmulos, e canoas; e é tãobẽ a causa de não remeterem os Missionários, e moradores dispersos pelo Amazonas acima, os muitos frutos das suas matas, como já acima dissemos; porque importa mais a despesa, que a receita; E se houvesse embarcações públicos, e cargueiros de ofício, por eles se remeteriam os fructos sem perca antes com muita hostilidade dos quinteiros, e dos moradores actuaes das povoações, uns porque teriam que vender; outros, porque teriam, que comprar nas praças; mas enquanto se não poserem estes barcos comuns nunca haverá, nem pode haver alguns mercados, ou feiras estáveis, e permanentes.

Nesta falta a praxe, que usam os brancos nas compras, e vendas uns, com outros é inquerindo primeiro, quem terá o que se busca, *v. g.* farinha, que é o vivere de primeira necessidade, e sabido particolarmente se ajustam; mas se não há quem falhe na compra, tão bem não há quem falhe na venda ordinariamente de sorte, que só quem necessita faz diligência para comprar dos particolares; mas estes nenhuma fazem para vender; e por isso se há quem os busque nos seus sítios, muito bem, fazem então seus negócios; mas se os não vão buscar, lá consomem consigo os seus fructos excepto os transportáveis para Europa, porque esses conduzem aos portos, e embarcam, ou contratam nas frotas: enfim só particolarmente, e com muita diligência se fazem as compras, e vendas nas casas particolares, mas não em feiras, ou praças públicas, por isso, quando algum particolar tem *v. g.* algum empenho para desempenho de ũa festa, lhe é necessário esquipar ũa canoa, e ir, ou mandar seus procuradores pelos rios e sítios para buscar, e comprar os víveres, e isto muito de antemão.

Desta falta se aproveitam muitos para fazerem pelo Amazonas acima grandes negócios porque havendo canoa, *v. g.* as que dissemos acima que vão ao sertão, nelas fazem suas carregações de vinho, águas ardentes, instromentos de ferro, e muitas outras drogas; e as vendem por altíssimo preço pelos sertões; vendem como querem, porque não tem por lá os compradores outro modo de fazerem os seus provimentos; os mesmos avanços tem estes negociantes nas compras dos frutos da terra, porque os compram conforme querem, porque os vendantes não tem outro modo de os passarem: tudo nace da falta de barcos comuns, e de mercados formaes, em que cada um apresentasse os seus frutos, e haveres. Porém*

Os maiores negócios, que fazem os contratistas são com os tapuias mansos das missões, os quaes enganam com alguns bolórios, facas, e cousas de pouco custo, e por eles lhes compram farinha, e qualquer cousa, que eles tenham; chamam-lhe a estas cousas resgastes, e não compras, e os contratam desta sorte: vai qualquer destes contratistas pelos sítios dos índios dispersos

---

* No manuscrito termina assim o parágrafo, continuando o assunto no seguinte.

por entre rios, e ilhas, entram-lhes em casa; vem algũas farinhas, ou qualquer outra cousa, que lhes agrada, e sem mais ajuste lhes metem na mão umas facas, ou uns bolórios, ou os cariciam com algũa porrada de águas ardentes, e accrescentando — Eu quero tanta farinha, ou tantas galinhas etc. e logo mandam carregar, porque os índios por mui tímidos não se atrevem a repugnar-lhes; e se algum o faz, parece retórica lhes basta para os enganar: E se não acham as farinhas, que querem, lhes entregam alguns resgastes *v. g.* machados, e outros instromentos de ferro, que os índios muito estimam, com a condição de que dali a tantos dias, ou em tal tempo lhes tenham promptas aquelas farinhas, ou o que querem, porque então voltarão a buscá-las; e os índios ordinariamente cumprem com a sua palavra enquanto podem; porque*

Se algũa vez faltam ao ajustado, quando os contratadores voltam se pagam quanto, e como querem, porque pegando em tudo, o que acham levam, e os índios não só não repugnam, mas ainda estão receosos de que lhes moam o corpo com pancadas. Quantos enganos, quantas desordens, e quantas avarias se cometam nestas compras? basta dizer, que ganham mais de 100 por um. Vê-se bem deste caso. Ũa occasião foi um destes contratistas a ũa missão, e sítios de índios a comprar farinhas, e levou para resgastes um alqueire de sal; e com este alqueire de sal comprou 30 alqueires de farinhas, que logo levou consigo deixando ajustadas outras para ir buscar em outra occasião; além de fazer ainda alguns mimos de sal gratuitos; por rezões de amizade; quando por boa justiça apenas se poderia estender o sal té 5, ou quando muito 6 alqueires de farinha.

Estando eu em ũa missão, chegaram uns militares, e foram pela povoação a resgatar, ou comprar alguns víveres; a pouco espaço de tempo os vi voltar com alguns víveres, e entre eles traziam preso um grande javali, ou porco montês, que sustentava por regalo ũa índia; admirando o resgate por saber a grande estimação que fazia dele a dona, lhe perguntei, quanto lhes tinha custado? ũa faca flamenga, me responderam; e iam mui contentes da sua compra; e desta forma são as mais; porque não fazem mais ajuste do que aí tem ũa faca por este javali, e logo o vão conduzindo; e não querendo a índia aceitar, lha deitam aos pés, e vão andando: e deste modo fazem a maior parte dos contratos, que ao depois vão vender às cidades a 100 por um.

E não só resgatam ou compram dos índios com estas miudezas farinhas, e outras cousas de pouca monta; mas tãobẽ cousas preciosas, que alguns índios acham pelos matos, e pelas praias; como são âmbar, tartaruga fina, pedras de bazar, pedra de camaleão, pedras de águia, e muitas outras preciosidades. É lástima ver como os contratistas resgatam dos índios óptimos cascos de tartaruga cada libra por um frasco de água ardente de cana, ou por menos! que a água ardente é a maior, e mais rica fazenda para tirar dos índios qualquer cousa por mais preciosa que seja. Com um frasco de água ardente, compram ũa pedra de camaleão, que se não paga com 100000 réis; com um frasco de água ardente compram libras inteiras de âmbar; e assim o demais; porque nem os brancos tem escrúpulo de comprar com tanta barateza; nem os índios sabem, o que vendem tão barato.

Desta mesma sorte contratam estes brancos com os índios do mato salvages, quando com eles podendo haver comonicação, levam-lhes instromentos de ferro, que são o de que mais carecem, e mais estimam facas, machados,

---

* Assim no manuscrito.

fouces, e cousas semelhantes; e por cada machado lhes pedem um, ou mais feixes de cravo, ou de salsa, ou tantos cestos de cacao; e que lhe hão de ter tudo prompto para tal lua; e ordinariamente cumprem a sua palavra; excepto quando se persuadem, que os enganam de prepósito; porque então nada deles se consegue, senão a seu modo. Assim fez um com um branco, que lhe queria comprar ũa canoeta, e lhe ofereceu por ela um rolo de pano; mas o índio persuadido, a que o queria enganar, não quis vir no contrato senão com a condição, de que lhe havia de dar tanto pano, quanto cobrisse a roda a canoa, que viria a ser menos da 3ª parte, do que lhe queria dar.

Em duas cousas são notáveis os índios nos seus contratos ou sejam os mansos das missões; ou os que servem aos brancos nos seus sítios; e é que quando tem, ou acham algũa cousa, de que já sabem ser mui estimada dos brancos, não e levam ordinariamente aos ditos brancos, a quem servem, ainda antes, quando eram escravos, mas a outros brancos seus conhecidos, e isto muito em segredo; o mesmo fazem os índios das missões com os seus respectivos Missionários, porque não hão de vender ao seu Missionário, embora saibam, que o Missionário anda em diligência daquilo mesmo, que lhe incobrem, mas só a hão de ir oferecer a algum branco belforinheiro, quando aporta na povoação, embora que saibam, que o Missionário lha há de pagar em um, ou mais dobros: daqui nace, que quando algum Missionário quer comprar algũa cousa especial de algum índios, o faz por 3ª pessoa, por algum branco, porque por si mesmo se expõem a levar do índio um *não quero*. São nesta parte tão ingratíssimos, que ainda que vejam, que os Missionários lhes estão acodindo nas suas necessidades nas suas doenças, e em tudo, o que deles querem, contudo lhes não querem vender, o que tem, e muito menos dar; mas só a algum branco estranho, que o engana, e a quem não deve algũa obrigação.

A 2ª cousa especial no contrato dos índios é, que não vendem, nem fazem serviço algum, sem o pagamento à vista, ainda que a compra, ou serviço se haja de fazer para o futuro. Quer um Missionário comprar alguns alqueires de farinha, há de dar logo o pagamento doutra sorte não a acha; nada querem dar fiado; embora que seja para mui breve demora: O mesmo tãobẽ no serviço; porque quer o Missionário despachar a canoa do sertão com os 25 índios da repartição, antes de partirem, e antes de embarcarem hão de receber o pagamento, doutra sorte não querem ir; e da mesma sorte fazem aos brancos, quando vão nas canoas do seu serviço, porque logo antes de embarcarem lhe hão de dar o pagamento; ainda que nisto fazem bem, e já está estabelicido, nem os Missionários lhos querem entregar, sem primeiro lhes darem o pagamento, e a rezão é, porque os brancos costumavam antes levá-los, e depois de se servirem deles com trabalhos insanos 7, 8, ou mais meses os mandavam para suas missões com as mãos vazias sem pagamento algum, e para evitar semelhantes injustiças se ordenou lhes dessem antes o pagamento; e esta mesma praxe fazem os Missionários ainda que já sabem que não só lhes pagam, mas sempre em pagamentos *[ilegível]* quando lhes vendem algũa cousa da mesma sorte há de ser em pagamento a vista.

E pelo contrário, quando eles índios são, os que primeiro cometem o contrato, querem, que os Missionários o fiem deles por quanto tempo eles querem: *v. g.* quer um índio algum machado ou cousa algũa vão ter com o Missionário que lho dê, e que por ele lhe trarão farinha, quer outro algum pano, pedem tantas varas com a mesma condição; e os Missionários por se compadecerem da sua miséria, e para viverem com eles em paz fiam quanto

eles querem, embora que muitas vezes faltam a palavra: Apontam em um rol as cousas, que levam os índios; e as vezes fazem róis de inteiras folhas de papel; mas apenas cobra a terça parte porque quando lhes lembram as dívidas, logo acodem com disculpas ou de que a sua roça lhe apodrecera ou de que outros lha roubaram, ou porque os porcos do mato lha comeram ou outras semelhantes disculpas, que na verdade são desculpas de mao pagador, porque com elas se vem precisados os Missionários a esperar-lhes para as colheitas do seguinte ano e então, e nos mais para diante formam outras escusas, de sorte que os Missionários para não andarem com eles em dissensões rasgam, e queimam os róis, e lhes deixam tudo por perdoado.

De sorte, que quando querem vender, o que tem, deixam os Missionários, e vão ter com os brancos; quando porém querem tomar fiado não vão aos brancos, vão aos Missionários, e a rezão é; porque se faltam ao prometido sabem já que os Missionários lhe hão de perdoar; e os brancos não; porque chegado o prazo, se não satisfazem, se pagam os brancos com muito avanço pegando, e tomando-lhes tudo, o que acham a torto, e a direito; por isso só dos Missionários se fiam; ou querem que deles fiem os Missionários; mas fiarem eles dos Missionários de nenhum modo; por isso é necessário especial economia a quem há de tratar, ou governar índios; porque se assim não fizer em lugar de augmentar, destruirá a missão fogindo cada um para sua parte. Todos estes, e muitos outros inconvenientes se (se) seguem na falta de feiras, e mercados públicos, aonde acodindo cada um com os seus frutos, ou sejam brancos, ou sejam índios; e taxando estes por oficiaes públicos, ali se poderiam todos prover do necessário, além de muitas outras grandes, e úteis consequências para bem de todos, e augmento do Estado, como adiante direi na nova economia da 5ª Parte.

CAPÍTULO 13º

DA INDÚSTRIA, COM QUE OS ÍNDIOS TIRAM FOGO, E FABRICAM A SUA LOUÇA.

Por vezes temos tocado, em que os índios não tem uso de ferro, excepto já os mansos pela comonicação com os brancos; e que em seu lugar usam só por remédio, e fraco remédio de paos duríssimos, de pedras agudas, e de fogo; e deste principalmente; para o tirarem é industrioso o modo, de que usam, porque não o tiram das pedras, mas dos paos desta sorte: pegam em dous paos jeitosos, um põem por baixo algum tanto facetado por modo de táboa, ou de cepo, pegam então em outro muito maneiro, e redondo, encostando-lhe a ponta sobre o de baixo com as palmas das mãos entram a andar a roda com ele carregando para baixo, e com muita ligeireza, por modo do

rodízio dos que fazem chicolate; e com este moto violento vão aquecendo pouco a pouco os dous paos de sorte, que chega o de baixo a pegar, e acender fogo; e em lugar de isca, usam de algodão, ou estopa seca, que tiram de árvores, e fazem as suas fogueiras, se querem aquentar-se, ou cozinhar etc.; e se é só para cachimbar, não lhes é necessária mais isca do que o mesmo pao de baixo, em que se vai ateando o fogo como brasa; onde o conservam quanto tempo querem pondo-o ao vento, ou assoprando-lhe de quando em quando. É certo que nas suas povoações, e casas ordinariamente conservam nas cinzas o fogo de uns dias para outros; mas se algũa vez se apaga, deste modo o renovam; e é ordinário, e mui practicado nas suas viagens ou sejam por mar, ou por terra; e o usam ainda os índios mansos, e talvez muitos brancos, quando [viajam] e lhes falta fuzil, isca, e mechas, porque com dous pauzinhos suprem tudo.

E porque esta notícia pode servir de refúgio, em muitas occasiões, aos que se acham em despovoados, ou em desertos; especialmente aos habitantes da América, que pelo intrincado das suas matas, e incultas terras mui facilmente se perdem, com perigo de sere massaltados, e comidos das feras; e talvez que assim tenham socedido a muitos, que desapareceram; etc. É bem que todos saibam esta indústria; com advertência de que os paos podem ser quaesquer, ainda que em uns pega mais depressa o fogo do que em outros, mas devem ser secos; para o de cima, que anda entre as mãos, basta qualquer paozinho da grossura de um dedo, e comprimento necessário para se lhe poder pegar; o de baixo porém deve ser mais pesado para estar firme, senão há quem segure; os índios não lhes dá cuidado o não terem quem lho segure, porque o mesmo que anda com o de cima as voltas, com os pés segura o de baixo: e quando andam embarcados nos mesmos bordos da canoa fazem isso: ensinados só da filosofia natural, e sem nunca ouvirem a lição de Aristóteles — *motus est causa caloris*.*

A sua louça fazem tãobẽ com engenhosa indústria sem terem uso, nem precisão de forma para a cozer. Ordinariamente os seus oficiaes são as mulheres, e escolhido, e preparado o barro, que sempre é especial; lhe misturam metade, ou algũa parte da cinza de árvores, não de todas, mas ordinariamente da árvore caraipé; ajuntam quantidade de casca desta árvore, queimam a dita casca e depois misturam a cinza com o barro; e o que ficou só carvão da casca o moem primeiro bem e fazem em pó finíssimo que também ajuntam ao barro; assim bem ministrado, e caldeado, amassam tudo, e depois de o porem no ponto necessário fazem a louça, que querem tudo à mão sem roda alguma, depois de formada na quantidade, que querem, e deixada primeiro secar, e intesar a cozem tãobẽ sem forno; ajuntam a lenha, que julgam necessária, vão primeiro aquentando com pouco fogo, depois o vão augmentando accrescentando-lhe lenha por dentro, e por fora té se cozer quanto é necessário[.]

Para a vidrarem a esfregam com a resina do pao jotaí, a que chamam jota; outras vezes, em lugar desta resina, usam da casca do mangue; pisam, e machucam bem esta casca em água, e com esta água borrifam bem a vasilha, a qual sae não só com seu tal qual vidrado; mas toda cheia de máculas, que lhe dão sua galantaria. Outras usam de outras cascas, e outras resinas, conforme as que tem mais a mão; e desta sorte sem rodas, nem fornos fazem toda a casta de louça que querem, pratos, panelas, iguaçabas, que são ũa

---

* Lat.: o movimento é a causa do calor.

casta de talhas, e algũas bem grandes; fazem lambiques, e finalmente fornos para cozerem, ou secarem as suas farinhas, e tudo o que querem; e só tem algum defeito de ser a sua louça ordinariamente mais grossa, que a nossa; e só apretada, ou pardacenta, mas serve muito bem, atura toda a casta de fogo, e os brancos também lhe dão muito gasto.

A brevidade, e destreza, com que fazem, os seus fornos, tem tãobẽ especial iñdústria: Além dos fornos ordinários, de que todos usam para secar, e cozer as suas farinhas, que são redondos, chatos com bordas levantadas, e do feitio de frigideiras; usam tão bem de fornos semelhantes aos nossos, em que nas festas cozem seus bolos, a que chamam miepés, e fazem outros guisados; para fazerem estes fornos não buscam pedra, nem precisam de ladrilhos; porque fazem primeiro a forma de varas cravadas na terra em todo o circuito mui juntas; em cima lhes ajuntam as pontas, e atam com cipós fazendo-lhe o baixo, que querem, porque como são verdes, vergam bem, e tomam bem à forma que lhes querem dar, fazem-lhe o aterro na altura querem com sua porta etc. tudo com varas; depois de bem ajustadas, e acabada a forma, a embarram toda a roda com barro amassado, o qual vão alisando e compondo muito bem. Depois de bem cobertas as varas, ou forma, deixam secar o barro à sombra, e se em alguma parte abre algũa cisura a tapam; depois lhe lançam fogo aquentando-o pouco a pouco com lenha por dentro, e por fora, té ficar todo cozido; porque queimando o fogo as varas, ou forma em que se sobstentava o barro fica este já cozido tão perfeito, como se todo o forno fosse um só ladrilho.

Talvez, que desta indústria dos índios na factura dos seus fornos aprenderam já os brancos para os fazerem da mesma sorte das suas cozinhas; e tãobẽ para cozerem ladrilhos, e mais louça nos lugares, onde não há nem ladrilhos, nem fornos, em que se cozam, como sucede por todo o centro do Amazonas, e muito mais em todas as povoações das minas; por isso quando querem fazer algum templo, ou qualquer outra obra, para a qual não tem pedra, nem cal, e mais requesitos, suprem toda a falta com ladrilhos, e fornos com algũa semelhança dos tapuias; desta sorte: fabricam quantidade de ladrilhos, depois para os cozerem buscam algũa paragem mais accomodada em algũa ladeira, ou ribanceira, ali cavam, e fazem por baixo ũa lapa acumodada para fornalha, para cima, ou por cima lhe abrem ũa boca por onde há de sobir o fogo, na qual atravessam paos bem fortes por modo de grade, e por cima dos paos põem barro da grossura *v g.* dos mesmos paos; e sobre o barro vão acomodando todo o ladrilho, que tem ou querem, e depois de o acomodarem, tapam à roda, e por cima todo este ladrilho com ũa camada de barro capaz a servir ao depois de forno, servindo-lhes de forma, e encosto o mesmo ladrilho, que lhe fica dentro.

Assim tudo arrumado lhe vão metendo lenha por baixo, e dando fogo pouco ao principio, e cada vez mais esperto té cozer toda aquela máquina; é certo que o fogo também se atea, e queima a grade, que dissemos; mas como ao mesmo tempo vai cozendo o barro que tem por cima, quando a grade se acaba de fazer em cinza, já o barro está cozido, duro como pedra, e pode ter mão na grande carga, que tem por cima: depois de cozido todo o ladrilho, e tirado para fora, fica juntamente um forno feito para continuar as mais fornadas; e desta sorte com muita presteza, e facilidade fazem fornos da grandeza que querem sem a precisão de ladrilhos, pedra, ou cal; antes todo o forno por grande, que seja, fica um só ladrilho inteiriço: o que mais

se necessita para estas obras é lenha; mas, como tem à porta tão extensas matas, em toda a parte as podem levantar.

Vem aqui agora bem a ponto a praxe, que usam em muitas terras de outros reinos para cozerem os ladrilhos. Há terras mui faltas de pedra, e madeiras; e por isso para levantar fábricas e casas usam só de ladrilhos; para os cozerem não se cansam com fornos; mas os vão acomodando, e amontoando uns sobre outros por modo de paredes em algũa planície, por cima o consertam em arcos; e metendo-lhes por baixo, e por entre as ruas a lenha necessária o cozem perfeitamente; e de ũa só vez cozem toda a quantidade, que julgam necessária para a obra, ou fábrica, que querem fazer. Nas terras do Amazonas seria mui conveniente este modo de cozer os ladrilhos, por terem a lenha muito ao seu dispor, que é, o de que mais necessita esta praxe; e há terras na sua grande extensão, onde não há pedra; e posto que suprem esta falta com madeiras, sempre com ladrilhos ficaria mais perfeita; e quando digam, que não necessitam por terem tão boa madeira, sirva só para os coriosos esta notícia.

O ilustrissimo senhor Palafox falando dos índios da América não se contenta com os igualar na capacidade aos europeos, pois em um memorial que presentou a El Rei em favor daqueles vassalos intitolado Retrato Natural dos índios — diz que nos excedem. Ali conta de um índio, que conheceu Sua Ilustríssima a quem chamavam — Seis ofícios, porque outros tantos sabia com perfeição. De outro que aprendeo o de organista em 5 ou 6 [roto o manuscrito] com observar as operações do mestre sem que este lhe desse documento algum. De outro, que em 15 dias se fez organista. Até também refere a sutileza com que um índio reco[brou o cavalo] que acabara de roubar-lhe um espanhol, [assegurou] que este reconvencido [por que] o cavalo era seu havia muitos anos! o índio que não [roto o manuscrito] tem [roto o manuscrito] roubo, [roto o manuscrito] neste aperto promptamente deitou a sua capa sobre os olhos do cavalo, e olhando para o espanhol lhe disse, que já que havia tantos anos que era dono do cavalo, não podia ao menos de saber de que olho era torto [roto o manuscrito] que lho dissesse: o espanhol sorpreendido, e turbado a Dios, e a ventura respondeo que do direito, então o índio tirando a capa mostrou ao juiz, e a todos os assistentes que o cavalo não era torto nem de um nem de outro olho, e convencido o espanhol do roubo, restituio o cavalo ao índio. [ilegível] Feijó C. 2. f. 278

Obs. *Esta matéria vem redigida numa papeleta colada entre as páginas 60 e 61, Cap. 10º, da Quarta Parte, do manuscrito BN.*

Parte Quinta
do
Tesouro descoberto
no rio máximo
Amazonas

EM QUE SE MOSTRA UM NOVO, E FÁCIL MÉTODO DA SUA AGRICULTURA: O MEIO MAIS ÚTIL PARA EXTRAIR AS SUAS RIQUEZAS; E O MODO MAIS BREVE PARA DESFRUTAR OS SEUS HAVERES PARA MAIS BREVE, E MAIS FACILMENTE SE EFETUAR A SUA POVOAÇÃO E COMÉRCIO.

PROÊMIO

Suposta já a notícia do grande, e rico tesouro, que oferece a seus moradores o rio máximo Amazonas na bondade das suas águas, na extensão dos seus domínios, na vastidão das suas matas, e na fertilidade das suas terras, segue-se agora insinuar o modo de poderem os seus habitantes breve, e facilmente desfrutar as suas muitas especiarias, [ilegível]tar as suas grandes riquezas, cujo método, e praxe, é todo o intento desta obra, e todo o argumento desta 5[a] Parte, em que servem só de preâmbulos as mais Partes: de sorte, que nas mais partes intentei mostrar a grandeza deste tesouro para fazerem os leitores o devido, e cabal conceito das suas riquezas; nesta 5[a] Parte pertendo mostrar o modo de se poderem extrair essas riquezas, e de se poder utilizar esse tesouro; porque de pouco valeria a notícia daquelas riquezas, se não se sabe o modo de as lograr; de pouco serve a [ilegível] de um tesouro, se não se descobrem os meios de o conseguir; nesta Parte pois direi o melhor modo e os meios mais proporcionados de se poder desfrutar este tesouro, e de se poderem adquerir as suas riquezas.

São as riquezas do Rio Amazonas, e o tesouro de que falo a grande fertilidade das suas terras, as preciosas especiarias das suas matas; e as copiosas colheitas dos seus frutos; porque nos frutos da terra, e bens estáveis consiste a mais estimável riqueza dos homens, e não nos ouros, pratas, e preciosas gemas, que de repente se podem perder, e desaparecer em um momento. É bem verdade, que tãobẽ nas suas preciosas minas é rico o Amazonas, como mostramos na 3ª Parte; mas não são estas não as que o fazem mais envejado, mas sim a grande fertilidade das suas, e as copiosas colheitas dos seus frutos sabendo o mais fácil, e útil meio de se puderem cultivar; este meio pois é o que vamos a propor nesta 5ª Parte, e dar uma idéa a mais proporcionada, que se pode practicar no seu cultivo, com a qual cada morador se pode prometer com a ajuda de Deus, a quo bona cuncta procedunt, *se pode prometer muita fartura de viveres, muita abundância de frutos, e em poucos anos muitas riquezas.*

É lástima digna de muita compaixão ver a laboriosa fadiga de um lavrador na Europa todos os anos da sua vida para poder alcançar um bocado de pão, de que apenas se pode sustentar a si, e a sua familia, vivendo sempre com miséria, e pobreza, e sempre trabalhando, e suando sem se poder prometer alguns anos de descanso de ũa vida tão miserável como laboriosa; o qual, se trabalhasse a milésima parte nas terras do Amazonas em pouco mais ou menos anos seria dos mais ricos, e abastados dos seus moradores. Bastam anos a qualquer habitante daquelas fertilissimas terras para ser rico pondo no seu cultivo ũa mediana diligência acertando o verdadeiro método de as cultivar, que é a matéria, que agora lhes ofereço nesta 5[ª] Parte: e me parece, que ainda lhes prometo pouco em só lhes prometer muita abundância, e fartura; porque posto em praxe o novo método, que vou a propor, posso afirmar-lhes, que não só podem ser ricos em poucos anos; mas tãobẽ fazer aquele Estado o mais rico do mundo, para extracção de cujas riquezas apenas serão suficientes as numerosas frotas da Europa, como mostrarei com evidência no discurso da obra.

Eu bem sei que expondo a muitas censuras esta obra pelo que contém de novo, e desusado aos que já estão habituados no antigo cultivo daquelas terras, porque sempre as novidades causarão admiração aos antigos; mas não quero mais reposta aos seus reparos, do que a evidência com que pertendo mostrar o meio intento, e as provas, com que provarei, o que disser nas experiências de facto em alguns moradores no mesmo Amazonas, e mais colônias; Além do que, eu não pertendo dar regras, a quem as não quer tomar; não pertendo impor obrigações, aos que tem livre alvedreo para as não seguir, nem é o meu empenho persuadir aos já habituados na sua antiga agricultura a só tomarem o novo método, os que se criaram no antigo, porque tenacissimi sumus eorum quae rudibus annis percepimus;* *falo propriamente com os novos povoadores, que da Europa aonde vivem ũa vida pobre, laboriosa, e miserável vão concorrendo a buscar naquelas terras o seu remédio, de que se vão povoando cada vez mais aqueles estados, que em algum tempo virá a ser o mais rico, e envejado do mundo; com estes pois fala o meu método, e direcções, porque sem elas pasmam os novos colonos quando se vem naquela vastidão de terras incultas, à vista de matas inacessiveis, sem mais cultura, que a da natureza, e sem mais benefício, que o da terra; e desanimados se encolhem os braços, e se atam as mãos, sem tomar outra resolução mais, do que dar-se a ũa calaçaria, o porque lhes parece impossível o poder cultivar sem o adjutório de muitos operários, que não tem, nem [ilegível] haver, tão crecidas matas. Socede-lhes a estes o mesmo, que socedia aos que antigamente se intrinsicavam nos labirintos de Creta, os quaes não atinando com caminho ou estrada para saírem desanimavam cobardes, e pasmados se choravam perdidos, se a douta Ariadne os não guiava para saírem.*

São as matas do Amazonas tão crecidas, tão espessas, e tão cortadas de rios, que na verdade se podem chamar um laberinto onde se perdem, e desanimam ainda os naturaes, e mais prácticos palinuros, e em tantas dificuldades não é muito fiquem pasmados os estranhos não sabendo por onde hão de principiar ou acabar, nem como hão de entrar, ou sair; Nesta dificuldade pois servirá de directório a praxe, que insinua esta 5[ª] Parte, com a qual não só senão perderão os novos colonos, mas se saberão utilizar para viver com fartura, e para enriquecer com brevidade.

* Lat.: Somos muito apegados àquilo que aprendemos na mocidade.

TRATADO 1º

DA PRAXE QUE SE DEVE OBSERVAR NA AGRICULTURA DAS TERRAS INCULTAS DO AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

EM QUE SE EXPÕEM AS PROVIDÊNCIAS PRECISAS, QUE DEVE HAVER PARA BOA E PRECISA VIVENDA DO AMAZONAS.

Sabida já a praxe vulgar que usam os habitantes, e naturaes no grande Rio Amazonas, e já exposemos na 4ª Parte do seu tesouro, resta agora insinuar algum outro método, que sirva de melhor economia a seus habitantes, em que com mais fácil providência possam desfrutar as grandes riquezas daquelas matas, e utilizar-se dos copiosos frutos de tão fertilíssimas terras. Antes porém de expormos a ventage do novo método, devemos lembrar-nos da praxe antiga, porque só a vista da antiga praxe se vê melhor as conveniências do novo método, conforme o comum axioma — contraria juxta se posita magi~ *[ilegível].*

São os pontos principaes da antiga economia. 1º o cultivo caro da mandioca, ou farinha de pao como sustento ordinário daqueles habitantes. 2º a serventia dos moradores pelos rios em embarcações próprias, e com próprios escravos para a sua equipagem. 3º a falta de barcos comuns, e falta de escravos para a precisa serventia pelos rios. 4º o comércio do sertão com a repartição dos índios convertidos das missões. 5º a precisão de muitos escravos, que pedem e necessitam todas estas feitorias; e finalmente muitos outros serviços, que só podem exercer-se à custa de muitos operários, e de laboriosas fadigas.

Quantos inconvenientes se sigam desta praxe pode facilmente conhecer-se à primeira vista; porque logo se infere esta infalível conclusão tão perniciosa para a gente vulgar, e para os novos povoados, como impeditiva do bem comum, e augmento do Estado — logo só quem tem escravos se pode servir no Amazonas; então não podem subsistir as famílias, que não tem escravos com que se sirvam: então mal poderá povoar-se, e augmentar-se aquele vasto Estado por falta de barcos e escravos, que não poderão ter os

novos povoadores; com muitos outros inconvenientes que daqui se seguem e facilmente se podem compreender, e todos são um grande obstáculo para a sua povoação, que tanto tem procurado os seus respectivos monarcas pelos seus governadores, e ministros.

A vista destes inconvenientes se vê claramente a precisão de nova economia, e de outras melhores providências, com que possam todos cultivar a terra, beneficiar os frutos, e navegar os rios sem a precisão de escravos, e servir-se com tanta comodidade, como se servem na Europa, e mais reinos econômicos sem a precisão de escravos. São mui raras as famílias que na Europa tem, e se servem com escravos. Apenas se achará ũa entre mil, que tenha algum escravo, e esses poucos, que tem algum, não é para a cultura das terras, remar canoas, nem para outros laboriosos exercícios, mas ordinariamente é só para a serventia de casa, e para acompanhar na rua: e há reinos, em que nem os grandes tem escravos e são proibidos por leis justicíssimas; e contudo são todos bem servidos, e florecem não menos, que as artes liberaes os ofícios mecânicos, que constituem as repúblicas bem governadas; logo não está anexa, nem o deve estar, a serventia do Amazonas a multidão de escravos, mas sim a outra melhor economia, e mais providas providências.

É certo, que a praxe antiga sim pede escravaturas, e multidão de operários para a sua execução; porque o cortar matas virgens, ou crecidas em inteiros séculos, onde nunca entrou machado; o tirar do centro dos matos um madeiro de 30 palmos em roda, e 90 ou 100 de comprido, e o trabalhá-lo em ũa canoa inteiriça; o remar semelhantes canoas que dependem de 40, ou mais remeiros de lotação; e outros semelhantes serviços não se podem fazer sem muita gente; e como nas colônias do Amazonas não há povo, ou jornaleiro para os serviços comuns, porque todos querem ser fidalgos, e vender baronias, não havia outro remédio sinão se juntar escravos para serem bem servidos: e daqui naceo o empenho que sempre houve nas colônias da América da [ilegivel] nas suas próprias terras os pobres indios ou por fás, ou por nefas com tantas injustiças, e violências como contam com assombro as histórias, e de que nunca poderão dar cabal satisfação os antigos moradores europeos, cujo eco chegando aos confins do mundo na Europa obrigou aos respectivos monarcas a proibir com [ilegivel] o captiveiro dos índios nos seus respectivos Estados, porque só com tão semelhante golpe se podia cortar de raiz tão grande mal, e como na muita escravidão se blasonavam de ricos os seus moradores, de repente se viram pobres com a lei das liberdades que sempre os bens móveis estão sujeitos a perderem-se de repente.

Nesta falta de escravos, e no empenho de povoar tão ricas terras não só se faz útil, mas precisa outra nova, e melhor economia, qual eu vou a propor nesta 5ª Parte com que todos possam beneficiar as terras, e servir-se sem escravos; e nem por isso hão de ser mais mal servidos; antes com muitas mais ventagens sobre a praxe antiga. Cifra-se pois todo o novo método nestes 2 pontos, que são 1º desterrar por ũa vez a mandioca, e farinha de pao, metendo em seu lugar os trigos, e mais sementeiras da Europa. 2º meter em praxe o uso de barcos comuns para serventia de todos, como usam na Europa, e mais mundo. Estes dous pontos, que hão de ser como bases do novo método, se hão de acompanhar com as providências precisas à sua execução, e conducentes à melhor economia que deve haver para a fácil, e breve povoação do Amazonas, e grande augmento dos seus estados, dependentes todos dos ditos dous pontos, ou bases.

Bem sei, que há de ter empenhados a farinha de pao não só nos que se creavam com ela, mas ainda nos que já estão costumados à sua factura; mas se se resolverem a usar em seu lugar das searas da Europa, e mais mundo concluirão por exeperiência mui brevemente que à sua vista são regalo: Sendo o mundo tão extenso, e tendo tanta diversidade de terras, quantas são as diversidades de climas, em parte algũa se usa por pão ordinário a farinha de pao, mais do que na América, e que [roto o ms] América: podia dizer que só na América portuguesa; porque na mais América já se usam com melhor economia a cultura do grão, e searas do mais mundo. Nem digam que as terras do Amazonas posto que sejam férteis para outros frutos, não são aptas para trigo; porque espero mostrar-lhes com experiências evidentes, que tãobẽ são boas para o trigo aquelas terras; mas, quando o não fossem, não faltam outras searas, que o supram, mais preciosas, e regaladas que a farinha de pao, de que diversamente se sustentam, e vivem diversas regiões, e provincias.

Na Ásia o sustento ou pão ordinário é arroz como na India, na China, na Cochinchina, Japão, e outros muitos reinos. Em muitas provincias da África em lugar do trigo usam com muita fartura do milho graúdo, e muitos outros milhos sem enveja do trigo como são os rios de Sena, Sofala, Império do Monopotapa, e muitas outras regiões. Na mesma Europa onde as ciências, policia, e mecanismo estão mais augmentadas tem muitos, e diversos usos no sustento, e pão ordinário: Em ũas provincias reina o trigo; em outras o centeio; em outras a aveia; em outras os milhos graúdos, e miúdos, e todas mais bem servidas, do que as colônias do Amazonas com a sua farinha de pao, que por mais gabadinha que seja dos seus apaixonados, não se pode negar que alfim é farinha de pao, de madeira moída em farinha, cuja cultura é sobremaneira laboriosa, cujo gosto é insipido, cuja sustância é de pao, e cuja qualidade, ou suco é veneno. Bastava para ser desterrado o seu uso a precisão, que tem para se beneficiar de multidão de operários, e de terras, ou matas novas para a sua anual cultura.

Não será menos aceita a providência de embarcações comuns, cuja precisão a mesma rezão está indicando; porque nem todos podem ter embarcações próprias, e muitos menos escravos para as remar, e se servirem; e quando tivessem abundância de escravos, e suficientes embarcações para todo o serviço, ainda assim lhes serão utilissimas as embarcações comũas por não prejudicar as suas lavouras, e mais serviço das suas herdades, e sitios, que é preciso pararem para o serviço das canoas. Enfim é esta ũa providência tão comũa, e usada no mundo, que não há nação por mais inculta, e bárbara que seja, que a não use, excepto as nações dos indios da América por serem não só bárbaros na policia, mas tãobẽ feras, e brutos na condição; causando admiração, de que os europeos, que lá fixaram as suas colônias imitassem a sua rusticidade, e costumes!

É preciso a um morador o fazer ũa viagem a outra terra do Amazonas; porque há de ter para isso embarcação, e remeiros de casa, ou se os não tem, não poderá fazer a sua viagem: é preciso transportar-se das povoações aos sitios, onde ordinariamente tem a sua vivenda os moradores, ou chegar à cidade a seus negócios; Acudir à igreja para comprir com os preceitos da igreja, e com as obrigações de cristãos; pois hão de ter para isso canoas próprias, e promptas, e hão de tirar do seu serviço os escravos, que tiverem, e quando não, ficarão como presos, ou sitiados sem missa, sem confissão, e sem o negócio. É preciso prover de missionários, ou curas algũas missões,

ou aos missionários o provimento das suas igrejas, e residências pois hão de esperar que venham buscá-lo os maes índios com canoas próprias do missionário ou pároco, quando não ficarão sem pastor, ou pastor sem provimento per falta de embarcação, em que naveguem; e assim dizendo donde vem muitos outros inconvenientes, cuja providência devia ser um dos primeiros projectos dos magistrados.

E se em toda a boa economia, e mais regiões é precisa esta providência de embarcações comũas muito mais nos estados do Amazonas, porque como já disse, e consta do contexto das mais Partes estão as terras, e estados do Amazonas tão cortados de rios, e de braços de água, que toda a serventia é por água em embarcações: são naquela região as embarcações, a que lá chamam canoas as cavalguras ordinárias, ou bestas de carga; nem há outros caminhos por terra, em que se possam evitar as viagens dos rios. Desta sorte já se vê quão precisa é a providência de embarcações públicas para a precisa comonicação dos moradores, e precisa administração da república. É providência tão precisa, como são nas mais regiões as cavalguras para os caminhos, e estradas públicas, sem a qual nunca aqueles estados poderão ser bem povoados, nem sobir a muito augmento o seu comércio; adiante diremos os meios mais fáceis como se possam pôr, e subsistir as ditas embarcações. Além destas, que são as mais precisas, tãobẽ se requer algũa melhor providência sobre o pescado, como sustento preciso da república, porquanto não havendo pescadores de ofício, e públicos, já se vê que hão de padecer muita falta de peixe os povos, porque nem todos os moradores podem ter canoas, e pescadores próprios para as suas casas, e famílias: e na verdade é muito estranhado este costume por muito prejudicial à república, em que só os ricos, e senhores de muitos escravos possam ter pescadores para as suas casas, e pescado para as suas famílias, e o povo há de jejuar de peixe por força por não haver pescadores de ofício, e praças públicas, em que se compre. Jejuam nas mais regiões à carne, no Amazonas ao peixe. E de que serve haver multidão de peixe nos rios, e mui regalados pescados nas águas, se só os podem pescar os ricos, e senhores de escravos? Que aproveita abundar o Amazonas de tartarugas, peixes bois e outros diliciosos viventes marinhos, se o povo os não pode haver por falta de pescadores de que se vê quam precisa é outra melhor economia, e providência, que possa abranger a todos; especialmente aquelas povoações aonde ainda não há, nem pode haver gados, e açougue público, como são quase todas pelo centro do mesmo Amazonas. Não podem subsistir as repúblicas, em que não há os viveres necessários à vida humana; nem podem ser bem governados os povos, em que não há ofícios públicos, e antes de tratar-se o augmento dos estados, se devem establicer os meios necessários para a sua subsistência.*

O mesmo que digo do peixe se deve practicar nos mais ministérios das repúblicas; para cuja indispensável economia são tãobẽ muito precisos os mercados, ou ferias públicas, em que acudindo os particulares com os seus frutos possa o público prover-se do necessário para as suas casas, e famílias, e a sua falta é ũa das maiores daqueles povos: de sorte, que abundam as terras de viveres, perdem-se os frutos pelas herdades; e nas cidades, e povoações há muita falta por não haver praças públicas, em que se vendam, e comprem, queixando-se os particolares, de que tendo dinheiro não acham,

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

[o] que comprar: nas mais partes quem tem dinheiro tem tudo; no Amazonas muitas vezes falta tudo, embora que haja dinheiro. Muitos danos se seguem na falta destes mercados, porque é necessário mandá-los buscar ao longe com gastos de viagens, demoras de tempo, e occupar gente, ou escravos, que nem todos podem ter, e quando os tenham fazem falta no serviço a que estão aplicados: e finalmente sem praças, e mercados públicos não podem as repúblicas ser bem servidas, nem bem governadas.

Outra providência, que tãobẽ se faz precisa, é a de extrair as muitas especiarias, e riquezas das matas do Amazonas sem os inconvenientes, que há de presente, e o melhor meio que, para isso pode haver, é fazê-las hortenses visto que a fertilidade, e abundância da terra para tudo é óptima porquanto as viagens ao sertão com os índios das missões, além de muitos outros inconvenientes; que proporei adiante, nem sempre poderão subsistir, ou por faltarem os índios na decadência das missões, ou porque se poderão algum tempo proibir estas repartições de índios, assim como já se proibiram as permissões das escravidões dos mesmos índios; porquanto ponderados bem o trabalho perigos, e faltas, que padece aquela pobre gente em tão trabalhosas, e dilatadas viagens, e as misérias, a que na sua ausência ficam expostas as suas famílias, parece ser um gênero de escravidão, a que os obrigam por mais que os interessados os chamem livres: e ponderando-se a circunstância de serem as terras dos mesmos índios, ainda crece mais a violência.

E se os gêneros, e riquezas do sertão senão podessem haver com outros meios mais benignos, alguma força fariam as representações e empenhos dos interessados; mas podendo fazer-se hortenses com tanta facilidade, e maiores ganâncias dos moradores como já alguns tem experimentado, e eu apontarei adiante, parece na verdade ũa falta grande de economia esta praxe. Para que todas estas, e muitas outras providências precisas para a boa economia, e povoação, e augmento daquele vasto império, e para a boa vivenda, comodidade, e fartura dos seus povoadores irei apontando os meios, que a experiência de muitos anos daquele Estado me tem mostrado com aprovação de muitos outros missionários que nas suas missões gastavam os melhores anos da sua vida. Tudo iremos pondo por partes, e principiaremos pela agricultura, por ser a primeira providência das repúblicas tão necessária como o pão para a boca.

CAPITULO 2º

DIFERENÇA DAS TERRAS INCULTAS DO AMAZONAS AS MAIS TERRAS JÁ CULTIVADAS NO MUNDO.

Sendo tão pingues as terras do Amazonas, e tão férteis de frutos como mostra a seus moradores a experiência estão ainda tanto em ambrião, como

estaria o mais mundo no seu princípio: Tudo são matas bravas, terras incultas, ilhas desertas, e campos virgens, onde nunca entrou arado, nem benefício humano, onde só habitam feras, vivem bichos e se criam com muita abundância as sevandijas. Terras em fim em ambrião, só com o benefício da natureza, se exceptuamos alguns sítios de Europeos, e algũas povoações, e aldeias, em que já entrou a arte aperfeiçoando a natureza, metendo já mãos a obra, mas não ainda ao arado; e por muitos sítios, que haja com algũa simetria de cultura, são a respeito da grande vastidão das mais terras incultas como uns piquenos, e raros pontos em um grande mapa.

Navegam-se dias, semanas, e talvez meses inteiros sem se ver, ou encontrar nas margens dos rios algũa povoação ou sítio; não vem os olhos por ũa, e outra margem senão matos crescidos, brenhas incultas, e poucas campinas virgens, e tudo deserto, porque só se vem obras da natureza, mas nenhum benefício da arte: e se estas são as margens daqueles grandes rios, quaes serão os centros? Sempre as bordas dos rios são as primeiras terras povoadas pelas conveniências, que nelas tem, mais que nas outras paragens os povoadores; e se com todas as suas conveniências estão tão desertos os rios, como estarão solitários os centros das matas? Só feras as habitam, bem que estas, ainda que brutas tãobẽ por seu natural instincto buscam as conveniências das águas.

É certo, que vivem, e habitam aquelas terras inúmeráveis índios por não lhes chamar homens, mas como os índios só na semelhança são gente, ou como só pelas feições parecem gente, no viver, e trabalhar se devem entender por feras. Enfim não tem, não usam, e nem sabem os instrumentos de ferro, e quem não tem instromentos tãobẽ não terá ofícios; o seu ofício é viver a lei da natureza sem agricultura, sem ofício, e sem arte; excepto os poucos que já pela notícia, e comonicação dos europeos, e pelas contínuas lições dos missionários se tem feito homens, e cristãos; porque para os fazer cristãos é necessário primeiro fazê-los homens, e ainda nestes é tão pouco o exercício na cultura das terras, que ainda as cultivadas se fazem matas, dizendo que para a sua vivenda não necessitam as suas terras de mais cultura.

Desta vastidão de matas, e destas terras incultas nace a dificuldade de nova agricultura nos europeos, e novos povoadores: porque bem que lhes lavem os olhos a sua fertilidade, e lhes roube a vista a sua verdura, pasmam, esmurecem, e se desanimam de meter mãos a obra, e dar princípio ao trabalho, parecendo-lhes, que apenas bastavam os jornaleiros de toda a república para debastarem tão crecido arvoredo, e para cultivarem tanta terra; e nesta persuação se choram, e lastimam por miseráveis, se não tem, nem podem alcançar escravos, que lhes ponham as terras limpas e, como dizem, o comer feito — hominem non habeo *— como se queixava o cego do Evangelho em ter gente de serviço, e escravos para o trabalho tem posta toda a sua felicidade, e na sua falta constituem a sua miséria, sendo que para comer mas se querem achar sós, que acompanhados.*

Assim socedeo aos novos povoadores da Vila do Macapá pelos anos de 50, e seguintes, os quaes deixando as suas ilhas, onde eram naturaes, e mudando de domicílio para os estados do Amazonas com promessas de novas, e boas terras, assim que lá chegaram, pasmados à vista de tantas matas, se lastimavam de enganados, e se davam por perdidos, desejando voltar para a pátria se a dilatada viagem, e gastos necessários os não impedissem; o mesmo sucedeo a outros mais povoadores, que por diversos tempos se tem transmudado para aquela região, querendo os reis de Portugal povoar aquelas

terras por serem ou as milhores do mundo, ou competirem com as milhores como já o mostramos nas mais Partes deste, que com rezão chamo tesouro. Pasmaram pois à vista de tanta terra, e tanto mato; porque ainda lhe não tinham tomado o gosto, ainda não tinham visto a sua fertilidade abundantes frutos, e copiosas colheitas; mas depressa se desenganaram, os que metendo mãos a obra, e ombros ao trabalho viram brevemente que correspondiam a mais de cento por um as sementeiras; e se lhes libertassem a torna viagem para as suas amadas pátrias, nenhum já a buscaria.

Cuidam os europeos, que chegando ao Amazonas acham, como se vem na Europa, as terras limpas, os campos cultivados, as moradias feitas, e a mesa posta; sem advertirem que primeiro, que cheguem, a esse estado as terras padecem primeiro muitos desvelos dos lavradores, e muito benefício da agricultura. Não se atendem as terras se são lavradas, e cultas; mas sim se são pingueis, e férteis; lavradas, e bem cultivadas, são muitas províncias da Europa, e com tudo são estéreis, e mal correspondem ao trabalho de seus donos; pelo contrário as terras do Amazonas ainda estão incultas, ainda não se cortaram ao arado, mas são tão férteis, e pingues, que dão mais de cento por um, dão no ano duas e 3 sementeiras, e em todo o tempo do ano é tempo de semear; e como estas conveniências só se acham naquelas terras, bem se pode afirmar, que valem mais as matas incultas do Amazonas do que as mais bem cultivadas do mais mundo.

Não obstante o serem todos os anos bem trabalhadas, estercadas, e cultivadas muitas terras da Europa com tantos desvelos, e suores dos lavradores, que parece só com eles fala a maldição de Deus ao nosso primeiro pai Adão in sudore vultus tui ves *[roto o ms.] chegando a transportar terras de uns reinos para outros como refere o autor da História Universal, contudo ficam tão estéreis, que não correspondendo os frutos ao trabalho mais merecem ser despovoadas, do que cultivadas; e quantos parabéns se dariam estes lavradores se lhes fosse licito o trocar as suas terras amaldiçoadas pelas terras fertilíssimas do Amazonas, onde com menos fadigas colheriam cento por um: pois esta fortuna tem os novos povoadores do grande Rio Amazonas; porque a qualquer leve trabalho, que dem à terra colhem a seu tempo mui copiosas colheitas de frutos:*

Esta toda a dificuldade no princípio, e em saber acertar com o trabalho; está em mudar de sistema nas sementeiras, e desterrar das terras a raiz da mandioca, ou farinha de pao, cuja agricultura foi o principal, senão foi todo o erro dos primeiros povoadores europeos; porque se eles em lugar da farinha cultivassem o trigo, e searas da Europa já hoje haveria naquele estado muita terra cultivada, povoações mui fartas, e muita abundância de viveres nas povoações: nem nunca se poderão chamar terras bem cultas, enquanto se cultivar nelas a raiz mandioca; a raiz de mandioca, como já escrevemos no seu lugar, pede cada ano novas matas e novas terras; e ficam devolutas por muitos anos as terras, em que antes se fazem os seus plantamentos.

Daqui nace, que tornando a crecer nelas as matas, ficam outra vez terras incultas, e com esta praxe vai socedendo todos os anos, segue-se, que nunca as terras se verão limpas, nunca cultivadas, e nunca estáveis: Não são, nem se podem chamar terras estáveis, ou bens de raiz as terras, em que se beneficia a mandioca, e como a principal riqueza dos homens consiste nos bens de raiz, e terras estáveis, nunca os tratantes de mandioca chegarão a ter riquezas. Muitos outros inconvenientes traz consigo o cultivo da mandioca,

e uso da farinha de pao, mas ficam reservadas para quando de prepósito ponderarmos adiante os seus inconvenientes, contrapondo-os com os mais avanços das mais sementeiras; Agora atendendo a diversidade, ou falta de cultivo destas terras, digamos a praxe que devem ter saltemos os primeiros anos da sua agricultura.

CAPÍTULO 3º

AS MATAS DO AMAZONAS PEDEM DIVERSA AGRICULTURA NAS TERRAS.

Do que se infere, que a agricultura das terras do Amazonas deve ser accomodada ao seu Estado: não vale no Amazonas a praxe da cultura das mais terras do mundo, deve buscar-se novo método para as beneficiar. As mais terras, como são já trabalhadas, e cultivadas, basta-lhe o arado para o seu benefício, nas matas da América de nada vale o arado nos seus princípios, porque é impossível romper as grossas raizamas do seu grande arvoredo aos mais fortes arados, ainda que sejam puxados por muitas juntas de bois: trabalhariam de balde os bois, quebrariam-se todos os arados, e cansar-se-iam de balde os lavradores, se intentassem no Amazonas a lavoura, e cultivo das terras segundo a praxe do mais mundo: deve logo buscar-se outro meio, outra praxe, e diverso método de cultivar aquelas terras cobertas de arvoredo, muito diverso ao cultivo das terras descubertas, trabalhadas, e já cultivadas das mais regiões.

É pois o primeiro desvelo dos lavradores do Amazonas, e de todas as mais matas da América o cortar o arvoredo, botar por terra as matas, e pôr as terras descubertas ao sol, limpas na superfície, e tratáveis; e como as árvores são grandes, os paos grossos, a madeira dura, e a cópia grande necessita esta primeira diligência de muita gente, muito trabalho, e muito tempo, o que faz desanimar aos novos povoadores, e em que ocupam os senhores de muitos escravos a sua gente; depois desta tão grande fadiga, que já descrevemos no tratado dos costumes do país, e depois de secar todo aquele postrado arvoredo, entra a 2ª diligência de queimar-se, e ruduzir tudo a cinzas não tanto para com as cinzas estramar, e fazer pingues as terras, que não necessitam disso, como cuidam muitos, posto que na verdade estas cinzas ajudam muito a sua fertilidade; quanto para as descubrir, e alimpar, e semear, para o que é necessário além de muito trabalho muito tempo.

São pois os machados, as fouces, e o fogo os arados nas terras do Amazonas, as quaes posto que com esta diligência já fiquem limpas por cima, ficam por baixo tão cortadas, e intrinsecadas de raizes como antes, e por isso insufriveis, e intratáveis ao arado, e mais instromentos rústicos; nem na

verdade são necessários por então os arados, e instromentos para as terras se desfazerem em frutos de mui abundantes colheitas como já por vezes temos dito; e por conseguinte não são por então necessários tãobẽ os bois para lavrarem, nem estrume para a fecundar porque no machado, no fogo, e nas cinzas se encerram todos os requesitos da sua agricultura nos primeiros anos ou para a sua primeira semeadura, porque ordinariamente não servem estas terras depois de tanta fadiga senão naquele ano, e já para o 2º se desamparam, e buscam outras, em que está o maior abuso ou má economia dos seus habitantes, e que devem evitar, como diremos, os novos povoadores.

É certo, que tãobẽ há campinas decubertas em tanta vastidão de terras, e sem irem muito longe da sua capital do grão Pará os seus moradores, tem na vezinha ilha do Marajó imensos campos descubertos ao sol por sua natureza, e só cobertos de verdes vistosos prados, que servem de pasto a grandes manadas de gado vacum, e cavalar no dilatado espaço de 60 ou mais légoas, além de muitos outros pelo discurso do grande Amazonas, e mais rios colateraes, e grandes ilhas; Onde se pode usar o instromento do arado, e os mais cultivos da Europa; porém, semelhantes campinas, que em todo o mais mundo são as terras mais buscadas para as searas do trigo, e milhos, são desprezadas no Amazonas, como inúteis segundo eles dizem para a raiz da mandioca, que é o 2º, e grande erro daqueles habitantes; e só as buscam para pastos de gado, sendo que não perderia nelas o gado os seus pastos se fossem cultivadas, antes teriam os lavradores duplicadas conveniências tendo nas conveniências das searas juntos os interesses de gado.

Nestas campinas pois, cuja agricultura, benefício, e lavoura é tão fácil, como no mais mundo, se podem ocupar muitos novos povoadores, e eregir mui numerosas povoações sem mais trabalho do que meter mãos a obra, isto é, ao arado, fazer sementeiras, e depois boas colheitas e só com a precisão de levantar moradias, cuja erecção no princípio é mui ligeira, e fácil, sendo que tãobẽ para elas se pode dar de antemão providência como apontaremos abaixo: e não pasmariam estes taes, nem desanimariam do trabalho, porque não tem diferença das terras, e campinas da Europa mais do que o estarem ainda virgens aquelas do Amazonas, e folgadas; e as da Europa já trabalhadas, e cansadas, circunstância que mais deve acariciar os povoadores, porque sempre as terras novas, e folgadas levam as primeiras atenções dos lavradores; muito mais se na fertilidade, que mostram, lhes prometem grandes interesses nas colheitas.

Não falo porém agora nestas campinas, posto que tão deliciosas, em que pode logo no princípio meter-se o uso do arado a mais agricultura da Europa; falo das mais terras cobertas de grandes matos, em que não pode o arado meter dente, nem os bois sofrer o jugo, e por isso necessitam só de machado, e de fogo para a sua cultura; e assim como nelas é diverso o cultivo, assim tãobẽ é diverso o modo de fazer as sementeiras; porque limpas, ou descubertas das suas matas se fazem as sementeiras com tanta facilidade, e brevidade como é só o meter o grão na terra; o que fazem caminhando primeiro ũa fileira de gente com uns paos de ponta aguda, ou com ũa ponta de ferro picando para baixo a terra; atrás vai outra fileira de gente cada ũa com provimento da seara, e vai metendo nos buracos o grão, e caminhando para diante. Sem perder tempo que tem vão cobrindo com os pés o mesmo grão nos seus buracos, o que se faz com mais, ou menos brevidade conforme a maior, ou menor multidão de gente, que trabalha.

Não necessitam de regadio as terras; e por isso só se dão algũas mundas, ou alimpações das ervas, e a seu tempo se fazem as colheitas; com pouca diferença da Europa. No que se vê, que toda a diversidade da agricultura está no próprio benefício de cortar a madeira, queimar os paos alimpar a terra, e lançar o grão se há grão, ou plantar os bocados da maniba, se é para farinha de pao cuja diligência depende de gente, de trabalho, e de tempo, como temos dito; porém como não necessitam de bois, e arado, pode pôr-se em problema qual é mais conveniente, se a agricultura da Europa, se o benefício do Amazonas? Mas na verdade se as mais agriculturas dependem para se fazerem de mais instromentos; a do Amazonas depende de mais trabalho; mas esta é a praxe, que todos usam, e por mui laboriosa fazem maiores, ou menores searas, a que chamam roças, conforme o maior, ou menor número de gente, que nela trabalha; quem tem multidão de escravos faz um roçado grande à sua satisfação; quem tem menos gente, o faz menor; e quem é só o faz só quanto baste a dar-lhe o sustento anual, ou conforme pode.

Com declaração que esta laboriosa fadiga não só é para todas as searas ou sejam de grão, ou da maniba; mas tãobẽ é trabalho, ou tarefa anual, porque todos os anos se renova. É para todas as searas; porque ou estas se façam juntas em um só, mas grande roçado, em que plantam maniba algodão, milho, gerzelim, e talvez muitas outras; ou se façam roças separadas para cada uma destas searas, como practicam mais ordinariamente os que tem muitos escravos, ou gente de serviço, para terem mais abundantes colheitas, sempre se fazem em terras de matas, e por isso em cada ũa se faz indespensável o mesmo trabalho, só com esta diferença; que os roçados para os milhos, legumes, canaviaes, e tabaco basta-lhes ũas matas piquenas, e de poucos anos, e como piquenas custam menos a cortar, e alimpar; pelo contrário o roçado para maniba escolhem sempre em matas crecidas, porque tem para si, que quanto mais crecidas forem as matas, mais avultadas serão as colheitas. É trabalho, ou tarefa anual; porque todos os anos se renovam estes roçados, e se fazem estas searas em novas matas, deixando devalutas, e desprezadas as roças do ano antecedente; de que se segue, que a maior parte do ano, e da vida se gasta em cortar arvoredo, roçar matas, queimar paos, e alimpar terras, que só hão de servir naquele ano, e depois se hão se fazer matas, como antes. Segue-se tãobẽ, que ficam semelhantes terras com a condição de bens móveis, e não de bens de raiz, ou terras estáveis com muita diferença as terras estáveis, e bens de raiz da Europa, e mais mundo: por isso, dizem alguns, e com muita rezão suposta esta praxe, que não obstante a grande fertilidade das terras do Amazonas às mais do mundo, vale mais ũa légua de semeadura em boa terra na Europa, do que 12 légoas da melhor do Amazonas; e a rezão é; porque a légua da Europa é bem estável, e de raiz, que não só dura toda a vida, mas passa per herança a muitas vidas; as terras do Amazonas segundo este abuso da sua agricultura, só são terras para um ano, ou só servem de muitos em muitos anos, e sendo sempre com o mesmo trabalho, e fadigas.

É certo, que se estas terras tivessem a mesma condição, a mesma agricultura, e a mesma estabilidade que as da Europa nenhũa comparação teriam as da Europa com a sua bondade e fertilidade; de que se vê, quão necessário é buscar outra providência para as fazer estáveis, como logo direi; mas antes que diga o método, quero insinuar o modo como se pode facilitar o trabalho dos

roçados, que é o primeiro objecto do novo método, que quero propor, assim para animar os novos povoadores à cultura de tão boas terras, como tãobẽ para lhes facilitar o debastimento de tão vastas matas, cujo laborioso trabalho tanto os desanima, e acobarda.

CAPITULO 4º

MODO FACÍLIMO DE CULTIVAR A TERRA NO AMAZONAS.

O direi em breves palavras, visto que tãobẽ em si é o modo breve, e fácil; é praticar na factura das roças o uso dos índios bravos na sua agricultura; o qual propusemos na 2ª Parte quando descrevemos o costume dos índios; que agora tornaremos a repetir para evitar o trabalho de lá o ir ver, ou para dar notícia, aos que o não tem lido; porque na verdade me parece dever ser imitado pelos novos colonos europeos não só para evitar trabalho, operários, e tempo; mas ainda para maior conveniência dos donos; para evitar gastos, e para poderem, se quiserem, aproveitar a madeira, e paos, que nos roçados costumados toda se consome ao fogo, e se reduz a cinza; e ainda tem mais a conveniência de darem as searas maiores colheitas por serem mais copiosas as sementeiras, tendo mais expedito o terreno, do que na praxe costumada. É pois assim:

Escolhida a mata para fazer o roçado, sem atender a se é virgem, isto é, que ainda está como a creou a natureza nos séculos antigos, nem se é casta de madeira tão alta, que vá as nuveis tão grossa como um navio, e tão dura como ferro, porque a nada disto atende esta praxe, nem se desanima com nenhuma destas dificuldades, entram na diligência de a alimpar por baixo dos arbustos, que vão crecendo, dos cipós, que sobem as arvores, e finalmente de tudo aquilo que pode impedir a fácil serventia dos índios por baixo do arvoredo, que procuram ter bem expedito. Depois de feita esta diligência, entram logo na 2ª de pisar a casca das árvores, com ũa facilidade notável, porque só picam a casca da árvore à roda em um circolo para lhe evitar a comonicação do suco, que recebem da terra; isto fazem a todo o arvoredo por todo o espaço, em que querem estender a sua seara, ou plantamento que ordinariamente fazem de maniba para a farinha de pao, que é o único sustento, de que usam os índios salvagens do Amazonas e quando muito lhe metem pelo meio alguns, ou raízes comestíveis, e algum milho graúdo para as galinhas, ou para a factura das suas águas ardentes. Feita esta diligência tem feito o maior trabalho, e só tem que esperar alguns tempos para que seque toda aquela mata, como na verdade socede; porque privada a árvore do suco, e umidade da terra, que só recebe pela casca, e de que só vivia, e se conservava entra a mata a murchar, entram a secar-se as folhas, e a cair

no chão, tãobẽ se secam as pontas dos galhos, e ramos mais tenros até finalmente lhes cair toda a folha, e ficam em árvore seca, como sucede nas árvores da Europa pelos frios, e geadas do outono, e inverno; no mesmo tempo se vão secando os arbustos, e cipós, que por baixo se tinham cortado, para o que ajuda muito a grande intensão do sol, e calores do seu clima: e sem esperarem que aqueles grandes, e grossos madeiros se sequem, porque necessitam para se secarem de meses inteiros, lhes lançam fogo, que ateando-se na folhagem seca, e disposta com grande voracidade e presteza a reduz a cinza, cujo incêndio ajudando a secar o arvoredo vai dispondo os ramos, e extremidades até lhes sobirem as chamas, e consumirem toda a matéria, que acham disposta.

E como não há perigo, de que o incêndio se estenda as mais matas, que se vão seguindo, como já advertimos antes, por si mesmo se apague o fogo, deixando todo o terreno cheio de paos secos como mastros de navios, ou como vastos espetos levantados, e mui direitos, e por baixo todo o terreno alastrado de cinzas, e bem expedito para fazerem os seus plantamentos, ou sementeiras para os quaes esperam só algũa chuva, ou copioso orvalho, e seguem no mais o mesmo que já dissemos dos mais roçados até fazerem as suas colheitas. Esta é a praxe que usam nas suas grandes matas os índios Barés, bravos, e salvages, e que usavam antigamente os mesmos índios mansos, ou os seus avuengos antes de terem comonicação com os europeos, e deste uso ensinam os mesmos europeos a fazer os seus roçados, adiantando só, ou variando o cortar as árvores, e lançar por terra toda a mata para deixarem, e pôrem expedito todo o terreno, e descuberta a campina.

Tem esta praxe tantas conveniências, sobre a praxe dos mais roçados, que me parece só ela se devia practicar ainda pelos senhores de muitos escravos, e de muitos operários; e julgo, que do mesmo parecer serão todos os habitantes, e moradores do Estado do Amazonas, e todos os que tiverem cabal notícia das suas grandes matas, em que é impracticável o uso do arado, e agricultura do mesmo e se nos anos, em que fui missionário de índios no Amazonas pondere-se as suas conveniências, como agora, esta havia de ser a praxe, que havia de aconselhar não só aos índios, mas a todos os europeos, que lá tem feito suas colônias, ou fossem fazendo; mas, para que todos façam o devido apreço da sua utilidade, e para que os novos povoadores, que forem concorrendo a se aproveitar de terras tão pingues, e férteis, o queiram pôr em praxe, e aproveitar-se logo desde o princípio, lhes exporei aqui as suas conveniências.

1º é a facilidade desta praxe de roçados, sobre os roçados, que costumam os europeos, que daqui por diante destinguiremos (como lá fazem) com o nome de brancos: porque a praxe dos brancos nos seus roçados, e à sua imitação dos índios mansos, ou já domesticados requer um trabalho insano em cortar, e pôr por terra toda aquela mataria, e madeirama, não só por mui espaça, e grossa, mas muito mais por ser tão forte, e dura, que ferem fogo a machados, quebram as ferramentas, derretem-se os operários em suor, e desfalecem os braços, e forças dos mais robustos jornaleiros; e pelo contrário é tão fácil a praxe dos índios, que basta ũa só pessoa para o concluir um espaço de matas em um só dia, que na outra não poderão executar ũa ou duas dúzias de operários em muitas semanas; porque vai muita diferença do cortar, e lançar por terra um madeiro, que sobe às nuvens, e com dureza quase de ferro, a só amassar-lhe, ou dar-lhe à roda na casca ũa só pisadura,

ou golpe; porque isto se faz por divertimento e sem cansaço, e pô-la por terra depende de muito trabalho, de muito suor, e de muitas [ilegível] de descanso; e bastava esta só diferença para se antepor esta praxe ao uso dos brancos nas suas agriculturas, e roças.

2ª conveniência é a brevidade, com que se faz esta agricultura; porque como só necessita de alimpar por baixo, e dar um golpe à roda da casca de cada árvore já se vê, que este é um tão piqueno trabalho que em, ou poucos dias se pode expedir muita mata, ao contrário dos mais roçados, que para se fazerem necessitam de muitas semanas, ou talvez meses; de sorte que se um roçado v. g. *de 100 braças em quadra para se alimpar, lançar por terra toda a madeirama, secar, e queimar necessita* v. g. *de* mês para se pôr corrente, com a diligência e insofrível trabalho de* escravos, ou jornaleiros; na nossa praxe ou na praxe dos índios salvages se fará em um só dia: A facilidade com que se faz abrevia muito a obra; e ainda com mais brevidade se fará nos brancos, e novos povoadores, do que se faz nos índios do mato; porque estes, como não tem machados, fouces, nem outros alguns instrumentos de ferro, e só se valem de uns machados de pedra para pisar à roda a casca das árvores, e de paos para quebrar a puras pancadas os arbustos sempre lhes custa mais tempo, e mais trabalho, do que nos brancos, que tem, e usam dos instromentos e paramentos de ferro, que haviam muito trabalho em pouco tempo.*

3ª conveniência, e para os que são sós muito útil, e atendível é o não necessitar de muitos operários, ou jornaleiros esta agricultura; basta ũa só pessoa para fazer um mui espaçoso roçado em poucos dias, não é necessário acumular multidão de escravos para semelhante manobra; ao contrário dos roçados, em que se cortam, e lançam por terra todas as matas, que necessitam de muita gente, porque é muito o trabalho, e de muito tempo; porque é mui vagaroso. Para estas roçarias é que principalmente se empenham os moradores, e europeos do Amazonas em ajuntar, e amontoar escravos, e mais escravos, e a captivar por fas, ou por nefas os pobres índios; pois aqui tem ũa muito fácil, e mais útil agricultura que não necessita de muitos operários para se fazer. Vence a praxe ordinária; porque não necessita de muita gente, é mais fácil o trabalho, e abrevia o tempo: Vence tãobẽ a agricultura da Europa; porque tãobẽ não necessita de arado para se fazer, nem de bois para o puxar; e é finalmente a agricultura mais própria, e accomodada à vastidão, e grandeza daquelas matas.

Mas ainda tem mais conveniências, e é a 4ª de evitar por este modo as coivaras, que se praticam nos roçados actuaes. Quem bem se lembrar do laborioso trabalho das coivaras, e o que são coivaras, que descrevemos quando delas tratamos em outro lugar, verá que são um trabalho tão insano, e infadoso, que se pode comparar com o primeiro de cortar as matas: porque ordinariamente não se queimam nunca estes roçados tãobẽ, que deixe expedito o terreno para se plantar, ou semear; sempre ficam inteiros muitos paos, em que não pode entrar o fogo, e o peior é, muitas árvores inteiras com todas as suas pernadas, e ramos, que não só impedem a serventia dos operários; mas totalmente embaraçam o campo: e posto que não façam caso os moradores de alguns, e ainda de muitos madeiros que ficam intactos do fogo, ainda que impeçam muito terreno, contudo não podem disfarçar, quando estes ficam com toda a sua ramada, porque lhes impedem totalmente a seara, ou

* *Espaço em branco no manuscrito.*

*plantamento. E assim.** Se vem precisados a entrar em novos, e talvez maiores trabalhos cortando a poder de golpes de machado, e com muitos operários todas as pernadas, e ramos, fazendo-os em piquenos, e miseráveis troços, ajuntando-os em diversos montões, e ateando de novo o fogo, que a esta manobra é, que lá chamam coivaras, e levam tanto tempo, operários, e trabalho, que se pode duvidar, qual custa mais; se o próprio corte do arvoredo, e mata; se as coivaras da mata mal queimada? e posso afirmar, que os operários mais aborrecem, e fogem do trabalho das coivaras nas roças mal queimadas, do que o trabalho primeiro do cortar as matas, e por evitar este trabalho escolhem muitos o fazer antes novos roçados, do que o trabalho das coivaras nos já feitos. Estas contingências, e grandes trabalhos evitam os que fizerem os roçados do modo dos índios, porque como todas as árvores ficam [roto o ms.] deixam livre, e expedito por baixo o terreno para fazer os plantamentos ou sementeiras, que quiserem. 5ª conveniência é o evitar além dos trabalhos ditos, os perigos de vida, que há nos roçados ordinários: socede muitas vezes o caírem os paos, se estão cortando pelo pé tão de repente que não dando tempo aos operários a fogirem lhes caem em cima, e os matam sem remédio; ũa vez me trouxeram um destes mortos o qual estando cortando um pao no roçado, que pertendia fazer, caio o pao, e apanhou a cabeça do pobre índio com morte tão repentina, que não pôde fazer mais movimento de vida; que a semelhantes desgraças são expostos estes roçados; não assim, os que propomos, porque não sá neles perigo de caírem as árvores porque senão cortam. 6ª Conveniência finalmente é o poder-se aproveitar muita madeira, que nos roçados ordinariamente se perde toda, e se consome. Porque convém saber que nestas matas do Amazonas há muita madeira muito preciosa, e estimada, como são os paos pinimas, os condurus, os cotiaras, os jacareibes, e muitas outras espécies de madeira preciosa, e muitos paos reaes, e outros de muita grossura, e boas qualidades, assim para serrar, como para a factura das canoas inteiriças que lá se usam.*

Toda esta madeira boa, ou má se consome pelo fogo, e se reduz a cinzas; o que não socede na agricultura, que propomos; porque todo o arvoredo fica intacto, ou inteiro do fogo; as chamas, e incêndio por mais voraz, que seja, apenas lhe come as ramas, ou suas pontas, e assim querendo pelo tempo adiante, e anos vindouros aproveitar algũa madeira, ali a tem muito a escolha. Se querem um pao para uma canoa, ali o acham da qualidade, e grossura que querem; se querem outro para taboado, tãobẽ o tem prompto, e finalmente se querem fazer algũa obra de primor, ali acharão muita madeira preciosa, e como é madeira de muita duração pode estar por muitos anos sem perigo de corrupção: para tudo é útil, e mui conveniente esta praxe de agricultura; e tãobẽ para todos; para os que tem operários, porque os poupa para outros serviços; e para os que não tem escravos, e são sós, porque não necessita deles para fazer as suas sementeiras.

Nem lhes pareça, que por ficar levantada tanta madeirama lhes fica menos terreno para as sementeiras, do que nos roçados antigos; antes fica mais; porque nos roçados actuaes por mais coivaras, que se façam sempre ficam muitos madeiros inteiros, e deitados, que occupam muita terra; isto não socede nesta praxe, porque só ficam levantados, e assim tãobẽ por esta conve-

---

* Final de parágrafo no manuscrito.

niência são mais mais úteis; Nem tãobẽ ficará a terra menos fértil por ficar com menos cinzas; porque nos arbustos, ramadas, e folhado queimado tem o bastante para a fazer pingue; além de que, não necessita a terra do Amazonas de estrumes, como as do reino, e Europa para ser fértil, e fecunda, de si mesma é mui pingue especialmente para as sementeiras de trigo, e milho, como diremos adiante; e ainda para os plantamentos da maniba que lá usam; pois me afirmou um religioso, missionário que foi muitos anos naquele rio, e ainda aqui vive preso, que entrando terra a dentro nas aldeias de índios salvages para os practicar ao grêmio da igreja, lhes vira semelhantes plantamentos de maniba por baixo daquele seco, e levantado arvoredo tão viçosa, e crecida como os plantamentos dos brancos nos seus roçados descubertos.

Declaro porém, que o meu intento é só insinuar aos povoadores, que de novo vão concorrendo, e a todos, os que não tem escravos, nem acham jornaleiros, porque na verdade os não há nas conquistas, por se venderem, e blasonarem de fidalgos todos os que lá chegam embora que na Europa, e na sua pátria fossem muchilas, lacaios, ou mariolas; um meio o mais útil, fácil, e accomado para principiarem a sua vida, e benefício de terras cheias de matos: não censurando, ou reprovando o uso dos brancos naturalizados já com a praxe antiga, e com copiosa escravatura, que pode occupar semelhantes serviços; sendo que tãobẽ para esses me parece mais conveniente, e útil pelas rezões alegadas, nem proibe esta praxe o uso do arado, e agricultura ordinária nestes mesmos roçados, quando pelos anos adiante forem caindo os paos, e apodrecendo as raízes, deixando o terreno expedito para semelhantes agriculturas, e para as fazer estáveis, que é o 2º projecto, e emprego a que se deve atender.

CAPÍTULO 5º

O 2º EMPREGO DOS HABITANTES DO AMAZONAS DEVE SER O FAZER ESTÁVEIS AS SUAS TERRAS.

Temos tocado muitas vezes no uso da agricultura do Amazonas, que é roçar cada ano novas matas, e deixar por inúteis as terras, e roçados dos anos antecedentes; e ponderando bem o insano trabalho da sua factura, que por este modo vem a servir só para ũa semeadura, ou plantamento de um ano não sei como ainda não mudaram de sistema os moradores, sendo o maior emprego dos lavradores em todo o mundo o ter terras estáveis, per-

manentes, ou perpétuas, em que constituem as suas maiores riquezas, e morgados, a que chamam bens de raiz; pois na verdade não merecem o nome de bens de raiz estáveis ũas terras, que só fructificam um ano, e ficam devalutas para os mais; e só tornam a servir depois de muitos anos, quando outra vez tem matas bem crecidas, e se podem trabalhar como na 1ª vez, de sorte, que não se aproveitam no Amazonas terras cultivadas, senão só as incultas, as folgadas, as que estão bem cobertas de matas, e matas bem crecidas.

Falo principalmente nos estados do Amazonas pertencentes ao domínio português; porque no domínio espanhol, e cabeceiras do mesmo rio, já a agricultura ordinária tem bastante uso, e por isso já as lavouras, e sementeiras são estáveis, como diremos adiante; não assim nos dominios portugueses, de que agora falo principalmente e nestes é, que se usa a dita praxe, que melhor se pode chamar abuso, de trabalhar sempre em terras de mato, e quanto este é mais crecido, e mais antigo é melhor; porque estão persuadidos os naturaes, que quanto as matas são mais antigas, e crecidas, mais fecundo é o seu terreno depois de roçado, e dá mais copiosas colheitas de mandioca, ou farinha de pao.

Digo de mandioca; porque, posto que façam outras sementeiras nos seus roçados, a que lá chamam sitios, a principal seara é a mandioca para a farinha de pao como pão da terra, e sustento ordinário; mas com esta diferencia nos roçados, que os que hão de servir naquele ano para a maniba fazem-se nas matas mais bem crecidas; Os roçados porém para outras sementeiras, quando as fazem à parte, basta que sejam em matas piquenas de poucos anos, a que chamam capueiras (capueiras chamam lá as terras de piqueno mato, e que há poucos anos, que serviram) porque dizem, que não necessitam para bem fructificarem as mais searas de grandes matas, como a maniba. Nas capoeiras pois fazem, depois de roçadas, e limpas, as searas de milhos (posto que não os cultivem para pão, mas só para sustento dos animaes domésticos, vinhos, e outros usos) de tabaco, de algodão, de legumes, e semelhantes searas, que lá são como advérbios a respeito da mandioca pão ordinário; mas enfim todas hão de ser terras de mato, e incultas ou sejam de mais, ou de menos anos.

Muitos são os inconvenientes desta praxe, ou abuso, em cujo conhecimento facilmente viram os leitores; mas sempre ponderarei alguns: 1º é o que já temos tocado por vezes, o grande, e insano trabalho dos operários em roçar, e alimpar matas todos os anos, de cujos fructos se pode duvidar se equivalem, ou correspondem a tanto trabalho. 2º a muita gente, e operários, de que necessitam estes trabalhos, e roçados. 3º o muito tempo, de que necessitam até poderem servir para os plantamentos ou searas. 4º a precisão de buscarem sempre todos os anos novas matas, e novas terras. 5[º] a precisão de largarem os moradores os seus sítios, e benfeitorias, que já nelas tem feito, por se acabarem nelas as matas capazes de roçar para a maniba, e pedirem às câmaras, ou governos novas [ilegível] de terra, em cujas matas possam ereger novos sitios, e fazer os seus costumados roçados, o que socede muitas vezes, como sabem os noticiosos daquela praxe, e eu mesmo observei naquele Estado, o que explicarei melhor, para melhor se perceber o seu grande inconveniente.

São os sitios, que se costumam fazer no Amazonas ũas como quintas, em que ordinariamente assistem retirados os moradores, e só negocios urgentes, oficios, ou beneficios os obrigam a sair algũas vezes às cidades e

povoações; e como nelas vivem, e assistem-se [roto o ms.] em benfeitorias de casas, ou palácios, mais vistosos e soberbos muitas vezes do que as moradias, que tãobẽ tem em suas cidades ou povoações, a que pertencem: fabricam igrejas, ou capelas; levantam ranchos para os seus escravos, ou familiares, e segundo as posses de cada um levantam engenhos de água ardente e de açúcar; olaria para louça; estaleiros para fabricar canoas, e muitas outras manobras; cultivam grandes cacauaes, cafezaes, árvores de espinhos, e de toda a casta de fructas da terra etc. e metem gados etc. etc. e nas suas matas vão fazendo os seus roçados para o cultivo da mandioca, e mais searas; até se acabarem as matas dos seus limites: se estas se acabam v. g. em 10, ou 12 anos, em cujo espaço ainda as matas, que primeiro serviram, não estão capazes, para novas roçarias, pedem novas terras, para as quaes se mudam, e largam as primeiras com todas as suas benfeitorias.

E quando por não perderem as benfeitorias os não queiram largar, sempre buscam outras terras para as roças da maniba, e conservam as primeiras em cujas piquenas matas cultivam então mais searas; mas isto só fazem os que tem engenhos, e grandes benfeitorias, porque os que só tem casas, capelas, e muitas vezes ainda os que tem grandes feitorias, as largam todas, e mudam de sítio, e isto só por não terem já naquele matas suficientes para o cultivo da maniba. Nos índios mansos, e nos brancos, que só tratam de roças para farinhas, algudões, milhos, legumes sem outras feitorias de maior fábrica é muito ordinário o largarem os sítios, e buscarem outros, porque a maniba quer matas grandes, e se são piquenas não avultam (dizem eles) as colheitas. Este é pois o 5º e grande inconveniente destas terras não estáveis, na precisão de buscarem outras, e largarem as primeiras além dos mais inconvenientes que destes se seguem, que facilmente se podem conhecer.

Deve pois buscar-se melhor economia, e dar novas providências para evitar todos estes inconvenientes e fazer as terras estáveis; pois que na sua estabilidade, e permanência consiste a melhor, e maior riqueza dos moradores, e do bem comum, digo do bem comum; porque como podem as povoações augmentar-se, e florecer se não tem terras permanentes os seus vezinhos? como poderão cobrir as cidades, e vilas as matas, que as cercam à roda, se cortadas em um ano se deixam crecer nos seguintes? deste modo por mais séculos, que tenham de fundação os lugares nunca se verão desabafados de matas; nunca se poderão chamar cultivadas as suas terras; e nunca se verão limpos os seus subúrbios; tãobẽ pouco se estimarão as herdades, que não ficam permanentes nas famílias; talvez por isso não deixam os índios bens de raiz, e terras a seus filhos, e herdeiros, sendo nas suas aldeias, e povoações senhores de muitas terras, porque não são estáveis as suas culturas: e assim é. Porque vem-se todas as povoações ou sejam humildes como as dos índios, ou sejam as soberbas, como as cidades dos brancos, e vilas todas cercadas à roda, e abafadas de matos, de sorte, que só o terreno, em que estão fundadas as casas, e seguidas as ruas estão sem mato, o mais terreno à roda tudo é mato de sorte, que os moradores, que ficam na extremidade o mesmo é sairem de suas casas para a parte de fora, que entrarem nos matos, tanto que as feras, que andam pelos matos; com um salto lhes entram muitas vezes pelas casas, bem como socede a ũa choupana, exposta [roto o ms.] e solitária no meio de ũa charneca; nem nunca tomarão outra melhor forma aquelas*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

colônias, enquanto não buscarem outra economia, enquanto não poserem outras providências, e enquanto não usarem outra agricultura os seus habitantes. Desenganando-se, que a maior economia para o estabelecimento das suas casas, está em fazer estáveis as suas terras.

CAPÍTULO 6º

A AGRICULTURA PRACTICADA DÁ MAIS DANO, QUE PROVEITO A SEUS MORADORES.

Ponderadas bem as rezões supra, parece sem dúvida, que esta praxe dá mais dano, que proveito a seus moradores; porquanto, ainda concedendo aos seus apaixonados, que as searas, ou plantamentos nas terras de novas, e crecidas matas dem nas suas colheitas mais abundantes frutos, do que o cultivo das terras roçadas nos anos antecedentes, comparadas bem essas ventagens com o trabalho, e inconvenientes supra, ninguém dirá que sejam conveniências os seus lucros, ou que possa chamar avanços as suas colheitas; mais vale 50 por um nas terras já cultivadas, e sem muito trabalho, do que 100 por um nas terras incultas de bravas matas com insano trabalho dos operários conforme a sentência do sábio Salomão — melior est pugillus cum requie, quam plena utraque manus cum labore, et afflictione animi *— Eccl. c. 4. Mas sendo isto tão evidente, qual será o fundamento dos moradores para usarem semelhante agricultura acompanhada de tantos, e tão grandes inconvenientes? porque parece que algũas rezões forçosas os devem obrigar a semelhante modo de vida:* Paucis attende, docebo.

Todo o fundamento, e causa deste uso, ou abuso dos habitantes do Amazonas vem do uso, e abuso da mandioca, e farinha de pao principalmente: digo principalmente; porque como já insinuei acima, e explicaremos melhor adiante, as mais searas fora a mandioca costumam fazer em capoeiras, e se podem tãobẽ fazer em campinas; não a faz a maniba, que requer (dizem) terras de grandes matas, porque quanto as matas são mais crecidas tãobẽ as roças são mais lucrosas, o que confirmam com a experiência, e melhor com o uso já enveterado dos naturaes, e naturalizados daquele Estado; e na verdade falando do cultivo só da maniba alguma rezão tem; porque, quanto mais crecidas são as matas roçadas, mais cinzas, e nelas mais estrume deixam na terra depois de queimadas, e por conseguinte fica a terra mais pingue, e mais fructifera.

Dão mais outras rezões, como, de que quanto maiores são as matas, maior é nelas depois de cortadas, e secas o incêndio; e são mais activas as chamas, e intenso o calor; e por isso aguentando melhor a terra a põem mais

fructifera, como senão bastassem os intensos calores do sol que as vezes queimam, como fogo: tãobẽ dizem, que quanto maiores são estas matas queimadas, menos arbustos, e ervas saem da terra, e por conseguinte de menos mundações necessitam as searas, e talvez seja porque quanto mais activo é o fogo mais penetra a terra, e queima melhor as raizes; e per isso não brotam tanto os arbustos, e ervas, como nas terras de menos matos, e menor fogo. Estas são as rezões principais de todos os anos renovarem os trabalhos, e roçarem novas matas, que contrapostas aos inconvenientes, que apontamos, dão sem dúvida maior dano, que proveito. Mas me persuado, que ainda este fundamento não é certo, porque ainda prescindindo per agora as muitas espécies, que há de maniba, das quaes algumas castas se dão bizarramente em quaesquer matas por piquenas que sejam, observei por vezes, quando vivi naquele Estado, que a maniba tãobẽ se dá bem nas campinas, como experimentou um corioso nas campinas do Marajó, e actualmente se está vendo na missão de Gurupatuba chamada hoje a Vila de Monte Alegre, em cujo destricto senão vem outras terras mais do que campinas, e contudo produzem tanta maniba, e dão tanta mandioca, que não só fartam com farinha de pao a seus vizinhos; mas tãobẽ provém ũa grande parte dos viajantes [roto o ms.] que lá vão fazer a sua matalutagem; o mesmo observei em muitas outras partes; logo parece, que a praxe ordinária de fazer cada ano novos roçados para o plantamento da maniba é mais costume, do que necessidade.*

Em quanto à rezão, de que o maior incêndio aguenta melhor a terra, parece ao clima do Amazonas ser mui frivola; e a rezão é, porque os calores do sol na zona tórrida, em cujo centro estão as terras do Amazonas não necessitam de mais calor para aguentar, e fecundar as terras. É certo que os princípios da produção, e fecundidade das terras lhes provém do calor, e umidade; ambos estes princípios estão bem assegurados nas terras do Amazonas; A umidade pela muita água, e rios, que tem em si; o calor, por estar debaixo da zona tórrida, onde os raios, e calor do sol são mui intensos; logo parece supérfluo o buscar-lhe mais calor no incêndio das matas queimadas: o que tãobẽ se prova com a mesma experiência: vi eu nas vizinhanças da missão de Comaru no Rio Tapajós que mandando o seu missionário cultivar ũa lingua de terra, que alagava as enchentes daquele rio, e já era campina descuberta depois da primeira roçaria das suas matas, que em vazando a enchente produzia todos os anos ũa bela seara de maniba da que chamam macacheira, e é a melhor, ou das melhores espécies desta planta sem mais calor, do que o do sol; e só com a cautela de fazer a colheita antes das seguintes enchentes; e o mesmo practicam os índios do Amazonas, onde se chama Solimões: logo parecem escusados outros calores de fogo no incêndio das matas.

E quando seja necessário algum calor mais, bastará o de alguns arbustos, ervas, e feno, de que se valem em muitas partes os lavradores. Nas terras dos rios de Sena em Africa me disse um missionário que lá missionou muitos anos, que os naturaes beneficiavam as terras todos os anos só com lhes lançarem fogo ao feno, que nelas crecia depois das colheitas; e depois do fogo faziam as searas sem mais lavouras, do que meter a semente na terra do modo, que já dissemos fazem os nossos índios; só com este piqueno benefício se desfazem as terras em frutos; em outras partes da mesma América antes de fazerem as suas searas cobrem a terra de ramas de árvores, dei-

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

xam-nas secar, lançam-lhe o fogo, e fazem as sementeiras; donde se vê, que não são necessários grandes incêndios, nem muitas cinzas para aguentar, e fecundar as terras do Amazonas, que de si mesmas são pingues.

A rezão que dão outros, de que as roças feitas em capoeiras de piquenas matas brotam mais entre arbustos, e malezas, do que os roçados das matas virgens, ou bem crecidas; tãobẽ parece não ser convincente, porque ainda neste caso, quem não dirá ser mais fácil o mundar ũa seara das malezas que nela saem, do que o fazer um roçado de grandes, grossos, e duros paos? O 1º é trabalho de um só dia, o 2º é trabalho de alguns meses, porque meses inteiros são necessários até se pôr expedito um roçado? Nas hortas, e jardins todos os dias andam os hortelões a mundar as malezas, e contudo acham mais suave este piqueno trabalho, do que fazer outros de novo. Há matas, onde cada pao, ou saltem muitos necessitam pela sua dureza, e grossura de muitos dias para se lançar a baixo por muitos operários; e pelo contrário basta um só operário para cortar, ou mundar as malezas de ũa grande seara em um só dia.

Enfim por todos os modos, que se considere a agricultura do Amazonas segundo a sua actual praxe causa mais dano, que proveito. Dano no muito trabalho; dano nos muitos operários; dano muito tempo; e dano finalmente em não fazer terras estáveis, e permanentes: e são tantos impedimentos aos que de novo quiserem povoar aquelas terras, os quaes havemos de supor, que são sós sem escravos, sem operários, e sem jornaleiros que os aliviem, e muito menos ajudem em semelhantes serviços: e per isso se deve buscar outra melhor economia para a precisa agricultura; e ainda no caso, que não houvesse tantos inconvenientes nesta praxe, senão só o não fazer, as terras estáveis, e permanentes bastava para se desprezar esta praxe; e no caso que os apaixonados da farinha de pao persistam, em que para o seu cultivo são necessárias todas estas condições, direi eu, e mostrarei que o cultivo da maniba para a farinha de pao é um grande impedimento para a povoação do Amazonas e por isso

CAPITULO 7º

DEVE DESTERRAR-SE DO AMAZONAS O CULTIVO DA MANIBA, E FARINHA DE PAO.

Sendo pois as terras, e sementeiras estáveis os bens de raiz, em que consistem as riquezas mais estimadas do mundo, porque são o nervo dos homens, e a consistência das repúblicas; e sendo por outra parte o cultivo da maniba, ou farinha de pao a causa de se variarem todos os anos as terras

no rio, ou estados do Amazonas, parece se não deviam buscar mais rezões para a desterrar do mundo: cultivo, que sendo o mais laborioso, pede cada ano novas matas, e novas terras não merece as atenções dos homens ainda que fosse o mais regalado manjar do mundo; porém ainda tem muitos outros inconvenientes, que aqui quero apontar, para que os povoadores do Rio Amazonas façam o cabal conceito, do que cultivam com tanto trabalho, os danos que lhes traz, e não proveitos, e os inconvenientes que tem anexos, para que se resolvam por ũa vez a desprezar o seu cultivo: e são 1º, além das novas matas, e novas terras todos os anos, o laborioso trabalho do seu cultivo, como temos visto; porque cortar matas virgens, ou matas grandes não se pode fazer sem muito suor dos seus operários. 2º porque só se cultiva a maniba em terras secas, isto é, em terras que não alaguem as enchentes dos rios, em terras que não tenham alagadiços nem ainda no tempo do inverno; e por esta condição socede, que muitas herdades ou datarias de terras v. g. de 3 légoas em quadra, apenas terá légua, e meia ou ũa légoa capaz para o cultivo da maniba, porque o mais ou são alagadiços, ou terras muito úmidas, e por isso incapazes para o cultivo desta planta, que pede terras firmes. Segue-se mais o desprezarem-se as terras baixas, os vales, as campinas, e as muitas ilhas que formam as águas do Amazonas, e fecunda com as suas enchentes; sendo que semelhantes ilhas, e terras sempre foram, e são as mais estimadas do mundo.* 3º porque as roças da maniba por serem grandes, e capazes necessitam de muita gente para se fazerem pela grandeza, grossura, e dureza dos paos, como já vimos, e desta precisão nace o empenho dos seus habitantes em buscarem por todos os modos, e amontoarem escravos para lhes roçarem as suas matas, e cultivarem a maniba. 4º os perigos de matarem os paos, quando caem, os operários. 5º O muito tempo, que necessitam estes roçados para se secarem, queimarem, incovararem, e pôrem-se capazes de fazer o plantamento, que ordinariamente senão consegue senão de dous para 3 meses, ou mais. 6º O muito tempo que necessita o plantamento da maniba para se fazer, e pôr capas, que ordinariamente, só se põem capas em um inteiro ano, ou mais. 7º e mui atendivel impedimento, os riscos, e contingências destas plantas, a quem a falta de águas faz estopentas, sem sustância; e a muita chuva faz apodrecer.*

Daqui nacem as grandes faltas que há de farinhas em alguns anos no Maranhão, e outras partes, e as grandes fomes, que padecem as repúblicas de quando em quando, porque correndo-lhes mal o ano, são as colheitas muito diminutas. Vi na cidade, e estados do Maranhão nos poucos anos, que lá vivi fomes tão grandes de farinha, que senão achava o alqueire por ũa 8ª de ouro, sendo que o seu preço ordinário é ũa até duas varas de pano de algodão grosso, que se reputam por 200 réis: Vi comodidades de religiosos não acharem por todo o preço ũa quarta de farinha de pao, que é o sustento do país para pôrem no refeitório aos religiosos, não obstante terem para cima de mil escravos, de cujo número occupavam os mais robustos [roto o ms.] das roçarias de maniba; além de ser este cultivo geral a todos os moradores brancos, e índios, porque todos fazem suas roças, e plantamentos duas vezes no ano; e não obstante há anos de tanta falta, e tantas fomes, como digo que tenham os frutos deste cultivo, e desta planta. E não obstante ser a factura, e venda da farinha de pao um dos mais grossos empregos, e contratos de muitos moradores que occupando os seus muitos escravos na fac-*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

tura de grandes roças, ainda correndo-lhe bem o tempo, e fazendo as colheitas mui copiosas me chegou a afirmar um religioso com muita experiência não só por ser já envelhecido, mas tãobẽ creado com a farinha de pao, e natural do Marnhão, que nunca vira naquela cidade engrossar muito, os que contratavam farinhas, antes via que as suas casas, e famílias iam cada vez em maior decadência, e por vezes o quis provar em um parecer sobre esta matéria, se outros impedimentos lhe não impossibilitassem a execução; eu quis referir aqui para desengano dos apaixonados da farinha de pao; que por isso aconselhava o dito missionário que quem tivesse negros, ou multidão de escravos os ocupasse em outros serviços.

Deixo de referir muitas outras contingências da maniba, como são, o ser invadida, e desterrada pelos muitos javalis, ou porcos do mato, que às vezes as assaltam em grandes bandos, e outras feras: o ser derrotada pela formiga saúga, que, quando lhe dá, são tão inumeráveis, e tão vorazes, que em ũa noute lhe decotam toda a rama, e raminhos, e a deixa em árvore seca: A praga dos gafanhotos, e muitos outros riscos, que podem acontecer no dilatado espaço de um inteiro ano, que está na terra; e rara a vez corresponde a sua colheita às esperanças dos donos, que muitas vezes apenas colhem 100 medidas, donde esperavam mil, quando não fiquem de todo jejuando: Como está tanto tempo na terra está sujeita esta planta maniba a muitos contratempos.

Fora destes inconvenientes que traz consigo esta praxe do Amazonas: A mesma farinha de pao considerada em si é tão insípido alimento, que muita gente, não obstante terem dela muito uso, e não usarem de outra casta de pão a maior parte da sua vida, contudo nunca se poderam acostumar a comê-la só per si, sem algũa confecção, ou cirinco: eu ao menos per mim me julgo, que em cousa de 17 anos, que vivi naquele Estado, e suas missões rara a vez a pude comer, ou tragar só per si, o mesmo me afirmaram outros, e eu via, porque só acompanhada com alguma fruta ou conducto a podiam levar; ou amassada nos caldos gordos de carne, a que chamam mirapirão, mas na verdade são regalados, ou conficionada com algũa outra indústria, como fazem ordinariamente os europeos, alfim é farinha de pao; e que gosto, ou substância pode ter um pão feito em farinha?

E se atendemos à sua qualidade é um tão refinado veneno esta raiz chamada mandioca, de que relada, ou apodrecida na água se faz a dita farinha, que quem a comer ou seja crua, ou cozida, ou assada morrerá a violência de muitas dores, e convulsões; e só não faz mal aos animaes, que a comem com a casca, que dizem ser o seu contraveneno; e para a gente a poder comer sem dano se espreme de toda a sua umidade, a que chamam tucupi, que é um refinado e mui violento veneno, de que morrem muitos animaes domésticos, se não há cautela de enterrar na terra; e se espreme em ũas mui apertadas imprensas, que usam para semelhante ministério; e deste veneno usam muitos mal intencionados para matarem a seus inimigos disfarçado em bebidas, ou guisados.

Demos porém, que todos estes inconvenientes sejam toleráveis pela indústria dos naturaes; com que seja um bom sustento, e que tenha alguns bons préstimos, como na verdade tem, a farinha e tapioca, que dela se fazem: bastava para ser desprezada o muito trabalho da sua cultura, e o não ter terras firmes, e estáveis as suas searas porque este é o maior impedimento, ou obstáculo aos novos moradores, que costumados a agricultura da Europa, e sem jornaleiros que lhes cortem aquelas matas, nada mais desejam, que

ter algũa herdade estável, e fácil de beneficiar; por cujas rezões se deve desprezar o cultivo da maniba; e se deve introduzir a agricultura das searas da Europa, e mais mundo, em que como veremos, são muitas as ventagens e conveniências.

CAPÍTULO 8º

PARA BEM DOS MORADORES, E AUGMENTO DO ESTADO SE DEVE INTRODUZIR O USO DO GRÃO.

Havendo de desterrar-se das terras do Amazonas o cultivo, e uso da farinha de pao pelos seus inconvenientes segue-se por consequência infalivel, que se deve em seu lugar introduzir a agricultura da Europa, e uso dos trigos, milhos, e mais grão, de que usam as mais regiões do mundo, porque se cultivam com mais facilidade, dão mais breves os seus frutos, e tem mais copiosas colheitas, quanto o permitirem aquelas matas; digo quanto permitirem aquelas matas; porque, excepto os campos, e campinas, em que logo do princípio se pode praticar o uso do arado, e mais agricultura ordinária, nas terras do mato já se vê, que senão pode practicar in totum *o mesmo benefício, por ser necessário alimpá-las primeiro do mato, ou secar-lhe o arvoredo, como já dissemos, e ainda só depois de muitos anos se podrão lavrar, e cortar com o arado, quando já as suas raízes estiverem podres, e consumidas. Porém* logo do princípio se podem semear nelas as searas da Europa ao modo da terra metendo o grão nos buracos, como temos dito. Resta aqui saber agora qual, ou quaes hão de ser as espécies de searas mais acomodadas ao clima, e mais próprias ao seu terreno? Já se sabe que o trigo tem em todas as searas o primeiro lugar, porque tem em toda a casta de grão a primazia, e bastava para seu abono, escolher o seu e nosso Creador, e Redemptor o pão de trigo para nele se sacramentar no venerando, e tremendo Sacramento da Eucaristia; é enfim o mais mimoso, e regalado mantimento dos homens, e deve sempre ser preferido em toda a agricultura enquanto o permitirem as terras, e os climas, porque nem em todos os climas se dá o trigo, nem todas as terras são aptas para as suas searas; que por isso em ũas regiões reina o trigo; em outras os centeios, em outras a avea, na Ásia o arroz, na África os milhos, e assim em outras terras outros grãos.*

Verdade seja, que esta diversidade de searas não provém muitas vezes da diversidade das terras, e dos climas; mas sim do uso, e costume dos seus naturaes; por isso nas Índias é o arroz o pão ordinário, e os milhos nos rios

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

de Sena, e em muitas partes de África, e da Europa por estar em uso nos seus naturaes, não obstante dar-se neles bem o trigo como tem mostrado a experiência; na mesma América tem provado bem os trigos, depois que os europeos o introduziram lá com as suas colônias, não obstante não estar antes em uso em todo aquele novo mundo, de sorte que já hoje é o sustento mais ordinário, e o mais practicado cultivo em muitas conquistas, e colônias dos europeos na Ásia, África, e América, onde antes senão dava o trigo, não por lhe serem contrários os seus climas, mas por estarem em uso outras searas.

Esta mesma rezão de não estar em uso o trigo cuido eu ser a causa, de não se cultivar no nosso Brasil, e Amazonas, onde os seus moradores accomodando-se ao uso da terra, só se occupam no cultivo da maniba, e não tomaram ainda a resolução de introduzirem os trigos, desculpando-se de não serem os seus climas, e terras accomodadas aos trigos por rezão dos seus intensos calores, e por falta dos frios, e geadas, que dizem, requer a sua sementeira; rezão, que podendo ter algũa força nos calores do Amazonas, e zona tórrida, é totalmente frívola no Brasil, onde já há temporadas de bom frio, como atestam muitos dos que lá tem vivido, e os tem experimentado; mas ainda nas mesmas terras do Amazonas, hei eu de mostrar primeiro e provar, que não são os calores, os que impedem as sementeiras dos trigos; mas a falta de coriosidade dos seus habitantes em não experimentarem qual seja o melhor tempo para elas, e a falta de resolução nos moradores para o cultivarem, por estarem aferrados à farinha de pao, ou pão feito em farinha.

Houve nas colônias dos índios dos portugueses seus conquistadores a mesma dificuldade lá nos seus princípios, que há e tem havido nos Brasis, e Amazonas para introduzir o trigo em lugar do arroz, que só usavam e ainda hoje usam por sustento ordinário muitos reinos, e províncias da Ásia; propugnavam uns, que se introduzissem as sementeiras do trigo, alegavam outros que as terras, e clima das Indias não eram favoráveis à sua agricultura por causa dos seus intensos calores; diziam outros, que se deviam imitar os usos dos naturaes, que guiados pela experiência de tantos séculos, deviam estar mais prácticos na melhoria das sementeiras, muito mais havendo naquelas regiões tantos impérios, reinos, e nações tão cultas, e polidas como os europeos, cujo pão, e sustento ordinário é arroz, cuja agricultura devia de ser sem dúvida a seara mais fructífera daquelas terras, e contra o uso, e experiência não há argumentos, nem instâncias; assim sendo são sempre diversos os pareceres, e opiniões, quando se quer introduzir alguma novidade, ainda que ela seja tam ventajosa ao costume, como é o trigo ao mais grão.

Não obstante porém todas as rezões, que se alegavam em contrário, houve coriosos, que se resolveram a fazer experiências, experimentando as luas, e seus quartos, e semeando per cada vez ũa piquena porção de trigo com tão bom successo, que finalmente acertavam com o tempo próprio das suas sementeiras, que é (se bem me lembro) nos princípios, ou no tempo em que principiam os seus copiosos orvalhos no mês de e desde então se foi metendo a praxe do trigo, de que já hoje há muita abundância; e adverte o Padre Barthola jesuita no seu —* Oriente conquistado, *onde isto conta, aos mais portugueses da América estas palavras, que devem atender os do Brasil, e Amazonas para fazerem as mesmas experiências, e desprezarem a sua farinha de pao. Bem podiam os do Brasil fazer semelhantes experiências, e introduzir lá o uso do trigo, porque não são os seus calores, e terras mais quentes que as da India—[.]*

---

* *Espaço em branco no manuscrito*

As mesmas dúvidas, e contrariedades houve em África nos rios de Sena, onde havia mais obstáculos para se introduzir o trigo, por rezão dos governos, e contratadores da Índia, os quaes para passarem para lá com bons avanços as suas farinhas vigiavam, em que senão pudessem fazer semelhantes experimentos, e que não se introduzisse naquele Estado os trigos; que sempre os próprios interesses dos mercadores, e contratadores foram o maior obstáculo do bem comum, e augmento dos povos! Contudo venceo estas dificuldades ũa mulher heroina, que tãobẽ há mulheres, que com suas gloriosas acções se fazem beneméritas da república. Mandou esta ir da Índia o trigo, e para o esconder à vigilância dos interessados, o passou em 12 frascos em ũa frasqueira disfarçada por frasqueira de água ardente: em cada mês do ano mandava semear um frasco nas duas luas, e acertando com o tempo genuíno da sementeira, que parece é quando desaguam as enchentes, se ficou cultivando o trigo naquele Estado, cujo benefício deve a ũa mulher que se era rústica na condição da agricultura, mostrou bem ser sábia nos seus experimentos porque t[ão]bẽ há sábios na arte rústica.

Mas escusado é buscarmos sufrágios nas mais regiões; nos mesmos climas da zona tórrida, e ainda nas mesmas terras, e vezinhanças do Amazonas tem mostrado a experiência, que se dá, e medra, e fructifica bem o trigo: porquanto no Império dos Incas, ou Puru, que se estende pelo Sul do Amazonas desde o Rio Madeira té as suas cabeceiras, e principalmente em Lima, e seus subúrbios, que hoje a metrópole daqueles grandes estados espanhóis há tantas, e tão abundantes searas de trigo, como na Europa. No Reino de Quito, que se estende pela parte austral nas cabeceiras do mesmo rio, se vem reverdecer, e fructificar muitos trigos. Em Caiana colônia dos franceses na boca do Amazonas da parte do Norte, em sua terra firme se cultiva já muito trigo da Índia cujo cultivo ensinaram aos seus índios neófitos os seus missionários como lemos no tomo das cartas ediptadas.

Nos mesmos estados do Amazonas português, e nas mesmas terras do Pará, e seus subúrbios se dá, e fructifica bem o trigo segundo a experiência de alguns coriosos. Em ũa herdade semeou um corioso trigo, e me certificou que tinha fructificado, e só que o seu grão era algũa cousa mais fino (talvez por não ser semeado em boa conjunção, o que se veria a conseguir se experimentasse outro tempo) mas não continuou a curiosidade. Em um seu horto semeando um morador ũas sementes de alface, e achando entre elas um grão de trigo o lançou tãobẽ na terra, e a seu tempo fructificou 10 famosas espigas, em outras tantas hastes, que andaram correndo as mãos dos coriosos, e o secretário de estado, que então era por cousa rara, e nova no Pará a mostrava aos seus hóspedes, e ma mostrou tãobẽ a mim, por cuja occasião o confirmei, de que dias antes me tinha já mostrado um religioso um grão mui belo, e graúdo das ditas espigas, que tinha colhido no mesmo horto, ainda verde, para melhor prova, de que era da terra. Calo outras experiências, porque bastam estas para prova, de que tãobẽ as terras, e climas do Amazonas são boas para os trigos.

E quando não fossem tão aptas, e óptimas como outras regiões para toda a casta de trigos, porque alfim — non omnis fert omnia tellus *— certamente o são para algũas espécies, v. g. para o que chamam trigo das Índias, e outros. É este trigo de Índias, o mesmo, que o nosso, segundo a informação, que me deram alguns missionários da Índia, e o chamar-se das Índias parece que só lhe vem de algũa pouca diversidade no seu cultivo. É trigo tremu, porque dentro de 3 meses se semea, e colhe, nisto tem a condição*

das mais searas dos milhos, legumes etc. que no Amazonas se fazem em só 3 meses. Semeam-no nas Indias nas terras ainda alagadiças, e pântanos, depois de desalagarem, e se dá nobremente, e só requer a condição, de que lhe não chova quando está com grão. *Esta espécie de trigo é a mais usada nas Indias, mas se tem já transplantado em muitas províncias da América, e para Caiana colônia francesa na boca do Amazonas, como dissemos acima.*

*À vista destas, e de muitas outras experiências se mostra bem, que o não se cultivar nas colônias do Amazonas português, não é, não o não se dar nelas os trigos, nem por ser aquele clima muito quente, desculpa ordinária dos seus moradores, mas só o não estar em uso, como a farinha de pao; e antes querem aqueles moradores gastar à sua substância nas farinhas de trigo, e biscoutos, que lhes levam as frotas, e de que usam muitos, do que o mandá-lo cultivar nas suas herdades, e ter de casa muita abundância, só por não estar em uso, melhor disséramos, por desmazelo, e malacia dos homens, como succede a muitas outras cousas; que cria a terra em muita abundência, quando as cultivam, mas de ordinário senão beneficiam. Sirva para exemplo desta malacia e desmazelo (além de muitos outros, que podera apontar) a falta, e raridade, que há de uvas nos estados do Amazonas; estima-se ali por grande mimo, e regalo um cacho de uvas, de sorte que se as frotas as podessem carregar da Europa, seriam ũa das suas maiores mercancias; e dão-se tãobẽ naquelas terras, que produzem 2, ou 3 colheitas no ano, se tantas vezes se podarem as vides. Mais:** São as terras do Amazonas tão abundantes de cacao, como todos sabem, pois de lá é que vem para a Europa tanta abundância, e é a carga mais ordinária das suas frotas, e contudo estima-se lá por grande mimo ũa arroba de chicolate, com que regalam os da Europa em remessas aos seus correspondentes, com advartência, que tãobẽ há ũa grande abundância de baunilhas, que é outro ingrediente do chicolate, e isto só por não o mandarem fazer assim confeitado, por estar em uso o usar lá só o chicolate singelo, e sem, confeição. Mais: Tem lá tanta abundância de algodão, que se está perdendo pela terra, e contudo apreciam por mui subido preço as chitas, e telas de algodão, que levam os mercadores da Europa; e assim em muitas outras cousas, e assim tãobẽ nos trigos.*

Como porém o meu intento principal é dar aos novos povoadores, que para lá mudam os seus domicílios um método de cultivar aquelas terras o mais fácil, e útil para eles, e para todo o Estado, não esperei de persuadir-lhes o uso, e cultivo dos trigos, como seara a mais estimada em todo o mundo, e tanto mais fácil, quanto a ele já vão mais costumados da Europa: e não se costumarem ao abuso da farinha de pao, como erraram os povoadores dos anos pretéritos: os quaes se logo do princípio entrassem a cultivar as searas da Europa teriam já hoje muita fartura de pão para suas casas, e famílias sem necessidade de escravos, teriam terras estáveis, sem precisão de novas terras todos os anos; e teriam herdades firmes para estabelicimento de suas casas, e famílias: Porém, porque se quiseram costumar à farinha de pao, e usos da terra, parecendo-lhes, que nunca seriam gente, sem que buscassem, e se servissem com escravos para o trabalho e serviço das roças em matas etc. por isso nunca puderam medrar, nunca fartar as suas casas, e nunca ter bens de raiz.

Principiando pois logo com o cultivo dos trigos, e mais searas, de que logo falaremos, devem observar bem o tempo das suas sementeiras, que su-

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

ponho são na vazante dos rios, e desagadouro das terras; e quando principiam, e duram os grandes orvalhos nos meses de ou quando melhor o provar a experiência; se é que já se não tem averiguado bem o seu tempo como suponho se terá feito por alguns novos povoadores, dos muitos, que para lá tem mudado seus domicílios depois da minha revolta daquele Estado no ano de 57, e da minha prisão, em que isto escrevo: e quando ainda senão tenha introduzido, e se queiram informar bem do milhor tempo e conjunção destas searas sem as detenças dos experimentos, o podem fazer na colônia dos franceses Caiana, onde logo nos seus princípios o introduziram os franceses, mais coriosos, que nós os portugueses na cultura das artes, e no mecanismo da agricultura; o mesmo uso, e cultivo dos trigos introduzio nos índios da terra firme da administração da dita Caiana um seu próprio missionário como dissemos acima.*

Restava agora dizer aqui quantas, e quaes são as espécies, ou castas que há de trigos, para se poderem escolher as melhores, as mais fáceis de cultivar, e os mais grados? Como tãobẽ o melhor modo da sua agricultura, como se beneficiam as suas terras, e como se fazem as suas searas? Porque nem em todas as nações se rusticam as terras para os trigos, e mais searas como no nosso Portugal, e Espanha, e não há muitos anos, que no Reino de França foi um lavrador grandemente premiado, por inventar, e usar de um novo método de preparar as terras, e fazer as sementeiras que a experiência provou sem controvérsia ser muito mais ventajoso, que a praxe ordinária, e render 2, ou 3 tantos mais do costumado: porém deixo esta diligência a outros coriosos, que na sua liberdade o possam fazer, porque na minha sepultura, ou prisão me faltam os meios para as precisas averiguações.

CAPÍTULO 9º

DAS MAIS SEARAS, QUE SE DÃO NAS TERRAS DO AMAZONAS.

O mesmo, que dizemos dos trigos, dizemos das mais sementeiras, que se costumam na Europa, e mais mundo; e muito mais se os trigos não aprovarem bem na terra; porque se podem bem suprir com as mais sementeiras, das quaes já a experiência tem mostrado, que pode haver muita abundância: porquanto os milhos graúdos fructificam tanto nas terras do Amazonas, como se fosse a sua terra, de que já demos notícia em outra parte; e não há mais sementeiras deles, e mais abundância, por não estar em uso o seu pão por se usar da farinha de pao; e posto que já todos os moradores o cultivam nas suas herdades, e roçados ou intersachados com a maniba, ou em searas à

---

* *Espaço em branco no manuscrito.*

parte, é em tão pouca quantidade quanto só lhes baste para a creação dos animaes caseiros; e só alguns dos ilhéos novos povoadores lhe foram dando algum maior gasto fazendo dele broas, que não deixam de terem sua estimação.

E para que esta seja maior, e creça nos novos povoadores mais o seu cultivo lhes quero propor agora aqui as grandes conveniências, que há nos milhos graúdos, e no uso da broa, ou pão, que deles se faz sobre todas as conveniências da farinha de pao; e ainda sobre as searas dos trigos, não porque seja o pão de milho mais mimoso, que o de trigo, porque isso seria demasiada exageração; mas por serem mais copiosas as suas colheitas, e por darem maior fartura às repúblicas; e talvez que esta maior abundância seja a causa de ser já hoje tão cultivado na Europa; e do nosso Portugal ouvi eu dizer, que depois, que nele se introduzio a sementeira do milho graúdo, e o pão de broa se tinha experimentado nele menos fomes, e havia maior fartura, não obstante o ser nele mais costosas as suas sementeiras, do que no Amazonas, e mui arriscadas as suas colheitas, por rezão das chuvas do outono, e nevoeiros, que o não deixam secar, e se perde muito.

São muitas as conveniências do maús, ou milho graúdo sobre a farinha de pao; e as sementeiras de um sobre o plantamento, e cultivo da outra: principiemos pelo seu cultivo: primeiramente o terreno para os milhos não só não necessita de grandes matas como a maniba; mas antes o contrário; basta para fazer a sua sementeira a terra de qualquer piqueno mato, ou qualquer capoeira dos roçados antecedentes (vamos na suposição do costume da terra no modo de a preparar com roçados) antes ouvi dizer a algum práctico, que fructificava tanto melhor, quanto mais nova é a capoeira, em que se semea; já desta circunstância se vê bem o quanto se avantaja a farinha de pao, que requer matas grandes: porque para fazer um roçado para a maniba em grossas matas é necessário muito trabalho, muita gente, e muito tempo; e para roçar igual espaço de terreno em ũa piqueno capoeira basta um só jornaleiro em um, ou 2 dias sem se cansar muito.*

2ª conveniência ainda falando na dita agricultura ordinária; aproveitam-se com as searas dos milhos e se fazem mais permanentes as terras; porque ou servem todos os anos as mesmas, ou podem servir de dous em dous anos, ou conforme quiserem; e já assim cessa o inconveniente de se acabarem as matas, e de se buscarem novas terras largando os primeiros sítios como socede com a maniba. Tãobẽ servem para as sementeiras dos milhos quaesquer terras ou sejam de matas, ou de capoeiras, ou campinas, ou alagadiças; e costumam muitos semeá-los nas margens dos rios, e nas terras alagadas assim que vão desaguando as enchentes: e serão óptimas terras para as suas searas as muitas ilhas, que há, e formam o Amazonas, e mais rios, por ser terras mui pingues das águas, esterco, e lodos das enchentes; e em algũa vi eu, que não era necessário mais, do que meter o grão na terra, quando enchia ficando descuberta das enchentes, e fructificava muito: de que se vê quanto tãobẽ interessam as searas dos milhos sobre a maniba pela cenveniência das terras.

3ª conveniência é a brevidade das searas; porque em 3 meses se fazem as searas dos milhos no Amazonas desde a sua semeadura até a sua colheita; de sorte, que dentro de um ano se podem fazer muito bem a vontade 3 searas

na mesma terra, quando apenas se fará um plantamento de maniba de que se segue outra grande inconveniência, e é de terem menos riscos, e contingências estas searas assim no seu crecimento, como tãobẽ nas suas colheitas; estas; porque sempre tem tempo a se secarem, por rezão do clima quente; e nunca por falta de tempo acomodado para se secarem, se perdem lá colheitas, além de que as ordinárias se fazem sempre na estação do verão, em que não há chuvas: tãobẽ correm poucos riscos no seu crecimento, porque como só estão 3 meses no campo, não tem tantos contratempos como na Europa. Quanto mais estimado (não obstante o ser muito) seria o milho na Europa, e ainda no nosso Portugal, se se fizessem dentro de 3 meses as suas colheitas. Mas como vi são necessários 8 para 9, ou 9 meses para se fazer as searas, e ao depois com muitos riscos as colheitas!

4ª conveniência é a maior, e mais fartura: porque já nós dissemos os riscos da mandioca, que depois dos muitos trabalhos do seu cultivo, frustram as colheitas as esperanças dos lavradores, que se acham minus habens *sem um bocado da farinha para comerem; não assim as searas dos milhos, que sempre fructificam com abundância, sempre dão cento por um, e sempre tiram as casas da miséria: e no caso, que alguma destas searas por algum incidente se malograsse, se pode logo resarcir a falta com ũa nova sementeira; que dentro de 3 meses despicará a primeira, porque como dissemos na 1ª Parte o clima do Amazonas em todo o ano é apto para fazer sementeiras, porque sempre o tempo é o mesmo, e sempre verão; e só as águas no tempo das chuvas as poderão impedir nas terras baixas, e alagadiças, mas não na terra firme, onde nas chuvas do inverno se podem então fazer as suas sementeiras. Enfim podem os milhos estar em perpétuas searas, ũas já secas, e sazonadas, outras nas suas colheitas; outras crecendo, e outras nacendo.*

Pois se atendermos aos préstimos do milho, enquanto farinha, tãobẽ veremos, que tem muitos mais usos que a farinha de pao; porque tem os mesmos usos que a farinha de pao, e tem demais os usos da Europa no pão de broa: tem os mesmos usos que a farinha de pao, porque se pode beneficiar como ela, e comer como ela; com muito menos trabalho, porque não necessita, para se fazer, de se relar nas rodas, ou reladores, em que se rela a mandioca; nem de se meter em emprensas para se tirar o sumo, ou aguadilha; nada disso necessita o benefício do milho: e tãobẽ se faz com mais brevidade. Não falo da farinha de milho, que alguns fazem torrando o grão, e pisando-o grossamente sem mais indústria, porque esta farinha é pouco cobiçada, e apetecivel, e só a fazem alguns, ou por acudir com brevidade a algũa falta; ou principalmente por não saberem ainda a mestria com que se faz a mais mimosa, de que falamos, de que usam muito os mineiros nos seus arraiaes, e nas suas viagens: e para que todos se possam utilizar, e vejam as ventagens, que tem sobre a farinha de pao, lhes diremos aqui o modo mais ordinário da sua factura.

Deita-se o milho de molho em água até ficar bem coberto, e ainda que sobrepuje alguns dedos em tanques, talhas, ou grandes vasos, conforme a quantidade que se quer fazer; tem-se de molho até imbeber, e enchar bem o grão, o que se faz dentro de dias. Tira-se então, e se deixa enxugar, entram logo a pisá-lo, ou sucá-lo em grandes pilões de pao, e maos do mesmo, que para este ministério se tem já feitos, e como está o milho muito mole se faz, e pisa com muita facilidade e brevidade depois de pisado passam a massa por ũas peneiras a que chamam gurupemas, e de lá vai ao forno, e corre já o mais benefício como a farinha de pao, que é secar nos fornos, e torrar, e

dali passar para a tulha; e conforme o mais, ou menos [ilegivel] se podem fazer diversas castas de farinha imitando as 4 castas, que se fazem de farinha de pao seca; farinha d' água, carimá, e tapioca.

Afirmaram-me alguns missionários que esta é a mais mimosa farinha de milho graúdo, beneficiada à imitação da farinha de pao, e muito mais gostosa, tanto, que um me afirmou, que sendo comprimentado por um que viajava, e teve por hóspede na sua missão com algumas medidas desta farinha, enquanto durou não bolio ele, e seus familiares na farinha de pao, que em sua comparação parecia insipida. Outro sendo tãobẽ regalado com outra oferta, que repartio por seus neófitos afirma, que enquanto lhes durou, não boliram na farinha de pao, com que eram creados; podia alegar mais testemunhas; mas bastam estas duas para merecerem todo o crédito, com que ficaram desenganados, e muito mais quando fizerem a experiência, de que com os milhos podem os apaixonados da farinha de pao ter com mais facilidade brevidade, e abundância os mesmos préstimos, e usos da sua farinha de pao, não só para comer, mas tãobẽ para os mais usos de vinhos, cervejas, e águas ardentes, que se fazem dos milhos, ou da sua farinha.

Tem de mais a mais o uso de pão de broa, a qual, posto que alguns a desprezem por ser broa, saibam, que, ainda sem sair do nosso Portugal, é o sustento mais ordinário e comum do nosso reino, porque é o pão, e sustento ainda dos cavalheiros, e ricos de algũas províncias, como eu observei na Beira, porém se a quiserem mais diliciosa misturem-lhe outras farinhas, e beneficiem-na em broa, a que chamam pão de mistura, ou pão de toda a farinha como fazem nas vizinhanças de Vizeu, a qual é tão gostosa, e estimada, que alguns a preferem ao pão alvo de Lamego, que é o mais estimado de todo o reino; façam o experimento, e ficarão desenganados. Tem o milho graúdo muitas castas, como dissemos dos trigos; todas se dão bem nas terras do Amazonas, e com eles se pode muito bem suprir a falta de trigos, ainda no caso, que os trigos se não dem bem no Amazonas.

CAPITULO 10º

DE OUTRAS SEARAS DE MILHOS, QUE SE PODEM CULTIVAR NO AMAZONAS.

Há muitas outras espécies de milhos, muito dignas de cultivar-se no Amazonas, ũas já se usam na Europa como são os que chamam milhos miúdos, e o milho painso, e outros, que por serem bem conhecidos não necessitam aqui de discripção; e assim só descreverei outras espécies, que se cultivam em Africa, donde se tem espalhado, e transmutado já para outras partes, e para as terras do Amazonas se tem levado tãobẽ já algumas sementes, posto

que, como naquele clima, e região se não trata de searas, e só se usa da farinha de pao, e quando muito de algum milho graúdo para creação dos animaes domésticos, só servem as mais espécies para admiração dos curiosos, do que para emprego dos lavradores; poderão porém pelo tempo adiante ser um dos maiores empregos dos novos povoadores, em cujo obséquio lhes descreverei aqui algũas castas.

A primeira é a casta de milho a que chamam os cafres mapira inacúru: deita este milho a sua espiga semelhante à bandeira do milho graúdo, no fim da cana, ou haste esfarrapada, mas tão carregada de grão, que toda se dobra para baixo, e com tanta abundância, que cada espiga enche um barrete: o seu grão é do tamanho da munição. E parece o mais estimado entre os naturaes não só por ser mui copioso nas suas searas; mas tãobẽ por fazer o seu pão mui saboroso, e alvo como o trigo. Vi no Amazonas um pé deste milho tão crecido e alto, como um cavaleiro, e bem carregada a sua espiga, não obstante ser creado sem mais cultura, do que meter o seu grão na terra, e deixado crecer à reveria da terra, o que me dá bastante fundamento para crer, que sendo cultivado com algum cuidado, serão aquelas searas muito copiosas. Não estou certo se dá ũa só, ou mais espigas. A 2ª espécie é a que chamam os naturaes mapira michuerre, ou machavere, é tão bem crecido, e do mesmo tamanho a sua cana, ou haste como o já dito, e tãobẽ o seu grão é para menor, tem a maior diferença na forma da espiga, que é fichada como a do nosso painso, mas muito maior. Estas duas são as principaes castas de milhos, que abaixo dos milhos graúdos se cultivam, e estimam em muitas partes de África. Dão-se tãobẽ no Amazonas, que me segurou um morador, que fazendo ũa piquena sementeira lhe dera duas (ou 3) colheitas, a que lá chamam soca, e resoca; porque colhida a primeira ordinariamente arrebenta outra vez a raiz, ou pé, e crecendo de novo dá segunda colheita, posto que não tão copiosa como a primeira, e não estou certo, se me disse 3ª colheita; porém ou sejam 3, ou só duas bem denotam assim a fertilidade da terra, como a fecundidade dos milhos, e será muito maior, se derem ao seu cultivo maior cuidado, do que o ordinário, e costumado na terra.

Há outra espécie chamada mapira inhamuzi com espiga aberta como a do milho miúdo, porém maior, e mui estimado, ainda que não chega à estimação das duas ditas: e são as espécies que me informou um missionário, que esteve, e vio cultivar muitos anos em África nos rios de Sena, e os que estão em maior uso no grande, e vasto Império do Monomotapa, e outros reinos vizinhos onde não usam de trigo; e todas elas vi eu fructificar admiravelmente no Amazonas, excepto esta última, de que me não lembra: em todas elas tem os habitantes do Amazonas um mui avantajado suplemento da farinha de pao, que podem cultivar com muito mais facilidade e com muita fartura em terras estáveis, e herdades permanentes, sem as trabalhosas condições da maniba: Como tãobẽ os centeios, e cevadas da Europa, e não deixam de ter sua estimação:

O modo que usam em África nas sementeiras dos milhos supra os seus naturaes é assim. No tempo, que já sabem próprio para fazerem as sementeiras, cortam o feno da terra, assim que está seco lhe lançam fogo: ajuntando-o primeiro em montinhos, depois, sem usarem de arado, se ajuntam em fileira os operários homens, ou mulheres, e vão pisando a terra, e atrás outra fileira que vai metendo o grão quasi do mesmo modo, que se usa na praxe actual das sementeiras do Amazonas, e só com a diversidade do preparar as terras, que no Amazonas se faz roçando matas, e lá só cortando,

ou capinando o feno, que cria a terra enquanto folga de ũas até outras sementeiras do ano seguinte: e só alguns europeos, que habitam naquele clima, e tem escravos costumam em algũas sementeiras virar a terra, depois de queimado o feno, no mais até às colheitas seguem a praxe ordinária nas mundas etc.

Daqui se vê que o uso da farinha de pao no Amazonas não é por falta de outras searas, que podiam ter muito a escolher, e em muita abundância, mas só por estar em uso não se resolvem os seus habitantes a introduzir as mais searas, antes cuidam aquelas gentes, que só a farinha de pao lhes pode fartar as suas casas, e que sem ela não podem viver, não obstante experimentarem por muitas vezes a sua falta, em grandes fomes como temos dito; falo dos que vivem no Amazonas do destrito dos portugueses; porque nos destrictos dos espanhóis desde o Rio Solimões para cima, e em toda a grande província dos mainas, e em muitas outras partes nem usam da farinha de pao, nem de outra algũa sementeira excepto algum europeo; nem ainda os seus missionários sendo o seu pão algũas frutas, ou raizes assadas, ou cozidas, que ajuntam ao conducto em lugar de pão; posto que podiam ter, e cultivar a maniba como no mais Amazonas, porque as terras, e os climas são os mesmos para que se desenganem todos de que só o uso, e não as terras variam os víveres ordinariamente especialmente no Amazonas.

CAPÍTULO 11º

DAS SEMENTEIRAS DO ARROZ NO AMAZONAS.

Sendo as searas do arroz um dos maiores empregos dos lavradores, e um dos mais estimados legumes do mundo, merecem tãobẽ aqui sua recomendação; é tão estimado no mundo este legume, que em muitas provincias não só serve de legume, mas tãobẽ em lugar de pão; especialmente na Ásia, onde é mais cultivado; Na maior parte do Império do Japão, em muitas províncias do grande império da China, em toda a vastidão do Império Mogol, e finalmente em todos os reinos, e Estados da Índia não há outro pão senão arroz, nem se cultivam outras searas ordinariamente senão arroz, se exceptuarmos algum uso de trigo, que, como dissemos acima introduziram os portugueses; é pois o arroz toda a sementeira daquelas gentes; é o seu trigo, é o seu milho, ou para melhor dizermos é a seara arroz a que supre os trigos, e milhos que se usam no mais mundo: É certo que em algũas províncias da mesma China tãobẽ usam dos trigos, mas a maior parte do reino não tem outro pão senão o pão de arroz.

O arroz é opão em casa, é o biscouto dos navios, é a matalutagem nos caminhos, e é o principal sustento de pobres, e ricos; de grandes, e piquenos,

de nobres, e plebleios; e quem tem mais searas, e cópia de arroz tem a maior fartura, e riqueza das suas casas. Lembra-me sobre esta matéria um galante costume, ou cerimônia, que usam os naturaes no Reino da Cochinchina. Quando celebram as suas bodas, e se mudam os esposados armam ũa procissão ou grande acompanhamento dos parentes e amigos, e na procissão muitos andores ou cargas às costas de homens, ou em carros com todos os móveis da noiva, ou noivas mais ou menos conforme a dignidade nobreza, ou riqueza que tem; mas a principal carga, ou andor é sempre ũa vasilha de água, e outra vasilha, ou medida de arroz, não tanto para provimento dos novos desposados, quanto para denotarem, que a água, e o arroz são as riquezas que mais estimam, e com que se sustentam, e conservam as casas.

Não é menos admirável a expressão dos indianos, e outras nações do grande apreço, que fazem do arroz, porque quando querem mostrar alguma grande alegria, e consolação, dizem que é como as chuvas nas searas do arroz, v. g., quando comprimentam algum hóspede com mostras de grande gosto, e afecto lhe dizem, que a sua vinda lhes causa tanta alegria como as chuvas no arroz, — é o comprimento de maior expressão de alegria, o que bem mostra a grande estimação, que fazem do arroz; para que vejam os habitantes do Brasil, e Amazonas, que ainda no caso, que nas suas terras senão dem os trigos, e quando, não queiram cultivar só os milhos, que temos dito, ainda, sem necessidade do laborioso cultivo da maniba, podem usar do arroz em lugar da farinha de pao visto que tantas, e tão cultas, e polidas nações dele só usam em lugar de pão.

E não só lhes serve de pão em lugar dos trigos; mas tãobẽ do arroz fazem os seus vinhos e águas ardentes, e alguns tão activos, e esperitosos, que lhes chamam os europeos vinho de fogo. Fazem da farinha do arroz tantas, e tão especiaes menestras, que dizia um missionário escrevendo a um seu correspondente, que a guisavam de mil modos, e faziam tantas, e tão esquesidas menestras, que os mais sábios cozinheiros franceses, lhes não chegavam, e não é de admirar sabendo quam habelidentos são os chinas em todas as artes, e mecanismo; não assim nas Índias, onde, posto que seja o arroz o seu pão, ordinariamente senão casam em o preparar mais do que unicamente cozido na água com sal, e assim o cozem com os mais conductos em muitas provincias em outras lhes misturam no prato, e na mesa quando o querem comer, algum molho, leite bem cozido, açúcar, ou perrechil, ou caril, para o fazer mais susbstancial, e comestivel.

Em nenhuma parte melhor, que no Amazonas, se podia suprir toda a mais casta de pão com o arroz, visto serem as suas terras tão próprias para ele, que por si mesmas, naturalmente, e sem algum cultivo o estão produzindo todos os anos, como em outras regiões produzem erva, ou feno: Dá-se em lagos, dá-se em campinas, em alagadiços em terra firme, e finalmente em toda a parte se dá tãobẽ, que cada sementeira se há cuidado em o mundar, dá duas, ou 3 colheitas como dissemos, quando descrevemos a fertilidade daquelas terras, e ainda há arroz manso, isto é do arroz da Europa, que por ser mais graúdo, e limpo costumam cultivar muitos moradores, se podem fazer searas perpétuas, com são as searas do arroz natural a que chamam para distinção daquele, arroz bravo, só com repetir na mesma terra duas, ou 3 sementeiras, e não lhe deixar crecer mato, nem arbustos, que já dali por diante ficarão terras permanentes, sem necessidade de mais repetir as sementeiras, especialmente sendo em terras bem úmidas, ou alagadas no tempo das cheas.

E para que creça a coriosidade do cultivo do arroz nos novos povoadores, lhes quero propor aqui algũas castas, que há de arroz com as mesmas palavras, com que mas descreveo um missionário dos rios de Sena em África. Resta agora (diz ele em ũa relação que me escreveo de muitas coriosidades) descrever aqui as castas de arroz, que há naquelas terras, máxime nas de Quilimane, aonde não só é muito, mas tãobẽ o milhor, e o mais excelente que tenho encontrado; e ainda que nesta matéria podia falar com muita extensão, e segundo a experiência de nove anos; contudo não o farei assim, porque já me não lembram algũas das espécies deste usual mantimento, não obstante terem-me passado todas pelas mãos; e assim direi só as que me lembram, e são as principaes.

Arroz fino é muito, e de diversas castas, e per isso não posso dar notícias de todas, mas bastará dizer, que entre todas as castas duas são as mais principaes estimadas, e procuradas a todo o preço, porém não se acham com facilidade por ser dificultosa a sua cultura, porque no lugar, em que se semeou um ano, não se pode semear no outro, sob pena de desonerar, e perder o fim do grão o excelente da sua brancura, e muito do seu admirável gosto, e cheiro, porque recende de cheiroso, quando se cozinha, e tira da panela ainda em muita distância; porém deste arroz poucos usam pela rezão referida, e porque fica a metade no campo, ou [ilegivel] senão colhe, além da dificuldade, que há em o guardar dos pássaros, por ser o primeiro que amadurece. É fino, mas comprido o seu grão, e ainda depois de cozido fica tão inteiro, que se pode contar. Não assim a 2ª casta, mas contudo não deixa de ser bom, e muito melhor, do que o que aqui (em Portugal, e nas prisões suturnas de São Julião, onde isto escrevia) se come. É o que me ocorre dizer do arroz, a que lá chamam arroz fino.

Outro arroz há tãobẽ com nome de fino, e se chama muniscão, por ser redondo como a mesma munição, cujo gosto não é despiciendo, mas sim muito bom, e admirável, e muito próprio para o arroz doce, e de leite; esta casta de arroz dá-se bem em toda a terra, sendo terra própria para arroz, porque nem em toda a terra se dá este mantimento. Até aqui, o que disse desta casta; outro missionário me informou, que esta mesma espécie de arroz redondo é tãobẽ muito estimada, e cultivada no Reino de Cochinchina (e talvez em outros) e que além dos mais usos, serve tãobẽ de chá, e talvez o estimam mais do que o mesmo chá, cozem-no, e bebem com açúcar a sua água, a qual é sem dúvida muito mais substancial; não sei se se fará os mesmos efeitos.

A 4ª espécie, ou casta de arroz chamam os naturaes inacoeira, é muito branco, e um pouco mais crecido, ou graúdo, que o arroz munição, mas tãobẽ é melindroso, como o fino, e não tão gostoso, o gosto se parece com o milhor que aqui (em Portugal) se come. A 5[ª] espécie é, o que chamam inhamarrimba, e é arroz de farta velhacos, assim por ser em muita quantidade, como por ser muito grosso, e é quasi tamanho de um pinhão. Esta casta de arroz não custa a cultivar-se, e é dos que vem mais tarde, nem padece detrimento, ainda que se demore muito tempo no campo por ser de condição rústica, e muito aferrado a espiga; condições, e qualidades estas, que o fazem ser mais estimado de todos, máxime dos pobres; pois não só é facílima a sua cultura, mas tãobẽ muito profícua, e de grande conveniência para todos pelo muito, que produz, e na verdade fructifica com excesso não só esta casta, mas tãobẽ

todo o outro; tanto, que do mesmo fino na 2ª espécie vi eu colher em um ano 550 panjas, que são medidas que lá usam maiores, que os nossos alqueires, tendo só semeado 3 panjas. Até aqui a relação por não se lembrar de outras espécies.

De todas estas castas se podem aproveitar os habitantes do Amazonas, e fazer grandes sementeiras visto serem as suas terras tão próprias para estas searas; porque ainda que não queiram usar do arroz em lugar de pão, ainda servindo só para os usos costumados não deixarão de serem muito lucrosas a seus donos, máxime sabendo descascar com facilidade, como diremos adiante, e fazendo remessas para a Europa como já fazem outras nações, e podem ser um dos maiores productos daquele Estado. Vejam o que dissemos na 3ª Parte sobre os grandes arrozaes, que há pelos lagos do Amazonas naturaes, e sem cultivo algum, que só eles, se se aproveitassem, podiam carregar grandes frotas, mas se perdem nos mesmos lagos em que se cria, por não haver, quem o aproveite.

CAPÍTULO 12º

QUE AS CONVENIÊNCIAS DESTAS SEARAS SÃO MUITO VENTAJOSAS AS DA FARINHA DE PAO.

Contrapondo agora as conveniências destas searas, às conveniências da farinha de pao, parece não haverá já quem duvide, que são mais ventajosas aquelas do que estas, por qualquer modo, que as queiram examinar, e ponderar os desapaixonados, e para que se acabem de desenganar, e confessar o seu erro no cultivo da farinha os habitantes do Amazonas, lhes contraporemos ũas com outras conveniências as das farinhas de pao com as das searas, que temos dito; e ainda que bastava para abono das ditas searas o serem cultivadas pelas mais cultas nações do mundo, que fazendo delas todo o apreço, e emprego, nenhum caso fazem da farinha de pao, porquanto, se dela fizessem algum apreço já a teriam transplantado da América para outras provincias. É certo, que na Índia tãobẽ usam de ũa espécie de farinha de pao, não para sustento comum, porque é rara, mas só por variar; e por aproveitar o amago de ũas palmeiras, que dão por fruto os coquinhos de que se fazem as contas de malacata; porque para sustento comum só serve o arroz.

São pois muito ventajosas sobre a farinha de pao as conveniências destas searas; ou sejam as searas de trigo, ou de milhos, ou de arroz 1º porque se cultivam, e aproveitam melhor as ilhas, campinas, e terras regadas, e pingues do Amazonas, porque sendo estas terras as mais próprias, e escolhidas para semelhantes searas, são por outra parte desprezadas, e inúteis para o

cultivo da maniba. Na Europa e em todo o mundo são as terras regadas, e fecundadas todos os anos pelas enchentes dos rios as mais buscadas e estimadas, porque muito fecundas, fructíferas a seus donos; e as grandes riquezas do Egipto, só lhe vem das enchentes do seu famoso Rio Nilo; Sendo pois tão nobres para as searas estas terras, estão no Amazonas perdidas, por não servirem para o cultivo da farinha de pao, que só se cultiva em terra firme e em terras de grandes matas; e só com as searas sobreditas se podem aproveitar tão belas terras. 2º porque serão estas terras firmes, e estáveis para todos os anos, e sempre com a mesma fertilidade, e abundância nas searas, e colheitas, sem mais trabalho, do que capinar-lhe a erva, e lançar o grão à terra, sem necessidade de lavoura, ou de estrume; porque os lodos, e folhagem das enchentes as fazem pingues igualmente em todos os anos; é certo que tãobẽ estas ilhas, e terras alagadas estão cheias, e cobertas de mato; mas além de ser mato mais piqueno, e por isso mais fácil de cortir, ũa vez cortado, já ficam campinas, já não tornam mais a crecer matos havendo algũa piquena diligência nos primeiros anos de mundar a erva, e suprimir algum arbusto, que queira arrebentar: o que posto só com o trabalho de um ano ficarão terras estáveis, óptimas para as searas, e quanto mais alagadas nas enchentes mais pingues serão, mais férteis, e mais abundantes; e as que de sua natureza já são campinas, ou terras descubertas, nem deste primeiro trabalho necessitam; basta só capinar-lhes a erva e meter o grão, para se fazerem searas mui abundantes.* 3º porque se evita com estas searas o inconveniente grande, que há no cultivo da maniba, em avançar todos os anos novos roçados em novas terras, e novas matas com repitido, e anual trabalho que sendo tão grande, como temos dito, não serve mais que para aquele ano, e fica perdido para os anos futuros. Evita-se em 4º lugar o perigo de se acabarem as matas, e terras nos sítios dos moradores, e o verem-se precisados a buscar novas terras, e fazer sítios de novo, como repetidas vezes socede no cultivo da mandioca; porque ainda que as herdades, que se concedem aos maiores no Amazonas, sejam muito extensas v. g. de duas para 3 léguas, em breves anos se acabam, porque; nem todo esse terreno é capaz de maniba; há terras alagadiças, há pântanos, há riachos, e nenhũa dessas terras é capaz de cultivar a maniba, que só quer terra firme, terra seca, e terra de matas, de sorte que em ũa herdade de 3 léguas apenas se acha muitas vezes a metade capaz para roçados.*

Além disto, como os moradores, ou senhores destas terras tem para o trabalho grande destes roçados anuaes muita escravatura v. g. *50 famílias, cada família, além dos roçados do senhor para o qual, ou para os quaes concorrem todos, faz um roçado a parte para o sustento, e gastos das suas famílias, o que lhes concedem seus senhores para ficarem livres da obrigação de lhes darem farinha, e assim cada ano se fazem tantas roças em cada sítio cada ano, quantos são os escravos, que juntos com os roçados do senhor occupam muita terra, e como isto socede todos os anos, em poucos anos se acabam as matas, e terras da herdade das [ilegível] com vários outros inconvenientes como são o fazerem muitas vezes os roçados dos senhores nas peiores terras por estarem as mais já occupadas com as roças dos escravos, porque, como tem liberdade de escolherem as paragens, que querem, escolhem o milhor. Outras vezes roçando-se as matas para os roçados do senhor se*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

*encontram roçados dos escravos, ou capoeiras dos anos passados, e por isso se vem obrigados a buscar outras paragens per todas estas rezões se acabam em poucos anos as matas, e terras dos sítios, o que não socederá com as sementeiras.** *5º Porque as sementeiras se fazem ordinariamente em 3 meses desde a sua semeadura até a sua colheita, e assim se vê em breve espaço de tempo o fructo do seu trabalho, e se as colheitas por algum incidente não correspondem às esperanças dos lavradores, se podem remediar, e suprir com outra de novo, o que não pode fazer-se com o cultivo da maniba, porque além de estar um ano inteiro na terra, se depois se frustra a sua colheita achando-se podres, ou estupentas as suas raizes, não se pode remediar, nem suprir senão depois de outro ano com novos roçados, e ainda com os mesmos riscos, e contingências; de que se seguem as faltas de farinha, e grandes fomes, que muitas vezes socedem naqueles Estados, sem lhes servirem de remédio as terras tão pingues, e férteis do Amazonas, que cultivando-se em searas dariam ũa grande fartura a seus colonos.** *6ª conveniência e ventagem das searas dos trigos, milhos, arroz etc. sobre a maniba é o não necessitarem de muita gente para as suas semeaduras, e cultivo, que é a conveniência mais atendível dos que de novo querem povoar, e cultivar aquelas terras, porque sendo senhor, e não podendo haver jornaleiros, que ordinariamente não há naquelas terras, se veriam muito embaraçados no trabalhoso cultivo da maniba; e sem dificuldade podem logo entrar no cultivo das searas; e a rezão, além das sobreditas é porque ou as terras da sua repartição são campinas, ou são ilhas, ou terras rasas, e alagadiças: se são campinas enxutas, não necessitam mais, do que alimpá-las do feno, e erva, e deitar-lhe o grão, e tem feita a sementeira. Se são ilhas, terras alagadiças etc. como estas tem ordinariamente algum mato, e arvoredo sim necessitam no princípio de roçar, e cortar esse mato; mas como é mato piqueno, facilmente se corta, e ajudando-se uns a outros como costumam na Europa, os lavradores, e vizinhos facilmente se desbastam essas ilhas sem a precisão de escravos, e ũa vez limpas, ficam limpas campinas para sempre, continuando a semear nelas todos os anos as searas.** *E no caso, que as terras da sua repartição sejam terras firmes, e terras de grandes matas, tãobẽ não devem esmorecer vendo-se sem operários; porque então vale a indústria, que já dissemos, de cortar só por baixo da mata os cipós, e arbustos, dar um golpe à roda da casca nas árvores pelo espaço da sementeira que querem fazer, depois de seco lançar-lhe fogo, e fazer logo a sementeira, o que tudo é tão fácil, que basta um só homem para fazer em bem poucos dias um grande roçado. É certo, que tãobẽ esta indústria serve, e é óptima para o plantamento, e cultivo da maniba, e dela se fartem na verdade os tapuias do mato para a maniba; mas muito mais valerá para as searas, porque fazendo em 3 meses, se podem repetir no mesmo ano duas, ou 3 vezes melhor, do que nas terras alagadas, onde as enchentes impedirão o renovar as sementeiras na mesma terra, e no mesmo ano inconveniente que não tem a terra firme, e por isso se podem repetir no mesmo ano as mesmas, ou outras sementeiras.*

Sendo pois o cultivo da farinha de pao mais laborioso, que o das sementeiras de grão, mais contingente, e arriscada a sua colheita, mais damnificativa, do que profícua às terras, e mais necessitada de gente, e de escravos ou jornaleiros o seu cultivo; e sendo pelo contrário as searas em tudo

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

mais fáceis, sem dúvida alguma são muito ventajosas as suas conveniências às da farinha de pao: em fim para os novos povoadores (e ainda para os antigos) não há melhor providência para a sua subsistência, e ainda para fartura das suas casas, do que o cultivo das searas visto terem terras de tanta vastidão, e de tanta fertilidade, como temos dito: e pelo contrário nunca, ou poucas vezes terão o preciso sustento de suas casas, se como os antigos, principiarem a cultivar a maniba ao uso da terra: ũas vezes lhes faltarão operários para roçar as matas; outras vezes não poderão haver maniba para fazer o plantamento; outras não o poderão vigiar, e defender das feras do mato; outras vezes não terão gente para fazer as colheitas; e quando tudo isto tenham lhes socederá muitas vezes achar as raízes podres, estupentas, e ficarão com o trabalho de todo o ano perdido.

CAPÍTULO 13º

A CAUSA DA POBREZA NO AMAZONAS É O CULTIVO DA MANIBA.

Do que temos visto se infere qual seja a causa de que no Estado do Amazonas, onde as terras são imensas, e onde a fertilidade não tem semelhante em todo o mundo, haja pobreza, e muita pobreza; e sejam tão poucos os homens ricos, e abastados? É sem dúvida a falta de economia na agricultura das terras; é a falta de providência nas verdadeiras sementeiras; é, e tem sido o cultivo da maniba, e o uso da farinha de pao, de sorte, que na Europa, e mais mundo povoado há muita pobreza, e são inumeráveis os mendigos por falta de terras para cultivar, ou por serem tão agrestes, que por mais cultivo, que lhes ponham não correspondem os frutos ao trabalho no Amazonas porém há pobreza, e há mendigos, não por falta de terras, porque são tantas, que apenas as poderiam povoar, se para lá se mudassem, todos os reinos da Europa; nem por falta de serem fertilíssimas; mas só por falta do verdadeiro cultivo nas searas, e do uso da farinha de pao.

Vão os europeos, e forasteiros para aquelas terras, e talvez famílias inteiras, chegam àquele delicioso clima onde sempre é verão, e nunca se vê inverno, e atraídos de seus saudáveis ares desejam estabelecer-se para sempre; porém vendo aquelas tão grandes, e espessas matas pasmam, e se desanimam, vem por outra parte, que os antigos moradores se servem de muitos escravos para lhes roçarem semelhantes matas, e que usam nelas do cultivo da maniba, e como se vem sem este soccorro desmaiam e lhes falta a resolução de entrarem por suas mãos a fazer algum roçado; e nesta desesperação se dão a ũa total calaçaria, e se põem a mendigar pelos sítios dos ricos, e pelas portarias das religiões algum bocado de farinha de pao para matar a fome;

ou se ajustam por feitores, e por cabos das canoas dos ricos para terem que comer; e só os que nesta vida acham algum bom casamento (o que é fácil, porque ordinariamente aqueles moradores buscam para suas filhas esposos europeos), e que a esposa lhe traga para casa alguns escravos (que é o seu principal dote) são os que se estabelecem na terra.

E como os escravos, esposa, e seus parentes são creados, e costumados à farinha de pao, e dado só ao seu cultivo, se acomodam os europeos ao uso da terra, e não buscam, nem se animam a outra agricultura; e deste modo se costumaram os primeiros povoadores europeos à farinha de pao, e depois deles os seus filhos, e descendentes, de sorte, que ficou sendo por costume pão, e sustento ordinário nos europeos, o que antes era costume nos indios; sem advertirem que os indios como salvages, e brutos que não tinham uso de ferro, nem instrumentos para outra casta de agricultura, usavam per remédio deste sustento tão rústico, e que per falta de outras searas, se valiam per necessidade das raízes da maniba, e que eles sendo instruídos na agricultura da Europa, e ajudados do ferro, e mais instromentos necessários deviam buscar melhor economia, e beneficiar melhor as terras, e não costumar-se ao rústico viver dos indios; porque não se hão de sujeitar os sábios ao brutal viver dos rústicos.

E para que se veja quanto pode um costume, ou abuso intrometido, reparem nos remédios, que buscam aqueles habitantes para suprir as grandes faltas de farinha, que às vezes há, e para matar a fome, que então os mata; porque podendo então lançar mão dos milhos graúdos, de que os brancos já fazem algũas sementeiras para creação das galinhas, e animaes domésticos, como temos dito, e quando deles não há [ilegivel] abundância fazer logo sementeiras que depois de 3 meses lhes fartassem as casas, nada menos fazem, mas só fazem novos roçados, e novos plantamentos de maniba, cujas colheitas, e productos quando socedam bem, só hão de colher dali a um ano; e no entretanto padecem grandes fomes, e quando muito andam pelos matos buscando frutas agrestes, e caroços duros, os quaes relam, e beneficiam pelo modo de farinha de pao, e porque? porque está em uso a farinha de pao, e não há de haver outra cousa.

Vê-se tãobẽ a força de um abuso em outras provincias do Amazonas, e em outras muitas nações de indios; os quaes por não estar em uso entre eles nem as sementeiras da Europa, nem ainda a farinha de pao, que temos dito, vivem uns só com frutas agrestes em lugar de pão, como a nação dos indios purus, que habita no rio do mesmo nome e muitas outras, que os imitam: Outros vivem de frutos, e raízes, e talvez das mesmas raízes da maniba, não feitas em farinha de pao, mas só assadas, ou cozidas, e são o pão, com que comem o conducto; e porque? porque este é o seu costume ou abuso, como os moradores da grande província dos Mainas, e em todas as suas missões; e o mais admirável é, que os europeos, que entre eles se estabelecem, tãobẽ se acostumam a este sustento. Imprudentes, por não vos chamar brutos, e feras, como os indios, já que tendo terras tão férteis, e óptimas para as searas da Europa, com que fostes creados, porque as não cultivaes? ou porque ao menos não usaes da farinha de pao, como as nações de que temos falado que ao menos sempre é melhor do que as frutas silvestres, e raízes assadas? Mas enfim esse é o uso. Não falo aqui dos missionários daquelas missões, porque esses se acomodam ao rústico sustento dos indios já por penitência, e mortificação; e já por melhor os indios comendo ao seu modo rústico.

Tornando pois ao costume da farinha de pao, a que se acostumaram os primeiros conquistadores, por se accomodarem ao uso dos índios, nem poderem cultivar aquelas matas com o arado, e searas da Europa, e depois foi passando aos vindouros já por costume da terra, como esta praxe necessita de muito trabalho, e de muita gente, ou escravos, que uns não podem haver, a outros fogem etc. socede aos moradores o verem-se obrigados a trabalhar por si mesmos a cortar matas, e fazer algum roçado de maniba para sustento de sua família; e como o trabalho é tão costoso logo se enfadam, e apenas fazem algum tão diminuto plantamento, que ainda quando na colheita venha a bem lograr-se, apenas chega a dar-lhes sustento para alguns meses, e no mais tempo vivem ũa vida mendiga, e miserável; por isso há vilas, e povoações antigas já de séculos, cujos moradores apenas tem, que comer, e cada vez são mais pobres, porque cada vez os escravos, em que se fiam, vão amenos.

E só os que tem cópia de escravos, que lhes façam o serviço dos roçados blasonam, e se chamam ricos, ainda que a maior parte deles perdendo os escravos pela justíssima lei das liberdades promulgada no ano de 57, em que se declaram libertos todos os índios, ficaram de repente pobres, porque ficaram de repente sem escravos, para a factura das roças, e plantamento da maniba, o que lhes não socederia, se tivessem já as suas terras accomodadas às searas da Europa, de sorte, que tem aqueles moradores légoas, e légoas de terras, e terras óptimas, mas como não tem escravos, que lhes beneficiem, de nada lhes valem as muitas terras, e vivem em grandes faltas, e pobreza, o que tudo lhes socede por não sairem do seu rem, e do abuso da farinha de pao, que é toda a causa da sua pobreza, e não a falta de escravos, que tanto choram; porque se practicassem as searas, e agricultura da Europa, não só não necessitariam de escravos; mas antes os teriam por muito prejudiciaes, como diremos adiante.

E do que se infere, que toda a riqueza, e bem aventurança dos europeos habitantes do Amazonas no practicado abuso da maniba consiste em ter muitos escravos, e quem mais escravos tem mais rico é, por ter neles quem lhes faça os roçados; e se por algum incidente perde os escravos, ou por lhe fogirem, ou por lhe morrerem em algũa epedemia especialmente de bexigas, ou sarampos, a que são muito sojeitos (como em toda a parte) e são muito mortaes, ou por se declararem livres como na lei supra; ou por assaltados, e mortos pelos índios bravos, ou por qualquer outro descaminho, de repente ficam pobres; e chorando a sorte dos que os não tem: e na verdade se ainda os que tem escravos aos centos, e ainda a milhares padecem as vezes grandes faltas, e fomes, como dissemos acima, que fará, ou socederá aos que os não tem, senão ũa pura mendiguez, e miséria?

São pois todos estes danos, e toda a pobreza das suas povoações e falo do cultivo da maniba, e uso da farinha de pao; e nunca aqueles habitantes, e suas povoações serão ricos, nem fartos, enquanto o não desterrarem das suas terras, e introduzirem em seu lugar as sementeiras da Europa, e mais mundo: O maior cuidado dos homens, e o fim de todos os seus trabalhos, e fadigas, é ter que comer e que vestir; sobre o vestir, diremos adiante, como tãobẽ o podem ter nas suas terras aqueles habitantes, sem lhes ser necessário mendigar de fora: e para o comer, e sostento não só preciso, mas tãobẽ com abundância, e fartura o poder ter com a facilidade, que temos dito nas searas do trigo, e milhos, desterrando por ũa vez a farinha de pao.

CAPÍTULO 14º

SÓ COM AS SEARAS DA EUROPA PODE HAVER FARTURA NO AMAZONAS.

Sendo pois o cultivo laborioso da farinha de pao toda a causa da pobreza dos habitantes do Amazonas especialmente no destricto dos portugueses, que é aonde mais se usa deste sustento, segue-se por legítima consequência, que só pode haver fartura no cultivo das searas da Europa pelas conveniências ventajosas, que traz a sua cultura sobre a maniba, e principalmente porque não necessitam estas de ter escravos para a sua cultura, circunstância, que primeiro se deve atender neste novo método em ordem ao estabilicimento dos novos povoadores, que o não terão, nem poderão ter; devem pois pôr todo o cuidado logo no seu princípio no cultivo das ditas searas para logo tãobẽ terem o provimento de pão necessário e ainda fartura nas suas casas.

Desenganando-se, que não em amontoar escravos, como faziam os antigos; mas só em firmar terras de semeadura consiste a verdadeira riqueza do mundo, e que só com as searas do grão podem prover depressa as suas casas; o que está claro; porque (ainda prescindindo dos mais inconvenientes da farinha de pao) se chegando alguns povoadores àquelas terras se quisessem acomodar ao uso da terra, e imitando os antigos se posessem a cultivar a maniba, só depois de um ano poderiam fazer a primeira colheita para ter que comer; e no entretanto que hão de fazer senão padecer fomes, e misérias e passar ũa vida infeliz? Logo, ainda por necessidade, se devem aplicar ao uso das searas, e fazer algũa boa sementeira de milho, ou de trigo, ou de arroz etc. com cuja colheita, e producto aos 3 meses da sua chegada, ou do seu cultivo podem prover-se de sustento, e já abastecidos podem continuar para diante a mesma economia.

Duas objeções me podem opor aqui os novos colonos, como obstáculos ao seu estabelicimento: 1ª ainda que as searas dos milhos se façam tão depressa, e paguem com centenares de frutos a seus senhores o trabalho no breve espaço de 3 meses, donde lhes há de vir, ou quem lhes há de dar o preciso sustento no entretanto? porque os que mudam domicílio para tão longe ordinariamente são gente pobre, que não tem com que comprar os víveres; e ainda que tenha cabedaes os gasta na condução das viagens? 2ª ainda que as ditas searas sejam tão fáceis no Amazonas, que sem precisão de arado, nem de enxada baste esconder o grão na terra como temos dito, sempre a preparação das terras no seu princípio precisa de operários, e trabalho para se fazerem as sementeiras; e como nem tem escravos, nem se acham jornaleiros, se vem impossibilitados a poder pôr por obra a dita praxe, posto que em si seja óptima?

Facilmente respondo a ambas objeções, e digo, que nada obstam à praxe das searas, nem valem um figo podre por várias rezões: 1ª porque só se opõem ao estabelicimento dos moradores em geral, e não à melhoria, e ventagem do seu estabelicimento em particular, que nós só insinuamos. 2ª porque mais impugnam estas objeções o abuso antigo da farinha de pao, do que o novo método das searas; o que está claro; porque se obsta a falta de sustento nos primeiros 3 meses, enquanto se fazem as searas, muito mais obstarão a falta

de viveres per um ano inteiro, enquanto senão colhem os plantamentos da maniba: mais se obsta o piqueno trabalho ao princípio na preparação das terras para as searas, que como já disse se podem fazer em campos rasos, ou em ilhas de piquenos matos etc. muito mais obstará o cultivo da maniba em terras firmes, e matas virgens, ou bem crecidas: onde, nada valem as duas objeções contra o novo método das searas; antes mais confirmam as sua ventagens sobre a farinha de pao por mais impedirem o seu laborioso cultivo, precisam de gente, e longa estância na terra. Contudo responderemos [roto no manuscrito] forma, por servirem muito as repostas de boa e precisa instrução dos novatos, para que [roto no manuscrito] impeçam estas duas dificuldades, que são as que sempre se opõem primeiro aos que querem mudar domicílio para novas terras, e novas regiões.

CAPÍTULO 15º

DA PRECISA PROVIDÊNCIA COM QUE SE DEVEM PROVER OS NOVOS POVOADORES DO AMAZONAS.

Respondo pois em forma às objeções supra, e juntamente insinuarei, quaes possam, ou devam ser as providências, que convém para o preciso sustento dos novos povoadores, enquanto não podem desfrutar os frutos da sua agricultura; e a praxe que devam observar no primeiro cultivo das terras, que se lhes repartirem, em que há a maior dificuldade pela falta de escravos, ou jornaleiros principiando pois pela primeira dificuldade, respondo; que de muitos modos se pode pôr esta providência do sustento, e viveres dos novos colonos nos primeiros tempos do seu estabelicimento.

1º modo: um ano antes da transmigração dos novos povoadores pelo aviso das frotas se podem já tomar às medidas do preciso sustento dos novatos, conforme à sua matrícula; tomando os magistrados, ou menistros, ou intendentes, a quem se cometer a obrigação, a diligência de encomendar, e ajustar com os moradores antigos senhores de escravos, que por todo aquele ano, ou para o tempo da chegada da frota lhes tenham preparadas tantas medidas, v. g., de milho graúdo, e tantas de arroz, conforme a quantidade, ou possibilidade, ou vontade deles, até o cômputo necessário ao número dos colonos, que se esperam, quanto lhes possa chegar para todo um ano, ou ao menos para os primeiros 6 meses, satisfazendo as medidas ajustadas conforme o seu justo preço, que se deve pagar da arca comũa, ou fisco régio, com obrigação de o resarcirem os interessados dentro de tantos anos, quantos se julgarem sem a mínima violincia.

Este modo de providência não só é fácil, mas o mais suave, e útil para todos os particolares, e para o bem comum porque é útil para os moradores

antigos por terem assim boa saúde aos fructos das suas searas de milhos, v. g. *que de outra sorte pouca, ou nenhũa saída tem, por não estarem em uso, como temos dito; e tãobẽ este interesse os excitará a maior diligência, e mais avultadas sementeiras. É útil para os magistrados, ou ministros intendentes, porque seguram assim os precisos víveres sem os cuidados, trabalhos, operários, e contingências dos roçados por sua conta que fazem subir os gastos a muitos dobles, e ordinariamente se acham as colheitas* minus habens *com prejuízo de todos, especialmente sendo os roçados de maniba. É útil para os novos hóspedes por acharem provimento para as suas pessoas, e famílias, enquanto não colhem as primícias do seu primeiro cultivo. E é tãobẽ útil para o bem comum; porque por este modo se podem povoar aquelas terras.*

E como esta tão suave providência se pode reiterar todos os anos, todos os anos se pode transmutar para aquele Estado ũa, ou mais povoações, e crecer no Amazonas ũa nova povoação cada ano; mas destas povoações falaremos adiante; aqui só vamos a propor as providências necessárias ao seu primeiro estabelicimento. Pode tãobẽ estender-se esta mesma providência as missões, e povoações dos indios com a superintendência nos seus directores, ou principaes caciques, ou melhor nos seus missionários; os quaes podem impor a cada casal um piqueno número de medidas, que hajam de dar nas suas colheitas, de que não terão repugnância pagando-se-lhes o seu trabalho, e justo preço: ou mandando-lhes fazer roçados de milhos, cujas colheitas se podem ir reservando para os novos povoadores, e como estas searas se fazem em 3 meses, se podem fazer vários roçados dentro de cada ano.

2ª providência para os primeiros víveres pode ser mandando os intendentes fazer grandes roçados de muita extensão no lugar, em que se queira levantar a nova povoação, dos hóspedes que se esperam na frota futura, e plantar, digo semear grandes sementeiras de milhos, cujas colheitas se reservem para os novatos, e [ilegivel] se fazem estas primeiras sementeiras, fazer para diante outros roçados, e podem fazer 3ªs enquanto se maduram as 2ªs searas, com cujas colheitas se podem fazer copiosas tulhas, donde se sustentam os novatos, com obrigação de pelos anos adiante satisfazerem os gastos, que se tiverem feito; o que sempre se há de supor em qualquer gênero de providência, que se tome; e se podem tãobẽ fazer outros roçados para searas de arroz, e legumes, [ilegível] será necessário para quem entra de novo em terras, onde não há mercados públicos, de que se provejam. Tem esta 2ª providência a conveniência de não só prover de viveres os novos povoadores, mas tãobẽ de lhes terem preparado lugar para fundação de povoação, ou vila, que hajam de fazer, servindo-lhes de área, e terreno para as suas moradias o espaço dos primeiros roçados; e para subúrbios, e hortas o espaço dos 2ºs e 3ºs roçados, em que terão muito caminho andado, e acharão [a] maior dificuldade vencida, sem mais cuidados do que entrarem a beneficiar as terras, que se lhes repartirem, e os ditos subúrbios, que já [se] acham descubertos das matas; está todo o ponto, em que os intendentes achem para estas providências fiéis dispenseiros, e destribuidores, que não busquem as suas conveniências, mas a utilidade dos novos alojados.* E os mesmos operários, que fizerem os roçados, searas, e colheitas, podem levantar as barracas, ou tujupares suficientes conforme o número dos novatos, que se esperam, que sempre se há de supor sabido por aviso antecedente no primeiro campo depois de desempedido das primeiras searas, cujos tujupares, ou barracas se levantam com tanta facilidade no Amazonas,*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

que em poucos dias se podem fazer grandes alojamentos; para o que se há de supor aqui o que já advertimos falando do clima do Amazonas, aonde por rezão de ser todo o ano um continuado verão, sem nunca haver frio, basta que as moradias sejam capazes de defender dos raios e calores do sol; e das chuvas aos moradores; e para isso bastam uns lîgeiros tujupares, ou cubertas de pindoba, como fazem, [roto no manuscrito] para si ordinariamente os índios, isto é enquanto ao preciso, e bastante para se recolherem os novatos; os quaes pelo tempo adiante, depois de bem estabilecidos poderão fabricar melhores pousadas conforme as posses e vontade de cada um.

Resta agora saber donde se hão de haver os operários públicos, que requer este modo de providências porque não havendo jornaleiros na terra, parece dificultosa empresa achar operários suficientes para estas novas fundações? A esta dificuldade responderemos em capítolo à parte, por agora falamos só na providência dos primeiros víveres, que devem achar preparados os novos povoadores: e para isso tãobẽ pode servir outro 3º modo de providência, que é cometer-se a algum cidadão a incumbência dos necessários víveres: para o que se há de saber, que há cidadãos ricos, e senhores de muitos escravos em todos os ultramares, e ainda no mesmo Amazonas, e muitas vezes socede, que eles mesmos não sabem, em que melhor os occupem: Cometindo-se pois a algum destes a incumbência dos primeiros víveres, e ainda de preparar o primeiro terreno, que haja servir de espaçosa área à povoação, que se pertende, podem este, ou estes occupar nisso os seus escravos com muito interesse seu, e utilidade dos novatos.

E não duvido que haja cidadãos, que se encarreguem desta incumbência, e ainda se empenhem na sua melhor execução, se se excitarem com promessas correspondentes ao seu zelo, v. g. de conseguirem patentes de capitães maiores das povoações, que eregirem; ou de serem tidos, e reconhecidos senhorios das terras com foros proporcionados aos seus serviços, ou com alguns outros prêmios, com que se animam, e premiam semelhantes serviços na Europa, e mais mundo; e deste mesmo modo se povoaram em Pernambuco a cidade de Olinda, no Maranhão a cidade do mesmo nome; e as da Vila de Tapuitapera, no Pará as Vilas da Vigia, e do Camutá e muitas outras terras fundadas por particulares, que todas ao depois formam, e augmentam os Estados, utilizam o bem comum, e enriquecem os erários, e fiscos reaes; nem se deve olhar aqui se é, ou não interesse dos particulares; com tanto que se consiga o intento de ter promptos os víveres necessários etc.

Agora satisfaremos à 2ª objecção de como se hão de haver os novos povoadores no princípio da sua agricultura na falta de escravos, e jornaleiros: Digo pois, que providos os novos povoadores dos precisos víveres para a vida nos primeiros 6 meses, ou no primeiro ano, e por isso desempedidos desse cuidado pela persistência supra já com muita facilidade e suavidade pode cada um cultivar para diante a terra, que lhe couber da repartição sem precisão de escravos, ou jornaleiros: 1º porque ou são terras descubertas, e campinas, e não necessitam senão de lhes capinar o feno, e ervas, e meter o grão na terra, se são elas, que são as melhores terras, ainda que tenham matos, e arvoredo, é pouco crecido, e por isso fácil de cortar, ou ao menos alimpar por baixo: e se são terras firmes, e de grandes matas, usam da indústria que temos dito dos índios salvages, e já não terão necessidades nem de escravos nem de jornaleiros; e quando queiram, que o trabalho lhes seja mais suave, ajudam-se uns aos outros como fazem na Europa, cujas povoações, e vezinhos se servem todos sem algum escravo, ajudando-se todos mutuamente.

Estas providências, que são precisas, olham só ao provimento, e abastos do primeiro sustento, que para os conductos da carne, ou peixe tãobẽ se devem pôr as providências necessárias; mas adiante veremos, que tãobẽ para eles não são necessários escravos, nem gente, ou índios da repartição especialmente para o peixe; e para a carne, sendo perto dos curraes de gado da grande Ilha de Marajó, pode algum morador tomar a si a incumbência de lhe subministrar o gado preciso conforme lhe fizer conta, como já se practicou em outras semelhantes povoações, por um 2, ou 3 anos, ou enquanto a nova povoação o não pode ter suficiente para o talho, no que logo desde o princípio se deve cuidar fazendo pastos, e metendo gado vacum para que pelo tempo adiante não venham a experimentar a falta de açougue, que padecem as outras vilas antigas por falta desta providência no princípio.

CAPÍTULO 16º

TIRADA A AGRICULTURA DA MANIBA DE NENHŨA UTILIDADE SÃO OS ESCRAVOS A SEUS SENHORES.

Metida pois a nova praxe das searas da Europa com a facilidade e conveniências que temos mostrado, já se vê, que não são necessários escravos aos moradores para o cultivo das terras; digo para o cultivo das terras; porque para os outros serviços de remar canoas, pescarias etc. falaremos adiante, antes tirada a dificuldade das roçarias das matas para o cultivo da maniba, e ponderadas bem as conveniências dos escravos (o mesmo digo dos forros, que estão adictos aos moradores, e vivem como parte das suas famílias com algum salário) e os inconvenientes, se pode questionar, quaes poderem mais? e para que se desenganem os que todo o seu empenho põem em amontoar escravos, e cuidam, que só em terem muita escravatura consiste a sua bem aventurança, lhes apontarei aqui alguns dos seus muitos inconvenientes, deixando aos leitores a conclusão.

1º inconveniente é o que já dissemos acima de fazerem roçados para si nas mesmas terras de seus senhores com grande prejuizo dos sítios, e herdades, de que os senhorios não tiram mais utilidade do que desencarregarem-se da obrigação de lhes darem a farinha de pao; porque bem considerado traz esta economia grandes contrapesos, porque não só perdem as terras, que cultivam os escravos; mas tãobẽ lhes dão tempo para fazerem os roçados v. g. 15, ou mais, dando-lhes depois outro tanto tempo para os queimarem, e fazerem coivaras, e plantamentos; pelo discurso do ano, lhes dão nas occasiões das mundas, outras temporadas, e finalmente lhes dão demais a mais além de todos os domingos, e dias santos livres um dia tãobẽ livre na semana, que ordinariamente é o sábado para cuidarem nos seus roçados, com tal froto o

ms.] que sendo preciso aos senhores algum serviço nesses dias lhes hão de resarcir outros dias na mesma semana, de sorte que apenas virão a trabalhar para seus senhores metade do ano, ou a 3ª parte. E contudo sempre os senhores vem a gastar com eles muita farinha, porque os filhos ordinariamente se não tiram das casas, e portas dos senhorios especialmente às horas de comer; outras vezes fingem que as roças lhes não deram suficiente farinha, ou que se frustraram as colhetias, ou que as destruiram os porcos do mato, [ilegivel] a vão vendendo aos de fora, o que tudo cae sobre os senhores, como tãobẽ toda a matulotagem etc. de sorte, que os productos, e colheitas dos roçados, e plantamentos do senhorio com eles mesmos se vem a consumir, por isso os senhores são os primeiros, a quem se acaba a farinha, e ordinariamente se vem precisados a comprá-la a alguns dos seus mesmos escravos, e aos vezinhos. Alguns cidadãos observam outra regra com os escravos, e antes querem repartir-lhes a farinha necessária, do que a permissão de a fabricarem; mas traz tãobẽ muitos outros inconvenientes, que podem competir com os já ditos; porque comem sem medida, sustentam com ela galinhas, porcos, e outros animaes domésticos, e outros, por rezão das quaes rarissima vez deixam os senhores de se verem precisados a comprá-la de fora, e nela gastam a maior parte dos seus cabedaes, e vem a gastar tanto, ou mais do que os primeiros.*

Isto é só no tocante ao primeiro sustento da farinha de pao; porque os conductos, ou sejam carnes, ou peixe sempre corre por conta dos senhores, assim como o vestuário, os remédios nas doenças, enterros etc. Tãobẽ lhes dão terreno para levantar as suas casas, ou para as consertar, e reparar todos os anos, quintaes, e árvores pomíferas, e finalmente as terras, e áreas livres, onde fazem os roçados que podem, e querem; e onde criam animaes domésticos, que vendem já aos de fora, e já a seus mesmos senhores, porque não vivem lá os escravos de portas a dentro com seus senhores; mas em casas separadas, de sorte que cada sítio tem a forma de ũa povoação; porque cada escravo tem sua casa separada para ele e sua família, ficando a área no meio da povoação, [roto o manuscrito] todos: tratam-se enfim os escravos nos sítios de seus senhores não como escravos, mas como vezinhos, e paisanos. O que vale a seus senhores é o terem algũas fazendas estáveis de cacao, e café, e usarem de várias indústrias, agências, e contratos, com cujos cabedais sustentam aos familiares, e escravos, porque ainda fora a farinha, são tão grandes os gastos no vestuário, conducto, e medicinas, que muitas vezes apenas chega a receita à despesa; e se só se occupam os escravos nos roçados, e plantamentos, e cultivo da maniba, ordinariamente não chega a receitar a despesa que lembra-me nesta matéria, o que ouvi dizer por vezes a um mui veterano, e experimentado missionário que por experiência de muitos anos sabia, que fazia mais gastos mandando fazer algum roçado, e plantamento de farinha para os precisos gastos da sua pessoa e familiares, e necessitados, do que comprando-a; e na verdade a comprava sempre por lhe fazer muito mais conta; o mesmo faziam a maior parte dos mais missionários entre os muitos que conheci; O que tãobẽ prova muito o que temos dito dos grandes danos e perjuizos da farinha.* E se estes danos experimentam os missionários, muito maiores experimentam os seculares; porque os missionários só fa-*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

zem os gastos precisos no sustento, e pagamento de operários índios no tempo só em que trabalham, e não mais, e os seculares posto que não dem jornal aos operários por serem seus escravos, contudo dando-lhes o sustento, e vestuário todo o ano, ainda que só se sirva dos escravos ad tempus; *de que socede que os gastos sempre são certos, e as colheitas, e fructos da maniba mui contingentes, diminutos, e alcançados: Daqui se vê de quanta melhor fortuna estão os europeos, que sem escravo algum, conduzem operários só quando lhes são precisos, de que os moradores do Amazonas rodeados de multidão de escravos; a quem por força há de sustentar todo o ano, ainda quando não trabalham quando estão doentes, enquanto são crianças etc. etc. vejam agora lá, o de que servem escravos, e mais escravos?*

Podia apontar muitos outros inconvenientes dos escravos: mas como os exemplos podem mais, que as rezões apontarei alguns exemplos, que confirmam esta matéria de pouca, ou nenhũa utilidade dos escravos a seus senhores, ainda que bastava para isso citar por testemunhas aos mesmos cidadãos do Pará, e mais Amazonas, os quaes pondo todo o seu empenho, e felicidade em amontoar escravos, nunca com eles sobiram a grandes auges de fortuna: e a maior parte se vêm precisados a comprar ainda a mesma farinha, que lhes dão a comer. Outras vezes fazem taes gastos nas suas doenças, e nas diligências em os buscar, quando fogem, e nas demandas, que levantam na pertensão de suas liberdades, que ainda que se vendessem ũas poucas vezes não resarceriam os gastos que tem feito.

Vamos já à prova com os exemplos, de que eu mesmo, e muitos outros missionários, que ainda vivem aqui presos observamos nas fazendas do Colégio do Pará, e juntamente se acabaram de desenganar, os que cuidam, que as ditas fazendas eram outros tantos ricos condados semelhantes às ricas minas do se é que ainda não estão desenganados pelo livro de receita, e despesa, que veriam no fisco geral, que deles, e de tudo o mais se fez aos padres da Companhia no ano de 5q. Ũa das maiores fazendas, que tinham era a que todos lá conhecem com o nom ede Jaguarari; é fazenda que tem dentro ũa engenhoca, e fábrica de águas ardentes que é o emprego de maior lucro naquele Estado, tem dentro ũa famosa olaria, e muitos oficiaes nela; ũa oficina de ferreiros, com bons mestres; fábrica de canoas, tecelões, carpinteiros; etc. Tem légoas de terras, cultivo da farinha de pao, searas de milhos, e arroz, fazendas de cacauaes, e cafezaes; um famoso curral de gado e todo o preciso para todos os ofícios; perguntarão agora a quanto sobiam os rendimentos de tão avultada feitoria? Digam-no os livros das contas nas [ilegivel] provinciaes, onde se acharam que nas contas anuaes só diferem às receitas às despesas em quatrocentos réis 400 pouco mais, ou menos uns anos por outros.*

Não é menos avultada a outra fazenda chamada Ibirajuba, posto que com menos extensão de terras: mas além das oficinas mencionadas, tem de mais a mais uma moenda, ou engenho de açúcar; e quaes são os rendimentos? os mesmos que da fazenda supra, porque são quasi iguaes as receitas com as despesas; e ambas as fazendas tem ũa povoação de gente dentro em si para o serviço: O mesmo com pouca diferença podia dizer das mais fazendas, de que são testemunhas autênticas os livros das contas de cada ũa. Enfim fazem muitos gastos os escravos, que as vezes não merecem, o que comem, e comem mais, do que trabalham. O mesmo, ou poucos mais lucros recebem

* *Um espaço pequeno em branco no manuscrito.*

os seculares das suas fazendas, e escravos. Lembra-me a reposta, que deu um oficial militar ao capitão general, e plenipotenciário Francisco Xavier de Mendonça nos estados do Amazonas. Perguntado o dito militar (que tãobẽ é dos mais conhecidos cidadãos do Pará) quantos escravos teria adquirido? respondeo, que para cima de mil; e que riquezas tinha este oficial com tanta escravatura? basta dizer, que o conhecemos pedindo esmolas aos missionários por não se contentar com o seu soldo.

Enfim podia fazer um tomo de exemplos semelhantes; mas bastam estes para não ser mais extenso, e tãobẽ o que já dissemos acima, de que por vezes se vio o conselheiro do Maranhão, que tinha para cima de mil escravos, tão falto de farinhas, para o preciso sustento dos seus subordinados que foi preciso comprar a excessivo preço, e ainda não achando por nenhum preço, não tinha mais que lhe dar, do que milho cru grossamente pisado, como se faz para as creações das galinhas, de que eu sou testemunha, e muitos dos religiosos que aqui estão, e não menos vezes se viram precisados a comer carne nos dias de peixe, e de jejum, por não poderem por preço algum haver peixe, por mais escravos pescadores que tinham no mar: e semelhantes [ilegível] ou maiores experimentam as mais religiões naquele Estado, e muito mais os seculares com todas as suas escravaturas.

CAPÍTULO 17º

OS ESCRAVOS NOS ULTRAMARES, E AMAZONAS SÃO TANTOS LADRÕES, QUANTOS ESCRAVOS.

Ainda o dito é o menos, que se pode dizer dos escravos; mais é o que dizem alguns, e experimentam todos, os que os tem, e é, que são tantos ladrões caripós quantos escravos: nem se pode explicar em menos palavras a condição dos escravos, nem há morador, que não experimente mais ou menos esta peste: furtam por todos os modos, e quanto podem a seus senhores, e quanto mais caros quanto peiores ladrões são: Quantas vezes socede, mandarem os senhores desfazer os roçados da maniba, e acham sem mais raízes do que algũa quanto baste para a conservar em pé, e as outras furtadas pelos escravos; de sorte que apenas dá ũa roça 100 medidas, quando se prometiam mil! e quantas vezes acham as tulhas vazias, quando se tinham bem providas? Os oficiaes nas suas oficinas, em nada menos cuidam, que no furtar cada um quanto pode: Bem expremiram esta sua má condição uns meninos, quando se ouviram ũa vez disputar entre si, quaes eram os melhores ofícios, e a que ofícios mais se inclinavam, pelas conveniências, que teriam; cada um disse o a que mais se inclinava, qual a tecelão, qual a carpinteiro, qual a oleiro, etc. e qual a pescador etc.

Respondeo finalmente um, que o melhor de todos oficios era o ferreiro, e que esse queria aprender, e deu logo a rezão, porque era o oficio em que mais se podia furtar; vejam que fiéis viriam a ser estes a seu tempo, quando já em pequeninos tinham semelhantes prácticas, e aprendiam semilhantes lições de seus pais escravos; e quão fiéis eram os pais, que já assim ensinavam a seus filhos; pois esta práctica ouvio ũa vez um morador sem advertência dos rapazes seus familiares, nem valem as maiores vigias para os conter, porque era necessário a cada oficial ũa vigia. Tem enfim a mesma condição os escravos, que os índios; a mesma infidelidade que tem os índios das missões a seus missionários, e directores tem os índios escravos a seus senhores, de cujos costumes já falamos na discripção dos índios na 2ª Parte e por isso aqui só apontarei alguns casos para prova.

Mandando um ano desfazer um grande roçado um religioso, que administrava ũa fazenda da sua religião apenas colheo duzentas medidas, quando esperava 900, ou mil; andava aflicto pelas contas que temia dar a seu superior, e pela falta que havia de sentir pelo ano adiante da farinha de pao, nem sabia a que atribuir tanta diminuição, porque lhe tinham corrido bem os tempos; depois veio a saber, que os mesmos escravos, e familiares a tinham furtado na mesma occasião da colheita, porque tirando ũa só raiz, deixavam as mais escondidas na terra, onde de noute as iam buscar; e semelhantes furtos fazem a cada passo ũas vezes deste modo nas colheitas; outras vezes antes da colheita como dissemos acima; outras no transporte da mandioca levando-a, ou escondendo-a no mato, quanto querem, e cobrem o furto com levar algũa parte para casa dos senhores, e por outros mil modos, e depois o vão vender aos estranhos, e talvez a seus mesmos senhores com a capa de ser fructo dos seus roçados particolares.

Por falta de pescadores públicos tem as religiões, e moradores seus pescadores escravos, e passando muitas faltas de peixe, se desculpam estes, de que não pescam; e se encontram muitas vezes de noute, e as escondidas vendendo peixe aos vezinhos, ou pelos sítios dos mais brancos. Nas oficinas tem ordinariamente algũa espia para vigiar quando lá vai o senhor, e para avisar os mais oficiaes, os quaes gastam a maior parte da fazenda, e do tempo nas suas manobras particolares, as quaes escondem, e pegam então nas [ilegível] dos senhores; e embora, que muitas vezes se acham, e apanham com os furtos na mão, não se emendam. Os mesmos instromentos, de que usam nos seus oficios furtam quando querem, e pedindo outros aos senhores alegam, que lhes furtaram os outros; e é muito usada esta indústria já pelo ferreiros, já pelos carpinteiros, pelos pescadores com os anzóes, arpões, e fisgas, e finalmente per todos.

Mas os que mais furtam são os corraleiros, e pastores de gado, que tem os senhores nos seus curraes; são incriveis os modos, e indústrias, de que usam nos seus furtos, já vendendo aos passageiros as vitelas; já vendendo os queijos, que fazem; já matando os bois no campo só para lhes tirarem, e venderem as peles; já vendendo os potros, e cavalos, e já repudiando a vaca, que todas as semanas se mata para o seu sustento criam com eles porcos, e cães, e para si escolhem, e matam as milhores vitelas; muitas vezes levam as vitelas pela corda atadas à cauda dos cavalos a paragens distantes a passageiros, com que já as tem contratado, quando não podem entregá-las no pé dos curraes pela vigilância de seus senhores; e há fazendas de gado, e curraes de muitas mais cabeças de vacas, que em lugar de irem em augmento vão a mui sensível, e visível diminuição, de haver outra causa, a que se atri-

bua mais do que aos furtos dos escravos, e familiares, que as beneficiam: porque não cuidam mais, do que em furtar, e ordinariamente mesmo para comprarem vinhos, e águas ardentes para as suas beberronias; e outras vezes sem mais utilidade do que o vingarem-se de seus senhores por alguma repreensão, ou castigo, que lhes tem dado, ou negado algũa licença, que lhe pediram.

E quem assim procura furtar os bens de seus senhores, já se vê com que remissão, e negligência se haverão no trabalho; e com que zelo relevam os seus benfeitores. A negligência, e remissão é tanta, que só por medo do castigo, ou por vergonha de seus senhores, ou de seus feitores presentes, fazem alguma cousa, mas em eles dando as costas em nada menos cuidam, que no seu serviço. Os carpinteiros todo o tempo se lhes vai em amolar os machados, e mais instromentos: Os tecelões em contar, e atar o fio; os canoeiros em tomar medidas, e assim os mais; e por isso o trabalho de uma hora estendem a todo o dia; o de um dia a ũa semana, e o de ũa semana a muitos meses; cae aqui bem o caso, que já em outra parte apontei e presenciaram ou ao menos sabem muitos dos padres que aqui estão presos, de que em ũa nossa fazenda para os escravos, que eram robustos, e bastantes fazerem um roçado, e plantamento de cana, que se concluiria em um mês, ou pouco mais, gastaram 8 meses; e semelhantes casos socedem muitas vezes.

Por isso dizia um índio ũa vez a um feitor branco, de quem foi consultado, se podiam fazer ũa obra ele com muitos outros, que o acompanhavam, respondeo pois o índio que era dos mais graves, e de melhor prepósito, e por isso capataz de todos — se para cada índio houvesse um guarda, e para mim dous se poderia fazer algũa cousa, doutra sorte não — conhecia-se a si, e a condição dos seus parentes. E se algum é mais fiel, e serviçal a seus senhores, é odiado e aborrecido dos mais, de sorte que muitas vezes sem mais causa lhe tiram a vida, ou faqueam; e por isso, quando dão conta é com taes resguardos, e segredos, que de nenhum modo possa vir à sospeita dos mais: contarei nesta matéria um casinho: Ajustaram entre si todos os escravos de ũa populosa fazenda, que eram muitos, matarem a seus senhores, que era ũa comonidade religiosa na occasião, em que os apanhassem todos juntos, e bem descuidados no refeitório.

Achou-se entre eles um mais fiel, o qual buscou modo de avisar da tragédia pouco antes, que havia de soceder, mas logo pôs a condição, de que não só lhes guardassem todo o segredo; mas que tãobẽ ao depois no castigo o haviam de medir a ele com as mesmas penas, para não ser descuberto, e morto por seus companheiros, e assim foi necessário fazer-se; porque com a notícia se deu parte ao governo, o qual mandando logo desfilar a ũas companhias de soldados, deram de repente sobre os levantados, e amarrando-os a todos, depois de provado o crime, e apanhadas as armas os poseram ao castigo, e entre eles o mesmo fiel, que aliunde merecia seu prêmio; mas por não se descobrir foi necessário com a mesma fortuna semelhante fidelidade, e amor se acham em alguns outros; mas muitas vezes se não atrevem a dar parte pelo medo que tem dos [ilegível].

Por outra parte são tão vengativos, que se os seus senhores algũa vez os castigam, ou lhes não dão toda a liberdade de conciência, que querem, lá se hão de despicar mais dia, ou mais semana nos bens dos mesmos senhores, ou de suas famílias: Por isso fazem feitiços, e malefícios; dão venenos; e fazem mil diabruras: é necessário aos senhores viver com eles em muita cautela, [roto o manuscrito] socedido [roto o manuscrito] desgraças, e mortes pelos escravos,

e deles se pode dizer, que não são ladrões caseiros, mas tãobẽ inimigos caseiros: e quando não se podem vingar nas suas pessoas, vingam-se nas suas cousas. Lembra-me, que observei ũa vez em ũa herdade: Apareceo um dia cortada ũa árvore de muita estimação porque era a única da sua espécie, que havia naquela paragem: inqueri de alguns menores, e inocentes, quem tinha cortado aquela árvore? e me responderam que fora fulano por estar apaixonado contra mim pelo ter repreendido por um delito. Outro mandando-lhe seu senhor passar ũa cavalgadura mui estimada por ser da sua sela de ũa banda de um rio, onde pastava, para outra banda, quando o cavalo ia nadando lhe meteu a cabeça debaixo, e afogou; e perguntado porque? por outra raiva.

E muitas vezes socede, que os escravos comem melhor, que seus senhores; muitas vezes vendem a seus senhores, como já dissemos a farinha; mas fora a farinha, ainda o melhor conducto é deles. A milhor carne; a melhor caça; e o melhor peixe: e algũas vezes se tem visto deitarem a porção que da sua mesa lhes repartem os senhores, e a que sempre acodem os escravos por não perderem o costume [ilegível]ra, ou aos animaes caseiros, dando por rezão, que eles não comem aquilo, e que tem melhor comida nos seus ranchos; e é mui ordinário esta fartura nos escravos oficiaes, porque como mais trabalham para si, as escondidas, do que para os senhores, tem com que fazer os gastos, e quando se apanham com as obras nas mãos, respondem, que são feitas nos dias, que tem livres, e nos tempos mortos, em que trabalham para si.

Tãobẽ se tem feito ũa observação, de que vendem mais caros a seus senhores, do que aos estranhos, as suas cousas v. g. *as galinhas, que criam, os cochinos; os pássaros de recreação, e tudo o que tem, e chamam seu, não obstante serem as terras, os pastos, e o sustento de seus senhores; e outras vezes lhes não querem vender nem pelo preço com que vendem aos estranhos, nem por mais; e perguntados porque? nada mais respondem, do que por não quererem; e muitas vezes por não se atreverem a dar semelhante reposta a seus senhores, o vão vender occultamente para que os senhores o não possam haver: Enfim por não ser mais extenso nesta matéria, em que podia fazer inteiros volumes, e de que já dissemos alguma cousa nos costumes dos indios: concluo com dizer, o que dizem muitos outros escriptores, que os escravos são outros tantos inimigos caseiros, ladrões, infiéis, ingratos, e malfazejos, se exceptuamos alguns poucos, que vivem de portas a dentro com seus senhores, ou por melhor doutrinados, ou por mais tímidos do castigo, ou por não terem tantas occasiões.*

Parece-me, que já estou ouvindo um reparo dos meus leitores, que aqui vem bem a ponto. Sendo as escravidões no Amazonas de tantos danos, como temos dito, porque tanto se empenham os moradores em buscar escravos, e mais escravos ainda com tantos laços de suas conciências, que se tem este já por pecado original daqueles estado[s] pelos haverem a torto, e a direito, e a poder das maiores violências, para evitação das quaes, se viram obrigados os respectivos monarcas o dar a todos os indios por livres, e proibir para o futuro os seus captiveiros? Ora respondo brevemente; porque suposta a agricultura da farinha de pao, e a mâ economia, com que vivem naqueles estados, sem povo miúdo, sem jornaleiros; e sem barcos públicos, se vem os cidadãos obrigados a buscar escravos para serem servidos: São males neces-

sários, e costumam responder muitos a este reparo, que se mal com eles, peior sem eles. Metida pois em lugar da farinha de pao a cultura das searas da Europa, já no tocante a esta matéria são supérfluos, e ainda de maior dano, que utilidade os escravos.

Tesouro descoberto no Rio Amazonas.

T R A T A D O 2º

DA NAVEGAÇÃO, E SERVENTIA DO RIO AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

DA PRAXE ORDINÁRIA DE NAVEGAR NO RIO AMAZONAS.

A praxe ordinária de navegar no rio do Amazonas, e seus colatraes no Maranhão, e talvez em muitas outras colônias das nossas conquistas (não sei se é tãobẽ própria das mais nações europeas nos seus ultramares) é a 2ª precisão, que alegam (e com rezão) os seus habitantes de buscarem, e terem escravos em grande número; porque sem eles, suposta a falta de economia que usam, é impracticável a sua serventia, e viverem como presos, e cercados nas cidades, nas povoações, e nos seus sítios; é não terem asas para voar, nem pés para caminhar; é não poderem acudir a seus negócios, não poderem conduzir as suas fazendas, nem podem negociar a vida. * *Para cuja boa inteligência havemos de supor aqui, o que já dissemos na discripção das suas terras na 1ª Parte: que tudo são rios, ilhas, esteiros, braços, canaes, e lagoas, e que toda a serventia dos moradores, e habitantes do Amazonas é em barcos, a que lá chamam canoas, nem tem outros caminhos de terra, com que possam evitar as suas viagens; e por isso as canoas são as cavalguras naqueles estados, são as postas dos caminhos, são os carros de transporte; e finalmente as canoas no Amazonas são toda a serventia dos seus habitantes, e não só pela rezão de estar toda a terra cortada de rios, e*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

canoas, mas tãobẽ porque as poucas povoações que tem, e todas as herdades, e sitios dos moradores estão situados na margem dos mesmos rios para melhor serventia, e comodidade da água.

Havemos de supor em segundo lugar, o que tãobẽ já dissemos, que sendo toda a serventia por água em canoas, não há canoas, nem barcos públicos, e de aluguel, como há, e se usa na Europa, e mais mundo tudo por falta de economia, ou por incúria dos magistrados; e por falta de tão precisa providência se vem os moradores obrigados, e precisados a terem canoas próprias, e escravos de casa para remeiros das ditas canoas; e assim como devem ter canoas de sobre excelente para toda a casta de transporte, e de serviço, ũas piquenas para pescadores, outras ligeiras para viagens, outras maiores, para transporte das familias; outras grandes para as cargas, e finalmente para toda a casta de serviço são necessárias canoas, assim tãobẽ lhes são necessários escravos para toda a casta de serviço; e para remar as canoas etc. Por isso, quando ao governo é necessário expedir algũa ordem, mandar algum aviso, expedir algũa milicia para outros portos, lugares fortalezas, e para toda a casta de serviço real, como não há canoas de aluguel lhe é necessário ter canoas promptas, ou manda-lhes fazer para semelhantes serviços, porque de outra sorte o não poderá fazer; ou fará, o que fazem muitos militares tomando canoas aos particolares com o salvo conducto, de que são para o serviço real. Os senhores bispos, e ordinário tãobẽ da mesma sorte lhes é necessário ter canoas próprias suas para as visitas, e para as ordens, e mais precisões: O mesmo sucede às religiões, e seus prelados e enfim assim socede a todos os habitantes naquele Estado; e todos os que não tem, nem podem ter canoas próprias, ainda que alguma vez se possam servir na canoa de algum amigo por muito favor, o mais ordinário é sempre serem mal servidos.* Desta precisão pois de canoas próprias nace a precisão de escravos para as remar, e esquipar toda a vez que lhes é necessário algum negócio, ou serviço; e como os governos, e ministros régios não tem escravos bastantes a todo o serviço, porque não tem domicilio fixo na terra, e por outra parte não há gente, ou barqueiros públicos, toda a vez que querem fazer ou mandar fazer algũa diligência, mandam primeiro buscar indios às missões, que há mais vezinhas* velin, nolin *e tirando-os de suas casas, e povoações esquipam as canoas que querem ou seja para perto, ou para longe a viagem; ou seja para poucos ou muitos dias, semanas, meses e talvez anos de demora; e depois se tornam a restituir às missões respectivas, e se o serviço real é muito, e dura muito tempo todas as missões concorrem com os remeiros precisos, e pilotos.*

Da mesma sorte os missionários, que vivem dispersos pelo interior do Amazonas, e mais rios que tãobẽ não tem escravos, nas viagens, e precisões das suas missões se servem dos seus neófitos em canoas, que já tem próprias de cada missão: O mesmo as fortalezas, o mesmo as feitorias, e finalmente em toda a parte, onde não há escravos, suprem os indios mansos na esquipação das canoas, e equipagem dos barcos, por não haver nem barcos, nem barqueiros de oficio, e públicos para a precisa navegação, e serventia: e esta é a praxe já estabelecida naqueles estados, este o costume introduzido nos seus principios, e conservado pelos vindouros, assim como a praxe, e uso da

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

farinha de pao sem mais rezão, e fundamento do que o ser costume su voluere priores: *talvez porque viram tãobẽ nos indios a praxe, porque cada indio há de ter sua canoinha própria para se transportarem de ũas a outras ilhas, para atravessarem os rios, e para se divertirem, e passearem.*

Desta praxe argumentam, e com muita rezão os moradores a precisão, que tem de escravos para a sua serventia; e, posto que os não necessitassem para a cultura das terras introduzindo em lugar da farinha de pao o uso das searas, sempre se veriam necessitados a tê-los para as navegações, transportes, e serventias precisas: e a falta deles seria um dos maiores impedimentos ao estabelecimento dos novos povoadores, e ao augmento do Estado, assim como tãobẽ o é aos antigos, que nunca puderam haver escravos, ou os perderam por mortes, por fugidas, ou pela promulgação da Lei das Liberdades, os quaes se acham como de cerco nos seus sitios, por não terem quem os transporte nem ainda para comprirem com as obrigações de católicos; e é ũa das mais ordinárias desculpas de não ouvirem missa, porque, dizem, não temos quem nos transporte às parróquias, e muitas vezes tem rezão; porque os brancos ou não estão afeitos a remar (nem a nenhum outro trabalho) ou se sentem por muito injuriados, e vis se pegarem no remo, querendo ser tído por graves, e fidalgos.

Por causa deste, e de semelhantes serviços se dedica sempre a cada vila, ou povoação de brancos, que se estabeleça ou queira estabelecer algũa aldeia, ou povoação de indios para serviço dos brancos, e posto que esta providência é bem econômica, e parece na verdade precisa atendendo só aos brancos estabelecidos, é por outra parte muito violenta aos ditos indios; porque estando estes nas suas terras, e muito livres, e senhores do seu nariz parece fazer-lhes injustiça o obrigá-los ao serviço dos brancos sem mais título do que o estabelecimento, e serviço dos forasteiros, os quaes antes com mais rezão se deviam obrigar ao serviço dos indios, do que os indios ao serviço dos brancos: Como se viessem os indios a estabelecer-se no nosso Portugal seria ũa grave injúria, e manifesta injustiça obrigar aos portugueses a servi-los. Porém esta é a praxe, e o costume, e não se faz vila algũa de novos povoadores europeos sem juntamente lhe pôr ao pé algũa outra povoação de indios, saltem *até o meu tempo no ano de 57 assim se costumava: Como tãobẽ ao pé de cada fortaleza, ou arraial sempre se [ilegivel] algũa povoação de indios para o seu serviço.*

CAPITULO 2º

DOS GRAVES INCONVENIENTES DESTA NAVEGAÇÃO E PRAXE DOS HABITANTES DO AMAZONAS.

São muitos, e mui graves os inconvenientes desta praxe de navegar no Amazonas em canoas próprias, e com próprios escravos, ou familiares; nem

sei como os magistrados, ou governos não tem postas as providências necessárias para os evitar: Mas para que melhor vejam a sua deformidade, lhes apontarei aqui alguns que primeiro occorrem. Contraria junta se posita magis *[ilegível]: e para que melhor apareça a providência, que pertendo insinuar de barcos comuns ao uso da Europa, e mais mundo, porque não pertendo eu dar arbítrios de baque, e de boque, senão os que usam e practicam as mais nações; principiemos pois pelos inconvenientes, e danos dos moradores, e particolares, e novos povoadores.*

1º inconveniente. Suposta a falta de canoas públicas, e barcos comuns; e a precisão de canoas próprias, e gente de casa para a sua equipagem só os ricos, poderosos, e senhores de muitos escravos podem ser bem servidos no Amazonas; e pelo contrário os moradores que não tem escravos, e os novos povoadores, que os não podem ter: nem tãobẽ podem ter canoas, nem se podem servir: Não podem ter canoas; porque tãobẽ para as fabricar necessitam de gente, e de escravos [ilegível] e oficiaes para lhes buscarem os paos, conduzir dos matos, escavacar, e construir; e quando as possam ter v. g. *comprando-as, nunca podem ser bem servidos, porque não terão quem lhes reme, e ficam de pés atados, e sem modo de se poderem servir, nem de poderem conduzir os seus frutos, e haveres às cidades, e portos para os comutar, fazerem os seus provimentos, negociar etc.*

2º inconveniente é o que experimentam ainda os ricos, e senhores de escravos; porque, ainda que estes possam ser melhor servidos nas suas viagens. por terem canoas, quem lhas faça, e quem lhas reme, contudo; quantos tiram dos seus serviços, e toda a vez que os tiram para fazerem canoas, e para as remarem, lá lhes faltam nos ditos serviços, lá interrompem as suas occupações, e lá param os ofícios, os engenhos, as moendas, a agricultura, e finalmente param todos os mais serviços para acudir ao serviço das canoas, e isto às vezes por meses inteiros conforme a distância das viagens, e a demora dos negócios: Tem os ricos occupados os escravos uns na fábrica do açúcar, outros na factura das águas ardentes; outros na olaria; outros nos roçados, e agricultura das terras; oferecem-se-lhes occasiões precisas v. g. *de acudirem à cidade a algum negócio; ou a conduzir os seus frutos aos portos para os embarcar nas frotas, ou qualquer outra precisão; e não tem outro remédio, senão tirar de todos esses serviços os seus escravos para lhes remarem as canoas: ainda que lhes causem grandes detrimentos.*

3º inconveniente é o dos mineiros, que muitas vezes deixam de transportar às cidades e portos as suas riquezas já por falta de canoas, e já pelos grandes gastos das conduções em viagens de 6, ou mais meses, e já principalmente por não tirarem os seus escravos da actual occupação da minas, cujas interroções lhes causam grandes prejuízos; e não podendo ir fazer os provimentos precisos, se vem obrigados a comprá-los (se os acham) a mui excessivos preços, pois sobe as vezes o sal um prato a ũa 8ª de ouro, ou mais; e assim em sua comparação os mais provimentos. Quanto pagariam estes mineiros de transporte, se achassem barcos promptos, que lhes transportassem as suas minas aos correspondentes, e deles mesmos podessem haver os provimentos precisos quanto pagariam de passagem, os que se vem precisados a fazer viagens compridas, se tivessem barcos de pastagem, em que se transportassem sem detrimento dos seus escravos, das suas lavouras, dos seus ofícios, e das suas oficinas? São estes uns inconvenientes tão ordinários, e tão grandes que bastavam a obrigar os magistrados, e governos a porem a devida providência.

Não é menor o inconveniente, que experimentam as missões, missionários, e operários evangélicos dispersos pelo centro do Rio Amazonas, e mais rios; porque cada vez que necessitam fazer os seus provimentos, ou algũa outra precisão das suas missões se vem obrigados a terem canoas grandes, e piquenas, e despacharem à cidade, ou porto com risco das viagens com desassossego dos seus neófitos, com detrimento das suas famílias, e com ausência de 4 5, ou mais meses, que tanto muitas vezes é necessário de tempo, e talvez muito mais, como socede, quando não acham ainda as frotas nos portos, e se vem precisados a esperarem por elas por não terem quem ao depois lhes leve os provimentos; com tanto damno dos mesmos índios, que às vezes morrem muitos nestas viagens à cidade, ou por não estarem afeitos ao laborioso trabalho do remo; ou porque estranham a falta dos ares pátrios, ou porque contraem epidemias, e por muitas outras causas, que lhes podem acontecer em tão longas viagens.

Um missionário que foi da missão chamada Abacaxis, e ainda vive aqui sepultado me afirmou, que em todos os anos, em que por precisão dos provimentos mandava obrigado à cidade do Pará a sua canoa, e neófitos lhes morriam aos pares quando 8, quando 10, quando menos 6, e outras vezes mais; e algum ano morreo toda a equipagem, sem ficar um só remeiro, ficando tãobẽ a canoa, e provimento por não haver quem a [roto o manuscrito] na torna viagem. Ora quanto estimariam aqueles índios, e os seus missionários, se tivessem barcos de passagem, e de aluguel, em que embarcando os seus provimentos, se livrassem de tantos inconvenientes, e danos? e assim discorrendo por todas as mais missões, povoações, fortalezas, e presídios, que estão intrincados pelo interior daqueles rios.

Pois os damnos, e inconvenientes, que se seguem desta praxe, ou má economia ao público não são menos atendíveis; porque por falta de conduções não acodem os quinteiros às povoações com os seus frutos; faltam os víveres, crecem os preços, e padecem os pobres, e ainda os mesmos ricos padecem suas faltas. Perdem-se pelos sítios as frutas, e os haveres, que nas cidades, e povoações seriam mui preciosos; mas os particolares padeceriam mais damnos, que proveito se os conduzissem em canoas próprias, e com próprios escravos, e remeiros; e disto nace haver grandes faltas, e fomes nas cidades sem lhes valer a abundância, e fartura de víveres pelos sítios. Lembra-me nesta matéria, o que ouvi dizer a um morador (ou a muitos) que quando lhes era preciso algum maior festejo por occasião de festas, ma[i]s gastavam, e mais lhes custava o procurar os víveres, do que o seu preço, porque lhes é preciso tempo antes mandar canoas, e escravos pelos sítios a buscar o necessário o que lhes era de grande detrimento.

Pelo centro do Amazonas há muitas, e mui preciosas especiarias, que nas cidades são de muita estimação; há arruraes de sua natureza tão grandes, que podem carregar frotas inteiras; há lagos cheios de tartarugas de comer, de peixes bois, e de muitas outras farturas; mas tudo se perde, embora que nas cidades, vilas, povoações, e sítios haja grandes faltas; e a rezão é porque aos missionários, e muito menos aos moradores, que tem à porta todas estas abundâncias nenhũa conta lhes tem em as conduzir em canoas, e índios, ou escravos próprios; porque lhes sai a despesa maior, que a receita, são maiores os gastos, que os lucros, e os damnos, que os proveitos. Os mesmos índios das missões, que são uns fura matos podiam extrair deles muitas pre-

*ciosidades de bálsamos, bainilhas, cravo, canela, quina, [ilegível], e muitas outras, se lhes fosse fácil a condução às povoações, e cidades. Enfim são muitos, e mui graves os damnos, e inconvenientes das canoas próprias com escravos próprios. O que bem atendido veremos no**

CAPÍTULO 3º

QUE PARA O AUGMENTO DOS ESTADOS DO AMAZONAS LHES SÃO NECESSÁRIOS BARCOS COMUNS.

É esta ũa ilusão, que necessariamente se infere dos inconvenientes supra; nem há, ou pode haver melhor economia, ou providência para se remediar todos os damnos, que temos dito; de tal sorte, que estou firme, que nunca aqueles estados sobirão a grande augmento, enquanto se não puserem barcos comuns, públicos, e de aluguel para a fácil, prompta, e boa serventia dos seus habitantes; nem as novas povoações de europeos se poderão fundar, estabelecer, nem ainda perseverar sem esta precisa providência; porque seria o mesmo, que incurralá-los em algum lugar onde os pusessem por não terem modo de se puderem servir nas suas precisões, e negócios; e está claro; porque não tem canoas, nem escravos para lhes fazerem, e muito menos remarem; não tem tãobẽ barcos comuns, em que se sirvam, logo ficarão como em cerco.

Deve pois pôr-se a providência de barcos comuns, como necessária aos novos povoadores, e ainda aos antigos, e ricos; e a todo o bem comum do Estado. E com eles já tãobẽ não necessitarão de escravos os seus habitantes para a sua precisa navegação, e serventia, e por consequência, cessará esta precisão de escravos, que era o 2º capítulo, ou causa, que movia aos seus moradores a buscar com todo o empenho escravos, e mais escravos, para se poderem servir nas suas canoas, e navegação; e cessando tãobẽ o primeiro capítolo, e a 1ª causa, que era a laboriosa roçaria, e cultivo da farinha de pao, como temos dito, ficam já os habitantes do Amazonas sem a precisão de escravos, e da mesma condição que os habitantes da Europa, e mais mundo; antes ainda mais bem servidos, e de melhor fortuna, porque com a ventagem da grande fertilidade destas terras.

Já o grande Padre Antônio Vieira conheceo no seu tempo a precisão destes barcos; e aconselhava que para a boa economia daqueles habitantes, e bom governo daqueles estados, se pusessem dous barcos no Rio Amazonas; não teve efeito até o meu tempo o seu conselho, não sei se o terá já tido depois da minha prisão, em que não posso saber o estado daqueles estados mais

---

* *Espaço em branco no manuscrito*

do que o ter percebido que se tinha cuidado muito no seu augmento; e assim seja se tiver efeituado, não vale de nada o meu arbítrio, porque na sua execução verão já aqueles habitantes quanto mais terão sobido os seus interesses; se porém ainda não tiverem esta necessária providência, fiquem sabendo, que é o meu único dos seus augmentos; o remédio mais apto para suprir a falta de escravos; e a economia mais accomodava para a boa serventia dos novos, e ainda velhos, e ricos povoadores porque todos igualmente interessam nesta providência, ainda o serviço real, e bem público, como se experimenta na Europa, e mais mundo.

Vista pois já a sua precisão, e conveniências, devem pôr-se no Rio Amazonas ao menos dous até 3, ou 4 barcos, que se podem chamar barcos de carreira, ou da passagem com viagens sempre encontradas sobindo uns, decendo outros, os quaes aportando brevemente nas povoações, nas missões, fortalezas; e sítios dispersos pelo interior dos rios, se possam bem servir todos aqueles habitantes, comonicar, comerciar, e navegar sem mais precisão de canoas, e escravos próprios, só com o pagamento do justo aluguel das suas pessoas, ou das suas remessas, como se pratica no mais mundo. E para melhor serventia, e mais breve expedição destes barcos, se podem pôr outros nos mais rios colatraes, em que haja missões, ou povoações de brancos, como nos rios Negro, Topajós, Xingu, e nos mais; e mais precisamente no Rio Madeira para a boa comonicação dos governos do Mato Grosso, com o governo do Amazonas, para boa serventia dos mineiros, que navegam aquele rio; e para o fácil transporte dos seus ouros, e provimentos evitando os grandes inconvenientes das canoas próprias, e escravos próprios, que temos dito.

E se além destes barcos de carreira, se posessem outros adictos às povoações, saltem *mais populosas, com destricto determinado às suas navegações, ainda seriam mais bem servidos imitando nisto a impar providência dos chinas, cujo império pode servir de modelo aos mais reinos nas suas leis providenciaes, na sua boa economia, governo, e policia: ũa das suas grandes providências é a sua navegação; e do modo com que se servem nas suas povoações: São em grande número as suas cidades, muitas, e mui populosas as suas cidades, e vilas, de sorte que há vilas cujos vezinhos passam acima de um milhão: São cortadas as suas terras de muitos, e grandes rios; cada rio está povoado de milhões de barcos, de sorte, que parecem ũas povoações bojantes, em que comerceiam, e vivem famílias inteiras, que só chegam a terra nas precisões de algum negócio; contudo com serem as embarcações a milhares tem destricto determinado até onde só chegam, e navegam, onde baldeando em outras embarcações as suas cargas, e recebendo outras voltam à sua estância. Esta economia é mesmo boa para a serventia das respectivas povoações.*

São tãobẽ estes barcos o meio mais proporcionado para enriquecer as povoações, e missões pelo Rio Amazonas acima de gado vacum, e outros, que fazem fartas as povoações; porque podem-se neles conduzir vacas, e boiadas para as ditas povoações, que pelo tempo adiante venham a multiplicar, e cortar-se nos açougues; sem estes barcos, e na praxe antiga é muito dificultosa esta condução; e a razão é; porque as canoas dos particulares, que navegam aqueles rios, e a dos missionários que são as mais potentes, apenas podem levar os seus provimentos; e daqui vem a grande falta, que há pelo Amazonas acima de gado vacum, que apenas se vem em algũas missões algũas poucas vacas, que servem mais para a admiração, do que para o sustento, abundando tanto a Ilha do Marajó, e arrabaldes do Pará em gados,

como no seu lugar dissemos. Nos barcos comuns se podem transportar, e conduzir com mais facilidade estes gados, porque devem ser barcos suficientes, e de bastante comodidade para toda a casta de carga, e de transporte.

Para o bom governo público, e serviço real são de tanta conveniência, como de desconveniência as canoas particulares; nelas se podem embarcar os ministros régios; conduzir os militares, e expedir as ordens, sem os inconvenientes supra de canoas próprias, de assolar as missões em buscar índios para as remar; sem as tardanças em os buscar, e sem outros mil inconvenientes, que destes se seguem. Lembra-me aqui a desculpa, que costumam dar os ministros régios, e justiças de não executarem as suas obrigações, e haverem, e castigarem os malfeitores, ladrões, homicidas, e facinorosos, que vivem seguros no sagrado dos retiros, e matos pelo centro do Amazonas; chegando a pertender que os missionários, e operários evangélicos lhes segurassem, conduzissem, e entregassem os homicidas, e malfeitores, e de o não fazerem lhes formavam queixas, e calumniavam, dizendo que os refugiavam, encobriam, e não queriam entregar etc. como se fosse lícito aos missionários, e homens religiosos, ministros de Deus entregar às justiças os criminosos, e ainda a expensas, e gastos seus!

A rezão toda é, pelos gastos, que estes ministros e justiças fazem, ou fariam nestas execuções em canoas bem providas, e esquipadas, sem esperança de poderem resarcir os gastos, porque os réos, se são índios, não tem, que lhe possam sequestrar; e se são brancos apenas chegará o seu fisco a pagar um dia de viagem aos oficiaes, quando a diligência às vezes levará meses; como pois não tem esperança de meter algũa cousa na bolsa, não fazem diligência pelos rios, além de mui provável contingência de os não apanharem: postos pois os barcos comuns, já sem esses gastos se podem fazer as diligências, e com mais facilidade executar as ordens; Nem será necessário já mais assolar as missões, desacomodar os missionários e perseguir os índios; e por isso todos interessam nesta precisa providência.

CAPÍTULO 4º

MEIO FÁCIL PARA HAVER FEIRAS, E MERCADOS NO AMAZONAS.

Uma das maiores faltas de economia, que se sente nas colônias do Amazonas é o não haver mercados em praças públicas, nem gênero algum de feiras, em que se vendam, e comprem as fazendas, e se comutem os gêneros, como se costuma em toda a república bem governada com muita utilidade dos homens, e do bem comum. Não se acha em todo aquele Estado ũa só praça, em que se venda hortaliça; nem ũa ribeira, em que se venda o pescado; nem um terreiro em que se compre o grão, ou farinha de pao; enfim não há

(té o meu tempo) um mercado público com grande detrimento do Estado, que na verdade se pode chamar ainda ũa matéria prima, ou ambrião não obstante ter já séculos de povoado por lhe faltarem as providências necessárias de ũa boa economia, e governo.

Por isso dizem muitos (e com rezão) que as suas cidades, e povoações são muito diferentes das mais povoações, e cidades do mundo: porque nas mais acha-se tudo o necessário à vida humana nos mercados, e feiras; nas povoações do Amazonas nada do preciso se acha em praça pública. Nas mais, quem tem dinheiro tem tudo; nestas falta tudo ainda que haja dinheiro: é a queixa mais ordinária dos moradores, especialmente dos forasteiros, de que, tendo dinheiro, não acham que comprar: bem o explicou um senador do Maranhão em uma junta, em que se tratava, e queria pôr taxa aos religiosos da Companhia (anos antes da sua expulsão, porque já é muito e antigo o desejo dos seculares, em que os religiosos nada tenham mais, que alguma esmola, ou piquena côngrua) confiscando-lhes todas as suas herdades. Respondeo pois o senador, que o seu parecer era, de que antes lhes dessem com um pao na cabeça, e os matassem a todos; e vendo que os mais da junta, e o governo se admiravam do conselho, accrescentou, que assignar-lhes esmola, ou côngrua de dinheiro tirando-lhes as suas herdades era o mesmo que querer matá-los à fome pouco a pouco, e que era maior piedade matá-los logo por ũa vez. Porque de que serve dar-lhes dinheiro senão acham, que comprar? Eu tenho alguns bens da fortuna, e dinheiro (era dos mais ricos do Maranhão) e contudo padeço minhas faltas por não achar, que comprar, que farão eles recolhidos nos seus colégios? Deste dicto se vê bem os grandes prejuízos, que causa a falta de mercados; porque as feiras, e mercados são os que fazem as povoações fartas, e as cidades ricas; se os não há, que se há de esperar, senão faltas do necessário: pobreza, e miséria? Apenas tem algũa cidade maior talho de gado vacum em açougue público, e nada mais, se exceptuamos as lógias dos mercadores, em que vendem as suas fazendas, ou para melhor dizer, as lógeas, ou almazéns da companhia do contrato.*

A praxe que usam, os que querem prover-se de víveres, ou comprar algũa cousa, é, senão tem canoas, nem escravos, chegar aos senhores de sítios e aos ricos, e ajustar com eles, o que pertendem, para lho mandar dos ditos sítios, quando voltarem à cidade as suas canoas; assim fazem os forasteiros, os oficiaes públicos, e os que por rezão de seus cargos assistem nas cidades; valendo-se dos particolares por não acharem no público, o de que necessitam; e para o poderem ter a tempo (se o podem ter,) é necessário muito de antemão buscar estas providências, quando não se expõem a faltar-lhes nas melhores occasiões, como sucede a cada passo; e os soldados, e pobres, que não tem cabedaes para semelhantes providências, contentam-se com a vaca do açougue (e não é pouco, por ser barata, porque o arratel não passa ordinariamente de 5 até 6 réis) e no mais padecem suas misérias, especialmente nas fortalezas, e povoações, em que não há vaca, que são as mais.

Os moradores porém, que tem escravos, ou modo de poderem ir fora a buscar, o que necessitam, e tãobẽ muitos contratadores piquenos, vão por

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

si mesmos, ou por seus emissários em canoas próprias às missões, e povoações dos índios, ou para melhor dizer, não às povoações: mas às roças, e sítios dos índios, que estão dispersos, e solitários por aqueles matos, onde contraiam, melhor direi apanham, e tiram tudo, o que lhes agrada tomando por 100 o que vale mil, e cometendo tantas absolutas, e absurdos, como já dissemos em outra parte sem que os pobres índios com estarem em sua casa se atreverem a repugnar-lhes já por tímidos, cobardes, e já por [ilegível], que facilimamente se deixam se deixam enganar; e desta sorte ajuntam os brancos muitas farinhas, que são o seu principal intento: que ao depois vão vender pelo preço que podem; e fazem nisto especiaes ganâncias.

Postos pois os barcos de carreira, e postos outros nas povoações, cuja navegação, e destricto sejam os rios mais frequentados, e povoados de herdades, e sítios, já por eles podem os moradores remeter os seus frutos às cidades sem mais prejuízo, do que o seu aluguel, sem mais precisão de canoas próprias, nem de tirar dos seus serviços, e occupações os seus escravos, se os tem; e sem necessidade de os buscar, se os não tem: e já suposta esta boa economia se podem determinar dias próprios para os mercados, e praças públicas, em que se compra, e vende com muita utilidade de todos; dos lavradores; porque já podem aproveitar os fructos que antes se perdiam pela terra, e não podia sem grandes prejuízos conduzir às povoações: e dos moradores; porque acharão nas praças, e mercados o provimento, frutas, e refrescos, que querem; e assim cedem em muita utilidade de todos estes mercados.

São tãobẽ o meio mais fácil, que se pode excogitar estes barcos para haver feiras, e mercados por todas as missões, e povoações dos índios, aonde possam estes vender os seus haveres nas praças públicas, aonde acodirão em algum dia determinado na semana, ou no mês; e aonde os brancos, e contratadores se podem transmutar, e conduzir as suas fazendas nos barcos da passagem seguindo-se daqui muitas conveniências a todos, mas especialmente 3. 1ª porque se evitam as absolutas, e absurdos, que cometem os brancos pelas roças, e sítios dos pobres índios; e se devem pôr em seu vigor as justíssimas leis, que proíbem estas andadas dos brancos pelos sítios. 2ª porque se excitará nos índios algũa diligência mais em cultivar as suas terras, e abundar em frutos pela esperança de os venderem aos brancos; e tãobẽ de extraírem dos seus matos as preciosidades, de que abundam e de que os brancos, e europeos fazem grande estimação, e apreço. 3ª porque já os mesmos brancos sem perder tempo, nem precisarem de canoas, e escravos próprios podem fazer mui facilmente os seus negócios.

E para tãobẽ se evitarem os desproporcionados preços com que os brancos costumam tirar dos índios os seus haveres, deve haver nestes mercados algum almotacel de boa conciência, por cuja taxa se façam as comutações: e deste modo se podem introduzir em todas as missões os mercados, que as farão mais ricas, e com que sobirão a grande augmento aqueles estados? tudo isto porém depende da providência dos barcos comuns, e da carreira, com os quaes tudo ficará muito fácil; e sem eles será empenho baldado; porque com eles, ou neles é fácil aos moradores o acudir e feirar sem mais prejuízo

do que o pagamento do aluguel; e sem eles é impraticável o acodirem os moradores em canoas próprias remadas com escravos próprios, porque por muito que fizerem serão ordinariamente os danos maiores que os lucros, apenas poderão acodir alguns mais vizinhos.

CAPÍTULO 5º

QUAL HAJA DE SER A ESQUIPAÇÃO, OU EQUIPAGEM DESTES BARCOS.

Não duvido, que pelos anos adiante povoando-se o Estado do Amazonas, crecendo o seu comércio, e augmentando-se as suas riquezas se venha a practicar nele a navegação do mais mundo com tantos barcos, e canoas públicas, que andem já à porfia os barqueiros a buscar carga, e passageiros, de que possam tirar algum lucro, e não os passageiros a buscar barcos; porque em tal situação se oferecerão muitos moradores a terem barcos ao ganho, e se oferecerá muito populacho ao seu serviço, como socede em todas as mais povoações marítimas. Agora no princípio desta praxe é que pode haver algũa dificuldade em adjectivar a esquipação necessária aos barcos da passagem, visto não haver gente de servir ou jornaleiros nos ultramares, e apenas se acharão alguns prácticos para pilotos, e arraes.

Nas embarcações mais piquenas adictas às povoações, e seus destrictos não há tanta dificuldade, porque as podem tomar à sua conta alguns particolares senhores de escravos, com a esperança de bons lucros, pois em nenhum melhor serviço os poderão empregar com mais utilidade. Nos barcos porém de carreira do Amazonas como devem ser maiores, e proporcionados a grandes cargas há mais dificuldade na sua mais numerosa esquipação, e serventia; porque nem sempre podem navegar com eles por causa das muitas ilhas, e alto arvoredo, que impede os ventos; e sendo necessário nesta falta usar de remo, já se vê que são necessários muitos remeiros para poderem navegar: e nesta suposição talvez não haja moradores, que os queiram esquipar com seus escravos, e tomar à sua conta; porque lhe seriam necessários muitos escravos, e os exporia a grandes contingências, e a esperança dos lucros não é tão certa por causa das poucas povoações que per hora há pelo rio acima, e por conseguinte as cargas nem sempre serão muitas.

Digo pois, que no caso, que os moradores as não queiram tomar à sua conta, e prover com seus escravos, os deveriam tomar à sua conta os magistrados como um dos principaes empregos do bem comum, e de todo o Estado; e apenas para a sua serventia o populacho necessário, ou os criminosos, e fazer como muitas repúblicas, que condenam a tantos anos de galeras os criminosos mais, ou menos tempo conforme a qualidade do seu crime, no caso que não haja aventureiros, que se ofereçam por seu jornal: Ou tãobẽ se po-

dem esquipar com os índios alforriados na lei das liberdades, que tomaram com gosto este ofício pagando-se-lhes o seu jornal, e sendo bem assistidos dos víveres, e sustento necessário; porque não só levam este trabalho com gosto, mas são os mais proporcionados marinheiros daqueles rios, exercitados no remo desde piquenos, costumados aos calores do sol, e às chuvas; a que senão poderiam acostumar os brancos, e europeos.

Porém ou sejam estes barcos por conta dos magistrados, ou melhor por conta de algum, ou de alguns particolares moradores a melhor providência que podem ter para a sua boa serventia, e navegação são os índios das missões, desta sorte: Concorram os caciques, ou principaes de cada missão com um índio, ou dous quando um só não chegar, e destes índios juntos se esquipem os barcos com a equipagem necessária; que é a providência mais suave, que se pode pôr, nem é necessária outra: porque suponhamos que os barcos necessitam cada um de 40 remeiros para a sua serventia; sendo dous os barcos fazem 80, cuido que as missões (se estão ainda no seu vigor, e permanência, como estavam no meu tempo) são mais de 80; logo basta um só índio de cada ũa delas para suficiente esquipação de dous barcos; e quando seja preciso augmentar os barcos, pode cada missão concorrer com dous índios, e não serão necessários mais. Digo que é providência mais suave, pelas rezões seguintes, além de muitas outras que não aponto:

1ª por não obrigar, nem violentar a ninguém, nem ainda os criminosos; por não ser necessário. 2ª por ter deste modo mais promptos, e certos os remeiros. 3ª por não se prejudicarem os cargueiros com seus escravos, que occupados em outros serviços lhes podem cultivar as suas herdades. Porque os índios são os mais proporcionados, e costumados remeiros. 5ª porque sempre há índios solteiros, (e ainda casados) que desejam ver novidades, ver terras, tratar com brancos, fazer viagens e abalizar-se entre os seus, especialmente sendo (como devem ser) solteiros, e desempedidos. 6ª porque, além de serem bem assistidos na viagem de sustento, e de serem promptamente pagos do seu jornal, devem tãobẽ ser reemplasados de 6 em 6 meses por outros, e repostos nas suas respectivas missões; e só naquela viagem, em que não podem ajuntar-se todos estes índios por estarem muito distantes, e dispersas as missões se deveriam prover das missões mais vizinhas com obrigação de se reporem na volta.

Nem os mesmos índios, e seus missionários podem estranhar esta providência; antes louvá-la pelas muitas utilidades, que traz ao bem comum, a todos os brancos, e a todas as povoações; e muito particolarmente às suas mesmas missões, e neófitos; porque os brancos lhes suprem as canoas, e viagens anuaes, que fazem, ou mandam fazer aos portos a buscar os provimentos, e levar as cargas das suas missões: Nem já tãobẽ, enquanto a esta parte, lhes serão necessárias canoas grandes, nem fazer gastos na sua fábrica. Para os índios tãobẽ são de muita utilidade, não só porque tãobẽ podem fazer as suas remessas, as quaes antes não podiam fazer sem grandes dificuldades; mas muito mais, porque evitam o desassossego das suas missões, que todos os anos experimentam nas levas dos índios necessários para as suas esquipações; com um só, ou dous índios desempedidos, solteiros, e voluntários evitam muitos danos, e prejuízos.

Esta mesma providência de barcos, e índios das missões se pode pôr na carreira do Pará para o Maranhão, no mesmo Maranhão; e deste para Pernambuco, e mais governos, onde ainda não há embarcações comũas, para facilitar a serventia, e comonicação de todas as capitanias, e poderem comer-

ciar os seus habitantes, e serem com facilidade, e suavidade soccorridos nas occasiões, em que necessitem: devendo então concorrer as suas respectivas missões com os seus dous ou um indios, pelo muito, que interessam nestes barcos, e viagens. Nem tiram estes indios, que não possam tãobẽ assentar praça de marinheiros todos os voluntários brancos, que quiserem; como tãobẽ não tira, que os missionários possam castigar os indios discolos, de que sempre há nas missões alguns, que servem de perturbação, e mau exemplo aos mais, e a estes podem mandar, e com eles soprir os mais, que aliunde deveriam dar. Nem tãobẽ tira, que os enteressados possam esquipar os seus barcos com escravos próprios, se quiserem, e os tiverem em lugar dos indios das missões; porque pode ser que nestas viagens lhes façam mais conta os seus escravos, do que os jornaleiros; nem tãobẽ devem estes barcos prejudicar aos habitantes, e moradores particolares, que quiserem servir-se em canoas próprias, e com os seus escravos, como actualmente fazem; porque esta providência, posto que utilissima para todos, os que dela se quiserem aproveitar; mais propriamente é para os que não tem escravos, com que se possam servir como é a maior parte dos moradores antigos, e como serão todos os novos povoadores: Mas bem me persuado, que não haverá homem prudente, por mais rico que seja de escravos, que antes queira expor a grandes conti[n]gências, e gastos as suas canoas, e escravos, do que servir-se dos barcos comuns só com o piqueno dispêndio do aluguel: excepto em algũas particolares necessidades, em que se vejam precisado[s] como pode soceder.

CAPÍTULO 6º

DA-SE NOTÍCIA DE UM NOVO, E UTILISSIMO MÉTODO DE NAVEGAR COM FACILIDADE.

Por vir aqui a propósito a notícia de um novo, facílimo, e utilissimo método de navegar, que excogitei nas vacâncias que tinha de tempo desocupado das minhas obrigações; e depois mais examinei nas minhas prisões, ou sepulturas de vivos para divertir as potências da alma, passar o tempo, e espalhar tristezas na falta de livros, e de toda humana consolação: Não o descrevo aqui por certas rezões, e o deixo reservado com outros inventos coriosos para a 6ª Parte do Tesouro do Amazonas; *porque posto que pode servir com as mesmas conveniências para todos os rios, para todos os mares, e para toda a navegação, contudo o ajunto na da 6ª Parte a este tesouro, porque na*

verdade me occorreu na consideração da navegação do mesmo Amazonas, e lhe convém melhor que aos mais rios, e mares, por rezão dos ventos contrários; e grandes calmarias que tem.

Consiste pois este novo método de navegar em dous inventos principalmente[:] 1º invento de navegar fazendo igualmente prósperos, e bonançosos todos os ventos. 2º invento para navegar nas calmarias, e faltas de vento com muita brevidade e ligeireza. De sorte, que com o 1º invento todos os ventos por mais contrários, que sejam, e opostos à navegação ordinária, se fazem prósperos, e bonançosos, ou sejam por poupa, ou por proa, ou bolinaes; tanto que quanto mais fortes forem os ventos ainda que por proa, tanto mais ligeira será a viagem: Enfim não tem, nem há ventos contrários a qualquer navegação para qualquer rumo, que queiram tomar o 1º invento. E com o 2º não há que temer, ou recear calmarias, escassez, ou faltas de vento; porque não só supre a falta dos ventos; mas antes quanto maiores forem as calmarias tanto mais ligeira, próspera, e fácil será a navegação.

A grande utilidade, e conveniências destes dous inventos se podem inferir dos seus efeitos; 1º porque evita os contínuos bordos, que faz a navegação ordinária impedida pelos ventos ponteiros, e contrários; e por conseguinte faz a navegação mais direita. 2º porque evitados os bordos se evita tãobẽ a declinação dos rumos. 3º porque seguidos em direitura os rumos se abreviam muito as viagens, fazendo-se v. g. em um mês a navegação, que na praxe ordinária só se conseguiria em 4 ou 5 meses; ponho por exemplo: a navegação do nosso Portugal para o Maranhão se faz ordinariamente em um mês, ou pouco mais; e pelo contrário do Maranhão para Portugal gasta 4 para 5 meses pouco mais ou menos: para lá basta um mês porque leva vento em poupa, evita rumos, e faz a viagem direita; para cá gasta tanto tempo, porque tem ventos ponteiros, e contrários; e por isso vem fazendo bordos, e descae muito do rumo; logo fazendo-lhe o 1º invento todos os ventos tão prósperos, como se todos fossem da poupa, segue-se que abrevia tanto as viagens quanto vai de 1 só a 4, ou 5 meses.

A mesma breviatura faz o 2º invento por suprir a falta de ventos, e fazer tão boa, ou talvez melhor e mais feliz viagem nas calmarias, do que faria se navegasse com bom vento em poupa. Destas conveniências se seguem muitas outras como são a menor providência das matalutagens, e víveres; evitar-se a corrupção destes pela brevidade da viagem; as muitas doenças, e as vezes epidemias, que causa a podridão do sustento: e finalmente muitas outras conveniências que se podem considerar deste novo método; o qual me parecem ser muito fácil, e factivel, como tãobẽ a outros mais religiosos, com quem o consultei; e julgo, que não achará inconveniente na praxe como explicarei, se Deus for servido na 6ª Parte. Por hora basta esta lembrança para tal qual notícia dos inventos.

Suposta pois esta notícia, é utilíssima a sua praxe em todo mundo, e com muita especialidade no Amazonas por rezão dos ventos geraes que nela reinam, os quaes se são prósperos na navegação ordinária rio acima, são muito contrários rio abaixo, digam eu (e muitos outros), que algũas vezes gastei um dia inteiro rio abaixo com ventos contrários desde a missão de São José até a missão de Santo Ignácio sitas na boca do Rio Topajós, sendo que

parece se faz em menos de 4 horas: e já houve quem gastou 8 dias: é utilíssimo pois o invento no Amazonas para fazer prósperos sempre os ventos, e mais breves as viagens: e porque tãobẽ se experimentam no dilatado do mesmo rio grandes faltas de vento, e calmarias por rezão das muitas ilhas que tem semeadas; e das grandes, e altas matas que estão cobertas, e impedem os ventos é tãobẽ de muitas conveniências, e ventagens o seguinte invento. O mesmo digo de todos os mais rios daquele Estado, e mais ultramares.

Outra ventagem grande que tem estes inventos, e novo método de navegar é o escusar da sua tripulação; tanto, que, se para menistrar, e remar um barco grande, e capaz de muita carga são necessários v. g. *50 remeiros a 25 por banda; com qualquer dos inventos lhes bastarão 10 até 12, ou talvez menos serventuários, e farão melhor viagem, porque não hão de navegar à força do braço, e dos remos; mas por benefício da arte (falo dos barcos, posto que tãobẽ nos navios de alto bordo se pode practicar o mesmo método) de sorte, que para tripulação de dous barcos, que cursem o Amazonas bastarão 20 até 24 serventes; e não são necessários mais; e o mesmo se entenda das canoas, e embarcações mais piquenas, em que os inventos poupam boa metade ou 3 partes dos remeiros, que necessitam na praxe ordinária. O que suposto* Digo agora que com os novos inventos pode qualquer morador, ainda que não seja dos mais ricos tomar à sua conta estes barcos; porque já lhe ficam em boa conta, e com muitos interesses. 1º porque pode (e com muita rezão) pedir privilégio de que só ele* v. g., *e seus herdeiros possam usar desta nova praxe de navegar; e já com este ressalvo não haverá quem lhes tire o lucro; mas sempre deve ficar livre a navegação ordinária, a quem a quiser usar. Nem suponho eu haverá re[ilegível] na concessão do tal privilégio, visto redundar em tanto bem do público; antes ainda merecerá outros mais aventajados prêmios* v. g. *de capitão de mar, e guerra; ou outra patente honorífica, a qual* aliunde *será precisa para que nas fortalezas, e capitanias lhes não possam fazer as violências, que actualmente costumam fazer às canoas, demorando-as sem rezão tirando-lhes os remeiros toda a vez que querem com o pé de capinarem, e alimparem o terreno, e muitas outras, para as quaes os seus comandantes sempre fingem pretextos; e para que os levantados o respeitem; o que tudo se deve acautelar para que os barcos não faltem ao público, nem possam retardar a sua navegação.* 2º porque conseguindo para tripulação dos barcos um índio de cada missão, que farão* v. g. *o número de 80, ou mais conforme o número, que houver de missões; e bastando-lhe por benefício dos inventos* v. g. *20 até 30 índios, pode pôr os mais a beneficiar algum sítio ou a laborar algum engenho de açúcar, ou de serrar madeiro, ou qualquer outro serviço pagando-lhes o seu jornal, e restitoindo-os a seu tempo às suas missões; porque a indústria dos inventos não lhe deve prejudicar o número dos índios; e se sem os inventos lhes seriam dados, e ainda lhe ficariam em muita obrigação pelo bem comum que resultaria a todos; muito mais se lhe devem pela melhoria dos inventos. Deles tãobẽ, e pelo*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

mesmo modo se podem valer os barcos respectivos às povoações, e seus destrictos, tãobē com seus privilégios, para poderem ter algum maior lucro, e servir por ele aos moradores, e todos serão bem servidos.

TRATADO 3º

DAS ESPECIARIAS, E RIQUEZAS QUE PRODUZ NAS SUAS MATAS O AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

DO MEIO DE EXTRAIR AS RIQUEZAS DO SERTÃO, OU MATAS DO AMAZONAS.

Não é o meu intento descrever aqui as muitas, e grandes riquezas, que produzem espontaneamente as matas do Amazonas como são os cravos, as salsas, canela, quina quina, baunilhas, bálsamos, cacaos, e muitas outras que abundam; porque já as descrevemos na 3ª Parte deste tesouro; nem tãobē o modo, ou praxe de as extrair, que tãobē já dissemos; Todo o meu argumento neste Tratado será expor os grandes inconvenientes que há nas suas colheitas, ou extracção, e propor outro meio mais suave, e mais prudencial e econômico de as cultivar, e fazer hortenses com mais utilidade dos moradores, com mais conveniências do público; e com mais augmento do Estado: e só para se ver as ventagens deste arbitrio, quero neste capitolo compendiar o uso, praxe, e meios de que actualmente se valem os moradores para as extrair, e é segundo já dissemos na dita 3ª Parte, do modo seguinte.

A todos os moradores, que querem subir, ou mandar subir o Amazonas acima, e buscar nas suas margens, e matas as suas riquezas, se concedem por Petição licenças não só para subir, passar as fortalezas, e navegar o Amazonas; mas tãobē para tirar índios pelas aldeias, e missões, às quaes licenças chamam Portarias, concedidas estas tiram os índios presentando as ditas Portarias a quem governa as ditas missões, que até o meu tempo eram regulares de várias religiões, e depois homens militares, ou cidadãos com o nome de directores; os quaes a vista das Portarias lhes dão, e entregam os

indios, de que falam; que ordinariamente são um ou 2, ou poucos mais em cada aldeia, mas todos juntos fazem muitas vezes o número de 40, ou mais indios aos quaes entregam logo o pagamento, como já dissemos, e com eles partem para o cacao, ou salsa ou cravo ou etc. onde gastam 6, 7, ou 8 meses.

E posto que agora, isto é no meu tempo, já não são muitos os moradores, que subam as colheitas, algum tempo eram muitas, e se viam os missionários abarbados em despachar indios, a todos, sendo que muitos não se contentando só com os indios, que lhes davam, praticavam, e apanhavam outros, e iam com as canoas bem esquipadas. O mesmo faziam os missionários mandando cada um ũa canoa, para a qual não só tinham licença, mas tãobẽ 25 indios, para com os seus productos fazer os seus provimentos, guisados das suas igrejas, e gastos indespensáveis com os seus neófitos, como faziam os religiosos da Companhia e muitos outros; ou os aplicavam para seus interesses particolares, como faziam os religiosos de outras religiões para cuja disposição havia régia concessão, como consta do Regimento das missões.

Por outra parte os oficiaes, e ministros régios; capitães, e comandantes das fortalezas, porque tinham expressa proibição de mandarem canoas ao sertão, tãobẽ se aproveitavam quanto podiam, antes eram os que mandavam mais, porque não se contentando com ũa, mandavam quantas queriam, ou podiam despachar, e tudo se encobria, se é que ainda senão encobre, cujo trabalho todo caia, e cae sobre os pobres indios das missões, porque com eles só se provém estas canoas, ou sejam muitas, ou poucas; eles as remam a poder de grande trabalho não só pelas correntezas que hão de vencer; mas e muito mais por serem as canoas muito grandes, e alterosas, e lhes custa muito chegar com as suas pás, ou remos a água; de sorte, que cada vez que metem o remo na água se dobram todo o corpo, o que senão pode fazer sem ũa mui notável, e molesta violência ainda que já sejam costumados.

Além destas canoas do sertão se concedem tãobẽ aos moradores outras para fazer manteigas dos ovos de tartaruga; ainda que são poucas as que sobem só a elas; porque o que convém é partir mais cedo as canoas do sertão; e fazer primeiro as manteigas, e pondo-as em seguro as embarcam na torna viagem; mas quase todas fazem esta primeira feitoria, quando passam as paragens mais frequentadas das tartarugas; porém não assim as que mais abaixo entram nos matos, como fazem algũas canoas, que vão a fazer cravo, e salsa. Para a factura destas manteigas não necessitam de licenças os missionários, que estão mais distantes, e tem ao pé as tartarugas, de cujos ovos fazem os missionários do Rio Solimões infinidade de tartarugas, que transportam à cidade do Pará, onde tem muito consumo. Escolhem pois estas canoas, ou os seus cabos paragens proporcionadas às colheitas, que querem fazer; chegadas, ou ancoradas as canoas entram os indios a fazer tijupares, a que chamam feitorias, cortando primeiro matos, e fazendo um amplo terreno: feitos os tijupares, ou entretanto que uns os levantam, fazem outros canoinhas embarcações ligeiras ũas para pescarem, outras para entrarem divididos os indios por diversos riachos, ou rios pela terra dentro a descobrir cacao, ou o que pertendem, e o que acham vem trazendo para as feitorias, onde se vai beneficiando, secando, e guardando em paióes, cujo cuidado está no cabo da canoa com alguns indios, que escolhe. Depois de terem copiosas colheitas, e não achando já mais da espécie, que buscam; entram a fazer copiosas pescarias de peixes bois, que salgam, e beneficiam de diversos modos. Extraem co-*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

paibas, bainilhas, e tudo o que acham até chegar o tempo de tornarem para a cidade, que ordinariamente é pelo São João, ou do São Pedro por diante depois de 6, ou mais meses de tempo. Deste modo fazem ordinariamente as feitorias de cacaos; as de salsa, e cravo quase são do mesmo modo, excepto em serem mais trabalhosas, e custosas por ser necessário aos indios entrarem mais pela terra dentro, e centro dos matos, onde padecem muitas fomes, maos dias, peiores noutes, e andam sujeitos a muitas desgraças. Na volta ou torna viagem vão os cabos largando, e deixando os indios nas suas respectivas missões; excepto os precisos para levarem as canoas à cidade, donde voltam em algũas canoas que naveguem para cima; outros ficam nos sitios dos brancos ou practicados, ou primeiro por não acharem modo de voltarem para cima; e depois por já practicados dos brancos. Esta é a pensão maior, e mais custosa que tem os indios, e a contraem assim que saem dos matos, e se fazem cristãos; e é pensão de todos os anos, em que tem muitos descaminhos, e por isso as suas povoações vão cada vez a maior diminuição, e já muitas totalmente se tem extincto.* Muitas vezes socede bem a estas canoas, e fazem grandes cargas, qual mil, ou mais arrobas de cacao; qual duzentas até 30 de cravo, ou de salsa se deram com boas paragens onde a poderam fazer; outras trazem menos; e outras voltam sem carga, e voltam perdidas, porque nem trazem, com que resarcir os gastos: E só os cabos, que ordinariamente são brancos, que metem os donos para excitarem os indios ao trabalho, e lhes tomarem conta é que nunca ficam perdidos, porque sem meterem prego nem estopa nas canoas, nem concorrerem mais para elas do que com as suas pessoas, recolhem no fim da viagem os quintos de toda a carga;* v. g. *se a canoa traz mil arrobas de cacao, cabem ao cabo 200, e assim a mais carga: o que tudo lhes fica livre, porque até o sustento de toda a viagem corre por conta dos donos, e dos indios: Digo dos indios; porque os donos ordinariamente lhes não dão mais matalutagem do que farinha; e os indios são os que pelo discurso dela pescam, ou caçam para os cabos primeiro, e depois para si.*

CAPÍTULO 2º

DOS GRANDES INCONVENIENTES QUE TRAZEM CONSIGO AS CANOAS DO SERTÃO.

Estas canoas do sertão em que os habitantes do Amazonas tem postas todas as esperanças da sua maior fortuna, e da sua maior riqueza, bem pon-

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

derados os seus riscos, e contingências, não só não são a maior fortuna, mas antes o maior laço dos seus moradores; andam acompanhadas de tantos acasos, que bem se pode dizer delas, que são maiores os seus inconvenientes, do que os seus lucros; não duvido, que a muitos moradores tem enrequecido; mas quantos são os que tem empobrecido? a quantos tem empenhado? a quantos tem perdido? engana-os a esperança de virem bem socedidas, bem carregadas, bem navegadas; mas ao depois ficam por portas, quando vem feitos, e certos os gastos, e nenhuns avanços, e lucros: mas como esta verdade é defícil de acreditar-se naquele Estado quero aqui apontar alguns dos seus muitos inconvenientes, para que se acabem de desenganar; e depoes lhes proporei em outro capítolo outro mais fácil, e certo meio de haver as riquezas do sertão. O 1º inconveniente são os gastos da viagem, e a incerteza dos lucros; porque não se prepara, nem expede ũa canoa para as colheitas do sertão com menos gastos de 300 para 400 mil réis em farinhas para comerem os índios, em pagamentos dos mesmos índios, em águas ardentes, ferramentas, e mais aprestos necessários da canoa; e ordinariamente compram, ou alugam os moradores estas canoas por outro tanto, ou pouco menos dinheiro; e para fazerem estes gastos tomam fiadas nos mercadores as fazendas, e drogas com a esperança, e promessa de satisfazerem na torna viagem. Estes gastos são certos, nem podem sem eles expedir as causas, porque os pagamentos se vão fazendo logo aos índios, assim que os vão recebendo pelas missões, e os índios tirando para si o necessário deixam o mais para remédio de suas mulheres, e famílias na sua grande ausência.* A incerteza, e contingência dos lucros é tãobẽ certa; porque por mais esperanças, que tenham do bom sucesso ninguém se pode prometer boa fortuna, porque depende de outras muitas contingências, como são de que não fujam os índios, que muitas vezes fogem alguns, e outras vezes todos, e deixam a canoa, a cabo sós; de que não adoeçam, o que é muito de temer pelo insano trabalho e má vida, e às vezes grandes fomes, e sedes, que padecem, especialmente os que vão ao cravo, e salsa, e se embrenham pela terra dentro, e centro dos matos, onde não comem mais do que algum bocado de farinha, que levam de provimento, e algũas frutas bravas, que encontram, e muitas não acham água algũa, outras vezes bebem só algum suco, ou água de cipó; dormindo ao sereno, e isto por 10, 15, e as vezes muitos mais dias continuos; De que encontrem boas colheitas nas paragens, a que aportam, e levantam a feitoria; porque muitas vezes socede não acharem naquela paragem cacao, v. g., que buscam depois de muitos dias, ou semanas, que gastam na factura das feitorias, e descobrimento das matas; e vem-se obrigados a buscarem, e fazerem de novo outras feitorias com a mesma contingência, em que gastam todo o tempo, e chegando o tempo da torna viagem, se vem obrigados a voltarem sem nada. Depende tãobẽ de não serem sentidos, nem assaltados dos índios bravos, porque sendo-o, socedem mortes, socedem feridos, e quando a bom livrar, se vem obrigados a largar o campo, a deixar as feitorias a buscar outros rios, eleger novas paragens, levantar de novo feitorias; e enfim trazem consigo tantas contingências estas colheitas, e depende o seu bom sucesso de tantas condições, que nada menos tem de certo, do que a certeza dos gastos, e a incerteza dos lucros; nem se pode segurar para o ano seguinte melhor fortuna; porque as colheitas variam nos anos; uns anos carregam as*

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

matas, v. g., de cacao neste rio; outros anos não dão nada; e assim nos mais. O 2º inconveniente e é o principal; é a perturbação dos missionários, o desassossego das missões, o desarrancho dos índios, e a perdição das aldeias: o desassossego dos missionários é grande, e muito grande, porque por mais que deseje satisfazer a todas as Portarias, e deseje contentar a todos os brancos sertanejos ũas vezes não acha índios; outras vezes é necessário despachar os oficiaes a buscá-los pelos sítios; outras vezes não querem, e se escondem pelos matos, e é necessário mandar em busca deles como quem anda com um furão à caça dos coelhos: Outras vezes se vem obrigados a mandar os mesmos oficiaes por mais precisos que sejam nas aldeias: é inexplicável o discômodo, e desassossego, que causam estas Portarias, e a sua execução aos missionários. Porque não vale dizer aos brancos, que não há índios, que os que havia já tem partido adiante: porque a nada atendem mais, do que a serem servidos; e reparam pouco em perderem o respeito, em descomporem, e ameaçarem aos missionários.*

Muitos casos podia contar para confirmação desta pouca atenção dos brancos, e desassossego dos missionários; bastará contar um entre mil, que a mim mesmo me socedeo em ũa missão: tinha ela pouca gente; e a maior parte já tinha saído em muitas canoas. Chega neste tempo um sertanejo apresentando a sua Portaria, e pedindo ser despachado com um índio de que ela rezava; dei-lhe boas palavras, com intento tãobẽ de boas obras; mandei fazer diligência por haver algum índio, mas não aparecia: mandei outras, e outras vezes, e nada menos, porque algum que havia se escondia; destas diligências era testemunha o mesmo branco, mas a reposta nenhũa se accomodava, antes já impaciente da demora desabafava em palavras, e ameaçava com violências; cheguei a pedir-lhe que fosse ele mesmo, ou só ou acompanhado por toda a povoação disfarçando a diligência com algũas drogas, ou resgates para fazer algũas compras, como costumam fazer algũas vezes os brancos; e que aonde visse algum índio o segurasse, e levasse; fui demasiado na licença, mas a muito mais obrigam às vezes homens desarrasoados. Foi ũa, e mais vezes, nada achou; mas não se accomodava, antes procedendo já a descomposturas protestava que não havia de sair sem algum índio, ainda que fosse dos oficiaes da aldeia, ou que iria esperar os pescadores, quando à noute se recolhem com a pesca, e que os levaria por força; enfim por evitar absolutas lhe dei um rapagão que ainda que tão fraco oficial de cozinha como eu, me faria um bocado de comer. Destes e outros muitos pequenos casos podia eu contar às dúzias: Quantos brancos não se contentando-se com os índios, de que fazem menção as suas Portarias, apanham outros, e ainda oficiaes públicos, como pescadores, ferreiros, e sacristãos? quantos indo pelos sítios dos mesmos aldeianos amarram não só os índios que podem, mas tãobẽ as índias, e as levam nas canoas? quantos os maçam a pancadas, e talvez matam, se lhes repugnam? Tudo isto são pontadas nos missionários, inquietação, e desassossego.* A perturbação das missões se pode inferir, do que temos dito; porque já se vê que não pode haver paz, quietação, e sossego, onde os moradores nem nas suas mesmas casas vivem seguros, e sossegados: mas que digo em suas casas; nem ainda nas suas igrejas podem acudir, e assistir seguros os pobres índios; pois tem socedido occasiões, em que alguns militares, que pelo serem, já cuidam, que podem fazer quanto querem, vigiando o tempo, em que os índios estejam bem descuidados na igreja ouvindo*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

missa, acometem, e cercam a mesma igreja: e amarrando os indios, que querem, os obrigam a ir remar-lhes as suas canoas, sem lhes concederem ao menos o despedirem-se de suas familias, e reunirem algũa cousa para a viagem! O desarrancho, e discômodo dos indios é tãobẽ um dos maiores inconvenientes; porque as canoas dos moradores por ũa parte, as canoas dos militares por outra, e as expedições dos governos para o serviço real, além do desassossego dos missionários não deixam sossegar os pobres indios, fazem-nos andar em ũa roda viva; fora disso ficam suas molheres como viúvas, e seus filhos, e familias como órfãos: quantos padecem fome, e misérias por não terem nas aldeias seus pais e maridos, que lhes busquem de comer? quantos morrem ao desamparo por terem aos pais ausentes? quantas vezes os fugidos lhes roubam os sitios, e as vezes os mesmos filhos, e filhas, que levam consigo por não terem consigo aos pais, que os defendam. Enfim tudo são desarranchos para os indios; tudo discômodo para suas familias, e tudo perdição para as aldeias, missões, e povoações dos indios.* Que seja esta repartição dos indios a perdição das suas aldeias são prova bem clara as mesmas missões, das quaes muitas já totalmente se acabaram; outras já no meu tempo estavam findando; e todas vão em ũa manifesta diminuição, e decadência como advertio já no seu tempo o grande Padre Vieira: E senão fossem os continuos desvelos dos missionários em practicarem, e descerem dos matos copiosos, e repetidos descimentos com que vão tenteando, e conservando as suas missões, já a maior parte delas teriam acabado; porque há muitas, que não obstante serem antes mui numerosas, e populosas apenas já só restava algum casal, ou alguma pessoa da sua nação; em outras já não restava pessoa alguma. Me contou um missionário que a sua missão já contava 30, e tantas nações com que se fora sempre conservando por outros tantos descimentos; e que das primeiras só constava a fama pelos livros, e de outras nações apenas restava algũa alma; e pouco depois da sua, e total expulsão dos jesuítas das missões, tive eu noticia, que a dita missão apenas já só tinha cinco indios.*

CAPITULO 3º

QUE AS CANOAS DO SERTÃO NO AMAZONAS SÃO O MAIOR ESTORVO DOS SEUS AUGMENTOS.

O 3º inconveniente das canoas do sertão é o serem o maior estorvo, e impedimento dos augmentos do Estado do Amazonas; e o maior argomento

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

da pobreza dos seus moradores europeos: e o provo não só com o que fica dito no capitulo passado; mas tãobẽ com o que vou a dizer neste: São impedimento aos augmentos daquele Estado; porque são a destruição das aldeias, e missões; e são o laço ou sebo dos moradores: Sabem todos os europeos moradores do Amazonas, e o dizem publicamente que o nervo daqueles estados são as missões dos indios, como na verdade assim é segundo a economia ategora practicada: sendo pois as repartições, e Portarias dos indios nas canoas do sertão a destruição das aldeias, como temos dito; segue-se por boa consequência que destroem o seu nervo; logo tãobẽ o augmento dos estados, a quem faltam os meios necessários para a sua conservação nunca pode ter augmentos. Que as missões dos indios sejam o seu nervo, e os meios necessários segundo a sua práctica economia, é certo; porque as missões são as que mais constituem aqueles estados, e os fundaram: Os indios são os que cultivam a terra, os que remam as canoas, e com que se servem os brancos; são tãobẽ os que extraem dos matos as riquezas; os que fazem as pescarias, e finalmente são as mãos, e pés dos europeos. São os prácticos, e pilotos da navegação, e os marinheiros, ou remeiros das canoas, e são tudo: Sem eles se não podem roçar as matas, senão podem navegar os rios; senão podem penetrar os centros, e senão podem subjugar os levantados. Servem-se com eles os brancos; servem-se os missionários; com eles, e por meio deles se practicam as nações bárbaras, e se fazem os descimentos: porque são os prácticos do país; os habitantes, e senhores daquelas terras, de sorte, que se tivessem ânimo, e quisessem podiam estrafegar, e lançar fora quantos europeos se lhes avantajassem; para que vejam estes quanto enteressam na sua amiúde, e boa correspondência. Constituindo pois as missões e os indios a maior parte daqueles estados; e dependendo tanto deles a sua conservação, subsistência, e augmento bem se vê que as canoas do sertão pela derrota que fazem nas missões são o maior impedimento dos seus augmentos: e tanto mais descaso do Estado, quanto as suas missões mais forem descaindo: verdade, que tem bem aclarada a experiência; por quanto nos anos antecedentes, enquanto as missões estavam mui populosas eram em muitos mais as canoas, que iam ao sertão, do que agora, que já havia minos indios que repartir aos moradores: eram tantas as colheitas das riquezas do sertão, que não chegavam as frotas a poder carregá-las para a Europa. Havia ano, que só de cacao se embarcavam para o reino 80 mil arrobas, e talvez ficava muito por não se poder embarcar; e já no meu tempo de 50 para 59 anos apenas chegava o embarque do cacao a** e talvez, que já tenham diminuido muito mais as remessas: que tanto tem descaído aquele Estado.* São tãobẽ estas canoas do sertão a principal causa, e argumento da pobreza daqueles moradores por várias rezões 1º porque como as missões são o maior nervo do Estado, e os indios são os pés, e mãos dos moradores brancos, de sorte que, como eles dizem, não podem viver sem eles; segue-se que quanto mais as missões forem a menos, mais sentirão os moradores a sua falta; menos servidos serão, e per conseguinte mais pobres: cuidam eles, que com ũa boa colheita do sertão ficam não só remediados, senão tãobẽ ricos; e por ventura que muitas vezes assim socede; mas não atendem a que pelos anos adiante já não terão indios não só para as canoas do sertão, mas nem para outro qualquer serviço. 2º*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

** *Um espaço em branco no manuscrito.*

porque as missões, e os seus índios, ainda fora as canoas do sertão, são o remédio de muita gente; e provêm de farinhas a muitos moradores; porque achando-se falta os moradores da farinha para suas casas, e famílias, vão ou mandam às missões, e logo ficam providos.

Bem conhecem todos esta grande utilidade das missões em proverem de víveres os moradores, e por isso aconselhava (com muita rezão) um eclesiástico natural, e de muita experiência do Amazonas, que ũas 3 missões, que ficavam pouco distantes da cidade do Pará se deviam aliviar da repartição dos brancos, e canoas do sertão só para que tivessem tempo, e estivessem desocupados para cultivar as terras, e farinha de pao para provimento dos moradores daquela cidade: e dizia bem porque ainda com a pensão das canoas eram o remédio de muitos, e ũa feira contínua de farinha não só dos moradores do Pará e suas vizinhanças, mas tãobẽ de outras povoações; e a vila de São José do Macapá, que no meu tempo se fundou com ilhéos da Ilha das Flores às ditas 3 aldeias deve não só a sua fundação mas tãobẽ a sua subsistência; porque por alguns anos antes se provia dos víveres de farinhas, a cuja falta pereceriam todos os novos povoadores à fome.

Sendo pois o remédio dos moradores as missões nos provimentos dos víveres, quantos menos forem os índios, e mais descaírem as missões, tanto mais pobres se verão os brancos; e como a causa desta diminuição são as repartições dos índios nas canoas do sertão, segue-se tãobẽ que as mesmas canoas são a causa da sua pobreza, e virá talvez tempo, em que totalmente se acabe este remédio dos brancos acabando-se as missões. São tãobẽ as canoas do sertão a causa da pobreza dos moradores ainda por outra rezão mui atendível, e é que por causa, e esperança do bom sucesso das canoas deixam de cultivar as suas terras, e de fazer as suas fazendas; sem advertirem, que se pelo tempo adiante faltarem as missões, e faltarem os índios, ficarão pobres, e ficarão sem nada; porque fiados nas colheitas do sertão, não quiseram cultivar os seus sítios: e assim já lhes socedeo a muitos, porque não podendo já as missões repartir tantos índios como antes; nem podendo já por outra parte fazer os gastos para despachar as canoas, só se acham com a pobreza que tem nos sítios, vindo a ser as canoas [roto o manuscrito] esta causa a perdição dos moradores.

Tãobẽ é grande inconveniente o não poderem igualmente todos os moradores aproveitar-se deste meio para as colheitas do sertão, ainda quando elas fossem o meio de enriquecer; mas ordinariamente só os ricos, e senhores de canoas, e de escravos, que são os que menos necessitam; e a rezão é: porque primeiro necessitam de canoa grande, a que chamam canoa de viagem; e os pobres não tem quem lhes faça; e posto que alguns as compram, ou alugam para semelhantes viagens, só são os que tem cabedaes para as pagar se as compram, ou resarcir o dano se se perdem, e nada disto podem fazer os pobres ainda que se fiem na esperança de boas colheitas, e de bom sucesso, porque tudo é contingência. Além disto tãobẽ os pobres não podem, porque não pode[m] fazer os gastos indespensáveis do preparo, e pagamentos dos índios, e se os fazem tomando fiados dinheiros, ou fazendas se expõem a ficarem ao depois por portas, e individados se as canoas tiverem algum mao sucesso.

Ainda por outro capítulo mais não podem a gente vulgar mandar, ou ir ao sertão, porque como os índios, que se lhes concedem os hão de ir recebendo pelo discurso da viagem, e pelo Amazonas acima, é-lhes necessário

sempre ter alguns escravos, que lhes vão remando as canoas saltem *até recolherem alguns índios, quantos sejam suficientes a levarem as canoas; ou quando não, necessitam de ir primeiro em canoetas mais ligeiras buscar alguns índios pelas missões, voltar com eles à cidade, ou lugar onde tem as canoas grandes, para que as possam conduzir, o que para os pobres não são piquenas dificuldades; e daqui nace, que só os mais ricos é que despacham canoas ao sertão, e rara a vez algum pobre: e para estes taes poderem ter algũa fortuna se ajuntam por cabos das canoas dos ricos. Outros maiores inconvenientes tem estas canoas do sertão sobre o esperitual das missões, e dos índios; porém a eles não olham os brancos, mas só para as suas conveniências temporaes; e porque tãobẽ hei de tocar esta matéria, quando falarmos no Tratado das Missões, acabo já este capítolo; e passo a dar melhor economia para com menos danos, e com mais certeza poderem enriquecer aqueles habitantes.*

CAPÍTULO 4º

APONTAM-SE MELHORES MEIOS PARA SE HAVEREM AS RIQUEZAS DO AMAZONAS.

Dous meios ambos mais fáceis, e ambos mais certos tem os habitantes do Amazonas, para se poderem melhor utilizar das suas muitas, e grandes riquezas, igualmente úteis a pobres, e ricos, com menos gastos; com menos sustos; sem riscos, nem contingências de mao successo: e se deles se tivessem aproveitado os moradores nos seus princípios seriam os mais ricos homens do mundo: Ainda porém deles se podem aproveitar assim os antigos moradores, como todos os novos povoadores com tanta felicidade que em cousa de 6, ou 7 anos podem enrequecer de tal sorte, que não sejam suficientes as maiores frotas a poderem transportar os seus muitos haveres; ambos aprendi por experiência nos anos que vivi nas missões daquele Estado; nem me parece, que se pode dar melhor meio para bem dos seus habitantes, e para o maior augmento dos seus estados.

O 1º meio é fazerem aqueles moradores hortenses as riquezas do sertão ou por seus escravos (se os tem) ou por si mesmos se os não tem sem apelarem, nem terem necessidades de índios das missões; e isto ou continuem com o cultivo da farinha de pao, como antes; ou melhor com as searas dos trigos, e mais searas da Europa. Já sabem todos aqueles habitantes quão óptimas sejam as suas terras não só para as searas do grão, e legumes; mas tãobẽ para as especiarias do sertão; porque em toda a parte se dá bem o cacao, o café, a canela, o cravo, as baunilhas, o algodão, e as mais riquezas, que espontaneamente criam as matas: pois devem supor, que não há nas

matas taes riquezas para não se tentarem a buscá-las com tantos perigos, e contingências, e nesta suposição cultivá-las nos seus sitios para com maior certeza terem hortenses, de casa.

Todos o podem fazer; porque todos tem, ou podem ter sitios, e herdades, em que as cultivam, visto ser tanta, e tão vasta terra, e não se negarem a ninguém terras às leguas; logo todos podem cultivar nas suas terras as especiarias, e riquezas do sertão cada um conforme as suas forças, e diligência: podem pois todos fazer cacuaes nos seus sitios, cafezaes; plantamentos de cravo, de salsa, e das mais riquezas, que quiserem; mas especialmente estas 4 espécies por serem as principaes; que podem fazer como na Europa, e mais mundo costumam os lavradores, e senhores de terras plantar vinhas, olivaes, pomares, e hortos; e com muito mais facilidade; porque para plantar ũa vinha cavam fundo os lavradores, trabalham, e suam bem o tupete; e assim os mais plantamentos; e os plantamentos do cacao, café etc. no Amazonas basta só meter a pevide na terra, ou o pé da planta sem mais cavar, nem suar. Não se faz com mais facilidade, e suavidade qualquer outra seara, ou plantamento.

Se os europeos tivessem tanta extensão de boas terras, e podessem fazer com tanta facilidade, e suavidade as suas sementeiras, vinhas, e mais plantamentos sem mais preparação da terra do que enterrar o grão, e meter a vara quão afortunados seriam, quanto blasonariam de ricos? Mas a desgraça é que poucos são os que tem terras suficientes para as searas, que desejam, e só a poder de muito trabalho as cultivam; não assim os habitantes do Amazonas, porque tem terras quantas queiram, e tão boas, que não necessitam para as siaras, e plantamentos mais do que o meter o grão, ou vara na terra; e contudo poucos são os que tem já algũas fazendas de cacao, e café já por muita preguiça, e desmazelo; e já por estarem atidos às esperanças das canoas do sertão; não advertindo no adágio comum que vale mais um passarinho na mão, do que dous a voar; vale mais um plantamento de cacao manso sem riscos, nem contingências; do que a incerteza de grandes colheitas do sertão.

Sejam boas testemunhas desta verdade os moradores, que souberam ter a providência de fazerem plantamentos de cacao, e café, assim a tivessem tãobẽ de plantar cravo, e salsa; porque esses são hoje os ricos daquele Estado; e os que fiados nas canoas do sertão não souberam ter esta providência. Sempre viveram, e vivem com miséria; e se algũa cousa tem é de terem tãobẽ já alguns pés de cacao, e de café; porque na verdade poucos são hoje os moradores estáveis daquelas terras, que não tenham já hoje tomado esta providência; mas contetam-se com pouco podendo ter muito; e só esse pouco é de cacao, e café, e nada mais; e o mais notável é, que vendo a facilidade destes plantamentos, e o muito, que fructificam, e tendo terras de muita superabundância, em que podiam continuar as mesmas fazendas, há muitos moradores, que apenas tem um par de pés e nada mais; são nisto semelhantes aos tapuias mansos, os quaes vendo a estimação que os brancos fazem do cacao, plantam tãobẽ alguns pés nos seus sitios, mas só para a vista.

Pois tenham entendido, que a melhor providência que podem ter para escusarem as canoas do sertão tão contingentes é o fazer hortenses as riquezas do mesmo sertão; podem ter de casa, e à porta, o que vão buscar tão longe: podem fazer ũa grande fazenda de cacao; outra de café outra de salsa, outra de cravo, com advertência; que ainda no caso, que soubessem que as canoas do sertão lhes viriam sempre bem socedidas, e que lhes haveriam de trazer v. g. *mil arrobas de cacao, mas valem 100 arrobas no seu sitio, do*

que as mil do sertão, porque computados os gastos da preparação, matalutagem, pagamentos dos índios, e quintos dos cabos com as contingências, perigos, doenças, sobressaltos etc. vem a valer mais aquelas 100 do que as outras 1000: e tãobẽ para se não exporem a faltar-lhes para o futuro as missões, e índios, como na verdade já vão faltando, e terem a que se tornar nas fazendas, que tiverem cultivando os seus sítios.

Seja testemunha desta boa economia, e prudência um morador do mesmo Amazonas, que não nomeio, por não fazer injúria à sua humildade, o qual sem ter escravo algum, nem querer, como podia, arriscar a sua fortuna com canoas ao sertão, que se um ano vem bem sucedidas, vem empenhadas em muitos outros, escolheo antes a providência de cultivar, e fazer hortenses algũas espécies, e fez plantamentos de cacao, e café, com tal fortuna, que confessavam outros moradores; que em poucos anos seria um dos mais ricos habitantes do Amazonas; porque sem contrair dívida alguma, ia já tendo colheitas mui copiosas, tanto, que só a colheita do café de ũa só vez (porque tem várias colheitas no ano) vi eu que passava de 80 arrobas sendo ainda nos seus princípios, que poucos anos depois veria a dar em muitos dobros, sendo que o café é o mais custoso gênero de beneficiar no Amazonas, não porque custe a cultivar, porque basta lançar o grão na terra para logo pegar, e nacer; ou basta meter ũa virgulta na terra para logo pegar; mas tem algũa impertinência o benefício da fava.

Com a circunstância, que para o café, e cacao toda a terra é boa; porque em toda se dá nobremente, porque posto que o cacao natural todo nace em alagadiços, ou terras úmidas, de sorte que nas cheias não só ficam metidos na água os seus pés; mas tãobẽ em algũas paragens ficam submergidas as mesmas árvores, contudo o cacao manso, isto é hortense, dá-se bem em toda a terra ou seja úmida, ou alagadiça, ou firme, ou alta; porque em todas estas paragens o vi muito bem florente, crecido, e frutífero. Não obstante porém, visto que as terras alagadas, de que sempre há algũa parte nos sítios de cada um, não servirem para o cultivo da maniba, nem para as searas de grão; se podem aproveitar em boas fazendas de cacao, e ficarão terras de muita utilidade, as que antes se tinham por inúteis.

E para que todos se possam aproveitar desta tão prudencial economia direi aqui o modo de o cultivar. Os antigos quando queriam fazer algum plantamento de cacao; levantavam da terra um girao, isto é, um, ou mais canteiros levantados da terra sobre paos para evitar as muitas águas no inverno; e em cestos, ou fofos cheios de boa terra, que regavam de quando em quando lançavam as pevides de cacao e com cuidado as cultivam assim um ano; no entretanto que elas se punham capazes de se transplantarem alimpavam o terreno, em que haviam de fazer o plantamento; e neste terreno punham pés de pacoveiras bem compassadas de braça a braça do amussim, isto é a corda; e depois de estarem as pacoveiras bem copadas, e sombrias, e depois de terem já um ano as tenras plantas do cacao as tiravam com algũa terra, e com todas as suas raizes, e as transplantavam por baixo das pacoveiras tãobẽ à corda, e com distância de ũa braça de planta a planta, porque ficam assim mui vistosas, e com belas ruas para se passearem por baixo, e quando ao 3º ano que é o 2º do seu plantamento já as plantas se iam copando, e fechando cortavam então as pacoveiras, e desassobravam o cacao.

Esta praxe é muito boa enquanto aos plantamentos, pela dita rezão de ficarem as fazendas bem vistosas, e passeáveis por baixo como tãobẽ o costume que tem de entresacharem pelas ditas fazendas de cacao algũas outras

árvores como laranjeiras, abacateiros, beribareiros, e outras, porque além do regalo, e variedade das suas frutas, tem mostrado a experiência que o cacao fructifica melhor à sombra delas: em quanto porém à sua semeadura nos giraos, e cuidado nas terras plantas, é trabalho escusado, como tãobẽ a experiência o tem mostrado; porque basta meter o grão na terra à sombra de algũas árvores; ou na mesma terra em que querem fazer a fazenda por baixo das pacoveiras que sem mais trabalho crecerá, e medrará.

O mesmo que tenho dito do cacao, digo do café, da canela, do cravo, e mais fazendas, que quiserem; e ainda com mais facilidade o podem fazer, segundo ouvi a alguns prácticos, e é, que sem mais semeaduras à parte, nem plantamentos por baixo de pacoveiras; nem ainda com precisão de pacoveiras se pode meter a fava por baixo da maniba, quando se faz o seu plantamento; ou juntamente com os milharaes, quando se fazem as suas semeaduras, porque basta a sombra dos milhos, ou da maniba para livrar do sol as plantas do cacao; tendo cuidado de que quando arrancarem as raízes da mandioca não arranquem, nem ofendam as raízes do cacao; e tãobẽ antes de fazer as colheitas da mandioca; ou dos milhos, se semeam outros, para que nas colheitas dos primeiros, milhos fiquem os segundos substituindo o seu lugar, e cobrindo com a sua sombra o cacao, enquanto ele não fecha, como faz do 2º para o 3º ano.

Daqui se há de inferir, que não é necessário para fazer estas semeaduras, ou plantamentos mais do que meter o grão, ou fava na terra de sorte, que fique coberta, sem mais preparos nem de cavar, nem de lavrar, e muito menos estercar a terra; e que morador por mais negligente que seja deixará de fazer ũa sementeira de cacao, que por divertimento pode fazer em um dia, ou só em ũa tarde? quem deixará de fazer um bom plantamento das tenras plantas, que em poucos dias pode fazer, sendo tão fácil? pois é tal a incúria dos moradores, que não tem tomado a resolução de o fazer atidos às canoas do sertão tão contingentes; sendo que logo ao 3º ano, ou o mais tardar do 3º para o 4º entram estes plantamentos a fructificar, e a pagar com muitos lucros o piqueno trabalho do seu cultivo.

E no café ainda com mais brevidade se podem fazer grossas colheitas; porque fazendo o seu plantamento de virgultas, ou varas; ou de plantas, que nacem espontaneamente por baixo dos cafezeiros grandes das pevides, que caem, e logo pegam na terra, fructificam tão depressa, que no mesmo ano, ou do primeiro para o 2º já entram a fructificar com boas colheitas: assim experimentou um morador, o qual acompanhando-me a um sitio de outros brancos, aonde fui chamado para administrar os sacramentos a um moribundo; e saindo com ele, e donos da casa a tomar o fresco por baixo de um cacual, e cafezal, vi o terreno tão coberto de tenras plantas já crecidas a cousa de 3 palmos, que lhe aconselhei levasse bastantes para o seu sitio, e fizesse delas um bom plantamento; tomou o conselho, arrancou muitos milhares, que levou em muitos feixes, com muito gosto dos donos por lhes tirar o trabalho de os arrancar, como costumam; fez o seu plantamento e mui brevemente entrou a colher muito café.

E sendo tão fáceis de fazer estes plantamentos, e fazendas, ainda são mais fáceis de conservar; porque são fazendas estáveis, nem necessitam de mais vigilância para a sua conservação, do que os pomares, e hortos do Reino, e da Europa; e só necessitam de lhes arrancar alguma erva de passarinho, a que são sujeitas as árvores do cacao; e se pelos anos adiante forem secando algũas plantas por rezão de chegarem com a raiz ao barro branco, a que

chamam tabatinga; que alguns dizem as faz secar; não tem nada o remédio, ponha-se ao pé da árvore, que dá mostras em algum ramo de querer secar, outra virgulta, que virá a soceder em seu lugar, de sorte que quando a velha árvore parar a dar fruto já a nova planta suprirá o seu lugar, e desta sorte renovando-se as velhas estará em seu vigor a fazenda, assim como se renovam as videiras, e cepas velhas para se conservar sempre a vinha; ou como se faz às oliveiras, e mais árvores fructíferas, em que outras de novo vão so[ce]dendo às árvores velhas. As fazendas de café não correm esse perigo; e só necessitam algũas vezes de lhes decotar alguns ramos, quando elas são tão viçosas, que impedem por baixo os caminhos.

CAPÍTULO 5º

MÉTODO FÁCIL PARA PÔR EM PRAXE ESTA ECONOMIA.

Antes de dizermos o 2º meio de fazer hortenses as especiarias, e riquezas do sertão; quero primeiro insinuar o modo, ou método de como se pode pôr em praxe esta econômica providência que temos dito; e ficará já dito que ũa vez, porque tãobẽ se pode observar no 2º meio, que daremos. É certo, que todos os moradores do Pará, e Amazonas tem terras, e sítios; ou quando os não tenham os podem ter, porque a ninguém, dos que as pedem, se negam; porque são terras imensas, e se concedem às légoas; e se alguns as não tem, nem pedem, é por não terem escravos, nem canoas próprias com que se possam servir para as idas, e vindas, visto que não há outros caminhos ordinariamente senão por água; mas como este impedimento já ficará tirado com a providência, que demos, e já supomos dos barcos comuns, já tãobẽ, os que por esta causa as não tinham, as podem ter.

É certo tãobẽ, que em todos os seus sítios fazem seus donos as suas roças para a maniba, ou farão para as searas introduzidas da Europa, segundo a milhor, e primeira economia, que dissemos ao princípio; uns mais, outros menos; os que tem escravos numerosos fazem maiores roçados, e muitos conforme as sementeiras que, querem v. g. *para maniba, outras para algodão, outras para arroz, e para milhos, caniviaes etc, outros: quem tem menos escravos, ou nenhuns se contentam com um só roçado* v. g. *para a maniba, quanto maior, ou menor querem, ou podem; mas todos fazem estes roçados todos os anos, e ordinariamente duas vezes no ano; e tãobẽ podem fazer grandes roçados ainda, os que são sós e não tem escravos, usando da indústria, que tãobẽ dissemos ao uso dos tapuias bravos. Suposto isto**

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

Digo agora falando primeiro na praxe antiga da farinha de pao: assim que acabam de fazer o roçado, que costumam, para a farinha de pao, e o seu plantamento, semeem logo por entre a mesma maniba pevides de cacao, para que vá saindo, e crecendo à sombra da maniba, porque nem a maniba fará mal ao cacao, nem o cacao a maniba; acabado o ano, e feita a colheita da maniba sem dano das tenras plantas do cacao, se disponham estas à corda no caso, que algũas não estejam bem direitas; e se faça logo por entre elas ũa sementeira de milho, ou se lhes ponham pacoveiras para cobrir do sol: e no caso, que queiram com melhor acordo segurar estas tenras plantas dos calores do sol tenham já preparadas as pacoveiras no terreno do roçado do ano antecedente, e debaixo delas disponham as plantas do cacao; ou tiradas de entre a maniba antes de esta se arrancar; ou de algum canteiro, onde se tinham semeado à sombra um ano antes, e já na terra, que costumam deixar devoluta ficará um plantamento de cacao, nele ũa fazenda estável.

E já no mesmo tempo podem fazer um outro canteiro de cacao para dispor no roçado da maniba, que no ano seguinte tãobẽ há de ficar devoluto depois de arrancada a maniba; e deste modo podem ir estendendo cada ano os plantamentos de cacao, e aproveitando as terras, que depois da maniba vão ficando livres com boas, e estáveis fazendas com tão bom successo, que em poucos anos podem sem mais trabalho ter convertida em cacuaes (o mesmo digo do café) ũa grande parte dos seus sítios; e cada ano com mais facilidade porque como as pacoveiras crecem, e se multiplicam muito; cada vez mais para diante mais pacoveiras terão. Outros fazem isto ainda com mais facilidade; porque não se cansam com fazer canteiros a parte; mas fazem o plantamento das pacoveiras no terreno desocupado da roça antecedente; e para se livrarem do trabalho de transplantarem as plantas do cacao, semeam as pevides logo por baixo das pacoveiras; e quando o cacao vem arrebentando, e saindo da terra já acha nas pacoveiras boa sombra, que o cobre, e é o mais fácil modo de o cultivar, per não andar com canteiros, e transplantações.

Quasi do mesmo modo se pode practicar pelos que repudiando a farinha de pao pelos inconvenientes, que dissemos em seu lugar, cultivarem com melhor providência os trigos, e searas da Europa; porque tendo as pacoveiras preparadas as podem ir dispondo pelo terreno depois das colheitas, e logo por baixo fazer os plantamentos do cacao, se de antemão o tiverem nos canteiros, ou semeando as pevides por baixo das pacoveiras como acabamos de dizer. Mas como insinuamos no dito lugar da maniba, e searas que é melhor fazê-las sempre na mesma terra como fazem em todo o mundo, em tal caso tãobẽ será melhor, sem bulir nas terras de semeadura fazer os cacuaes em alagadiços, ou nas terras mais baixas, e úmidas: Onde mandando primeiro alimpá-las dos matos no tempo, em que estão mais enxutas, fazer primeiro ũa boa sementeira de arroz (são as terras úmidas, e alagadiças muito próprias para o arroz) e assim que se fizer a sua colheita, e ficar limpo o terreno, plantar as pacoveiras, e semear por baixo delas o cabo; e porque as águas, que vierem poderão matar algũas plantas deve haver a providência de ter feito canteiros, para deles suprir as plantas mortas; ou fazer todo o plantamento quando as plantas já tiverem [ilegível].

Vem-se a cifrar toda esta práctica em aproveitar todos os anos, ou ao menos por alguns, as terras dos roçados dos anos antecedentes, e corver-

tê-los em boas fazendas de cacao, de café, de cravo, de canela, e do mais que quiserem no uso da maniba; e aproveitar as terras alagadas, e úmidas, além das searas da Europa, tãobẽ em bons cacuaes; basta para verem as grandes conveniências deste método a experiência de 3 anos, porque já nesse tempo começarão a fructificar os primeiros plantamentos, e darão seus donos muitos parabéns à sua fortuna do piqueno trabalho que tiveram, e em poucos mais continuando a mesma economia verão como não necessitam de mandar canoas ao sertão. Tudo isto vi practicado no Amazonas, para que não cuidem os leitores, que falo sem rezão, e que atiro [ilegível] vias no ar; ainda que bastava só a rezão a quem sabe a bondade daquelas terras.

Em ũa missão chamada a missão do Comaru no Rio Topajós quis o seu missionário fazer algũa providência com que escusasse a canoa anual do sertão, e tomou esta resolução boa; Em ũa língua de terra quasi penínsola alagadiça nos tempos da chea, e por isso inútil, e desprezada segundo a praxe practicada de desprezar semelhantes terras, mandou fazer um piqueno roçado, em que mandou plantar ũa casta de maniba, a que chamam macacheira, que se dá bem nas terras úmidas; e à parte fez um canteiro de pevides de cacao; Acabado o ano, ou quando já a julgou de vez, mandou fazer a colheita; e continuar para diante outro roçado: e no primeiro terreno, depois de expedito, mandou plantar pacoveiras, depois de pegadas, e sombrias as plantas do cacao, que tinha já capazes no canteiro; e fez o mesmo no 2º ano, e 2º roçado, e assim foi continuando por 4, ou 5 anos aproveitando sempre os roçados com plantamentos de pacoveiras, e cacao.

Nestes poucos anos se via já ũa muito capaz fazenda de cacao, o do primeiro ano maior, o do 2º menor, mais piqueno o 3º etc. com tão bons princípios, que deziam todos os vezinhos, que já daí a 2 ou poucos mais anos, quando já fructificasse todo não necessitaria o missionário de mandar canoas ao sertão, e na verdade assim era: porque no ano de 56, em que eu vi a colheita [ilegível] primeiro plantamento, que não tinha mais de 800 pés de cacao, deu ele cousa de 60 arrobas de cacao, e diziam os prácticos, que no ano seguinte daria dobrado; e quando já toda a fazenda fructificasse daria ũa grande colheita; Aqui vi tãobẽ, que basta semear as pevides do cacao debaixo das pacoveiras; porquanto crecendo nesse, e no seguinte ano as águas do Amazonas, e Rio Topajós mais do ordinário, sobmergio a maior parte, e matou as tenras plantas; mas mandando o dito missionário meter no seu lugar pevides, soprio com esta providência as plantas mortas, e continuou para diante a mesma economia.

Não sei o que ao depois socedeo à dita fazenda, porque logo no ano seguinte foram expulsos das missões todos os missionários regulares, e nos anos seguintes tãobẽ de todos os ultramares, e de todo o reino os jesuítas, excepto os que ficamos por reféns nos cárceres, ou sepulturas de São Julião, e outras semelhantes, oh Deus! Mas socedesse o que socedesse, como o missionário não fazia a fazenda por ambição, mas só com bom zelo; e boa caridade de aliviar o trabalho dos seus neófitos na canoa do sertão; O que sei é, que já daí por diante teria naquela fazenda com que fazer bem à vontade os seus provimentos, e festas da igreja, sem necessidade de mandar mais canoa ao sertão, cuja boa providência louvavam todos os vezinhos, assim o imitassem tãobẽ; O que quis contar para confirmação do arbítrio, sabendo,

que os exemplos movem mais, que as rezões, e para que aprendam todos o milhor modo de fazer hortenses as riquezas do sertão, e não se fiar nas contingências das canoas, nem multiplicar o trabalho.

CAPÍTULO 6º

PROPÕE-SE O 2[º] MEIO DE FAZER HORTENSES AS RIQUEZAS DO SERTÃO COM OS ÍNDIOS DA REPARTIÇÃO.

Não é o meu intento aqui questionar, ou resolver, se a economia usada na repartição dos índios das missões aos brancos europeos é lícito, ou ilícito; nem se se podem em boa conciência obrigar aos índios nas suas mesmas terras a servir aos brancos sem mais causa do que sair dos matos, e fazerem-se cristãos; prescindo desta matéria, por saber que é muito odiosa, e bastaria a qualquer missionário para ser apedrejado pelos brancos, se dissesse que isto é injustiça: Procedendo por tanto no uso practicado na repartição dos índios para as canoas do sertão, digo que seria muito mais conveniente aos moradores, ao Estado, às missões, e aos mesmos índios empregá-los não nas canoas do sertão; mas em beneficiar as terras, e cultivar os sítios: o que irei dizendo por partes: em lugar de se pedirem, e se concederem os índios das missões para as canoas do sertão; se peçam, e se concedam aos moradores para augmentar os seus sítios, e para lá os conduzam; onde, tendo-lhes provimento de víveres, os occupem em fazer um grande roçado de matas conforme a extensão, que quiserem; ou mais se quiserem fazer diversas searas em diversas partes como na verdade assim costumam fazer os senhores de engenhos de açúcar; porque, além dos roçados costumados costumam fazer outros para os canaviaes: e muitos moradores tãobẽ fazem diversos roçados uns para maniba, outros para algodão, outros para milhos etc. porém ou seja um roçado mui espaçoso para todas essas searas; ou sejam muitos mais piquenos, que equivalham a um grande, nisso se empregam os índios.* E para os que são novatos, e querem principiar a sua vida não há melhor meio para fazer logo um bom sítio, do que alcançar ũa portaria de índios, e empregá-los nisso, porque logo no primeiro ano podem fazer um grande roçado, e nele ũa famosa campina que lhes fique servido para todas as searas que quiserem. Duas dificuldades occorrem nesta práctica: primeira é, que a esses índios se hão de dar os víveres nessa occupação, e se lhes há de pagar o*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

jornal; e como os novos povoadores se supõem faltos de cabedal, porque vão a principiar a sua vida, como hão de poder fazer esses gastos, além de outros mais gastos em achas, e ferramentas precisas para cortar tanto arvoredo. 2ª dificuldade: enquanto se secam os matos roçados, que para secarem e se pôrem capazes do fogo às vezes não bastam dous meses, em que hão de deter esses índios até o tempo das coivaras, e plantamentos? Respondo à primeira com a mesma reposta, que se dá às canoas do sertão: Porque eu falo na suposição de que houvesse de mandar canoas ao sertão e que nesta suposição lhes é mais conveniente fazer e cultivar sítios com aqueles mesmos índios. Nesta suposição digo, que com os mesmos cabedaes, e gastos, que haviam de fazer nas [roto o manuscrito] do sertão; e se costumam para isso empenhar-se, e tomar empréstimos com a esperança do desemprego no successo tão contingente das colheitas, com mais bem fundadas esperanças o podem fazer na cultura dos sitios, porque os frutos da terra cultivada são mais certos, do que as colheitas do sertão, com o adito, que os gastos dos índios na cultura dos sítios são muito menores, do que os que costumam fazer para despachar as canoas, como logo diremos. Respondo à 2ª que no tempo que medea entre o roçado e a sua queima e coivaras etc. se podem occupar os índios em buscar os materiaes, e levantar algũa morada de casas, ou tenda para morar, se ainda as não tem; e se já as tem, e tiver serras podem occupar-se em serrar madeira; ou em fazer pescarias; ou licenciar-se, que possam no entretanto recolher-se às suas aldeias, para voltarem no tempo preciso.*

Vamos agora já a propor as grandes conveniências desta economia: primeiramente é mui conveniente aos moradores, porque fazem deste modo sítios bem cultivados, e fazendas de cacao, e mais drogas, que sempre lhes serão estáveis, e rendosas, e terão à porta de casa com muito sossego, e sem susto as mesmas riquezas, que com tantos gastos, trabalho, e contingências costumam ir buscar ao centro dos matos. É mui conveniente ao Estado; porque tanto mais irá em augmento, quanto mais se cultivarem as terras, e se augmentarem as fazendas; do bem dos particolares resulta o bem, e augmento dos estados. É mais conveniente às missões; porque não terão os seus índios tantos descaminhos no cultivo das roças, como tem nas canoas, e colheitas do sertão; e por conseguinte não terão tanta diminuição; e perseverarão mais na sua consistência, quando não tenham mais augmento. Nem os seus missionários terão tanto desassossego, como costumam no despacho das canoas.

É finalmente mui conveniente esta economia para os mesmos índios operários 1º porque se livram dos sustos, perigos, assaltos de tapuias bravos, e de muitos outros perigos, e trabalhos, que padecem nas canoas: 2º porque estarão menos tempo ausentes das suas povoações, das suas famílias, e das igrejas: se adoecerem podem recolher-se a suas casas, se morrem podem-se-lhes administrar os sacramentos; e se se virem muito oprimidos das violências dos brancos; podem retirar-se: em fim estão ao pé do povoado, ao pé da gente, e ao pé da casa; nem os moradores necessitam de os terem por mais de 3 meses nestes serviços; pois é tanto de sobejo para qualquer roçado, per grande que seja até se cortar, e secar, queimar, e plantar, e já daí por diante os não necessitam, senão quando muito para as colheitas, sendo que estas se podem fazer sem esses adjutórios.

Com as mais searas se podem semear logo no primeiro ano alguns canteiros de cacao, ou de café, ou das fazendas, que queiram fazer nos sítios,

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

para que no seguinte ano estejam já capazes de dispor; então convocando outra vez os índios com nova Petição, e Portaria, e levando-os tãobẽ para os sítios os empreguem primeiro em cortar mato continuando o roçado do ano antecedente para diante, quanto queiram; e enquanto se seca o mato cortado, se occupem ou em fazer colheitas, se as há; ou em plantar no primeiro roçado já devoluto pacoveiras, e por baixo delas as plantas dos canteiros do ano antecedente, no mais que for necessário até ficar o roçado novo seco, e capaz de fogo, depois do qual, e das coivaras, fazer novas sementeiras, que depois de colhidas outro campo expedito para novos plantamentos, para os quaes deve preparar-se novos canteiros; e assim podem continuar muitos anos; mas basta que usem desta economia 3 anos continuados, para já terem mui copiosas fazendas; e podem então outros moradores mais necessitados remedear-se por outros 3 anos para poderem os índios abranger a todos, ou aos que puderem; para que não levem um tudo, e outros nada.

CAPÍTULO 7º

DAS VENTAGENS DESTA ECONOMIA ÀS CANOAS DO SERTÃO.

Exporemos agora as conveniências desta praxe às canoas do sertão, para que aqueles moradores formem ũa cabal idea desta nova economia, além das razões que já dissemos nos capitolos antecedentes. 1ª Ventagem seja nos índios operários; porque separa ũa canoa do sertão com suficiente equipação são necessários v. g. *30 índios, e um cabo (ordinariamente os brancos levam mais) para os roçados dos sítios bastam 15, e ainda 20 são bastantes, mas suponhamos os 15, porque 15 índios a roçar cortam muito mato, e podem* v. g. *em 15 dias fazer um roçado de 800 braças em quadra, ou mais; 800 braças dão um campo mui suficiente a ũa boa seara de trigo, ou de milho, ou de algodão, ou para todas as searas; e depois delas para ũa boa fazenda* v. g. *de cacao; pois tem campo para lhe plantar cousa de* 600000 *mil ou mais plantas; mas como isso seria ũa fazenda desmarcada, se pode dividir em outras espécies, repartindo* v. g. *200 braças para cacao: 200 para café; 200 para canela; 200 para salsa, e assim as mais: está o ponto em ter promptas as plantas em canteiros.* E se parecer mui desmarcado o campo, suponhamos só 200 braças em quadro; que darão lugar para 40000 plantas; que vingadas todas, e crecidas se avaliam cada ũa a cruzado, e fazem 40000 cru-*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

zados de fundo, e principiando a fructificar no 3º ano dará ũa colheita muito mais ventajosa, do que qualquer mais bem socedida canoa do sertão; e augmentando por 3 anos a mesma fazenda; ou fazendo diversas outras espécies, a que não sobirão as colheitas? e isto só com 15 indios sem mais trabalho por dia do que ainda menos de ũa braça de mata, falando nas 200 braças em 15 dias; e se fizerem um roçado de 800, como já dissemos que podem, pois vem a sair a pouco mais de 3 braças de trabalho per dia a cada índio nos 15 dias. Vejam que grandes fazendas, e que grandes riquezas não terão os moradores? 2º ventagem nos gastos, que são muito menores, do que os das canoas; porque primeiro poupam os gastos na compra, ou aluguel da canoa, que não são piquenos; segundo poupam nos pagamentos dos índios; porque já se vê, que os índios para o sertão hão de ser mais em dobro, ou tresdobro, e por conseguinte dobrados, ou tresdobrados são os gastos nos seus pagamentos: tãobẽ poupam muito por rezão do tempo; porque a viagem do sertão é ao mais abreviar de 1 para 8 meses, e quasi nunca, ou rara vez menos de 6 meses; e para o serviço dos sítios bastam, e são de sobejo 3 meses: tãobẽ poupam nos mesmos víveres da farinha, porque bem se vê, que muita mais farinha é necessária para o sustento de 30 índios, v. g. em 7 meses, do que para 15 só em 3 meses: o que tudo bem considerado é de grandes conveniências para os moradores.* 3º ventagem é do tempo: porque no serviço dos sítios bastam 3 meses, e nas canoas do sertão 7 ou mais meses, como temos dito. 4º ventagem é a dos lucros; porque serão muito mais ventajosos na cultura dos sítios, e fazendas, do que nas canoas do sertão, ainda no caso, de que elas façam bom negócio, e voltem bem socedidas: e porque este é um ponto dos principaes, que se deve atender nesta matéria, quero aqui ponderar, e dar a perceber aqueles habitantes o engano, em que estão, de que só com as canoas do sertão, são bem aventurados; e por isso nelas põem toda a sua diligência, e cuidado; e tanto mais cuidado, e diligência põem nas canoas, quanto menos põem na cultura, e adiantamento dos sítios; já dissemos os grandes perigos, e riscos destas viagens; as suas grandes contingências; e como per sua causa ficam muitos moradores não só pobres, mas empenhados; mas eu quero prescindir destas contingências; e supor, que todas essas canoas em todos os anos venham bem socedidas para melhor lhes mostrar o seu engano.* Tem-se por bem socedidas as canoas do sertão quando [ilegível] de cacao, onde é para cima; e ainda só 400, supondo que vão v. g. ao cacao; e o mesmo se pode discorrer dos mais gêneros v. g. cravo, ou salsa etc.; porém eu [ilegível] supor que tragam-lhe mil arrobas de cacao, ou que façam este cômputo com as mais achegas, que costumam fazer de peixes secos, e outras drogas; destas mil arrobas cabem 200 ao cabo da canoa, que são os seus quintos, e ficam 800; destas tirando os gastos, e pagamentos dos índios, que suponhamos são 30, apenas ficarão limpas para o dono 400; destas 400 apenas cabem a cada índio no espaço de 214 dias, que são, e fazem 7 meses pouco mais de 13 arrobas; as quaes repartidas pelos 214 dias sae ainda menos de 2 libras de cacao por dia a cada cabeça, que reputadas a dinheiro conforme se avaliava, e vendia no meu tempo a 1000 réis pouco mais, ou menos a arroba apenas cabe de lucro 3 [ilegível] e por 31 réis que*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

os moradores hão de tirar em 7 meses por cada índio de ganho, se expõem às canoas a tantas contingências, e os índios a tantos perigos, e trabalhos? Ora vejam agora quanto mais lucrariam se ocupassem estes 30 índios no seu sítio; em cousa de 3 meses podem fazer um roçado, queimar e semear, ou plantar de 800 braças, ou mais que dará para cima de 6000 medidas de farinha de pao; e se for de searas de milhos, ou de trigo, ou de algũa das outras da Europa dará muito mais. 6000 alqueires da farinha vendida, a ou avaliada como costumam os brancos pouco mais ou menos a 320 o alqueire some-se os 20000 réis; de cujo cômputo, tirados os gastos, que pelo maior poderão chegar a 200000 réis fazendo a conta aos pagamentos, viveres, e mais precisões ficam ainda 1720000 réis, sem mais divisões de quintos, nem descaminhos: do qual cabe a cada índio no espaço dos 3 meses 57333; e a cada dia 637 réis; vejam quanto mais lucrariam no cultivo dos sítios quanto vae de 637, réis a 31 réis do sertão; pois se occupassem os ditos índios nas benfeitorias dos sítios pelos 7 meses, que costumam gastar no sertão, a que quantia sobiriam os seus lucros?* Tudo isto é feito pelo menor; porquanto as roças (ainda da maniba) que havemos de supor bem socedidas, assim como supomos tãobẽ bem socedidas as canoas do sertão, poderão dar muito mais, como me afirmou um missionário que além de ser natural daquelas terras, tinha já muitos anos de experiência; dizendo de outro missionário seu vezinho, que mandando fazer ũa roça e plantamento de maniba de 400 braças em quadra colhera dela 2000 alqueires de farinha deixando ainda à reveria dos índios no campo cousa da metade; e sem entrar nesta conta o descaminho, que costumam ter estas farinhas, quando se fazem, porque os feitores, e feitoras se vão aproveitando, comendo etc. enquanto a trabalham.* Semelhantes, e talvez maiores avanços teriam, se occupassem em outra qualquer feitoria nos seus sítios v. g. em fazer canoas; porque podem 30 índios em 3 meses fazer 6, ou mais canoas grandes, que se avaliarão para cima de 4 contos de réis; porque há canoas grandes, muito mais caras; e já se vê quanto avançam os lucros sobre os bons successos das canoas do sertão. Do mesmo modo, se os occupassem em fazer um mui extenso canavial para açúcar, ou águas ardentes; e enfim em muitos outros serviços os podiam occupar com dobrados lucros; e sem tantos gastos, nem tantos danos, riscos, e contingências. Bem chegou a conclusão esta verdade um cidadão do Pará; e por isso tirando, como costumavam, todos os anos Portaria para índios se contentava com os poucos, que ajuntava das missões mais vezinhas, e levando-os para o seu sítio os occupava em serrar madeira, e outros serviços, sem querer mais mandar canoas ao sertão; e basta nesta matéria para que se desenganem que as canoas do sertão são mais tentação, do que negócio.*

Advertindo o que temos dito acima, que além destes grandes avanços nas feitorias dos [barcos], canoas etc. podem fazer o plantamento de cacao, ou de outras espécies, como tãobẽ temos dito, nos roçados antecedentes, e devolutos, cujas fazendas lhes durarão toda a vida, e passarão a seus herdeiros; como bens estáveis, e de raiz, com que não só não necessitarão mais

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

de canoas ao sertão, mas antes terão as maiores riquezas daquele Estado: porque deste modo podem fazer hortenses o cacao; o café; a salsa parrilha, o cravo, a canela, a baunilha; o pixurim, o guaraná, e todos os mais gêneros daquele Estado, do que nunca se arrependerão de ter feito; antes pelas grandes, e tão úteis consequências desta praxe não só aos moradores, e particolares, mas a todo o Estado, e fisco régio me parece se devia fomentar com os meios mais conducentes, como são, ou podem ser.

1º proibindo por ũa vez todas as licenças de mandar canoas às colheitas do sertão. 2º não concedendo os índios da repartição, para remar semelhantes canoas, mas só para augmento, e benfeitoria dos sítios, e assim abrangem a mais moradores, porque lhes bastará a cada um 10 até 15 operários por cada ano; e só por espaço de 3 meses, ou pelo tempo que se julgar suficiente ao serviço, que queiram fazer; e tãobẽ só nos primeiros 3 anos que são bastantes a fazer grandes fazendas. 3º não concedendo terras a morador algum, que os peça senão com a condição de nelas cultivarem os sobreditos gêneros do sertão até tantas mil plantas, quantas se julgarem suficientes; antes ameaçando tirar as já concedidas se nelas senão acharem no fim v. g. dos 3 anos o número de plantas assignado: e por outra parte excitando o seu cultivo com promessa de novas terras, em que possam estender os mesmos cultivos: ou com outras, que sejam fomento àqueles moradores.

Enfim são estes os meios, que me parece mais proporcionados para bem dos habitantes do Amazonas; para poderem escusar as canoas do sertão; para fazer hortenses as riquezas das matas, e para serem ricos em pouco tempo: nem há meio melhor para fazerem estáveis as suas terras, abundantes os seus sítios, bem lucrosas as suas fazendas, e bem aproveitado o seu trabalho: O 2º meio é certo que é mais eficaz, porque é ter operários como promptos, com que se sirvam; porém como eles supõem a repartição dos índios das missões que podem faltar pelo tempo adiante por algũa contingência; ou tãobẽ porque os pobres e forasteiros, e novos povoadores não poderão ter cabedaes para os precisos gastos, que sempre se fazem com estes índios, ainda que sejam muitos menores que os gastos das canoas; não tem neste caso melhor outro meio, que o primeiro de ir sempre aproveitando os roçados que fizer, plantando neles pacoveiras, e cacaos, ou café, ou etc.

Advertindo, que só no primeiro ano é que terão algum mais trabalho em buscar, conduzir, e plantar as pacoveiras; porque ũa vez plantadas de tal sorte crecem, e multiplicam, que no ano seguinte terão plantas de sobejo para dispor, e assombrar grandes campos; porque as pacoveiras não são precisas para fazer as fazendas por rezão de si; mas são precisas para assombrarem as plantas tenras das fazendas; e em as plantas crecerem, e se fizerem sombra a si mesmas já as pacoveiras se arrancam, e deitam fora, ou se passam para fazer nova fazenda: mas ainda que estas pacoveiras dem algum trabalho no primeiro ano, tãobẽ brevemente o recompensam com os seus grandes cachos, e diliciosos frutos; e já no ano seguinte dão muita fartura a seus donos; ou antes de ano. E para que não vá tudo em dar regras; tãobẽ argumentarei aqui um modo práctico de fazer um sítio, ou fazenda, que possa servir de aranzel aos forasteiros.

CAPÍTULO 8º

MODO PRÁCTICO DE PRINCIPIAR UM SÍTIO, OU FAZENDA NO AMAZONAS.

Suponhamos, que um forasteiro, quer mudar domicilio para o Amazonas, ou que estando já naquelas terras quer principiar a sua vida, e fazer um sítio, e fazenda permanente, como na verdade socede aos novos povoadores, que para lá [ilegivel] conduzindo todos os anos: e chegado àquelas tão vastas, e grandes matas fica pasmado, e não se sabe dar conselho como há de principiar, ou continuar, nem sabe, o que há, ou deve fazer: E neste caso eu lhe quero dar a mão, e servir de guia para que não desmae, nem se perca naquele laberinto: Primeiramente o suponho conduzido à povoação para, a qual o destinam o magistrado, ou os ministros régios, ou o governo, como costumam; onde achará um tal qual tijupar, ou ramada, com que se recolha com sua família, porque tãobẽ isso corre por conta dos superintendentes; e logo na repartição das terras lhe dão posse da que lhe assignam.

Neste caso a primeira diligência deve ser em cortar algũa mata, se é piquena, ou se é mui crecida, ou ainda que seja piquena, se não quer tomar esse trabalho alimpe-a por baixo dos cipós, e arbustos; e nas árvores lhes machuque à roda ou lhes tire um bocado de casca a roda como quem lhes faz um anel pelo espaço que quiser, advertindo, que quanto mais melhor v. g. 100 braças em quadro, ou 200, ou o que quiser, porque desta sorte é o trabalho muito suave, e à sombra; e em ũa semana pode fazer muita obra; especialmente tendo família que ajude, ou melhor ajustando-se com outros vezinhos, e ajudando-se uns a outros como fazem na Europa: e feita esta diligência deixem secar a mata para ao depois lhe lançar fogo; e não se cansem em buscar para isso indios, porque só nos dias, em que os quiser buscar o podem fazer.

No entretanto, em que os arbustos cortados, e as árvores secam procurem fazer algũa horta, ainda que para isso seja necessário alimpar algum bocado de terra; e se a tiverem ao pé da sua moradia melhor, onde tenham, e cultivem algũa hortaliça, e legumes, porque ũa boa horta é fartura de ũa casa, ou como dizem os europeos é um morgado, ou condado. Não falo aqui no primeiro sustento no entretanto em que o não podem ter de sua lavra porque essa providência costumam tãobẽ ter os magistrados, ou seja farinha de pao, que é o mais ordinário, ou milhos; e se para os moer, e fazerem farinha, e pão deles tiverem de casa um piqueno moinho de mão, como costumam levar já nos seus utensílios muitos europeos terão neles ũa grande providência.

Seco já o roçado lhe lancem fogo, e o deixem arder sem medo, de que ele se estenda às mais matas à roda, que ficarão tão verdes, e viçosas como antes embora que o incêndio do roçado chegue as nuvens, e dure muitos dias; o qual acabado, e sobrevindo-lhe algũa chuva, ou orvalho copioso entram logo a fazer a sua sementeira por entre os paos levantados, e secos; e

para segurarem a sementeira a façam de milho graúdo, porque lhes dará muitos centos por um, e porque em 3 meses farão a sua colheita, e lhes podem entresachar alguns feijões, ou outros legumes pelo meio, e de nenhum modo se metam a cultivar a farinha de pao, pelas rezões, que temos dito enquanto se faz ũa colheita de farinha de pao pode fazer bem à vontade 3 dos milhos, trigos, etc. e tãobẽ podem semear logo algum algodão para darem que ficar à gente feminina, visto que tãobẽ se faz depressa: já sabem pelo que temos dito, que todas estas sementeiras se fazem sem lavrar, nem cavar a terra; mas só picando a terra com algum zarguncho, e meter nos buracos, ou picadas o grão, e cobri-lo com o pé, e ir para diante.

No mesmo tempo, ou logo acabada a sementeira podem fazer algum canteiro de pevides de cacao, e de café debaixo de algũa árvore, quando o queira ter prompto, e capaz de plantar logo no ano seguinte. Acabadas as sementeiras: continuam a fazer por diante novos roçados quanto queiram, ou quantos possam, e fazer da mesma sorte que o 1º, e continuar tãobẽ as mesmas, ou quaesquer outras sementeiras até chegar o tempo de colher a 1ª semeadura, em cujo campo depois da colheita desempedido podem ou fazer nova sementeira dos mesmos milhos; ou se poderem haver logo alguns pés de pacoveiras, dispô-los à corda quanto o permitirem as árvores secas, e ao mesmo tempo semear-lhes per baixo pevides de cacao, ou de café para já no 3º ano principiarem a colher o seu fruto: e nos tempos desocupados ir continuando os roçados para diante, e sementeiras; excepto no tempo das chuvas, em que não faltará obra em que se ocupem. Isto pode fazer qualquer novato, ou qualquer forasteiro assim que tome posse das suas terras; o ponto do seu maior empenho deve ser logo roçar, e fazer algũa sementeira, em que tenha de comer, como na verdade terá dentro de 6 meses, porque os primeiros 3 se gastarão em cortar matos, ou alimpar o terreno, secar, e queimar; nos outros 3 se fará, e porá em colheita a sementeira: tãobẽ no princípio costumam nos sítios levantar algũa choupana, em que se recolham: mas como tem para isso muitos, e fáceis materiaes em varas, cipós e palmeiras, não é de cuidado esta obra: Seguro já o pão para comer na primeira seara, fica já tãobẽ mais suave o trabalho; cortando, ou alimpando matas para diante, e nunca perdendo os roçados passados, e continuando após lhes posso segurar pela experiência que tenho daquelas terras, que em menos de 8, ou 7 anos tenham já muitos cabedaes, com que possa fazer melhores moradias, e muitas outras benfeitorias não só nos sítios, mas nos lugares.* Não é de pouca conveniência a indústria, de que usam alguns nestes sítios; compram com mui pouco cabedal o sítio de algum índio (vendem-nos ordinariamente mui baratos), e já nele acham, quando menos, um bom terreno limpo de matas; algũas árvores fructíferas, ũas taes quaes casas ou choupanas, mui suficientes para morarem; e disposição para logo entrarem a fazer algũa fazenda; enfim acham neles meio caminho andado; vendem-nos às vezes por um rolo de pano grosso de algodão, que custara cousa de 15.000 réis; ou por algũas frasqueiras de água ardente; ou por pouco mais. Outros se ajustam com algum índio, a que quando não queiram, ou não possam vender-lhe o seu sítio, lhes façam o primeiro roçado na paragem, que lhes determinam, e levantem algũa barraca: tãobẽ é modo mui conveniente.* Outros finalmente se ajustam com os moradores antigos, e senhores de escravos, a que lhes mandem por eles fazer algum roçado, ou nas suas mesmas terras, em que*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

não são escassos com algum gênero de conveniência; ou em outra parte, do qual aproveitando-se aqueles moradores da sua colheita, e deixando depois o seu terreno baldio, se introduzem nele os novatos tãobẽ com muita conveniência, porque acham já terreno feito para principiarem a sua vida; e mui apto para logo fazerem algũa sementeira de milhos. Advertindo geralmente, que por qualquer modo que queiram principiar a sua vida o podem fazer com tantas conveniências, que em poucos anos se vejam ricos só com pôrem da sua parte algum mediano trabalho, e cultivarem as searas da Europa; não se dando à preguiça, ou malacia, como costumam aqueles habitantes, que por isso podendo ser muito ricos, são pobres, e por rezão da sua preguiça há tanto desejam, e buscam ter escravos, que lhes façam algũa cousa, para eles só estarem sentados nas suas manhãs com o cachimbo na boca. Outra advertência é que ainda no caso, de que os moradores do Amazonas queiram cultivar, e continuar a farinha de pao, posto que tão inferior ao cultivo das sementeiras [ilegível] ainda neste caso tem lugar, e se pode practicar o cultivo das especiarias do sertão com a mesma indústria de ir sempre aproveitando as terras depois de tirada a mandioca; nem cuidem, que por mais fazendas, que nelas vão fazendo lhes hão de faltar matas para roçar; objecção frívola de algum, que por impugnar esta praxe de ir sempre convertendo os roçados velhos em fazendas de bom cacao, café etc. disse que não se devia admitir, porque se acabariam aos moradores as suas matas, e terras, e por tempos não teriam terras, que roçar para a farinha de pao; por ser tão frívola, quasi a quis sepultar no silêncio: mas para lhe tapar a boca, respondo brevemente:*

*Suponhamos, que assim é, e que na verdade se chegam [a] acabar as terras deste, ou daquele morador (o mesmo direi adiante nas missões) porque já as converteo todas em fazendas de bom cacao, café, cravo, salsa etc. qual vale mais ũa fazenda destas especiarias, ou ũas terras de matas bravas, que se hão de ir cortando, quando se quiser fazer roçado? Suponhamos, que as terras são 2 légoas, ou mais; cheias de matas apenas valerão pelo maior preço** cruzados; e convertidas em boas fazendas das riquezas do sertão valem tantos mil cruzados quantos pés tem: suponhamos que as duas légoas cultivadas em fazendas, sendo em quadra tem ao menos 60 contos de plantas, isto é cento, e cincoenta mil plantas que fazem cento, e cincoenta mil cruzados; ora vejam lá qual vale mais; se ũas matas, se ũas fazendas semelhantes? Não tem terras para plantar maniba, mas terá fazendas com que não só possa comprar quanta farinha de pao quiser, mas ainda quanta farinha quiser de trigo; e ficar ainda com muitos cabedaes.*

Mas suponhamos, que querem continuar o cultivo da farinha, e que não querem para isso pedir novas terras; sim; pois lhe dou um bom remédio: Suponha que as fazendas são matas, e faça nelas os roçados costumados, e plantamentos da maniba, e já ficará remedia[da] a falta, se é falta; porque ninguém será tão tolo, que caia nessa nece[ssi]dade: Ditosos seriam aqueles habitantes do Amazonas se vissem cultivados, e convertidos os seus sítios em fazendas; mas na verdade o podem ver usando da indústria, que temos dado; reservando só algum espaçoso campo para terra de semeadura anual, para que até o pão tenha de casa; e façam todos assim, que eu lhes seguro, que nunca se arrependam, e que serão em poucos anos tantas as suas riquezas,

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

** *Espaço em branco no manuscrito.*

que lhes não poderão dar embarque as mais numerosas frotas da Europa, e suponho que ficará satisfeito com a reposta aquele escropuloso.

Tãobẽ merecem sua advertência os novatos daquelas terras, de que senão deixem vencer logo da ambição de querer abarcar tudo, porque muitos tão modernos naquele clima que talvez não pagaram ainda a patente de novatos, e já não contentes com que terem de comer, já tãobẽ querem contratar, comerciar, e vender; e para isso andam circolando as povoações, e perdendo tempo, que podiam empregar melhor cultivando os seus sítios; Lembra-me as contas, que ainda na Europa deitava um destes consigo, ouvindo falar na grande fertilidade das terras do Amazonas; em achando occasião me embarco para lá; o ponto está, em que haja frotas a quem possa vender os frutos: com a circunstância, de que, este, e muitos outros apenas acham que comer trabalhando, e servindo todo o dia; e lá logo querem entrar a comerciar.

TRATADO 4[º]

DA FACTURA DAS CANOAS, OU EMBARCAÇÕES DO AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

DA PRAXE ORDINÁRIA QUE USAM NA FACTURA DAS CANOAS.

Havendo dado método para o milhor cultivo das terras do Amazonas, para facilitar a sua navegação, e para fazer hortenses as riquezas do sertão sem a precisão de escravos, em que está todo o ponto para suavizar o estabelecimento dos forasteiros, e novos povoadores; resta darmos tãobẽ algũa idea, que seja mais útil fácil, e suave para a factura das embar[ca]ções, e que tãobẽ precise de menos oficiaes do que costumam; e para melhor me ex-

plicar, será preciso trazer à memória a praxe actual da sua factura, segundo já exposemos na [espaço no ms.] Parte, que é assim, falando das canoas grandes.

Primeiramente necessitam os moradores de muita gente, quando querem mandar fazer algũa canoa grande; porque elegem para isso um grande madeiro, e de pao muito pesado, e duro, que para se poder menear, e lavrar, e conduzir ao estaleiro necessita de muita gente, de bons mestres, de oficiaes prácticos, e bons operários: passeam estes pelas matas, medem os paos, fazem eleição de algum, põem-lhe o machado, e o seu corte não dá pouco, que fazer aos obreiros, como cada um pode considerar, dos que sabem a dureza daqueles paos; com grossura v. g. *de 30 palmos; deitado no chão lhe decotam as pernadas, e rama e põem direito, e limpo como um mastro de navio: depois entrar os mestres com suas medidas, e por elas entram os oficiaes a bolear aquele grande madeiro dando-lhe nas pontas o feitio, segundo querem, que ao depois haja de ter a proa, e poupa.* Depois fazendo-lhe um corte desde ũa até a outra ponta da largura* v. g. *de 2 palmos, por este corte entram com instrumentos próprios a escavacar por dentro quantos operários podem caber, cuja obra leva bastante tempo; e para não escavacarem mais do necessário tem furado todo o madeiro com um trado, em que tem medida a grossura, que há de ter o casco da canoa dous dedos, e meio* v. g., *e não entra, nem fura mais o trado, com buracos de palmo em palmo de distância uns dos outros; com esta medida escavacam os oficiaes o pao por dentro até descobrirem os buracos, e fica aquele grande cortiço todo buracado como um crivo; depois entram a alimpá-lo, e alisá-lo; depois lhe metem, e tapam todos estes buracos com tornos de pao: tudo isto fazem no mato onde o cortaram, e como tudo isto leva bastante tempo, e necessita de bastante gente fazem antes de tudo algũa choupana, ou ramada, onde se recolhem, e dormem:* Resta ainda o mais trabalho, que é o conduzirem este grande casco, ou cortiço ao estaleiro, para o que é necessário cortar muito mato, e fazer-lhe caminho, em que o vão rodando, ou suspenso em braços té a margem do rio mais vizinho; e nele lançado o vão conduzindo té o sítio do dono, e accomodam no estaleiro, nele o suspendem no ar sobre tesouras de pao, levantado da terra cousa de 3 palmos: põem-lhe pelas bordas muitas tesouras de paos pesados, encaixadas nos bordos com rachas, e direitas acima, e nas pontas de cima tem cordas, ou cipós pendurados abaixo: Depois lhe põem da parte de cima, e de dentro no lombo do casco da poupa e proa ũa grossa camada de lodo: logo sobre ele lhe põem bastante lenha bem seca desde ũa até a outra ponta; da parte de baixo, que é a de fora, lhe põem tãobẽ muita lenha, tudo com sua propurção conta, e medida e tem a parte muita mais outra lenha, que hão de ir subministrando no tempo do fogo.* Com este preparo rodeado de oficiaes o casco mandar o mestre lançar fogo à lenha assim da parte de cima, como pela parte de baixo, e se vai pôr da parte da frente bem no meio olhando direito para todo o casco, muito atento,*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

e prompto para mandar à via, e tanto mais ele atende ao casco, e ao fogo tanto mais os circunstantes atendem para ele promptos a obedecer-lhe a qualquer voz, nuto, ou aceno: Vai já o casco aquecendo, abrandando, e deixando cair para baixo ajudado do calor do fogo, e do peso das tesouras os bordos ou abas; mas como ordinariamente não decem com a igualdade necessária aqui manda o mestre puxar pela corda para baixo desta tesoura, ali manda arredar o fogo, porque é mais do necessário, ali o manda accrescentar com mais lenha; acolá mandar meter um dente porque ameaça racha, e finalmente assim acodem todos [ilegível] necessário até o casco já brando como cera se vai abrindo ũa táboa, de sorte que lhe põem espeques nos bordos para não se estender de todo; e tãobẽ para não tornar a fechar, quando for esfriando, lhe seguram da parte de cima espetos de pao, etc. Já neste tempo lhe andam tirando uns o fogo, e tições; outros, os carvões, e brasas, e outros borrifando com água o mais carvão, e cinza; e outros as tesouras dos bordos; e nesta postura deixam aquele grande taboão aberto como meia casca de noz até esfriar por alguns dias; depois dos quaes vai o mestre, e oficiaes tirar-lhe o lodo, e ver a obra; e se está bem obrada, e não rachada, fica mais contente do que um cão com um trambolho; e entra a tomar-lhe medidas por dentro, e segundo elas despede oficiaes, que vão buscar nas matas cavernas proporcionadas com gente suficiente para as carregar do mato, e conduzir ao estaleiro, o que tãobẽ leva tempo, e muita gente; porque tãobẽ hão de ser de pao escolhido de muita dureza, e firmeza.* E, como ordinariamente nunca o casco sai tão igual, que não tenha algum senão ou de turtura, ou de enchaço, ou de verruga, segundo as verrugas, enchaços, e turturas se lavram as cavernas para sairem bem ajustadas, e unidas ao casco; e como este é comprido* v. g. *de 70 ou 90 palmos já se vê, que há de levar muitas cavernas; e como todas são de pao escolhido, e de muito peso, e por isso necessitam de muito trabalho, e de muita gente; tãobẽ necessitam, e pedem muito tempo, ou algũas semanas; porque cada caverna é feita de ũa árvore, ou da sua raiz de sorte, que são necessárias tantas árvores quantas cavernas; e como nem todas as árvores são jeitosas levam tempo a buscar pelos matos.* Tãobẽ costumam para levantar mais os bordos da canoa, ou casco accrescentar-lhe os bordos com uns taboões de largura* v. g. *de dous palmos, e do mesmo, ou algũa cousa mais do comprimento da canoa; e cada ũa se faz tãobẽ de sua árvore; outros sobre estes taboões, a que chamam falcas; ainda accrescentam outros taboões do mesmo comprimento, mais mais estreitos a que chamam talabardões; cada um tãobẽ pede ũa árvore inteira, e se lavram, ou desbastam a puros golpes de machado; não custam menos as buchecas, e conchas, com que lhes fazem e afermoseam as proas ao modo dos navios: enfim costumam chamar-se estas canoas inteiriças de um só pao; mas na verdade, constam de muitos paos, e de muitas árvores; é bem verdade que o casco principal, que aberto faz o feitio de meia casca de noz, é inteiro; e daí vem o chamar-lhes as canoas*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

*inteiriças de um só pao. Esta é a substância do laborioso trabalho destas canoas, que bem se vê necessitam para se fazerem de muitas árvores, de muito trabalho, de muito tempo, e de muita gente. O que suposto**

CAPÍTULO 2[º]

DOS MUITOS INCONVENIENTES QUE TEM ESTA PRAXE DAS CANOAS.

Ainda que sejam admiráveis as canoas inteiriças do Amazonas, porque na verdade causa admiração ver um casco de tal grandeza, que pode servir para um navio inteiro de um só pao; contudo ponderadas bem as cousas, só tem muito de admiração, mas pouco de conveniência; porque que importa, ser de um só pao o casco, se para se acabar necessita de muitos outros? que vale ser inteiriça, se a sua fábrica custa mais do que se constasse de partes? Pois a sua fábrica está cheia de tantos perigos, e riscos, que só se pode dar por segura depois de bem acabada; enfim são muitos os seus inconvenientes; e para que melhor se ponderem, os quero apontar aqui para que à sua vista se veja a melhoria de um novo método, que tãobẽ quero propor àqueles habitantes.

O 1º inconveniente destas canoas são a precisão de muita gente, e muitos oficiaes para se fazer; e como não há tanta gente de servir como na Europa, se vem precisados os moradores, que querem fazer canoas a comprar, e manter muitos escravos para a sua factura, como temos dito; é certo, que postos os barcos comuns, segundo a providência que temos dito, pouca necessidade tem já aqueles habitantes de canoas próprias; porém querendo continuar a praxe antiga; ou ainda abraçando a nova eco[no]mia, haverá muitos interessados na factura das embarcações, se vem estes precisados a ter abundância de escravos, ou índios das missões para as poder construir; e sendo um dos meus principaes intentos o persuadir o abandono dos escravos, de pouco serviria o escusá-los nos mais serviços, se para a fábrica das canoas fossem necessários.

2º inconveniente é o grande trabalho destas canoas; pois excede sem comparação ao trabalho da fábrica ordinária das embarcações de Europa; porque aquele escavacar por dentro os madeiros a poder de golpes; aquela condução aos portos, e ao estaleiro; aquele tão laborioso trabalho das falcas, talabardões, dormentes, carvernas, bochecas, e conchas é grande trabalho, trabalho de muita gente, e de muito tempo, o que bem considerado muitos moradores dizem, que, ainda tendo gente de sobejo para estes serviços, vale mais comprar ũa canoa, do que mandá-la fazer, e na verdade assim o fazem

---

* *Parágrafo incompleto.*

muitos, quando as acham de venda, ainda missionários, que são os que com mais comodidade as podem mandar fazer.

3º inconveniente é o tempo que leva a fábrica de semelhâantes canoas; porque não se faz em menos de um mês ũa semelhante canoa; e o mais ordinário é levar muito mais tempo.

4º inconveniente são os grandes perigos, riscos, e contingências de semelhantes canoas; porque quando já tem costado o maior trabalho que é o cortar, bolear, e escavacar por dentro, e o abrir com fogo, socede muitas vezes, quando se alimpam do lodo que servio de cama ao fogo, achar-se o casco rachado de poupa a proa pelo espinhaço, e totalmente perdido todo o casco, perdido o tempo, e perdido todo o trabalho de tantos oficiaes. Assim socede muitas vezes, e eu observei ũa vez, em que vendo abrir um casco famoso de grande, em cuja fábrica se ocupavam para cima de 20 oficiaes, e bons mestres, por fim de contas, se descobrio o casco rachado de poupa a proa, de sorte, que não servio mais do que para o fogo: pois o sairem [roto o manuscrito] outros [desares] de rachas menores, de grandes buracos, de grandes, e feas torturas, de inchaços etc. é mui ordinário. Vi em ũa missão construir ũas 10 canoas menores para vários serviços da mesma missão; e não obstante assistirem-lhes bons mestres, e um branco vigilante, ũa rachou de todo, e se perdeo, e nenhũa das 2 saio sem grandes buracos, e defeitos. E ainda que estes enchaços, defeitos, e buracos, se não são muito grandes, se remedeam, sempre a obra fica mui defeituosa, e posto que seja nova é obra arremendada, e ainda depois de acabada tem muitos, e grandes perigos; como são o dar-lhe o bicho puru na água, que se não há grande cuidado em lhe dar crena de quando em quando lhe furam o espinhaço, e põem [roto o manuscrito] como um crivo. Vi um grande canoão assim crivado, e perdido sendo novo de um só ano, e de ũa só viagem; nem servio mais, que meter-lhe o machado para o fogo. Outras vezes alguns paos, ou area em que topam, lhes metem para dentro algum torno, dos muitos que levam nos buracos, que acima dissemos lhes fazem antes de as escavacarem; e sem se advertir, quase de repente se enchem de água, e vão ao fundo: outras vezes ficam suspensas em algum pao na baixa mar, e se partem pelo meio caindo a poupa para ũa banda, e a proa para a outra: e se lhe fica debaixo algũa aguda pedra, lhe mete um tal rombo para dentro, que fica perdida. Em fim tem grandes perigos.*

5º inconveniente é o necessitar de tantos paos ũa tal canoa; já eu disse, que falsamente se chamam embarcações de um só, porque na verdade necessitam de muitos, e grandes paos: extrae-se muita madeira para fazer ũa só canoa; eu bem sei que este seria só per si fraco inconveniente no Amazonas, por abundar tanto nele, e nas suas matas a madeira; mas ainda que esta seja muita, e esteja à escolha, sempre custa a cortar, e a conduzir, e a lavrar; de sorte, que chamando-se embarcações de um só pao inteiriças, necessitam de muitos mais paos, do que as embarcações ordinárias: um pao para fazer o casco; outros dous paos para tirar as duas cavernas; outros dous para os dous talabardões; e todos esses são paos grandes: 4 paos famosos para construir as duas bochecas, e as duas conchas da proa: sem falar nos muitos outros paos para dormentes, bancos, mastros, e mais requisitos E por ventura são estas embarcações mais fortes, e duráveis, que as ordinárias? antes muito mais fracas, e consumptíveis: veja a sua fraqueza, em que posta em

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

terra ũa destas grandes canoas, com ũa mão, com que se pegue na proa se faz tremular toda de poupa a proa, como se fosse de engonços, ou se estivesse desconjuntada, como eu mesmo por vezes experimentei: pois a sua duração ainda prescindindo dos perigos, e contingências supra, às vezes duram um só ano, e fazem ũa só viagem: outras duram dous; e ainda as mais duráveis não duram muito. Conheci missionário, a quem apenas durou 2 anos ũa famosa canoa; não obstante, que era do pao angelim, que é o mais buscado para semelhantes obras; ou porque não reparam nas occasiões, em que o cortam; porque nem em todo o tempo é tempo de se cortar; ou porque nem todo o angelim tem a mesma duração.

Todos estes, e talvez muitos outros inconvenientes, tem as canoas do Amazonas, que bem ponderados, mais se pode a sua praxe chamar abuso, do que uso; como dissemos do uso, e abuso da farinha de pao; porque ambas estas praxes abraçaram ao princípio, e foram conservando os primeiros europeos. Aprenderam dos índios este modo de canoas, porque viram que estes usavam por embarcações de grandes cascas de paos, do feitio de meia casca de noz, com algum anteparo nas pontas para não lhe entrar a água, e à sua imitação foram fazendo o mesmo dos troncos, não advertindo que os índios não usavam desta indústria por eleição, mas só por necessidade, porque não tinham, nem usavam instrumentos de ferro, com que podessem fazer melhor obra; e se alguns usavam de mais sólidas embarcações as abriam, ou escavacavam por dentro com fogo, e não com ferro; supostos pois todos estes inconvenientes, exporei agora o meu parecer, que me parece será mais aceito por mais acompanhado de conveniências.

CAPÍTULO 3º

DE OUTRO NOVO, E MELHOR MÉTODO DE CONSTRUIR AS CANOAS DO AMAZONAS.

Posto que tenha muito da antiga, e mui usada práctica de construir as canoas ao modo da Europa este método; tem contudo algũa novidade na indústria, e conveniências: consiste em fazer as canoas de táboas ao uso da Europa; mas táboas de muito comprimento porque inteiriças de poupa a proa, e nisto está a novidade: deste modo se evitam todos os inconvenientes supra, se faz mais fácil a sua construição; se aproveita melhor a madeira, se escusam tantos operários, se evitam todos os riscos; e ficam mais duráveis as canoas. Bem sei que este arbítrio há de ter muitos apaixonados censores, assim como o novo método das searas da Europa em lugar da farinha de pao; mas tenham paciência; que eu hei de dizer, o que sinto e condenar a praxe ordi-

nária por inconveniente, prejudicial, e por abuso; o que irei mostrando por partes contrapondo os inconvenientes supra com as conveniências do novo método.

1ª conveniência é o evitar os numerosos operários das canoas inteiriças; o que está claro; porque o maior trabalho das embarcações de táboas está em serrar a madeira; para isto há já engenhos, que a serram com muita facilidade, e presteza; e alguns destes engenhos hei eu de propor, Deo dante,* *na 6ª Parte onde os poderão ver os coriosos, e de que se poderão utilizar muito os habitantes do Amazonas; mas ainda quando não haja estes engenhos, e se hajam de serrar os paos a poder de braço, bastarão menos da 3ª parte dos operários, que precisam as canoas ordinárias; e evita-se o trabalho da evacuação por dentro dos troncos; evita-se o trabalho dos talabardões, e falcas, conchas, bochecas, e aplicação do fogo etc. e por conseguinte se escusam muitos obreiros, e só os precisos, que possam levantar, e aplicar as táboas; e já tãobẽ para este serviço não necessitarão os moradores de multidão de escravos, que é ponto mui essencial.*

2ª conveniência é poupar esse muito trabalho, que dissemos; porque com muita suavidade se vão accomodando as táboas às cavernas, sem que para isso seja necessário desfazerem-se os obreiros em suor.

3ª conveniência está na brevidade do tempo, em que se farão estas canoas; e basta para prova dizer, que enquanto se faz ũa canoa ao modo antigo, se podem fazer 12, ou mais com este método com menos gente, e com menor trabalho: e se o maior cuidado dos homens é o inventar indústrias para evitar trabalhos, escusar gente, e obrar depressa; que mais útil indústria se pode buscar para a fábrica das canoas, do que esta, em que poupando trabalho, e escusando multidão de obreiros, se farão tão depressa ũa dúzia, enquanto se fará ũa daquelas?

4ª conveniência e grande é o evitarem-se por este modo todos os perigos, riscos, e contingências que tem as canoas abertas; porque feitas de táboas já não necessitam de fogo, em que está o maior perigo; não racham, não abrem rombos, não fazem corcovas, nem finalmente se expõem a perder-se todo o trabalho, depois de feito, como na construição antiga. Nem tãobẽ tem as contingências de lhes sairem os tornos, que não tem por não necessitarem de buracos feitos com trados, como se costuma fazer ao modo antigo. Evita-se tãobẽ por este modo a contingência do turo, porque se este damnificou algũa táboa, com se tirar esta, e se pôr outra em seu lugar está remedeado todo o dano. Enfim não tem mais perigos as canoas feitas de táboas do que os comuns a toda a casta de embarcações, que são algum contratempo, algũa alagação, e o apodrecerem por tempos; mas ao modo antigo tem sobre estas todos os mais danos que propusemos acima; cortem-se pois por ũa vez todos estes inconvenientes, evitem-se por este modo todas estas contingências, e deixem o abuso dos antigos.

5ª conveniência é o aproveitar-se melhor a madeira, e escusarem tantos outros madeiros, que são precisos para as canoas ordinárias, e por conseguinte se escusarão tãobẽ por este modo tanto número de obreiros, e tanto trabalho como levam as canoas inteiriças. E como esta conveniência é muito atendível pelas suas muitas, e grandes ventagens à [ilegível] ordinária, a quero melhor explanar, para que vejam, que só ela bastava a fazer um total repúdio do modo ordinário. Porque não só basta para as canoas de táboas

---

* *Lat.: Se Deus quiser.*

um só pao; mas ainda digo mais, que basta um só pao para dar muitas canoas do mesmo, ou de maior tamanho, do que se faria ũa só pela praxe ordinária; e é a prova mui evidente: suponhamos, que o pao escolhido para ũa canoa é da redondeza, e grossura de 30 palmos (uns tem mais outros tem menos roda) e com proporcionado comprimento, v. g. *de 90 palmos; um semelhante madeiro trabalhado pela praxe ordinária dá só um casco para ũa canoa* v. g. *de* palmos de vão; e nada mais; porque ou seja grande, ou piqueno o madeiro, não dá mais que um caso.** Pelo contrário no método proposto pode dar 6 canoas do mesmo tamanho, porque um pao de 30 palmos em roda feito em táboas (na 6ª Parte direi um engenho manual, e portátil mui fácil, e útil para serrar semelhantes paos) dá ao menos 30 táboas, ou taboões famosos; e algũas largas de 10 palmos; De semelhantes táboas bastam 3 até 5, ou quando muito 6 para fazer ũa canoa do mesmo tamanho, da que se faria pelo modo ordinário, mas porque ũas táboas sairão mais largas, e por isso bastarão só 3 para ũa grande canoa; outras serão mais estreitas, e por isso necessitarão de mais táboas, demos a cada ũa 5 táboas, e por justa arimética vem a dar o dito madeiro 6 canoas do mesmo tamanho; e talvez mais fortes do que a que se costuma tirar do tronco cavado; vejam agora quantas ventagens vão de 6 a uma só canoa, e quanto lucram com as canoas feitas de táboas.*

*Advertindo, 1º que semelhantes canoas feitas de táboas nem por isso levam mais peças, do que as feitas de um só pao; porque estas como já disse acima requerem para o corpo da canoa 3 peças ao menos (sem falarmos nas partes internas como cavernas, dormentes, sobrados etc.) qua[ilegível] casco; duas falcas; dous talabardões, duas bochechas, e duas conchas; e feitas de táboas compridas como logo diremos, se precisam de 5 peças, ou de menos; porque das mesmas táboas se faz o estofado, ou bochechudo da proa, sem precisão de mais adjuntos; advertindo 2º que com as táboas podem arremedar, os que quiserem, as canoas de casco desta sorte: escolham para casco ũa das táboas do meio, que são as mais largas, e tem 10 palmos como temos dito no exemplo do pao de 30 palmos em roda. Aqueçam esta táboa ao calor do fogo, e aí tem um casco feito com muita facilidade, e brevidade; e nos seus bordos ponham, e assentem as falcas, e sobre elas os talabardões, e tudo sejam táboas do mesmo pao; e se lhes parecer muito desmarcado corpo da canoa, só lhes ponham sobre a táboa arqueada em casco as duas falcas.** E ficará ũa embarcação só de 3 peças, mas de 30 palmos em roda, sendo as falcas da mesma largura de 10 palmos como o casco; querem mais larga a embarcação? ou querem-na de outro modo? Assente-lhe a quilha, e sobre ela de um, e outro lado assentem os dous largos taboões, e sobre eles as duas falcas, e ali tem ũa canoa de 7 peças, ou 4 táboas; e assim podem fazer as mais, e ainda sairão mais canoas. Basta esta ventagem para reprovar por grande absurdo a praxe antiga; porque se aproveita com muitas ventagens o mesmo pao; se evita o muito trabalho das canoas ordinárias; se escusam muitos oficiaes; e se abrevia muito a obra* v. g. *as grandes contingências, e riscos de se perder.*

6ª conveniência está na maior facilidade das cavernas, que tãobẽ não é piquena porque as canoas abertas ao fogo ficam muitas vezes, como já dissemos torturas, enchaços, e outros defeitos, e segundo eles não bastam

---

* *Espaço em branco no manuscrito.*

** *Final de parágrafo, no manuscrito.*

quaesquer cavernas ordinárias para elas, são necessárias cavernas especiaes que ajustem nas costuras, e custam a achar, e a lavrar com esses jeitos; e ainda quando os cascos saiam perfeitos sempre as cavernas custam a ajustar; porque se hão de buscar, e ajustar ao casco; não assim nas canoas feitas de táboas, em que não as cavernas as táboas, mas as táboas são as que se accomodam, e ajustam as cavernas; e vai tanta diferença de ũa a outra praxe, que, para as embarcações de táboas bastam quaesquer cavernas ordinárias, e para as canoas de casco não se acham muitas vezes duas cavernas jeitosas em um grande montão.

Nem por isso hão de sair menos fortes as canoas feitas de táboas, do que as feitas de casco, antes mais, porque nas canoas de casco se lhes accrescentam as proas postiças, e nas proas as bochechas, e conchas, estes adjuntos, ou accrescentamentos não podem deixar de enfraquecer muito as embarcações, o que não socederá nas canoas de táboas, porque chegando estas da poupa a proa não necessitam de adjuntos, nem accrescentamentos para lhes fazer o estofado, que se pode, e se deve fazer com as mesmas táboas, e nisto tãobẽ ficam mais ventajosas às canoas ordinárias. Além de que a fortaleza das embarcações não se regula pelo casco, ou taboado, mas só pelas cavernas; nestas está toda a sua fortaleza assim como nos corpos viventes não está a sua fortaleza na carne de fora, e pele, mas nos ossos, e nervos; as cavernas são a ossada das embarcações; e as táboas a sua pele. Tãobẽ serão mais duráveis; porque damnificada ũa táboa, facilmente se tira, e se põe outra, como se usa nas embarcações ordinárias, e depois outra, e outras; o que não tem nas canoas de casco, porque damnificado este do turu, ou podridão fica toda a canoa perdida. Sejam as cavernas de muita dura, que as táboas não importa, podem renovar-se a todo o tempo com outras novas, e durarão as canoas enquanto durarem as cavernas. Tãobẽ me parece pouco acertada a eleição dos que buscam para a fábrica das canoas as madeiras mais pesadas, só pela esperança de mais longa dura; o que me parece traz mais danos, que proveito; porque ainda dado, que os paos mais pesados como os angelins, e semelhantes sejam de maior duração, contudo contrapondo os perigos que tem de se alagarem, e irem ao fundo, como tantas vezes se está vendo com grande lástima no Amazonas, mais acertada é sem dúvida a eleição de paos leves, que bóiem, quando se alagam: Que importa que ũa canoa seja construída de angelim, ou de piquiá ou etc. de mesma duração, se ela indo ao fundo no primeiro ano, se perdeo? Só cabeças duras podem fazer semelhante eleição.* Além de que, bastava só a conveniência de navegar com a vida segura nas canoas de paos poojantes, do que os perigos da alagação nas canoas de paos duros; sendo que nas canoas de paos duros alagadas perdem-se as canoas; perdem-se as cargas, e o que é mais, perde-se a gente; e pelo contrário nas canoas de paos leves salva-se a gente, salva-se a canoa, e muitas vezes se salva tãobẽ muita carga, quando se alagam; sendo que é imaginação falsa o cuidado, que as canoas de paos duros, são mais duráveis, que as de paos leves; porque na água duram muitas vezes mais alguns paos leves do que muitas castas de paos duros; bem duro é o angelim, e contudo às vezes apodrece nas embarcações dentro de dous anos; e pelo contrário bem leve é o pinho, e contudo dura na canoa muitos anos, e é o pao mais buscado para as embarcações; onde não é o mesmo ser pao*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

duro que ser pao na água de muita duração; porque depende isso não da dureza, ou peso, mas da qualidade da madeira, que sendo resinosa, ou oleosa é na água de muita duração, ainda que seja tão leve, como o pinho. Outra grande conveniência que tem as canoas de táboas é o poderem fazer-se de um só pao, ainda que não seja de muita grossura; sejam os paos compridos, e sejam proporcionados [roto o manuscrito] as táboas não importa que sejam largas; e o exemplo que pus em cima das táboas de 10 palmos ou pao de 30 palmos em roda, não foi para provar que semelsantes táboas sejam melhores para as embarcações; mas só para mostrar, o quanto melhor se pode aproveitar um semelhante pao nas canoas de taboado, do que se aproveita em ũa só canoa de casco: que enquanto a maior conveniência melhores são as táboas mais estreitas* v. g. *de dous, ou 3 palmos, e para semelhantes táboas há infinidade de paos, sem ser necessário entrar no centro do mato a buscá-los.* Respondo agora a ũa objeção com que um corioso quis impugnar este método, dizendo que ũa canoa de táboas leva mais pregaria, e mais ferro do que as feitas de casco, e que por isso se não deviam practicar as táboas; respondo brevemente à objecção, e digo primeiro que ainda que assim fosse, sendo tantas as mais ventagens, se reputaria por nada essa mais numerosa pregaria; porque lá se resarceria esse tal qual gasto na brevidade do tempo, na minoridade dos obreiros, etc, etc.: mas nego absolutamente que levem mais pregaria as canoas de táboas, do que as de casco; e o provo: As canoas de cascos, além das falcas, e talabardões, em que gastam a mesma pregaria, que gastaram as táboas, tem de mais os adjuntos das proas postiças, e nelas as conchas, e bochecas; tudo isto vai seguro a poder de muitos, e grandes pregos; e toda esta pregaria se poupa nas canoas de táboas, que não necessitam de accrescentamentos no mais, que é a pregaria das cavernas correm a mesma ou quase a mesma parelha; logo não levam mais, antes talvez poupam muito ferro.* Para o que se há de advertir, que eu não aconselho as canoas, e embarcações de táboas ao modo da Europa totalmente mas sim de táboas de bastante largura como de 2, 3, ou mais palmos, e de todo o comprimento da embarcação, que cheguem de poupa a proa; porque deste modo não só ficam as embarcações mais fortes, mas tãobẽ necessitam de menos pregaria do que as feitas de táboas curtas, e estreitas como as da Europa; pois se se construirem com taboado largo de 8, 9, 10, ou mais palmos já se vê, que escusam muita pregaria. O mesmo que digo das canoas grandes, se deve entender* suo modo *das medianas, e piquenas; sendo que as piquenas, com que se servem os pescadores, e semelhantes talvez sejam mais convenientes sendo de um só casco, por serem mais acomodadas a se poderem arrastar pelos secos, e puxar por terra, como às vezes é necessário.* Ultimamente nesta matéria desejava persuadir aos habitantes do Amazonas o uso das quilhas inteiras de poupa a proa como usam na Europa; porque tem muitas conveniências, como são o serem, e navegarem as embarcações com mais segurança; e talvez com mais ligeireza, são mais seguras; porque não são tão doudas, nem se viram com tanta facilidade, como não tendo quilha. Para melhor o perceberem os leitores, devem saber, que nas canoas, e embarcações do Amazonas não põem os seus habitantes senão meias quilhas, que são um bocado da quilha, na poupa, e outro bocado na proa, e a maior parte do meio não tem nem sinal de quilha, mas só o boleado do casco; e dão por*

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito.*

rezão, que ficam assim mais aptas a se poderem puxar, e arrastar por terra, quando é necessário sobre paos roliços; é muito boa [ilegível] mas isso não obstante sempre são de mais conveniência as quilhas inteiras para a milhor segurança, especialmente nas canoas maiores, que ordinariamente senão possam, nem podem passar por [ilegível]: isto se entende nas canoas de casco feitas ao modo antigo; que as feitas de táboas já se sabe, que hão, e devem ter quilhas, que servem como de alicerce, ou base as táboas, e de fundamento as cavernas.

TRATADO 5º

DA PESCA DO AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

DA PESCA ORDINÁRIA DO RIO AMAZONAS.

Quem cuidaria já mais, que sendo o Rio Amazonas, e todos os mais daqueles Estados abundantíssimos de peixe, e peixe mui delicioso, e esquisito, padeçam contudo os seus habitantes tanta falta, que se vem precisados a comer carne por dispensa nas Quaresmas, e dias proibidos, não por falta de peixe nos rios; mas por falta dos pescadores, que o pesquem. Apenas os ricos, senhores de escravos, e comonidades o podem ter; Sendo que ainda estes sentem por vezes suas faltas; mas menos, que o povo, porque não tem escravos, que mandar a pesca, nem praças aonde o possam comprar. Socede na pescaria o mesmo, que dissemos na navegação: porque assim como só quem tem escravos pode ter canoas, e quem as reme; assim tãobẽ só quem tem escravos pode ter pescadores, e quem lhes pesque, porque nem há barcos comuns, nem pescadores de ofício.

É certo que o peixe é o sustento mais ordinário fora das cidades, onde não há, nem pode haver a conveniência da vaca, e açougue; e assim do peixe vivem ordinariamente por todo o centro do Amazonas acima todos os seus habitantes, e missionários: mas para isso se vem precisados a terem pesca-

dores próprios ou sejam escravos, ou índios pagos; porque os não há de ofício, e públicos; assim como tãobẽ nas cidades por mais populosas, que sejam; e por isso só quem tem escravos tem peixe; e como não são pescadores de ofício, e por outra parte tem muitos atravessadores que já com águas ardentes, e já com outras iscas os andam prevenindo, e pescando, muitas vezes fazem jejuar de peixe a seus senhores.

Muitas causas dão aqueles habitantes a esta falta tão sensível; mas ainda que a principal é a falta de economia, e providências necessárias a quem toca o bem público, assim como dos mais víveres, de que não há praças, nem mercados públicos, como já dissemos, contudo para o peixe algũa disculpa tem na sua breve corrupção; porque como o clima do Amazonas é muito quente, faz corromper muito depressa o pescado, assim como os mais corpos; rezão porque não podem (dizem) sair ao largo os pescadores, e fazer boas pescarias porque não lhes dão tempo a poder transportá-las aos povoados, onde chegariam já corruptas, e fétidas as pescarias, e que por essa mesma causa não há quem queira exercer ofício de pescadores; e podia dar-se-lhes algum crédito, se nos mais víveres, que não padecem semelhantes riscos, se visse a devida providência de mercados.

Socedem pois desta falta de peixe, e de pescadores muitos inconvenientes, que se devem atalhar, e remedear; 1º é a fome do povo, que não tem escravos, nem praça, ou mercados, em que comprem o peixe, e se vem precisados os ordinários a dispensar-lhe a carne nos dias proibidos. 2º é o dano dos ricos, que se vem precisados a tirarem os seus escravos de suas lavouras, e outros serviços para os porem no mar; como tãobẽ as comodidades religiosas: socede tãobẽ que se alguns moradores, que vivem sobre o mar, ou em paragens abundantes de peixe fazem algũas pescarias de peixe salgado, e seco o vende por alto preço, porque sabe, que não há outro, e que o há de vender como quiser; e enfim socedem muitos outros inconvenientes. E com a circunstância, de que não basta um só pescador aos moradores, mas tantos, quantos são os sítios, ou fazendas que tem, pondo por exemplo: tem um morador 3 sítios, além da sua família, ou seus filhos na cidade por rezão dos estudos a que se aplicam; tem um pescador na cidade com seu companheiro; e outros em cada sítio.

De sorte, que só para pescadores lhe são necessários 8 escravos, e ainda [ilegível] por afortunados se tem peixe que chegue para passar; e como, poucos são os que podem trazer no mar tantos pescadores, os mais se metem a practicar os pescadores, que encontram, ou os buscam nos seus sítios, digo paragens, em que costumam pescar, e com pouco custo lhes tiram a pesca com dano dos senhores: Lembra-me aqui o que me contou um branco, de ũa grande canoa que vimos ũa vez passar para as partes da cidade do Pará, e vinha de ũas missões não muito distantes; afirmou depois o dito branco, que aquela canoa ia carregada de tartarugas, que o dono tinha atravessado, e tirado aos pescadores daquelas missões: Em ũa delas estava eu, e por isso os pescadores não trazendo pesca, davam por disculpa, que nada apanhavam; mas era porque o passavam aos brancos; e é já isto usual.

Para inteligência disto se há de advertir, que os missionários ordinariamente não tem outro sustento senão o peixe dos rios; para ele tem, e pagam a vários pescadores, a que chamam pescadores de peixe miúdo; mas como estes pescadores ũas vezes faltam, outras vezes divulgam que nada apanham com grande detrimento do dito missionário que se não tiver algũa outra providência em casa não terá que dar a comer aos seus familiares, e aos velhos,

e viúvas que sempre há a quem se deve acudir; costumam pois ter fora os pescadores diários de peixe miúdo, outros pescadores de tartarugas, que costumam vir, e trazer a sua pesca de tempos em tempos, e nas paragens em que costumam pescar tem seus tijupares, em que se recolhem, e curraes aonde vão ajuntar [ilegível] tartarugas; nestas paragens os costumam assaltar muitos brancos, e lhes tiram as tartarugas uns por força; outros com águas ardentes, e outros com pouco mais de nada; e ao depois se disculpam os pescadores de que não pescaram; contanto que no fim do ano lhes não falte o pagamento.

Em algũas paragens, onde os moradores tem camboas (já na outra parte expliquei que cousa são camboas) lhe poupam estas os pescadores, e tem nelas uns como actuaes viveiros de peixe, onde em todas as vazantes, ou saltem *ũas vezes por outras lhes ficam muito peixe. As camboas de pedra são mais duráveis havendo vigilância, e cuidado de a consertar, e conservar sempre capaz: as camboas de pao, e de palmeira podem fazer-se melhor mas é necessário de alguns anos renovar-lhe as estacas que forem apodrecendo; sendo que há palmeira, que dura muitos anos debaixo da água sem dano. Só se podem fazer onde encha, e vaza a maré. De alguns outros modos de pescar especiaes do Amazonas, já descrevemos na 4[ª] Parte do Tesouro Amazônico.*

CAPÍTULO 2º

DA PROVIDÊNCIA QUE USAM MUITAS NAÇÕES NA PESCARIA.

Não pertendo descrever aqui os muitos, e vários estilos, e indústrias, que usam muitas nações nas suas pescarias; mas sim a economia, que observam, em que se venda, e compre o peixe nas praças só vivo, e não morto: de sorte que não se vende, nem compra o peixe já morto, senão só o salgado, seco, ou salpresado, mas o fresco todo se vende, e compra vivo, e não como no nosso Portugal, e nos estados do Amazonas ([roto o manuscrito] em todos) que o peixe que pescam os pescadores, e vai a praça todo é peixe morto, e por isso muitas vezes já damnificado, corrupto, e fétido. Vem em outras nações os compradores nadar o peixe, escolhem, o que querem, ajustam-se com os vendedores, e depois de ajustado, o mandam tirar da água, e à sua vista o mandam estirpar, e fazer em postas se é grande, ou o carregam inteiro se é piqueno, ou como querem. Mas sempre vivo.

Para sempre conservarem esta economia trazem os pescadores nas suas barcas tinas proporcionadas cheias de água, aonde vão deitando o peixe assim que o pescam, e nelas se conserva vivo até o conduzirem aos portos, e destes

às praças aonde se vende sempre nadando vivo; ou seja pescado em rede, ou com anzol; e o que morre antes de chegar à praça vai servindo de sustento aos mesmos pescadores. Já se vê, que assim vivo se não pode transportar pela terra dentro; mas só nos portos do mar, e pelas terras vizinhas aos portos; mas então pelas terras dentro tem outras providências equivalentes aos povos marítimos, e são tanques, e viveiros de peixe em tanta quantidade, que chegue a fartar o povo; assim se usa em Alemanha, em Holanda, e vários outros reinos da Europa; No centro do Império da China, e em muitos outros reinos da Ásia, onde há abundância de peixe, que se vende, e compra vivo ainda no mais interno dos reinos.

Por isso em Alemanha um dos maiores morgados que buscam; e procuram ter as casas grandes são estes viveiros, e tanques de peixe, em cuja factura se esmeram, fazendo-lhes bons, e fortes diques pelos quaes se comonica a todos água sempre fresca já de rios, e já de regatos, e fontes; porque o peixe quer sempre água corrente, e não encharcada: mas com tal indústria fazem os diques que nas grandes cheias, e enxurradas nem por isso recebam mais água, sob pena de lhes desfazer as canoas, e os mesmos tanques, e levar o peixe a morrer pelos campos como muitas vezes socede. Nos rios, e suas margens fazem tãobẽ com arte grandes poços, lagoas, e tanques para o mesmo fim, e por isso há abundância de peixe, a que acode o povo, e onde se provém todos os que querem comprar: e, quando não abranja a todos a fartura, há sempre abundância de peixe salgado, e peixe seco, que dos portos se reparte, e conduz pelo centro das terras com grande utilidade de todos.

Bem podia no nosso Portugal haver semelhante providência de peixe fresco, e vivo, se pelo centro dele se construíssem semilhantes tanques, e viveiros, visto ter tantas fontes, e rios, cujas águas se podem conduzir a partes longínquas; como se costuma fazer para regar, e fertilizar as terras; e mais necessária é nos centros das Espanhas, onde é tão grande a falta, e penúria de peixe que foi necessário despensar-lhes a carne nos dias de peixe, e de jejum. É certo, que rara vez lhes podem chegar cargas de peixe dos portos do mar, de que ficam mui distantes aquelas terras; mas tãobẽ é certo, que se tivessem a mesma economia de outros reinos, e a mesma providência dos tanques, e viveiros de peixe seriam abundantes de pescado sem necessidade de dispensa.

Suposta pois a noticia de muitas outras nações, onde o peixe fresco se vende morto mais só vivo como me informaram religiosos de muito crédito, naturaes das mesmas terras admirando-se, de que os nossos portugueses, [ilegível] vendam, e comprem o peixe morto: e além de muitas outras conveniências, que tem a compra de peixe vivo é o livrarem-se do peixe morto com veneno, de que usam muitos na Europa, e muito mais na América, e Amazonas, do qual peixe envenenado não podem resultar bons efeitos; como a mesma rezão o dita; porque se o veneno lhe introduz as suas pestíferas qualidades tão activas, que logo o mata, já se vê, que o mesmo peixe assim morto há de conservar algũa ruindade, que se há de comunicar aos corpos dos que o comerem; veja isto claramente no mesmo peixe, o qual quando é morto com timbó, ou outros venenos corrompe-se muito mais depressa, do que quando morre naturalmente pescado com rede, ou anzol; e talvez; que

do tal peixe morto com veneno procedam várias doenças, que às vezes dão nos povos, se se saber a sua origem; e quando não houvessem outras rezões muito justas para proibir semelhantes venenos para o peixe, de que abaixo falaremos, bastava esta do perigo da saúde para se deverem proibir.*

CAPÍTULO 3º

DA PROVIDÊNCIA QUE DEVE HAVER NA PESCARIA DO AMAZONAS.

Sendo pois de tanta utilidade a compra do peixe vivo, e não morto em outras regiões, nas terras, e climas do Amazonas se faz não só útil mas precisa esta mesma providência; porque se em climas muito frios, quaes são os da Alemanha, Holanda, e outros reinos, em que o peixe dura sem dano, nem corrupção dias inteiros, se usa a providência do peixe vivo, e se não compra o peixe morto, muito mais útil, e precisa se faz no Rio Amazonas onde o clima por tão quente corrompe com muita brevidade os corpos mortos, e com muita especialidade o peixe, que apenas chega de ũa a outra maré sem corrupção; nem se pode por outro meio mais conveniente, e útil assim para haver pescadores, como para haver peixe em abundância.

Devem pois os pescadores trazer nas suas barcas tinas, ou cochos de água, em que vão lançando a sua pescaria assim que a tiram da água, de sorte que a possam conduzir viva aos portos, e povoações; para que assim se pratique em o successivo podem os magistrados por suas penas, lançar ao mar todo o peixe que aparecer morto, e outras semelhantes conducentes todas à sua observância; e tãobẽ em esta providência fará observar melhor a lei que proibe as pescarias com timbó, e outros venenos, que por mais vigilância, que haja, tegora se não observa: sendo pois os transgressores obrigados apresentar nas praças vivo, e nadando o peixe se verão obrigados a observar estas justissimas leis quando não queiram observá-las por vontade.

Em todas as povoações do Amazonas é bom que se practique esta utilíssima economia inda nas missões, e povoações dos índios domesticados, para tãobẽ os obrigar a abandonar os timbós e mais venenos do peixe, a que são muito costumados talvez por terem aprendido dos brancos este péssimo abuso, de sorte, que alguns os cultivam já nos seus sítios para os terem sempre à mão, e talvez que com o pó do peixe, usem deles tãobẽ para matar a gente. Obriguem-nos pois os seus missionários, e directores a trazer o peixe vivo, que eles tãobẽ se verão obrigados a deixarem-se do seu timbó; nem cuidem, que isto é dificultoso de conseguir; porque toda a dificuldade, se a há, está

---

* *Empregado* se *quando deveria ser* sem.

no principiar, e já eu conheci um missionário, que assim o fazia practicar aos seus pescadores, os quais lhe traziam o peixe vivo, e nadando em água, e o recolhiam em um tanque, donde o tiravam todas as veies, que se queria cozinhar.

E quando não haja pescadores voluntários suficientes a cada povoação, tenham os magistrados o cuidado de prover com os precisos; e nas povoações, que de novo se vão formando de europeos; e forasteiros há totalmente precisões da providência de pescadores para suprir a falta da vaca, e açougue, que nelas não pode haver logo: o peixe grande porém como são os peixes bois, ou como lhes chamam outros, peixes molheres, e vaca marinha; os pirarocua, as pirauibas, e outros de semelhantes grandeza, para cada um dos quaes seriam piquenos os maiores cochos, não me parece se obrigam os pescadores a conduzi-los vivos, porque lhes será empresa mui dificultosa; nem neles corre a mesma urgência do peixe miúdo, porque podem aturar muito mais tempo sem dano, nem corrupção: além de que não se poderiam menear vivos semelhantes monstros; quando ainda mortos são dificultosos de conduzir. Sendo que em outras terras tãobẽ há diversos pescadores para peixe miúdo, e para o peixe grosso: Sejam pois obrigados os pescadores do peixe miúdo a conduzir viva a sua pescaria, e não sejam obrigados os pescadores do peixe grosso; e usará a disculpa daqueles habitantes, de que não há pescadores públicos, porque não atura o peixe sem corrupção porque trazendo-se vivo já não haverá temor de se corromper, nem perder.

Além desta providência tão necessária dos pescadores públicos, é necessária a outra de tanques, e viveiros de peixe não só para maior abundância, e fartura; senão tãobẽ para suprir a falta dos pescadores quando por occasião dos temporaes não podem pescar, ou navegar. É certo que estes viveiros de peixe são no Amazonas menos precisos, do que em outras regiões, pela rezão de que nas mais regiões são precisos no interior dos reinos, onde não podem chegar os pescadores, nem conduzir-se o peixe dos portos do mar; não há essa rezão nos estados do Amazonas, onde todas as povoações estão a borda do mar, ou dos rios, onde chegam as embarcações; porém ainda que por este capítulo não sejam tão precisos, como nos mais reinos, nunca serão supérfluos para a maior fartura das terras, e abundância dos povos.

Os quaes tanques, e viveiros sendo de grandes conveniências, são tãobẽ facílimos de fazer, e conservar naquelas terras não só pela rezão de estarem as suas povoações, e sítios sobre os rios, dos quaes facilmente se podem conduzir as águas para os poços; mas tãobẽ as mesmas terras estão tão baixas ordinariamente, e tão cortadas de reachos, e semeadas de lagos, que com muita facilidade, e sem muita indústria se podem accomodar para viveiros de peixe; e tem outra circunstância mais de serem estes tanques, e viveiros bem assombrados de arvoredo à roda, circunstância que no Amazonas é muito conveniente pela rezão dos seus grandes calores, que bastariam a matar todo o peixe dos lagos se estes não estivessem frescos com a sombra do mesmo arvoredo, que tem à roda; e talvez pelo meio dos mesmos lagos.

Se desta providência se tivessem valido aqueles habitantes nos seus sítios, e fazendas, teriam não só fartura de peixe sem custo para sustento de suas familias, e escravos; e ainda para vender ao povo; mas tãobẽ teriam poupado o trabalho dos mesmos escravos, que actualmente trazem a pescar, e se poderiam ter utilizado deles em outros serviços. Tãobẽ são utilíssimas as camboas, que alguns tem pelas praias, e pode haver abundância delas, ou sejam de pedra, ou de estacas, pois são outras tantas redes estáveis, e actuaes,

onde não há necessidade de occupar gente algũa mais, do que mandar buscar o peixe preso nas vazantes: as de estacas são de tão piqueno trabalho, que qualquer morador as pode fazer nos seus sítios, ainda que seja só, e não tenha adjutório de escravos.

O mesmo que digo do peixe, se deve, ou pode practicar nas tartarugas do Amazonas que são ũa das suas mais rendosas pescarias. Já muitos moradores as conservam em viveiros, a que chamam curraes, donde as vão tirando, e comendo; mas eu não falo agora destes curraes, onde as tartarugas [roto o manuscrito] nem multiplicam, e ordinariamente tãobẽ não cabem porque são curraes como de gado; mas na verdade são melhores os curraes onde entram, e saem as marés, ou canaes; porque só usam destes curraes para neles deitarem os provimentos, que deles costumam fazer os moradores, e de que vão comendo, enquanto duram. Eu porém não aconselharia semelhantes curraes; mas sim viveiros onde as tartarugas não só tenham água suficiente para beberem, e nadarem; mas tãobẽ tenham que comer, e comodidade para procrearem, e multiplicarem, o que é tãobẽ muito fácil.

Porque quase em todos os sítios há algũas terras alagadiças, ou lagos, em que entram regatos, ou as marés; nestas com fácil trabalho se podem fazer muros, ou estacas à roda, quanto seja necessário para conter as tartarugas, que não possam sair; para lhes dar de comer, quando não bas [roto o manuscrito] as frutas, e folhas das árvores que lhe fazem sombra, basta qualquer pessoa, que lhes chegue algũa erva, ou frutas bravas: Para procrearem, e mutiplicarem se lhes ponham fora da água alguns tabuleiros de area seca, e em parte, aonde lhe dê o sol; porque achando as tartarugas a area, nela põem, e escondem os ovos, dos quaes chocados ao sol saindo as crias, e buscando a água, ali se criarão, e farão multiplicação, e ficarão assim os viveiros perpétuos, com a advertência, que nestes viveiros haja sempre algum lodo, porque gostam muito dele estes animaes; e basta ũa tartaruga para inçar um viveiro, porque deitam por cada vez talvez mais de 300 ovos; e quando sejam só 200 já se vê que depressa encherão um viveiro.

Estes viveiros de tartarugas sendo muito fáceis são de muitas conveniências a seus donos, nem parece, que há meio mais apto para haver fartura em ũa casa; e se muitos moradores, que nos seus sítios tem óptimas paragens para semelhantes curraes, e viveiros de tartarugas, tivessem esta boa providência, não só teriam fartura para as suas famílias, mas tãobẽ teriam muitas tartarugas para vender ao povo. Tãobẽ para os missionários seriam estes viveiros óptima providência para acudirem com fartura aos seus familiares, e pobres velhos, e estropiados das suas missões, sem necessidade de occuparem, e pagarem a pescadores. Enfim não há terras, ou regiões que possam ser mais fartas, do que a região do Amazonas com estes viveiros de tartarugas, que todos podem ter; os moradores nos seus sítios; os missionários nas suas missões, e ainda os moradores das cidades nos seus quintaes, ainda que com mais alguma indústria para lhes terem sempre água fresca.

Ũa dificuldade só considero nestes viveiros, ou sejam de peixe, ou de tartarugas; e é o guardá-los dos ladrões, digo dos próprios escravos, que costumam ter os moradores nos seus sítios, porque como já disse acima são os escravos outros tantos ladrões caseiros, que não se contentam com furtarem a seus senhores para comerem, mas tãobẽ para darem, e venderem para fora; e não se pode ter benfeitoria segura com eles, para que se acabem de desenganar aqueles habitantes, de que a cópia dos escravos é mais danosa,

do que proveitosa a seus senhores; e como todas estas providências são meios para os evitar, ou escusar, quanto menos escravos tiverem melhor.

Eu ao menos pela experiência, e notícia que tenho de semelhantes escravos [ilegível] e dos seus maos serviços se fosse secular e habitante do Amazonas, quando muito os conservaria só enquanto não posesse no meu sítio estas, e outras providências úteis; mas elas postas com terras estáveis de semeadura, fazendas cultivadas de bons cacuaes, cafezaes etc. e com um bom viveiro de tartarugas, protesto que não quereria mais taes escravos, e quando muito conservaria algum casal que eu alimentasse mais fiel, para me guardar a casa e vigiar a fazenda, porque supridos os referidos serviços com a economia referida já são [ilegível] e de mais dano, do que proveito; nem se pode ter alguma feitoria nos sitios [ilegível].

CAPÍTULO 4º

DE OUTRAS PROVIDÊNCIAS NECESSÁRIAS À PESCARIA DO AMAZONAS.

Ategora disse algũas providências necessárias para haver abundância de pescado nas cidades, e povoações; agora apontarei outras providências necessárias para haver abundância de peixe nos rios: faz admirar a brevidade com que se fazem estéreis de peixe muitos rios nos estados do Amazonas, que poucos anos antes eram abundantissimos! Basta fundar-se alguma povoação sobre a margem de algum rio abundantissimo de pescado, para brevemente ficar estéril; que digo eu povoação? bastam cultivar-se com alguns sitios as suas margens, para brevemente haver neles carestia de peixe; sendo que na Europa, e muitas outras regiões, onde os rios, e mares são totalmente povoados, e tem nas suas margens cidades populosíssimas, e tão antigas como o Dilúvio, ou pouco menos que o tempo do Patriarca Noé, e cujos mares todos os dias andam povoados de inumeráveis pescadores, e contudo ainda o pescado é com a mesma abundância, e nas praças há a mesma fartura, que nos seus princípios.

E se buscarmos a causa original desta diferença acharemos, e assim o confessam os mesmos moradores, que é o uso, e abuso dos timbós, e mais venenos de que costumam usar na pescaria; há tãobẽ o bagaço das canas de açúcar, que os senhores de engenho costumam deitar nos rios: A experiência o tem mostrado, porque os rios povoados logo ficam estéreis, e não há outra causa, a que atribuir esta esterilidade senão aos venenos, e ao bagaço da cana. Em quanto aos venenos do timbó, sabem todos, que basta trosquijar em algum lago, ou riacho ũa vez, para já o peixe não entrar nele por alguns dias, além de morrer todo o peixe, que na ocasião do timbó há dentro, ou seja o peixe grande, ou miúdo; e continuando por alguns outros dias a bater o timbó se faz estéril por muito tempo; e assim socede aos mais rios.

Deste tão grande dano se tem resolvido os magistrados a proibir o uso do timbó com graves penas; porém como os rios, e praias estão tão solitários, e os sítios são tão raros, desta solidão se aproveitam muitos, os quaes não olhando para o dano comum, mas só atendendo à [conveniência] própria, que lhes oferecem as pescarias presentes, usam do timbó sem medo de serem delatados. E resultando daqui um tão grave prejuizo a todo o Estado já se vê, que se devem pôr todas as providências possíveis, e vigilâncias para a cabal, e total observância das leis, que proibem semelhantes venenos, e semelhantes pescarias, ainda que seja necessário examinar os escravos, e remeiros de toda a canoa que trouxer carga de peixe salgado, e seco; digo carga de peixe salgado, e seco; porque no fresco obrigando os pescadores a trazer o peixe vivo, e não morto, não há, nem pode haver receio de que se tenha pescado com timbó: e deve tãobẽ esta devassa ser um dos principaes pontos dos ministros régios nas correições geraes, que costumam fazer.

Sobre as tartarugas se devem tãobẽ pôr algũas providências; proibindo a freqüência das manteigas dos seus ovos, para que pelo tempo adiante nos anos vindouros se não venha a experimentar a carestia, que já vão ameaçando. Já nós exposemos o grande abuso destas manteigas, de que todos os anos se fazem muitos milhares de medidas, e carregações freqüentes, e sendo necessários para cada pote de manteiga, ou medida ovos a milhares, já se vê que cada ano se perdem muitos milhões destes ovos, e por conseguinte de tartarugas, que deles haviam de nacer: e sendo esta diminuição todos os anos, e já por séculos inteiros não é muito, que já haja, e se vá experimentando tanta esterelidade de tartarugas pelo Amazonas, e mais rios, lagos, e baías; e ameace ũa esterilidade universal pelos tempos futuros.

De sorte que algum tempo eram tantas as tartarugas, que andavam pondo nelas as canoas, e se havemos de dar crédito aos antigos dizem que muitas vezes não podiam romper, nem navegar as canoas algũas vezes pela multidão de tartarugas que havia, e já hoje talvez em muitas dessas paragens, em que havia tanta multidão, não apareça uma para amostrar: e não me custa a crer esta verdade, pois estive em ũa missão, onde os pescadores de tartarugas apenas me traziam 10, ou 12 de 15 em 15 dias, ou quando mais cedo de 8 em 8, sendo que poucos anos antes bastava um só pescador, que ainda vivia no meu tempo para trazer cada dia 30, ou mais, com a circunstância, de que este só ia para a sua pesca depois de ouvir missa, e negociar os seus negócios já alto dia: e de tarde ainda com sol presentava as suas 30 tartarugas, ao seu missionário, fora as que carregava para sua casa, e família, e as que repartia a seus amigos; assim o confessava o mesmo missionário que ainda hoje suponho vive preso como eu.

E se em tão poucos anos, que apenas seriam 9, ou 10 havia tanta diminuição nos rios vezinhos àquela missão, que muito haja já tanta esterilidade em outras muitas paragens em que antes havia muita abundância? Ao menos pelos rios, lagos, e baías mais vezinhas as povoações, ou já não há nenhuma, ou muito rara a que aparece; e esta esterelidade não tem outra causa mais certa, que a destruição dos seus ovos para fazer manteigas: Eu bem sei, que as tartarugas tem muitos outros inimigos, como dissemos na 1ª Parte; como são os jacarés, que com a boca aberta estão nas margens dos rios esperando as crias quando saem dos ovos, e vão buscando a água, e se lhes vão meter na boca. As onças, e tigres andam pelas praias à caça das piquenas, e das grandes; os pássaros andam em grandes bandos pelos ares cibando-se de crias de tartarugas: os índios são ũa peste para os ovos, crias, e grandes, e

andam pelas praias à sua caça; mas todos estes inimigos em maior número tiveram sempre as tartarugas, e contudo eram antigamente inumeráveis; logo a causa da sua esterelidade não é outra senão as manteigas, que todos os anos se fazem dos seus ovos.

Isto suposto pede a boa rezão, e boa economia, que se ponham necessárias providências para haver algũa moderação nestas manteigas para obviar a esterelidade para os anos vindouros, quando não virá tempo, em que totalmente se acabará este tão grande, e um dos mais especiaes pescados do Amazonas. Deve pois, ou proibir-se totalmente o uso das manteigas de ovos de tartarugas, ou ao menos proibirem-se por alguns anos, v. g. *4, ou 6 anos; e só permitir o seu uso de tantos em tantos anos, pondo as cautelas necessárias para a sua observância, e castigando os transgressores com o castigo merecido: porque mais vale, que faltem estas manteigas, que se podem remediar com outras, ou com outros adubos, do que faltam as tartarugas que são a maior fartura daquele Estado.*

A mesma providência deveria haver nas manteigas do boi marinho, pois por causa delas se sente esta diminuição neste pescado; porque não são estes peixes, como os mais, que se multiplicam por ovas, e em cada ova tem milhares de crias; e por isso por mais pescarias que dele se façam, sempre há abundância (não havendo venenos que matem tudo) Não assim o peixe boi, ou vaca marinha, que só pare um por cada vez; ou quando muito dous filhos; por isso são mais raros; e fazendo-se deles pescarias para a factura da manteiga; como costumam aqueles habitantes do Amazonas, virá tempo, em que se não ache um, como já se experimenta em grande parte dos rios; e só nos lagos mais solitários é que ainda se acham, e neles os vão pescar, os que querem fazer grandes negócios nas suas carnes, e manteigas.

TRATADO 6º

DAS MISSÕES DO AMAZONAS, E SEUS ESTADOS.

CAPITULO 1º

DAS CONDIÇÕES ONEROSAS DAS MISSÕES DO AMAZONAS.

Já em outra parte descrevi as missões do Amazonas, o seu governo espiritual, e temporal o modo, como se augmentavam, e conservavam, e como se practicavam os índios salvages para as missões; e as condições onerosas

que tinham as ditas missões na repartição dos índios aos moradores brancos para irem às colheitas do sertão: Agora direi algũas outras providências, que para a sua conservação se devem pôr; e para melhor se perceber a sua precisão será necessário renovar algũas espécies do que então dissemos, especialmente sobre a condição da repartição dos índios, posto que já nesta mesma parte nela tocamos.

A condição mais onerosa das missões no Amazonas é a repartição dos índios aos brancos, o que se faz desta maneira: Contam-se todos os índios de cada missão, e delas se faz uma relação de todos os que são capazes do trabalho desde a idade de 13 até 60 anos; dos doentes, que há, e estropeados, e dos oficiaes públicos etc. e jurada in verbo sacerdotis *(falo até o meu tempo, em que os missionários era regulares) se manda aos governadores todos os anos antes da monção das canoas. Segundo o regimento das missões, e leis justissimas daquele Estado se devediam estes índios em 3 partes; a 1ª para ficar na missão: a 2ª para dela se tirarem 25 índios para o serviço do missionário, e os que sobejavam desta 2ª parte eram para a repartição dos moradores a 3ª parte era para repartir às canoas dos brancos que iam para o sertão; e para o serviço real isto é, dos ministros régios, governadores etc.*

Esta repartição dos moradores se adverte nas leis que seja voluntária, e não violenta só querendo os índios; mas não obrigando-os; atendendo com esta circunstância a que, como livres, se não devem obrigar a estes serviços. Tudo isto está muito santo, e justo, se se observasse; mas nada menos se observava, excepto a lista dos índios, que indefectivelmente se dava todos os anos; mas dada ela, se procidia, como se tal lista se não desse; porque as Portarias se despachavam à reveria, de sorte que se v. g. *só cabiam na repartição desta, ou daquela missão 50 índios, sem se atender ao número, se iam dando enquanto havia moradores, que os pedissem, ainda que fossem 100. Tãobẽ a condição, de que ficassem na aldea a 3ª parte, que se adverte fossem os índios, que tivessem ido no ano antecedente, tanto se não observava, que antes costumavam ir todos os anos os mesmos.*

A condição de que só se repartiam os índios voluntários, não obrigados estava já totalmente abolida; porque ou quisessem, ou não quisessem se haviam de obrigar ainda que fosse necessário para isso sorrá-los com açoutes, e amarrá-los com cordas, e grilhões; porque os brancos que apresentavam despachadas as suas Portarias, não se satisfaziam [roto o manuscrito] dizer já não há, ou não há quem queira, mas instam que não hão de sair de lá sem eles: e se são oficiaes militares, não estão com mais cerimônias, entram a amarrá-los, onde os acham, se os missionários logo logo os não satisfazem, como se estivessem na algibeira. Na lista se mandavam matricolar os que tinham 13 anos para cima; mas nenhum dos que pediam índios, se contentava com eles; nenhum queria meninos (e na verdade não eram capazes para remar as suas grandes canoas, nem para o laborioso trabalho do sertão) todos queriam homens, e homens robustos enfim era ũa tragédia para os pobres índios, e para os seus missionários esta repartição.

Estas são as condições mais onerosas das missões do Amazonas, o maior desassossego dos missionários, de sorte que mais lhes custa esta repartição, do que todas as mais fadigas do seu ministério; o maior flagelo dos índios, e a maior destruição das missões portuguesas. Digo portuguesas; porque as missões espanholas que estão mui florentes naqueles estados tem outro mui diverso regimem, tanto, que não só se não extraem os seus índios para serviço algum dos brancos, ou suas canoas; mas nem ainda se consente em

muitas delas o entrarem, ou aportarem lá brancos alguns, para se evitarem com esta providência os muitos distúrbios, que acusam nas missões; por isso são tão populosas, e florentes, que vale mais ũa sua das mais piquenas aldeias do que a mais populosa missão portuguesa. Porém

Como já apontei acima os danos grandes desta repartição dos índios aos moradores, aqui agora só descreverei dous dos seus maiores inconvenientes; e com eles responderei a um reparo, que fazem muitos, perguntando qual seja a rezão porque nas missões espanholas, se façam com tanto festejo esperitual os Ofícios Divinos, e com tanta remissão nas portuguesas? e como para os descimentos dos índios bravos, e salvages haja tanta dificuldade nos estados portugueses, e tanta facilidade nos espanhóes? Agora responderei ao reparo com descrever dous dos maiores inconvenientes, que trazem anexos a repartição dos índios ao serviço dos brancos. O 1º é o não poderem celebrar-se com o decoro necessário os Ofícios Divinos suposta a repartição dos índios; e a causa é: porque com a repartição dos índios, não há índios estáveis nas aldeias; todos estão expostos a marcharem para fora a maior parte do ano:

Desta sorte não se podem insinar os mininos, e muito menos os adultos a música, nem instrumentos músicos, porque é trabalho perdido: Que vale cansar-se um missionário a insinar os seus neófitos a cantar ũa missa, a celebrar um ofício, a tocar alguns instrumentos se eles chegando a ser capazes de oficiarem nas igrejas se obrigam a ir remar canoas, e trabalhar para os brancos? Todos os missionários tem catequistas, e sacristães que tem ensinado com grande desvelo, e industriado para os ajudar nas obrigações da igreja; porém às vezes é tal persiguição de índios para o serviço real, e serviço dos brancos, que nem sacristães, nem catequistas ficam isentos de saírem para fora, como socedia no meu tempo; com semilhantes desordens como se hão de insinar outros a música, e Ofícios Divinos? Por isso dizia um grande missionário, e mui experimentado a um general empenhado a que se ensinasse todos os meninos índios as letras humanas sem, sequer que os índios aprendam, e saibam ler, e escrever, e mais artes tire-lhes o remo da mão; e seria bom; porque se quase toda a sua vida andam os pobres índios a remar canoas, e a servir aos brancos quase,ou peior que escravos, como hão de aprender, ou de que lhes servem as letras humanas.

No tempo do dito general que por ũa parte com as escolas, e outros meios parece que queria, e pertendia augmentar os índios, por outra parte era tal o desassossego para remar as canoas, e mais serviços que ainda lhes davam tempo para descansarem; apenas saiam uns, e já se pediam outros; apenas chegavam alguns do serviço de muitos meses, e não havendo outros de reserva para irem em seu lugar obrigavam os mesmos, que chegavam a voltarem, e houve occasiões, em que não perdoando nem ainda os oficiaes mais precisos nas aldeias, e não achando já índios, nem ainda previligiados, pegavam, e obrigavam às índias a ir remar as canoas, e mais para as suas maganagens, e para todos estes distúrbios, tinham os militares absolutos poderes do dito general; havia índios, que já não queriam mais voltar à sua aldeia dizendo, que se logo o haviam de tornar a obrigar a sair, melhor lhes era ficarem no serviço por ũa vez. Foram aqueles anos, e tempos a maior desolação das missões; o maior desassossego dos índios, a mais viva afição dos missionários, e o maior distúrbio daquela pobre gente, que se pode considerar: Os índios andavam sempre em ũa roda viva; suas mulheres quase viúvas padeciam as maiores misérias; os filhos as maiores fomes, que talvez nunca padeceram: vejam agora lá se podem os missionários ter promptos, e expeditos, e estáveis ofician-

tes dos Ofícios Divinos; e se podem celebrar, como desejam, e convêm as funções das suas igrejas? Por isso um missionário de outra religião, desejando por ũa parte celebrar com todo o esplendor os Ofícios Divinos, e considerando por outra parte a instabilidade dos índios, mandou ensinar as meninas mais hábeis da doutrina a beneficiar os ofícios da igreja, solfa etc. e na verdade só elas o podem fazer por mais estáveis nas suas aldeias, se não tivessem outros inconvenientes, que as proíbem de semelhantes ministérios.

Não assim nas missões castelhanas, onde os índios são estáveis, bem como qualquer povoação de brancos na Europa, e por isso os ensinam os seus missionários, aprendem solfa, aprendem instromentos músicos, celebram nas igrejas com muita solenidade os Ofícios Divinos aproveitam-se nas artes mecânicas, e finalmente bem logra-se, o que se lhes ensinam. E tem outra conveniência as músicas nos índios, e é que gostam muito delas; nem há cousa, que mais os atraia à igreja do que a música; a música os convida a freqüentarem as igrejas, a música os excita a celebrarem com muita solenidade os Ofícios Divinos, a música finalmente os acarecia, e move ainda os salvages a saírem dos seus matos, a submeterem-se aos missionários, a ouvirem a Doutrina Cristã, e a fazerem-se católicos.

Bem conhecia o grande missionário o Padre Vieira esta verdade, e por isso aconselhava aos mais missionários daquele Estado, que introduzissem nos seus neófitos o canto, e instromentos músicos, e ele mesmo assim o fazia, e fez para isso um grande provimento de instromentos dos quaes ainda restavam, e vi alguns no meu tempo, e bem o conheciam, e experimentavam os mais missionários; porém a extração dos índios para o serviço dos brancos, e a sua instabilidade nas aldeias os fez conhecer, que era trabalho perdido a música nos índios, já frustrados, o que se gastava nos instromentos; e incompatíveis neles as artes liberaes, e mecânicas com o remo na mão quase sempre, e com os laboriosos serviços dos brancos: Querer por ũa parte fazê-los homens com o cultivo das artes, e por outra querer sirvam como escravos, e que só se ocupem no serviço dos brancos é quer impossíveis.

O 2º inconveniente desta repartição, e reposta ao 2º reparo é a grande dificuldade que se segue desta repartição dos índios ao serviço dos brancos nos descimentos dos índios salvages, e sua conversão a fé católica porque tem os índios salvages ordinariamente comonicação com os índios mansos das aldeias; por eles sabem tudo o que passa, e como os obrigam a servir aos brancos, remar canoas, e andar em ũa roda viva; sabendo isto não querem decer dos matos, não acreditam as prácticas dos missionários, e dizem, que os querem enganar para também os obrigarem ao serviço dos brancos como aos mais; confirmam-nos os índios mansos na sua suspeita, e muitas vezes socede, que, que os mesmos línguas, que levam os missionários, e em quem se fiam para por seu meio praticar os salvages, se viram por parte deles, e os persuadem a que não desçam dos seus matos para as missões, porque nelas os obrigarão a servir aos brancos, e frustram todas as diligências, e gastos dos missionários; outras vezes respondem os índios mansos o mesmo, quando os missionários os persuadem a que vão practicar, e trazer para a missão a seus parentes salvages, que tem nos matos, dizendo, para que; para servir aos brancos?

Eis aqui como a repartição dos índios aos brancos é um grande impedimento, e estorva para a conversão dos índios; e a maior dificuldade para augmentar as missões portuguesas; e como por outra parte tem tantos distúrbios os índios mansos, e tanta diminuição as aldeias; segue-se, que estas

se acabam, ou ao menos se vão acabando, e desfazendo: e pelo contrário as missões castelhanas, que não tem semelhantes repartições, nem estorvos, e impedimentos se augmentam cada vez mais com novos descimentos; não tem dificuldade os salvages de se deixarem penetrar das prácticas, e verdades; que lhes fazem os missionários castelhanos; com facilidade se incorporam nas suas missões com os índios mansos, levam-se muito das suas músicas, sossego, e quietação sem brancos, que os perturbem, nem canoas, e serviço que os afugentem: e esta é a causa de serem as suas missões tão populosas, e nelas tão exercitadas as artes.

Estes inconvenientes pois que trazem consigo as repartições dos índios, e os mais que expusemos acima sendo forçosos a aliviar as missões de tão onerosas condições, muito mais serão introduzindo-se a navegação em barcos comuns, e proibindo-se as canoas às colheitas do sertão, de que temos falado; e por isso ficarão aliviadas de tão onerosas condições; e só assim poderão outra vez respirar, e augmentar-se; nem já então terão tanta dificuldade para se converterem os índios do mato. Mas se são tão onerosas as condições das repartições dos índios; quanto mais onerosas são as condições da repartição tãobẽ das índias?

Há algumas missões, as quaes além da repartição dos índios, tãobẽ tem a obrigação de dar índias aos moradores brancos das cidades, ou vilas vizinhas, sem mais causa, do que o pertenderem-no assim os ditos brancos alegando falta de escravas; de que nem se infere que vão servir como escravas, porque a suprir a sua falta. Verdade seja, que o previlégio só lhes concede sendo solteiras, desempedidas, e que queiram ir por sua vontade; e só para leiteiras, isto é para darem de mamar, e criarem a seus peitos os filhos dos brancos; e para farinheiras, isto é para desfazerem as roças da mandioca, e delas a farinha de pao, quando os moradores não tem servos, ou servas, que o façam, porque ordinariamente é serviço das mulheres.

São tantos os inconvenientes, que se seguem desta repartição, que se chegassem à notícia dos piadosíssimos reis de Portugal, certamente haveriam por bem de a abolir; nem se poderia prometer outra cousa da piedade cristã: exporei brevemente alguns, e deles se poderão conhecer os mais: primeiramente se expõem aquelas pobres índias em occasião próxima de pecarem: e basta para prova disso, o que me disse um missionário que esteve em ũa destas missões, que nenhuma das índias ou fossem dadas para leiteiras, ou para farinheiras voltava para a sua aldeia e que não voltasse ou com filhos apanhadiços, ou ao menos leiteiras: eu bem sei que aquela pobre gente em toda a parte, e ainda na sua mesma missão é facílima, e pode ser [roto o manuscrito] rezão com que logo os seculares querem rebater esta inconveniência; que se lhes propõem; mas podiam advertir que na missão se são más é por sua culpa, de que hão de dar contas a Deos; e no sítio, ou casa dos brancos não só eles; mas tãobẽ quem lá as põem há de dar conta a Deus porque as põem em occasião próxima sabendo a sua fragilidade comprobada com a experiência.

2º inconveniente é que com a capa de leiteiras, e farinheiras se pedem para todo outro serviço: Lá pede ũa[s] índias para desfazer ũa roça, mas tãobẽ se serve para plantar outra, ou outras; pedem-se para fazer farinha, e tãobẽ as mandam fiar algodão, e quaesquer outros serviços, que querem. Lá pede outro ũa leiteira para ama de seu filho; mas juntamente é para servir, mi-

nistrar, e fazer de escrava a toda a família, buscar lenha, chegar água, fazer a cozinha, e finalmente ser ũa escrava com a capa de leiteira; e se não houver cuidado em a procurar lá a terão anos, e anos, e a deixarão ficar até a morte, e talvez para melhor as segurarem as casam com algum escravo, como muitas vezes socedia; e socederia mais vezes se não temessem perder os escravos voltando estes com suas molheres para a sua aldeia por lei, que está já estabelecida nesta matéria para obviar o descaminho, que tinham estas leiteiras e farinheiras.

3º inconveniente é, que devendo serem estas leiteiras, e farinheiras, especialmente as leiteiras, que vão para a casa dos brancos por mais tempo, muitas solteiras, ou viúvas, e voluntárias, porque só estas são as mais expeditas, tudo se faz pelo contrário; porque queiram ou não queiram as hão de obrigar a ir, e hão de ir por mal, se não quiserem por bem: e se obrigam tãobẽ as que tem crias, e filhinhos, e se vem precisadas ou a deixá-los expostos a mil misérias, ou a carregá-los para casas estranhas, onde padecerão outras mais; e talvez talvez se obrigam tãobẽ as casadas contra todo o direito: e perdendo muitas vezes as suas roças, e farinhas por irem fazer as farinhas, e desfazer as roças dos brancos.

4º inconveniente é finalmente o descaminho das índias, que por este modo ficam totalmente ausentes das suas aldeias ũas vezes porque as sobnegam os moradores; outras vezes dizem que morreram, outras vezes que logo as reporão, e este logo nunca chega, e já com ũas, já com outras disculpas são muitas, as que nunca tornam para a sua casa, e aldeia, ou só depois de muitos anos; e para que vejam quantas índias levam estes descaminhos, basta dizer, que só um morador, sendo delatado ao governador, de que tinha escondidas algũas índias aldeianas no seu sítio, e vendo-se por ele obrigado a repô-las na sua missão, foi entregar ao seu missionário por ũa vez ũas e com alguns filhos apanhadiços que de lá tinham [ilegível] por todas as pessoas; quantas mais haverá pelos mais sítios dos moradores, se em um só se acharam tantas?

E muitas vezees socede que elas mesmas já não querem voltar para as suas aldeias, casas, e parentes; porque os moradores para as terem contentes as deixam viver com toda a liberdade da conciência, que querem; e como sabem que nas suas aldeias já pela vigilância dos missionários, já pela repreensão dos seus parentes se hão de ver obrigadas a serem mais comedidas, e constrangidas, por isso já vivem contentes com os brancos, e não querem já sair de suas casas, mudando talvez os nomes para nunca por eles poder ser buscadas; em ũa occasião me avisou um morador homem timorato de que em um tal sítio estavam ũas destas índias aldeianas vivendo muito contentes no libertinismo desconhecidas com nomes supostos, e assim se achou.

Estes, e muitos outros inconvenientes se seguem da repartição das índias aos moradores, os quaes, ainda sem olhar para os danos temporaes, mas só para o serviço de Deus; para que só devíamos olhar os católicos, se fôssemos verdadeiros cristãos, e tivéssemos o devido temor, e amor de Deus são causa mui suficiente, e super abundante para se evitarem de ũa vez semelhantes repartições de índias, assim o quis fazer um mui zeloso missionário por meio de ũa proposta a Sua Majestade Fidelíssima, mas houve de accomodar-se ao parecer dos seus superiores que precavendo algũa conjuração dos moradores, que nada menos per [ilegível] do que ter à sua disposição e escravidarem.

se pudessem, a índios, e índias, sabendo donde lhes teria vindo aquele golpe, se não poderiam conter, e os perseguiriam, e correriam às pedradas. Mas basta nesta matéria que com o mais, que já acima temos dito, basta para ver quão gravosas, e onerosas são estas nas missões condições portuguesas do Amazonas, e por cuja causa nunca poderão ser bem ministradas, e augmentadas; ainda que os seus missionários se desfaçam no seu laborioso exercício e procurem tirar dos matos copiosos descimentos de salvages.

CAPITULO 2º

DA REPARTIÇÃO DOS ÍNDIOS AOS SEUS MISSIONÁRIOS.

Visto termos tratado da repartição dos índios aos seculares para os seus interesses nas canoas, e colheitas do sertão, tãobẽ diremos algũa cousa dos indios que na sua repartição cabem a seus missionários. Mas por não repetir o costumado nesta matéria, que já exposemos na 4ª Parte tocarei aqui só nos inconvenientes, que há no costume de mandá-los ao sertão; porque tãobẽ as canoas dos missionários que vão ao sertão trazem consigo quase os mesmos inconvenientes que as canoas dos seculares; excepto em não terem tantos descaminhos pelas casas, e sitios em serem repostos a seu tempo na sua aldeia em serem mais bem assistidos nas suas doenças, e ordinariamente mais bem pagos; mas nos mais inconvenientes correm parelhas com os seculares.

Porque no trabalho de remar as canoas; na incomodidade dos calores do sol de dia, do fresco da noute, dos temporaes, e chuvas, que tudo levam sobre si, e ao descuberto; os perigos da saúde, e vida; as contingências de serem mordidos das cobras, e bichos poçonhentos, de serem acometidos das onças, e feras do mato, e assaltados dos tapuias bravos: A falta de sacramentos em tantos tempos, as contingências de morrerem ao desamparo; a ausência tão larga de suas casas, e familias; o desampãro das mulheres, e filhos tudo corre a mesma parelha, que as canoas dos brancos; e por isso se se devem proibir ũas, tãobẽ se devem proibir as outras para evitar singularidades, e disparidades:

É certo, que alguns missionários, que estão mais intrinsicados pelo centro do Amazonas, vezinhos, e imediatos aos cacuaes, e mais haveres daquelas matas como são os do Rio Solimões, Rio Madeira, Javari, e semelhantes outros, que tem à porta estes haveres, e sem as incomodidades, perigos, e contingências das mais canoas, não farão mal em os aproveitarem para os seus provimentos, muito mais vindo sempre todos os dias, ou de alguns dias dormir às suas missões, e casas; e ainda exortar aos índios, que se hão de andar ociosos, se saibam aproveitar das riquezas, que Deus lhes dá nas suas matas; e por meio delas se podem haver, porque não devem ser os haveres do sertão reprovadas por más e absolutamente; mas pelas grandes inconve-

niências que trazem consigo, e grandes deficuldades, e perigos, de que andam acompanhadas; mas quando não há esses perigos, deficuldades, e inconvenientes como nas missões vizinhas, antes é e fará muito útil occupar tãobẽ nisso os índios da repartição.

São os índios da repartição dos missionários ao muito 25; digo ao muito, porque se as missões, ou aldeias não chegam por pouco povoadas a caber nas 3 repartições 25 índios, mas só 15 v. g. *ou 10; só 10, ou 15 cabem na repartição ao seu missionário, e não mais; mas se pelo contrário é populosa, e tem* v. g., *60 índios da repartição, ou mais; contudo isso não poderá o missionário tirar mais do que 25. Destes índios, pois, que os senhores reis de Portugal lhes tem consignado para os seus provimentos, e precisões, se podem utilizar, ou seja mandando-os às colheitas do sertão, como se fazia até os anos de 57; ou em qualquer outra cousa, que lhes pareça mais conveniente: Sendo pois as missões mui distantes, e havendo os índios, que mandam às colheitas de incorrer nos perigos, e inconvenientes, e deficuldades, que propusemos, é certo que mais são então os danos, de que os proveitos, e se devem proibir por perniciosas, como temos dito das canoas dos seculares; sendo porém as missões vizinhas às colheitas, não incorrerão as mesmas rezões.*

No capítulo seguinte apontaremos outra melhor economia para occupar, ou escusar estes índios; agora responderemos a um reparo dos seculares mui ordinário de terem os missionários do Amazonas estes índios da repartição: posto que tãobẽ já demos em outra parte a rezão disto que fizessem este reparo os europeos, e estranhos, que não tem conhecimento nem daquelas gentes; nem dos gastos, que fazem precisos os missionários, não é muito de estranhar; mas que o estranhem os mesmos moradores daquelas terras, a que lá se destinguem dos índios com o nome de brancos, é para mais se admirar! pois agora lhes responderemos ao reparo filho só da sua malevolência, ambição, e inveja, que só desejam poder dispor de todos os índios, como se fossem seus escravos muito à sua satisfação, e não podem sofrer, que tãobẽ se occupem em serviço dos missionários, de sorte, que dos missionários só querem

Que sim preguem como apóstolos àqueles índios, que os doutrinem como doutores; que se desfaçam em zelo, e se afadiguem em fazer descimentos de salvagens, e pagões, e que como caçadores os busquem pelos matos, os practiquem, e os conduzam para as missões já domesticados, não tanto para que se convertam, e façam católicos, nem para que Deus seja tãobẽ deles conhecido, e glorificado, que isso lhes importa pouco; mas para terem mais índios de repartição às suas canoas, e serviço; mas não atendem a que nada disso podem fazer os missionários sem grandes gastos, e muito dispêndio, que como pobres não tem donde lhes venha, senão buscar algũas providências nos mesmos índios, e nas colheitas do sertão, com cuja comutação mandam todos os anos aos portos fazer os seus provimentos, os quaes não poderão fazer, se não tiverem gêneros, que comutar.

[Roto o manuscrito] não se fazem, ou exercitam as missões do Amazonas, como outras missões; nas mais missões v. g. da China; do Japão, da Etiópia; e da India, ou tem os missionários suficiente côngrua no pé de altar; ou tem suficiente diário para os precisos gastos das suas pessoas, e quando muito dos seus familiares, e catequistas; não assim no Amazonas, onde os menos gastos são os que fazem consigo os missionários; muito maiores gastos fazem com os mesmos neófitos, dos quaes não só não recebem espórtula alguma do que chamam por [roto o manuscrito] mas antes lhes repartem algũas dádivas: Nada recebem pelo baptisado; nada aceitam pelo casamento; nada recolhem

pelo funeral: antes no funeral lhes é preciso dar muitas vezes a mortalha, fazer os gastos da cera, e fazer de graça, e por caridade o enterro. Enfim nem para a sua pessôa, e familiares; nem para os precisos gastos das igrejas tem côngrua; nem recebem dos seus neófitos reconhecença alguma, ou pé de altar.

A única côngrua que tem no Amazonas os missionários portugueses são 30000 réis, que apenas chegarão para os gastos das suas igrejas; e quando estas se fazem de novo, ou se consertam, arruinadas já se vê, que é nada para os gastos; para pois se resarcirem estes concederão aos missionários os Senhores Reis de Portugal àqueles missionários enquanto eram regulares até o ano de 57, em que se removeram 25 casais para o seu serviço; dos quaes os índios mandavam em ũa canoa às colheitas do sertão, e das índias ordinariamente se não serviam: mais do que em mandar-lhes fiar algum algodão, em tão pouca quantidade, que as mais serviçaes apenas davam ũa quarta de fio por semana; e isso eram só as que queriam de toda a aldeia, e não precisamente as mulheres dos 25 índios, era tãobẽ só algũas vezes; enfim era tão pouco o emolumento, que disto tiravam os missionários que a maior parte deles o não queriam e mandavam antes comprar o pano preciso para o gasto de cada ano; Falo dos missionários jesuítas porque não sei bem as particolaridades das mais religiões.

Um dos maiores gastos, que fazem os missionários do Amazonas é nos descimentos dos índios salvages, quando os practicam, e tiram dos matos: porque vão, ou mandam repetidas vezes canoas bem esquipadas com línguas, que saibam o idioma daquela nação, que pretendem practicar; que muitas vezes fica meses inteiros de distância, procura afagar aquelas feras humanas mais com dádivas, do que com palavras, e pregações; leva vestidos para os principaes, e suas famílias; acarecia os mais com alguns mimos, e enfim se empenha em contentar a todos; isto faz, e repete às vezes ũa, e muitas vezes; e quando finalmente se resolvem a sair dos seus matos, em que andam nus; os vão, ou mandam buscar os missionários, e aprimeira cousa, que fazem é vesti-los a todos para poderem aparecer diante da gente; sustentam-nos no 1º; e as vezes mais anos com farinhas, que para isso compram, e ordinariamente com conducto: mandam preparar casas, em que se recolham; repartem-lhes machados, e facas, e as vezes outros instrumentos para entrarem a cultivar a terra ao uso dos índios mansos.

É necessário andar sempre a acariciá-los como faz ũa mãi a seus filhos dando-lhes água ardente, e outras cousas para os ter contentes; e muitas vezes socede, que depois de alguns anos, e depois de todos os gastos feitos fogem, e se vão outra vez esconder nos matos, e eis até todos os gastos perdidos, a missão empenhada, e os missionários solícitos em como a hão de desempenhar. Calo os mais gastos, que tãobẽ não são poucos em esmolas, em remédios da botica, em pagamento dos índios, de que se servem; em comprar, ou mandar fazer canoas, e para muitas outras precisões. É certo que para os decimentos de tapuias bravos havia ordem de se darem da caixa real seiscentos mil réis; mas raríssima vez recorriam os missionários a este socorro pelas deficuldades, que havia, em se cobrar, porque costava mais a mecha que o sebo.

Vejam agora lá os que não vendo a trave, que tem diante dos olhos próprios, procuram ver o argueiro nos alheios, quantos são os gastos de um missionário do Amazonas, e quão precisos lhes são os 25 índios concedidos por Sua Majestade Fidelíssima! De mais, se aos ministros régios, que nada concorreram para a erecção das missões, nem para os decimentos, se consignam actualmente outros 25 índios promptos sempre ao seu serviço; se aos

governadores, e ordinário, se repartem outros tantos a cada um; e se finalmente se repartem aos seculares, que pelo mao trato, que lhes dão, se podem com muita rezão chamar seus inimigos, que muito é que tãobẽ os missionários entrem na repartição, sendo quem os tira dos matos, quem os fazem homens; quem os faz católicos; quem sempre os atura; quem os servem nas suas doenças, socorre nas necessidades, ministra de graça os sacramentos, os defendem das violências dos brancos, e dos seus inimigos, ensinam, doutrinam, enterram, finalmente os careciam com ũa mão por baixo, e outra por cima?

Bem penetrava estas rezões o general .... o qual ouvindo censurar esta repartição dos índios aos missionários lhes tapou a boca dizendo-lhes; — que se ele sem concorrer nada para as missões tinha delas 25 indios actualmente promptos aos seu serviço, que muito era, que os missionários que com o seu trabalho faziam as missões, tãobẽ os tivesse? — Melhor respondeo o Sr. Rei .... de gloriosa memória a outros envejosos com capa de zelo, que lhes suplicavam abolisse a concessão dos índios aos missionários. Nestas palavras dignas da sua piadade — se os seculares se servem dos índios pagando-lhes o seu jornal; não devem os missionários estar de peior condição —. E porque ainda não sossegavam aqueles malévolos, e já que não podiam impedir-lhes os índios calumniavam aos missionários de que não gastavam todo o producto das suas canoas, e índios da sua repartição dentro, e em benefício dos mais índios e missões, se dignou resolver o mesmo senhor — Que se os missionários pagavam os índios (melhor do que os brancos) se podiam utilizar do seu serviço da mesma sorte, que se utilizam os seculares do producto das suas canoas —: E bem considerado, que mais rezão tem os brancos de se aproveitarem dos productos dos índios, que lhes concedem, do que os missionários? Se os missionários devem gastar com as suas respectivas missões todo o producto das suas canoas ao sertão; da mesma sorte, ou ainda com mais rezão, devem fazer o mesmo os seculares, que nem tem com eles os trabalhos que tem os missionários; nem lhes pagam tãobẽ. Digo isto em defensa daqueles missionários, que se utilizarem dos productos dos seus índios, prescindindo da licença que para isso tenham das suas regras, e dos seus superiores; que enquanto aos missionários jesuítas, e capuchinhos, e talvez muitos outros, ordinariamente tudo, o que lhes produziam as suas canoas, gastavam com as suas missões, e índios, e igrejas; e

Quando muito davam algũa vez algũa esmola a seus conventos com muita rezão, por serem os seminários, donde saiam para as missões, depois de os terem creado, ensinado, e sustentado muitos anos até os fazer capazes daqueles altos ministérios: digo algũa vez; porque ainda essas eram tão poucas, que me afirmou ũa vez; o superior do colégio do Pará no 2º ou 3º ano do seu governo; que desde que governava aquele colégio não tinha recebido de todos os missionários nem ũa arroba de cacau, ou cousa que a valesse. Mas no caso, que se quisessem utilizar dos fructos das suas canoas; nenhũa injúria fariam às suas missões, e índios, a quem pagam o seu jornal, além de os socorrerem nas suas necessidades, curarem nas suas doenças etc. etc. Valha-nos Deus contra as más linguas; que hão de sustentar-se a sis, e talvez a suas famílias os curas, e párocos de toda a Europa, e de todo o mundo com os bens dos seus fregueses; e ainda se servem deles em todo o serviço pagando-lhes o seu jornal, sem que ninguém os censure e não hão de poder ser servidos os missionários do Amazonas dos seus neófitos, porque tanto trabalham, a quem tanto favorecem, a quem pagam o seu jornal?

Porém se tanto lhes davam nos olhos as canoas dos missionários, e tantas diligências faziam por tirarem das missões os missionários regulares, já desta parte estavam descansados, porque já o consiguiram no ano de 1757; e os regulares se podem dar os parabéns de se verem livres de contendas com os seculares; ainda que estes me parece estarão bem arrependidos da sua mudança, por quanto, sendo todo o seu intento poder tirar, e dispor dos índios das missões à sua reveria; e se vem agora ainda mais reprimidos dos seus insultos pelos directores das missões, que as governam no temporal, e pelos vigários seculares, que as dirigem no esperitual, ficarão agora sabendo a diferença que vai de uns a outros, como já eram, e choraram em outro tempo os antigos.

Porque se os missionários regulares se contentavam com 25 índios, agora os directores se não satisfarão com menos de toda ou da maior parte da aldeia; Nos princípios do primeiro ano estava ainda a mudança do governo das missões, e já eu via, ou ouvia, que algum vigário trazia occupados os índios no serviço das suas casas, e fazendas; e que fariam os outros, e os brancos directores pelo tempo adiante? Mas façam o que quiserem, a nós já não nos importa nada disso. Cada um lá dará conta a Deus do bem, ou mal que fizer. Falando porém no governo antigo; e tãobẽ porque talvez ainda tornem ao antigo, quando virem que as missões se vão acabando; e ainda tãobẽ com o Directório presente, sobre a repartição dos índios, direi no capítulo seguinte o melhor modo de providência.

CAPÍTULO 3º

MÉTODO FÁCIL, E ÚTIL PARA ESCUSAR OS MISSIONÁRIOS OS ÍNDIOS DA REPARTIÇÃO.

Assim como demos método aos seculares habitantes do Amazonas para escusar os índios da repartição com mais utilidade, e conveniências a eles, aos índios, e a todo o Estado; assim tãobẽ o aconselhamos aos mesmos missionários; não só por coerência; mas tãobẽ por bem comum assim deles como de todo o Estado, e com muita especialidade dos mesmos índios, a que mais se deve atender; porque alfim são senhores da sua liberdade, estão nas suas terras, povoações, e casas; e não basta a rezão de serem rústicos para se obrigarem a servir. Isto suposto seguindo o mesmo método com que principiamos; digo que

Podem (e podia dizer, que tãobẽ devem) os missionários do Amazonas escusar os índios das suas repartições fazendo hortenses os gêneros do sertão,

e fazendo estáveis nas suas missões, de cacao, salsa, cravo, café, e todos os mais, que quiserem; suficientes, e ainda super abundantes aos seus provimentos com muito sossego dos índios, e paz de toda a aldea, ou missão da mesma sorte que acima dissemos dos seculares; e do mesmo, ou de diverso modo, do que tãobẽ acima dissemos daquele missionário, que com o mesmo intento de escusar as canoas do sertão ia fazendo ũa boa fazenda de cacao, da qual, e dos seus productos já em dous, ou 3 anos mais para o diante não necessitaria de mais canoa, nem dos índios da repartição: pois assim como este pode fazer; porque o não podem fazer os mais missionários?

Podem pois escolher algũa porção de terra perto da sua residência, e nela depois de roçada, e limpa dos matos, fazer um plantamento de cacao; ou melhor das 4 principaes espécies daquele Estado, que são, cacao, café, salsa, e cravo; fazendo de cada espécie um bom plantamento v. g. *200 braças, para cacao, 200 para café, 200 para salsa, e 200 para cravo, que por todas fazem, e bastam 800 braças de terreno, o que podem fazer ou por partes, fazendo em cada ano um plantamento como ia fazendo o missionário [ilegível] supor junto, fazendo logo tudo no primeiro ano: para o que são de sobejo os 25 índios da sua repartição, aplicando-os a este serviço em lugar de os mandar ao sertão: Nem se acobardem por não terem naquele ano colheitas do sertão para os seus gastos, e provimentos; porque podem supor, que fazer conta, de que nesse ano não mandaram canoa, ou de que mandava vejo perdida, como muitas vezes socede; e se isto socede sem lucro, antes com grandes empenhos da aldeia; quanto melhor é soceder por rezão da fazenda, que brevemente desempenhará nos productos o intento dos missionários?*

Feita esta fazenda, ou plantamento no primeiro ano; podem no 2º, ou ainda no 3º mandar ao sertão, enquanto a fazenda não rende para os gastos; digo ou ainda no 3º; porque principiando estas fazendas a fructificar no 3º ano, como por vezes temos dito, pode ser, que ainda os productos não sejam suficientes ao preciso, e por isso se podem segurar com canoa ao sertão, ou em [ilegível] lugar com algũa outra diligência, ou indústria: a qual já não será necessária no 4º ano, e daí por diante; advertindo, que não mandando canoa ao sertão já os seus gastos são menos; e por isso se antes lhes eram necessários v. g. *300, ou 400 mil réis para os seus provimentos, e despachos da canoa, já dali por diante lhes bastarão* v. g. *só 100 mil réis; porque já não tem que fazer gastos com expedição da canoa como bem advertio o missionário que principiou a pôr em praxe esta boa economia. E não só poupam estes gastos; mas tãobẽ poupam os gastos, que precisamente antes faziam na compra, ou factura das ditas canoas, porque já então lhes não são necessárias canoas grandes; nem para o sertão, a que já não hão de mandar; nem para o transporte dos seus productos à cidade, porque dispomos os barcos da carreira em que se podem transportar.*

Quem não quiser fazer em um só, e no primeiro ano toda a fazenda, a pode fazer por partes em alguns anos como fazia aquele bom missionário, que em cada ano mandava fazer um roçado, em que mandava fazer algũa sementeira, e assim que fazia à colheita, mandava no seu lugar plantar pacoveiras e por baixo delas as plantas do cacao, que tinha promptas em canteiros, e assim ia estendendo a fazenda pouco a pouco: mas podendo fazer-se logo toda da primeira vez parece mais acertado, porque não só bastam para isso os 25 índios; mas o farão ainda em menos tempo, do que gastaria a canoa do sertão; porque ainda sendo um roçado, como temos dito de 800 braças em quadra, apenas vem a sair de roçado a cada indio 32 braças, o que pode fazer em mui poucos dias; e enquanto o roçado se não põe capaz

de se lhe atar fogo, se podem occupar os índios em algũa pescaria, ou em algũa outra cousa, cujo producto não só servirá para o seu sustento, mas tãobẽ para o seu pagamento.

Lançado o fogo, e feitas as coivaras, e limpo o terreno se podem logo dispor nele as pacoveiras e por baixo delas as piquenas plantas de cacao, ou do que quiserem plantar, se com providência antecipada as tiverem promptas do ano antecedente; e quando as não tenham promptas, as podem então semear por baixo das pacoveiras na forma, em que hão de ficar ao depois, e podem juntamente aproveitar o terreno com algum fructo daquele ano, fa zendo v. g. ũa sementeira de trigo, ou milhos, ou arroz, ou algodão etc. que são searas, que se fazem depressa, e não fazem mal às plantas, que forem saindo da terra; e ainda lhes ficará tempo para fazer um cercado a toda a fazenda, com que ao depois fique fechada, e segura.

Usando todos os missionários esta economia, e providência se seguem muitos, e incomparáveis bens aos estados, como já dissemos de semelhante providência nos seculares; porque seguram os missionários a sua côngrua nos productos da fazenda; evitam os gastos indespensáveis na expedição das canoas; livram-se de cuidados em procurar, e acariciar os índios, que muitas vezes se escondem, e repugnam; livram-se de escrúpulos nas contingências dos índios na longa ausência das canoas, de doenças, mortes, assaltos, e faltas de sacramentos, que é o que mais se deve ponderar nesta matéria, e o que deve levar a bóia ao fundo nesta matéria; e bastavam estes riscos, perigos, e contingências para obrigarem a quem toca a proibir semelhantes canoas ao sertão; que per isso eu disse acima, que com a economia das fazendas estáveis, não só podiam; mas tãobẽ deviam pôr em praxe esta economia; porque bem considerados os perigos dos pobres índios em taes canoas, e podendo remedear-se com tal fácil, e útil, e convenientíssima providência, parece que a sua praxe é mais obrigação, que faculdade, escusam-se tãobẽ os missionários dos cuidados de vigiar, acodir, e prover as molheres, e filhos dos ditos índios em cuja ausência parece obrigação a assistência precisa dos missionários por lhes tirarem a seus maridos, e pais.

Para os mesmos índios se seguem com maior ventagem todas as conveniências, que propusemos quando falamos de semelhante economia nos brancos; digo com maior ventagem; porque não tem necessidade os índios da repartição do missionário suposta a dita economia, de sairem fora da missão, nem o missionário de os occupar nisso; nem ainda de os occupar em cousa algũa; porque dos 3, ou 4 anos da fazenda por diante, já não tem necessidade de índios da repartição. Livram-se de todos os perigos, e contingências do sertão; escusam as contingências e ausências de suas casas, e famílias: O tempo que haviam de gastar no sertão podem gastá-lo no cultivo das suas terras, ou dos seus sítios, e não duvido que assim o farão a imitação dos seus missionários, porque são os índios como macacos, que logo querem imitar, o que vem; e sendo assim; quanto se augmentarão aqueles estados? quantas riquezas produzirá o Amazonas! quanto mais avultarão no temporal as povoações dos índios? Enfim são grandes as conveniências de semelhante economia, posta em praxe, e proibidas totalmente as canos do sertão.

Não é de piqueno augmento ao fisco real esta mesma economia; não só porque augmentando-se o cultivo das especiarias se augmenta conseguintemente o erário real; mas principalmente porque já então não tem os missio-

nários necessidade de côngrua para a sua suficiente sustentação, e gastos; e isto ou os missionários sejam regulares, como antes eram, ou sejam clérigos seculares como eram, e suponho que são ainda, os substitutos, que no ano de 57 foram soceder aos regulares, com a côngrua de 80000 réis cada um, fora o pé de altar; cuja soma sendo tantas as missões faz um grande cômputo; o qual todo se escusa com esta economia practicada nas missões, ou sejam administradas por clérigos, ou por regulares.

Ultimamente respondo a ũa objecção frívola, com que um missionário que foi no mesmo Amazonas, e quis impugnar esta economia; dizendo, que semelhantes fazendas cacuaes etc. occupariam o terreno da aldeia, e por conseguinte redundariam em prejuízo aos índios, que não teriam tanta terra para os seus roçados, que costumam renovar todos os anos, quanto pede o seu modo de vida; e se veriam obrigados os vezinhos a sairem fora dos seus limites a buscar outras terras, e fazer sítios, como já practicavam muitos. Esta objeção para os que não tem conhecimento da grande vastidão de terras devolutas, que há no Amazonas, poderia ter algũa aparência de racionável, e zelosa; mas para os que tem conhecimento daquela região, não vale nada, só tendo algum espirito tropológico, que não seguindo os ditames da rezão, se deixam levar por qualquer occorrência, que lhes vem: e senão vejam

Todas as aldeias, ou missões de indios tem por ordem real duas légoas em circuito de matas e terras em que os vezinhos se podem estender como, e onde quiserem. Mas há se de advertir, que esta determinação não é limitação aos índios que se podem estender mais longe, e por onde querem, como senhores que são daquelas terras, e porque estando devalutas são primi occupantis; *mas* sine *respeita aos brancos, aos quaes proibe o sitiar-se dentro daquelas duas léguas de terra, para não prejudicarem aos índios vezinhos, occupando-lhes as matas, e terras que querem e devem ter expeditas do arbítrio: daqui se segue, que segundo esta lei não podem os brancos fazer sítio dentro das duas légoas de cada povoação de índios, subpena de os expulsarem, e fazerem perder as benfeitorias, e sítios, que tiverem erigido; mas os índios podem sair, e fazer mais longe os seus sítios, e roçados, sem que ninguém lhes possa proibir por rezão de terras; posto que muitas vezes se lhes proíbe por outras rezões particulares, como de não poderem acodir as obrigações da igreja, e outras semelhantes.*

E de facto muitos aldeianos escolhem, e fazem mui distantes dias inteiros de viagem os seus sítios já por estarem [ilegível] livres da comonicação dos brancos; já por mais retirados dos viajantes, e vira mundos, e já por muitas outras rezões particolares; mas nunca por falta de terras dentro no limite das duas légoas; porque duas légoas de terra em circuito são muita terra, especialmente para as povoações dos índios, que ordinariamente são piquenas, e pouco populosas; de sorte, que ũa fazenda que de 800 braças em quadro são um nada em tanto terreno; o que sabido respondo agora a objecção, que a dita fazenda em nada prejudica aos índios por mesmas rezões: 1ª porque tem terras de sobejo; 2ª porque redunda em muita utilidade sua, como temos dito; 3ª porque devem sustentar aos seus missionários ou párocos: 4ª porque se os missionários estão fazendo, como ordinariamente fazem, sem que ninguém lho[s] estranhe, antes os louve, todos os anos roçados de mandioca, algodão, e milho, cujo terreno renovado todos os anos avança muito mais sem comparação a ũa fazenda estável. 5ª porque se na Europa, onde é

preciosa qualquer migalha de terra, estão os párocos tendo, além das suas grandiosas côngruas, suas herdades, a que chamam pascais, porque os não poderão ter no Amazonas os seus missionários estando as terras devolutas, e a reveria de todos? Enfim não valendo nada a lição, não fazendo caso dela passo adiante.

CAPÍTULO 4º

DE OUTRAS ÚTEIS ECONOMIAS, QUE SE DEVEM OBSERVAR NAS MISSÕES.

Como as missões do Amazonas se devem administrar mui diferentemente das mais missões do mundo; porque nas mais só atendem os missionários ao bem esperitual dos seus neófitos; e no Amazonas, e maior parte da América tãobẽ os missionários devem ser directores dos índios no temporal, por ser gente tão bruta, e rústica, que ordinariamente não tem economia algũa no seu viver, por cuja causa se vem precisados os seus padres esperituaes a fazê-los primeiro gente, e depois cristãos, dirigi-los igualmente no temporal, e no esperitual; se segue que quanto mais úteis forem as economias, que observarem, maior será o benefício que lhes farão a eles, e a toda a missão; e assim como devem atender à sua maior comodidade nas fazendas estáveis, que temos dito para os livrarem dos perigos, e trabalho insano das canoas, e colheitas do sertão, assim também os devem isentar, quanto mais poderem de outros trabalhos; e procurar-lhes todo o mais bem, que poderem.

Isto suposto: um dos trabalhos, de que os podem aliviar é o da pescaria quando não em todo ao menos em ũa parte: Já nós dissemos, que os missionários do Amazonas ordinariamente se sustentam de pescado por não haver gados pelo centro do Amazonas, mais do que algũas cabeças de gado vacum, tão poucas, que mais servem para a vista, e novidade do que para sustento, e só por festa algũa vez no ano se mata algũa rês; e em outras não há nenhũa (falo das missões portuguesas) e assim o ordinário sustento dos missionários e índios é a pesca, e para que esta não falte se vem obrigados a ter diariamente diversos pescadores, a quem pagam, e ainda assim padecem suas faltas assim pela natural preguiça dos índios, como por andarem neste exercício violentados, e contra vontade, porque mais quereriam divertir-se nos seus sítios, e occupar-se em outras mecânicas.

Podem pois os missionários escusar ou em todo, ou em parte estes pescadores, pondo outras providências, que sejam úteis a eles, e aos mesmos índios. A primeira e principal é o método, de terem gados nas suas missões; porque neles tem o maior subsídio temporal pera si, e para os seus neófitos

nem faltam terras devolutas, em que pastem às manadas sem prejuizo de algum, ou na mesma vizinhança da aldeia; ou em algũa ilha deserta das muitas, que tem ordinariamente vezinhas. O maior obstáculo, que poderiam ter, seriam as conduções, que na verdade eram dificultosíssimas na falta dos barcos da carreira; mas supostos estes barcos, como temos dito, já não tem estas dificuldades, porque neles se pode conduzir quanto gado quiserem com muita facilidade, sem mais custo, que o aluguel, e sustento preciso.

Seguem-se de semelhantes gados muitas utilidades aos missionários, e índios; aqueles; porque nos gados, que devem ser suficientes, terão o sustento preciso para si, e para os mesmos índios, e para toda a sua missão sem as contingências das carestias, que padecem na sua falta: e aos índios, porque tãcbē nos gados terão o seu preciso sustento, e ainda fartura; e já não serão obrigados a serem pescadores, por não serem já precisos: E para os doentes, velhos, e estropiados, e viúvas, a quem os missionários podendo se vem obrigados a acudir, mas ainda assim padecem muitas faltas, e misérias, não há melhor meio de lhes acudir, e socorrer; com que para todos são de muita utilidade, e de grandes conveniências os gados nas missões, ainda sem atender aos leites, queijos, e manteigas, que não são de piquenas conveniências. O mesmo que digo do gado vacum, que é o principal, se deve intender do gado miúdo, que naquele clima, e pastos não só se dá bem, mas multiplica aos [pares,] como já dissemos na 1ª Parte, e pouco a pouco se podem ir conduzindo, de sorte, que depois de alguns anos sejam bastantes ao sustento da missão.

Bem conhecem as utilidades destes gados os missionários castelhanos no mesmo Rio Amazonas; e por isso logo que fundam algũa missão entre os cuidados esperituaes dos seus exercícios, ajuntam este de introduzirem nela boas manadas de gado vacum; e em ũa carta que escreveo um missionário espanhol do Rio Madeira a outro português do mesmo rio, lhe dava conta de ũa nova missão, que estava fundando, e dos seus progressos, e augmentos, e que para princípio de um curral de gado, para bem da missão já tinha 800 vacas: reparem os missionários portugueses nesta quantidade por princípio de curral; porque tanta quantidade de vacas, que nas missões portuguesas se teria por ũa exorbitância no seu maior augmento, a tinham eles lá por um mero princípio de curral, e se isto era o princípio, qual veria a ser o augmento?

São por isso muito fartas as missões castelhanas, onde se podem introduzir estes gados; e se vê a fartura na liberalidade, com quem soccorrem aos navegantes, que por algum socesso aportam nas suas aldeias, porque não tem dificuldade em lhes darem de graça um boi para a viagem, ou mais, como experimentam, e confessam os mineiros das minas do Mato Grosso, que navegam o Rio Madeira, quando decem ao Pará, e sobem. E não vejo rezão porque podendo os missionários portugueses ter nas suas missões semelhante providência, e fartura, e não tinham tendo tanta vastidão de terras devolutas, e óptimos pastos, que se perdem inutilmente: Este pois deve ser um dos primeiros cuidados dos missionários do Amazonas, desenganando-se, de que quanto mais gado tiverem nas suas missões, mais fartas as terão, e mais contentes os índios; até talvez evitarão as largas ausências que costumam fazer em algũas missões os índios para buscarem as suas comedias, com o pé, de que as não tem nas aldeias, em cujas largas ausências há muitos inconvenientes.

A dúvida, que nisto pode haver é, por conta de quem hão de correr estes gados, se por conta dos índios, se por conta dos missionários? Mas atendendo à pouca capacidade dos índios, e que pelo ordinário nem sabem ter governo,

nem providência, ou economia, parece devem ser por conta dos missionários, a quem pertencerá o cuidado do seu bom pastoradouro, como fazem os missionários espanhóis. Se os índios fossem capazes, bom seria repartir a cada um algũa, ou algũas cabeças de gado; mas não sendo capazes, é perder o feitio, e pô-los em occasião de comerem tudo em um dia, como costumam: Lembra-me o caso, que refere um missionário espanhol do Paraguai, que ensinando a seus neófitos a cultivar a terra, e beneficiar ao uso da Europa, entregou a uns índios ũa junta de bois, com que fossem lavrar os seus campos, como fizeram; mas dando-lhes a fome, mataram, e comeram os bois logo no primeiro dia, e voltaram para casa.

Até tem outra particolaridade o gado vacum, pela qual se deva estimar nas aldeias, e é o ser mui sadio o seu bafo, e esterco; e por isso fazem muito sadias as povoações, em que pastam; e é mui louvável o uso, e costume das povoações dos brancos em terem nelas muitas cabeças de gado, que paste pelas suas praças, e ruas, onde sempre está pulando erva; [roto o manuscrito] e isto mesmo podem ter todas as povoações dos índios, e com mais rezão, porque sendo menos frequentadas, e passadas tem mais relva pelos largos, tanta, que é necessário o capiná-las repetidas vezes no ano para alimpar os caminhos, ruas, e serventias. É porém necessário algum cercado, que tenha mão no gado, e que não saia a damnificar as roças, e siaras dos índios que costumam fazer sem reparo algum; e apanhando por lá alguma cabeça de gado, bastará essa causa para logo lhe atirarem frechadas, matarem, e comerem. Com esta providência pois, evitam os missionários os pescadores, e terão as usas missões fartas.

Ainda para o peixe podem os ditos missionários ter providência de tanques, e viveiros, onde tenham prompto sem precisão de pescadores; é isto tão fácil nas missões, que já um missionário o practicou, recomendando aos pescadores, que lhe trouxessem o peixe vivo, o qual deitado em tanques, daí o mandava tirar com muita facilidade, e cozinhar: esta mesma providência podem ter todos os mais missionários, para não terem necessidade de ter pescadores. A mesma providência podem ter para as tartarugas; fazendo-lhes tanques espaçosos, e pondo-lhes ao pé taboleiros de area, em que ponham os ovos, e podem ter neles ũa grande fartura; e são estas ũas providências, e economias de muitas conveniências, e por outra parte tão fáceis, e de tão pouco custo, que não tem desculpa os missionários de não terem semelhante economia.

CAPITULO 5º

DA LÍNGUA QUE SE DEVE FALAR NAS MISSÕES DO AMAZONAS.

Esta questão, que nas mais missões não tem lugar, porque já se vê que a lingua vernácula dos povos é a que se usa, e a que costumam estudar os

missionários como na China, Etiópia, Egipto, Grécia, e as mais missões, que estão espalhadas por todo o mundo, não aprendem esses povos a língua dos missionários, para os ouvirem, e serem instruidos por eles; mas os missionários são os que aprendem a sua língua; no Amazonas pode ter sua dúvida já algũas vezes tem sido controvertida, nem faltam rezões por ũa, e outra parte; nace esta dúvida nestas, mais que nas outras missões do mundo, em que nas mais missões há nações, e povos separados dos outros e ũa só língua, pela qual todos se entendem, e comonicam: porque os chinas só falam a língua china, os gregos a língua grega; os hebreos a hebrea, e assim as mais nações,

Não assim nas missões do Amazonas, em que ajuntando-se diversas nações, cada ũa tem diverso idioma, pelo qual se destinguem ũas das outras; de sorte, que há missão, que se compõem de 30 para 40 nações diversas com idioma tão diferente, que não tem con-[roto o manuscrito] algũa entre si; por cuja rezão já se vê, que devem aprender ũas as línguas das outras (como ordinariamente fazem) para se comonicarem entre si, nem de outra sorte poderiam os missionários instrui-los na fé, e bons costumes, porque não poderiam aprender tantas, e tão diversas línguas, especialmente sendo os missionários instáveis, e removíveis de ũas missões para outras; e lhes seria necessário cada vez, que se mudam aprender diversas línguas, o que é absolutamente impracticável.

É bem verdade, que em todas as províncias, que se compõem de muitas, e diversíssimas nações, e idiomas há ũa língua comũa, a que chamam língua geral como na província do Peru a língua inca; na provncia do Paraguai, a língua......... e assim nas mais províncias; e nos estados portugueses do Brasil, e Amazonas é a língua topinambá a língua geral, e é a que se usa em todas as suas missões, e que aprendem as diversas nações, que em diversos tempos se vão decendo dos matos para as aldeias; a que estudam os missionários, e a que falam os brancos; nesta língua se composeram ao princípio pelos primeiros missionários jesuítas o catecismo, e doutrina; e a reduziram a arte com regras, e termos fáceis de se aprender.*

Porém, como os primeiros, e verdadeiros topinambares já quase de todo se acabaram, e as missões se foram restabelecendo com outras mui diversas nações, e línguas, se foi corrompendo de tal sorte a língua geral topinambá, que já hoje são raros, os que a falam com a sua nativa pureza, e vigor; de sorte, que já os mesmos índios não percebem o catecismo; nem os que estudam a arte se entendem com os índios especialmente no Amazonas, como muitas vezes tem experimentado, e confessado os mesmos missionários, e índios, de sorte está viciada, e corrupta que parece outra língua diversa; mas a qual é a que se usa em todas as missões portuguesas do Amazonas, e a que aprendem as novas nações, que vão saindo dos matos, e a que estudam os missionários brancos, que tratam com índios não com regras, e preceitos da arte, mas pelo uso, e trato dos mesmos índios.

Suposta pois esta corrupção da língua geral, e que já o catecismo, e doutrina não é aprendido pelos índios; e que as diversas nações de índios salvages, que são já hoje, os que compõem as missões com pouco resto de alguns originários dos primeiros fundadores, todas se vem precisadas a aprenderem

---

* *Espaço em branco no códice.*

aquela lingua, e antes de a saberem não podem ser instruidos, entra a dúvida, e questão qual seja a lingua, que se deva introduzir, usar, e insinar nestas missões se a geral corrupta, de que actualmente usam; se a portuguesa? porque os indios, e nações, que tem diversos idiomas sem noticia algũa da lingua geral, que vão saindo dos matos, e com que se vão restabelecendo as missões por força hão de aprender algũa de novo para poder tratar com os missionários, com os brancos, e com os indios já naturalizados, e mansos?

Nos anos de 50 até 60 em que governou aqueles estados Francisco Xavier de Mendonça Furtado se empenhou este general em que se metesse, e introduzisse nas missões dos indios a lingua portuguesa, alegando para aresto, que assim se tinha practicado nas conquistas da India, e Ásia logo nos seus principios, e que desde então se conservava naquelas nações a lingua portuguesa; e que já que se não tinha introduzido na América Portuguesa nos seus principios, ao menos ainda que tarde se fosse introduzindo; e que para isso se metessem escolas nas missões, a que acudissem, e se insinassem os meninos, e meninas a ler, e escrever, em português, e de facto se principiaram quase em todas as missões as escolas para mininos, escusando-se os missionários de escola das meninas por não lhes pertencerem as escolas em [ilegivel] gado; e as mesmas dos meninos introduzidas perseveraram pouco por se retirarem pouco a pouco os meninos, porque os pais mais os queriam rústicos como eles, do que sábios como [roto o manuscrito].

Deixados agora os porquês, e intentos daquele general e seus empenhos que todos eram temporaes para facilitar a comonicação entre eles, e europeos, e poderem contratar entre si etc. posto que só alegava a necessidade de os civilizar, augmentar, e fazer gente; Digo, que não só atendendo à civilização dos indios, e ao seu bem temporal, mas ainda, e principalmente atendendo ao seu bem esperitual, conversão, e salvação se deve introduzir nas missões do Amazonas portuguesas a lingua dos portugueses, em lugar da geral antiga dos topinambares. Não é só meu este parecer mas tem sido de outros missionários mui abalizados, e zelosos, e ainda que não tivesse outros patronos, bastam as rezões, que já ficam indicadas, e ainda explanarei com mais clareza, para a persuadir, por mais conveniente e útil aos indios, e a todo o Estado.

Porque em quanto ao temporal, é certo, que sendo os indios tão salvages não são tão brutaes nos costumes; tão feras na condição, e tão rústicos no trato, não há melhor nem mais pró [roto o manuscrito] do meio para os civilizar, e fazer gente, do que o facilitar-lhes a comonicação dos brancos, e europeos, e a política das nações cultas; para haver este trato, e comonicação, devem entenderem uns com os outros, pelo meio das linguas, e idiomas; logo a lingua portuguesa é o melhor meio de conseguir este fim. Provo a conseqüência. Sendo tantas, e tão diversas as nações, e linguagens do Amazonas é impracticável aos europeos o poder aprendê-las todas para as perceber, e practicar; por outra parte todas aquelas nações se vem precisadas a aprender nova linguagem, logo não os brancos, mas os indios são os que hão de aprender dos brancos a sua lingua. E se me oposerem, que para isso basta a lingua geral, e que não é necessária a portuguesa: respondo que sim bastaria se essa lingua fosse geral a todas aquelas nações, mas como para eles é a lingua geral antiga tão estranha como a mesma portuguesa, melhor lhes é e mais

lhes convém aprender a portuguesa, que a geral; porque com a portuguesa eles se fazem hábeis para tratar com os brancos; e com a geral só podem comonicar com os índios antigos nas missões, que são só os que a sabem. Além de que como a língua geral está já tão viciada, e diversa da antiga, que nem ainda os mesmos creados nela, e com ela a entendem; para que os novatos a hão de aprender? Mas enfim; se o que se pertende nos índios é civilizá-los, e fazê-los gente, este fim só, ou mais depressa, e com mais facilidade se consegue com a língua portuguesa, do que com a linguagem dos índios.

No tocante ao esperitual ainda muito mais convém aos índios novatos aprender a língua portuguesa, do que a língua geral dos índios; e se prova pelo que já dissemos da corrupção da língua geral antiga; porque se ainda os índios tapijaras (chamam-se tapijaras os índios descendentes dos primeiros fundadores das missões, e creados nelas) não intendem, nem percebem já os termos da verdadeira língua geral, nem a doutrina do catecismo, muito menos a perceberão os índios novatos; e não a percebendo tãobẽ não perceberão aos seus missionários que os ensinam pelo catecismo; logo não convém insinar-lhes ũa língua, que não intendem, e melhor é, que aprendam em seu lugar a portuguesa: porque na portuguesa podem os missionários explicar-lhes por muitos, e fáceis termos a doutrina; e na língua geral se atam só aos termos antigos, que não percebem. Fora disso, lhes convém mais a língua portuguesa, que a geral para entenderem (além dos seus missionários) aos prelados quando fazem as suas visitas; porque ordinariamente não sabem os prelados, e visitadores outra língua, que a portuguesa.

Acrescenta-se a isto a facilidade grande com que aprendem o português, mais do que a língua geral; quando se intimou aos missionários que insinassem nas missões a língua, ou a doutrina pelo português, admirei eu, e muitos outros a brevidade, com que os mininos em poucas semanas, ou meses tomaram de cor a doutrina cristã; e com tanta energia, e espevitação, como o podem fazer os meninos da escola europeos mais bem instruídos: Algũas vezes me chamou, e convidou um missionário (e tãobẽ a outros) para ouvir, e admirar a promptidão com que respondiam às perguntas da cartilha, e catecismo os seus meninos; quando na doutrina pela linguagem dos índios são tão rudes, que, costumando frequentá-la todos os dias de manhã, e de tarde, desde que principiam a ter uso da rezão, até casarem, ordinariamente saem tão rudes como os que rara vez a ouvem, e freqüentam.

[Eles] me repõem, que esta brevidade, e facilidade, com que tomam o português é sem percepção; respondo, que nisso estarão do mesmo estado, que com a doutrina na língua geral, que tãobẽ não percebem nem ainda a maior parte dos antigos [roto o manuscrito]; porém assim como para os fazer perceber a doutrina do catecismo lhes explicam os missionários por diversos termos, e figuras; assim tãobẽ lhes podem explicar a doutrina que não perceberam no português. Além de que já hoje os mesmos índios tapijares pelo trato, e comonicação com os brancos, na remagem das canoas, e mais serviços estão tão aportuguesados na língua, que se pode duvidar qual melhor percebam, se a língua geral, se a portuguesa? e sendo assim, não custará muito a meter-lhes o português totalmente como a língua geral, que devam aprendem os índios novatos, com que se vão restabelecendo as missões, especialmente usando dos meios mais proporcionados, que são os seguintes[.]

CAPITULO 6º

QUE AS ESCOLAS SÃO O MEIO MAIS PROPORCIONADO PARA CIVILIZAR OS ÍNDIOS.

Em todo o mundo são as escolas, e os estudos os meios comuns, e universaes para civilizar os povos, industriar os meninos, crear a mocidade, e cultivar as gentes; nem há reino, ou nação no mundo por mais culta, e política que seja, que não usa destes meios sub pena de virem a ser os seus filhos rústicos, ignorantes, e intractáveis: e se este é o meio indespensável para aprender a ser homens ainda nas gentes mais cultas, com maior rezão o deve ser nas nações bárbaras, rústicas, e ferinas, como são os índios da América, os quaes creados à lei da natureza, vivendo como feras do mato, tendo por exemplos a rusticidade dos pais, não tem outro meio para se fazerem gente, senão as escolas, em que com as letras aprendam a tratar com gente, e se façam homens.

Eu bem vejo que senão compadecem bem as letras humanas com a laboriosa, e rústica vida dos indios, que isso é o que disse o outro missionário ao general que pretendia as escolas; que se lhes queria meter na cabeça as letras humanas lhes tirasse primeiro da mão os remos; porém o que se segue dali é, que não farão neles tantos progressos como [roto o manuscrito] devida mais[roto o manuscrito], mas sempre haverá neles grande proveito: porque com o estudo aprendem as letras, com a comonicação o trato, com o ensino os costumes, a cultura, urbanidade e polícia. Assim é, que nada aproveitarão estas diligências aos adultos, e avançados na idade; mas continuando-se nos filhos, e decendentes finalmente virão a ser os índios, e suas povoações mais ecumênicas, tratáveis e polidas; porque não é boa rezão, a que alegam alguns, de que sejam rústicos os filhos porque tãobẽ foram rústicos os pais, antes para que não sejam rústicos como os pais se devem ensinar os filhos.

Devem pois introduzir-se nas missões dos índios as escolas de ler, e escrever como meio único, e mais proporcionado de os civilizar, e com o ensino, a leitura dos livros, a doutrina cristã, e a língua portuguesa; a polícia, a cultura: todas estas bem se insinam, e aprendem ao mesmo tempo como a experiência todos os dias o mostra nos filhos dos brancos, e em muitos índios, que já se tem creado com algum ensino, e com algũas luzes de policia; porque na verdade, posto mui brutos na creação dos pais, tem muito boa capacidade para aprender a ler, e a escrever, assim como para todos os ofícios, e artes mecânicas. De sorte, que ensinando-os com o cuidado, e diligência, com que se ensinam os europeos, em nada lhes cedem na capacidade.

E assim como com os escriptos, e ensino das escolas aprendem os meninos [roto o manuscrito] a doutrina cristã com mais facilidade, e brevidade, tanto; que logo se conhecem, e destinguem dos mais meninos rústicos na esperteza, e promptidão com que respondem às perguntas do catecismo, e com a mesma facilidade e promptidão a aprenderão os índios, e conseguirão por este meio melhores fructos os missionários, do que conseguem com o [ilegivel] can-

saço das reptidas doutrinas da manhã, e da tarde por muitos anos. Além do que sabendo os seus neófitos ler os livros, se lhes podem espalhar cartilhas, e outros dos mais acomodados à sua capacidade, e vida. Nem se diga, que pouco caso farão dos livros; porque muitos me chegaram a pedir já cartilhas, e alguns outros com muita coriosidade alegando, que tinham aprendido, e já sabiam ler; e quando não aproveitem em todos, aproveitará em muitos, que isso mesmo socede na Europa.

Um prelado consultado no Amazonas sobre o meio mais proporcionado para industriar, e civilizar os índios, respodeo, que, além das escolas, se eregisse um seminário dos meninos mais sabidos de cada missão; e que nele se ensinassem os primeiros rudimentos com a língua portuguesa, e polícia; para que voltando para as suas missões já mais instruídos, podessem ser mestres dos outros. E posto que então se não aceitou o conselho talvez por evitar os gastos da sua erecção, e patrimônio da sua subsistência, na verdade é o melhor meio de os civilizar, melhor ainda do que as escolas públicas nas suas aldeias; porque nas aldeias, todo o tempo fora das escolas gastam com os pais, e mais meninos cujos costumes hão de imitar; não assim nos seminários, onde totalmente separados da comonicação dos parentes, e com o trato dos seus mestres, e directores, ou pedagogos, tomarão todo o ensino, e se costumarão à polícia europea, e cristã.

Especialmente creando-se no dito seminário estes meninos índios com alguns outros filhos dos brancos, e europeos bem creados, de quem com a vigilância, e cuidado dos mestres, aprenderão os costumes sem excluir pois as escolas públicas das aldeias; seria óptimo este meio para eles índios; para os missionários; para a república, e para o Estado. Para eles; porque é o melhor meio de se fazerem homens; para os missionários; porque teriam bons catequistas, e per meio deles farão muito fruto nos mais índios; para a república porque do seminário pode escolher os que quiser, ou os que quiserem para as artes mecânicas, e ofícios públicos; e para todo o Estado; porque no augmento dos índios depende em muita parte o seu augmento.

E se as meninas se juntassem tãobẽ em outro seminário, onde com boas mestras aprendessem tãobẽ a ler, e as mais artes próp[r]ias daquele sexo, seria outro meio para se civilizarem aquelas nações, e para se augmentarem as suas aldeias: Ali com os bons costumes, e doutrina cristã aprenderiam a fiar fino o algodão; e a fazer aquelas finíssimas telas, e chitas, que com tanta delicadeza fazem na Ásia, o que tudo cederia em augmento daquele Estado. Já em outro tempo houve empenhos de fabricar naquele Estado as famosas chitas da Índia; não sei, qual foi o impedimento para se não pôr em execução este projecto, que, se se practicasse, podia ser um dos seus maiores comércios pela abundância, e bondade do seu algodão; mas parece-me, que o melhor meio, seria este de recolher, e ensinar as índias meninas em seminários, e recolhimentos com boas mestras.

É certo, que tãobẽ se poderiam depositar estas meninas pelas casas das mulheres brancas, como já em outro tempo se quis practicar, para que com boa comonicação, e creação se industriassem nas suas tarefas; mas como estas senhoras só atendem às sua conveniência, e se lhes dá pouco do ensino, e doutrina a que se deviam aplicar, se servem delas como de escravas, e como taes as tratam; além de talvez cuidarem pouco da sua honestidade, quando esta devia ser o seu maior empenho: Além do que como a vaidade, e pre-

guiça é nas senhoras brancas tão originária, que tem por desonra o trabalhar, como hão de insinar as índias. Tem muitos inconvenientes estas meninas repartidas em casas particolares, como já dissemos acima falando das índias adultas, que para leiteiras, e farinheiras, se repartem aos brancos; e assim se se há de olhar para o bem, conveniências, e augmento dos índios, não em casas de moradores; mas só em seminários se devem crear, com mestras, que só atendam a fazer a sua obrigação, de que deveriam ser devassadas exactamente[.] E estas mesmas meninas depois de crecidas voltando para as suas missões, podem ser mestras de outras, e per este modo abrangerá a todas o mesmo fructo.

E sendo de tantas conveniências aquele Estado os seminários não necessitam de muitos cabedaes para a sua subsistência: Porque os víveres são muitos, e baratos; A vaca nos açougues é quase de graça. O vestido em todos é muito ligeiro por rezão dos grandes calores; e nos índios ainda mais; porque tratam pouco de vestuário; basta para sua subsistência ũa fazenda semelhante a que acima dissemos para a côngrua dos missionários pouco mais, ou menos, que no primeiro ano se pode fazer; e dentro de poucos fructificar, e para tudo tem terras devalutas o Amazonas, cuja administração pode correr ou pelo magistrado; ou melhor pelos administradores dos mesmos seminários: Quando não entre a piedade real a dotar semelhantes obras pias, o que tudo redondarão ao seu serviço, e utilidades dos seus povos.

Ũa das grandes conveniências destes seminários é conter nas missões os indios. São os índios muito fujões para os matos; especialmente os novatos, que de poucos anos tem saído dos matos para as missões. Tendo eles nos seminários das cidades os filhos tem outros tantos reféns da sua permanência: Não se hão de ausentar sem os filhos: por isso quem quiser arraigar bem os decimentos dos índios salvages, e novatos; segure-lhes primeiro os filhos, que já tãobẽ tem seguros os pais. Além de que levam-se muito os índios (como todos os mais homens) de verem estimados os seus filhos; vendo, que deles se faz tanto caso, como dos filhos dos brancos, não caberão em si de alegria, especialmente [roto o manuscrito] de que lhes não tiram para os fazer aos brancos, que é todo o seu receio, mas para os ensinar, e fazer cultos, como os brancos.

São tãobẽ estes seminários o melhor meio de atrair, e aldeiar os índios bravos, que podem ter os missionários; porque instruídos bem, e civilizados os mininos, e levados ao depois a practicar a seus parentes, ou nacionaes do mato são os melhores oradores daqueles brutos, que não se deixam penetrar tanto das práticas, quanto da vista. Vendo a seu parente, ou nacional bem vestido, e ladino; vendo que é estimado pelos europeos facilmente lhe dão crédito, e seguem para as aldeias: por quase semelhante meio fez um certo missionário no meu tempo um grande decimento de índios salvages do rio Purus: Houve anos antes um menino daquela nação, vestio, doutrinou-o, instruío; e depois armando-o de cavalheiro, o mandou a practicar os parentes, que ao depois o seguiram para a aldeia: e deste modo se tem feito muitos outros decimentos; muitos mais se farão com a creação dos seminários.

Mas quando não haja resolução de erigir semelhantes seminários, que me parece seriam de grandissimas utilidades; ao menos se não deixem as escolas nas povoações dos índios, onde não só se insinam os primeiros rudimentos de ler, e escrever; mas tãobẽ, ou muito mais a doutrina cristã, os bons costumes, e policia; desenganando-se, que quanto mais rústicos são os índios,

tanto mais necessitam deste socorro; principalmente querendo-os fazer mais capazes, e aptos para os ministérios da repûblica, e para que aprendam a lingua portuguesa etc. e artes europeas, [roto o original] haja todo o empenho, e recomendação daquele governo.

CAPÍTULO 7º

QUAES DEVAM SER OS MISSIONÁRIOS DOS ÍNDIOS.

Muito debatida tem sido esta questão nos estados do Amazonas. Quaes devam ser os Missionários dos índios? Falo nas missões portuguesas; porque nas castelhanas não se questiona semelhante matéria. Nas portuguesas porém tem sido argumento de muitos séculos, sobre quaes devam ser os Missionários; se clérigos seculares; se regulares? Originou-se esta questão de serem os Missionários dos índios, os seus directores assim no esperitual, como no temporal, e como os brancos todo o seu empenho é entrarem livremente, e disporem dos índios à sua vontade, o que lhes não permitem, nem podem permitir os Missionários regulares, por isso sempre clamaram, e pertenderam, que se tirassem delas os regulares, e em seu lugar se metessem clérigos com este intuito, e esperança, porque sendo clérigos, teriam só a jurisdição esperitual, como qualquer pároco; e no temporal se governariam por algum secular, o qual não lhes impediria fazer nas aldeias o que quisessem, e assim conseguiam o que queriam. Ou que aos regulares se tirasse o governo temporal, com que veriam a conseguir o mesmo. De sorte, que não tendo os Missionários o governo temporal das missões já então se lhes não dava de que fossem, ou sejam regulares, ou clérigos: e ainda no caso que tivessem os clérigos, como os regulares o governo temporal, antes querem os clérigos do que os regulares. Outro seu intento é, que o governo temporal, e a direcção dos índios não só esteja nos seculares; mas tãobẽ que seja renovado anualmente, ou trienal; para que deste modo abrangesse a todos, e em cada ano, ou triênio ficassem tantos homens ricos, quantas missões tem o Estado; que nisso se vem a cifrar todo o seu empenho, o serem ricos à custa dos pobres indios, de que querem dispor à sua vontade, despachar com eles quantas mais canoas pudessem ao sertão, e trazer os índios em um contínuo retorteiro, e trabalho, e finalmente o conseguiram no ano de 1757, no qual se removeram das missões os regulares, e*

Em seu lugar se poseram clérigos seculares só com a direcção esperitual; e para o governo temporal se poseram neles seculares com o título de direc-

---

* *Final de parágrafo, no manuscrito*

tores das missões; para as quaes, como para condados se metiam empenhos; e se concediam aos empenhados e individados, para se desempenharem; e neste estado se vão continuando, como suponho ainda que com algũas limitações, para conter a sua ambição, que se algum dos directores as observar será só por medo, e temor; porque a solidão das missões [roto o original] timidez, rusticidade, e simplicidade dos índios lhes dão ausos para fazerem o quanto querem; especialmente ajustando-se com o pároco, de quem mais se temem, que os acuse.

Suposta esta notícia, e prescindindo do estado, em que actualmente se acham; Respondo à questão de 3 modos: 1º digo, que atendendo ao bem dos índios, conservação e augmento das missões, devem os seus Missionários ser religiosos regulares, e não clérigos. 2º atendendo ao bem, paz, e religiosidade dos regulares, não lhes convém semelhantes missões; e se dem ao cuidado dos ordinários. 3º tendo os Missionários com o esperitual o governo temporal dos índios mais lhes convém às missões religiosas, do que clérigos. Falo desenteressadamente, porque espero de lá não voltar; e pelo que me mostrou a experiência daquelas gentes, e comonicação com outros Missionários, conhecimento dos índios, costumes, e estado; e é, matéria, em que já em parte tem falado outros escriptores, especialmente o Padre José da Costa no seu Tratado das Missões etc.

Devem pois ser religiosos, e regulares os Missionários de índios atendendo tãobẽ assim esperitual como temporal dos mesmos índios, das suas aldeias, e de todo aquele Estado, e para augmento, e subsistência das missões se pode provar com muitas rezões, todas convincentes [roto o manuscrito] por rezão da maior perfeição, que sempre se deve supor dos religiosos aos clérigos seculares; e por que são mais perfeitos sempre farão com mais perfeição o seu oficio; Não quero dizer, que não haja clérigos santos, sábios, zelosos, que na verdade há em toda a parte; e que não haja religiosos imperfeitos, e díscolos, porque tãobẽ os há; mas regularmente falando sempre os religiosos são mais perfeitos, assim por rezão do seu estado, que pede mais perfeição, como por mais hábeis, desocupados de negócios seculares, e guardados pela vigilância dos seus superiores, e por todas Estas, e outras mais rezões hão, e na verdade são mais zelosos para o bem esperitual dos índios, mais incansáveis em os doutrinar, mais ansiosos em fazer decimentos; mais caritativos com os doentes, com os velhos, estropeados, necessitados, e com todos: Vê-se este maior zelo dos religiosos sobre os clérigos em todas as mais missões do mundo, na Índia, na China, Cochinchina, Japão, Etiópia, Egipto, Palestina, Ásia, África, América e ainda na mesma Europa; em todas as partes andam missionando inumeráveis religiosos, e são muitos mais os que as [roto o manuscrito] com grande zelo das almas, e favor de espírito, e as não podem alcançar; e eram raros os clérigos, que se exponham, e muito menos peçam semilhantes missões, em que bem se vem, o quanto vencem na perfeição, fervor de espírito, desprezo dos trabalhos, e da mesma vida, no zelo das almas, e da maior honra, e glória de Deus aos clérigos seculares.*

Bem conhecerão esta maior perfeição dos religiosos aos clérigos os santos Padres e por isso Eusébio Mártir Bispo de Vercelas instituío no Império Occidental que todos os clérigos fossem, e vivessem como religiosos para que vivessem mais desocupados dos interesses do mundo; e mais zelosos do culto Divino como diz a sua lenda aos 16 de dezembro: Primus in Occidentis partibus in eadem ecclesia eosdem Monachos instituit esse, quos clericos,

---

* *Fim de parágrafo no manuscrito.*

ut esset in ipsis viris et contemplus rerum, et accuratio levitarum*; *e por isso tãobẽ sempre os reis, e conquistadores em que com zelo cristão quiseram estender o cristianismo e dar a conhecer Deos aos idólatras, e gentios não clérigos; mesmo se val[roto o original] mandam religiosos como mais perfeitos, e zelosos da glória de Deos.*

E já isto é em todas as mais missões do mundo com gentes cultas, políticas, e sábias muito mais o deve ser nas missões do Amazonas, onde as gentes apenas tem a figura de homens, e a rusticidade de feras; por isso se nas mais missões é necessário aos Missionários fervor, zelo, e constância nos trabalhos para encherem a obrigação de operários evangélicos; muito mais é necessário aos Missionários do Amazonas, onde se vem precisados a fazerem contínuas de manhã, e de tarde as doutrinas, visitar, curar, despedir e assistir aos doentes; repartir a todos o que pedem; e enfim ser pedagogos, directores, padres esperituaes, e acariciá-los como fazem as mães a seus filhos; e para isto não basta, qualquer zelo; é necessário um zelo religioso, caritativo, prudente, e desenteressado: cujas partes mais se acham nos regulares como mais perfeitos, e observantes, do que nos clérigos, que alfim vivam com, e no meio dos seculares, e por isso mais distraídos dos cuidados do mundo; e menos zelosos dos bens das almas, e da maior honra, e glória de Deus.

*Bem conheceo, experimentou, e confessou esta verdade o Senhor D. Frei Guilhelme de*** *Bispo do Pará, e Amazonas antecessor do Senhor D. Frei Miguel de Bulhões no ano de*** *. Levou esta [roto o manuscrito] Majestade o Senhor D. João V de gloriosa memória para visitar as missões do Amazonas, que administravam os regulares de diversas religiões; e se litigavam entre eles e os senhores bispos já de muitos anos estas visitas, que pertendiam os ordinários e não consentiam os regulares; Sabendo desta licença o Reverendo Senhor D. Frei Guilhelme, que tinha renunciado o Bispado, disse que já anos antes tãobẽ ele tivera a dita licença; porém, que receando, que os regulares lhe entregassem, e largassem nas mãos as missões antes, do que admitir a visita, que nesse caso se veria precisado a provê-las com clérigos, considerava primeiramente se tinha clérigos em todo o Bispado capazes de pôr nas missões; e que não achando mais, do que dous até 3, tivera por melhor ocultar a licença e não bulir na matéria.*

Ainda com mais clara expressão o declarou o Senhor D. Frei Miguel de Bulhões, porque pondo em praxe a licença que levara, e visitando com grande zelo, e trabalho as ditas missões dispersas, e distantes por mais de 300 légoas, em que admirou, e louvou muito o zelo dos Missionários regulares; depos de recolhido à cidade do Pará, e contando, o que passara, e vira exclamou, que incorreria em um grande peccado mortal se intentasse tirar das missões os regulares, e pôr clérigos [roto o manuscrito] de quase [roto o original] religioso jesuítas daquele colégio que lhe estávamos fazendo então. Em outra occasião referindo as discórdias que havia em ũa nova missão, a qual por ser fundada no seu tempo quis pôr novo regimem, ele pôs um clérigo dos mais aptos do Bispado para a governar no esperitual, e o governo lhe pôs um tenente para o seu governo temporal, disse que havia diferenças entre o pároco, e tenente, taes que o clérigo declarou por excomungado ao tenente, e o tenente excomungou ao pároco: enfim (acrescentou) a aldeia de [roto o manuscrito] do Macapá (assim se chamava) vai-se desfazendo como o sal na água e ainda então estava nos seus princípios:

---

* *Lat.: Eusébio foi o primeiro bispo do ocidente que ordenou desempenhassem os monjes na Igreja os ofícios clericais, a fim de reunir nas mesmas pessoas o desprezo do mundo e a solicitude pelo serviço divino.*

** *Em branco no manuscrito.*

Outros muitos casos podia referir em prova desta verdade, que deixo por abreviar: e não obstante as muitas experiências, que havia, e sabia o dito Senhor Bispo D. Frei Miguel de Bulhões, mudando de parecer talvez por ver mudados os tempos, propôs, e requereo no ano de 57, que fossem removidos das missões os regulares, e que em seu lugar as queria prover de clérigos, e pôr-lhes párocos, que as governassem no esperitual, e o governo lhes nomeou, e pôs directores seculares, que as governassem no temporal: para cujo cargo, e encargo eram preferidos os moradores, e militares que se achavam empenhados, e individados, com o intuito de se desempenharem etc. E posto que o Senhor D. Frei Guilherme apenas achava 2 até 3 clérigos que tivessem os requesitos; e fossem capazes de paroquiar os índios, o dito Senhor D. Frei Miguel não só achou capazes os clérigos que havia, e os cônigos, e mais obrigados a Sé; e os mandou para as missões; mas tãobẽ porque esses não chegavam para provimento de tantas novas paróquias, nem à metade, deu as ordens, e ordenou de clérigos, a quem os quis, e ainda talvez a alguns que ainda o não queriam ser, e dispensou com outros, que ainda não tinham idade, e logo os obrigava a ir para as missões, ainda os que não queriam, e alegavam rezões forçosas, e impedimentos para não irem, ameaçando-os, que ou haviam de ir para as missões, que lhes nomeava, ou para os cárceres subterrâneos da Fortaleza da Barra.

Algũa carta vi eu, na qual o [dito senhor] mandava vir perante si, já expedito, e preparado para ir para pároco de ũa das missões a toda a pressa a um clérigo novato; e porque este tinha rezões forçosas para não poder sair da sua aldeia, que era a Vila da Vigia, nem ainda da sua casa, por ser nela filho único, e ter o pai coxo, e doente, para logo lhe cortar estas disculpas, lhe ordenava na dita carta — que lhe não valeriam quaesquer rezões, ainda que fossem racionaes, e forçosas para não obedecer — [.] De semelhante teor eram as mais cartas dos mais clérigos, e muitos se viam obrigados a antecipar a sua Missa Nova para nesse mesmo dia, ou no seguinte partir para a sua destinada paróquia de índios, sem lhes valer a desculpa, de que nada sabiam de moral, como na verdade assim era, porque saíam das classes, e muitos apenas sabiam um bucado de gramática, respondendo-lhes o dito frei que o moral se aprendia com o tempo, e com o uso.

Enfim chegaram a dizer alguns destes clérigos novatos, e constituidos párocos de índios, que visto obrigarem-nos a ir para as missões eles fariam, e obrariam de sorte que o mesmo senhor se visse tãobẽ obrigado a tirá-los: e que se pode esperar de taes párocos indo já com semelhantes prepósitos? como executariam estes clérigos os seus ministérios, se apenas saíam das classes, e sabiam um bocado da gramática? Mas isso não é da minha conta: o que sei é, o que referio um clérigo muito temente a Deus edeficativo, e zeloso, que indo a visitar o dito senhor e a buscar a sua Carta Patente para vigário da Vara de ũa das missões, lhe ouvira por vezes exclamar quando a estava escrevendo com voz muito maviosa — Que conta hei de dar a Deus desta gente! que conta hei de dar a Deus destes homens! As quaes bem davam a conhecer os escrúpulos, e estimulos, que lhe acometiam o coração, e os remorsos da consciência, ou os homens, e gente de que falava fossem os pobres indios tão mal providos, ou fossem os clérigos inábeis, que lhes mandava para párocos, e pastores, ou fossem os regulares, que fazia evacuar das missões, ou fossem outros clérigos, índios, e seculares; porque se havia de lembrar do conceito, que poucos anos antes tinha formado, e dito, de que cometeria um grande peccado mortal se intentasse tirar das missões os regulares*

---

* *No manuscrito finaliza aqui o parágrafo*

etc. *Quase semelhantes a estas exclamações foram as de um ministro à hora da morte, que tinha sido um dos principaes agentes desta matéria; Morreo quase de repente, tanto que nem tempo teve de se confessar; só se lhe percebiam ũas tristes, e lamentosas exclamações: regulares, regulares!* res sacra, res sacra!* — *e assim morreo; porque a morte, quanto mais fecha os olhos do corpo, tanto mais abre os da alma; Mas voltemos aos clérigos, que foram soceder aos regulares nas missões; cujo projecto sendo bastante para fazer exclamar em lastimosos ais aquele Prelado, não foi suficiente para revogar a execução.*

Estranharam logo os índios tanto a mudança, que muitos deixando os seus sítios, [choupanas] e modo de vida, fogiram das missões, e se meteram ao centro dos matos, de sorte que já no 2º ano chegaram algũas missões a ficar lestas de gente, o que não causou piquena perseguição aos regulares, sem lhes valer a desculpa de estarem recolhidos nos seus conventos; porque lhes imputavam a que com suas prácticas na despedida tinham persuadido a fuga, sendo que então pelo contrário, o seu maior empenho, e retórica foi persuadir-lhes não só a permanência, mas a prompta obediência, e sujeição ao novo sistema: Mas como não haviam de extranhar, e sentir a ausência dos regulares, se neles pediam pais, pastores, e benfeitores, que em nada menos cuidavam, que no bem, e defensa dos pobres índios!

CAPÍTULO 8º

QUE NÃO CONVÉM AOS REGULARES SER MISSIONÁRIOS DOS ÍNDIOS.

No capítolo passado [respondendo] em atenção dos índios disse, que os seus Missionários deviam ser não clérigos mas religiosos, e regulares; neste capítulo porém digo, que atendendo ao bem dos regulares, e religiosos nullo modo** *lhes convém ser Missionários de índios; e isto não só falando dos mais religiosos cujo instituto, e profissão é louvarem a Deos no coro, e o estarem recolhidos com Deos nos claustros; tanto mais abstraídos do estrépito do mundo, e amantes da solidão, tanto mais assistidos, e acompanhados da Divina presencia* — ubi sunt congregati in nomine meo, ibi sum in medio eorum*** —: *mas ainda falando dos jesuitas, não obstante terem por ofício, e instituto o missionar pelo mundo, doutrinar os povos, instruir os rústicos, e insinar os ignorantes, e o provo assim:*

Posto que o fim do nosso instituto seja atender não só à nossa perfeição, e salvação própria com a graça divina; mas tãobem com a mesma procurar com todo o empenho a perfeição, e salvação do próximo com diz a nossa

---

* *Lat.:* coisa sagrada.
** *Lat.:* de modo algum.
*** *Lat.:* onde se acham reunidos em meu nome, aí estou no meio deles.

primeira regra —. *E posto que tãobem seja próprio da nossa vocação o discorrer por vários lugares, e o viver em qualquer parte do mundo, donde se espea maior serviço de Deus e ajuda das almas — como diz a nossa segunda regra. Contudo, sempre a perfeição, e salvação própria deve ter a preferência; e se devem fogir os perigos de a perder, porque* charitas bene ordinata incipit a semetipso* — *para que como diz o Santo Apóstolo procurando a salvação alheia, percamos a própria* — ne cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar** —: sed sic est*** *que as missões dos índios da Amazônia são um grande perigo da salvação própria; logo nos não convém a nós jesuítas.*

Que seja grande e ainda evidente o perigo das salvação própria nas missões dos índios (e em quaesquer outras, que lhes forem semelhantes) se prova bem do que temos dito na 1ª Parte falando da vida, e costumes dos índios; os quaes vivendo a maneira de feras nus; e sem pudor, ou pejo algum, como andam os do mato; e pouco menos os já domesticados, e baptisados, bem se vê que vivem com grande [roto o original] pela maior parte; e tãobem os que vivem entre eles se vem metidos em muitos perigos, e laços do diabo; e para não caírem lhes é necessário um espírito xaveriano com o qual vivendo na terra com aqueles salvages, andem abstraídos, e como elevados ao céo, como vivia entre outras semelhantes gentes um São Francisco na Ásia; um Gonçalo da Silveira em África; um venerável Anchieta [na] América, e muitos outros heróes na santidade, e verdadeiros missionários no zelo das almas, nestas, e em muitas outras regiões do mundo, que não atendendo à descompostura dos corpos, que consideravam semelhantes às feras, mas à preciosidade das almas, que queriam ganhar para Deus! viviam como pastores entre manadas de gados, e como anjos entre os homens.

Mas como nem todos tem tão ferviroso esperito, [ilegível] cabedal de virtudes que se possa dar por seguro, certo que corre grande perigo da sua salvação; e por isso quando for possível, se devem escusar as missões de índios fugindo as occasiões, e atendendo a própria perfeição, e salvação, que sempre deve ter o primeiro cuidado, e o principal empenho; A não haver ũa vocação divina, que conhecidamente nos chame para semelhantes missões, como muitas vezes dá Deus! a entender a muitos missionários; porque quando a vocação é toda de Deus! corre a causa toda per sua conta, e dará graças com que triumfem de todos os perigos, e riscos fazendo da nossa parte por não desmerecer os seus auxílios — omnia possum in eo, qui me confortat.****

Já o padre José da Costa trata esta questão no seu livro e diz, que se escusem quanto for possivel estas missões pelos nossos superiores, e [quanto] ou a falta de operários, ou os requerimentos dos [roto o original] ou algũa outra urgente necessidade obrigue os jesuítas a tomar à sua conta algũas missões, sejam só as mais vezinhas as cidades, povoações, e colégios, onde os superiores possam vigiar com muita atenção sobre os seus subditos missionários, e onde estes possam com facilidade recorrer; aonde tenham por testemunhas a todos os brancos vizinhos nas suas acções; e aonde finalmente possam recolher-se repetidas vezes a renovar o seu espírito; e zelo já com os exercícios espirituaes, já com o bom exemplo de seus irmãos, e já com o paternal cuidado dos superiores: o muito conhecimento que tinha dos índios; os grandes perigo, que sabia das missões; e a facilidade daquelas gentes o obrigou a falar assim: para que quanto for possível não aceitem.

---

* *Lat.: a caridade bem compreendida começa por si próprio.*
** *Lat.: não aconteça que, tendo pregado aos outros venha eu próprio a tornar-me réprobo. 1* Cor. *9.27.*
*** *Lat.: mas é assim.*
**** *Lat.: tudo posso naquele que me dá força.* Fil. *4.13*

E não fala só das missões castelhanas, onde viveo, e escreveo; fala de todas as missões do Amazonas, e de toda a mais América, onde o modo de vida é o mesmo: mas senão convém aos missionários jesuítas espanhóes as missões de índios, com mais rezão podia fazer esta recomendação das missões portuguesas, que tem outros contrapesos, que as fazem mais intoleráveis. As missões espanholas do Amazonas tem mais que as portuguesas, muitas circunstâncias pelas quaes são menos perigosas como são o estarem divididas em superiorados; que de destrito a destrito se repartem, cujos superiores resedindo nas paragens mais cômodas para vigiarem, e acudirem a todas as missões dos seus destrictos, visitam ameúdo os seus subditos, vigiam sobre a sua conducta, removem e provem aonde julgam necessário e se com todas estas cautelas diz o Costa, *que não convém estas missões aos jesuitas espanhóes, muito menos convém às missões portuguesas aos jesuítas portugueses, onde não há estas providências.*

E muito menos convém estas missões portuguesas, se atendemos aos mais contrapesos que as fazem intoleráveis: de sorte, que ainda que não houvesse nelas os perigos da salvação, própria, que temos dito, bastavam os mais contrapesos temporaes, que tem anexos para senão admitirem pelos regulares já nós tocamos em diversas partes as condições, ou pensões onerosas das missões portuguesas, de repartirem índios aos brancos para lhes remarem as canoas, e fazerem colheitas das especiarias, e riquezas do sertão; e para o serviço dos ministros régios, governadores, praças, militares, e quantas outras importinências querem, e a cobrem talvez com a honorífica capa do Serviço Real. *Todas estas impertinências hão de ser executadas pelos missionários, que para as executar às vezes não tem um dia de descanso. Os pobres índios andam em um reterteiro, ou trabalho contínuo; As grandes ausências nos serviços [faz] esquecer de todo o ensino, e doutrina, que lhes tem insinado com muito desvelo em muitos anos.*

Os seculares abusando do respeito devido ao caráter religioso, e fazendo pouco caso [das] leis municipaes, justíssimas daquele Estado, e em atenção ao governo que os senhores reis entregaram aos missionários; fazem quantas estrepolias, e absolutos querem, já roubando índios, já tomando contra vontade algũa pobreza dos índios e muitas vezes aos mesmos missionários; e se estes os querem advertir da sua dissolução os ameaçam; e muitas vezes passam das ameaças às obras; e enfim são tão absolutos, e dissolutos na sua vida, que de prepósito obram tudo aquilo, em que podem dar mais pena aos missionários, se vão gabar com outros das estrepolias, que fizeram nas aldeias, fiados em que os missionários não os podem conter por força, e como religiosos se não hão de pôr com eles às maiores.

Causam estas cousas tantas aflições, sustos, e desassossegos aos missionários, que lhes fazem perder a paz, e a alegria interior, e com rezão os fazem suspirar pelo retiro de seus conventos, e colégios, pela amada companhia de seus irmãos, e pela sossegada solidão das suas celas; onde livres dos estrépidos do mundo; e apartados da [infructuosa] companhia dos seculares vivem com [paz] muito alegres, e contentes; e por isso tem havido muitos missionários, que não podendo já sofrer tantas absolutas dos seculares, e militares nas suas missões, as largaram, e se foram escusar a seus prelados de semelhante emprego, dizendo-lhes que não podendo viver em paz nas missões a vinham buscar nas suas casas: não fugindo não do trabalho em doutrinar os índios, administrar-lhes os sacramentos acudir-lhes nas suas misérias, e tratar dos infermos; mas sim fogindo de ter encontros, e contendas com seculares.

É muito odioso, e contencioso o ofício de missionário no Amazonas; tem de tratar com muita gente dissoluta; tem de aturar muitas impurrações de seculares; e tem de viver ũa vida muito inquieta, e desassossegada: a qual de nensum modo convém ao estado religioso, que só deve vacar a Deus! e ao bem das almas próprias, e alheias: e fogir de todo o estrépito, e contendas com seculares: Esta foi a causa porque já no ano de resolveram os jesuítas dar de mão, e largar por ũa vez as missões, que administrava de índios, posto que ao depois se viram outra vez obrigados a tomar sobre si outra vez a sua carga, e encargo por ordem do Senhor Rei D. João 5º, que senão dignou aceitar-lhes a renúncia: Esta foi tãobẽ a causa (além de outras) de se desculparem ao dito Senhor no ano de* de não tomarem sobre si a administração de todas as missões em todo o destricto do Amazonas português, que lhes queria entregar, removendo os religiosos das mais ordens, que santamente administram muita parte; e não só se desculparem de não aceitarem todas; mas ainda das que administravam, e tinham fundado, largaram muitas.*

E se alguém estranhar estas renúncias aos jesuítas, dizendo que não cumprem com o intento de seu Instituto, que são propriamente as missões, e procurar a salvação de todos etc. respondo; que a Companhia de tal sorte há de procurar as missões, que não perca os dons próprios dos operários evangélicos, que são pax, et gaudium in Spirito Sancto Beati pedes evangelisantium pacem, evangelisantium bona.** *De tal sorte há de missionar os povos, que vivam livres, e isentos de contendas, e matérias odiosas. Por [roto o original] matéria odiosa, e contenciosa a do Santo Ofício a não quis tomar sobre si a Companhia; posto que por outra parte seja muito do serviço de Deos o seu ofício, são as missões portuguesas do Amazonas matéria muito contenciosa, e odiosa com os governos, com os ministros, com os militares, com os seculares, e com todos; porque todos querem obrigar os índios aos seus interesses, [roto o original] os missionários lhes não [aprovam], nem podem condecender com eles nas injustiças, se viram contra os missionários e os aborrecem de morte.*

Não convém pois aos regulares (ainda jesuítas) estas missões: pois se as castelhanas com estarem isentas destas contendas odiosas, e não terem os seus missionários outra incumbência mais do que atenderem ao bem dos seus neófitos sem portarias de governadores para dar índios, e sem canoas de brancos, que prover de remeiros, sem canoas do sertão que despachar com operários; sem receio de temerários, que os inquietem ameacem, e invistam; e finalmente sem contenda nem embaraços de brancos, etc. não convém aos jesuítas, como diz e atesta, só pelos perigos da salvação própria; muito menos as portuguesas tão contenciosas, e odiosas; cheias de amofinações e embaraços.

Nem nos faltarão occasiões de exercitar nas cidades, e vilas o nosso instituto já ensinando nas classes, já pregando nas igrejas, já doutrinando nas praças; já ministrando nos hospitaes, já acompanhando os justiçados; já visitando as aldeias; já frequentando os confessionários, visitando enfermos, ajudando a bem morrer os moribundos, e muitos outros [roto o original], que todos são próprios do nosso instituto; e muito principalmente missionando os povos com missões pedânias, que são de muito serviço de Deus, e de muito lucro das almas, como a experiência tem mostrado a um incansável

---

* *Omitida a data no manuscrito.*

** *Lat.: Paz e alegria no Espírito Santo. Felizes os pés dos que evangelizam a paz, dos que evangelizam o bem.*

Malagrida; a um fervoroso Silva, e a muitos outros zelosos missionários, que a estas tão laboriosas missões dedicaram a maior parte da sua vida.

Nas mesmas missões do Amazonas podem os jesuítas exercer o seu instituto, mas por outro modo: discorram por todas elas com missões pedânias ũa, ou duas vezes no ano; practiquem; Dem exercícios; confessem, e finalmente façam nas povoações dos índios a mesma forma de missões, que costumam fazer nas povoações dos brancos, por 15, ou pelos dias que forem necessários; hoje nesta, e amanhã naquela missão; e aproveitarão muito os índios, e exercerão os ministérios do seu exercício, ou instituto; sem incorrerem nestas contendas, ou dissabores com os governos com os ministros, com os militares, e com os brancos ofereçam-se a sobir os rios, e penetrar os matos, a practicar os índios salvages, a aldeá-los, ou fazer descimentos para as missões antigas, onde os entreguem aos missionários, que as administrarem, se tiverem modo, ou quem lhes faça os gastos, e comprirão com os nossos ministérios sem se embrolharem em causas odiosas, e litigiosas. E deixem a administração das missões a quem [quiser]; pois não hão de dar conta a Deos de que os façam escravos, vendam, ou atropelem com serviços.

Se não houvesse outros religiosos, e eclesiásticos que as podessem administrar, e talvez as desejem, então sim as deveriam administrar por não faltar à caridade podendo; mas não há no Amazonas essa falta, como há na China, no Japão, na África, e em muitas outras partes, onde sendo muita a messe, são poucos os operários evangélicos e posto que muito laboriosas, e cheias de sustos, e perigos de vida, não são contenciosas, nem odiosas, antes abundantes de muitas consolações esperituaes, quanto mais cheias de penalidades temporaes: Não tem por lá os missionários cuidados alheios da sua profissão, nem incumbências opostas aos seus ministérios; porque não vão lá os europeos obrigar aquelas gentes aos seus serviços, não pertendem os estranhos captivá-los, nem amofinam os brancos aqueles missionários com repartições de seus neófitos para os seus negócios; de que estão livres aqueles povos por serem ladinos, e armados; e em que encorrem os pobres índios, por serem ũa gente tão tímida, desarmada [roto o original].

CAPÍTULO 9º

QUE NÃO CONVÉM ÀS MISSÕES CLÉRIGOS COM O GOVERNO TEMPORAL.

A 3ª resolução da questão supra se hão de ser os missionários dos índios do Amazonas clérigos seculares, ou regulares, é que havendo os missionários, quaesquer que sejam, de ter com o governo esperitual, tãobem a temporal administração das aldeias, lhes convenham mais a estas os regulares, do que os clérigos se atendemos ao seu bem, conservação, e augmento; mas se atendemos ao bem dos regulares tãobẽ lhes não convém as missões. Tem duas

partes a resolução: a 2ª já temos satisfeito no capitolo passado: Agora só trataremos da primeira parte, a qual é muito diversa, do que tratamos no penúltimo capítolo, onde falamos dos clérigos nas missões, a respeito do bem esperitual dos índios; agora accrecentamos que tãobẽ, e muito menos lhes convém clérigos seculares com o governo temporal das missões, mas religiosos, e regulares.

Muitas provas podia dar desta resolução; mas direi só quanto baste para o seu cabal conhecimento. Como esta questão se debatia já de muitos tempos, havia muitos e diversos pareceres sobre ela entre os cidadãos, e moradores, e moradores do Pará, e Amazonas. E muitos deles se contradeziam assim nas repostas; porque desejando a maior parte, de que se removessem das missões os regulares, representando, instando, e fazendo excessos por conseguirem esta, que eles esperavam grande fortuna, contudo nas occasiões, em que judicialmente se tratava o negócio sobre quem era mais conveniente nas missões se os regulares; se os clérigos, votava a maior parte pelos regulares contra os clérigos: e davam esta rezão: porque na administração dos regulares se conservavam as missões, e na administração dos clérigos em poucos anos se perderiam. E pergutados porque, sabendo isso, tanto desejavam, e procuravam a remoção dos regulares? Respondiam claramente — que eles se queriam aproveitar dos índios no seu tempo, e que lhes não importavam os vindouros — Que é o mesmo que dizer, quem vier atrás feche a porta: Parece não merecem aqueles moradores os títulos de bons patriotas dos quaes se diz —* Boni cives amantes Patriam** *— porque são:* boni cives amantes se *— Mais desenteressadamente falava um governador que foi da Praça Principal, ou Fortaleza do Amazonas chamado Calisto da Cunha homem muito benemérito daquele Estado, em que viveo muitos anos. Dizia este quando se falava na matéria —que se tiravam das missões os regulares, e em seu lugar punham clérigos, teriam missões para 3 anos: e se as entregavam a seculares; teriam missões para 6 anos, e dava a rezão:*

Porque os clérigos por falta de medo do governo secular entrariam a dispor com liberdade dos índios para os seus interesses, parentes, e amigos: Os seculares porém por mais medo, e temor dos que governam fariam sim o mesmo, mas com mais cautela; e por isso davam mais por eles. Lembra-me sobre esta matéria o que me disse um bom clérigo diante de alguns seculares. Visitou-me este em ũa missão de que não distava muito o seu sítio, e foi meu hóspede por alguns dias. Nas prácticas algũa vez se falou nesta matéria por andar então muito emquente; em ũa delas declarou ingenuamente que se opunham em algũa das 3 missões, que até estavam mais vezinhos; o que era muito factivel por morar ali perto, o que logo havia de procurar era o mandar para o seu sítio os casaes de índios para lho trabalharem, e cultivarem.

E deu esta rezão: Porque eu saindo da missão só me hei de achar com as benfeitorias, que tiver no meu sítio: o mesmo confirmou em outra occasião se diminuio o número dos índios, que tinha dito na primeira; porque na 2ª disse que lhes bastariam 60 casaes: E não duvido que assim o fizesse este, e outros clérigos, porque ordinariamente só atendem a sua conveniência. Tãobẽ pode servir de prova, o dito que acima dissemos do Senhor Bispo D. Frei Miguel de Bulhões do clérigo pároco da aldea de Santa Ana do Macapá, que a dita aldea se ia desfazendo como o sal na água, porque o tenente por

---

* *Neste* E *finaliza o parágrafo no manuscrito.*

** *Lat.: Os bons cidadãos são amantes da Pátria.*

ũa parte, e o pároco por outra cada um puxava quanto podia, as brasas para a sua sardinha; e se assim fazia tendo só a direcção esperitual daqueles índios, quanto não faria se tivesse tãobẽ a temporal?

Mas ainda prescindindo destas alienações dos índios, que fariam os clérigos mandando uns para os seus sítios, e herdades, repartindo outros a seus parentes, e amigos; e mandando outros para as canoas do sertão próprias, e alheias; que nem todos fariam, porque alfim tãobẽ há clérigos mui tementes a Deus escrupulosos, e de boa vida, e zelo apostólico, especialmente sendo europeos, sem pais, ou parentes na terra, que são com as suas petições importunas a maior causa da extracção dos índios das missões: e falando só do comprimento das suas obrigações, que supomos fariam como bons párocos, ainda digo, que mais convém aos índios os regulares, que os clérigos: porque os clérigos sempre hão de puxar para si, e os regulares pela maior parte, só puxam para os índios; os clérigos hão de puxar pelo seu jus, e na verdade o podem fazer sem fazer injúria aos índios; e os regulares puxam mais pelo [jus], e bem dos índios: o que claramente sabem todos ensinados da experiência. Porque os regulares, como temos dito, todas as funções paroquíaes fazem de graça, todos os sacramentos administram de graça; nada recebem pelo bautismo; nada pelos enterros, e mais ofícios da igreja: As mesmas igrejas fabricam à sua custa, e indústria: Os mesmos guisados, e gastos das suas igrejas tudo tomam, e tudo corre por conta dos missionários regulares sem os índios seus neófitos concorrerem com cousa algũa mais do que com o seu trabalho, o qual lhes pagam os missionários como a jornaleiros, trabalham sim os que são precisos; mas pelo seu jornal, e não de graça; nem levariam a bem os índios semelhantes graças se os missionários lhes não pagassem: Todos estes gastos saíam dos productos da canoa, que costumam mandar ao sertão; os quaes productos, posto que os podiam aplicar para utilidade própria, e dispor deles como seus, da mesma maneira que podem os seculares dispor dos productos das canoas, que despacham por sua conta ao sertão como claramente está expresso nas leis, e regimento das missões, como já acima dissemos, contudo os regulares pela maior parte tudo gastavam com os seus índios, e com as suas igrejas, e missões.*

E não só os productos das canoas do sertão; mas qualquer outra indústria de que alguns usavam, e tudo o que podiam adquirir o gastavam sempre com os seus neófitos, como eu sempre vi os missionários jesuítas, e muitos outros [roto o original] todos os anos provimento da botica para acudir por pura caridade aos infermos: Não só não tinham pé de altar, mas antes despendiam muitas vezes mortalhas aos defunctos, vistuário aos que casavam; etc. etc. etc. sustentam os necessitados, e a todos os índios novos, quando fazem decimentos: com a circunstância, que muitas vezes se empenham só por não faltar aos gastos costumados por sua caridade com os seus neófitos, e para as suas igrejas, conservação, e augmento das missões: De sorte que eram raras, ou raríssimas vezes, quando algum missionário fazia algũa esmola a algũa igreja, ou a alguns colégio, ou convento ou alguns outros necessitados.

Este costume de caridade dos missionários jesuítas para com os seus neófitos, igrejas, e missões já tenho tocado em diversas partes; mas aqui o quis compendiar para mostrar a diferença que há entre uns, e outros missionários; clérigos, e regulares: porque isto não fazem nem hão de fazer os missionários clérigos; Nem na verdade tem obrigação de o fazer: Por que qual clérigo por mais caritativo que seja, há de fazer estes excessos com os seus

---

* *Final de parágrafo no manuscrito.*

fregueses? Qual clérigo há de despender com os seus índios os productos das canoas que pagassem, e despachassem ao sertão? Com que obrigação levantariam à sua custa igrejas, e as proveriam de todos os ornamentos, e provimentos anuaes? E muito menos com boticas, com vestuários, com mortalhas etc. etc. tudo de graça. Antes puxariam pelo seu jus, e obrigariam aos índios ao pé de altar, e a devida reconhecença, como na verdade o vieram a fazer já, desde que no ano de 57 os proveram nas missões em lugar dos regulares, como temos dito.

Muito menos se meteriam com decimentos de tapuias salvages; nem se tomariam com os que governam, nem com os brancos em defender os seus índios, porque diriam, não nos obriga a caridade com tanto onere:* *e quando muito farão algũa esmola a algum necessitado, e algũas outras caridades conforme a sua menor, ou maior piedade. E como por outra parte não defendo os pobres índios das tiranias dos brancos, não lhes acodindo nas suas necessidades, e doenças; não os conservando, ou augmentando as suas missões com novos decimentos etc. é o mesmo que acabarem-se pouco a pouco as aldeias, e quem sabe quantas já estarão desertas, e totalmente desfeitas. Isto bem ponderado, se vem claramente no conhecimento de que não convém as missões missionários clérigos com a administração tãobẽ temporal, mas regulares, e religiosos; posto que estes para a sua maior paz e boa observância dos seus institutos, e para a sua maior perfeição religiosa não devam admitir semelhantes cargos, e encargos.*

CAPÍTULO 10º

DE COMO SE DEVAM HAVER OS REGULARES OBRIGADOS ÀS MISSÕES.

Não obstante o actual estado em que estão as missões de índios no Amazonas administradas no esperitual pelos ordinários, e no temporal pelos governos com clérigos, e directores, contudo pode soceder, que vendo-as ir-se acabando como lhes tem pronosticado os prácticos obriguem os regulares a tomar outra vez conta delas; bom é, que nesse caso se eleijam ũa economia, e providência, que seja a mais útil, e conveniente ao seu estado religioso, sossego, e quietação da sua alma, e paz com os índios, e com os governos, e seculares; e a mim me ocorrem algũas máximas, que se me occorressem quando por lá andei me aproveitaria delas, e viviria com maior sossego; e já que nos não aproveitaram no nosso tempo, ao menos aproveitarão aos futuros missionários.

No tocante à administração esperitual não sei, que se possa accrecentar mais do que se exercia antigamente, e como tanto a engrandecia, e louvava o Sr. D. Frei Miguel de Bulhões quando se recolheu de visitar as missões. Porque a boa fábrica, e asseio das igrejas: a diária, e sempre continua assis-

---

* *Lat.: Ônus;*

tência, e ensino da Doutrina cristãa da manhã, e de tarde e à noute a Doutrina particolar dos familiares de portas a dentro; a missa, e ofícios divinos da manhãa, e as ladainhas da tarde; os terços da Senhora nos domingos; a exortação aos neófitos para a devida e devota recepção dos sacramentos; o visitar, e consolar os doentes, e semelhantes ministérios, que faziam os regulares naquelas missões são muito louváveis, e se devem sempre continuar.

Duas cousas porém, seriam de muita utilidade para melhor atrair, e mover a devoção aquela rústica gente; que são a música, e pinturas de bons painéis. Quanto sejam os índios inclinados a todo o gênero da música! o tem mostrado a experiência nas missões castelhanas, como já tocamos acima; onde não só nos dias de festa; mas em todos os dias da semana há músicas nas igrejas, e muita frequência de gente, que acode aos ofícios divinos; e os mesmos índios salvages atraídos da música se animam a sair dos seus matos, e a aldearem-se com os índios mansos, e por este meio ouvem aos missionários, assistem ao catecismo, se bautizam, e se fazem cristãos. E nas mesmas aldeias portuguesas, posto que não haja música em forma, vemos por experiência, que naquelas em que os meninos da doutrina insinados pelos seus missionários cantam mais hinos, coplas, e cantigas ao Divino nas igrejas, são estas mais frequentadas, e as suas missões mais devotas.

É pois um grande meio a música para excitar nos índios a devoção; e com muita rezão a aconselhava tanto o Padre Vieira aos missionários do Amazonas para atrair, e converter aquelas gentes; e como supostas as escolas, que já se usam nas missões, é fácil o insinar esta arte, e muito mais fácil de aprender pelos meninos pela sua natural inclinação, é bem, que todos os missionários tomem este cuidado, ou por si, ou por outrem. Como tãobẽ o uso de diversas espécies de instrumentos músicos. Nem se acobardem com a repartição dos índios quando já insinados, e adultos para os serviços dos brancos; porque isso ou não durará sempre; ou quando dura, poderão isentar dos taes [serviços] a alguns mais hábeis didicando-os às igrejas, e culto divino.

Outro meio, que me parece conduziria muito para a devoção, e aproveitamento esperitual dos índios seria a vista de boas pinturas, e bons painéis, pêndulos nas suas igrejas, e à vista de todos, nos quaes se vejam os principaes mistérios da nossa redempção; ũa viva representação do Juízo Final; da glória do céo; do inferno; do muito que padeceram os santos mártires para o fogirem, e outros semelhantes: porque são os índios muito rudes nas cousas da fé; em que parece são tanto mais estúpidos, quanto para os ofícios mecânicos mais habalidentos; de sorte, que muitos europeos para explicarem a estupidez dos índios nos mistérios da fé, [roto o original] deles, que a sua fee é só de telhas para baixo, e não para cima; e tem o fundamento no modo, com que respondem, aos mistérios da fé; com repostas tão frívolas como se de tudo duvidassem; e dizem alguns, que não está, nem cabe mais na sua rusticidade.

Suposta esta sua rudeza mais há de conduzir para a sua percepção a vista de um painel, do que a persuasão diária de um pregador; mas se convencem do que vem, do que ouvem. Ainda nos europeos mais ladinos pode tanto a vista de ũa pintura, que por meio dela se tem convertido muitos peccadores. Quantos se tem convertido com a vista espantosa do dia do Juízo em um painel? quantos com a vista do inferno? Enfim para o dizermos em poucas palavras: — é a pintura a retórica mais persuasiva, e convincente, que há de sorte, que pode mais um pintor para convencer os ânimos, do que um orador: O que se vê a cada passo; está um pregador desfazendo-se em orar sobre algum mistério, e não se vê nos ouvintes moção alguma: Corre-se por fim ũa cortina; aparece um retrato do mistério; e eis ali todo o

povo de joelhos, batendo nos peitos, e derramando lágrimas; porque os que não conseguem as [vozes] convencem as pinturas: e se isto socede nos povos mais cultos, e ladinos; muito mais socederá nos índios, que tem por evangelho o que está escripto nos livros, e debuxado em painéis.

Sobre a administração, e frequência dos sacramentos da confissão, e comuinhão aos índios? tem havido muitos, e diversos pareceres: tem havido alguns autores que diziam se não deviam admitir os índios ao tribunal da confissão por evitar os muitos sacrilégios que neles parece cometem os índios, e muito menos obrigar a confessar-se ainda pela Quaresma; o Padre Acosta tratando este ponto, não só reprova esta opinião, mas faz um grande invectivo [roto o original] um autor (não diz o nome) que isto escreveo, e persuada; calumniando-o de impio per tirar aos índios o único remédio do peccado, que é a confissão, e negar o refúgio desta táboa aos naufragantes pecadores; Aconselhando porém a frequência da confissão nos índios, aconselha, e é de parecer, que admitindo-os à confissão, se excluam, e não admitam à comunhão; nem ainda por morte, excepto algum caso, em que os moribundos dem claros signaes da disposição para a receberem; e responde às objecções, que segundo as Escripturas, a necessitam.

Não me meto a decernir este ponto; e só me admiro como Acosta excluindo os índios da sagrada comunhão por indignos etc. ainda nos casos, em que é de preceito divino, como na morte; os admita à confissão, que requer mais actos? Para a sagrada comunhão de necessitate* *só se requer a: profissão da fee pelo bautismo, ũa fee viva da presença de Cristo na sagrada hóstia, e a pureza da conciência livre de toda a culpa mortal: para a confissão porém não só se requerem estas mesmas condições;* saltem** *as duas primeiras do bautismo, e fee viva da presença de Cristo na hóstia sagrada; mas demais a mais um diligente exame dos pecados cometidos; ũa esperança certa de que Deos os pode, e há de perdoar, ũa contrição, ou ao menos atrição de ũa dor sobrenatural de ter ofendido a Majestade Divina; Um firme propósito de a não tornar mais a ofender; a acusação ao confessor de todos os pecados cometidos; e promptidão no comprimento da penitência imposta; Qualquer destes actos, que falte (excepto o último) já a confissão não será benfeita, e será sacrílega; Como pois são os índios capazes para a confissão, que requer e presupõem mais actos; e não são capazes da comunhão, que requer menos? Mais breve.*

Para a sagrada comunhão se requer 1º a profissão da fee como bautismo; 2º a fé viva da presença de Cristo no sacramento, 3º pureza de conciência livre de todo o pecado mortal. Para um penitente se confessar bem requer primeiramente estes mesmos requesitos da mesma sorte, e com a mesma obrigação, que há deles para a sagrada comunhão; e fora estes requesitos, requer mais os que já dissemos, deligente exame dos pecados cometidos depois do bauptismo essencial, e sobrenatural dor de ter ofendido a Deus; Confissão de todos os pecados ao confessor; e satisfazer a penitência imposta. Se os índios se dispõem, e tem, ou fazem todos estes actos, e por isso os julga Acosta por capazes da confissão, com muita mais rezão se devem julgar capazes da sagrada comunhão. Suponhamos, que os índios ou pela sua rudeza, ou [roto o original]; ou por falta de compreensão, que são os fundamentos por que Acosta os julga incapazes da comunhão; ou tãobẽ se supõe que é a principal [roto o original] de se julgarem incapazes por terem ũa fee tão morta, ou tão tênue deste sacramento que não fazem dele o devido conceito;

* *Lat.: de obrigação.*
** *Lat.: pelo menos.*

ou finalmente por não se disporem para o receberem com a devida disposição de ũa confissão bem feita, e devido pesar de suas culpas: que são as causas, que impedem o receber a comunhão: porém tãobẽ estas mesmas causas impedem à confissão; Logo se por isso não merecem a comunhão, tãobẽ se não pode admitir à confissão: Porque que casta de confissão há de fazer, quem não crê com fé viva a existência de Cristo no Santíssimo Sacramento? Como há de fazer sua confissão bem feita, quem, com esta fé, não tem o devido pesar de suas culpas?

Donde me parece que se os índios da América não são capazes de se admitirem a sagrada comunhão nem ainda no perigo da morte por evitar sacrilégios etc. tãobẽ não se devem admitir ao tribunal da confissão pelas mesmas, ou mais forçosas rezões, e fundamentos: e se são capazes da confissão, de que senão devem excluir, muito mais da comunhão. O sagrado Concílio de Lima no reino do Puru consultado neste ponto pelos missionários dos Moxos, e Chiquitos em 1600 e tantos resolveo, que se admitissem os índios à confissão, mas não à sagrada comunhão. Digo porém, que a melhor regra neste ponto deve ser a prudência dos missionários, se os julgarem capazes da confissão, e da comunhão deve administrar-lhes estes sacramentos como a qualquer outro católico, porque, se são capazes, não há rezão porque se excluam estes índios dos sacramentos e se não são capazes de um sacramento, o instruam o melhor, que puderem, que por mais rudes, que sejam, não o são tanto, que não façam conceito do sacramento.

Accrecento mais, que na primitiva igreja se repartiam as sagradas espécies aos mininos da escola; que se julgavam ainda inocentes, e se lhes repartem a todos a sagrada comunhão; Sendo que ainda se não admitiam, nem eram capazes de se poderem ainda confessar, como consta da história; e muitas vezes obrava Deus prodígios nestes meninos para prova da sua verdadeira comunhão: do que tãobẽ se infere da quanta maior ciência se necessita para a confissão do que para a comunhão: E na mesma Europa (além de muitas outras [regiões]) há gente tão rústica, que se pode duvidar, quaes sejam mais rústicas, se os índios, se eles? e na mesma Alemanha me contou um missionário alemão, o qual missionou nas missões do mesmo Amazonas teve grande conhecimento daqueles índios; e na mesma Alemanha havia gentes mais rústicas, do que os índios; e que não haviam dúvida algũa de os admitir aos sacramentos da confissão, e comunhão; e sendo assim não vejo rezão porque se excluam os índios.

A melhor regra pois neste particular é a prudência dos missionários para admitirem aos que julgarem dignos, e para excluírem os indignos: e tanto mais se devem cansar em lhes explicar estes sacramentos até que façam deles o devido conceito, quanto eles são mais rústicos, e estúpidos: e fora as instruções ordinárias, que todos devem fazer, é mui louvável o costume daqueles missionários, que quando os índios se ajuntam em maior número para se confessarem, como é pela Quaresma para a desobriga, antes de se sentarem no confessionário lhes façam ũa breve exortação do que devem fazer para bem se confessarem, e com eles em voz alta faz os actos de fé, esperança, caridade, e contrição, e atrição; além de lhes fazerem renovar outra vez [roto o original] mesmo confessionário; advertindo, que é necessária especial prudência em um missionário de índios para os ouvir de confissão mais do que para as confissões dos brancos.

Outro aviso mui importante para os missionários poderem fazer bem a sua obrigação, é a preciosa ciência do que pertence ao seu ofício, e ministério, e para encher bem o lugar de vigário de Cristo, e seu ministro, tendo

muita lição dos livros moralistas, e uso práctico do Livro Pároco *instruído, que deve ser sempre o seu manual, mais lido, e mais estimado livro: e não basta a ciência especulativa dos livros para logo saber exercer este cargo de pároco, e de missionário; É necessário tãobẽ saber a praxe, o que se alcança sabendo primeiro o que ensinam os Moraes, e depois vendo e observando, o como outros mais prácticos fazem: Por isso quanto mais experimentados são os párocos, e missionários, tanto mais aptos serão para o seu cabal ministério.*

CAPÍTULO 11º

DE COMO SE DEVEM HAVER OS REGULARES NA DIREÇÃO TEMPORAL DOS ÍNDIOS.

Continuando na dita suposição de que os religiosos regulares se vejam outra vez obrigados a tomar a incumbência das missões de índios no Amazonas, e como no tal caso tãobẽ suposto terão a seu cargo (como tinham antes) a direção temporal dos mesmos índios, também, será útil escolher ũa economia e tomar ũa tal conducta, com que, sem faltar às obrigações dividas assim no esperitual, como no temporal, assim com os índios seus neófitos, como com os governos, magistrados, e brancos, possa com mais suavidade dos índios, e com maior paz, sossego, e quietação própria exercer o seu cargo, do que antes o faziam com com tanto desassossego; porque se encargavam de muitas execuções de que muito bem se podiam isentar para gozarem da verdadeira paz.

Suponho, digo, que terão a seu cargo com a esperitual a direção temporal dos índios; porque na verdade sem terem a temporal senão pode cabalmente exercer a esperitual: é-lhes necessária a vis coactiva* *para serem respeitados, e obedecidos; doutra sorte não comprirão os índios com as obrigações de católicos, não acudirão às igrejas, não trarão os filhos ao bautismo, não os mandarão à doutrina; e muito menos poderão ir practicar os índios do mato, e fazer decimentos, com que se restabeleçam as missões, se augmentem, e se conservem: Não poderão assim mesmo soccorrer aos necessitados, acodir aos infermos, remediar os oprimidos, castigar os culpados, e finalmente não poderão defender os índios das opressões, e tirania dos brancos; porque tudo isto depende da direção temporal, e* vis coactiva,* *com que são respeitados e obedecidos os missionários.*

Não são os índios como os brancos, que obedeçam aos seus missionários como fazem os brancos, quando não queiram, por benegnidade e afeição cristã, saltem** *por condenações, e excomunhões etc. por que, se ainda muitos*

---

* *Lat.: força coatora.*

** *Lat.: ao menos.*

brancos há tão desalmados, e ateos, que não fazem caso das censuras eclesiásticas, que são a espada esperitual da igreja, como indica[va] o outro, o qual ouvindo a declaração pelo seu páraco da excomunhão por ter faltado maleciosamente à desobriga daquele ano, levantou a mão, e correndo-a pela cabeça a deitou para trás das costas dizendo, com esta já são 7, quanto menos caso farão os tapuias sendo tão rústicos, e estólidos nas cousas esperituaes? Se lá dizia o outro português, aos que lhe perguntavam o porque tinha ido para tão longe no centro do mato fazer o seu sítio, e moradia? que era por se ver ali livre da pensão das missão, e do negregado confesso; que se pode esperar dos tapuias senão tiverem medo dos seus missionários?

Suponhamos, que um missionário impõe ũa condenação a uns por terem faltado a missa, a outros por não trazerem a tempo os seus filhos ao bautismo; a outros por não acodirem a pregação, processão etc. A outros declara excomungado por este, ou aquele delicto; A outros proíbe o ingresso da igreja, o [uso] dos sacramentos etc. que são as espadas, [com que] os párocos fazem obedientes aos freigueses rebeldes; tudo isto será em vão nos tapuias, das condenações não farão caso; nas excomunhões se meterão nos seus sítios, e talvez gostarão de não serem admitidos na igreja; nem os outros de serem admitidos aos sacramentos, e não falem mais nisso os missionários, que eles tãobẽ não falarão. Lembra-me, aqui, o que me socedeo em ũa aldeia; tinha eu apregoado uns contraentes 2ª vez; esperavam os parentes, que este fosse o último pre[gão] vendo, que ainda restava outro 3º foram para casa, e se [roto o original].

O que sabido a milhor espada para os índios, as condenações, e excomunhões para os fazer obedientes e comprire mas obrigações de católicos, são o tronco, a palmatória, e os açoutes, como bem advertio, e escreveo o cosmógrafo Monsieur Condamine no seu Diário do Amazonas *onde foi mandado para fazer diversas observações pela Academia das Ciências de Paris; Vio ele em ũa aldeia de índios no Destricto de Castela castigar um índio com açoutes por ter faltado à missa no dia, ou dias de preceito: Acabado o castigo que diz o mesmo Condamine é o mais próprio para aquelas gentes, foi o índio lançar-se aos pés do seu missionário dando-lhe as graças pelo castigo, por saber lho dava unicamente para seu bem, e ensino e accrescentou; porém manda-me outra vez já açoutar por conta do domingo que vem e em que tãobẽ hei de faltar a missa: em ũa palavra para os índios obedecerem a seus missionários, é necessário que os temam.*

Tendo pois os missionários só a jurisdição esperitual farão os índios zombaria deles, porque os não poderão castigar. Tãobẽ não poderão fazer decimentos dos índios do mato; porque estes dependem de muitos gastos, de muitas viagens a practicá-los, de casas na aldeia para os receber, de viveres para os sustentar; de instromentos de ferro para lhes repartir, e finalmente de muitas disposições que não cabem na possibilidade de um puro pároco, ou capelão como lhe chamam em taes casos: Não terá remeiros para sobir os rios a practicar os salvages; Não terá cabedal para os gastos, e finalmente apenas poderá viver na sua residência com a côngrua, que lhes tomarem. Nem para os decimentos se podem fiar em que os directores seculares lhes dem os índios, e mais precisões; porque se o fizerem ũa vez, faltarão muitas, e nas milhores occasiões.

Tendo pois os missionários o governo temporal das missões todo o seu empenho deve ser em o suavizar, e exercer com a mais suave economia, que poderem. Ũa das mais onerosas condições, que tem os missionários do Amazonas é (como acima dissemos) a disposição, a repartição dos índios (e em

algũas aldeias tãobẽ indias) aos governos, aos brancos, as canoas, e ao serviço real; destes cuidados, que são os mairoes; se podem muito bem o desonorar os missionários sem ofensa, ou nota de algũa; poes, já que podem, desencarreguem-se desta pensão, e lhes seguro, que se livrarão da maior pensão, do maior trabalho, e do maior desassossego, que padecem. Porque é certo, como logo o mostrarei, que os missionários ainda que tenham o governo temporal das aldeias, não tem obrigação algũa de se meterem em semelhantes repartições mais do que ũa pura caridade; a caridade não obriga com tanto desassossego, e damno próprio, como tomam, e tem os missionários; logo podem desonorar-se muito bem destes cuidados, para viver com mais paz, e mais livre de contendas odiosas.

Que não tenham obrigação os missionários de se meterem a fazer semelhantes repartições; é evidente pelo mesmo contexto das Portarias, que lhes apresentam para dar índios, as quaes dizem assim — O Principal da aldeia N. (nomeam a aldeia) apresentam esta (Portaria) ao Padre Missionário, dará tantos índios (nomeam o número ordinariamente, outras vezes dizemos dará os índios que se lhe pedirem) e com a data vai a assignatura ou firma do General ou de quem está em seu lugar. Esta a substância das Portarias: de que se vê, que aos Principaes das aldeas, e não a seus Missionários vão dirigidas estas repartições e ordens; logo para que se metem os missionários em semelsante matéria? Eu bem sei, que a tenção dos governos é, que os missionários sejam os que mandem dar execução às suas ordens; e sabem que os Principaes pela maior parte não são capazes de as fazer comprir: porém quidquid sit* *da sua intenção; porque as palavras só falam com os Principaes, e não missionários.*

Para melhor inteligência destas Portarias, direi aqui o princípio da sua instituação fundada na lei, e regimento das missões: Diz pois esta lei, e regimento que quando os governadores quiserem mandar algũa ordem, ou Portarias a algũa aldeia de índios o não fará sem conselho, assistencial, e assignatura do Superior das missões, ou de quem suprir o seu lugar e tãobẽ manda que se assignem nela os missionários que se acharem presentes, isto é na cidade (atende esta ordem, ou lei a atalhar os excessos, que se podiam cometer, e a que os missionários como regulares obedecessem ao Mandato, e assignatura do seu prelado, sem a qual nenhũa obrigação teriam de obedecer. Esta a substância da lei mais palavra, menos palavra, porque não tenho aqui o original para apor Verbum ad Verbum.** *Esta foi a instituição das Portarias, [roto o original] as missões, que duravam muito pouco tempo na sua observância, se é que algũa tiveram em algum tempo.*

Porque os governadores, capitães mores, comandantes parecendo-lhes um grande menoscabo da sua autoridade, e despótica, e absoluta independência, ou verem-se obrigados, e atados à simultaneidade dos ditos superiores; e por outra parte receando que as ordens, e Portarias não seriam recebidas, e executadas pelos missionários por não verem nelas a firma do seu Prelado, e Superior das missões, deram no invento de deregirem as Portarias aos Principaes mostrando-as aos seus missionários [roto o original] a sua tenção é que os missionários na verdade lhes dem o comprimento, porque bem sabem que o governo temporal por ordens régias está nos missionários, e que os Principaes não podem dispor cousa de momento sós per si, nem na verdade até gora eram ordinariamente capazes de governarem as suas aldeias; e ainda que o fossem são já tantos os Principaes em cada aldea, que estes são os

---

* *Lat.: o que quer que seja.*
** *Lat.: literalmente.*

[decimentos] que para eles se tem feito, e haveria contendas sobre a qual principal iriam dirigidas as ordens.

Porém usavam desta fórmula nas Portarias, e ordens para com este pé as mandarem sem dependência de ninguém, e de facto não aos Principaes, mas aos missionários, se entregavam imediatamente, e eles as compriam por não terem contendas com os governos, e os superiores das missões pela mesma rezão dissimulavam, e calavam finalmente assim se foi practicando sempre; e suponho que ainda hoje se practica, se ainda perseveram nas missões alguns poucos regulares; mas nas maes em que há já desde o ano de 57 directores seculares, que governam no temporal, a eles vão dirigidas as ordens. De sorte, que o nome principal que vai na fórmula das Portarias e [roto o original] para dar índios, ou fazer qualquer outra disposição na aldea e como Pilatos no credo, uno, vel altero excepto* *que já por mais ladinos seria deles a execução, e dão já conta [ilegível], como é o Principal da Missão Maracanã, e algum outro.*

Suposta por esta notícia, e costume dos governos, a fórmula das Portarias, não tomem os missionários conta delas, deixem lá a sua execução, e comprimento dos Principaes, visto falarem com eles; chega algum oficial, ou qualquer branco com algũa ordem, ou Portaria para dar índios; E dão com orbanidade e ordem, chegam ao ponto — o Principal ex vi** *desta dará etc. — dem outra vez a Portaria, a quem, [repre]senta, respondendo com modéstia, que não fala com eles a ordem, mas com o Principal, lá se avenham com ele, e livrem-se de semelhantes incumbências, que tãobem se verão livres de muitas amofinações e desassossegos; Nem se poderão escandalizar os governos, pois não falam com eles [roto o original] Portarias.*

Eu bem sei, que tãobẽ este efúgio dos missionários está cheio de inconveniências e talvez por os evitar é que os missionários se encarregavam destas execuções; porém dos distúrbios, que se seguem não os missionários; mas os governos, que dão causa a eles darão conta a Deus. Os inconvenientes, que podem soceder são 1º qual há de ser o Principal, a quem se há de entregar a ordem? porque nas aldeias há ordinariamente muitos Principaes; e em algũa estive eu que tinha 6, ou 7, e outras tem mais: e outras não tem nenhum. 2º inconveniente é, que ordinariamente estes Principaes, ou caciques como lhes chamam os castelhanos, só são Principaes no nome, mas não no exercício; É ũa dignidade como honorária sem exercício, nem reconhença; não são obedecidos, dos vassalos, e quando o sejam dos da sua nação, não o são dos mais Principaes e das mais nações; e não sendo obedecidos, [como dariam] prompta execução às suas ordens?

3º inconveniente Ainda no caso que os Principaes se façam obedecer, não será com a brevidade, e promptidão com que querem ser despachados os brancos; Outras vezes não acham índios; outras vezes não usarão igualdade, mandarão aos que tme menos afecto, e não entenderão com os parentes; pegarão dos privilegiados, e isentos, como são os pescadores, e todos os oficiaes públicos, e ainda os serventes dos missionários, e o deixarão em cerco; e muitos outros inconvenientes; e o maior é o poderem ser enganados, e induzidos dos brancos com muita facilidade a fazerem, o que não devem. Com um frasco de água ardente alcançará um branco o que quiser do Principal: Não só índios, mas tãobẽ índias.

Contudo lá se avenham os governadores com os Principaes, lá se avenham os Principaes com as Portarias; e lá se avenham os índios com os seus

---

* *Lat.: exceto um ou outro.*

** *Lat.: por força.*

Principaes; porque vale mais a paz interior, a quietação, e sossego dos missionários livres de contendas com os seculares; do que os maiores tesouros do mundo. Cortem com este golpe por ũa vez a maior pensão, e a maior carga, que tem os missionários portugueses do Amazonas. Por mais que instem os pertendentes, de que sejam despachados com brevidade; por mais que ameacem os militares, de que se lhes não dá os índios que pede com toda a brevidade, e promptidão, pegarão e levarão os índios; porque lá darão conta a Deus dos distúrbios, que fizerem: de que os missionários não são [causa,] nem matéria de escrúpulo; Mas pode ser matéria de escrúpulo o meterem-se a fazer as repartições dos índios, sem falarem com eles as Portarias; por se meterem em muitos embaraços, que sempre causam desassossego e perturbam a paz.

E para que os Principaes possam exercer com a prudência possível as repartições dos índios e mais disposições, que lhes forem encargadas, tenham os missionários cuidado em que não só sejam bem instruídos nas funções, e obrigações do seu cargo; mas tãobem que sejam obedecidos dos aldeanos; e quando haja dúvidas nos mais Principaes; em obedecerem a outro v. g. *ao Tapijara decendente dos primeiros fundadores, que sempre tem e merece o 1º lugar, nas primeiras atenções, se devia entre eles o governo anual; ou se use de algum outro meio. E para que se evitem os distúrbios, que podem fazer os ditos Principaes enganados, ou brindados pelos brancos, se conservem sempre com alguma dependência, obrigando-os a darem parte das disposições que fizerem,* saltem* *as de maior momento; e pondo-lhes a cautela de que nunca repartam, ou dem índios aos brancos, ou para algum outro requerimento sem lhes fazer passar recibo; por meio do qual se possam a seu tempo buscar os índios ausentes, e constar em todo o tempo da execução das ordens as quaes não consintam nunca que sejam de palavra, mas [sempre] em Portarias.*

Digo, que não consintam que as ordens sejam de palavras; porque se podem fazer muitas [calfatruas e rebolitórias] como sucedeo no meio tempo nos anos de 50 para 60; em que o governo chegou a dar ampla faculdade aos militares, que viajavam o Amazonas para se proverem pelas aldeias dos índios, que necessitassem para boa equipagem das suas canoas de que muitos os pediam sem necessidade; outros com o pé do serviço real os mandavam para seus interesses próprios; outros se só necessitavam v. g. *de 10, pediam vinte, e pobre do missionário que punha algum reparo, e muito mais pobres índios, que punham repugnância; enfim seguem-se muitas desordens das ordens só de palavra; e com muita rezão adverte o regimento das missões, que sejam em Portarias. Isto é o regimento que governava ele aquele tempo; em que se compôs outro novo regimento por tomarem [roto o original] disposições os ministérios.*

Devem [tãobẽ] no caso suposto de que tomem de novo o governo das missões [os] regulares pedir as providências necessárias para evitar 1º que os seculares entrem a fazer distúrbios nas aldeias como antes; e como muitos não fazem caso das justas leis, que lhes proíbem as suas desordens, ainda que lhas citem, e as saibam devem os Principaes estar precatados para com os seus subalternos as evitar, e reprimir; ainda que para isso seja necessário o auxílio de um, ou dous soldados assistentes na aldeia, como já antigamente aconselhavam muitos. 2º Que como os missionários não podem ser [servidos] senão pelos mesmos índios, tenham os que precisamente lhes forem necessários, pagando-lhes exactamente o seu serviço, preveligiados para que os

---

* *Lat.: ao menos.*

seculares, e militares os não possam tirar por violência; nem os Principaes os possam repartir para fora da aldeia, como pode suceder, por não acharem outros; Nem tãobẽ os adictos à igreja, e os oficiaes públicos; e os que trabalham nos ofícios públicos.

Tãobẽ ser[ia] precisa outra cautela sobre a repartição dos índios que hão de sair do serviço real, e dos brancos, em que se costumam cometer muitas injustiças e violências; obrigando-os por força, e talvez com castigo, a irem servir aos brancos: Para as evitar pois: Antes de chegar o tempo da repartição, em dia já constituído, e assignado, e na presença de todo o povo da aldea se avise na igreja que os que quiserem sair naquele ano ao serviço dos brancos, vão dar o seu nome ao Missionário, ou ao Principal, o qual diante do missionário, e na presença dos mais oficiaes públicos, se vão apontando em ũa lista, na qual se assignam, tanto o dito Principal e mais oficiaes; mas tãobẽ o dito missionário, o qual deve conservar na sua mão ũa cópia, outra na mão do Principal, além do original, que se deveria mandar aos governos, para que estes à sua vista possam repartir só até aquele número de índios, de que falam as listas.

Com esta cautela se observará a lei do Regimento, que manda, que só se repartam os brancos os índios, que quiserem ir por sua livre vontade; evita-se que ao depois practicados ou brindados os Principaes pelos brancos lhes dem os índios contra sua vontade. Evita-se as murmurações dos seculares contra os missionários de que lhes não querem dar os índios, ou contra os voluntários, porque com a vista da lista dos principaes, e neófitos dos já repartidos, os podem desenganar. Evita-se tãobẽ as diligências vagarosas, que costuma haver na convocação dos índios, que hão de sair, quando chega algũa Portaria; porque podem já estar de aviso. [roto o original] os danos, que forçados padecem os índios, e sua famílias, que não tem feito as suas lavouras, por não esperarem a sua ausência forçosa; porque os voluntários devem já estar de aviso, e precatados, e expeditos etc. etc. Tãobẽ se devem guardar os recibos de todos os índios dados para com eles em todo o tempo se desmentirem os brancos, e queixas que fazem, de que os missionários não dão índios etc.

No meu tempo (assim como em muitos outros) houve várias queixas destas; em uma delas na chegada, e nova posse do Governador Francisco Serjão que de próximo tinha chegado do Reino pelo Maranhão, donde com outros muitos jesuítas o acompanhamos para o Pará, indo eu acompanhando outro religioso a dar-lhe as boas vindas, na práctica a poucas palavras disse, que já tinha tido muitas queixas do povo de que os missionários jesuítas não davam índios aos moradores, que iam ao sertão, por cuja causa já estava muito contra os padres (daqui vejam como são diligentes os seculares em calumniar os regulares, e se eles tivessem largado mão aos Principaes das repartições dos índios, não teriam tanto atrivimento) respondemos com a submissão religiosa, de que nada sabiamos na matéria por termos então o chegado do Maranhão; Achava-se presente o Capitão Mor da Praça José Miguel Aires homem de Deus? e que [me]recia bem o seu lugar, e vendo o nosso silêncio tomou [roto o original] partes e disse assim:

Visto, Sr. que os Padres são novatos na terra, responderei eu por eles — É já muito antigo nos cidadãos esta queixa contra os missionários; Mas o certo é, que eles só com os índios das suas missões é, que se acham, e com que expedem as suas canoas às colheitas do sertão, que das mais missões das mais religiões é raro o índio, que se dá aos brancos: etc. etc. ficou o Governador satisfeito com o informe, que foi bem a tempo, e era de quem bem

o sabia não só pela experiência, mas tãobẽ pelas Portarias, e ordens que despachava na ausência dos Governadores; Mas o que faz mais ao caso é a reposta, que deu nessa mesma occasião, mas em outro dia um missionário jesuita: Levou-lhe a seu palácio ũa grande papelada, que continha os recibos dos brancos que nos anos antecedentes tinham recebidos índios da sua missão para as suas canoas, em que tinha posto este letreiro — Papéis, que não servem de nada; mas poderão servir — e na verdade serviram bem nesta occasião, pois deles constava a paixão dos seculares, pois só [ele] tinha dado mais índios do que os mais missionários das mais Ordens; Deste caso podem aprender todos os mais missionários a guardar todos os recibos dos brancos porque virão semelhantes occasiões, em que sirvam de muito.

Outra providência, que deve haver nas missões é sobre os indios, que se consignam aos moradores para pescadores e mais serviços caseiros, em que havia um grande abuso. Para sua maior inteligência se há de saber que o regimento das missões, só concede faculdade aos governos, e moradores, para haver índios para as colheitas do sertão (exceptuando algũas poucas aldeias, que tãobẽ os repartiam para o serviço dos governadores, ministros régios; e serviço real; não contentes com esta permissão os moradores brancos já tãobẽ os querem uns para seus [roto o original] pescadores; outros para lhes fazerem as roças; outros para lhes servirem nos engenhos, e finalmente para toda a casta de serviço, e os governadores sem reparo algum lhes despachavam as Petições; e já havia um grande abuso. Tudo isto são cargas injustas aos índios, pois é obrigá-los a servir contra a sua liberdade.

Enfim deve-se atender sobre a disposição temporal dos índios, como atendem as leis despostas no Regimento das missões, que os índios são tão livres, e tão vassalos de Sua Majestade como os brancos; e tem mais que os brancos a preferência de que são e estão senhores das suas terras, onde obrigá-los a ser escravos, ou a servir como escravos é injustiça, é impiedade, e sevicia; e isto é que os missionários hão de procurar atalhar, quanto lhes for possivel. Não quero dizer, que não seja bom o servir, porque antes isso lhes devem persuadir os missionários como tãobẽ lhes recomenda o Regimento; mas que de nenhum modo os obriguem contra sua vontade; e muito menos para outros serviços fora, dos que se signalam no Regimento das missões: e ainda desses se livrarão se se poser em praxe o novo método que tenho proposto.

CAPITULO 12º

CONTINUA A MESMA MATÉRIA.

E como a paz dos índios é um dos primeiros objectos, a que devem atender os seus missionários devem não só desagravá-los dos injustos serviços dos brancos; Mas de todo o mais trabalho quanto poderem: Um dos principaes é o trabalho das canoas do sertão; deste já dissemos acima. Um muito

suave, e mais útil meio de o evitar fazendo ũa como herdade, ou fazenda junto da aldeia, onde cultivem alguns gêneros do sertão, especialmente os principaes, como são cacao, café, cravo, canela, salsa parrilha, e os mais que quiserem, quanto lhes seja necessário para fazer os seus provimentos, e para ir reservando algũa cousa para os gastos dos decimentos, quando, os fizerem; Renovação das igrejas, e mais precisões.

Outro trabalho que podem evitar aos índios é o da pescaria, de que tãobẽ já falamos, tendo bons curraes, [de modo] de que se possa matar ũa, ou duas reses cada semana para sustento da aldeia a imitação das missões castelhanas. Ajudará muito para escusar o serviço dos índios o ter curraes de tartarugas com água e estaca à roda, e com taboleiros de area para porem os ovos, e procrearem; e também tanques ou viveiros de peixe, onde o tenham sempre prompto nas occasiões; e quando para se multiplicarem, e conservarem seja necessário subministrar-lhes algum sustento especialmente para as tartarugas, bastam alguns meninos da Doturina para isso. Visto haver tanta relva, frutas bravas e [roto o original] árvores sempre verdes, e sempre viçosas. E se tiverem |a providência de ũa boa horta; visto que tãobẽ são as hortas a maior fartura, nelas podem ter à mão todo o sustento para os viveiros das tartarugas, e demais peixe.

Outra providência que tãobẽ se faz precisa aos missionários é ou são os guisa[dos] da igreja de que sempre devem estar providos para o Divino Sacrifício; e há às vezes tantas faltas, nesta providência, que os missionários se vem obrigados a absterem-se de dizer missa por não terem com que: E não é muito, que soceda isto aos missionários, quando estão nos desertos das suas missões, meses alguns longe do povoado, se está socedendo nas mesmas cidades e portos do mar: ũas vezes por falta das frotas em algum ano; outras vezes por se derrancarem os vinhos: e podemos admirar-nos, de que senão derranquem mais vezes, e mais depressa sendo tão intensos os calores daquele clima, quando na Europa, onde o clima é temperado em chegando os calores do estio muitos se azedam e invinagram. Outras vezes por não os levarem as mesmas frotas; [roto o original] ano, em que na frota, que tinha chegado do Reino se não achou mais, do que um barril, ou ũa pipa de vinho; e como acodiram muitos, a qual o havia de levar a todo o preço, o General do Estado o comprou, e com ânimo generoso o repartio pelas religiões, e eclesiásticos.

Ainda no meu tempo houve anos, em que houve tanta penúria de vinhos, que só se dezia missa, ũa só, nos dias de preceito. É lástima a preguiça daquelas terras! pois sendo tão férteis nos viveres, e nas uvas, não haja curiosidade de as cultivar, e fazer vinhos! dão-se nobremente as parreiras no Maranhão, e Pará, e em todo o Amazonas, e dão uvas em abundância 2, [e] 3 vezes no ano, ou quantas vezes as podam; e contudo tem-se por cousa rara, e preciosa um cacho de uvas, quando aparece; porque ninguém, cu quase ninguém trata de as cultivar [sejam] pois mais coriosos os missionários, ainda que não seja para outro fim mais, do que para o Santo Sacrifício da missa, e imitem os missionários espanhóes do mesmo Amazonas, os quaes nas suas missões fazem vinho, com que se servem no Santo Sacrifício, e vivem seguros das contingências das frotas e conduções; e tãobẽ de vários escrúpulos, e dúvidas se são, ou não conficionados para durarem.

Adiante em capítulo à parte direi a indústria de se cultivarem as plantas, livres do dano das formigas que são a maior peste das tenras plantas do Amazonas. Mas quando seja tanta a inércia que não haja resolução para

cultivar estes vinhos; ao menos tenham a providência de os saber conservar sem se derrancarem, para o que há muitos remédios. 1º Enterrando, ou depositando debaixo da terra, ou lugar bem fresco as vasilhas do vinho da Europa, como fazem em muitas partes dos ultramares. 2º deitando nos frascos de vinho um didal de azeite, se não obstar a separação ao depois do vinho: E muitos outros modos, que sabem os prácticos. Mas na verdade o mais seguro é ter os vinhos de casa, visto fructificarem lá bem as videiras; especialmente as de uvas brancas.

No tocante ao trigo para hóstias; já disse, que tãobẽ se dá e podem ter no Amazonas português, assim como o há, e cultivam bem no Amazonas hespanhol nos Reinos de Quito, e [Puru e em] Colônia dos franceses Caiana etc.: e assim pertence à boa [roto o original] dos missionários o ter [de casa] esta providência tão necessária para o Divino Sacrifício; e desenganem os brancos e más línguas dos que dizem, que é óptima para hóstias a farinha de carimã, ou tapioca, e que dela viram usar a religiosos de outra religião, que não é a nossa, como a mim mesmo me quiseram persuadir, e certificar um branco que tinha visto, e presenciado: E aqui está outro missionário preso, a quem outro branco certificou, que tinha visto a outro religioso. Podia ser, que fizessem algũas fórmulas para obreas, [roto o original] fazem e usam para os cultos; e os brancos, que os vem fazer ou índios cuidararão que é [roto o original] para o Santo Sacrifício da missa, as quaes não podem ser, senão de farinha de trigo.*

Assim como dissemos, que para aliviar os índios das canoas, e trabalhos do sertão devem os missionários cultivar ao pé das missões os especiaes gêneros do sertão; assim tãobẽ devem buscar meios de os aliviar das viagens às cidades, ou portos do mar a conduzir seus gêneros, a buscar os seus provimentos: para escusarem simelhantes viagens, é meio, e providência óptima os barcos de carreira do Amazonas, nos quaes podem fazer as suas remessas a seus procuradores, e pelos mesmos barcos receber os provimentos; e como são tão úteis a todo o Estado e a todas as missões taes embarcações devem promover com instância a sua praxe e cooperar para a sua execução; basta que cada missão dê um índio voluntário, e desempedido de 6, em 6 meses para a sua mareação, e já se poderão pôr dous, ou mais barcos; e evitam com eles muitos gastos, perigos, tardanças, e muitos outros inconvenientes das canoas próprias com índios das missões;

[Ilegivel] e tem sido muito louvável o costume dos missionários do Paraguai e muitas outras partes, caiana etc. que insinando os índios seus neófitos a serem gente, e não só católicos, lhes insinam, ou mandam ensinar as artes mecânicas, e principalmente a agricultura ao modo, e uso da Europa; e por isso lavram a terra, semeam viveres, cultivam searas, e fazem colheitas copiosas, e sobre tudo fazem as suas terras estáveis, sem necessidade de mudar sítios, e cortar matos todos os anos; Se esta indústria se introduzisse, e practicasse nos índios, e missões do Amazonas seria óptimo não só pelas grandes conveniências, que propusemos no princípio; mas principalmente para maior abundância dos víveres, e para ir descobrindo aquelas terras cobertas sempre e escondidas nos matos, e mais bens, que lá propusemos: Embora, que nos primeiros anos se não possam lavrar, se podem semear até as fazer capazes de semeadura etc. Tãobẽ devem introduzir-lhes os mercados, e feiras públicas nas praças das suas aldeias e ũa vez cada mês, v. g. em dia assignalado, a que todos acudam com as suas manobras, frutas etc. proibindo-lhes severamente contratos pelas roças, e sítios com os brancos etc.

---

* *Assim no manuscrito.*

CAPÍTULO 13º

SOBRE A CONVERSÃO E DECIMENTOS DOS ÍNDIOS SALVAGES.

Como a conversão das almas é um dos principaes objectos dos missionários no Amazonas, como no mais mundo, já se vê, que se hão de aplicar não só a doutrinar, instruir, bautisar, sacramentar, e conservar na puridade da fee aos aldeanos das suas missões, mas tãobẽ devem estender o seu zelo aos salvages do mato, os quaes, posto que vivam como feras, são racionaes, e tem alma como os mais homens, e por isso dignos da anunciação do evangelho, e do bautismo; e tanto mais dignos de lástima, e compaixão, quanto mais feras [eles são]. E como ordinariamente quando alguma nação se resolve a admitir missionários, sae das suas terras, e matos a incorporar-se com alguns outros índios já mansos, e domesticados. É necessária [especial] indústria, prudência; e afabilidade paternal, para os conduzir, afagar, animar, conservar; e como nem todos tem estes requesitos para tratar semilhantes índios brutos, é preciso saber algũas regras ou avisos para as occasiões.

E para que melhor se faça o devido conceito destes decimentos do Amazonas se há de saber, que aqueles missionários acomodando-se à brutalidade, e rusticidade dos índios quando vão, ou mandam practicar alguma nação, que querem converter a fee, não lhes expõem logo os motivos, porque se devam converter, nem os recônditos mistérios da nossa fee, que julgam por imperceptíveis a gente tão rústica. Mas só lhes propõem motivos temporaes, e mui lhanos como, v. g., que nas aldeas com os mansos, e debaixo da proteção dos missionários estão livres, e seguros dos seus inimigos, e contrários; que hão de ter machados, e mais instromentos de ferro para fazer com facilidade as suas roças, e que hão de ter vestidos para cobrir o seu corpo, que hão de ter muito de comer, e águas ardentes para se regalarem, e muitos outros motivos semelhantes, rasteiros, e acomodados à sua capacidade, e ordinariamente lhes não tocam em outros superiores à sua estupidez.

Com estes santos enganos os movem a largar as suas terras, a sair dos matos e a seguir os missionários para os aldear, onde julgam mais a propósito, ou mais cômodo; Nem tem muita deficuldade em largar as suas terras, e cabanas; porque como os seus bens de raiz não são mais, do que algũa roça de maniba para a farinha de pao, e assim podem fazer em qualquer parte (e algũas nações nem isso tem, porque em lugar da farinha de pao usam de raízes, e frutas bravas) e os seus móveis ordinariamente são só ũa maca, ou esteira para dormir; algũa panela para cozinhar; e ũa cuia para beber água, arco, e frecha, e mais nada, tudo levam com facilidade para qualquer parte ou se os não levam, em qualquer parte o podem achar com facilidade.

Com estes santos enganos os vão entretendo nas aldeias repartindo-lhes donecillos anzóes, facas, machados, e outras cousas; de que muito gostam, farinhas para comer, enquanto não as tem de sua lavra e outras cousas; e entretanto vão dispondo com a doutrina, a explicação do catecismo para receber a fé, e o bautismo; e com esta indústria se tem feito quase todas as missões do Amazonas; e se vão conservando com outros e outros os decimentos, que repetidas vezes se fazem. Posta esta notícia se vê quantos cabe-

daes sejam necessários para fazer qualquer decimento: quantas indústrias, e prudência nos missionários; e quão diversas são estas nações, e missões da mais nações, e missões de gente polida, e culta pois conforme a diversidade, e capacidade dos povos, assim devem ser diversas as indústrias.

Eu porém, não reprovando estas indústrias daqueles missionários, mais aconselharia o método comum dos mais missionários nas mais missões do mundo, isto é, que clara, e descubertamente se lhes proponham logo as verdades católicas; e os motivos da nossa fee; para que por estes, e não por outros interesses temporaes se movam aqueles brutos a abraçar a fee. Pois a sua rusticidade, e brutalidade não é bastante rezão para lhes encobrir o principal intento da sua salvação; Antes pelo contrário me pareceo, que antes essa sua rusticidade é mais apta para melhor se lhes impremirem as verdades católicas, pois a experiência tem mostrado, que a gente quanto mais rústica é, mais apta é para a conversão, servindo muito a sua simplicidade para se [bem] compenetrar das vozes dos pregadores, e missionários Evangélicos.

Vê-se, e experimenta-se isto na nossa mesma Europa [vi] um missionário pedâneo a pregar pelas vilagens, e pobres choupanas dos rústicos, e [era] tanta a atenção, aplicação lágrimas, e conversões nos ouvintes, que sempre sae consolado o pregador, porque sempre há grande fruto naquelas gentes; e pelo contrário nas cidades onde a gente é mais ladina, e menos simples se vem raras conversões sendo tantos os pregadores, e sermões; e de que procede tanta diversidade, senão de ser a gente rústica mais apta para receber as verdades evangélicas? É a gente simples, e rústica aquela boa terra, em que a boa semente evangélica fructifica aos centenários, de sorte, que é mais fácil converter ũa nação ou Reino inteiro de gente rústica, do que ũa só cidade de gente sábia, porque — infirma Mundi elegit Deus ut fortia quoque confundat *

E assim vemos, ou lemos nas histórias, que os Santos Apóstolos, que foram os primeiros, e o modelo de todos os missionários, pregando a sábios, e a rústicos, não lhes propunham não motivos temporaes, e humanos para os converter, mas só as verdades evangélicas; [ilegível] o nosso, que nos Santos Apóstolos nos manda pregar a todas as gentes, não motivos ou interesses temporaes; mas só os divinos nos manda propor; nos manda pregar as verdades evangélicas — Predicate Evangelium omni creaturae** *— E este método tem seguido um Xavier na Índia, e Ásia; Um Silveira em África; um Anchieta no Paraguai; um Cipriano no Rio Madeira; um Samuel Friz no mesmo Amazonas; e tantos outros varões apostólicos, não obstante pregarem a gente mui simples, rústica, e salvage. Porque a verdade evangélica deve ser nua, clara e totalmente [roto o original] de interesses humanos.*

Tem me ocorrido, que talvez por isso sejam tão raras as conversões nos tapuias, e sejam tão poucas as nações bravas, que saiam dos matos, e outras já decidas, não perseverem nas aldeias, porque não tem bem arraigadas no coração as verdades católicas: Quem os moveo a sair dos matos, e fazer assento nas aldeias eram só motivos temporaes, e não sobre naturaes; e como os temporaes são tão fracos, e insuficientes, em todo o tempo podem variar e faltar; além de que a conversão das almas não é obra dos homens, é só de Deus; é só o bom fruto das missões, e pregações; os homens são sós uns meros instromentos, pelos quaes quer Deus fazer patentes as luzes evangélicas: a Deus pertence [alentar] os ânimos, e mover os corações. Não seremos pois aptos

---

* *Lat.: O que é fraco segundo o mundo, é que Deus escolheu para também confundir o que é forte. Cf. 1 Cor. 1.27.*

** *Lat.: Anunciai o Evangelho a toda a criatura. Cf.* Mc. *16.15*

instromentos da conversão dos indios, senão lhes proposermos os motivos da fee, supra naturaes, e divinos; estes só são o fim da nossa missão, e o principal emprego dos nossos desvelos; que isso quer dizer a palavra do Evangelho — Predicate.*

Isto suposto, parece-me que mais efeito, e fruto se fará nos tapuias uma simples exposição das verdades evangélicas, do que usar de quaesquer outros rodeios de motivos temporaes: expliquem-se-lhes logo nas primeiras prácticas os principaes mistérios da nossa fee, do juizo universal; do paraiso, do inferno, e o meio dos Sacramentos que Deus nos deu para alcançarmos a bem aventurança, que me parece, que pela sua rusticidade, e simplicidade não só ouvirão atentos, mas estarão pasmados: e lhes fará a práctica mais moção, se se ajuntar com algũa exibição, v. g. de algum painel do inferno dibuxado bem ao vivo; porque como são muito coriosos logo perguntarão que quer dizer a pintura, e das preguntas se toma occasião para se lhes explicarem os mistérios da fee.

E mais se segue daqui outro bem, e é, que movidos os indios dos motivos sobre naturaes, [roto o original] para as aldeias, para serem melhor instroidos, em tempo nenhum se poderão queixar, de que foram enganados, como muitas vezes dizem. Lembra-me sobre isto o dito de uns indios novatos, que poucos tempos havia se tinham decido para ũa missão, em que eu estive: muito amiúdo acudiam a mim com petições especialmente pedindo água ardente para beber: Estava a missão muito distante, quase um mês de viagem da cidade do Pará, [onde nos] seus contornos fazem os missionários provimento desta droga para os seus indios de ano a ano, receei pois, que ela me não chegasse nem a meio ano, e assim com boas rezões os quis dissuadir da frequência visto estarmos tão distantes, e não haver meio de haver outra: — A reposta foi; que nós os enganávamos prometendo-lhes fartura de água ardente e de tudo para os tirarmos do mato; e depois que lhes faltávamos com o prometido: — semelhantes repostas tem dado outras muitas vezes; e por isto é necessário andar com eles muito atentos.

Para evitar pois semelhantes queixas, se lhes não proponham semelhantes, e tão rasteiros motivos; mas só motivos sobrenaturaes, dos quaes nunca se poderão queixar, que lhes faltam: Antes se devem logo desenganar, que se querem deveras converter-se, não hão de pôr as suas esperanças nos bens da terra; mas só do céo. E no caso que os salvages queiram sim admitir missionário, e ouvir a palavra divina, mas não queiram largar as suas terras, nem sair dos seus matos, nem por isso se devem desemperar; mas enquanto [roto o original] mesmo se doutrinem e catequizem ou [com a assistência] continua de algum missionário; ou ao menos da visita do missionário mais vizinho.

E como os indios são tão inconstantes, e fojões é necessário especial. cautela nos missionários para os conservar contentes nas missões, em que os aldeiarem, persuadindo-os que um missionário de indios deve ser tãobẽ pai para os acariciar; médico para os curar nas suas infermidades; medianeiro para os compor nas suas controvérsias; benfeitor para lhes repartir, o que pedem: infermeiro para os servir doentes; e finalmente deve ser todo para todos, e tudo para tudo omnibus omnia factus sum** *— como dezia São Paulo; tãobem fogem muitas vezes os decimentos por algũa austeridade no castigar os culpados. Lembra-me um decimento que fez um missionário, o qual [tão] tornou a fugir para os seus matos por verem o castigo, que deu a um cri-*

* *Lat.: Anunciai.*

** *Lat.: Fiz-me tudo para todos. Cf. 1 Cor. 9.22.*

minoso tapijara: Outro decimento fogio por ver o Principal castigar a ũa sua filha por outra aldeiana antiga em cuja companhia estava. É necessária muita prudência nos missionários dos índios.

Além da prudência especial nos missionários de índios, usam alguns de outras prudências, e cautelas para terem mão nos índios novamente decidos, que não tornem a fugir. A primeira e principal é o apartar para bem longe das suas terras os índios, e não os aldear perto; porque quanto mais longe estiverem, mais seguros estão de tornar a fugir, e pelo [contrário] estando perto, estão mui promptos a abalarem em tendo qualquer desconsolação na aldeia, e basta muitas vezes para isso a lembrança das suas terras; ou a saudade de alguns parentes, que lá deixaram; e como lhes é perto, nenhuma dificuldade os detém. Por isso vale mais aldeá-los na sua mesma terra, podendo ser, do que mudá-los para algũa aldea perto, porque lá estão sempre com os olhos. Estando porém longe, detém-nos já a dificuldade da viagem; já a falta de canoas; a falta de víveres, e o medo de serem apanhados.

Outra cautela é o mandar-lhes alguns meninos seus filhos e Principaes para a cidade como por reféns da sua fidelidade, e permanência; ainda que para isso é necessário especial jeito para lhes tirar, que não desconfiem; porque algũas vezes esta mesma cautela é causa de fogirem; assim socedeo a um missionário no meu tempo, practicou ele ũa nação bárbara, e comedora de gente a a aldeiou na melhor paragem, que julgou no Rio Xingu, e para melhor os segurar andava buscando traças de lhes tirar alguns filhos, e mandá-los a cidade com o pé de verem a cidade e aprenderem com os brancos alguns ofícios etc. mas por mais que procurou o seu beneplácito, desconfiaram, e se contrataram de matar o Missionário, e voltar para as suas terras, que tinham perto; e não conseguiram a primeira parte, porque o missionário avisado do perigo se retirou às escondidas, e fogio pelos matos para ũa aldea antiga com [roto o original] dias de caminho, e boas fomes; se chegasse a conseguir o intento, conseguiria a sua permanência.

É necessário tãobem recomendar aos tapijaras, que não os disgostem, como muitas vezes fazem, já desprezando-os; já envergonhando-os de barés isto é novatos, e salvages; e já servindo-se com eles; nem querendo emprestar-lhes algum utensílio; e de muitos outros modos, de que tomam disgostos. Costumam alguns missionários, quando fazem algum decimento repartir os novatos pelas casas dos tapijaras: outros lhes preparam moradias a parte, separadas: e esta praxe me parece melhor, por várias rezões 1ª porque repartindo-se pelos casaes antigos, estes se apoderam de tal sorte dos novatos, que os fazem servir como seus moços, chamam-lhes seus ocapiras, que é um gênero de escravidão, e enfim os injuriam com palavras, desprezam etc. Estando porém separados, [roto o original] com os outros, e não tem tantas occasiões de disgostos.

Ultimamente advirto sobre os decimentos, que é necessário muita circunspeção nos missionários de indios sobre os baptismos dos tapuias novatos: costumam alguns assim que fazem algum decimento, baptizar as crianças; e esta praxe é mui perigosa, [escru]pulosa, pelo perigo de tornarem para os matos; assim tem socedido inumeráveis vezes, e por isso há nos matos muitos católicos, que vivem como gentios: para evitar estas contingências me parece mais acertado não os bauptizar, senão depois de estarem os pais bem firmes, e enraigados nas aldeias; e por isso andem com muita cautela sobre, os que forem [missionando] assim adultos como parvos para que nenhum morra sem o bauptismo. Tenham para isso, espias nas aldeias, e catequistas zelosos; uns para logo avisarem de quem está em perigo; outros para na ausência dos missionários fazerem as suas vezes; como se deva.

CAPÍTULO 14º

QUE SE DEVEM PROIBIR OS CONTRATOS COM OS SALVAGES.

Visto que é inevitável a comonicação dos europeos, e índios católicos com os gentios, e índios do mato, com quem comerceam, e celebram seus contratos, que no Amazonas chamam resgates, ao menos se deve pôr algũa cautela sobre os instromentos de ferro, armas, e metaes, com que costumam comerciar, e são as melhores drogas e os melhores resgates para os salvages, pela rezão, que por vezes temos dado, de não terem uso, nem instromentos de ferro; e como vem o seu grande [roto o original], fazem dela muita estimação. E como isto sabem os brancos, que contratam com eles, se valem muito destas drogas nos seus contratos.

Eu prescindo agora se semelhantes contratos são, ou não são licitos, ou proibidos com excomunhão maior reservada ao Papa pela Bula da Cea, onde claramente se proíbe o passar arma, e metaes para os inimigos de Cristo, e da fee católica porém, não me meto agora nesse ponto, e digo, que ainda que não estivesse proibido esse contrato pela Bula da Cea; se devia proibir por rezões muito urgentes da fee, e do bem comum. Digo da fee; porque muitas vezes o desejo, e cobiça de haverem armas, ferros, machados, e mais instromentos os faz sair dos seus matos para as aldeias, e missões; onde com as prácticas, e comonicação com os católicos se vão pouco a pouco afeiçoando ao cristianismo, e se fazem católicos. Vindo [a ser] o desejo dos instromentos um meio remoto da sua conversão.

E de facto, quando os missionários querem fazer algum decimento; logo nas primeiras visitas repartem aos principaes alguns destes instromentos, para mais os aliciar, porque sabem, que esses são o melhor chamariz para os fazer sair das suas terras; (e talvez melhor seria, que só lhos mostrassem, e lhos não dessem, porque com mais ânsia os boscariam nas missões) e os seguir para as aldeas. São pois semelhantes dádivas e muito mais os contratos que fazem os brancos com armas, e instromentos de ferro o obstáculo à conversão dos índios enquanto os fazem viver contentes no seu gentilismo, e nas suas terras, e os retardam, ou removem de se decerem para as aldeias. Lembra-me agora a reposta que deu um índio a um missionário, que o persuadia, a que convocasse a seus [pretensos vassalos] para a missão: — Lá tem, respondeo o índio, machados, e facas para fazerem as suas roças, e por isso não necessitam de sair.

Tãobem são impedimento a fé, porque se soubessem e vissem, que só os católicos podiam usar desses instromentos, e que os não podem passar aos gentios, conceberiam maior apreço, da nossa fee, e ainda que este não é motivo suficiente para a abraçarem é contudo ũa boa disposição para se afeiçoarem a ela. Quantas nações teriam saído das suas para as missões, ou pediriam missionários para suas terras. Vendo que com a fé lhes entravam estes instromentos, que sem ela não podiam conseguir. Quantos decimentos se teriam feito, se não se passassem para as suas terras os instromentos de ferro? Não servem pois semelhantes dádivas, e semelhantes contratos para

os augmentos da fee pelo impedimento, que são à conversão dos índios. Devem pois proibir-se estas armas, e todos os instromentos de ferro aos gentios; e que de nenhum modo lhes passem nem os missionários, nem os índios mansos algum instromento.

Tãobẽ são de perjuízo ao bem comum estes contratos de armas, e instromentos aos gentios por muitos títolos: 1º porque com essas armas fazem [pois] guerra ofensiva e defensiva aos brancos, como muitas vezes tem experimentado bem à sua custa: Nem serve, que tenham, e se instruam no manejo das armas aqueles bárbaros, porque darão muito que fazer aos europeos, e católicos. 2º porque estando providos de armas, e instromentos de ferro não só não quererão aldear-se, como temos dito, mas nem talvez quererão ter paz com os católicos, por já não necessitarem deles, o que tudo é de grande perjuizo ao Estado. E para os contratos, e negócios, como tãobẽ para para ter paz com eles passem-lhes embora bolórios, panos, e outras cousas de pouca monta, contas de vidro, anéis, etc. etc.

Para evitar pois os contratos dos instromentos de ferro, além de ũa rigurosa pesquisa, e devassa nas canoas que sobem ao sertão pelos comandantes das fortalezas, onde hão de ir resistar-se, se tomem por perdidas estas cousas, como drogas de contrabando; ou se ponham quaesquer outros meios, que pareçam mais eficazes. A mesma vigilância devem ter os missionários sobre os seus neófitos, intimando-lhes a proibição de passarem instromentos de ferro aos tapuias do mato: Que se se observar por todos exactamente esta proibição, haverá mais decimentos, serão mais buscados os missionários, e terão estes mais occasiões de estenderem o seu zelo a tanta salvajarai, e barbaridade.

Sobre o zelo de alguns missionários que intrepidamente se metem ao mato, e se metem nas povoações dos salvages a practicá-los, deve haver muita prudência, cautela, e discripção; porque como não só são bárbaros, e feras, mas tãobẽ cruéis, que não só [ferem] e matam; mas tãobẽ comem a gente, que apanham, é necessária muita cautela nestas estradas, especialmente quando se não espera algum fruto; e com a advertência, de que os salvages estão irritados das tiranias de alguns brancos, e se apanham lá algum se vingam nele seja, ou não seja culpado; e muitas vezes se tem vingado nos índios mansos, se os apanham, só por tratarem, comonicarem, e viverem com os brancos: enfim são feras bravas, e como de taes se devem acautelar.

É certo, que quando os missionários só vão movidos do amor de Deos, com puro desejo de o dar a conhecer a todos, e com puro zelo de estender a sua glória, podem então entrar intrépidos, porque corre por conta de Deus a sua defensa, por isso tantos fervorosos missionários se tem metido, e vivido entre [salvages] com a mesma paz e confiança, e Deus manifestamente os livrará das suas crueldades; Mas quem não tem, e não sente em si este espírito; quem não vai totalmente resignado na vontade, e proteção Divina, é temeridade meter-se no meio de feras.

Lembra-me aqui o caso trágico, que socedeo em ũa missão castelhana do mesmo Amazonas. Irritado um índio do castigo que um branco lhe tinha dado, se retirou com toda a sua família, e alguns parentes para um seu sítio. Compadeceo-se o seu missionário e levado da sua caridade se pôs a caminho para os ir consolar; tiveram notícia os índios; e o esperaram armados; assim que chegou, sem o quererem ouvir, saltaram nele como feras, e o fizeram como

um crivo de feridas e despois embocados por desafogo das suas crueldades sabiam muito bem que o missionário não tinha culpa; mas vingaram nele, o que não podiam no culpado: E se isto fazem os mansos, e já domesticados; que não farão os bárbaros, e salvages É pois necessário moderar muitas vezes estes fervores.

TRATADO 7º

ESPECIAL MÉTODO DE AUGMENTAR O ESTADO DO AMAZONAS

CAPÍTULO 1º

MODO FÁCIL DE ERIGIR VÁRIAS POVOAÇÕES NO RIO AMAZONAS.

Sendo a povoação do Rio, e estados do Amazonas o principal objecto dos seus conquistadores, não será fora do nosso argumento o propor alguns meios mais proporcionados, e fáceis à sua povoação. Não falo das povoações dos indios a que lá chamam aldeias, e missões; porque delas já falamos quanto basta respective* *aos seus missionários, que são ordinariamente os seus fundadores: falarei agora aqui das povoações dos brancos, e europeos, que são as que mais se pertendem, e com que se procura povoar aquelas terras, que sendo tão pingues e férteis, estão devolutas, desertas, e feitas matas bravas.*

Juntamente pertendo dar um desengano aos europeos, que passam nas suas terras ũa vida pobríssima, e miserável por falta de terras, que cultivem, e se contentariam se alcançassem alguns chavascaes, em que podessem empregar os seus cuidados, de que na América especialmente no Amazonas, podem ter quantas terras quiserem, e poderem cultivar; desfrutando delas tanta fartura para as suas casas, e familia, e tantas riquezas como já exposemos no 1º Tratado desta Quinta Parte do Tesouro descuberto no Amazonas: E como lá exporemos o método mais fácil e ventajoso de as poder cultivar; e ainda tãobẽ muitos meios de se poderem estabelecer, levantar povoações, e novas vilas; Aqui só apontarei um meio de se poderem erigir em mui poucos anos muitas vilas de europeos.

---

* *Respectivamente.*

O 1º porém mais importante meio de povoar com europeos o Amazonas, é com os indios das missões, por este modo: Suposto o novo sistema, que no princípio desta "Parte" dissemos, de que as canoas do sertão são mais perniciosas, que úteis ao Estado; e aliviadas as missões desta pensão tão danosa; seria mais útil, comutar-lhes aos indios este serviço em tomar cada missão à sua conta o erigir ũa nova povoação de brancos, ou para brancos europeos nos lugares, ou parages, que se julgassem mais convenientes, ficando com esta comutação totalmente isentos em o successivo de todo o mais serviço dos brancos, e indeminizados, [roto o manuscrito] outra povoação de portugueses. E deste modo pode [roto o manuscrito] quase de repente em um só ano tantas povoações de europeos, quantas são as missões do Amazonas, olhando à possibilidade das missões, mas não a possibilidade de transmigração dos novos colonos; [porque] vejo a impossibilidade da transmutação de tantos colonos em um só ano.

Não quero dizer com isto que os indios das missões tenham algũa obrigação de servir aos brancos; porque na verdade não tem nenhuma, e são tão livres vassalos de Sua Majestade como os mesmos brancos, nem é bem, que, por serem tão rústicos, e tímidos, se lhes imponham obrigações tão onerosas nas suas mesmas pátrias, e terras, em que por todo o direito são superiores, e devem preferir aos estranhos; Mas digo, que suposta a violência, que lhes fazem em os obrigar ao serviço dos brancos, é mais útil occupá-los em erigir novas povoações, cada missão sua por condição desonorativa da repartição aos brancos: digo mais útil; porque as missões ficariam aliviadas desta sua tão laboriosa, e penosa pensão; e o Estado [que] em pouco tempo se veria accrescentado, e augmentado visivelmente em muitas povoações de novo.

E para que se veja quanto é fácil esta possibilidade e sistema, lembro aqui, o que muitas vezes temos dito, de que toda a dificuldade do estabelicimento dos [roto o manuscrito] colonos, está em duas cousas 1º em achar viveres para comerem enquanto os não podem ter de suas lavouras: 2º em achar terras promptas, e os meios necessários para as cultivar; além de algum tugúrio, ou choupana, em que se recolham, porque isso sempre se supõem; Nem é necessária maior moradia ao princípio atendendo ao clima, e ares daquela região, que só necessita para resguardo dos calores, e raios do sol; e das chuvas; porque não [há] frios, que obriguem a mais agasalhada pousada; e de facto muitos moradores antigos, e ordinariamente os indios não o tem outras moradias nos seus sitios mais que uns ligeiros tegúrios, onde se recolhem do sol, e das chuvas; posto que pelo tempo [adiante] os brancos costumam fabricar não só casas, e palácios; mas muitas outras feitorias, o que poderão tãobẽ fazer pelos anos adiante os novos colonos, que se forem estabelecendo.

A primeira dificuldade pois tocante aos viveres, que devem achar promptos os novos povoadores podem providenciar os missionários com os indios da sua missão de muitos modos: 1º e principal: Designada a paragem mais cômoda apara algũa nova povoação de europeos, que se queira fazer, mande o missionário que a toma à sua conta, lá os indios, que julgar suficientes providos de farinha, e mais viveres necessários, de que deve fazer ũa exacta festa, como tãobẽ dos instrumentos, e mais utilidades se forem fazendo, uns para repartir, e outros para lhes pescarem, e buscarem de comer: e podendo ser, na companhia de algum branco esperto, e inteligente, especialmente não havendo indio de capacidade, que possa desempenhar o intento. E quando o missionário possa ir em pessoa a fazer a primeira direção, melhor.

Na dita paragem manda roçar tanto terreno, quanto seja suficiente para área de ũa boa vila, v. g., *600, ou 800 braças; e no intermédio, enquanto se seca, e queima o mato cortado, se occupem os operários em ajuntar madeira esteios etc. para levantar os tugúrios etc. em que ao depois se hão de recolher os novatos: Limpo o terreno, e semeado de milhos, e mais searas que se julgarem; enquanto elas se fazem, se occupem os índios em avançar para diante outro semilhante roçado, e depois deste outro, e outros como já dissemos no "1º Tratado" desta "5ª Parte" os quaes roçados hão de ficar terras estáveis de semeadura, e hortos, excepto o 1º que há de servir de plano, e área da nova povoação.*

Depois de colhida nos 3 meses, em que nas terras do Amazonas se fazem as searas, e primeira colheita, a qual com as mais, que se forem seguindo se há de [ilegível] reservando em tulhas; se levanta à corda os esteios em ũa, ou duas correntezas bem arruadas. e largas com suas divisões, e repartimentos, ao modo, que costumam os índios levantar as suas casas na fundação de algũa aldeia, ou missão: depois se cubram com os [ilegível] de palmeiras etc. destinguindo algum repartimento mais acomodado para servir em lugar de igreja, enquanto se não se levanta outro mais digno edifício para o Culto Divino.

Advertindo, que para todos estes serviços, e para todas estas manobras bastam de sobejo os índios, que aliunde* *costumam ir na repartição dos brancos nas canoas do sertão, e bastam 6, ou 7 meses quantos tãobẽ gastariam no mesmo sertão: e só para as semeaduras, capinações, e colheitas, se deveriam fazer com os índios da missão, por ser tarefa das mais [ilegível] para aquele Estado, segundo o seu costumado exercício: e quando seja necessário continuar mais tempo o trabalho, e diligências, ainda que gastem todo um ano, sempre lhes será da mesma conveniência por ficarem isentos para o sucessivo os índios do serviço dos brancos.*

Já se vê que para o intento de querer fazer algũa povoação nova de europeos, este é o meio melhor, e mais apto para provimento dos víveres dos novos povoadores; porque de um caminho se fazem 2 mandados, como dizem, ou mais: e são o provimento dos vieveres, que é o principal, e primeiro intento aproveitando os roçados em boas semeaduras, e colheitas ũas acabadas outras, e reservando tudo em tulhas para a seu tempo ir repartindo aos novatos. 2º intento, e conveniência grande é dispor juntamente as terras de semeadura, e tê-las preparadas para logo, que chegarem, e delas tomarem posse as poderem os novos colonos beneficiar ao modo da Europa, no que acharão mais de meio caminho andado. 3º intento, e conveniência é o ter preparadas aos estranhos largos planos, boa áreas, e suficientes moradias, ou choupanas, em que se recolham.

Contudo podem os missionários providenciar por outro meio os mesmos víveres, e é repartindo, e recomendando aos seus aldeanos, que nas suas roças por entre a maniba semeem milhos graúdos, que são os mais proporcionados, e os mais frutíficos; dando a cada um a semente proporcionada à sua roça; e recomendando-lhes a colheita a seu tempo: por este meio pode intulhar em um só ano muitas medidas sem augmentar trabalhos aos índios. porque não necessita esta economia de mais diligência do que lançar o grão à terra, e colher a seu tempo os productos: O mais trabalho sempre é indespensável aos roçados, ainda que sejam só para a maniba: Nem os milhos por entre a maniba lhes causam nela algum prejuizo; porque lá os milhos

---

* *Lat.: aliás.*

vem muito mais depressa; e os índios ordinariamente os não semeam para si, ou quando muito algum bocado de terreno, porque se contentam com pouco.

3º meio pode ser o mandar o missionário fazer de prepósito, e determinadamente para o intento algum espaçoso roçado ao pé da sua aldeia, e fazer nele ũa mui copiosa semeadura de milho graúdo, legumes, e algodão, que são os 3 principaes gêneros, que desejam achar promptos os novos colonos: os dous primeiros para viveres; e o algodão para desenfado de suas molheres; e como qualquer destes meios não se opõem aos outros, de todos eles se podem valer os missionários para desempenho do seu intento; e não se metam em fazer provimentos de farinha de pao, porque lhes sairá a despesa maior, do que a receita, e se porão em grandes contingências pelas rezões, que proposemos no princípio, e a principal é; o estar um ano inteiro a planta da maniba na terra; em cujo tempo se podem fazer 3, ou mais searas, e colheitas dos milhos.

Usando pois todos os missionários desta boa economia, e providência, podem todos no fim do ano ter os víveres necessários e promptos para os europeos novos fundadores, que esperam da Europa para um, ou dous anos enquanto eles os não poderem ter de sua lavra; Sendo que achando eles tãobẽ prompto o terreno, que possam logo entrar a cultivar, não será necessário provimento de víveres para tanto tempo; porque eles mesmos os poderão já ter de casa a pouco mais de 3 meses da sua chegada, e estabelicimento. E ainda no caso, que não achem campos já roçados, e expeditos para logo os poderem entrar a beneficiar, podem os novos colonos ter de casa os víveres, se eles entrarem logo a beneficiar as terras, que lhes repartirem, ainda que sejam de crecidas matas; Se usarem de providência, e indústria que usam os índios do mato, de só alimparem por baixo as matas, secarem as árvores etc. como no "1º Tratado" explicamos; Nem para isso necessitam de adjutório de escravos; mas sim o ajudarem-se mutuamente uns a outros como fazem na Europa.

Por este modo, que me parece o mais apto para a povoação do Amazonas, tomando cada missionário com seus índios à sua conta o erigir ũa vila nova de europeos; e se fosse possível, o poder transitar de ũa só vez os europeos correspondentes a todas essas vilas, em um só ano accreceriam mais aquele Estado tantas novas povoações, quantas são as missões dele: advertindo, que todas elas, e todo esse trabalho se pode fazer com toda a suavidade mais do que o trabalho, que costumam ter os índios nas canoas dos brancos, e colheitas do sertão: Com a advertência que os missionários ou por si, ou por meio de alguns brancos, são os mais proporcionados superintendentes para estas novas povoações, como a experiência tem mostrado na fundação das missões de índios; em que às vezes um missionário sem cabedaes, nem mais adjutório que os seus índios tem fundado quase todas as missões daquele rio, que se se fizessem por conta, e incumbência de ministros régios, esgotariam o cofre real daquele Estado; porque

Os seculares o que mais, e primeiro pretendem nas suas diligências é (falemos claro) o aproveitar-se a si; o encherem-se, e enriquecerem-se; e deles pouco abalo, ou pouco cuidado em comum. Se os roçados dessem mil medidas de grão v. g. apontariam eles 10000, mil; se os índios no trabalho só gastassem v. g. 100 alqueires de farinha de pao, accrescentariam outros 100 e assim no mais: em tal caso, que não encaminhassem os índios para os próprios sítios, e occupariam em benfeitorias, e serviços próprios, e apenas, para darem rezão de si, diriam que os índios lhes fogiram; que não acharam paragem capaz; que não quiseram trabalhar; ou finalmente apenas fariam um

breve roçado, quanto costuma fazer cada índio para si: prouvera a Deus que isso não fosse tão comum. E os missionários não tomando de tudo isto algum emolumento para si, só procuraria (como deviam endemnizar os índios, e que se lhes satisfaça o seu trabalho, e gastos).

Visto pois, que comodamente senão podem transportar de repente e no mesmo ano povoadores bastantes a formar logo tantas povoações de europeos quantas são as missões, pelo que aos missionários da sua parte podessem expedir os necessários subsídios para o recibimento se para o trabalho dividir para se fazer com mais suavidade, por algũas missões v. g. *por 3 missões; as quaes todas 3 concorram para um todo, isto é, para formar ũa povoação nova de europeos, ajustando-se entre si a darem igual cômputo de índios para os roçados, searas, planície e palhoças; e finalmente para formarem todas 3 ũa vila naquele ano, e da mesma sorte para concorrerem nos anos seguintes para outras, de sorte, que no fim dos 3 anos fiquem feitas 3 novas vilas de europeos; e assim as mais missões conforme o número de gente, que se espera de novo.*

Já se sabe, que todas estas fundações, ou preparativos supõem prévio aviso da Europa pelas frotas; e sem ele é certo, que seriam baldados todos os preparativos. É necessário pois primeiro o aviso, e notícia dos povoadores, que para o ano seguinte hão de transmutar-se; para que se possam dar as providências necessárias para ũa, ou para mais povoações, conforme o seu número. Cuja transitação, e seus gastos? pertence a outros tribunaes o providencial; no caso que os passageiros, não possam satisfazer por si: Como na verdade muitos não poderão: Eu vou aqui só a dizer, e insinuar o meio mais proporcionado para se poderem fundar muitas, e muitas povoações com suavidade, com brevidade, e com mais conveniências daquele Estado, e do seu augmento e do bem comum, do que o serviço das canoas do sertão; de que se devem desonerar as missões, e índios: e como podem achar tudo prompto, assim que chegarem os novos passageiros.

CAPÍTULO 2º

DE OUTROS MODOS FÁCEIS DE POVOAR AS TERRAS DO AMAZONAS.

No caso porém que ainda não queiram os governos, ou magistrados atender pela isenção, liberdade e justiça dos índios; e queiram ainda continuar a repartição aos moradores, não para as canoas do sertão, mas para benfeitorias dos sítios, como insinuamos na melhor economia do "1º Tratado"; Ainda se podem fazer, e erigir as mesmas povoações de europeos pelos índios da repartição dos missionários na suposição, de que estes já os não necessitem para as canoas, e colheitas do sertão, que devem cultivar, e fazer hortenses: Porque podem os missionários comotar-lhes aquela pensão anual em erigir algũa povoação de brancos do modo, e maneira, que temos dito.

3º modo de povoar aquelas terras pode ser por licenças, e privilégios concedidos aos particulares, que queiram ser fundadores de algũas povoações: porque por meio dos particolares se tem fundado muitas povoações, como foi a cidade de Olinda, que fundou e povoou.......... várias vilas no Brasil, e em muitas outras partes: e pouco importa, que sejam particolares os fundadores, porque as povoações feitas todas redundam em augmento dos Estados, e em bem comum: o ponto está, em que se fundem, e se povoe aquela tão rica, e nobre porção de terra, que povoada será o mais rico império do mundo; e poderá enrequecer a toda a Europa.

Há muitos moradores, que sendo ricos, e tendo muita gente de seu serviço, em ninhuma cousa mais útil poderiam empregar os seus cabedaes, do que na creação de algũa vila, ou cidade, cuja soberania, e reconhecença seriam os melhores, e mais firmes morgados, que podem deixar às suas famílias por herança; Nem para isso é necessário gravar os povoadores com fundos tão rigurosos como na Europa, onde há lavradores (ainda no nosso Portugal) que pagas todas as suas pensões, apenas lhes fica limpa a metade das suas colheitas; basta no Amazonas ũa reconhecença semelhante aos dízimos, para já ser bem dotado qualquer povoador, atendendo à grande vastidão daquelas terras, à sua muita fertilidade, e ao pouco trabalho da creação de ũa vila.

Porque se atendemos à facilidade com que se podem fundar semelhantes povoações, basta dizer; que os fundadores (não falando nos transportes dos povoadores, que ordinariamente só com liberalidade real se podem fazer) só põem de sua casa os víveres para os primeiros tempos, e o trabalho na creação das choupanas: tudo o mais tem de graça: porque as terras estão devalutas, e tomavam os magistrados, que houvesse, quem as quisesse cultivar de graça. As madeiras para as casas, e cabanas tãobẽ estão de graça oferecendo-se a quem as quiser cortar, sem mais custo, que o trabalho, como por vezes já temos dito; e assim não põem de casa os fundadores mais do que o trabalho dos seus escravos.

Vê-se mais a facilidade com que os moradores podem fundar estas fundações, nas fundações dos seus sítios; porque há sítios, que parecem ũas vilas de populosos, e bem fundados, e se assim podem fundar sítios, tãobẽ podem fundar povoações. De sorte; que se quisessem mudar de sítios, e aqueles já feitos reservassem para novos povoadores; com os víveres necessários para a sua primeira subsistência, estando em paragens cômodas, ficariam já ũas vilas. Queremos dizer nisto, que são fáceis de erigir as vilas, ou novas povoações no Amazonas; e que podem os moradores mais abastados ser fundadores de algumas.

4º modo de povoar aquelas terras é o que fazem no Brasil muitos aventureiros, quando querem descobrir minas, ou povoar terras de novo. Convidam-se, e ajuntam-se entre si os aventureiros quantos querem, e se oferecem: elegem por seu capitam, ou cabeça algum mais prudente para os governar; alistam-se todos debaixo do seu comando, a que chamam bandeira; e com a licença dos seus majores marcham com toda a sua família, levando por bagagem os viveres necessários, e todos seus movens como costuma marchar um exército, de marcha bem provido para a campanha; ou como quem vai de casa mudada para outra parte. Fintando-se todos para os gastos, ou concorrendo cada um conforme as suas posses, a que ao despois se atende no estabelecimento: fazem alto quando é necessário; marcham quando é conveniente: se temem falta nos viveres demoram-se em algũas paragens, onde semeam searas de milhos, [roto o manuscrito] e outros frutos; proveem-se

novamente nas colheitas; e assim vão marchando, e fazendo até chegarem a paragem do seu destino gastando não só meses, mas tãobẽ anos.

Com semelhantes bandeiras, ou companhias, ou descobridores ventureiros se tem povoado muita ou talvez a maior parte do nosso Brasil onde chamam as Minas, onde há muitas, e muitas povoações com o nome de arraiaes, e alguns não só muito populosos, e ricos; mas tãobem já elevados a vilas, e talvez já a cidades, que não tiveram outros principios: e tem estes primeiros descobridores, ou fundadores a preferência no repartimento das terras: na eleição das herdades, e na honraria dos cargos da República, conforme os seus merecimentos e capacidade; e o capataz, ou capitam, além de se merecer o primeiro lugar, e as primeiras atenções, fica com fama imortal; porque sempre fica o seu nome na povoação, que se çonhece, e se apelida a bandeira de fulano; o arraial de sotano etc. Com regalias, e previlégios para a sua decendência.

Por este modo com sua proporção se pode povoar em muita parte o Amazonas; formando-se na Europa companhias de ventureiros que transmutando-se nas frotas mudem para lá as suas casas, e domicílios, e formem com mais facilidade do que as bandeiras supra, mui populosas povoações, que em poucos anos podem ser mui fartas, e ricas: digo com mais facilidade do que as bandeiras; porque estas vão como à toa, fazendo grandes demoras, e repetidos provimentos: com necessidade de barracas; com canoas para atravessar rios, e finalmente com grande trem, e bagagem, e com gasto de muitos cabedaes e por tempo de anos inteiros. Não assim as companhias de bandeiras de europeos para povoar o Amazonas; porque havida a licença, e permissão real, que sempre se requer para passar aos ultramares, e mandado aviso ao Estado para que proveja os viveres, e forragem, de nada mais necessitam, do que embarcarem-se na frota seguinte com todos os seus móveis, e famílias, e com o seguro de acharem tudo prompto na sua chegada.

Nem duvido, que haja europeos aos milhares, que tendo notícia das belas terras do Amazonas, da sua fertilidade: e vastidão, e que de graça, e sem foros, nem pensões se reparte, a quem a quer cultivar; sabendo do clima tão sadio daquelas regiões; e da primavera, e verão continuo de todo o ano, sem mais signaes de inverno, do que as chuvas a seu tempo: sabendo das muitas riquezas, e preciosidades daquelas matas, que cada um pode cultivar para si, e fazer hortenses e que finalmente podem todos os seus colonos ser mui fartos, e ricos em tão poucos anos sem mais fadigas do que ũa mediana indústria, e diligência etc. se ofereceriam à porfia para a viagem; [meteriam] empenhos para serem admitidos na lista, dos que se teriam por tão afortunados; desprezariam os perigos da viagem, fechariam os olhos aos medos, e sustos dos mares, e levariam com alegria as moléstias da navegação, e gastos da matalutagem, e transporte.

Vê-se isto na mesma Europa, [ilegivel] quando algum monarca quer povoar o seu reino, pouco populoso, e dá permisso aos estranhos para cultivarem as suas terras, que às vezes são uns chavascaes estéreis. São tantos os forasteiros, que concorrem que é muitas vezes necessário pôr termo ao populaço; quanto mais concorreriam a povoar as óptimas terras do Amazonas com tantos interesses, e conveniências; e aonde os frutos correspondem sempre aos centos por um, havendo diligência no cultivo? Pois se os monarcas além da licença, e promessa daquelas boas terras, quiserem dispender aos necessitados, e pobres ajudas decerto para os gastos, e preparos da viagem, se ofereceriam até cidades inteiras: Porque há muita gente pobre em toda a Europa, que não pode buscar a vida pela suma pobreza, em que se acha; e só com algum socorro poderiam tentear fortuna, e oferecer-se à viagem.

Me afirmou um missionário alemão, que era por Alemanha alguns anos tanta a pobreza, e que eram tantos os mendigos, que, se se ajuntassem, comporiam exércitos: Entre eles muita gente de bem, muita nobreza, e muita recolhida. Vio-se esta miséria lastimosa ũa vez na cidade de Preveriz; onde, para evitar alguns inconvenientes; e talvez por atender à gente nobre, e recolhida, que vendo-se na última miséria, e por outra parte não tendo cara para mendigar pelas portas se deixava morrer a total desemparo, determinou o magistrado, que toda a gente pobre em o sucessivo se ajuntasse em certa igreja, ou praça a certa hora todos os dias, e que dali formando ũa procissão, fosse circulando as principaes ruas da cidade, sem pedirem esmola: mas só com a mão estendida para fora, e aberta para receber as esmolas, que os caritativos libenter* *lhe quisessem dar.*

Juntou-se muita pobreza, fizeram ũa procissão de 300, e tantas pessoas: nela iam todos modestos; e gente de toda a sorte: muitos, e muitas vertiam lágrimas de pura vergonha, e miséria; outros, e outras levavam os rostos cobertos; e toda a procissão finalmente movia a tanta compaixão, os que viam, que muitos não podiam reter as lágrimas: do que se pode ver o que irá de pobreza pelas mais cidades, e reinos: Sendo toda esta pobreza, efeito das repetidas guerras, que há entre os Príncipes, despoes das quaes ficam os reinos esgotados; as provínceas consumidas; as cidades desfeitas, e a gente a pedir por portas, e a buscar reinos estranhos para alcançar ũa esmola: e se acham na magnanimidade de algum Príncipe, que lhes [dá] a mão, e um bocado de terreno para cultivar já [ilegível] dão por bem afortunados.

Com estes, e semelhantes pobres se podem povoar muitos ultramares; e de facto muitos príncipes se tem aproveitado destes miseráveis para povoar as suas colônias, tanto, que só nas suas colônias americanas contavam já anos passados os ingleses para cima de dous milhões de europeos estabelecidos naquela região, e vassalos todos daquela coroa, sem entrar neste número os índios naturaes assim os já civilizados, e domesticados; como tãobẽ os salvagens, e a muita escravatura de cafres, que para lá tem transmutado, cujo número já se vê que subirá a muitos dobros mais; e quanto terão pelas mais colônias? quanto pelas suas conquistas da Ásia? Pois os holandeses sabem todos, que as suas conquistas, e colônias, com que se tem feito tão ricos, e formidáveis, se compõem de toda a casta de gente, a quem dão acolhida; e assim as mais nações: e pouco vai, que os povoadores sejam, ou não de diversas nações, com tanto, que sejam todos de ũa só, e verdadeira lei católica, e que sejam obedientes, e fiéis vassalos dos Príncipes, que lhes dão acolhida, como os mais da própria nação, e em quem todos vivem misturados.

Se fosse fácil a transmutação dos [ilegível] para as colônias da América e Amazonas, seriam os melhores povoadores daquelas terras, por serem os melhores lavradores, e trabalhadores: tem ódio à ociosidade, e querem sempre estar ocupados; e desta sua grande diligência provém a muita riqueza, e abundância do seu império [china,] dando-nos a nós os europeos um grande quinao nesta matéria, assim como tãobẽ na sua bela economia, providências, e leis óptimas do seu governo; assim tivessem, e guardassem a lei de Deus que é a principal! Me informou um missionário da mesma China, que os chinas estavam espalhados por muitas colônias dos castelhanos, dos holandeses, e de outros Príncipes, como nas Filipinas, em Málaca, e outras em grande, [roto o manuscrito] e que eles é, que ordinariamente e quase sós cultivam as terras, porque os europeos dados ao ócio todos enfermam com o achaque da preguiça do [ilegível] assim que passam para as conquistas.

* *Lat.: voluntariamente.*

E gostariam muito os chinas se tivessem a porta, e navegação aberta, para a América, porque sendo na China a gente infinita, de sorte, que há vilas (ainda sem falar nas cidades, e nos rios, onde em barcos, vivem, dormem, e formam cidades boiantes innumerável gente) que tem para cima de um milhão de vizinhos como consta por relação ocular dos seus missionários; e em tanta multidão de gente já se vê que há de haver muita pobreza, e que se hão de confundir uns com outros, como denota a exposição dos muitos enjeitados, com que se enchem os hospitaes, e recolhimentos que há em todas as cidades; e fora disso expõem os pais a muitos filhos nas ruas, onde morrem ao desemparo, por não os poderem sustentar. É certo, que os chinas tem proibição, e leis severas de não poderem sair para reinos estranhos, como tãobẽ os europeos, que os extrairem para fora, mas isso não obstante, eles saem, e se espalham pelas colônias dos europeos, como já dissemos.

Ũa gente, que tãobẽ é óptima para povoar as colônias, são os pretos; e nem por serem pretos, se devem desprezar, pois vai pouco nas cores em serem brancas, ou pretas contanto, que a vida e costumes sejam de homens de bem; e dos pretos sabemos nós, que civilizados e domesticados, se fazem bons católicos: e há Impérios, e Reinos de gente preta, como são Etiópia, Monomotapa, e muitos outros de muita policia, e urbanidade. Na mesma América no Reino, ou Império de [ilegível] me noticiaram, que havia ũa grande e mui populosa cidade toda de cafres, que se tem alforriado, e onde não admitem mistura algũa de gente branca, e dizem, que é ũa das cidades mais bem governadas, e econômicas, que tem os castelhanos naquele Império; Nem há cidade mais bem governada, e onde melhor se guardem as leis divinas, e humanas, e onde os tributos são mais bem pagos; enfim se esmeram em serem, e se mostrarem bons católicos, e fiéis vassalos.

E muitos ingleses (e tãobẽ os holandeses, segundo me disseram) transportam para os ultramares muitos destes pretos que como outros lhe chamam, cafres, e assim que chegam às colônias da América os alforriam; e os cafres vendo-se alforriados e transmutados para tão excelentes terras, ficam tão afeitos aos seus senhores, e libertadores, que então é que se mostram seus mais captivos, e obrigados, e servem com mais promptidão, e vontade; e por outra parte entram a cultivar as terras com grandes conveniências, e utilidades do bem público: Enfim por muitos modos se podem povoar as colônias havendo as providências necessárias para o transporte das famílias, quanto aos preparativos dos viveres, que devem achar promptos. Nem obsta a desculpa, dos que dizem que sem escravos, senão podem cultivar aquelas terras; Nem se podem bem servir lá os europeos porque já dissemos acima no "Primeiro Tratado" o modo, como se podem suprir com mais conveniências do que com eles.

CAPÍTULO 3º

DAS PARAGENS, EM QUE PRIMEIRO SE DEVE POVOAR O AMAZONAS.

Ainda que quase toda a terra do Amazonas é óptima para cultivar, e fructificar com abundância os fructos da terra; e por isso em toda a parte,

em que o terreno não seja alagadiço se podem erigir povoações, contudo, como por mais indústrias, que busquem os homens senão pode povoar tanta extensão em muitos anos, devem eleger-se primeiro as paragens mais conducentes ao bem público, e a boa segurança, comonicação, e serventia daqueles estados: de sorte, que não se há de atender tanto a qualidade, e bondade do terreno; quanto à conveniência do bem público: que sempre deve preferir ao bem particolar de cada povoação: agora apontarei algũas.

Já se vê, que as primeiras atenções se devem merecer as barras, porque sempre as barras foram, e são as portas, e as entradas dos Reinos; e por isso devem ser as mais bem fortificadas e defendidas, pois delas depende ordinariamente a defensa, e conservação dos estados: e mal podem estar fortificadas, e defendidas se não forem povoadas. Nestas pois se devem erigir as primeiras povoações quanto mais populosas melhor tendo o Amazonas duas barras, ou bocas principaes: destas a menor, que é a da parte do Sul e a mais bem fortificada, onde os portugueses tem a sua famosa cidade do Pará, apenas tem para sua defensa (É o meu tempo) esta dita cidade barra a dentro 30 légoas; e neste grande espaço de 30 légoas apenas tem ũa praça a que chamam a Fortaleza da Barra, da qual dizem os prácticos, que posto que esteja formada em bela paragem, não é suficiente a defender a barra, sendo invadida de algũa armada inimiga, que tendo bom vento por proa pode zombar da Fortaleza.

Se ainda estiver em pé, ou se estiver renovada, porquanto observou um missionário que lá foi confessar a uns presos, que as paredes e abóbodas estavam tão abertas, e aluídas, que ele estava com medo não caíssem; queira Deus lhe não soceda o mesmo, que à Fortaleza da Barra do Maranhão; a qual sendo da melhor arquitetura, [assim] em tão bela paragem, que só ela podia zombar de todas as armadas, em breve se desfez, e arruinou [de todo]: Eu a conheci ainda muito inteira no meu tempo; e em cousa de 5, ou 6 anos, só vi o lugar, em que estive [mas] senão tiver corrido igual fortuna a do Pará e se não lhe acodem a tempo pode temer-se mui brevemente a sua ruína. Quase defronte tem em ũa piquena ilha um furtim que apenas merece o nome.

A cidade está sobre ũa bela baía defendida de 2 fortes, que tãobẽ no meu tempo se iam arruinando: o 1º é o Forte das Mercês, o qual mandado completar pelo Sr. Dom Frei Miguel de Bulhões Bispo do Pará, quando por ausência do gevernador do Estado, governava tãobẽ o temporal; e em atenção a este serviço [ilegível] ao posto de Brigadeiro na Corte um seu irmão, foi tal o concerto, que logo na primeira salva, que nele já concertado se deu, que abrio em muitas bocas, de sorte, que mais não servia senão para ostentação. O 2º que é o Forte do Colégio, por estar imediato quase a ele, ia caindo aos pedaços tanto, que já se tinham retirado para o interior algũas peças para não cairem ao mar; e já estava tal, que uns marinheiros [ilegível] acima afogentaram os soldados, que estavam de guarnição: talvez que já estejam ambos renovados, e feitos outros de novo, que a estarem da mesma sorte [ilegível]. Nome de fortes pintados, ou do [ilegível] sendo que bem renovados são mais suficientes para defenderem toda a cidade pelas pelas belas paragens em que estão.

Em toda a distância de 30 légoas que vão da cidade do Pará até à boca da [Tigioca] que é onde propriamente principia a barra desta boca do Amazonas, que pelas rezões já ditas queiram ser os lugares mais [povoados]. Apenas se achavam até o meu tempo duas aldeias de índios, ũa chamada Tabapará de poucos vezinhos; outra chamada cabira por mais populosa foi no ano de

57 (como as mais) elevada a vila com o nome de Vila de Colares, e nada mais de povoações excepto alguns sítios de brancos; há sim tãobẽ ũa vila chamada do Vigia povoação de portugueses; mas esta está boca adentro do rio do mesmo nome Vigia, e pouco, ou nada comonica com a barra: isto é da banda do Oriente; e da banda do Ocidente, onde lhe faz costas a grande Ilha do Marajó ainda está muito mais despovoada porque apenas tem algũas piquenas povoações de índios.

Na boca do Norte, que é a maior, e a mais principal do Amazonas, onde os limites dos portugueses confinam com os de França, e Caiana apenas havia até o meu tempo ũa vila chamada Vila (ou cidade) de São José do Macapá fundada então com ilhéos, em ũa povoação de índio chamada a Aldeia de Santa Ana; tenho notícia, que já depois se fundou outro lugar de europeos em um rio adentro, e nada mais da parte do Norte; e nada da parte do Sul ou quando muito algum piqueno forte. Sendo que de ũa, e outra banda, e ainda em ilhas que forma o Amazonas na mesma barra há muitas, e õptimas paragens, em que se podem fundar muitas, e mui populosas cidades, cujos vezinhos possam desfrutar as suas belas terras, defender aquelas barras; e na verdade são as paragens, que primeiro se devem povoar.

Tãobẽ merecem as primeiras atenções, e povoações toda a margem do Norte do Amazonas desde a sua foz até a altura do Rio Negro, não só a margem do rio, mas tãobẽ o centro, que se alarga para o Norte em belas campinas por cousa de 40 légoas, e se estendem por cousa de 300 para o Poente até o dito Rio Negro. Todos agouram nesta grande porção de terra muitos mineraes, e muitas riquezas, de sorte que os mapas as signalam com signaes de ouro; mas ninguém se atreve a abrir caminho por se temer sejam as minas abertas algum teatro de cruentas guerras entre portugueses, a quem pertencem, e franceses, e holandeses, que confinam; e por isso quem primeiro as povoar, e tomar posse, quererá ao depois ser preferido, [ilegível] muitos anos os portugueses ser os primeiros em povoar aquelas terras para segurança, e defensa de nossa posse.

Assim mesmo se devem povoar todos os grandes rios, que entram no Amazonas, quando não fosse por outra rezão v. g. *de cultivar as suas belas margens, e aproveitar algũa cousa dos seus extensos naturaes cacuaes, e mais riquezas das suas matas, ao menos para tomar posse delas, antes que as potências vizinhas se intrometam, como já tem muitas vezes socedido. Quem dissera na Europa, que há rios tão grandes tributando as suas águas ao Amazonas que tem meses inteiros, e alguns para cima de 60 dias de navegação como são o grande Rio Japurá, o grande Rio Purus, e muitos outros sem terem ainda algũa povoação de portugueses, ou europeos, de que estão ainda totalmente despovoados, por não haver, quem os povoe. Cada rio destes que medianamente povoado podia ser um grande império como o Egipto com o seu grande Rio Nilo, não tem ainda nenhum piqueno sítio de brancos. De que se vê quanto é necessário cuidar na sua povoação, e posse, ainda que seja só no princípio [ilegível] algumas piquenas vilas, não só nas suas bocas, mas tãobẽ nas suas cabeceiras, onde mais depressa se podem estabelecer outras [ilegível], donde pouco a pouco vão decendo rio abaixo.*

Nos rios da banda do Sul do Amazonas especialmente da cidade do Pará até o Rio Madeira, posto que já nas suas bocas tenham algũas povoações piquenas, ou de indios, ou de brancos, nem nestes haja tanto perigo de serem apossados por algũa outra potência. Merecem contudo por outra rezão serem tãobẽ povoados nos centros: A rezão é, pela comonicação que tem com as minas, e pela bela serventia que podem dar para por eles decerem ao Pará e Amazonas os mineiros das muitas minas, que tem nas suas cabeceiras cuja serventia mais convém, mas muito prolongada perigosa, e custosa é para São Paulo, para a Bahia, e outros portos mui distantes: e só as do Mato Grosso, descobriram pelos anos de 40, e tantos desaguadouro para o Amazonas, e Pará pelo grande Rio Madeira; mas ainda com tantos rodeios, que lhe fica mui costosa a serventia.

Seria pois esta muito mais breve, e suave se se descobrisse navegação per alguns dos rios mais orientaes, e chegados ao Pará como são o Rio Capim; o Rio Tocantins, Xingu e Tupajós; por não estarem povoados, nem ainda descubertos, e por rezão de cachoeiras, e catadupas, que tem, não estão ainda em navegação; a qual seriam de muitos interesses aos Estados tanto do Pará, e Amazonas, como das mesmas minas, pois evitariam os grandes rodeios, que vão dar ou ao Sul para o Rio de Janeiro São Paulo etc. ou para o Amazonas pelo Rio Madeira. E da navegação do Rio Tocantins, cujas cabeceiras estão povoadas de muitas e mui ricas minas, informou um missionário que se se expedisse, e frequentasse a sua navegação, se extrairiam dele e por ele imensas riquezas; e na verdade tem por ele caminho direito os mineiros para o Pará por desaguar junto a esta cidade, ou como dizem outros a mesma baía sobre que está fundada a cidade do Pará é propriamente a foz do Rio Tocantins.

Por rezão pois destas grandes conveniências das minas são mui importantes neste, e nos mais rios, que tem o mesmo curso algũas povoações, em que os mineiros, e mais navegantes se vão refazendo, e provendo especialmente nas suas cachoeiras, e catadupas. São estas cachoeiras tão altas, e perigosas, que algũas impedem totalmente a passagem aos navegantes, como é a cachoeira grande do Rio Madeira, e outras semelhantes de outros rios; e os mineiros as passam por terra, e por terra transportam as suas fazendas, e arrastam as suas canoas até salvarem o perigo; e depois consertando as canoas embarcam outra vez tudo, e continuam outra vez a sua viagem depois de grandes demoras, e trabalhos por não terem naquelas paragens as providências precisas; e por estarem os rios tão desertos, e despovoados, que nem ainda canoas podem haver, se não se demorarem a fazê-las, o que tudo augmenta as demoras, os gastos, e os danos.

Suposta pois esta noticia, que é certa, se fazem precisas algũas povoações de brancos por estes rios acima; e muito principalmente ao pé, ou na margem das cachoeiras, como já no meu tempo se advertio, e se principiou a [se] fundar ũa vila de brancos sobre a cachoeira do Rio Madeira por ser, como já disse, por então só descuberta esta serventia das minas: semilhantes vilas pois se devem fundar nas cachoeiras do Rio Topajós, Xingu, e mui principalmente nas cachoeiras do Rio Tocantins, as quaes servirão de escala aos mineiros, e navegantes, onde achem abundância de viveres para as suas matalutagens, canoas promptas de ũa e outra banda; carros, e bestas de carga etc. e tãobem fazendas, com que façam os seus provimentos sem lhes

ser preciso continuar a navegação adiante se ali acham tudo o que buscam: Com a circunstância de que estas povoações por serem como escalas, e monopólios hão de ser as mais bem povoadas, e ricas de todo aquele grande Estado.

Nas costas e praias do Salgado que correm desde o Pará até o Maranhão, na distância de [Em branco no manuscrito] légoas quase tudo está despovoado; apenas tem junto ao Maranhão a Vila de Tapuitapera, de brancos; e no meio de toda esta distância a Vila do Caité tãobẽ de brancos; e algũas poucas de índios; e facilmente podem aportar os piratas nestas costas por não terem quem lhes impeça o desembarque, onde se vê a precisão, que tãobem há de povoar estas paragens, sendo por outra parte as mais fartas de pescado; e onde tãobem as povoações serviriam de grandes conveniências aos navegantes daqueles diversos governos; e se podem fundar nestas costas tantas povoações, quantas são as grandes, e belas baías que por esta longa distância vai formando o mar; que segundo afirmam, os que as tem navegado são 30, e tantas.

É lástima, que estejam desertas, e sem povoação algũa tantas, e tão grandes ilhas, que per todo o seu dilatado curso vai formando o Amazonas! Mas não é para admirar sabendo que a Ilha do Marajó, que sendo povoada seria um reino de 80 légoas de comprido, ou pouco menos; e proporcionada largura de 30, ou mais légoas formando toda ela ũa bela planície ou tabuleiro, cujo terreno seria óptimo para terras de semeadura, esteja ainda tão despovoada, que apenas conta ũa única vila de brancos tão piquena, que apenas merece o nome e algũas poucas de indios: Com que transportados para lá europeos em abundância, que entrassem a povoar aquele grande torrão de terra, e a cultivar ao uso da Europa, dariam um grande augmento àquele Estado: ajudando para isso muito a bela paragem, em que está a boca do Amazonas, porque é a que divide as suas duas grandes bocas.

E se esta com ser tão grande, e tão bela assim está despovoada não é muito que assim estejam, ou ainda mais despovoadas as mais ilhas, que tem semeadas o grande Amazonas. Já eu disse, que estas ilhas são a melhor porção de terra (não obstante ser toda boa) especialmente para as searas da Europa, legumes, e frutos; mas não só por essa rezão devem ser povoadas, e aproveitadas, mas tãobem porque as suas povoações conduzem muito para os navegantes, e passageiros daqueles rios, que sem perderem caminho nelas (em as havendo) se podem prover o necessário, pois todas ficariam em caminho: assim se deveriam povoar a grande Ilha Topinambaranas, que na grandeza não cede a grande Ilha do Marajó, e está totalmente deserta. As grandes ilhas, que dividem, e formam as 5 famosas bocas do Rio Japurá, e finalmente tantas outras todas desertas, que na Europa seriam a delicia dos homens.

Não é Portugal (nem ainda tãobẽ Castela) corpo suficiente para poder povoar, e tomar tanto terreno, como tem no Rio Amazonas, e mais rios colatraes, que nele desaguam; que se o fossem podia naquele Estado fazer o maior, e mais rico império do mundo: bastava para isso, que só se fundassem de 10 em 10 légoas ũa cidade; porque só no Amazonas seriam 60 para 70 cidades; o que está claro; porque [ilegível] todos os dominios portugueses rio acima até o Javari, que desde a boca do Amazonas fazem cousa de 70 légoas. Segue-se que havendo de 10 em 10 légoas ũa cidade fariam o nú-

mero de 70 cidades e isto falando em ambas as margens do rio sem falar no centro dos matos; mas só à borda do rio: e se se fizer o mesmo nos mais rios colatraes, que de ũa, e outra banda recebe o Amazonas, sobirá o número das cidades para cima de 150: isto falando só das margens, e de 10 em 10 légoas nos domínios portugueses; o mesmo cômputo se pode fazer nos domínios castelhãos. De que podem coligir os leitores a grande extensão de terras desertas, e devalutas que há naquela região, sendo por outra parte o terreno muito regado, muito pingue, e muito fértil.

CAPÍTULO 4º

DAS CONDIÇÕES, QUE DEVEM TER AS POVOAÇÕES DO AMAZONAS.

Não obstante serem o clima, e ares do Amazonas muito sadios, contudo há, e tem havido povoações, e paragens doentias, por falta de providências necessárias à sua fundação, conservação, e eleição; por falta de eleição, são ordinariamente doentias todas as povoações fundadas sobre, ou ao pé de lagos, que não comonicam com as águas vivas dos rios; por falta de providência são pouco sadias as povoações, que tem matos à roda que impedem a circulação dos ventos; Como tãobem as que não tem águas e fontes nativas, de que bebam os vezinhos, ou não beneficiam para beber a água do Amazonas, como devem, e por falta de outras circunstâncias mais, que se devem precaver na fundação de qualquer povoação para que seja sadia, fresca, vistosa, e farta.

Isto suposto: Na fundação de algũa, ou de qualquer povoação nas terras do Amazonas se há primeiro que tudo buscar paragem, que tenha todas as condições, e predicados conducentes, e precisos à vida, e saúde humana: isto é: que seja farta de pescado, que não tenha ao pé lagos, ou água encharcada; que tenha fontes, e boas águas nativas para beber; e que esteja bem descuberta, e exposta aos ventos geraes, que reinam [naquelas] regiões: E isto se há de observar em todas as povoações ou sejam de brancos, ou de índios. Digo que as paragens sejam fartas de pescado; porque esta fartura é a principal, que se busca, e deve buscar na fundação de qualquer fundação; e os missionários, quando querem fundar de novo algũa povoação de índios, logo buscam semelhantes paragens; não só porque o peixe é o ordinário sustento das povoações do Amazonas, e dos índios; mas porque a mais fartura de gados depende da economia, providência e diligência dos povoadores; e por isso se faz, e não se supõem esta fartura.

São os lagos, e águas encharcadas muito doentias em toda a parte: mas no Amazonas principalmente se fazem pestilentes, e causam muitas doenças, epedimias, e mortes e a razão é; porque no Amazonas são os ares, e clima muito quentes, como quem está debaixo da zona tórrida, e da linha equinocial, estes grandes calores aquentam as águas encharcadas, e detidas de sorte, que muitas vezes se não pode aturar o seu calor, como se estivessem em um cal-

deirão sobre o fogo: este próprio calor as faz apodrecer de sorte, que caindo devem estas águas [ilegível] um fétido tão veemente, e pestilente que faz derrubar a gente; e na verdade lançam de si taes qualidades que não só matam todo o peixe que em si tem (porque estão ordinariamente estes lagos, cheios de pescado, peixes bois, tartarugas etc.) mas tãobem inficionam os ares, e causam epidemias nas povoações vizinhas, e as faz muito doentias, e mortaes para o que conduz muito a mesma podridão do pescado morto, e podre, e imundícias, que criam.

Há no Amazonas muitos [roto o manuscrito] [e] lagos semeados por todo o seu terreno; e ordinariamente são muito abundantes, e fartos de pescado, e por isso, todas as missões, que tem lagos ao pé são muito fartas; mas há muito lagos, em que entrando as águas neles com as chuvas, e enchentes dos rios, não só contraem as ruins qualidades, e podridão deles, e por isso daí vem as doenças, que costuma haver nas enchentes dos rios, porque se inficionam as suas águas inficionadas dos charcos; mas quando diminuem as enchentes, ficam eles cheios de água detida, que de a pouco a pouco se vai apodrecendo: Mas os lagos, que tem comonicação em todo o ano com as águas vivas dos rios, estes sim, são sadios, porque socedendo as águas ũas a outras não apodrecem, não se inficionam.

Sendo pois muito sadios, e fazendo as povoações vizinhas muitos fartos os lagos de águas correntes e os que a cada passo formam os rios: São pelo contrário muito perniciosos os lagos, e águas fétidas, quietas, e encharcadas, posto que enquanto neles não apodrecem as águas, que deixam as enchentes: tãobẽ são muito abundantes de pescado, e muito fartos: e estes são os que se devem evitar, e a sua vizinhança na fundação das povoações para serem sadias. Da mesma sorte se devem fundar as povoações em paragens, onde haja abundância de água nativa, e boa para beber; porque não basta, que as povoações todas estejam sobre os rios, e suas margens, porque nem sempre as águas dos rios são boas para beber, não porque todas as águas dos rios em si não sejam boas, e óptimas; mas porque nem sempre conservam claras e puras, o que se vê em muitos logares no mesmo Amazonas, cujas águas são as vezes tão turvas, e enlodadas, que metada fica lodo:

E quando haja precisão de beber da água dos rios, ou porque não haja fontes vizinhas nas povoações; ou porque lhes ficam mais em cômodo as águas dos rios, se deve usar de cautela, que usam muitos porque uns mandam fazer provimento de água para suas casas tirada na vea da correnteza, onde correm mais puras, e cristalinas; e ainda alguns não se contentando com esta indústria, a vão coando por um pano áspero sobre a boca das vasilhas; e não tomam as águas nos recintos e margem onde está quieta, ou [ilegível]: Desta providência usei eu, e vi usar alguns missionários alguns enchem e provem as vasilhas da água do Amazonas, embora que toldada, e enlodada: mas não a bebem logo; antes lhe dão tempo a se assentar no fundo todo o lodo, e ficar a água muito clara, e cristalina, a qual vão tirando e bebendo com sutilezas; e às vezes ficam as vasilhas meias de lodo. Outros usam de vasilhas mal cozidas, ou meias cozidas; e providas de água só vão bebendo a que vai deixando para fora muito clara, e parada em outros vasos. E quando não tem tempo para usar destas providências, usam outros da pedra ume; Lançando um bocadinho na vasilha cheia de âgua; e com brevidade faz ir ao fundo todo o lodo, e ruindade da água. Outros lhe botam ũas folhas de certo arbusto, que tem muita virtude, e é muito usado nas partes da Índia para purificar as águas.

Porém ainda que todas estas indústrias sejam muito fáceis, e óptimas para usar nas faltas de fontes cristalinas, e nas necessidades; não se devem

estabelecer estáveis nas povoações; e a rezão é: porque posto que os mais prudentes usam desta economia; não o fazem assim o vulgo, e povo miúdo, ou porque não repara, em taes circunstâncias ou porque não pode usar dessas providências bebe toda a vez que quer, e onde pode, sem reparar em nada, de que lhes procedem enchações da barriga, [ilegivel] e outras muitas doenças, e mortandades. Assim socedia no meu tempo na missão famosa de [ilegivel] onde o vulgo bebia as águas toldadas de um vizinho lago; e per causa delas adoeciam, e morriam muitos índios. O mesmo me certificaram socedia na vizinhança do Rio Orari, tanto que me afirmou um religioso, que lá administrava ũa fazenda de muita gente, que todas as crias, e meninos, que lá naciam, morriam; e só mostrava um por [ilegivel] em ter escapado da morte.

E toda esta mortandade nacia de beberem as águas turvas daquele rio, as quaes eu reparei que no tempo do verão são, e correm tão enlodadas, verdes, e insulsas, que me pareciam mijo de muitos jacarés e inumerável gado vacum, que por ele vivem, pastam, e bebem: Sem ocorrer aos moradores, que o habitam, fazer poços nas suas margens de cujas bocas não cheguem as enchentes, onde as águas coadas pela terra seriam muito claras, cristalinas, e purificadas; Como tãobem na dita missão Abacaxis, e em todas as mais, onde não houver fontes perenes, e cristalinas. Estes poços pois a borda dos rios são a melhor providência, e o maior substituto das fontes: não são necessárias outras indústrias para aclarar, e purificar as águas.

Depois da providência das águas se devem tãobẽ atender para a fundação das povoações do Amazonas, em que as suas paragens sejam bem expostas aos ventos, e para isso limpas dos matos à roda: por falta desta providência tem havido algũas aldeias de gentios antes por estarem como abafadas, e sem respiração dos ventos; Mas depois que os missionários advertidos as mandaram desabafar a roda dos matos e as poseram capazes de ser bem lavadas e refrescadas dos ventos logo ficaram sadias, e boas vivendas: porque sendo os calores, e admosfera tão quentes, necessitam as povoações de serem refrescadas pelos ventos geraes, que quase todo o ano reinam, e refrescam muito a terra: Assim o declarou um missionário escrevendo a um seu correspondente na Europa, com estas palavras — Dizem comumente que essas terras (Europa) são a zona temperada, e que esta (zona tórrida) são destemperadas por nimio calor; mas o certo é, que socede muito ao contrário; porque estas é que eu experimento mui temperadas, porque os ventos geraes lhes temperam os calores, e nunca há frios; e nessas da Europa são ũas vezes intoleráveis os frios e outras insufríveis os calores — e na verdade assim é quando as chuvas, ou trovoadas não tiram os ventos.

Os índios de algũas missões não se contentam com qualquer fresco nas suas povoações; mas tãobẽ o querem nas suas casas para serem mais sadias, como na verdade são; Levantam-nas sobre estacas, e esteios por modo de casas de sobrado, mas por baixo do sobrado não tem parede algũa, mas só os esteios e estacas, patente a todos os ventos, de sorte, que por baixo das casas anda livremente o gado: (deste modo fazem tãobem as suas casas sobre lagos, terras alagadiças, e onde entram as marés)[.] O sobrado é composto, e feito de tiras feitas de troncos compridos, mas estreitos, das palmeiras chamadas ibaçain, dispostas como ripas apartadas ũas das outras, quanto possam caber as mãos estendidas; dali para cima levantam para dez das mesmas ripas, e pelo mesmo feitio: e as cobrem por cima etc. pode dizer-se, que são casas cujos sobrados, e paredes são gelosias, pelas quaes vem tudo, o que

sai por fora e por baixo e por outra parte são fresquissimas; e quando muito tem algum repartimento para dormirem e para as suas cozinhas mais tapado, e abrigado contra as trovoadas.

Os brancos, posto que nos seus sitios tãobẽ usem alguns do mesmo modo de casas, ordinariamente usam de casas ao modo da Europa: Mas sempre com varandas bem lavadas dos ventos, pela mesma conveniência do fresco; e por isso ordinariamente fazem as varandas para a parte do nacente, para nelas aproveitarem as sombras, e frescos da tarde: e as varandas, que olham para parte do Poente, são pouco cobiçadas para de tarde. Ũa boa providência costumam usar nas povoações do Amazonas, e é bem, que se practique em todas; e é o meter gados que livremente pastem pelas praças, e ruas das ditas povoações, porque os gados especialmente vacum é, e são muito sadios, assim pelo seu bafo como pelo seu esterco; e fazem muito sadias as terras, tanto, que nas occasiões pestíferas, e epidêmicas se mandam meter os gados no povoado: posto que os habitantes do Amazonas o fazem por outras rezões, sem advertirem nesta grande conveniência.

Tãobem para a boa conservação da saúde é, e são muito úteis, e proficuos, a água, e banhos diários, porque refrescam muito os corpos, vigoram as forças, e regeneram os espíritos: Os indios quanto podem, não perdem este seu costume de se lavarem, e banharem 2, ou 3 vezes ao dia; Os brancos, que podem, o fazem tãobẽ ũa vez ao dia de tarde, ou de noute, em que a água dos rios está tépida, e muito cobiçosa: Mas quando não haja comodidade para estes banhos diários, ao menos se frequentem miudadamente; e quando houver occasião, porque conduzem muito para a saúde em um clima tão cálido.

T R A T A D O 8º

DE ALGUMAS MECÂNICAS, E INDÚSTRIAS NECESSÁRIAS AOS HABITANTES DO AMAZONAS.

CAPÍTULO 1º

DO MODO DE LIVRAR DO ORGULHO, E CONSERVAR OS MILHOS, CACAO, E MAIS GRÃOS.

Posto que já em outro capitolo toquei este ponto, é tão preciso saber-se no clima do Amazonas, que com outros mecanismos, julguei fazer um grande obséquio aos seus habitantes recopilando-lhes em um especial "Tratado" estas notícias; pois da sua ciência depende o aproveitamento dos haveres, e frutos da lavra de cada um; e de não advertir-se, nem saber-se antes, se perdia

muita fazenda, e se damnificavam os frutos, com grande detrimento de seus donos; e por ventura ainda hoje ignoram muitos a mestria de conservá-los, sendo tão fácil, como útil. O que suposto principiemos pelo cacao, visto ser o principal gênero, e ũa grande riqueza do Amazonas.

Tem socedido muitas vezes serem no Amazonas tão abundantes, e copiosas as colheitas de cacao, que não sendo bastantes para o seu embarque, e transporte para a Europa os navios, e frotas anuaes, tem ficado na terra muita cópia, cujos donos se vem obrigados a esperar um ano inteiro por outra frota para o poder embarcar; e pelo discurso de todo o ano se vem precisados a andar com ele repetidas vezes aos sol para senão corromper, ou para que lhe não salte o orgulho, e se perca todo, como muitas vezes socede: A mesma precisão tem, os que das suas fazendas vão ajuntando as colheitas, e reservando-as para a monção dos navios. É pois fácil a mestria de os conservar, não só até a ocasião das frotas; mas tãobem por muitos anos sem algum prejuizo, desta sorte.

Seca-se bem ao sol depois de colhido, e limpo; deita-se bem seco em tulhas, ou cochos, como usam muitos para outras cousas; Mistura-se-lhe logo area tãobẽ bem seca, caldea-se um com outro; por cima se lhe põem ũa camada de area; e não é necessária mais diligência para o conservar por muitos anos sem dano; e só depende do resguardo dos ratos, e mais sevandijas, que não respeitam a area. Desta indústria se aproveitaram muitos antigamente comprando muito barato o cacao que ficava dos navios; e seus donos julgavam por perdido, porque conservando-o assim sem rezão, o embarcavam ao depois, e o passavam por bom, como na verdade era; deve haver cautela, de que nas tulhas, onde se conserva, lhe não entre chuva, água ou umidade alguma, e está seguro.

Sobre a feitoria do chicolate, e sua conservação tãobẽ será bem aceita a sua noticia, se para a insinar me derem licença os seus feitores: pois no Pará e Amazonas, onde o cacao, e chicolate é tão usual, e ordinário, todos os moradores o sabem fazer, posto que uns melhor do que outros. O modo mais ordinário de que lá usam é assim: tomam o cacao, que querem: deitam-no [em] um forno côncavo, dos que lá usam para fazer, e torrar a farinha de pao; que por outras palavras lhes podemos chamar frigideiras maiores, ou menores, conforme a quantidade, que se faz, ou quer fazer, estes fornos ordinariamente são estáveis, e firmes suspensos no ar, para com facilidade lhes meterem por baixo a lenha, ou carvão, e fogo: Ali põem o cacao, o qual vão mexendo para se torrar todo igualmente, e ali se torra tãobẽ, e se vai separando a casca da pevide; depois se é necessário se deita em um ralo, ou como lá chamam gurupema onde revolvendo-se [roto o original] cae para baixo, e se deita fora toda a casca, e ficam as pevides limpas, e tornam ao fogo no mesmo forno até se torrarem bem, mexendo-se sempre etc.

Assim bem torrado, e bem quente o deitam dentro de pilões, onde com boas mãos de pao o vão batendo, e moendo até o fazerem como ũas papas; e em ser bem pisado, e moído sem granitos consiste a maior mestria do chicolate: quando pois está já bem em massa lhe vão misturando o açúcar pouco a pouco até lhe deitarem toda a quantidade e juntamente batendo, e socando para bem se incorporarem o açúcar com o chicolate, de que ordinariamente são partes iguaes; e quando estas massas estão bem incorporadas, e liquidas lhes misturam algũa porção de bainilha, e canela mais ou menos, conforme a vontade dos feitores, se o querem fazer mais, ou menos precioso; mas basta qualquer bocadinho destas especiarias para lhe dar um bom cheiro; e alguns sem mais bainilha, nem canela só lhe deitam bem moídas algũas sementilhas, das que chamam almiscar, e bastam para lhe dar um gosto, e cheiro suavissimo.

Outros para o moerem usam, em lugar dos pilões, de ũas moendas na forma, e feitio dos engenhos de descaroçar o algodão compridos de ũa vara pouco mais ou menos, suspensos no ar, e seguros em boas estacas, escultadas das bandas com ũas taboinhas com a borda mais alta para não cair fora o cacao, e dous feitores dando a ũa escravelha cada um de sua banda fazendo andar à roda aqueles paos, ou moenda, e deitando-lhe juntamente por cima o cacao já torrado o vão moendo, até ir caindo embaixo feito massa, e passada em alguma vasilha, ou toalha. Outros o moem, e amassam com pedra rolando em uma mão de pao bem duro, e pirado, ou de pedra; cujo modo não obstante ser o mais custoso é na Europa o mais usado: porém vai pouco no modo de o fazer, o ponto está em que o chicolate de qualquer modo feito, saia bem moído, e amassado, como [roto o manuscrito] e [moido], e substancial com toda a sua manteiga.

Assim amassado, e bem incorporado com o açúcar (ou sem ele) e quando já se vai regulando o pão deitando em formas na quantidade, que já sabem, e vemos; ou rolando-o nas mãos o fazem em pãozinhos redondos, de que ordinariamente usam no Amazonas: e muitos, que só o beneficiam para gasto de suas casas, e famílias, não se cansam com nada disso; mas acomodam toda aquela massa em um pao ou grande rolo; donde vão tirando de cada vez o que lhes é necessário. Para se conservar puro por todo o ano, ou anos, sem perigo de lhe dar o bicho, ou polilha (além de outros modos) costumam alguns envolver em farinha de pao bem seca os paos de chicolate, e assim bem involtos, e cobertos o guardam, e conservam em potes: e quem o quiser conservar por anos inteiros, ou transportar para outros [potes] sem medo, nem risco de bicho, beneficiam-no sem mistura de açúcar, mas só o chicolate puro; e então lhe misturam o açúcar conveniente, quando o cozinham, porque em si é amargo.

Sabido pois o modo de conservar o cacao sem perigo de corrupção, e de bicho; se sabe tãobem a indústria de conservar os milhos, e legumes; e os preservar do gorgulho: porque é da mesma sorte; tisto é: seca-se bem o milho (o mesmo uso dos legumes) depois de debulhado e seco se mete em tulhas bem misturado e involto em area fina bem seca; de que se lhe deite tãobẽ por cima ũa boa camada, e fechada a tulha, e resguardada da água, ali onde se conservam sem dano quanto tempo quiserem: Sem mais trabalho, que, quando o quiserem usar dele, tirarem, o que querem passá-lo por ũa peneira, ou gurupema para o separar da area, e beneficiá-lo. E sabida esta indústria, não terão já desculpa, os que propugnam contra os milhos, dizendo senão podem conservar naquelas terras, o que [ilegivel] por experiência de muitos.

CAPITULO 2º

INDÚSTRIA DE PRESERVAR AS PLANTAS DA PRAGA DAS FORMIGAS, E GAFANHOTOS.

Como as formigas são ũa das maiores pragas do Amazonas, não é piqueno benefício insinuar a seus moradores o modo, ou indústria de preservar

delas os seus hortos, e tenras plantas, pois, não se sabendo, são as formigas seos tão grandes inimigos, que decotando-lhes todos os dias, ou de dias em dias todos os olhinhos, e tenras folhas, que vão brotando as não deixam crecer, nem medrar; de que se segue, que são necessários muitos anos para se fazer ũa árvore, que senão fossem as formigas se faria em bem poucos. O mesmo socede aos hortos hortaliças, jasmineiros; e muitas outras plantas de estimação; por cuja causa se desconsolam os moradores, e tomando por desculpa a praga das formigas, cuidam pouco nos seus hortos, e na verdade algũa disculpa tem, onde há a formiga taciba, que é só prejudicial as plantas, mas não há em todas as paragens esta casta de formigas.

De diversas indústrias usam aqueles habitantes para preservar as hortas, e tenras plantas deste inimigo uns fazendo poços à roda cheios de água, para que as formigas com medo da água, se não atrevam a passar a nado. O mesmo fazem às plantas de estimação; pondo-lhe à roda do pé um como alguidar de água. Mas são tão industriosas, as formigas, que ou buscando algũa palhinha, e deitando-a na água lhes serve de ponte para atravessar a outra banda, ou se valem para isso de algũa folha caída, ou do pó, que por cima da água vai fazendo ũa como pelicula, pela qual passam seguras ao tronco da planta; e se valem de muitas outras inginhosas indústrias para isso. Mais eficaz é o meio, de que usam outros para impedir a sobida das formigas às plantas, porque só se usa nas plantas, e é o atar à roda do tronco ũa mão cheia de palhas com as pontas para baixo. Mas ainda desta indústria zombam as formigas, porque por entre a palha buscam caminho.

Melhor é o remédio de que usou um religioso, que com [santa] simplicidade dirigia no Amazonas ũa herdade da sua religião. Cultivava ele um horto de várias flores, e algũas plantas de estimação; Mas as formigas lhe causavam um grande dano; desejoso de as exterminar pedio a seu superior, e companheiro sacerdote que com sobrepeliz e estola as fosse exorcizar; Mas como o sacerdote não tinha tanta simplicidade e por isso se excusasse do empenho, ele mesmo se resolveo a fazer por si a diligência; e lhes foi rezar o "Responsório de Santo Antônio" contra as lombrigas, mudando-lhe o nome lombrigas em formigas; e socedeo um caso raro, que se sumiram as formigas por ũa vez, e nunca mais tornaram a incomodar as plantas. Quase semelhante é o prodigio que se conta ter socedido na cerca dos religiosos capuchinhos do Maranhão.

Porém como nem todos tem tão viva fé em Deus, e tanta confiança na proteção dos santos, lhes será útil saber usar algum remédio natural para impedir as formigas, o qual, segundo a experiência insinou a um missionário é remédio fácil, e eficaz. Basta para impedir, e ter mão nas formigas o não capinar a erva, e relva que lança na terra: de sorte, que as plantas, e hortos, que estão cercados da erva estão tãobẽ livres das formigas; ou porque a erva lhes impede o caminho, e estradas, que costumam ter as formigas, ou porque lhas impede o carreto desempedido das suas cargas; ou por qualquer outro motivo, o certo é, que onde há erva, ou capim na terra, não há formigas, tanto que se estas querem entrar primeiro há de capinar a terra, e fazer caminho, ou estrada limpa.

Nas casas costumam andar, ou entrar tãobẽ algũas castas de formigas, que as vezes causam grandes prejuízos; ũa delas é a mesma formiga taciba, que às vezes dão nas casas em grandes enxames, [d]estroem, alimpam e carregam quanto nelas acham; são como ũa rede varredoura, que levam quanto encontram; é bem verdade que raríssimas vezes socede isto no Amazonas. Lá para os sertões das Minas socede mais vezes, e acometem de noute às escuras.

O remédio que me parece mais eficaz contra elas, é dar-lhes uma boa fumada pelos narizes, chamuscar-lhes as barbas, e dar-lhes fogo; o que pode ser ou salpicando o terreno, casa, ou estrada em que andam em grandes cardumes com pólvora, e tocar-lhe fogo; ou com fachos de palha acesa ir chamuscando-as com ligeireza.

Outra praga de formigas, que dá, e faz grande destroço e ruina nas casas é a formiga copim que cobre as suas estradas, e caminhos com barro, ou lodo; e por eles ocultas sobem às casas mais altas, e se dão em ũa guardaroupa em ũa noute a cortam toda, e destroem; intrinsicam-se por dentro dos esteios, do taboado, e madeira, e a vão comendo, e arruinando: e correm grande perigo as casas de madeira, se nelas entra o copim. Todo o seu remédio está em lhes desfazer as estradas assim que estas aparecem pelas paredes, ou esteio, e se desfazem com facilidade assim se lhes toca. Mas se o copim chegou já a intrinsicar-se em algum esteio ou pao; o melhor remédio é tirar o pao, e servir-se dele para o fogo; porque lá come, e lá se sustenta, e multiplica; e são inúteis todos os remédios, bem como socede na Europa com o caruncho.

Há outras espécies de formigas que entram, e sobem às casas, piquenas, pretinhas, ou pardacentas, as quaes, posto que não causam mais dano, do que acometerem e comerem o que acham, e assim só causam as vezes consideráveis perjuízos; porque assaltando algũas vasilhas de doce, em que haja algũa calda, ou mel, ou cousa semelhante se atolam na dita calda de sorte, que senão pode livrar, de que socede, que entrando ũas, e outras, e ficando todas atoladas, e involtas na calda se vem obrigados os donos a deitar fora toda a matéria, de que senão podem separar. Tãobẽ sobem, e entram nas vasilhas de água a beber, e não podendo ao depois sair para fora, se ajuntam todas em montões, ou novelos; e laçadas ũas com outras andam boiando até ou morrerem finalmente, sem terem algũa occasião de escapar quando se tira água; e não poucas vezes socede, que indo a beber lá vem e entra na boca um destes novelos de formiguinhas.

Como tãobẽ não vale para as impedir a indústria de que alguns usam de pôr dentro de alguidares, ou de tinas, ou de alguns outros vasos cheios de água as vasilhas de doce, porque pela mesma água com ingenhosos modos atravessam, é necessário usar-lhes de outros impecilhos para as impedir; o melhor, e mais fácil é um circulo, ou risco à roda de carvão, e já não passam, especialmente se o risco lhe impede o sobir: Não gostam do pó do carvão, e por isso o não passam: um circulo de azeite, especialmente sendo azeite amargoso como andiroba tãobem impede a passagem às formigas.

E quem quiser livrar-se totalmente de formigas, ou seja nas casas, ou seja nas plantas, e hortos, 3 remédios ainda tem eficazes: o 1º é ter doméstico o animal tamanduá; porque [nas casas] para extinguir os grandes viveiros subterrânios das formigas não há melhor remédio, do que este bicho. O 2º é introduzir a formiga chamada [espaço em branco no manuscrito] porque, vivendo nas árvores esta casta de formigas sem lhe fazer mal, nem aos frutos, nem a gente, persegue de tal sorte todas as outras formigas que não aparecem ondes estas andam. O 3º é desfazer-lhes as casas, e viveiros, arrancando-lhes as grandes panelas, em que vivem debaixo da terra; ou dando-lhes fumaças de enxofre, ou de pólvora etc.

Os gafanhotos, posto que no Amazonas não são ordinariamente tão grande praga como em outras regiões, contudo tãobẽ algũas vezes acodem em grandes nuvens sobre as roças da maniba, e mais searas, e as destroem:

Mas um missionário lhes descobrio um natural, mas eficaz remédio de os matar, e extinguir, e se em toda a parte for tão eficaz como ele diz que o experimentara terão nele grandes interesses os lavradores, e me deverão o cuidado de lhes revelar este segredo o qual é água salgada; é tão grande veneno para estes bichinhos a água salgada, que basta tocar-lhes esta para morrerem todos. Fez esta experiência um missionário jesuita no mesmo Amazonas; pegou em um gafanhoto, tocou-lhe com sal, e vio que logo morreo: vista a experiência se resolveo a ir acodir ũa grande roça de maniba, que tinha na sua missão, a qual iam destroindo nuvens de gafanhotos. Mandou infundir em tinas de água muito sal até ficar bem salgada; Mandou carregá-la na sua companhia à roça, e molhando nela um bom hisopo foi borrifando para ũa e outra banda, até a correr toda; Caso notável todos os gafanhotos socados, ou salpicados de água salgada caíram mortos em terra, e ficou livre a roça desta praga.

CAPÍTULO 3º

DA PREPARAÇÃO DO CHÁ, CAFÉ, E ALGODÃO E CHITAS.*

---

* *Termina, aqui, o códice da BN.*

Tesouro descoberto no Rio Amazonas

ÍNDICE*

* O índice foi copiado do manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não abrangendo, portanto, as 5ª e 6ª partes remetidas pela Biblioteca de Évora, Portugal.

ÍNDICE DE MATÉRIAS

Parte primeira

Cap.

Parte segunda

Cap.

Parte terceira

Dá notícia da muita riqueza nas suas minas, nos seus muitos e preciosos haveres, e na muita fertilidade das suas margens.

Tratado 1º

Das minas de oiro, prata, e diamantes da região Amazônica

Cap.

Tratado 2º

Dos tesouros descubertos no Rio Amazonas

Cap.

Tratado 3º

Da riqueza do Amazonas na preciosidade de suas madeiras

Cap.

Tratado 4º

Das palmeiras da América

Cap.

Tratado 5º

Do principal tesouro do Rio Amazonas

Cap.

Tratado último

Das tintas mais especiaes do Rio Amazonas

Cap.

Parte Quarta

Do tesouro descuberto no Rio Amazonas

Cap.

Parte quinta

Em que mostra um novo, e fácil método da sua agricultura: O meio mais útil para extrair as suas riquezas, e o modo mais breve para desfrutar os seus haveres para mais breve, e mais facilmente se efeituar a sua povoação e comércio

Tratado 1º

Tratado 2º

Da navegação e serventia do Rio Amazonas

Cap.

Tratado 3º

Das especiarias, e riquezas que produzem nas suas matas o Amazonas ....

Cap.

Tratado 4º

Da factura das canoas, ou embarcações do Amazonas

Cap.

Tratado 5º

Da pesca do Amazonas

Tratado 6º

Das missões do Amazonas, e seus estados

Tratado 7º

Especial método de augmentar o estado de Amazonas

Tratado 8º

De alguns mecanismos, e indústrias necessárias aos habitantes do Amazonas

Tem este excelênte manuscripto *766* páginas, foi escrito pelo célebre Jesuita o padre João Daniel durante a sua prisão no cárcere em Lisboa; do mesmo manuscripto consta haver estado sobre o Amazonas por espaço de mais de 10 anos e portanto a sua autoridade é de grande fé [duas linhas ilegíveis]

QUINTA PARTE

(MANUSCRITO DE ÉVORA)

QUINTA PARTE

DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS

CONTÊM UM NOVO MÉTODO PARA A SUA AGRICULTURA; UTILÍSSIMA PRAXE PARA A SUA POVOAÇÃO, NAVEGAÇÃO, AUGMENTO, E COMÉRCIO, ASSIM DOS ÍNDIOS, COMO EUROPEOS.

DÁ-SE NOTÍCIA DA OBRA

Esta Quinta Parte do *Tesouro descuberto ao Mundo no Rio Amazonas* é todo o escopo das mais partes, e todas as mais partes ategora são um mero mero preâmbulo para esta 5ª porque nas mais dei ũa abreviada notícia deste tesouro, quanto basta a informar os leitores das suas muitas, e grandes riquezas; nesta pertendo insinuar aos seus habitantes o melhor, e mais fácil método de se poderem aproveitar, e utilizar das grandes riquezas, que Deus lhes depositou no seu tesouro; porque de pouco serve saber de um tesouro, aos que dele se não sabem utilizar; são tesouro escondido as riquezas encobertas: Nas 4 partes descobri este tesouro: na 1ª dei notícia em um como abreviado mapa geográfico histórico do Rio Amazonas o máximo dos rios: Na 2ª descrevi os seus habitantes índios desprezadores das suas riquezas: Na 3ª recopilei as suas grandes riquezas nos muitos, e preciosos haveres dos seus matos, que são o rico tesouro, que Deus entregou nas mãos dos portugueses, e espanhões; Na 4ª apontei a sua praticada agricultura, nesta 5[ª] finalmente descobrirei o melhor método de se poderem povoar aquelas vastas, e férteis terras, navegar com facilidade as suas imensas águas, desfrutar as suas grandes riquezas, e utilizar de tão grande tesouro, que Deus depositou naquele mineral do Amazonas.

É certo, que a muitos tem já enrequecido aquelas terras ainda assim com estarem brutas, e incultas; mas tãobẽ é certo, que se no princípio da sua povoação pelos europeos entrassem logo a ser mais bem cultivadas, seria já hoje o Amazonas dilícias dos homens, regalo da vida, e enveja do mundo como eu claramente pertendo mostrar nesta 5[ª] parte propondo outro melhor cultivo, e nova agricultura para os seus habitantes, se bem muito usada, e velha no mais Mundo, porque é digno de lástima ver que um rio, o maior do mundo, e o mais rico esteja tão despovoado que apenas conte 4 cidades em toda a sua longitude de mil légoas para cima; e tão inculto, que tudo nesta[s] suas margens são matas tão bravas como as criou a natureza; ao mesmo tempo que as terras como vimos na primeira parte são o mais fértil torrão de todo o mundo.

Bastava para ser o Amazonas o maior, e mais rico império, e império de todo o mundo, que só tivesse de 10 em 10 légoas ũa Cidade; mas apenas se vê de 15, em 15 dias algũas piquenas aldeias; que digo, de 15 dias, se há, e tem rios colatraes de 30, e mais dias de navegação, onde ainda não

há um sítio de brancos como é o caudaloso Rio dos Purus, o formidável Rio Japorá: o Rio Branco e muitos outros; e os mais apenas tem nas bocas algũas poucas Missões de índios, e tudo o mais para o centro tão despovoados, que nem ainda são descubertos; mas como hão de povoar-se os colatraes, e o centro, se ainda o Amazonas, e suas margens estão despovoadas? É pois todo o meu empenho persuadir aos senhores portugueses e espanhões, em cujas mãos entregou Deus este tesouro a sua povoação; e para que se não desanimem à vista de tantas matas, lhes pertendo insinuar um método o mais fácil para não só se poderem estabelecer, mas para com muita facilidade, e utilidade poderem cultivar terras tão fecundas; e desfrutar riquezas tão grandes.

Darei princípio 1º expondo dous requesitos os principaes para a sua povoação, e sem eles ũa impossibilidade do seu augmento. 2º declarando o meio mais fácil, e seguro para a erecção das suas povoações. 3º insinuando um novo método para a sua agricultura. 4º dando ũa fácil indústria de fazer hortenses as riquezas das suas matas. 5º inculcando a praxe dos plantamentos do cacao, café, e mais haveres do Amazonas. 6º alentando os seus habitantes com o modo de se fazerem ricos em poucos anos ainda sem a precisão de escravos. 7º expondo nova praxe para a factura das suas embarcações. 8º exortando aos missionários evitar as canoas do sertão com mais útil providência. 9º apontando os meios para se meterem em uso os mercados públicos, e feiras em todas as povoações. 10. declarando a indústria de conservar os fructos da terra de uns para outros anos sem perigo de corrupção, com que té gora se damnificavam.

Parece-me, que ninguém duvidará da possibilidade da proposta, sendo primeiro bem informado daquela região pelo conteúdo nas mais partes, e muito mais tendo exemplares nas mais colônias americanas, em que os franceses, ingleses, holandeses, e outras nações deixando o bruto costume que tinham os índios na sua agricultura, e introduzindo o cultivo do mais mundo se tem apoderado estendido, e estabilicido de sorte, que parecem ũas colônias européas bem povoadas: E das terras do Amazonas, muito mais se podem prometer semelhantes augmentos pela preferência da sua fertilidade às mais regiões, e fecundo regadio dos seus muitos rios, e belas águas; como testemunham muitos prácticos, que nelas viveram 30, 40, e mais anos; um Missionário, que viveo e missionou quasi toda a sua vida nas Missões daquele rio, donde veio com os mais a morrer nestas catacumbas, lendo este meu parecer (além de outros) me confessou, que sendo ele consultado pelo governo, quaes seriam as idéas, e meios mais proporcionados para povoar, e augmentar aquelas colônias? ele dissera o que então lhe occorreo; mas que se de novo podesse renovar o seu parecer diria que não havia outro meio nem mais proporcionado, nem mais fácil, do que este que aponto: o mesmo me segurou outro, cujo parecer talvez ajuntarei no fim deste tratado. Não o encareceo menos .... F. que além da práctica, que teve muitos anos daquelas terras, tem a lição de todos os historiadores, que as tem descrevido, e muitas outras notícias particulares que quer deixar aos vindouros em um corioso tomo que intitulou — *Atlas Americano* —, o qual fazendo-me a graça de também me dar nestes escriptos o seu parecer, o expressou nestas poucas palavras V.R. guarde estes papéis, porque o seu parecer em quasi tudo se conforma com o meu juízo — etc. etc. etc.

Sendo que escusados são apoios, onde se vê clara a rezão: basta ter notícia da bondade daquelas terras, que foi o meu argomento, nas 4 partes antecedentes para logo se conhecer a precisão de novo cultivo, nova agri-

cultura, e melhor economia para o seu augmento; e bastava só para conhecer a improporção da antiga economia ver que em 100 e tantos anos, que se tem practicado, não só não mostra augmento, mas ũa grande decadência no seu comércio: nos anos antigos não chegavam as frotas para transportar a carga pois só de cacao passava algũas vezes de 80 mil arrobas; e ficava muita carga em terra, por não ter lugar nos barcos; agora além de serem as frotas, e barcos a metade menos ainda não chega a carga, sendo necessário carregar os barcos de madeira por não terem outra carga: prescindo agora das mais causas desta tão grande decadência, só digo que ũa, e talvez a principal é pelo uso, ou abuso, que observavam na agricultura ao uso dos índios, fiados no serviço dos mesmos índios; e como estes lhes vão faltando cada vez mais, por isso os frutos tem ido a tanta diminuição. Com o novo método se não precisam tanto os índios; e ainda sem escravos poderão os moradores ter abundância de víveres, e fructos, e tanto crescerá o augmento, que em 6, ou poucos mais anos apenas lhe poderão dar extracção as maiores frotas: e para que o vejam os senhores seus habitantes, vou já a descrever o novo método principiando no Capítulo

CAPÍTULO 1º

DE DOUS REQUESITOS, OU MEIOS NECESSÁRIOS PARA A POVOAÇÃO E AUGMENTO DO RIO AMAZONAS

Dous princípios hão de ser as bases, em que se há de estribar todo o argumento. 1º desterrar do Amazonas a farinha de pao como mais perniciosa que útil aos seus habitantes. 2º prover a sua navegação de barcos comuns para a fácil comonicação dos seus moradores: com o primeiro se há de atender a melhorar o sustento das primeiras necessidades, qual é o pão quotidiano: com o segundo se há de facilitar a precisa comonicação de todos: porque na praxe usada té gora só os que tem gente de serviço, e escravatura pode lavrar, e cultivar as terras para ter pão; e quem não tem servos para o trabalho, ainda que tenha muita terra, não pode ter de casa o sustento: o mesmo se segue da navegação antiga, em que só quem tem remeiros, e canoas se pode servir, e quem os não tem não pode navegar; pondo porém estas duas precisas providências da mais fácil searas para o pão quotidiano, e barcos comuns, ou de aluguel, todos igualmente ricos. e pobres se poderão bem servir. Reservando pois para diante o requesito preciso da navegação, vamos já amostrar o 1º fundamento.

É este como disse desterrar do Amazonas a farinha de pao por ser mais perniciosa, que útil a sua agricultura; segue-se esta máxima necessariamente

das muitas circunstâncias que requer a farinha de pao no seu cultivo, de que temos falado já na agricultura praticada, e tornarei a apontar aqui para que os leitores possam formar o cabal conceito da melhoria do novo método, que propomos: porque 1º para o uso da mandioca, e farinha de pao são necessárias aos moradores multiplicadas terras, ou grande extensão de terras para cada ano fazer novos roçados; e avançar para diante os plantamentos, sub pena de se verem obrigados de poucos em poucos anos a pedir novas terras, e principiar novos sítios, e perderem todas as benfeitorias dos sítios antigos com notável prejuízo.

2º com a praxe da mandioca nem há, nem pode haver no Amazonas bens, ou terras estáveis, como se segue da mudança supra anual de novas matas, e novas terras para fazer os roçados; porque só [depois] de muitos anos de descanso, e quando já as matas são altas, e bem crescidas, tornam a ser capazes as primeiras terras para roçar, e assim ninguém tem terras estáveis de agricultura no Amazonas. 3º se requer para o uso da mandioca terra tão especial, que muitas vezes ũa data de 3 légoas, que dão a um morador, apenas ũa légoa se pode roçar capazmente para plantar mandioca; porque nem toda a terra é capaz para esta planta, que não só requer matas crescidas, e antigas, mas também terra firme; seca, e boa; e não quer alagadiços, ou paragens muito úmidas; e como estas são a maior parte nas margens do Amazonas, fica a maior parte inútil para os roçados da mandioca; sendo por outra parte a mais excelente para outras searas; e daqui nasce a rezão de não se cultivarem as muitas, grandes e diliciosas ilhas que tem semeadas o Amazonas, porque quase todas são alagadas na occasião das cheias, e por isso desprezadas para o cultivo da farinha.

4º porque os seus plantamentos são tão vagarosos, que ordinariamente se não põem capazes da colheita menos de um ano; e em algũas paragens é necessário mais de ano para se porem capazes; e quando por necessidade se vem precisados os moradores a desfazê-los em 5, ou 10, meses, é tão diminuta a colheita, que apenas cobrirá os gastos: mais me afirmou um práctico já nascido, e envelhecido naquele Estado, e é que as searas, e colheitas da farinha de pao por mais bem socedidas, que fossem, fazendo bem as contas da receita, e despesa ordinariamente não chegavam a cobrir os gastos; e que nunca vira enriquecer, nem medrar *[ilegível]* casa algũa pelo trato, e contrato das farinhas que lavravam de casa; e na verdade assim me parece, porque conhecem muitos dos seus moradores, que antes queriam comprar farinhas para comerem, do que cultivá-las: o que posto, qual será a ganância destes roçados colhidos antes do tempo, e antes do ano?

O 5[º] inconveniente da maniba é, ou são os muitos riscos que tem té o tempo da sua colheita. Todas as siaras tem perigos; mas a maniba muito mais; porque se lhe não corre favorável o tempo nada produz, e socede muitas, e muitas vezes achar-se nas colheitas perdida toda ũa roça, e nela o trabalho insano de 20, ou 30, ou mais trabalhadores; e ainda socede aos moradores, que por maior providência se não contentam no ano com ũa roça, mas fazem duas ou mais em diversas paragens, porque algũas vezes todas saem perdidas, de sorte que para viverem empenham as suas casas comprando-a por alto preço, onde a acham; e ainda assim há anos, que se não acha por preço algum: tem mais contratempos que as mais siaras por rezão do mais tempo, que requer a se fazer, e por rezão das formigas, e mais bichos que a comem.

6º inconveniente é o insano trabalho, e multiplicados trabalhadores, que requer o cultivo da maniba para cortar, e deitar abaixo matas inteiras, queimar, encoivarar, e mais diligências, que dissemos, em que além de muita gente, e insano trabalho se consomem muitos meses; rezões todas, que bem mostram, que só os moradores, que tem muitos fâmulos, ou escravos pode cultivar estes roçados, e quem não tem esta gente para tanto serviço não pode cultivar estas siaras ainda que seja senhor de muitas, e férteis terras, mas ordinariamente quem não tem escravos, que lhe façam os roçados, e plantamentos não se cansa a pedir terras, e quando muito só tem algum piqueno sítio, ou retiro, quanto baste para fazer algum bocado de roça para remédio, e não para lucro, e ainda assim há de ser trabalhando por suas mãos como os negros, e índios, que é o que mais abominam os brancos, que tem por suma baixeza o trabalharem como índios.

7º inconveniente é a necessidade, e conservação das matas para os roçados com as quaes parece inculta toda a região do Amazonas, e nunca com o cultivo da maniba se descubrirão as terras como se faz no mais mundo; nunca parecerá região cultivada; mas sempre umas brenhas, e matas bravas expostas a mil insultos, habitação de feras, sem caminhos, sem comonicação, e sem utilidade, mais do que para se cortarem de anos a anos para um só plantamento e depois dele mata brava, como antes. Todos estes inconvenientes, e muitos outros, que deles se seguem tem o cultivo da maniba, e agricultura usada; e por outra parte é um sustento tão rústico, e desabrido, que os europeos, ordinariamente se não podem afazer, e costumar a ele só por si, como confessam todos os religiosos, e missionários, que passando àquelas terras em meninos, e vivendo nelas té morrer, nunca se poderão afazer a farinha de pao só por si, e quando muito a algũa mais bem laborada, e especial, que algum morador manda fazer não para sustento usual; mas para algũa festa, ou empenho; mas a ordinária ordinariamente se não pode levar por si só. E

Por isso só a usam em escaldados, e com ela molhada, inchada, e bem abobrada comem as viandas; e por isso a molham sempre primeiro, e escaldam para se poder comer as colheres como papas, e desta sorte ajuda os mais guisados ou sejam peixe, ou carne; e quando são legumes, ou viveres que não tem caldo suficiente a fazer a parte os escaldados, os comem misturando-lhe na mesa algũa farinha, com que os revolvem; porque seca só por necessidade se pode levar, e comer; e ainda os índios, e brancos nascidos, e criados com a farinha de pao ordinariamente assim a comem; ou cozinhando-a nos bolos, que chamam miapês; ou molhando-a em água fria, quando não tem outro modo. Vejam agora lá os habitantes do Amazonas, se o uso, a praxe da farinha de pao não é mais pernicioso, que útil? Vejam bem os seus inconvenientes, e contrapondo-os com os seus préstimos, vejam se não merece a farinha de pao ũa total deixação para sustento ordinário, e quando muito o conservar algũa amostra para alguns escaldados, e alguns outros usos extraordinários.

Bastava para se julgar perniciosa mais que útil o depender de tantos trabalhadores, e de tão insano trabalho; porque assim só quem tiver muitos escravos poderá fazer os seus roçados, e quem os não tem andará sempre mendigando, e nunca poderá povoar-se, e augmentar-se o estado; porque onde só podem cultivar os que tem cópia de escravos bem se vê que não pode ter augmento; pelo contrário, a fácil agricultura pode ser igualmente de todos usada por não depender de muita gente como socede na Europa, e

mais mundo: de sorte que no Amazonas ao uso antigo só quem tem muitos escravos pode cultivar a terra, e ser rico; e na Europa basta para ser rico um lavrador o ter terras, que cultive, e por isso havendo na Europa tão poucos escravos há muita gente rica, e havendo no Amazonas tanta terra, há tanta gente pobre. Parece pois inevitável e obrigável de buscar outra providência, e mais fácil economia; como é meter-se a uso a farinha da Europa, e as siaras do grão, com que podendo todos ser abastados com muita facilidade, se evitam todos os inconvenientes supra da farinha de pao, como irei mostrando, e parece-me que com fundamentos sólidos, que não tem outro contra mais que o uso.

Evita-se com as siaras do grão o 1º inconveniente da maniba na extensão de terras; porque como sempre servem para o grão as mesmas, bastam sós as que cada morador pode cultivar; todos os anos se podem cultivar as mesmas terras; mas quando fosse necessário dar-lhes algum ano de descanso, ninguém duvidará tendo cabal notícia da sua fertilidade que ao menos se podem revezar de dous em dous anos; e já então ficam bens estáveis, e propriamente bens de raiz, sem os gravíssimos danos, de desemparar os sítios, e perder as benfeitorias, que neles costumam fazer, ficam assim mais preciosas ũa, ou duas légoas de terra; do que 20, ou 30 légoas na agricultura, como bem ponderou aquele Ministro, que no Conselho disse, que valia mais na Europa meia légoa de boa terra, do que no Brasil 30, ou 40; porque na Europa as siaras são estáveis, e lá sempre variáveis na maniba.

Evita-se o 2º inconveniente de buscar sempre para a maniba matas crescidas, e terras firmes, altas, e secas; porque as siaras do grão produzem bem em toda a terra; e quanto esta é mais úmida, e alagada com as enchentes do Amazonas, tanto é mais apta, e própria para as siaras do grão; como sabem todos os lavradores, o mostra a experiência; e daqui vem a grande fartura do Egipto, porque as suas terras todos os anos são alagadas, e regadas com as grandes enchentes do Rio Nilo, e quanto este mais enche, e mais alaga, tanto mais abundantes são as colheitas de sorte, que da maior enchente das suas águas inferem, e conhecem logo os egípcios a maior fartura, que hão de ter no ano; e estimam tanto os seus milhos, e grão, de que naquelas terras alagadiças fazem grandes siaras e copiosas colheitas, que agradecem a Deos todos os anos a fartura que lhes dá, oferecendo-lhe no Templo ũa vara de ouro medida conforme a enchente do Nilo, e quanto mais alteam as enchentes tanto mais comprida é a vara.

Desta notícia podem inferir os habitantes do Amazonas a grande abundância, e fartura que perdem nestas siaras, e no desprezo, em que tem as margens, e terras que todos os anos regam, e alagam as suas águas, pois sendo inúteis estes alagadiços para a mandioca, de que usam: são as mais acomodadas para as siaras dos milhos; com elas postas em uso, não só ficarão estas margens as terras mais fecundas; mas tãobem das ilhas, que tem semeadas pelo meio aquele gigante dos rios, terão todos os anos mesmos cabedaes: cada ilha será um, ou muitos morgados conforme a sua grandeza, sendo té gora tão desprezadas, que ninguém as queria por serem regadas com as enchentes: que fartura de milhos não dará a ilha grande do Marajó nas suas 60, ou mais légoas de comprimento, e muitas de largura, alagada, e regada em maior parte com as enchentes? Mas, quando seja mais conveniente reservá-la para pastos do muito gado, que cria; tem tantas outras ilhas té gora todas inúteis que cultivadas bastarão a fazerem ricos os seus povoadores: porque ficam tão fecundas, e pingues estas ilhas pelo muito lodo, e

estrume, que trazem as enchentes do Amazonas que se pode duvidar, se haverá no mundo semelhantes terras na bondade: e com isto se evita também o 3[º] impedimento.

Porque se bastam, e são as melhores terras para as siaras de grão os alagadiços, segue-se que não necessitarão de matas especiaes como a maniba; porém posto que as terras quanto mais úmidas tanto mais aptas sejam para os milhos, tãobẽ estes se dão belamente nas matas, e terras firmes; e nelas ordinariamente o semeam, os que dele fazem searas; com esta diferença porém entre os milhos e a maniba, que a maniba tanto mais medra, quanto mais antigas, e crescidas são as matas em que se planta; os milhos porém pelo contrário quanto mais novas são as matas *v. g.* de um, ou dous anos tanto mais fructifica em abundantes colheitas; e por isso todas as terras são óptimas às siaras dos milhos: de cuja abundância já dissemos na 3ª Parte, e sirva de exemplo a colheita que confessou ter feito um morador em um ano de 30 boas carradas de milho grosso, fora o muito que comeram as aves, e macacos, e mesmo outro que tinham comido em verde os seus escravos, tendo semeado só 2, e meio alqueires quase todo damnificado do gorgulho; e onde se verá semelhante abundância!

Evita-se o 4º inconveniente de ser tão vagarosa a colheita da maniba; porque enquanto se faz, e põe capaz um plantamento de maniba se fazem bem três siaras de milhos; e a rezão é porque as siaras dos milhos se fazem no Amazonas em 3 meses desde a sua semeadura té a sua colheita; logo bem se vê que enquanto se põe capaz ũa roça de farinha de pao, que necessita de um ano se podem fazer três sementeiras de grão; enquanto ao tempo; e por conseguinte correndo a mandioca tantos riscos na diuturnidade do tempo; todos estes se evitam na brevidade dos milhos; mas caso, que algũa siara de grão tenha também seu contratempo, e avaria logo se pode remediar com outra siara; enfim antes, ou enquanto se põe capaz um roçado para só plantar a maniba, é tempo bastante para se fazerem as siaras, e colheitas de grão, cuja circunstância se deve muito notar entre um, e outro cultivo.

Evitam-se finalmente todos os inconvenientes da maniba com a nossa agricultura de grão, e os principaes são a multidão de operários, e o insano trabalho do cultivo da maniba; porque as siaras dos milhos podendo fazer-se nas margens dos rios, quando deságuam, e nos campos rasos, e descubertos, já se vê que qualquer pessoa com toda a facilidade pode ir metendo o grão na terra sem precisão de mais operários, e fazer no fim de 3 meses a colheita; de sorte que o maior trabalho, que tem é o dar-lhe ũa ou duas mundas da erva, que crescer enquanto não feicham as siaras, isto experimentam os sertanejos, que dissemos na 4[ª] Parte nas feitorias do cacao, porque enquanto os índios andam embrenhados pelas matas na busca dos seus fructos, se divertem os brancos em irem enterrando milho pelas margens que a vazante das águas vão deixando descubertas, e fazem óptimas siaras com cujas colheitas fazem muita creação de galinhas, com que se regalam: E quando se façam, ou queiram fazer nas ilhas, e mais terras do mato, só custarão a fazer a primeira vez, porque será preciso alimpar o terreno cortando, e queimando as matas; mas ũa vez cortadas, e limpas ficam campinas se nelas se continuam as siaras todos os anos, e por isso já sem trabalho para os anos seguintes.

Esta verdade além de ser tão clara pela rezão, e experiência de todo o mais mundo; a quero mostrar evidente no mesmo Amazonas com a experiência de um grande missionário, o qual mandando alimpar do muito arvo-

redo que tinha um belo alagadiço, todos os anos nele mandava fazer ũa grande siara sem mais trabalho, do que meter o grão na terra assim que ficava desalagada, e só, enquanto não fechava era preciso mundar algũa erva que crescia, e depois de 3 meses fazia as colheitas não só de milhos, mas de legumes, e verduras, que se semeavam como eu mesmo por vezes vi, e observei; pois o mesmo socede, e socederá nas mais ilhas, e alagadiços, e terras, em que só haverá o trabalho preciso de se alimparem a primeira vez, continuando as sementeiras nos mais anos.

Na terra firme mais hão de custar a conservar limpas as terras nos primeiros anos pela rezão, de que feitas as suas colheitas logo tornam a rebentar os arbustos; mas como são arbustos com pouco trabalho, antes com muita suavidade, e facilidade os pode cortar, e alimpar qualquer morador, ainda que seja só, e não tenha escravos; antes evitando nesse pouco trabalho as lavouras, que se usam nas mais terras, servirão as cinzas dos mesmos arbustos queimados para melhor fecundar o terreno, e fertilizar as searas, que nele se fizerem: esta doutrina, que digo para as sementeiras do grão, se deve tãobẽ entender, e estender a todas as mais searas assim de legumes, como tabaco, e verduras hortenses; porque todas elas se dão, e vingam bem nas terras alagadas, ilhas, e terra firme, excepto o plantamento da maniba, que só, para se vingar bem, quer matas crecidas de 20, ou mais anos, e só por remédio se pode cultivar com menos anos como tantas vezes temos dito, o que suposto; e

Bem consideradas todas estas, e muitas outras ventagens, que tem as siaras dos milhos, e grão sobre a farinha de pao, bem se vê a precisão que há de mudar de sistema na agricultura do Amazonas, que todos possam practicar, e usar sem a precisão de escravos, e mais gente do serviço, que nem todos podem ter; e muito mais agora, em que já os índios todos se libertaram: porque deste modo todos podem cultivar a terra, ter bens de raiz, e terras estáveis, e abundância de víveres para viverem abastados; qualquer europeo pode com sua família mudar domicílio para o Amazonas seguro de ter lá tanta terra fertilíssima à sua disposição, quanta ele com sua família possa cultivar, seguro de que nunca lhe faltarão terras, que cultivar, por mais que queira abarcar a sua ambição: regalia que não alcançam, nem podem alcançar os europeos, onde as terras são tão poucas, que sobejando os homens faltam as terras; e por isso quem alcança algum piqueno torrão ainda que seja tão estéril como os montes se dá por afortunado, embora que os frutos do seu trabalho apenas lhe possam granjear algũa broa para viver; pois nas vastas solidões do Amazonas se oferece a todos um copioso tesouro de víveres, só com a condição de nele se practicarem as searas da Europa, e se desterrar por ũa vez o laborioso cultivo da farinha de pao. Mas continuando-se o sustento da farinha de pao como té gora, como só quem tem escravos a pode cultivar, nunca aquela região se poderá bem povoar, nem nunca poderá ter mesmo augmento aquele Estado; por mais idéas, e arbítrios, que busquem os seus magistrados.

Esta verdade conhecem muito bem as mais potências, e por isso nas colônias, que foram formando na América, logo foram pondo em praxe esta máxima nos víveres do grão, e siaras da Europa, e por isso tem crescido a tanta povoação as suas colônias que só nas colônias e conquistas de América tem os ingleses 2 milhões de moradores europeos além de ũa grande multidão de índios naturaes; e não poderiam sobir a tanto augmento se só se accomodassem ao uso dos índios na agricultura das terras, as quaes cul-

tivam ao uso da Europa; porque não acharão os obstáculos, que os nossos portugueses fingem nas terras do Amazonas, dizendo que as muitas raízes, que deixam as matas na terra não permitem a lavoura da Europa; assim é na verdade nos primeiros anos; mas depois já vão perdendo esse impedimento, como já o experimentam os espanhões índios, e brancos no Paraguai, onde já usam do arado, e agricultura européa, que os missionários lhe foram ensinando, não obstante serem as suas matas semelhantes às do Amazonas com as quaes se vão continuando té o Rio da Prata onde deságua o Paraguai.

Mas ainda no caso do dito impedimento, não há desculpa para os extensos campos descubertos de arvoredo, e nas margens dos rios, onde não há obstáculo algum para o uso do arado, e contudo ainda té gora se não resolveram a pô-lo em práctica; nem na verdade é muito preciso, visto, que para as siaras serem mui rendosas, basta ir deitando o grão na terra como temos dito; ainda que metendo-se em praxe as siaras da Europa, mais conveniente seria o uso do arado para revolver a terra, menos na banhada das enchentes, porque sempre conserva a mesma fertilidade, de sorte que daria 2, e 3 colheitas no ano, se as enchentes dessem lugar a tantas searas. Enfim todo o ponto está em fazer estáveis as mesmas terras, o que não pode ser com o cultivo da maniba, mas só com as siaras de trigo, ou milhos, que cada morador possa com muita facilidade cultivar, porque só assim irão em augmento as suas povoações, havendo grande, e fácil fartura de víveres.

Nem obsta a rezão, que dão alguns, de que as terras depois de alguns anos ficariam menos férteis por lhes faltarem as cinzas das matas, que as aquentam; porque já eu disse, que bastavam sós as terras das muitas, e grandes ilhas que todos os anos alagam, e fecundam as águas e lodo da enchente, para dar siaras abundantíssimas sem a precisão de se aquentarem; e quando as terras firmes não fossem tão fecundas todos os anos conforme mostrasse a experiência, que ainda té gora se não experimentou, descansando um ano por outro, bastariam as cinzas dos arbustos, que no ano do descanso produzisse, para as fecundar; quando não se poderiam aquentar com ramada das árvores, e matas vezinhas, como fazem em muitas partes da mesma América, dando-lhes fogo depois de bem secos, que este é muito mais fácil remédio, e trabalho, do que o insano de cortar, e roçar matas todos os anos, como se faz para o cultivo da maniba.

Ainda que fosse necessária tanta diligência para conservar sempre as mesmas terras, como se costuma na Europa lavrando, estercando, regando, mundando etc. ainda assim ficarão as terras, e seu cultivo mais fácil, e útil do que a roçaria das matas, e se prova bem com a experiência; porque cultivando-se as terras da Europa com todo este trabalho, basta qualquer lavrador com sua família para cultivar qualquer grande campo; e para um campo das matas do Amazonas *v. g.* de só 200 braças, além de muitos meses que nele se gastam de trabalho, são necessários ao menos 20 ou mais trabalhadores; e se for em matas virgens, ou bem crescidas, ainda será necessário muito mais tempo, e muito mais operários, e isto com a circunstância de só servir um ano, e todos os anos com igual trabalho; o que posto sempre ficam de grande ventaje as terras cultivadas ao uso da Europa; mas na verdade nem tanto é necessário suposta a grande fertilidade daquelas terras como dissemos na 1ª Parte, e basta dizer, que ũa só sementeira dá muitas vezes duas, ou 3 colheitas, como socede as searas do arroz, e algũas castas de milhos, que alguns cultivam só por curiosidade

Quaes sejam as siaras, que se devem cultivar? Respondo, que todas aquelas que se costumam na Europa, e fructificam bem no Amazonas como são várias espécies de milho grosso, e muitas mais do milho miúdo como dissemos na 3ª Parte; ainda quando não se possa cultivar o trigo como dizem alguns, posto que outros afirmam, que tãobẽ os trigos se dão belamente, e eu mesmo o vi bem criado na cidade do Pará; e nas cabeceiras do Amazonas no Império do Puru há siaras óptimas de belo trigo; porém ainda que este se não podesse cultivar naquelas terras, com os milhos se pode muito bem suprir; porque não obstante o dar-se bem no nosso Portugal o trigo, a maior parte dos seus moradores vive dos milhos, ou broa que deles se faz, especialmente no interior do Reino; e apenas nas cidades se dá mais gasto ao trigo, mas a maior parte vive de broa ainda os ricos, e cavalheiros e quando a podem ter das suas lavouras se dão por bem afortunados, não obstante ser mui custoso o seu cultivo, e muito arriscada a sua colheita, segundo o que já dissemos, quando dela falamos na 3ª Parte, porque além das lavouras ordinárias, está 8, ou 9 meses na terra, irrigando-o amiudadamente, e ao depois fazendo-se a sua colheita no rigor do inverno, em que se perde muito das suas colheitas por não se poder secar da umidade.

Vejam agora os do Amazonas a ventaja da sua maior fortuna; pois se com tanto custo, tempo, e trabalho, e perigosas colheitas se dão por bem afortunados os da Europa, que podem ter broa de casas, quanto mais felizes são os do Amazo[nas], quem sem mais pensão, nem trabalho do que lançar o grão na terra, e mundá-lo algũa vez, sem necessidade de lavrar, nem cavar, nem regar aos 3 meses fazem as suas colheitas mui copiosas; podendo em todo o ano fazer sementeiras porque todo o ano tem verão; e para que melhor vejam a ventaja, que levam os milhos a maniba, ou farinha de pao; além das grandes conveniências, que acima propusemos na brevidade das colheitas, na facilidade do cultivo, na estabilidade das mesmas terras, etc. etc. lhes apontarei aqui os muitos outros préstimos dos milhos, com que muito milhoram os seus agricultores, porque

Dos milhos não só se faz a broa, que como dissemos, é o pão ordinário em a maior parte do nosso Portugal, Castela, e muitas outras províncias; mas tãobẽ se podem fazer, e de facto se fazem todos os mais guisados, que se fazem da farinha de pao; e os mineiros para maior fartura das suas famílias, e pela maior facilidade, e conveniência, que acham na farinha do milho mais que na farinha de pao, não usam de outra, senão da farinha do milho feita ao modo da farinha de pao; e tãobẽ se faz com menos custo; e para que os apaixonados da farinha mais do que da broa, se possam utilizar destas farinhas, lhes insinuarei a sua factura; não falo aqui da farinha de milho, que fazem alguns no Maranhão pisando em pilões grossamente o milho, e sem mais outro benefício o comem as colheres em lugar de pão; porque semelhante farinha na verdade só por grande necessidade se pode usar, e comer, e desta tãobẽ eu digo, que é muito inferior à farinha de pao; outra é a farinha, que do milho fazem, e usam já os mineiros, a qual fazem desta sorte:

Deitam o milho de molho em tanques, ou grandes coxos cousa de 3 dias, ou quanto baste a umedecer, abrandar, e inchar o grão, mas que não chegue a apodrecer; depois o tiram da água e o pisam, ou como lá chamam, socam em grandes pilões té o fazerem em massa; o que fazem com muita facilidade, e brevidade pela rezão de estar mole; assim feito em farinha o peneiram por goropemas finas, que são as suis mais usadas peneiras, ficando em cima a casca, ou farelo, e decendo abaixo só a farinha perfeita, assim peneirada, a

secam, ou cozem no forno como fazem à farinha de pao; e segundo o maior, ou menor benefício das benfeitorias sae mais, ou menos perfeita a farinha, e com os mesmos usos da farinha de pao: porém tanto mais gostosa, que me afirmou um missionário já velho, e de muita experiência daquelas terras donde era natural, e criado sempre com a farinha de pao, que à sua vista não era para apetecer a farinha de pao, de sorte, que havendo algũa pouca de um mineiro, que teve por hóspede na sua Missão, enquanto lhe durou a farinha de milho, nunca quis comer a de pao. Semelhante testemunho me deu outro missionário (ambos aqui estão, e este 2º é meu superior e companheiro amantíssimo da prisão; diz ele, que fazendo um missionário seu vizinho ũa vez esta farinha de milho pela notícia, que já dela tinha, era gostosa, que expedindo ũa canoa a certa diligência, e metendo-lhe por matalutagem a costumada farinha de pao com alguns alqueires de farinha de milho, os índios enquanto lhes durou esta não quiseram bulir naquela, sendo eles criados, e nascidos com ela.

O que posto, sendo a farinha do milho tão fácil, e a farinha de pao tão custosa quem duvidará de rejeitar esta, e usar daquela no caso, que não queira usar da broa, que costumam na Europa, e já em algũas povoações do mesmo Amazonas a beneficiam algũas padeiras com grande gosto dos moradores, posto que nenhum se resolve a largar o uso, e cultura da maniba; só por estar em uso: fora esta broa, se faz outra mais excelente com outras misturas, a que chamam de toda a farinha, tão excelente, que na Europa a estimam, e preferem muitos ao mais bem laborado pão de trigo; para isso já eu disse as muitas outras castas do milho miúdo, que se dão nobremente nas terras do Amazonas para onde as levaram alguns cafres idos da África, e algũa delas mais estimada por eles faz um pão mui gostoso, e tão alvo como neve, segundo o que me afirmou um missionário que foi muito[s] anos nos rios de Sena em África; e não é tão miúdo, como o que chamamos milho miúdo na Europa, mas do tamanho da munição.

Além das siaras dos milhos, ainda tem outro refúgio os nossos americanos, muito mais proveitoso, que a farinha de pao, e é o arroz; porque o arroz serve em muitos Reinos, e Províncias de pão ordinário como é no Império da China, no Império do Japão, no Reino da Cochinchina, em toda a Índia, e quase em toda a Ásia; usam lá do arroz, e da sua farinha como usam na Europa da farinha de trigo; mas o mais ordinário é comerem-no cozido em lugar do pão; é certo; que tãobẽ naqueles Reinos, ou em algũas das suas Províncias se usam alguns trigos, como tãobẽ na Índia, depois que alguns coriosos lá o introduziram por mais, que clamavam outros, que lá se não logravam as suas siaras por rezão dos muitos calores da Zona tórrida, em que está a Índia; mas a experiência mostrou, que era por falta de coriosidade nos seus naturaes: porque experimentando alguns europeos as estações do ano, vieram finalmente a acertar com o tempo dos trigos: a mesma diligência fizeram em África nos rios de Sena com bom successo fazendo as sementeiras no tempo em que principiam os orvalhos; e desde então para cá já em Sena, e na Índia há alguns trigos; mas o pão ordinário é arroz.

Não quero persuadir com estas notícias aos habitantes do Amazonas, que tãobẽ metam em uso em lugar do pão quotidiano o arroz, porque na broa dos milhos, e muito mais no trigo em lá se metendo, tem melhor sustento, e melhor pão; mas quero dizer, que ainda no caso, em que se não lograssem nas suas terras as sementeiras dos milhos, teriam mais útil sustento no arroz, do que na farinha de pao por rezão de terem sempre está-

veis as mesmas terras, e de evitarem o insano trabalho, e multidão de operários, e precisão de novas matas todos os anos; porque a primeira cousa, que buscam os homens é terem terras firmes, e estáveis, que possam cultivar; o que não pode ser com o uso da mandioca, que todos os anos quer matas novas, e novas terras; e muitos operários para as cortarem, e disporem; o que é um grande impedimento para se poderem povoar, e augmentar.

Nem obsta a rezão, que alguns podem dar, de que ainda com todos os inconvenientes supra da farinha de pao pode o Amazonas ser mui povoado, e augmentado; porque antigamente antes, e quando nela entraram os europeos, eram tantos os índios, tantas, e tão povoadas, e numerosas as suas povoações, que basta dizer, que só em um piqueno rio dos seus colatraes qual é o Rio Anibá, queimou ũa vez ũa tropa dos portugueses 700 aldeias tão populosas, que cada ũa se podia chamar: cidade; e o mesmo se via pelos mais rios, e pelas suas margens; e todos viviam só com a farinha de pao, que cultivavam; ao que respondo, que, se não obstante tantos inconvenientes da maniba ainda assim pôde ser tão povoado, muito mais o pode ser com a facilidade das mais searas: porém respondo directamente, que com índios pode ser bem povoado usando da farinha de pao, mas não com brancos, e europeos; e a rezão da diferença é, porque os índios são gente sem ambição, andam nus, em tendo farinha, e peixe, ou caça que comer, estão contentes, e regalados; e por isso, como não ter mais que fazer, nem querem mais, todo o ano só cuidam, e trabalham nas suas roças; os brancos porém, e europeos, que além do comer, lhes é necessário o vestir, e tem muita ambição já se vê, que não se podem contentar, nem occupar todo o ano só no cultivo da maniba: e por isso lhes é necessário outras searas, e outro modo de vida.

CAPÍTULO 2º

DE UMA NOVA PRAXE PARA A CULTURA DA MANIBA

Sendo tantas as conveniências dos milhos sobre a farinha de pao parece que não haverá, quem no Amazonas não lance mão de nova agricultura; contudo como dos costumes antigos sempre há apaixonados, não duvido, que haja tãobẽ quem ainda propugne pela farinha de pao, semelhantes aqueles rústicos, que costumados a irem à Igreja pelo aviso, e som de ũa corneta, repudiaram o sino, que compadecido lhes tinha doado um devoto, dizendo, que era milhor o som da sua antiga corneta: o que suposto, a esses taes lhes darei outros meios, com que a possam cultivar com mais utilidade, do que costumam; e direi dous modos, que me occorrem um para os que não tem escravos, fâmulos, ou operários; outro para os que os tem: e principiando com o primeiro, digo:

Que em tal caso mais fácil, e conveniente é aos que não tem escravos, como serão a maior parte, dos que para lá vão mudando os domicílios cultivar a terra, e fazer os plantamentos da maniba como faziam antes de lá entrarem os europeos os índios naturaes, e ainda hoje fazem no mato os salvages, que não tem uso, nem instromentos de ferro, que é não cortarem as matas, nem lançarem por terra o arvoredo; porque isso é um trabalho insano, que pede muita gente, e leva muito tempo, mas é só dar um golpe em redondo a cada árvore só à superfície, ou machucar-lhe a casca, de sorte, que sequem as árvores: os tapuias que para isso só usam de machados de pedra, ou de ossos aguçados só pisam, ou machucam a casca a roda, e basta isso para logo secarem as árvores; os brancos porém que no ferro tem mais aptos instromentos o podem fazer com mais facilidade, e brevidade: e só os arbustos, cipós, e mais virgultas, que há por baixo das árvores se devem cortar primeiro.

Este modo, que é, o que usam os índios, é muito mais fácil, do que o que usam os brancos cortando todo o arvoredo; porque limpar só a mata por baixo dos arbustos, e golpear, ou machucar a cortiça das árvores à roda é trabalho tão suave, que qualquer branco o pode fazer; e tãobẽ se livram por este modo das molestíssimas coivaras dos ramos, e troncos mal queimados; porque dado tempo suficiente a secarem as árvores, se lhe lança o fogo, e sem mais requesitos depois do fogo apagado se faz pelo terreno, e por entre o arvoredo seco semelhante aos mastros dos navios se faz o plantamento de maniba, que se dá assim nobremente e se colhe a seu tempo. Esta é a praxe dos tapuias salvages, e como tão fácil, a que eu persuado a todos os apaixonados da farinha de pao; só tem o inconveniente de serem menos rendosas as suas colheitas por rezão do muito terreno, que occupam os paos levantados, mas se pode bem suprir com fazer o roçado mais extenso; porque se do modo ordinário bastavam *v. g.* 100 braças para a colheita suficiente de um morador, deste modo se pode estender a 200 braças, que sempre fica muito mais suave o trabalho.

Deste modo podem fazer-se as mais searas do algodão, milhos, tabacos, e quaesquer outros, que queiram arroz, legumes, canaviaes, melancias etc., que tudo assim se dá nobremente: e fora as mais grandes conveniências de pouparem tantos trabalhos, e multidão de operários, terão outra de reservarem assim em pé a madeira de tanto arvoredo, que lhes pode servir pelo tempo adiante ũa por muito grossa para a factura das canoas; outra por preciosa para obras de estimação e ainda para o interesse do taboado; porque na praxe das roças ordinárias consome o fogo madeira tão preciosa, que aproveitada valeria mais do que dobrados plantamentos de maniba. Das belas searas, que assim fazem os índios salvages, são testemunha muitos missionários que entraram nas povoações dos salvages e as viram, dos quaes é um o meu amantíssimo companheiro. Este é o primeiro meio, que pode servir para os que não tem escravos, e quiserem continuar a farinha de pao.

O 2º meio, ou indústria para os ditos apaixonados da farinha de pao, que tem gente, e escravos para fazerem as roças, e plantamentos da maniba, como costumam, está só em ũa melhor economia dos moradores aproveitando-se de tão insano trabalho para os mais anos, e não só para um plantamento, e colheita de um só ano como fazem: Seria pois mui óptima economia, se conservando os roçados limpos depois das colheitas das manibas, e não querendo convertê-los em terras estáveis para searas de grão, como dissemos no primeiro capitolo, ao menos fazendo-as estáveis com estáveis cacuaes,

cafezaes, e mais plantamentos dos mais preciosos gêneros do Amazonas, porque só assim poderão as colheitas anuaes corresponder, e pagar o insano trabalho dos roçados; quanto deixá-los perder no fim do ano, só com ũa colheita de farinha de pao é querer que a receita nunca chegue a cobrir nem a redízima da despesa, posto que nisto não reparem nem aqueles moradores, por terem de casa os operários nos seus fâmulos, e escravos, mas o verão bem claramente, se ajustarem as contas; e se querem que eu de facto lhas mostre vejam.

Em uha herdade, que possuía a minha amada, posto que perseguida religião, nas vezinhanças da cidade do Pará, onde se seguia a praxe ordinária, e practicada dos roçados, e plantamentos da maniba, e outros, nas visitas aniversárias dos superiores saía ordinariamente a receita pela despesa com pouca diversidade, de sorte que algum ano apenas excedia a receita em um cruzado novo; e quase o mesmo socedia nas mais herdades, com a circunstância de que a dita herdade além de ter todas as oficinas, que lá se costumam, e fazem mais afamada ũa fazenda, como são olaria, em que se fabricava muita louça, ferraria, tecelões, e factura de canoas etc. tinha tãobẽ ũa engenhoca, e fábrica de águas ardentes, que são os mais rendosos haveres daquele Estado. tinha tãobẽ estáveis alguns cacuaes, e algum café; e contudo no fim do ano apenas excedia a receita em 480; que se não tivesse o cacao, café e as oficinas já numeradas, e só cultivasse os roçados da maniba, e semelhantes aonde ficaria a receita; e aonde sobiria a despesa? Mas não reparam nisto os moradores, porque tem de casa os operários. Muitos outros exemplos lhes poderia dar nesta matéria, mas como esta obra só é ũa Memória de apontamentos, basta esta para mostrar aos senhores portugueses o pouco aproveitamento que tem, e podem ter no cultivo antigo.

Tornando pois ao nosso sistema digo, que visto usar-se da cultura antiga da farinha de pao, ao menos não deixem perder em um só ano o insano trabalho dos roçados, mas, tirada, e colhida do fim do ano a mandioca convertam o seu terreno em cacuaes, ou cousa semelhante com que pelos anos adiante possam cobrir com grandes avanços o grande trabalho, que neles tiveram; e para melhor os persuadir, lhes mostrarei tãobẽ a experiência no mesmo Amazonas, em ũa fazenda vizinha a ũa povoação de índios chamada antes a Missão do Comaru, e agora a Vila da.... na margem occidental da foz do grande Rio Topajós. Quis o seu missionário aliviar os neófitos, do grande trabalho, riscos, e perigos das canoas do sertão, e para suprir os seus productos, e ter algum modo de poder fazer os precisos anuaes gastos, e provimentos usou desta indústria. Em ũa língua de terra que corre da margem do Amazonas para o Rio Topajós desprezada dos índios por alagadiços nas enchentes anuaes, um ano passada a enchente mandou fazer um piqueno roçado para milho, e algodão, que se deu nobremente, e quando dali a poucos meios, mandou fazer a colheita, no seu lugar, ou terreno limpo mandou plantar 800 pés de cacao, e ao pé mandou na vazante seguinte fazer semelhante roçado, e foi continuando outros anos, e no fim das colheitas aproveitando os seus terrenos, da mesma sorte com cacao; com tão boa fortuna, que o primeiro plantamento dos primeiros 800 pés, que foi o primeiro que principiou a fructificar no 3º para o 4º (para o 4º) ano já por princípio deu para cima de 50 arrobas de cacao, e no seguinte ano se esperava em dobro, porém pondo-se nesse ano em execução a expulsa do dito missionário e de todos os mais daquele Estado, não sei o mais que socedeo dali por diante, sei porém que com esta facílima economia já tinha muitos mil pés entre maiores, e me-

nores, e teria em dobro se as cheias do Amazonas em 2 anos socessivos, que foram extraordinárias de grandes lhe não matassem uma grande parte das tantas plantas, mas em fructificando todas as que escaparam já supririam bem os productos da canoa do sertão, e se todos os missionários e tãobẽ os brancos imitassem esta boa economia em muitos mais augmentos estaria já aquele Estado. O que suposto vamos ao ponto cuja praxe pode ser assim.

Acabado o ano, e colhida a mandioca do roçado, não deixem perder o terreno, que tanto lhes custou; mas assim que for limpo da mandioca, e queimada toda a sua ramada, e folhagem, logo no terreno limpo disponham as plantas pacoveiras como costumam de facto fazer todos os que plantam, ou querem plantar cacuaes hortenses, como necessários a ampararem do sol as tenras plantas do cacao, dispostas na distância de 10 em 10 palmos, e em bem direitas ruas ad amussim, isto é direitas a corda arruadas, e compassadas; e por baixo delas com a mesma boa disposição ir logo semeando, ou plantando as pevides de cacao; digo, ou plantando; porque se pode fazer, ou como costumam, que é ter semeado de antemão em algum canteiro o cacao, e arrancadas as plantas dispô-las por baixo das pacoveiras, como quem dispõe cebolinho; ou o podem fazer semeando só então as ditas pevides, porque a experiência tem mostrado, que basta isso, porque quando vão arrebentando, e saindo da terra já as pacoveiras estão copadas, ou se vão enramando, e assombrando o terreno: nem cuidem, que é isto um grande trabalho; porque alguns moradores o fazem só com sua família em um dia, tendo de casa, e perto as pacoveiras; e não as tendo, como socederá no princípio dos sítios, levará mais algum dia.

Nos seguintes anos podem continuar a mesma indústria, continuando sempre os mesmos roçados na mesma paragem imediata aos passados; e depois de 5, ou 6 anos eu lhes seguro, que já se dem os parabéns de mui copiosas colheitas, que hão de fazer de cacao; e desta sorte aproveitam bem o terreno, e bem logram o insano trabalho dos roçados, convertendo os seus sítios em ricas fazendas de raiz, e estáveis, com a circunstância, de que no segundo, e mais anos já se faz com mais facilidade, por rezão de terem mais à mão as pacoveiras pelo muito que se multiplicam; e tãobẽ com a grande conveniência da fartura que terão nos fructos das pacoveiras; e nos vinhos de cacao: e com os grandes productos desta em poucos anos escuram mandar canoas ao sertão com tantos riscos dos remeiros, e de fortuna; e ainda escusarão a multidão de escravos, e operários: dos quaes se pode questionar se são maiores os seus danos, do que os seus proveitos como em outra parte lhes mostrarei.

A mesma indústria, que digo nos roçados da maniba se pode usar nos mais roçados, e terrenos que serviram a primeira vez para outros plantamentos, ou searas, das que costumam, como são milhos, algodões, tabacos, arroz etc. porque todos estes roçados se podem aproveitar e fazer estáveis com os plantamentos do cacao da mesma sorte; isto é procedendo na praxe costumada dos roçados anuaes; que segunda a nova praxe e método do primeiro capítulo, melhor, e mais acertado me parece conservar limpos os terrenos ũa vez feitos. e neles continuar todos os anos as mesmas sementeiras, para maior comodidade, porém no caso, que as não queiram cultivar como na Europa, ao menos podem aproveitar-se dos roçados para plantamentos de cacao etc. A mesma economia podem ter os que não tem escravos, de que falamos, no primeiro meio, ou indústria; porque por baixo, e por entre os paos levantados secos, podem depois de colher a maniba lançando-lhe

fogo, e alimpando-o podem semear cacao, e ir continuando os mais anos da mesma sorte.

Só assim é que se poderão cultivar aquelas matas, e terras convertendo-as ou em terras de semeaduras estáveis; ou em boas, e estáveis fazendas de cacao, e parecerão não já matas bravas, e incultas, como té gora o tem sido; mas terra cultivada, e rendosa aos moradores, os sítios mais vistosos, as povoações mais ricas, e todo aquele Estado bem augmentado; e será para todos um bom tesouro: e se não vejam: dado que cada ano façam só de roçado 200 braças para os plantamentos que se costumam de mandioca, arroz, milhos, tabacos etc., convertidos os seus terrenos depois em plantamentos de cacao disposto como costumam de 10 em 10 palmos, fazem o número 2 000 pés, falo de 200 braças em quadro, e já nestes 2 000 ficam com 2 000 cruzados de capital segundo a estimação de cada planta de cacao de 400 réis, em que se costuma avaliar: basta que continuem assim por 10 anos cada morador, que só em cacao terá no fim deles em 20 000 pés 20 000 cruzados de fundo; mas podem continuar enquanto acham terras nos seus sítios segundo a extensão das suas datas.

Advertindo, que posto que as terras mais próprias para os cacuaes sejam as terras úmidas, alagadiços e pântanos segundo a experiência dos naturaes, e se vê bem nos dilatados cacuaes da natureza, que todos eles alagam com as enchentes dos rios; porque gosta muito esta planta de ter as raízes na água ao menos algum tempo do ano, tãobẽ fructifica muito bem na terra firme, e ainda em terras altas, como já tãobẽ o experimentam alguns e eu vi; e por isso não tenham receio os moradores de o plantar nas ditas terras: antes lhes posso afirmar que de todos os cacuaes, que vi nas terras do Amazonas, que foram muitos, o mais carregado que vi foi um em terra bem alta. Contudo adiante apontaremos algũas fáceis indústrias de tãobẽ lhes poderem meter água dentro toda a vez, e quando, que quiserem.

E quando as terras não sejam todas aptas para a planta do cacao, como na verdade o não são as que tem por baixo o barro tabatinga, segundo afirmam os prácticos, se podem as ditas terras occupar com outras plantas preciosas, como são café, cravo, salsa parrilha, puxeri, guaraná, canela, umeri, ou algũas outras das muitas, que se dão naquelas matas como em terra própria; com as quaes se pode usar da mesma indústria: E o melhor é fazer de todos, ou ao menos das principaes como são cacao, café, cravo, e salsa iguaes plantamentos, *v. g.* dispondo em 200 braças 2 000 mil pés de cacao; em outras 200 dous mil pés de café; em outras tantas cravo, ou canela etc. e fazendo assim hortenses os mais preciosos haveres do sertão, sem a precisão de expedirem a eles as suas canoas com tantos gastos, e riscos.

As mesmas searas do algodão se podem fazer estáveis, como as mais, e não occupar cada ano para elas novas terras, e roçados segundo, o que costumam: porque no primeiro roçado, e na primeira paragem em que o plantarem ũa vez (digo semearem) o podem conservar por toda a vida sem mais trabalho do que conservar-lhes limpo de arbustos o seu terreno, e ir decotando os ramos supérfluos, que tem produzido o podando, como se faz as vides, mas não com tanta exação como nas vides, porque basta cortar-lhes algũas pontas de ramos, que tem dado suas colheitas, e experimentarão os que assim o conservarem ũa notável conveniência, e é, que além das copiosas colheitas anuaes, todos os dias colherão, ou poderão colher ũa porção; não falo sem o certo fundamento da experiência; porque assim o vi fazer em um morador, que em um bocado de terreno tinha ũas plantas de algodão

de 19, ou 20 anos de semeadura feitas árvores como as nossas pereiras e posto que não tratava delas, nem as decotava, ou dava algum cultivo, estão sempre viçosas, e fructificando, e todos os dias apanhava delas algum algodão um dia um ramo, outro dia outro etc.

Dizem os asiáticos, que são os melhores oficiaes do algodão, que este é tanto mais fino quanto mais nova é a sua planta, e que por isso todos os anos renovam as suas searas (sempre em terras estáveis, como as mais searas, de que vivem) para sempre o terem fino; o que não quero disputar, porque isso só deve decidir a experiência, posto que o que vi no Amazonas, e ainda nas plantas, ou árvores supra de vinte anos sempre me pareceram os mesmos sem diferença algũa; mas no caso, que assim seja, pouco importa para os moradores e habitantes do Amazonas, que só o fiam grosseiramente, e não tratam dessas finezas, (excepto os índios de algũas nações espanholas, cujas telas não tem enveja às da Índia) por isso pouco vai, em que seja mais, ou menos fino o algodão das plantas antigas, com tanto, que evitem o trabalho dos roçados anuaes, e seja fácil a sua conservação.

Isto é, o que me occorre, e tenho colhido de outros missionários antigos, e de muita experiência daquelas terras; e muito mais pela experiência, que no mesmo Amazonas vi em alguns particulares; nem tem outro meio aquele Estado, e aquelas matas de se fazerem bens estáveis, e de raiz, senão convertendo-as ou em searas ao modo do mais mundo, ou em fazendas rendosas das riquezas das suas matas, com igual conveniência de todos os seus povoadores. Resta porém responder agora a algũas objecções, com que alguns impugnam este método, sendo que a principal é o não estar em uso. É a primeira objecção a falta de matas para roçar todos os anos precisas para os plantamentos da maniba, e pão quotidiano da farinha de pao, que só quer matas, como temos dito: porque se todos os moradores fossem convertendo as terras em fazendas estáveis, finalmente se lhe acabariam as matas pelos anos adiante, saltem nas vizinhanças das povoações, onde seriam mais precisas, e por conseguinte faltaria o sustento principal, e pão quotidiano, qual é a farinha de pao.

2ª objecção, que me pôs um presumido de mui avisado, e por isso a ponho tãobẽ aqui, é que além dos muitos operários, que seriam necessários aos moradores para estes plantamentos, tãobẽ seriam necessários muitos para os beneficiar, e para fazer as suas colheitas; e para os conservar; imo dizia o dito, que não pagavam o trabalho a seus donos de só os vigiar, e conservar, ou que era mais o trabalho, que o lucro. 3ª Que em algũas paragens do Amazonas esterelizavam os cacuaes depois de alguns anos por chegarem com as raizes ao barro tabatinga, que tem algũas qualidades de cal, e quando não os esterelize de todo, sempre os deteriora muito no pouco que fructificam. Estas, e semelhantes objeções me puseram alguns coriosos, fundadas mais em espíritos contraditórios do que em rezões sólidas, e fundamentaes; e propriamente sobministradas da grande preguiça do Brasil; e do uso, ou abuso.

Por isso todas se desvanecem mui facilmente como sal na água em poucas palavras. Respondo pois à primeira de que faltariam as matas, e terras para os plantamentos da maniba etc. Que não se pode temer esse perigo no Amazonas, cuja vastidão de terras é tão grande, que mudando-se para lá Reinos inteiros da Europa, e cada morador se apossasse de quanta terra pudesse cultivar, ainda assim não chegariam séculos inteiros a povoar, e cultivar a mínima parte daquela região: quando muito se acabariam sim as matas por ũa té duas, ou 3 légoas na vizinhança das povoações, mas como

as viagens do Amazonas e caminhos são todos por água, pouco vai em irem mais ũa, ou menos ũa légoa distante fazer novos roçados; quando de presente o estão fazendo desprezando as matas mais vizinhas, e buscando as mais distantes, sem outra rezão mais do que pela maior distância serem menos buscadas.

Porém demos, que na verdade se convertessem as matas vezinhas em muitas, e bem cultivadas fazendas de cacuaes, cafezaes, cravos, salsas etc. quantos mais cabedaes receberiam disso, do que dos roçados insanos da farinha de pao? com os productos teriam bem com que a comprar, e ainda ficariam com muitas riquezas. Além de que eu não digo, que toda a terra, e todas as matas se convertam em cacuaes, mas que toda quanto puder ser seja cultivada parte em cacuaes, parte em cafezaes; e parte em searas de milhos, arroz etc. estáveis, e anuaes; e com estas searas suprirão com grandes ventages a farinha de pao; e no caso, que antes a queiram, do que o outro pão, ainda tem dous meios, com que a poder cultivar, 1º buscando novas terras, 2º não querendo buscar novas terras, se haviam de roçar outras matas, rocem os cacuaes mais antigos, que tãobẽ são matas, e já tem em que fazer os roçados: mas quem quererá destruir um cacual, ou outra fazenda, que todos os anos dá certo rendimento, por fazer um roçado de maniba só por um ano. Mais: se os moradores do presente estão buscando novas terras para a maniba deixando fazer matas bravas os primeiros sítios: quanta mais conveniência teriam em buscar novas matas desfructando grandes cabedaes dos mesmos primeiros sítios feitos grossas fazendas? Enfim parece-me muito frívola esta objecção, e assim vou a responder à 2ª que ainda é mais frívola.

Tem ela dous membros: 1º de que necessitariam os seus moradores de muita gente, e muitos operários não só para se fazerem semelhantes fazendas; mas tãobẽ para se conservarem, e desfructarem; 2º membro que seria mais o trabalho que o lucro. Em quanto ao primeiro ponto, ou membro respondo: que no que toca a sua conservação, e desfructação, ou colheitas, basta cada morador com sua família, como sucede na Europa nas quintas, e pomares, porque é o mesmo, ou com pouca diferença; e quando as colheitas necessitem de mais gente, como é trabalho alegre, e suave não faltará, quem queira ajudar; porque juntamente se vão saboreando; no que toca à sua conservação basta dizer, que os que já tem cacuaes mansos, os conservam só com algum negro, que neles assiste mais para vigiar, do que para os trabalhar; porque depois de plantados, apenas necessitam de algũa capinação, ou mundação da erva que for nascendo, ou de algum arbusto que vá arrebentando, o que se faz em um dia; depois de fechar basta para lhe decotar as pacoveiras o mesmo dono com um cotelo na mão com tanta facilidade, como, ou pouco mais, do que se cortasse espadanas: pelo tempo adiante basta para o livrar da erva do passarinho, e lagartão, o mesmo dono passeá-lo de quando em quando e com o seu bordão dar algũa bordoada onde vir algum destes inimigos do cacao; o que se faz mais por divertimento do que cansaço: o trabalho está só no princípio, quando se prepara o terreno, e se fazem os plantamentos. Mas

Neste caso não se augmenta o trabalho, mas se aplica melhor; porque toda esta indústria não depende de mais trabalho, mas só de melhor economia. O trabalho dos roçados, e preparação do terreno é o mesmo, que costumam fazer para os roçados da maniba; está só o ponto na conservação do dito terreno, e fazer nele os ditos plantamentos; e assim não necessitam de mais gente, e de mais operários do que os costumados A rezão de que

dão mais trabalho a conservar do que o lucro, é tão fútil, como se dissessem que o lucro de ũa quinta é menor, do que o trabalho, que nela tem o quinteiro. Porque demos que um cacual *v. g.* de 1 000 pés só dá no ano 100 arrobas de cacao (há anos em que dará para cima de 600) é pouco lucro para um morador, que com ele não gasta nada? é pouco sim, não a respeito do trabalho, mas a respeito da ambição com que logo os habitantes do Amazonas, querem ser ricos no 1º ano, embora que na Europa pedissem ũa esmola para viver[.]

As plantas do café ainda tem menos trabalho a se plantarem e conservarem; porque ao princípio basta só fazer a sua semeadura, ou plantamento sem a precisão de pacoveiras, nem vigilância para diante de lagartão, ou ervas de passarinho porque não tem esses inimigos; só sim tem mais algũa impertinência as suas colheitas por rezão de ser mais miúda a sua fruta, e ser necessário descascá-la, o que costumam fazer em pilões, mas tãobẽ é trabalho de tão pouca monta, que ninguém o rejeita pelo custo, especialmente atendendo ao muito que fructifica, pois sempre está com fructo um já maduro; outro verde; outro em botão, outro em flor. Em fim tudo vai da boa, ou má economia.

A 3ª objecção de que os cacuaes em algũas paragens se fazem pelos anos adiante ou pouco rendosos, ou totalmente estéreis por causa de chegarem com as raízes ao barro tabatinga, respondo 1º que por pouco que rendam, sempre rendem mais, do que as matas bravas, que não tem mais serventia do que servirem para o fogo; 2º que quando cheguem a esses termos, o que só socede *v. g.* de 20, 30 ou mais anos já tem enrequecido muito bem a seus donos: além de que os trazem limpos sempre fructificam por mais velhos, que sejam. A rezão de alguns se fazerem estéreis por causa do barro tabatinga, tãobẽ tem belas repostas, 1ª é que se o terreno se presume ter esse barro, não servindo para cacuaes, sirva para as plantas do café, sirva para as árvores do cravo, ou sirva para as silvas bravas da salsa parrilha, ou para canela ou quaesquer outras plantas, a quem não faça dano a tabatinga, que todas são preciosas talvez mais do que o cacao; ou sirvam para as siaras que dem o sustento preciso; e não se deixem tornar matas bravas. 2ª reposta é, que quando isso socede, é tãobẽ depois de muitos anos, e depois de terem dado grandes colheitas; e se para ũa só colheita, estão os homens cansando-se no cultivo dos trigos, e mais searas, que muito é que tãobẽ se cultivem os cacuaes embora que seja só para a colheita de alguns anos? 3ª reposta é, que depois de 12, ou 15 anos *v. g.*, podem renovar os mesmos cacuaes com tanta facilidade, que o podem fazer ũa só pessoa em um só dia, metendo ao pé das plantas antigas novas sementes, ou novas plantas, desfrutando enquanto elas se põem capazes as antigas, e cortando estas quando já aquelas fructifiquem, indústria, com que se podem fazer eternos todos os cacuaes no caso da esterelidade, ou menos rendimento dos já velhos.

É para admirar a suma preguiça daquelas gentes, que podendo todos terem nos seus sítios um tesouro de riquezas, visto terem tanta extensão de belas, e fructíferas terras, só por preguiça, e falta de economia vi a experimentar o mesmo, que se não as tivessem; porque que mais vale ter légoas, e légoas de terras feitas matas bravas, e perdidas, do que não as ter? Se tudo é o mesmo. O seu ponto, e empenho é todo em amontoar escravos, e mais escravos, para se chamar senhor de tantos escravos, e ter neles operários para quebrarem os braços a cortar matas, e depois do ano tornarem outra vez a deixá-las crescer e fazer matas bravas como antes; enfim tão

pereçosos que, como dizia um, deixavam de comer belas laranjas, ou outras fructas, que tinham ao pé, e estavam vendo com os olhos só por preguiça de as mandarem apanhar. Apenas há alguns poucos cacuaes, que alguns moradores levados da ambição de quando o cacao valia 2 ou mais moedas de ouro nos anos antigos mandaram fazer, e continuam a conservar: há tãobẽ alguns cafezaes, mas muito poucos; e sendo a canela, o cravo, a salsa, as baunilhas, e outras riquezas daquelas terras tão estimadas, não me consta que morador algum té gora se resolvesse a cultivá-las, e fazê-las hortenses; e apenas se vê em algum sítio algũa caneleira mais para ostentação, do que para utilidade. Contentes com só as terem pelas matas bravas, e mandarem a elas as canoas do sertão com tanto risco.

Pois saibam, que não só o cacao, e café; mas todas as mais riquezas que produzem aquelas matas se podem cultivar nos sítios, e fazerem-se hortenses; porque a canela nace como em terra própria, o cravo bem sabem todos os prácticos do País, que por si mesmo se multiplica em extensas matas. A salsa é como a madre silva, que basta chegar a terra a sua haste para logo pegar, e se multiplicar, e crecer a um grande silvado. A baunilha tão preciosa nada tem de melindrosa, pega, crece, e se augmenta como qualquer outro cipó. A planta do puxeri tão estimada pela sua muito medicinal fruta tãobẽ faz sua toda a terra como bem mostrou um missionário, que metendo na terra em um vaso lá no centro do Amazonas ũas bolotas, quando chegou à cidade já vinham plantas, que metidas na terra logo creceram a árvores; e assim as mais preciosidades: falta só coriosidade nos seus moradores, que com ela podem converter em grandes tesouros os seus sítios.

Ũa das providências mais costumadas na Europa, e no mundo são as hortaliças, todas as pessoas, que tem modo de cultivar ũa horta se tem por mui afortunadas, tanto que dizia um mui práctico no nosso Reino, que quem tinha ũa boa horta tinha nela um morgado, ou condado; e falava com a experiência; porque basta ũa boa horta para fartar ũa casa; e tãobẽ para a enrequecer, porque um dos víveres que tem mais gasto são as hortaliças, e são os legumes: Sendo assim como é na verdade, quam digna de se estranhar é a descoriosidade dos habitantes do Amazonas que podendo todos ter belas hortas, com que sustentar suas casas, e famílias, carecem por sua culpa deste morgado: Não vi terras mais próprias para hortaliças, do que são as do Amazonas; e não vi tãobẽ em parte algũa maior falta de hortaliças; basta dizer, que em toda a cidade do Pará não havia no meu tempo mais que ũa horta, que cultivava um corioso, a quem já todos conheciam pelo nome do Alfacinha; e sabia ele castigar muito bem a preguiça dos mais moradores, que tendo famosos quintaes, onde tãobẽ podia ter a mesma providência já por coriosidade, e divertimento e já pelo interesse só acodiam a ele a buscar o refresco nas verduras por bem subido preço.

E como o meu projecto principal nestes apontamentos é persuadir a todos as belas terras, que se estão perdendo no Amazonas, e a sua povoação, tomara persuadir aos que de novo as queiram, ou principiem a habitar, que o seu maior empenho, e primeiros cuidados sejam a cultivar ao pé de suas casas, ou nos seus sítios estas hortas com toda a casta de verduras, e hortaliças; porque nelas tem o sustento mais prompto, e mais certo das suas casas, e família, e como tem tanta, e tão bela terra a seu dispor, podem fazê-las tão grandes, como quiserem, muito à medida do seu desejo. Digo que são as terras mais próprias de hortaliças, porque estão ao olivel da água, sempre frescas, e sempre fertilíssimas; e quando seja necessário regar as

verduras basta cavar alguns palmos para logo descobrir água, quando não queiram encaminhá-la dos mesmos rios, que tem ao pé; persuadindo-se; que se em todo o mais mundo são as hortaliças, e verduras sustento, no Amazonas, por rezão dos seus grandes calores, tãobẽ são regalo; e que ninguém, senão por desmazelo, pode carecer dela no Amazonas.

Por esta rezão não há, nem haverá pobres no Amazonas, senão os que querem ser por preguiça e desmazelo, porque se querem, todos tem, e podem ter légoas, e légoas de belas terras, que podem cultivar. De sorte, que a Europa, e mais mundo está cheio de pobres por não terem terras, que cultivar, e daqui vem o tomarem-nas multas tão carregadas de pensões, que mais trabalham para os senhorios do que para si uns arrendando-as e trabalhando-as de meias; outros tomando-as, a rezão de foros, e outros com outras pensões rigorosas, e ainda dão graças a Deos se assim as acham; porque a maior parte, nem ainda assim acham um palmo de terra, que cultivar; e daqui nacem as muitas misérias, que padecem; tantas, que só em ũa cidade da Alemanha me contou um religioso alemão, que viram ũa procissão de pobres que faziam o número de 300 pessoas, e os magistrados por justas rezões tinham obrigado, a que só juntos em procissão fossem pela cidade receber as esmolas, que os fiéis lhes dessem espontaneamente; sem eles se chegarem às portas a pedir; e quanto dariam estes, e os mais das mais cidades se podessem haver terras, e terras óptimas que cultivar, já em belas searas, e já em vistosas hortas? pois esta ventura pôs Deus nas mãos dos portugueses, e habitantes do Amazonas; está todo o ponto, em que eles as queiram cultivar, e fazer estáveis; e não andar salpicando as matas um ano aqui, outro ano acolá; porque só com terras estáveis, e sementeiras certas é que podem povoar-se com facilidade, que é o primeiro meio, que dissemos para a boa povoação daqueles Estados, e seu augmento. Antes de entrarmos a expor o 2º meio, ou requesito, que é o da sua navegação, será preciso expormos outras necessárias providências concernentes ao mesmo augmento e povoação do Amazonas.

CAPITULO 3º

DA PROVIDÊNCIA, COM QUE SE HÃO DE PROVER DE OPERÁRIOS OS DO AMAZONAS.

Como no Estado do Amazonas não há, gente de servir, nem vulgo, que sirva por seu jornal por quererem todos ser fidalgos, e por outra parte sem esta providência não podem bem governar-se os seus povoadores, porque lá mais do que em outra parte do mundo serem necessários os operários para os trabalhos, que temos dito das roçarias dos matos; e da navegação, preciso é dar-se algũa providência, com que se remedea esta necessidade, e se

proveja o bem comum; porque nem todos podem ter escravos, com que se sirvam, nem todos podem trabalhar como o vulgo costumado ao trabalho; e daqui vem o grande empenho, e ambição, que tem aqueles habitantes em buscarem multidão de escravos, e fazerem deles grandes povoações nos seus sítios, porque sabem, que no Amazonas só é bem servido, quem tem gente; e nada vale, quem a não tem por mais bens, e terras, que tenha. Enquanto para a serventia, diremos adiante, quando persuadirmos o 2º meio ou requesito; em quanto ao trabalho da terra, se pode remediar deste modo.

1º meio pode ser, o que já usam, para serem bem servidas muitas cidades da mesma América, como no[s] Reinos do México, de Quito, e outros, e é darem algũa parte da cidade, ou bairro aos índios naturaes, que sirvam de plebe, e vulgo, e a quem possam recorrer os cidadãos, e brancos; e não só serão assim bem servidos pagando-lhes o seu jornal; mas tãobẽ servirá para melhor se civilizarem, e fazerem de ladinos aqueles índios; e optimamente se pode pôr na praxe esta providência com as muitas companhias de índios, que na publicada Lei da Liberdade de 1757 ficaram libertinos, e muitos senhores do seu nariz; e na verdade estes são os mais aptos, e próprios operários daquelas terras, por bem acostumados ao seu trabalho, chuvas, e grandes calores; cuja administração podia estar nos magistrados, a quem os moradores podem recorrer pedindo, os que lhe são necessários para algum serviço dos seus sítios por pouco, e determinado tempo pagando-lhes a sua soldada, acabada a tarefa; mas de nenhũa sorte obrigando-os, senão só persuadindo-os; porque de outra sorte seria violência contrária à sua liberdade.

2º meio é o fazerem-se povoações separadas das povoações dos brancos, e semelhantes as mais povoações dos índios, a que chamam aldeias com os mesmos índios libertados, e administrados por algum fiel intendente, a quem devessem recorrer todos os moradores, que necessitassem, e quisessem índios para algum serviço dos seus sítios com todas as cautelas, e providências necessárias à sua conservação, bem como a repartição dos índios, que se costumava nas aldeias; mas como esta concessão só deveria ser para algum serviço dos sítios, e de modo nenhum para canoas do sertão, ou outros serviços só se deveriam conceder por 2 meses, ou só pelo tempo, que seria necessário para fazer um roçado; e ele acabado voltassem os índios para as suas povoações, embora, que ao depois hajam de recorrer a buscar outros; com advertência, que só se concedessem aos que não tem fâmulos, e escravos, como são, e serão os que de novo vão concorrendo, e mudando seus domicílios para aquelas terras; e de nenhum modo aos ricos, que tem gente, com que se possam servir: e para que todos se excitem logo ao bom augmento dos seus sítios, se lhes concedam estes operários té só 6 anos *v. g.*, com determinado tempo em cada um desses 6 anos: e que dali por diante lhes percam as esperanças; porque 6 anos é tempo bastante para fazerem grandes fazendas os seus sítios, e para os conservarem basta cada morador com sua família.

3º meio, de que actualmente usam muitos, e na verdade é óptimo para os que querem principiar sítios de novo, é agregarem-se os forasteiros aos cidadãos, e potentados da terra; porque todos eles se esmeram não só em os receber com caridade; mas ainda em lhes darem algum modo de vida mas que melhor possam conseguir este adjutório tão necessário aos forasteiros no princípio, para se poderem estabelecer, podem fazer com eles algum gênero de contrato, com que se obriguem a mostrar-lhes pelos anos adi[ante] algum gênero de gratidão ou agradecimento com a condição de lhes darem algum princípio de sítio, que consiste em um roçado, com ũa ligeira casinha

ou tijupar em que se possa recolher com sua família, e para que mais depressa se possa utilizar dele, pode ser a siara do dito roçado ũa boa sementeira de milhos, de cuja colheita já se aproveita ao 3[º] mês; e para continuar para diante basta ele com sua família ou usando das searas ao uso dos índios bravos como dissemos nos serviços ou valendo-se dos índios da repartição, como há pouco dissemos; ou eles mesmos por si trabalharem, e assim fazem já muitos moradores, e fazem todos os índios sem adjutório uns dos outros.

Porque se há de advertir que toda, ou a maior dificuldade está no princípio dos sítios a respeito dos brancos especialmente novatos, porque chegando àquelas terras esmorecem à vista de tantas, e tão crescidas matas, e isto junto com a preguiça, que infunde o seu grande calor, e clima os desanima a meterem mãos à obra; o que suposto grande fortuna teriam se achassem nos cidadãos este subsídio de lhes principiarem os sítios com um extenso roçado, e algũa tal qual casinha, em que se possam recolher, obrigando-se-lhes com algum feudo, ou foro *v. g.* de redízima; nem isto se deve estranhar por ser practicado não só em quase todo nosso Portugal, mas em todo o mundo, e com pensões tão rigorosas como são dar de 3 um ao senhorio, ou de 4 um;[;] e os que são de 5, uns já são muito favoráveis, e isto só com lhes darem as terras bravas, e brutas sem benefício algum; logo da mesma sorte se pode fazer no Amazonas, não por lhes darem terras, de que não necessitam; mas por lhes darem algum princípio de sítio, em que está toda a dificuldade.

Para todos é utilíssima esta praxe: para os novatos, porque assim acham suplemento na falta de escravos, que não tem, e de operários, que não acham; nem lhes pode meter medo a continuação, e augmento dos sítios para diante, porque toda a dificuldade está no princípio; e tendo em algum roçado o sustento para o primeiro ano na farinha, ou melhor em algũa boa seara de milho, pouco a pouco podem ir continuando para diante; muito mais usando da nova agricultura dos milhos, por terem as colheitas em 3 meses, em que já seguram o principal sustento: e se os índios sós, e sem adjutório todos os anos fazem sítios, e novos roçados; e ainda muitos brancos tem feito, e fazem o mesmo sem terem escravo algum; muito melhor o podem fazer outros tira a primeira dificuldade, e o primeiro obstáculo no princípio dos sítios.

Será tãobẽ de muita utilidade aos senhorios não só pela regalia de serem reconhecidos com a honra de senhorios, mas tãobẽ por segurarem assim ũa renda perpétua a suas casas, e famílias. É a honra dos senhorios tão estimada na Europa, que muitos se contentam, só ou quase só com ela, admitindo para perpétua reconhecença, só ũa galinha, ou só um ovo, não pelo ovo, mas pelo foro; cujo contracto ou pode ser rigoroso enfiteusis, que é dando nas suas mesmas terras algũa parte aos novos colonos com algũa pensão anual, ou só com obrigação de lhes prestarem fidelidade e obséquio, como propriamente é o feudo; ou pode ser como um quase feudo, ou enfiteusis sendo não nas suas mas em outras terras; ou por qualquer outro modo, que ajustarem. Em muitos, e províncias dão os senhorios aos que querem povoar, e cultivar as suas terras todos os instromentos principaes, e necessários a principiar a vida como ũa vaca, ũa égoa, e cousas semelhantes, porque tudo lhes faz conta a uns, e outros; aos caseiros para principiarem a sua vida; e aos senhorios pelo ajuste, com que pelo tempo adiante não só se recompensam, mas se enriquecem. Tudo vai, e depende do ajuste, e contracto, que celebram: seja porém qual for, é um dos melhores meios, com

que o Amazonas se pode povoar muito accomodado para os caseiros, e muito útil para os senhorios ou nas suas próprias terras ou em diversas.

4º meio pode ser o de que já usam em muitas terras, e províncias da América os franceses; ingleses, e holandeses, compram estes aos índios os seus sítios ou sejam depois, ou antes das suas colheitas, e facilmente os vendem por mui diminutos preços, *v. g.* por um rolo de pano da terra, que tem 100 varas; com alguns machados, facas, e belórios, e mudando-se para outras paragens, largam aquelas aos brancos, e como já neles acham ũas casas mui suficientes para suas moradias, e de suas famílias, com algũa área à roda, e várias terras capoeiras, que assim chamam às matas piquenas, ou arbustos, em que nos anos antecedentes fizeram os plantamentos da maniba, e talvez algũas mais benfeitorias de árvores fructíferas, acham já o comer feito, porque com muita facilidade cortam aqueles piquenos arbustos, alimpam o terreno, e nele fazem as sementeiras do grão, ou sejam milhos, e pouco a pouco vão fazendo boas fazendas com plantamentos de cacao, e outras plantas preciosas; mas sobretudo ũa grande fartura de viveres, que é o principal empenho.

É facílimo este meio para qualquer europeo novato principiar no Amazonas seu bom modo de vida; é certo que, isto não poderá ser nas vizinhanças das povoações, missões de índios, se estiver no seu rigor a lei, que proibia aos brancos o fazerem sítios nas suas vizinhanças por circuito de duas légoas, atendendo a não defraudar os índios de matas para roçarem; porém facilmente convirão os mesmos índios por algum ajuste com os ditos brancos em lhes irem fazer mais distante um semelhante sítio, aos que costumam fazer, ou ao menos o seu princípio em algum roçado, e choupana, o qual occupem não como costumam com plantamento de maniba, mas com searas de milho, cujo producto é certo, fácil e breve: e mais ventajosa é esta indústria, do que a de cima, por conseguirem assim o mesmo fim que pertendem, sem obrigação de pensões.

5º meio pode ser a diligência dos magistrados em procurarem na Europa companhias de jornaleiros fazendo-lhes conveniência assim na passagem dos navios, como em terra, mas com algũa obrigação da parte deles, para não faltarem da sua parte a obrigação do trabalho pelos anos do ajuste. Nem pareça isto algũa hidra de 7 cabeças, porque as mais nações, ainda sem estas obrigações de serviços estão fazendo sumos gastos com mui copiosas companhias de europeos, a quem não só pagam a passagem, mas dão terras, e modo de vida só pela conveniência de povoarem as suas colônias, e por isso se vem hoje tão augmentadas, e populosas; logo menos se deve reparar em fazer estes gastos, quando se intenta o bem de todo o Estado, e bem comum. E com semelhantes companhias, são bem servidas todas as cidades da Europa.

Tãobẽ não seria dificultoso o achar na Europa estes jornaleiros, que se ofereçam promptos à viagem, se atendemos à multidão de pobres, que há na Europa, e não acham patronos, a quem servir, nem quem os ocupe no seu serviço, sem mais remédio do que pedirem ũa esmola, e padecerem muitas misérias; e se lhes perguntares — quid statis tota dia otiosi? Respondem com muita verdade — quia nemo nos conducet —. Muito mais dando-lhe boas esperanças de lhes repartirem terras mui óptimas, e quantas possam cultivar no fim dos anos estipulados, no caso que nelas queiram ficar, e estabelecer domicílio, como ordinariamente fazem todos os que vão ao Amazonas lisonjeados do seu clima sempre verão, e das suas terras fertilís-

simas, e já é provérbio naquele Estado — Quem vai ao Pará parou — que não é piquena circunstância para a sua povoação. Ainda sem a proposição destas conveniências, bastava franquear a todos os que quisessem embarcar a passagem, para se oferecerem à viagem muitos jornaleiros, que só os detém a falta de licença, e liberdade de se poderem embarcar; quanto mais prometendo-lha de graça, e animando-os com promessas para o futuro de boas terras.

6º meio para prover de operários as terras do Amazonas são os presos do Limoeiro, e mais cadeias por seus crimes; comutando-lhes as penas em tantos anos de serviço mais ou menos, conforme a maioria, e gravidade dos seus crimes; e parece-me seria tãobẽ aceita aos presos esta proposta especialmente com a mesma esperança de terem terras, que poucos seriam os que a não elegessem, por se livrarem das misérias, que se padecem nas prisões, onde morrem uns à fome, outros ao frio, outros por outras misérias, além do susto, que sempre os acompanha da sentença que hão de ter. Seria pois óptima para todos esta providência; para os presos por se livrarem assim de tantas misérias; e para os ultramares, onde tanto se desejam os jornaleiros, e operários: Deveriam porém os magistrados vigiar sobre o complemento do seu serviço, a quem deveriam presentar certidão, e para não se eximirem do serviço antes do tempo do seu complemento. Já outras nações usam desta providência.

Aos mesmos índios criminosos se lhes podem comutar as penas dos seus crimes em serviços dos brancos: é certo, que com mais promptidão haviam de aceitar este castigo, do que as surras dos açoutes. Lembra-me sobre isso o sucesso de uns índios em ũa missão. Convocou um principal, ou cacique alguns índios assassinos seus vassalos, e com eles fez duas mortes; e posto que ele com outros se foi refugiar aos matos, a outros pôde segurar o seu missionário talvez não quiseram fugir, por se suporem menos criminosos: a todos se lhes deu algum castigo, e foi o de alguns o serem por toda a vida pescadores da missão; ainda alcancei um no tempo, em que ali fui missionário já muito velho, mas compria tãobẽ com a sua pena, e castigo, ainda estando às vezes tão doente, que eu lhe receava a morte, que não deixava do modo, que podia de ir pescar; de sorte que parecia já nele propensão: assim se podem comutar as penas de outros criminosos, pois tudo cede em bem comum, e nem por isso deixaram de dar assim a devida satisfação dos seus crimes.

7º meio pode ser a repartição dos índios das missões convertendo-a para este serviço dos brancos em lugar das canoas do sertão; de sorte, que já não se lhes concedam índios para irem ao sertão, mas sim para principiarem, e augmentarem os seus sítios, que como adiante ponderarei mais augmentados estariam aqueles Estados se desde o princípio se tivesse ordenada esta economia, do que com as ditas canoas ao sertão, porque as ditas viagens só tem servido para muitas mortes, que tem havido, e nada tem ajudado a povoação das terras; e os sítios sim. Ainda que adiante diremos outra melhor aplicação destes índios da repartição para novas povoações, mas no caso, que para isso se não apliquem, mais conveniente é a aplicação para os sítios, do que para as canoas; porque todo o empenho, e intento deve ser em dar adjutório aos novos povoadores a principiar os seus sítios, e a sua vida em lugar dos escravos que não tem.

Eu bem sei, que se os brancos na América se dessem as mãos uns aos outros, ajudando-se mutuamente como fazem na Europa não seria necessá-

rio andarem-lhes buscando mais adjutório; porém, como todos lá se fazem ao grave, e não querem trabalhar, preciso é dar-lhes ajudas para viver. Vem-se na Europa cidades, vilas, e povoações mui populosas sem haver um só escravo, nem deles necessitam; porque para o cultivo das terras se ajustam, e ajudam uns, a outros trabalhando um dia para um morador só com a obrigação de este lhes dar de comer, e beber; outro dia este mesmo lhes paga na mesma moeda trabalhando para eles, e deste modo todos são servidos, os mesmos índios se valem desta boa economia muitas vezes; pois por que não poderão os brancos da América viver com a mesma ermandade? pois saibam que esta é a boa economia, e bom costume de todos os lavradores, e agricultores, e só aqueles a quem por rezão de estado o não podem fazer, mas então satisfazem com a bolsa.

Todo o empenho dos europeos na América, e ultramares é possuir escravos, e mais escravos cuidando, que só quem tem muita escravatura é gente, é grave, e é rico; na verdade segundo o procedimento ordinário do Amazonas, sim lhes são precisos assim para os trabalhos das roças, e matas; como para se poderem servir em canoas próprias e com barqueiros ou remeiros de casa: Pois agora me empenho tãobẽ eu em lhes mostrar que mais perdem do que ganham com tanta escravatura; e que mais lhes vale um jornaleiro, do que meia dúzia de escravos: No novo método, que aqui lhes insinuo, não há dúvida nenhuma bem ponderadas as circunstâncias; mas eu digo, que ainda na praxe antiga são mais os damnos dos muitos escravos, do que os seus proveitos; não quero dizer que são escusados não, antes digo, que conforme a economia, que practicam são precisos, e mais que precisos; mas digo, que bem ponderados os seus inconvenientes, só por necessidades se devem ter, e não por maior ganância; pertendendo mostrar-lhes a todos o quanto mais interessam nos jornaleiros supra de qualquer modo, e meio que os possam haver, do que em terem escravos próprios (excepto para algum serviço de casa não havendo outros fâmulos) porque assim são mais bem servidos, do que tendo muitos escravos, e o mostro pelas rezões seguintes.

1ª porque os escravos, posto que trabalhem, tãobẽ gastam, e gastam mais do que trabalham; porque o trabalho que fazem, é só trabalho de algũas temporadas *v. g.* na occasião de roçar matas, remar canoas etc. e os gastos são continuos de todo o ano no sustento, no vestido, nas doenças, nos filhos, e nos seus desmanchos. Sustentam-nos todo o ano, para só os occuparem alguns tempos, bem como sustentar todo o ano ũa, ou mais cavalgaduras para só fazer com elas algũa jornada. Pelo contrário são os jornaleiros, que sustentados só no tempo preciso do trabalho, e pagando-se-lhes o seu jornal, livram de cuidados para todo o mais tempo; e feita a conta do jornal dos operários só no tempo preciso, e dos gastos anuaes da escravatura, parece-me, que estes serão tanto maiores quantos mais forem os escravos, porque importa muito um gasto diário, e vitalício. 2ª rezão é; porque dos jornaleiros só pago o sustento por tempo determinado os precisos para o trabalho; e nos escravos não só sustento os que trabalham, mas tãobẽ os seus filhinhos, e famílias, que só comem e não trabalham. 3ª porque avulta mais o trabalho de um jornaleiro, do que meia dúzia de escravos, não porque não possam com todo o trabalho, e talvez mais do que os mesmos jornaleiros, mas porque não querem: o que faz um jornaleiro um dia, não o faz um escravo em muitos dias. Muitas provas podia agora trazer para persuadir esta verdade; mas sempre contarei algũas.

No nosso Portugal ouvi dizer que um oleiro deitava por dia com o adjutório de algum servente, que lhe subministra água três mil e duzentos, ou mais ladrilhos; no Amazonas me contou um fazendeiro, que se dava por contente quando um escravo lhe fazia por dia té duzentos, dando a entender, que ordinariamente lá não chegavam. Ora vejam agora quanto vai de duzentos acima de 3 000? Mais se admirará o pouco lucro, que rendem as oficinas trabalhadas com escravos próprios; e já que falamos nos oleiros, ponhamos exemplo em uma oficina de olaria. Já eu disse, que os moradores que tem muitos escravos tem nos seus sítios muitas oficinas; ũa das que costumam ter é olaria com esta circunstância que para ela tudo tem de casa, porque tem o barro de casa, tem a água (sempre são ao pé dos rios) e tem a lenha, e fornos; e ele tem de casa, e de seu os mesmos escravos oleiros; outra circunstância mais, que a louça que nela se fabrica custa mais que dobrado da Europa *v. g.* um pote que na Europa custa 30 réis ou pouco mais lá tem o seu preço 100 réis, e as vezes tem sobido a 200 réis; e assim em proporção as mais vasilhas; pois dizem que ordinariamente não dão lucro a seus donos taes olarias, e esta foi a rezão, que deu um morador, que tendo já metido na sua olaria o vidrar a louça se tornou a deixar disso, dizendo, que vinha a dar em mais a despesa, que a receita, pelo contrário.

Vemos na nossa Europa, que a maior parte das olarias apenas tem de casa os fornos, tudo o mais compram; porque compram o barro, compram a lenha para o cozer, e muitas vezes compram a mesma água para o amassar, compram os materiaes para a vidrar, pagam os oficiaes e jornaleiros, vendem depois a louça muito mais barata, que no Amazonas; e contudo é tal o lucro, que com ele compram todos os materiaes já ditos, pagam os oficiaes, comem, e vestem eles, e suas famílias, e em poucos anos ajuntam grandes cabedaes, e que é isto, senão que vale mais o trabalho de um jornaleiro branco, do que de muitos escravos ao modo como eles costumam trabalhar? Lembra-me o reparo, que uma vez fizeram alguns, de que ũa grande multidão de escravos gastassem 7 para 8 meses em fazer um roçado, e plantamento de cana, que a trabalharem como deviam podiam aviar em menos de um mês, ao que respondeo um práctico ser a rezão, porque chegando a paragem uns não se contentando com o peixe seco, ou carnes secas, que levam para vianda, o deitam ao mar, e se põem a pescar peixe fresco; outros se põem a caçar; outros a dormir, e finalmente cada um faz, o que quer; e os senhores não tem mais remédio, que disfarçarem se os querem conservar, porque se querem obrigá-los por força, uns fogem, outros se fazem doentes, outros se levantam com os capatazes. Etc.

De sorte que se os donos, e senhores podessem sempre assistir-lhes, ou pôr-lhes algum fiel capataz, que os vigiassem poderia o serviço avultar mais; mas, como isso não pode ser, apenas o senhor, ou feitor dá as costas, já eles põem de parte o trabalho do senhor e ou se põem ociosos, ou se põem a trabalhar em algũa manobra sua, que vendem aos brancos estranhos. Foi experiência que fez um religioso muitas vezes, passando junto a uns oficiaes imaginários quando ia cumprir com a obrigação que tinha de insinar gramática aos meninos; cada vez, que passava dava algum escravo, que sempre algum se punha virado para a parte donde podiam ser visitados, e a sinal todos os

mais fingindo que buscavam entre os cavacos algũa cousa, escondiam neles as imagens, que faziam cada um particulares e se mostravam mui diligentes no serviço de obrigação; o mesmo faziam os pintores, que tinham a seo cargo pintar as ditas imagens furtando não só o tempo, e trabalho a seus senhores, mas tãobẽ a madeira, as tintas, e instromentos; e isto é geralmente o costume dos escravos em todo o seu serviço: E por isso

Dão tão pouco lucro a seus senhores, que conheci moradores, que possuindo para cima de mil escravos, não tinham, que comer, e andavam as esmolas; não os nomeio, porque poderão ainda ser vivos;* nem o primeiro sustento de farinha, vendo-se** a suprirem a falta ou com empréstimos de fora; ou com milho sucado, ou picado cru em bocadinhos, que só por necessidade se pode levar; vi outras vezes** por não haver, nem se achar um bocado de peixe, com que se podessem remediar; com ũa galantaria, que nas taes occasiões se regalam os mesmos escravos com estas cousas. Vio ũa vez um** a um escravo, que atirou a um monturo a porção que levava para sua casa de badejo, que era** e chamando-o lhe perguntou, porque deitava o comer fora, sendo o mesmo que tinham dado** respondeo logo, que em sua casa havia bom peixe fresco, e que lá se não comia peixe seco. Em fim comem melhor, que seus senhores.**

4ª rezão, porque convém mais os jornaleiros, que os próprios escravos é; porque neles tem seus senhores tantos ladrões, quantos escravos; é proposição que confirmam os mesmos brancos naturaes daquelas terras, além das experiências, que cada dia a certificam: por isso em ũa siara, de que os senhores esperavam grandes colheitas, no fim se acha com menos metade; lembra-me o que contava de si, e com as mãos na cabeça um fazendeiro: esperava ele ũa grande colheita de mandioca segundo a grande extensão do seu plantamento; mas no fim das contas, apenas se achou com 200 alqueires de farinha, quando esperava cousa de mil, porque ainda que isto socede muitas vezes por não correr o tempo propício para a maniba, e fazer-se estupenta, ou podre a mandioca, nada disto havia naquele ano, em que os plantamentos tinham vingado bem: andando lastimando a sua fortuna soube, mas já tarde, que na occasião da colheita, cada escravo tinha feito o seu provimento, que deixaram escondido no campo; e o mesmo experimentam os mais em maior ou menor quantidade.

Além de todos estes danos, que experimentam nos seus escravos, é o que já apontei outras vezes, que é a destruição das matas, e dos seus mesmos sítios: porque costumam os senhores de escravos para se livrarem da obrigação de lhes darem a farinha, que é o pão quotidiano, dar-lhes tempo, e licença para cada escravo pai de família fazer tãobẽ no mesmo sítio de seus senhores os seus roçados, e plantamentos e não só lhes dá terras, mas na occasião do roçado lhes dá algũas semanas livres, como tãobẽ outras occasiões como no plantamento, na mundação, e todas as vezes mais que eles o

* No códice, três linhas riscadas, ilegíveis.
** Palavras riscadas no códice.

pedem para algum serviço, que querem fazer, ou fingem, e fora estes tempos extraordinários lhes dão livres todos os sábados, e quando neles se vejam precisados a algum serviço, lhos recompensam em outro dia da mesma semana. Dous danos graves se seguem daqui aos moradores: 1º é a defraudação do seu serviço no muito tempo, que lhes dá livre, que feito o cômputo no fim do ano, muitas vezes mais é o tempo, em que tem trabalhado para si, do que para os senhores. 2º é que

Com estas roças, que faz cada escravo, muito a medida do seu desejo, e na melhor paragem, e terreno, que quer se destróem em mui poucos anos as matas dos sítios, e se vem obrigados os senhores ou a pedir novas terras, e mudar de sítio; ou senão quer perder as benfeitorias do primeiro se vê obrigado a fazer os seus roçados nas capoeiras dos anos antecedentes, que como ainda impróprias para a maniba não correspondem as colheitas ao trabalho, e só vão a remediar necessidades; e quanto mais são os escravos, mais são as roças, e mais depressa se acabam os matos: de que sucede, que se um morador que tem a data de 3 légoas de terra; e por isso teria matas para roçar *v.g. em* 30 anos, e como já então as terras antecedentes tem tempo de tornarem a renacer em matas capazes a se tornarem a repetir os roçados, tem terras de sobejo para toda a vida, apenas com os escravos lhe chegam a 6 ou menos anos: ainda tem outro inconveniente que desconsola muito a estes moradores, e é que mandando fazer um roçado no meio dele, e já com trabalho de muitos dias se encontra com ũa capoeira que no ano antecedente foi roça de algum escravo, ou com o plantamento daquele mesmo ano, e quando se não veja obrigado a mudar de paragem, e principiar de novo o trabalho com semilhante risco, já aquele roçado fica com seu senão deixando no meio aquela ilha de piqueno mato para couto das feras que costumam damnificar as roças.

Enfim são tantos os inconvenientes, e danos destes escravos, que se não fosse a precisão deles para as occasiões por não haver vulgo, nem jornaleiros, a que se poder tornar, que só por pura necessidade se deveriam ter; e admiro a ambição com que os brancos se empenham a fazer nos seus sítios grandes povoações de escravos, e mais escravos, sendo que quantos mais tem mais inimigos tem, mais depressa destróem as suas fazendas; faz mais gastos no seu sustento, e mais ladrões mete em casa; e todos estes danos se evitam com os jornaleiros por qualquer modo, que os possam haver. Ainda no caso que se não possam haver os jornaleiros, e por isso se continuem as escravidões para os precisos serviços das roças, e das canoas aconselharia eu, a quem me consultasse, outro modo de economia aos que tem muitos escravos *v. g.* assim:

Retendo em casa meramente os mui precisos para o serviço de casa, e nos sítios da mesma sorte um, ou dous casaes, todos os mais aldeá-los em povoação a parte como são as povoações dos índios, com terras bastantes para poderem cultivar; em fim como qualquer outra aldeia e só com as obrigações seguintes. *V. g.* de dar cada casal por ano um rolo de pano a seu senhor, tantos alqueires de farinha *v. g.* 10 por casal, tantos de milho, e tantas ou taes

outras bagatelas; e tantos homens de trabalho *v. g.* 20 toda a vez que o senhorio os pedir, enfim pô-los na mesma condição, que tem na Europa muitas cidades, e povoações sujeitas com semelhantes obrigações a seus príncipes, e senhorios; no mais se governam, e tratam como forros com justiças, e governos, que lhes nomeam, e põem os mesmos senhorios, e com a condição de não poderem mudar domicílio sem licença.

Remedeavam-se assim os muitos danos, que dissemos; e ficavam os escravos mais contentes por ficarem como livres: remedeam-se os danos; porque assim só no tempo dos roçados com aviso se mandam vir os precisos para o trabalho, e nada mais, o qual acabado, voltam para a sua aldeia; o mesmo, quando são precisos para remarem em algũa viagem, e todas as vezes que são precisos para algum serviço; e livram-se assim os senhores dos muitos gastos, que fazem na economia praticada no sustento, cura, e vestido para os filhos e famílias em todo o ano, e em toda a vida: Livram-se dos furtos contínuos, que costumam fazer nos sítios: Livram-se dos danos das suas terras; matas; e finalmente de todos os mais danos supra, como cada um pode considerar.

Até assim há de avultar mais o trabalho e serviço dos escravos, que por estarem com o sentido nas suas famílias ausentes hão de procurar expedir-se o mais breve que puderem para irem acudir a suas casas; fazendo em 15 dias *v. g.* o trabalho, que antes faziam em um, ou mais meses: da mesma sorte se convocariam suas mulheres para os serviços das capinações, colheitas e todos os mais que são próprios da gente feminina. A maior dificuldade seria para os engenhos de açúcar, e água ardente, ou para corraleiros e pastores do gado nos que tem corraes: mas ainda estes podem usar da mesma economia, só com a diferença, ou condição de ter sempre actualmente os subjeitos precisos ao serviço que tem actual *v. g.* dos 20 operários que dissemos, os quaes podem andar revezados de 3 em 3 meses, para abranger a todos o trabalho: Enfim serem povoações semelhantes às que no mesmo Estado chamam aldeias de serviço, como tem as religiões, só com a diferença, que nas aldeias de serviço pagam os senhorios o trabalho dos operários; e nas aldeias, que se fizessem dos escravos, só dariam os senhorios o preciso sustento aos trabalhadores actuaes.

Tudo isto é amostrar aos habitantes da América o muito, que melhorariam, se em lugar de escravos tivessem, ou buscassem operários, e jornaleiros para o cultivo dos seus sítios; e muito menos lhes são necessários usando da agricultura dos milhos ao modo da Europa, e fazendo estáveis as suas terras como propusemos no 1º capítulo ponto que deve ser o 1º objecto dos moradores do Amazonas, sem o qual nunca será povoado nem terá augmento aquele Estado; porque a agricultura deve ser tão fácil, que a possam usar todos os moradores; e não andar anexa só aos que tem multidão de escravos: Deve pois introduzir-se o uso dos milhos, e pão da Europa em estáveis terras, e desterrar-se por ũa vez a farinha de pao, ou quando muito fazerem dela algum pequeno plantamento, os que tem muita gente de serviço, não para sustento ordinário, mas para variedade, e para alguns préstimos particulares.

CAPÍTULO 4º

DO MODO MAIS FÁCIL, E PRÓPRIO DE SE AUGMENTAREM AS PRECIOSAS RIQUEZAS DO AMAZONAS COM GRANDE CONVENIÊNCIA NÃO SÓ AOS PARTICULARES; MAS DE TODO O SEU ESTADO.

É este capítulo o principal intento desta obra e todo o objecto desta 5[ª] Parte como tãobẽ o seguinte. Nele havemos de supor 3 cousas, e havemos de atender a 3 indicações: A primeira suposição é a providência de operários aos habitantes do Amazonas, de que falamos no capítulo antecedente: a 2ª é a licença dos mesmos habitantes para mandarem canoas às colheitas do sertão todos os anos com índios da repartição das missões: 3ª é a contingência do bom, ou mau successo destas canoas. As 3 indicações a que havemos de atender são 1ª obviar os danos dos índios assim espirituaes, como temporaes de semelhantes canoas ao sertão. 2ª mostrar em como estas canoas são não só aos particolares que as mandam, mas tãobẽ ao bem público de todo o Estado mais perniciosas, que úteis, e maiores os seus danos, que os seus proveitos. 3ª persuadir a todos um meio mais fácil, e seguro de terem nos seus sítios sem risco algum as mesmas riquezas, que com tantos riscos buscavam nos sertões, com tanto augmento do Estado, que se agora apenas tem carga para 6 navios, em cousa de 6 anos apenas a poderão transportar para a Europa 40, ou 50 naos.

Tudo está na milhor aplicação dos índios, e operários com melhor providência, e mais bem regulada economia: Apliquem os índios, e operários, que supomos na repartição aos moradores, ou seja a antiga, que se fazia nas missões, ou de algum outro modo, dos que propusemos no capítulo passado em augmentos dos seus sítios, fazendo plantamentos, e fazendas estáveis das riquezas, que com tanta ânsia vão buscar aos sertões que eu lhes seguro com experiências indubitáveis, que em cousa de 6 anos serão tantos os seus fructos, e productos, que lhes rendam mais, do que a mais bem socedida canoa do sertão. Sirva para prova a experiência que acima dissemos do missionário que em menos de 4 anos tinha já em um sítio para cima de 10 000 pés de cacao, que ao 6º ano já todo havia de fructificar, e suprir com muitas ventagens a canoa do sertão, e podia alegar outras experiências de moradores particulares, que tãobẽ iam já usando da mesma indústria; pois esta mesma economia se deve observar em todos, e em poucos anos terão hortenses com muita paz, e sossego as riquezas do sertão tão arriscadas, e perigosas.

Propriamente são ũa tentação dos brancos as canoas do sertão, porque com a esperança de logo enrequecerem de repente com o seu producto na torna viagem vindo bem socedidas, nelas põem todo o cuidado, nelas empregam os seus cabedaes, e pouco ou nada curam dos sítios; e no fim das contas se acham empenhados, porque muitas vezes vem as canoas mal socedidas, ou perdidas totalmente e os donos com as mãos na cabeça vendo-se empenhados nos gastos de 400 000 réis pouco mais ou menos, que fizeram para a expedir; e muito mais, se tãobẽ no seguinte ou seguintes anos lhe socede o mesmo, porque de semelhantes soccessos ficaram muitos por portas;

e se eles em lugar das canoas tivessem aplicado os índios nos seus sítios com bons plantamentos das riquezas do sertão por certo que fariam já grandes colheitas, e teriam nelas um bom tesouro embora que nos primeiros anos não fosse tão avultado o lucro, como poderia soceder vindo bem socedidas as canoas do sertão; porém quem não sabe, que vale mais um passarinho na mão, do que dous a voar?; ou 100 arrobas de cacao certo, e sem sustos, nem gastos, do que 200 incertos no arriscado das matas?

Devem pois desterrar-se totalmente as viagens do sertão por serem mais perniciosas, que úteis aos particulares, e a todo o Estado, e em seu lugar se faça a aplicação dos índios para o augmento dos sítios, como irei mostrando por partes. São perniciosas para os brancos, que as mandam; porque se empenham para as aviarem com incerteza do bom successo; e se um ano lhes vem bem socedidas 2 ou mais anos lhes vem perdidas: são perniciosas porque com as esperanças incertas do bom soccesso nada procuram augmentar os sítios, sendo por isso sempre ũas matas bravas; e se socedem alguns anos o não haver índios de repartição ou por andarem occupados no serviço real; ou por contágios de perigosas doenças, lá ficam os moradores sem canoas do sertão, e sem augmentos dos sítios, enfim são fracas riquezas as que dependem, e necessitam de braços alheios; porque faltando estes faltam as riquezas, além de que as missões, e povoações dos índios vão em tanta decadência que visivelmente se vão acabando, e segundo a voz do vulgo,* que há de vir tempo, em que se perguntará naquele Estado, que cor tinham os índios? — virá tempo em que faltarão os índios aos brancos: e só se acharão com as benfeitorias que tiverem nos seus sítios, e se nenhũas tiverem, ficarão pobres.

São perniciosas ao Estado; porque por estas mesmas rezões não tem, nem nunca terá augmento com semelhantes canoas; antes tanta mais decadência quanto menos forem os sítios, e os seus fructos; e pelo contrário será tanto maior o seu augmento quanto mais rendosos forem os sítios; porque avultarão os dízimos; crecerão nas alfândegas as rendas, e se augmentarão as frotas: enfim o augmento dos Estados anda anexo ao augmento dos moradores, se estes na comũa praxe das canoas nenhum augmento sentem, antes muitos choram a sua decadência, como poderá augmentar-se o Estado? Parece-me, que esta é a rezão genuína de não terem augmento, antes como já dissemos muita decadência os Estados do Amazonas; porque toda a sua felicidade se estribava em duas contingências 1ª na escravidão dos índios; 2ª nas canoas do sertão; e como lhes faltou a primeira, e se diminuem as canoas, necessariamente há de ir em decadência todo o Estado.

Sobre tudo são perniciosas as canoas, e viagens do sertão aos índios pelo trabalho insano da remagem; pela má vida, que levam expostos na dilatada viagem aos raios do sol, e de noute ao sereno, e assaltados das molestíssimas pragas de mosquitos, que bastam a dar-lhes um grande martírio, sem terem em o dilatado tempo de 7 ou 8 meses outro resguardo mais, que o seu próprio corpo, onde tãobẽ aparam as chuvas, e mais inclemências do tempo, sem em todo ele terem um só dia, ou ũa só noute de sossego, e comodidade. Daqui nacem tantas mortes, ou ao menos doenças habituaes, que padecem, e lhes abreviam a vida; e por conseguinte as muitas misérias de suas famílias mulheres e filhos; estes ficando órfãos, e aquelas viúvas: Nasce tãobẽ daqui a grande decadência, que se vê nas missões, porque se não fos-

---

* Riscadas quatro palavras do texto manuscrito.

sem os repetidos decimentos dos índios selvages, que fazem os seus missionários já dos fundadores não haveria ũa só geração, nem ũa só aldeia.

Enfim só para os missionários que estão no interior do Amazonas, e que tem ao pé as drogas, e para os cabos sertanejos, que vivem, e enriquecem neste ofício serão úteis estas canoas, e viagens; mas não para os brancos, e missionários distantes. São úteis àqueles missionários; porque tendo ao pé das suas missões as matas fructíferas, as podem desfrutar sem incomodidades dos índios; mas estes são só os missionários do Rio Madeira, e do Rio Solimões; mas o que melhoram na vizinhança das matas, e haveres, peioram na condução à cidade do Pará, em que tãobẽ padecem muito os índios. São úteis para os cabos sertanejos; porque como estes nada concorrem para semelhantes canoas e viagens mais, do que com a sua pessoa, comem, bebem, e se regalam sem custo de um ceitil, e no fim da viagem se recolhem com os quintos, lucram muito e nada perdem; e ainda que as canoas não achem carga, e voltem perdidas, nunca eles perdem, antes lucram todos os gastos que poupam nestes 8 meses: só para estes são úteis, e convenientes as canoas do sertão; mas não para os moradores, que fazendo gastos certos, são os productos mui contingentes.

E para que acabem de desenganar-se destes inconvenientes, lhes quero mostrar bem aos olhos o pouco que lucram com estas canoas os moradores, ainda quando elas lhes voltam bem socedidas. O maior producto que pode trazer ũa destas canoas no seu melhor successo são 10 000 arrobas de cacao, ou 200 arrobas de cravo fino; ou 150 até 200 de salsa, que são as cargas, que ordinariamente buscam com algũas ajudas de peixes secos, bálsamo de cupaíba, e cousas semelhantes como cousa accessória: qualquer destas cargas que seja conforme o preço ordinário na cidade em que o cacao vale a 1 000 réis o cravo fino a 5 000 e a salsa parrilha a* apenas sobe a primeira carga a um conto de réis tirando deste cômputo os quintos do Cabo, que são duzentos mil réis, e abatendo os gastos no preparo das canoas, que chegará a quatrocentos mil réis, e às vezes mais pelo aluquel da canoa; apenas lhe ficam de lucro outros quatrocentos mil réis; ainda lhe concedo nos accessórios de peixes etc. mais duzentos mil réis que fazem por tudo 600 mil é ordinariamente o maior producto, a que podem chegar estas canoas no seu melhor successo; mas tãobẽ se dão já os donos por bem contentes quando chega a 100 mil réis, e muito mais quando chega a 200 livres.

E por 200, ou 100 mil réis arriscam uma canoa grande, que lhe custará três dobrado, a vida e saúde de 30, ou 4 índios, e consomem 7 ou 8 meses, muito mais lucrariam com estes índios e ainda só com metade; ainda digo, que lucrariam mais de 400 ou 600 mil réis se aplicassem só metade em algum benefício dos seus sítios; e senão vejam: Com 30 índios podiam em menos de 2 meses fazer no seu sítio um roçado de 400, ou 600 braças para plantamento de maniba, milho, e algodão; podiam mais fazer um plantamento de pacoveiras e cacao de 20 000 pés ou mais; podiam fazer outro igual de plantas de café, e semelhantes outras benfeitorias; mas deixadas estas à parte, vamos só ao plantamento da maniba de 400 braças em quadro segundo o que costumam estes render nas matas do Amazonas, onde não tem tantos riscos as suas colheitas como no Maranhão, e Pará seriam os seus productos para cima de 2 000 alqueires de farinha de pao, que vendida pelo preço ínfimo de 200 réis faz a soma acima de 400 000 réis em pouco menos lhe deitaria o milho, e algodão que costumam semear-se por entre a mesma ma-

* Pequeno espaço em branco no manuscrito

niba, com a circunstância mais, de que todo este roçado, e plantamento o fariam os índios em menos de 2 meses, e por conseguinte seria o pagamento muito mais diminuto.

Os mesmos avanços teriam, ou talvez mais, se em lugar de maniba fizessem um canavial, digo que talvez mais, porque como os canaviaes duram 5, 7 ou mais anos se bem lhe deitarem as contas, vem a sobir o seu lucro ao lucro de 5, ou mais canoas do sertão. Podiam tãobẽ em lugar das canoas occupá-los em factura de canoas, que em 7 meses trabalhando actualmente lhes poderiam fazer 6 das maiores, e como estas correm o preço de 400 000 té 600 000 réis cada ũa, vejam até onde sobe os avanços sobre os bons successos das canoas do sertão: Bem lhe deitava estas contas um certo cidadão do Pará, e por isso tirando Portaria para entrar na repartição dos índios não se queria arriscar as viagens, e colheitas do sertão, contentava-se com mui poucos, e levando-os para o seu sítio os punha a serrar madeira; e nisto achava todos os anos um lucro sobrepujante ao da mais bem socedida canoa. Outro conheci eu na mesma vizinhança do Pará, que não querendo nunca arriscar-se a semelhantes canoas, se aplicava com sua mui piquena família, sem mais escravo, ou escrava, ou jornaleiros alguns mais do que dous, ou 3 meninos, que acariciava algũas vezes, ia fazendo tão copiosas fazendas de cacao e café, que diziam outros dele seria em mui poucos anos um dos mais ricos homens do Amazonas. Onde, senhores, tomara que cada um considerasse nos riscos, e pouco lucro destas canoas, e verão que são mais perniciosas que úteis.

O que suposto, se querem os moradores do Amazonas ser mais bem socedidos, e saciarem melhor as medidas da sua ambição; e se querem os magistrados ver em poucos anos mui augmentado o Império do Amazonas usem da melhor economia que lhes proponho, desterrem por ũa vez as canoas do sertão; façam aplicação dos índios, ou quaesquer outros operários para augmentar nos seus sítios, e quintas grandes fazendas, façam hortenses as riquezas das matas, e verão como em cousa de 6 anos serão tantos os frutos e haveres do Amazonas, que lhes não poderão dar transporte as maiores frotas acompanhando tanta riqueza com paz, sossego, e quietação, e augmento dos brancos, dos índios, e do Estado. Não empenham as suas casas, não arriscam os seus gastos; não padecem os índios, e não se despovoam as missões. A maior dificuldade que pode ter esta praxe está nos governos, e ministros régios, que lhes diminuirá muito os seus intentos; devem estes ser os mais empenhados promotores desta economia, e do augmento de todo o Estado; mas como os seus maiores empenhos são encher as suas bolsas, e nas canoas do sertão (posto que lhes são proibidas) tem o maior complemento dos seus desejos, receio, que não queiram assentir ao novo método, que proponho; porém não deixarei de persuadir a sua execução, porque dela, quando se não queira pôr em máxima geral de todos, ao menos se aproveitarão muitos do conselho, muito mais depois que o virem por experiência bem socedido.

Cuja praxe pode ser assim. Proibidas, e desterradas as canoas do sertão, e feita a aplicação dos índios da repartição para augmento dos sítios só aos moradores, que não tem escravos suficientes (porque os que os tem não necessitam, antes se os pertendessem, prejudicariam aos que os não tem) se repartam, estes índios do mesmo modo, que mandam as leis da repartição aos moradores, que tirarem Portarias, só quantos sejam precisos para fazer um grande roçado nos seus sítios para seara de milhos, tabacos, arroz, e al-

godão (porque tãobẽ se devem desterrar como já dissemos o cultivo da maniba e farinha de pao) *v. g.* de 400 braças em quadra: o qual podem fazer em cousa de 60 dias pouco mais, ou menos; e como os paos gastam tempo em secarem, e se disporem para o fogo, no entretanto ou voltem os índios para suas aldeias, ou vão fazer o mesmo serviço a outro morador; ou o primeiro os occupe em algũa outra cousa, para os ter promptos na occasião das coivaras, no caso, que as matas não ardessem bem, as quaes feitas, e feitas tãobẽ as ditas sementeiras podem voltar para a sua aldeia em cousa de 4 meses.

No entretanto, que crescem, e se fazem as siaras semeem os brancos à parte em grandes canteiros, ou por entre as mesmas siaras, cacao, ou café, ou canela, ou cravo; no fim dos 3 meses, em que já as siaras estão de vez, façam a colheita, e basta para ela o mesmo morador com sua família, quando não possa achar adjutório; em contraposição das colheitas da mandioca, que necessitam de bastante gente: feita a colheita dos milhos, e arroz, por baixo do algodão já o cacao ali semeado vai crecendo com mais desafogo, fazendo-lhe sombra os mesmos algodoeiros nem isso impede para que aos 6 meses se vá já fazendo a colheita do algodão, nem é necessário mais cuidado, que conservar limpo o terreno de ervas, e arbustos, e basta isso para crescer o cacao sem a precisão de pacoveiras, nem de mais sombra, que a do algodão.

No seguinte ano convocando outra vez os índios, e operários façam outro igual, e semelhante roçado de 400 braças em quadro, e em quanto ele se seca, e dispõem para o fogo, com os mesmos índios disponham no primeiro roçado as plantas do cacao semeado no ano antecedente, porque já então está suficiente para se plantar, e dispor; digo plantar, e dispor; porque ou ele fosse semeado em canteiros à parte, ou por entre as mesmas searas, como foi semeado sem ordem, e esta faz as fazendas mais vistosas, e alegres, e assim o tem observado já os antigos, bom é que disponham, e plantem as ditas plantas do cacao em fileira, e ruas como se costuma de 8, ou de 10 em 10 palmos cada planta, e nas 400 braças se accomodam desta sorte 80 000 plantas, e mais se as dispõem de 8 a 8 palmos para a sombra, que necessitam, no caso que não baste a do algodão, podem dispor pacoveiras, como se costuma, ou semear-lhe milho, que logo cresce e assombra: e logo façam outra sementeira de cacao para terem prompta no ano seguinte; no caso que não queiram logo no primeiro ano fazer ũa sementeira tal, que lhe dê plantas para os roçados de, ou 3 anos, que seria talvez o milhor, se não houver inconveniente no dispô-las ao depois sendo crescidas.

Com esta indústria podem continuar os mais anos enquanto tiverem terras; mas dou-lhe que só o façam nos 3 primeiros anos, e que reservem as mais terras para sementeiras e sustento preciso; nos 3 anos (sendo tudo cacao) fazem ũa fazenda de 2 contos e mais de cacao; que já no 4º ou no 3º para o 4º ano há de principiar a pagar a seus donos nas pr.meiras plantas o cultivo; e no 6º já todas as plantas dos primeiros 3 anos hão de fructificar, façam isto todos os brancos moradores do Rio Amazonas, que eu lhes seguro um grande tesouro hortense sem os grandes riscos, e inconvenientes das canoas do sertão; e que já no 6º ano avultarão tanto as suas riquezas, que só lhe poderão dar transporte numerosas frotas: Porém para melhor segurarem estas riquezas, não seja só o seu cuidado para o cultivo do cacao, mas tãobẽ se estenda aos mais gêneros do Amazonas, *v. g.* occupando nas primeiras 400 braças do primeiro ano só cacao; no seguinte roçado do seguinte ano

café; no 3º cravo; no 4º canela; no 5º salsa etc. e assim pouco a pouco as mais riquezas do sertão.

Parece indubitável a melhoria; mas para a sua boa observância deve ser autorizada por quem pode primeiro proibindo as canoas ao sertão; 2º repartindo terras com a condição de só assim serem beneficiadas, e augmentadas. 3º concedendo-lhes aos moradores os índios de repartição só para este efeito; os que se julgarem precisos *v. g.* 20, e só por espaço *v. g.* de 6 anos, cousa de 3 meses ou pelo tempo suficiente em cada um destes 6 anos. 4º pôr algum Intendente, a cuja obrigação incumba a diligência de examinar, e promover a sua observância. 4º incitando os moradores com prêmios, e esperança de mais terras, quantas possa cultivar já com as siaras dos milhos, e já com as fazendas ditas. 5º impondo penas de se tomarem por incultas todas as terras, e sítios, que no fim de 6 anos não estiverem cultivadas: e tãobẽ com isto se evitará a ambição de muitos, cujo empenho é ter terras, e mais terras sem benefício algum, dando-as a quem as cultive do modo supra.

E quando as terras não sejam aptas para todas estas agriculturas, *v. g.* por muito alagadas, ou por muito baixas, e úmidas, sempre serão boas para algũas: E assim as terras firmes, mais altas, e secas sirvam para o cravo, para a salsa, e para canela; as mais úmidas para o cacao; as alagadas para as siaras estáveis de trigo, milhos, e legumes, como são as ilhas, que estão semeadas pelo Amazonas; ainda que tãobẽ estas são óptimas para a planta do cacao, o que se prova bem do muito que nelas há, e nace per si sem cultivo algum. Tãobẽ são óptimas estas ilhas, e alagadiços para as siaras do arroz, e por isso nelas se podem fazer estáveis as suas siaras, sem mais trabalho, do que semeá-las dous ou 3 anos a fio, porque já então se conaturaliza naquele alagadiço para sempre como mostram os muitos, e grandes arrozaes, que há de sua natureza pelos lagos do Amazonas. A planta do café foge de alagadiços, e quer terra seca, e é ũa das mais estimadas plantas pelo muito, que carrega, e fructifica logo no 2º ou 3º ano, e por isso deve levar ũa das primeiras atenções aos lavradores do Amazonas; nem para se colher é necessário apanhá-lo das árvores; basta conservar-lhe limpo o terreno, e de quando em quando varrer e levantar do chão as frutas caidas; que com esta mestria se fazem com mais suavidade as suas colheitas.

Desta mesma indústria, e aplicação dos seus 25 índios deveriam usar nas suas missões os mesmos missionários, concertando com os seus neófitos algum terreno suficiente *v. g.* de 1 000 braças, e nelas mandando fazer os mesmos plantamentos *v. g.* em 200 braças cacao, em outras tantas café; em outras salsa, e em outras cravo; e nas 200 que restam pode cultivar um horto, e ũa seara de milho, que lhe sirva em lugar de farinha de pao para o pão quotidiano; todo este cultivo pode fazer em um ano, ou dous com os seus 25 índios, bem a vontade, nem tenham receio, de que no fim de 3 ou 4 anos por diante lhe faltem haveres, com que possam muito bem fazer os seus provimentos, e acudir, como costumam, às necessidades dos índios; antes o poderão fazer melhor, do que com as canoas do sertão, cujos productos saem muito caros aos pobres índios, e são muito contingentes; até então serão menos os gastos, como bem advertiu um zeloso missionário, porque:

Um dos maiores gastos que fazem os missionários nas missões são os pagamentos dos ditos índios, compra, ou factura de canoa, e seu aviamento; como desta sorte evitam a dita canoa, e viagem; e fazem desistência dos ditos índios, de que do 3º ou 4º ano por diante já não necessitam, aí poupam, e evitam todo esse dispêndio, e evitam tãobẽ os empenhos das suas missões

ou pelo mao successo das ditas canoas, ou por não as poderem muitas vezes expedir nas occasiões dos contágios, que costumam padecer os índios, ou por outras causas, que podem soceder. E tãobẽ assim, suposta nos brancos esta economia, se conformaram melhor com eles: e as colheitas do sertão fiquem muito embora para os brancos, e missionários que lá lhes ficam ao pé, e tendo-as à mão, bem se podem utilizar delas sem os inconvenientes supra; ainda que tãobẽ farão melhor, se as fizerem hortenses, do mesmo modo, que os mais.*

Ora cortemos já de um golpe,** visto termos este meio, e subterfúgio tão fácil, de termos*** as colheitas, que buscamos no centro das matas: Atendamos tãobẽ aos filhos e famílias dos ditos índios, a quem se podia chamar com mais rezão órfãos, e viúvas pela longa ausência dos maridos: Tudo se remedea com o cultivo supra, até assim se provocam, e excitam os mesmos índios a terem mais coriosidade, e cultivarem os seus mesmos sítios as riquezas do sertão, visto serem macacos dos brancos, fazendo o mesmo, que lhes vem fazer; e ainda a isso os deveriam exortar, como tãobẽ ao cultivo, e agricultura supra das siaras dos milhos estáveis, pelo muito que tãobẽ nisso melhoram, fazendo os seus sítios estáveis, e menos laborioso o seu trabalho, com grande utilidade das suas famílias, augmento das suas**** descanso das suas pessoas, e bem de todo o Estado.

Este é pois o meio mais apto, e accomodado para todos os moradores, e habitantes do Amazonas não só, os que de presente lá já são existentes, mas todos os mais, de que não duvido, hajam brevemente concorrer à sua povoação, seguros da abundância e fertilidade daquelas terras, poderem cultivar as herdades que naquele Estado possuírem, convertendo as suas dilatadas matas em fazendas estáveis de muitas riquezas, e suprirem com os índios da repartição das aldeias a falta de escravos, sem mais requesitos do que a sua melhor aplicação para augmento dos sítios, em lugar das canoas do sertão, que bem ponderadas não são tão úteis, como perniciosas a todos os particolares, e a todo o Estado. Advertindo porém 1º que todas essas fazendas que forem fazendo ou sejam de cacao, ou de café etc. se vão amparando com algũas outras plantas de árvores fructíferas como laranjeiras, abacateiros, beribazeiros, ticurubazeiros, e outras pela grande utilidade, que fazem nestas fazendas, não só dos fructos com que as fartam, mas tãobẽ da sombra com que amparam as ditas fazendas, porque tem mostrado a experiência, que quanto os cacuais são mais sombrios com estas árvores, tanto mais florescem, e fructificam, e já os moradores antigos conheceram esta verdade.

O que posto, sem perturbarem as direitas fileiras, e vistosas ruas dos plantamentos pode entrometer outras árvores *v. g.* de 30 a 3 palmos ũa laranjeira; em outra fileira ũa espécie etc. em outra outra espécie; e assim por todo o plantamento. Sei de um morador, que cuidando melhorar muito ũa fazenda de cacao, que tinha à sua administração, mandou desassombrá-la de várias outras árvores, que tinha pêlo; mas no efeito conheceo o grande dano, que lhe fez. Advertindo 2º que nas plantas do cravo, que tãobẽ devem fazer hortenses, se deve mudar de sistema, do que tem introduzido o uso,

* No códice, todo o parágrafo seguinte (11 linhas) está riscado.
** Uma linha riscada no texto manuscrito.
*** Três palavras riscadas no códice.
**** Uma palavra riscada.

ou abuso; é este não aproveitar a sua flor; e cortar as árvores para lhes despir a casca, que só aproveitam. Este abuso é tão oposto ao bem comum, e augmento do Estado, que por tempos o há de fazer totalmente estéril destas tão nobres, e ricas plantas, como já a experiência o tem mostrado nos rios, em cujas margens eram todas as matas cravo, e mais cravo; e agora apenas com muita diligência se acha já ũa planta; de sorte, que já os sertanejos o vão buscar muito ao centro dos matos com grande custo e risco.

Devem pois tãobẽ os que tem a seu cargo o augmento do bem comum, desterrar totalmente este abuso, e introduzir nova praxe, primeiro incitando os moradores a aproveitarem a sua flor, que é o mais precioso, que tem o cravo; e é o que só aproveitam os asiáticos desta planta: O que no cravo hortense, e cultivado será fácil o ajuntá-lo na terra. 2º proibindo o corte, e destruição das árvores para lhes despirem a casca; vindo assim ũas tão belas árvores a servir ũa só vez na sua vida, quando pode durar, e fructificar séculos, mas que sem as cortarem, nem deitarem por terra, com escadas proporcionadas lhe podem tirar a dita casca de baixo até cima posto que não seja com tanta facilidade, como se a deitassem por terra; porque assim farão as suas colheitas por muitos anos, e terão fazendas estáveis por toda a vida; e para que ela não sequem lhes deixem sempre algũa fita, ou tira da casca de baixo até cima, porque pela casca é que as plantas atraem a umidade.

E se alguém estranhar o conselho, peço-lhe que o não condene antes de o experimentar; porque julgo, que só tem contra o abuso dos sertanejos; e saiba, que deste modo é que na Ásia, e mais partes onde há canela lhe despem, e tiram a casca, bem aviados estariam os holandeses, se na sua famosa Ilha de Ceilão estivessem com tanto cuidado, e ambição cultivando a canela, para depois de árvore só dela se aproveitarem ũa vez. Não secam as plantas ordinariamente, senão quando as despem totalmente da cortiça ou casca; mas se lhe deixam algũa tira debaixo té cima tornam a crear nova camisa, e já aos dous anos, estarão outra vez capazes de nova colheita.

A mesma advertência serve para a canela assim ordinária, como a chamada casca preciosa, ou canela de punkim, e para a casca do pao umeri, que entre todas as referidas devia ter a primeira estimação; mal empregada planta nas matas bravas do Amazonas; grande tesouro daria cultivada nos sítios a seus donos, porque só no bálsamo, que destila, lhes daria um morgado. Não seria menos precioso o cultivo da baunilha, de que podiam os moradores fazer boas parreiras nos seus sítios, e quintaes com mais utilidade, e conveniência, do que as parreiras do morocujá, que cultivam, ao menos as podem plantar ao pé das árvores hortenses, a que se encostem. E finalmente podem fazer hortenses todas as riquezas do sertão; o puxeri, o guaraná, o anil, o caapiranga etc. e não devem estar atidos os moradores do Amazonas em as terem pelos matos, porque lhes podem faltar os índios para as ir buscar, canoas, e mais preparos: Além de que nas colheitas do sertão só aproveitam os fructos maduros que acham de vez, e perdem todos os mais, que ainda o não estão. Nos sítios porém aproveitam todos sem dependência de ninguém.

Advirto 3º que eu nesta aplicação dos índios da repartição prescindo se se podem obrigar, ou não ao serviço dos brancos, porque com isso me não meto, porque sei é matéria tão odiosa aos brancos do Amazonas o dizer que não se podem obrigar os índios ao seu serviço sem injúria da sua liberdade, que quase correm às pedradas, quem o diz, porque o seu empenho é não só obrigá-los mas tãobẽ se podessem, os fariam todos escravos; e como sei este

empenho, prescindo da questão; digo porém, que ou sejam obrigados, ou voluntários, se se hão de occupar nas canoas do sertão, como costumam, se apliquem antes para o benefício dos sítios de cada branco, pela grande melhoria, que disso resultará aos mesmos brancos, a todo o Estado, e aos índios, até então estão os índios menos tempo ausentes das suas casas, e famílias, e se adoecem, podem com facilidade remeter-se à sua aldeia, onde serão assistidos pelos seus missionários não só com os remédios do corpo, mas (que é o principal) com os remédios da alma.

Advirto 4º Que esta praxe e cultivo das terras, e sítios de cada um se não pode bem practicar havendo nos sítios a muita gente, e costume antigo, de cada escravo fazer à parte, e separados os seus roçados; porque tantos roçados seriam impedimento, e grande obstáculo ao cultivo, e continuação das fazendas; não quero dizer com isto, que quem tem muita escravatura os deixe, e despeça de sua casa, e serviço para poder com mais comodidade cultivar em boas fazendas os seus sítios; mas digo, que nesse caso melhor é ou apartá-los em terra a parte, de onde se possam buscar no tempo do serviço, como dissemos acima; ou quando não, se faça junta para todos ũa sementeira em um só roçado. Metendo-se em uso as siaras da Europa, não tem isso dificuldade nenhũa, fazendo estáveis terras de semeadura. Mas ainda no caso, que continuem a farinha de pao, se pode fazer para todos um só roçado.

Advirto último. Que no caso que algum morador não queira, ou não possa adquirir, nem entrar na repartição dos índios, nem por isso deve deixar de usar a praxe, que lhes proponho do cultivo, e augmento dos seus sítios; porque podem então usar da praxe, que atrás lhes insinuei e o modo dos tapuias salvages, que é fazer secar o arvoredo dando-lhe um golpe a roda de cada tronco só na casca, depois de alimpar o terreno dos piquenos arbustos, porque isto é tão fácil, que qualquer morador só por si o pode fazer; e sirva tãobẽ este aviso para se algum tempo faltar o refúgio dos índios, e quaesquer outros operários. Nem então tem outro inconveniente mais do que não poderem dispor então as plantas, que plantarem, tãobẽ compassadas, como nos roçados, por lhes impedirem os paos, que ficam, posto que secos, levantados; mas nisso vai pouco; e pelo tempo adiante irão caindo os madeiros, de sorte, que em poucos anos lhes ficará o terreno todo expedito. Basta de agricultura; agora diremos o método, com que suposta a praxe deste cultivo, e terras estáveis, se pode com facilidade povoar o Amazonas.

CAPÍTULO 5[º]

DO MAIS FÁCIL MÉTODO DE POVOAR O RIO AMAZONAS.

Facilitada do modo, que temos dito a agricultura do Rio Amazonas, segue-se agora insinuarmos o modo mais fácil da sua povoação. Tem sido esta

matéria um dos maiores empenhos dos nossos portugueses, e tem apontado para isso muitos arbítrios; mas talvez nos mesmos meios, que tem buscado, lhe põem obstáculos ao fim que pertendem. Deixo de relatar alheios pareceres; só proporei o meio, que me occorre, que a experiência de muitos anos de habitação naquele Estado,* me persuadem ser o mais genuíno, e fácil; ainda que não duvido, que se possam usar muitos outros, que tãobẽ ajudem ao mesmo fim; mas todos estribados no novo método de agricultura, que propusemos, assim na estabilidade das terras de semeadura, como no mais mundo, desterrada a farinha de pao; como no subsídio dos índios, e jornaleiros para o augmento dos sítios; porque sem se pôr em uso o cultivo das searas com terreno estável, e na continuação da maniba, escusado é buscar arbítrios para a sua povoação por mais, que se cansem os arbitristas; porque tanto mais dificultosa será a povoação do Amazonas no uso da farinha de pao, como fácil na cultura do grão, e searas dos milhos; e suposta a sua praxe e tãobẽ a repartição dos índios das missões para ficar na aldeia, para o serviço dos brancos, e para a congrua dos missionários vou já a propor o meio para não só se fazer bem povoado, mas mui breve, e facilmente assim.

Aplicando os índios da repartição assim os dos seculares, como os dos missionários em fazer povoações, e searas, em que se recebam os brancos, que de novo se transportarem ao Amazonas; e quando os da pertença dos seculares se não possam escusar para o trabalho e augmento dos sítios, que propusemos por não serem suficientes os mais meios de haver operários, e jornaleiros públicos, bastem então os 25 índios da aplicação dos missionários que já supomos escusos, pelo subsídio de algũa fazenda estável, que lhes dê anualmente ũa estável suficiente congrua; comotando-lhes os insanos trabalhos das canoas do sertão em fazer algũa povoação nova para brancos, quanto baste para princípio, e agasalho, porque para o diante, os mesmos novos povoadores pouco a pouco irão levantando moradias mais vistosas, e accomodadas conforme a sua vontade; ao princípio lhes bastam ũas ligeiras casas semelhantes às que usam, e tem nas suas missões os mesmos índios, e as quem levantam no princípio dos seus sítios os brancos naturaes.

Este pois é o meio mais genuíno de povoar as fertilíssimas terras do Amazonas, só com fazer nova aplicação dos índios da pertença dos missionários em fundar vilas para os novos povoadores; tomando cada missão à sua conta fundar com os 25 índios ũa povoação, e muito mais se tãobẽ se aplicarem ao[s] mesmos efeitos os indios da repartição dos seculares; porque deste modo em cada ano se augmentarão no Amazonas tantas mais povoações quantas são as suas aldeias. Eu bem vejo, que não poderiam ir logo de repente em um ano tantas famílias e moradores, que fossem suficientes a fundar de repente tantas vilas, ou povoações; mas digo, que se isso fosse possível não seria da parte dos índios, e missões impossível, porque com fácil providência lhes podiam ter promptas moradias suficientes em belas paragens, que se elegessem, e víveres os mais necessários como são milhos, e legumes suficientes ao primeiro ano; ou ao menos até segundas colheitas; e deste modo da parte dos índios basta um só ano para fundar tantas novas vilas, quantas são as missões do Rio Amazonas: A rezão é porque

Bastam 25 índios para em cousa de 4 meses fazerem roçado de 800 braças pouco mais ou menos como me certificou um mui experimentado missionário natural daquelas terras; mas basta que o façam de 400, até 500

* Sete palavras riscadas no original.

braças, o que farão em pouco mais de dous meses nas paragens, que se elegerem: enquanto ele se põe capaz de se queimar se occupem os índios em buscar esteios, e mais materiaes; que hão de servir para as casas, o que lhes poderá levar outros dous meses, ou o tempo, que for necessário té o mato cortado estar capaz de queima: ele queimado, e preparado o terreno, se faça nele ũa semeadura de milho graúdo, arroz, e algodão (que todas estas cousas costumam semear juntas ainda nos plantamentos da maniba; e no entretanto, que se faz a seara podem os índios aplicar-se a outro serviço congruente ao mesmo fim, ou voltar para as suas casas a tratar das suas lavouras, ficando algum por vigia das siaras enquanto não chega o tempo das colheitas.

Chegado este voltem os índios a fazer novos roçados, e como dissemos que para as siaras de milhos, e legumes são óptimas as ilhas, e terras alagadas, nas que lhes ficarem mais vizinhas podem fazer estes novos roçados, e entretanto, que eles se secam para o fogo, fazem os índios (ou índias, porque é lá anexo as mulheres este trabalho, ou parte dele) a colheita dos primeiros roçados, cujos productos já podem servir para os trabalhadores, e o que sobrar se vá já reservando para os novos povoadores, que na frota seguinte, se esperem; acabadas as colheitas; se entre na diligência de levantar as casas no terreno que já fica expedito dos primeiros roçados, fazendo ũa comprida correnteza à borda do rio suficiente para 50, ou 100 famílias, ou para as que se esperam, e como já para elas tem preparadas às madeiras, nos esteios, ripas, e folhas de palmas; e em lugar de pregos tem nos matos cipós a escolha, em breve tempo podem levantar as ligeiras moradias; porque sem mais pretrechos assim o usam, e fazem os índios nas suas povoações, os brancos nos seus sítios, e os sertanejos nas suas feitorias: Nem na verdade é necessário mais fábrica para a terra, que só necessita de coberta para a chuva, e sombra para o sol.

E como para semelhantes fábricas todos os índios são prácticos, e mestres, não necessitam para a sua erecção outros arquitetos, ou engenheiros, nem ainda carpinteiros mestres; porque todos os índios sabem buscar, e accomodar os esteios, que tem nas matas a escolha, as ripas nos troncos das palmeiras, e nas suas folhas a coberta; e enquanto andam nesta tarefa, ou acabada ela, como já então estarão de vez os segundos roçados para o fogo, acabados eles de queimar se façam outras colheitas das mesmas siaras; e se continuem outros roçados assim na vizinhança da nova povoação, que ao depois hajam de servir para área da vila, desafogo dos ventos, e hortas dos moradores; como tãobẽ nas sobreditas ilhas, té de todo as alimparem de matas, e fizerem campinas estáveis para siaras permanentes. Advertindo que para todo este trabalho bastam os 25 índios já ditos com algum capataz, que os dirija, só no tempo, que lhes fica desocupado das suas lavouras; porque como estas povoações devem ser em pouca distância das missões vizinhas, podem voltar quando lhes seja necessário às suas missões, e às suas roças; e por isso lhes será um trabalho muito mais suave, do que as canoas do sertão; e dentro em um ano, pode desta sorte fazer cada missão ũa nova vila para 100 famílias *v. g.* com moradias, e sustento suficiente para um ano, ou 6 meses; e terras dispostas para poderem continuar lavouras para os mais anos.

Com a mesma facilidade se pode levantar uma ramada com a decência necessária para que sirva de capela, e igreja aos povoadores por remédio enquanto ao depois se não faz igreja mais capaz, e digna da Divina Majestade, com algũa accomodada moradia ao pé para a residência do pároco.

E quem duvidar, de que se possa só em um ano sem perturbar os índios das suas lavouras, e só com 25 obreiros fazer ũa semelhante povoação no Amazonas, saiba, que eu o vi por experiência na Missão do Araticu, onde estive; porque tendo-se queimado toda a povoação, que é das mais numerosas que tem o Amazonas, em um geral incêndio, com a mesma igreja, que ainda então se andava aperfeiçoando, pouco antes da minha ida, e não obstante ũa grande fome, e caristia de farinhas por não terem podido os índios fazer os seus roçados, e cultivo, de sorte, que me foi necessário pedir, e levar* do Pará um soccorro de farinha, contudo em cousa de 6 meses já tudo estava semeado com casas feitas, roçados, e plantamentos de maniba feitos, igreja, e casa de residência do missionário quase acabada, de sorte que já com toda a decência se celebravam os divinos ofícios; e só lhes faltavam os retábulos, e algũas miudezas internas; e tudo em cousa de 6 meses.

Com a circunstância, que os índios não trabalhavam de comum, ajudando-se uns dos outros; mas cada um atendia só a si ajudado da sua família, e quando muito se ajudavam alguns parentes, que não podiam por velhos, ou doentes, de alguns parentes; nem foi necessário reter nesse ano a canoa do sertão, porque tudo se pode fazer, não obstante fazerem os índios as suas moradias em casas de sobrado ao seu modo, que é fazerem os sobrados, e paredes à roda de tiras, ou taboetas feitas do tronco de palmeiras. Porque pois não poderão 25 índios trabalhando em comum fazer uma correnteza de semelhantes casas, muito mais ligeiras, porque não é necessário fazê-las de sobrado; e fazer roçados necessários para os novos povoadores no tempo, que lhes fica desoccupado no ano das suas lavouras? O certo é, que havendo empenho não acho dificuldade nenhuma para que cada missão com os 25 índios possa fazer ũa semelhante vila, ou povoação, e muito mais sendo, como já disse, perto da mesma missão, por cuja causa podem comodamente ajudar-se das índias nas colheitas dos milhos, algodão, e legumes.

Porém, como será moralmente impossível o transportar em um só ano, e em ũa só frota tantos povoadores, e famílias, que cheguem a fazer logo de repente tantas povoações mais, quantas são as aldeias; não é necessário que cada aldeia faça logo ũa outra povoação; basta que se façam só as que forem necessárias para os povoadores, que comodamente poderem ir em cada frota; e assim mais comodamente se poderão fazer estas novas vilas concorrendo para cada ũa duas ou 3 missões juntamente; e assim podem 3 missões *v. g.* em 3 anos fazer 3 novas povoações para europeos concorrendo todas 3 juntamente com os seus 25 índios cada ano; porque fazem já então 75 operários, que são de sobejo para semelhante erecção; e podem logo de ũa vez fazer um roçado de mil braças em cousa de 3 meses, que sirva não só de área a povoação, que se pertende, mas tãobẽ de bons campos para siaras: em quanto ele se seca, tem tempo de levantar as moradias; e depois delas com outro semelhante roçado, e com o producto das suas siaras e colheitas dão já bastante terreno, e suficiente fundação para ũa vila, que ao depois se augmentará pelos mesmos seus moradores.

E para mais, e melhor mover, e excitar os índios a dita erecção se podem certificar que nisso se lhes comuta o trabalho insano das canoas do sertão, e que só hão de eregir ũa vila cada missão, e não mais; e como nisso

---

* Duas palavras riscadas no original.

interessam tanto, facilmente se capacitarão ao trabalho; e só os poderá intimidar o susto, de que ao depois fiquem obrigados ao serviço dos novos povoadores, pela experiência que tem, de que todas as povoações, que há antigas de brancos tem designadas para seu serviço algũa missão de índios, que lhes fica mais vizinha; porém esta sospeita se lhes devia tirar, desenganando aos ditos brancos, de que eles mesmos se hão de servir a si; e não é pouco o terem terras de sobejo, e todas óptimas, que possam cultivar, quando na Europa donde vão, não podiam talvez alcançar um palmo de terra, e se repuserem por eles alguns apaixonados, dizendo que na Europa não há matas, que cortar, e que tem os campos diverso cultivo, do que o Amazonas; respondemos brevemente que por isso se lhes dão já expeditas de matas algũas terras; em que podem usar a mesma agricultura, que na Europa; antes se deveriam transportar, e aldear só com esta condição, de cultivarem as terras com as siaras da Europa, e não se acostumarem a farinha de pao; e já então farão as terras estáveis, sem a precisão de todos anos cortarem novas matas.

Esta é a meu ver a causa, porque as povoações antigas dos brancos não tem augmentos, nem riquezas, porque todo o empenho, e todo o tempo se lhes vai em cortar matas, e mais matas para o cultivo da maniba, e nunca por mais que trabalhem tem terras estáveis; deixem-se os seus moradores da farinha do pao, façam as suas terras estáveis com as siaras dos milhos, e das mais da Europa, e logo terão fartura, não precisarão do adjutório dos índios, e lhes ficará tempo para todas as mais occupações: mas nunca terão augmento com o uso da mandioca, e farinha de pao, antes sempre as suas povoações serão ũas matas bravas; e para que o não sejam as que de novo se erigirem, se lhes ponha logo esta condição, de que não hão de cultivar a maniba, mas só as siaras da Europa; nem cuidem, que nisso perdem, antes ganham muito, como já dissemos; faz admirar o uso da farinha de pao nos portugueses da nossa América, sendo um sustento tão agreste, que se não pode levar só per si, só por acharem nos índios este uso; quando os espanhões do mesmo rio lhe tem tal aborrecimento, e ódio, que não só a não usam nas terras em que vivem no mesmo Amazonas; mas ainda quando alguns decem pelo rio abaixo aos nossos domínios, não a querem admitir, nem comer; e por isso desde o rio Solimões para cima, em que principiam os seus domínios, se não usa de farinha de pao. Tornemos ao nosso assumpto.

E para menos necessitarem de índios os novos povoadores tãobẽ logo desde o princípio se devem costumar ao exercício de todos os ofícios da República, principalmente à pescaria, cujo ofício será no princípio de sua fundação o mais preciso, por rezão de não acharem, nem poderem achar pelo Amazonas acima o sustento da vaca, cuja providência só há nas cidades; por isso se lhes fará indespensável o uso da pesca; e para isso logo que se aposentarem deverão determinar os pescadores precisos, os que o forem de profissão, ou na sua falta, os que se julgarem mais idôneos para isso; e para que não lhes falte este subsídio, se lhes devem ter promptas algũas canoinhas; e para o tempo adiante poderão ou continuar semelhantes pescadores, ou usar de algũa outra providência, de que adiante falaremos.

A maior dificuldade de semelhantes povoações serão os gastos precisos assim dos índios operários, como no transporte, condução e alojamento dos novos povoadores; mas para isso não duvidarão os Senhores Reis concorrer com os precisos gastos, visto que todos redundam em augmento dos Estados, e pelo tempo adiante tãobẽ augmentam a fazenda real. Em quanto aos índios trabalhadores, com 600 mil réis me parece ficarão satisfeitos, porque o maior gasto será o pagamento do seu jornal; porque o sustento basta-lhe o da farinha de pao, ou farinha de milho, o mais correrá por conta dos pescadores, que actualmente andarão no mar os precisos ao número dos trabalhadores do mesmo modo, que fazem nas feitorias do sertão, para as quaes não levam senão farinhas: o ponto está em que lhes dem a ferramenta, e instromentos necessários ao trabalho, que podem ser ou dados, ou emprestados, e consistem em machados, fouces, taciras, e poucos mais.

Para a boa execução da obra se deve dar a sua incumbência a homens prácticos, que assistam aos trabalhadores, que os saibam aplicar, que mandem fazer as colheitas, e reservá-las em paiões etc. E se se julgasse mais conveniente dar esta incumbência aos mesmos missionários das respectivas missões, em tudo se veria o melhor acerto, 1º porque são os mais prácticos da terra; 2º porque nas suas missões tem já a experiência de semelhantes povoações. 3º porque sabem aplicar melhor os índios com suavidade, e caridade. 4º porque já tem os instromentos, ou parte deles, e oficinas para os seus consertos. 5º e principal porque serão mais diminutos os gastos da fazenda real, por cuja conta só deveriam correr os gastos; porque os brancos só atendem à sua maior conveniência e com tanto que eles encham as bolsas, no mais dá-se-lhes pouco, que as águas corram para baixo, ou para cima: de que há provas evidentes a cada passo; como bem mostrava em um corioso livro um grande ministro de Portugal por experiências, que teve no seu vice reinado da Índia.

Foi este o Excelentissimo Conde da Ericeira, o qual vendo naquelas partes da Índia os grandes gastos, que faziam as feitorias na direcção dos seculares, que avultavam em dobros de outras administradas pelos regulares julgou devia como fiel vassalo noticiar à Majestade Fidelíssima do Senhor Rei D. João 5º de gloriosa memória um grande Tratado, em que mostrava *ad oculum* com factos, e experiências, que a fazenda real lucrava dobros e mais administrada nos ultramares pelos regulares, um dos factos era o concerto de algum barco real, que na administração dos ministros régios avançavam os gastos para cima de 50 000 xerafins ordinariamente, e várias vezes, que por rezões particulares se pedio aos regulares de certa religião tomassem à sua conta esta incumbência nunca os gastos passavam de 20 000, ou pouco mais: Bem o expressou ũa vez um destes ministros, que entrando a visitar os ditos regulares começou por galantaria a exclamar contra eles, de que lhe tinham damnificado naquele ano para cima de 20 000 xerafins, que teria ganhado no conserto do barco, e ainda que falava galanteando dizia a verdade.

Este livro trazia da Índia, onde o compôs o dito ministro por mais, que os ditos regulares se empenharam com ele a suprimi-lo por evitar ódios, invejas, e malquerenças dos seculares, e que com este requerimento contrai-

riam tantos mais inimigos quantos fossem os seculares interessados; e não atendendo às súplicas dos ditos regulares por não faltar, dizia, a um ponto tão principal da sua obrigação, e fidelidade, o quis presentar ao dito senhor o que não pode fazer por muito tempo; e sabendo os mais ministros, a quem o deu a ler os seus intentos, trabalharam tanto em dissuadi-lo, que finalmente vendo-se por ũa parte impedido apresentá-lo por rezão da grave doença que oprimia o dito Senhor Rei, e por outra parte importunado dos grandes, e ministros, que lhes perguntavam, que haviam de comer quando lá fossem? desistio do intento: socedeo isto no ano de

Não quero dizer com isto, que se ponham nas mãos, e administração dos regulares as feitorias, e superintendências da fazenda real por ser tão própria dos seculares, como alheia dos regulares, especialmente dos missionários que só devem atender ao bem espiritual seu, e dos seus neófitos, e no temporal só o meramente preciso, e conducente a poderem fazer o bem esperitual: Digo porém, que se quisessem os regulares tomar à sua conta cada missão o fundar ũa vila para novos povoadores, seriam sem comparação os gastos menores, do que na administração dos seculares; porém neste particular se decide, o que se julgar mais conveniente, porque tãobẽ há seculares tementes a Deus, e zelosos do bem comum, e entregando-se a estes a incumbência, aos missionários só pertença o dar os índios para a roçaria das matas, plantamentos, ou semeaduras das siaras, e erecção das moradias; e se for necessário tãobẽ índias para os serviços, que costumam fazer de capinações, colheitas, etc. sem que para isso seja necessário estarem ausentes tanto tempo, como as que de outras aldeias se costumam dar para leiteiras, e farinhas porque acabada qualquer tarefa podem voltar para suas casas até serem outra vez necessárias, nem acompanhando a seus maridos terão dificuldade, principalmente sendo a fundação ao pé das aldeias como suponho.

2º meio, com que tãobẽ se podem povoar as terras do Amazonas é licenciando, e ainda exortando com prêmios os moradores ricos, e senhores de muitas terras, e escravaturas, a que façam por sua conta as povoações, que quiserem, e poderem com a esperança de serem pelo tempo adiante seus senhorios capitães mores, ou semelhantes regalias como tem na Europa, e no mesmo nosso Portugal os senhores de terras, segurando nelas os seus morgados; pois vemos, que deste modo se fundou a cidade de Olinda em Pernambuco; a vila de Tapuitapera no Maranhão, as vilas da Vigia, e Camutá no Pará, e muitas outras: e talvez levados da conveniência, e regalia, que se contraem com semelhantes fundações, haveria muitos vassalos assim no Reino, como no mesmo Brasil, e Pará, que se empenhariam neste projecto, que por fim todo vem a redundar no fim, que se pertende da sua povoação, e em utilidade pública. Lembra-me aqui a repulsa, que ũa vez se deu a um cidadão do Pará, que queria fazer à sua custa ũa igreja, que muito se necessitava para freguesia de todo um rio, só unicamente por não gozar a regalia de a poder apresentar condição única que pedia; sendo isto na Europa tão costumado. Que dificuldades há em conceder regalias, que não custam um real por serviços tão úteis ao público? Contudo por semelhantes negativas carece o público de muitos bens, e augmentos.

A quem tem muitos escravos, e gente de serviço pouco trabalho, e dificuldade pode ter nestas fundações pelo modo, que já dissemos; e só a teriam

no transporte, e condução dos povoadores; mas como estes interessam tanto na bondade das terras, que vão povoar, mui pobres serão, se não poderem ao menos pagar a passagem, porque o mais que é preciso para princípios do seu estabelecimento de terras, e víveres lá o hão de achar, principalmente tendo, e havendo, como costumam, os bens móveis, e utensílios de casa. Tem pouca dificuldade os ditos senhores de escravos; porque basta só, que apliquem os ditos escravos a fazerem os roçados, que costumam fazer para a maniba dous ou 3 anos (quando não possam, ou não queiram em um só ano) conservando-os limpos de mato, e semeando neles as siaras dos milhos, cujas colheitas, e productos vão reservando em tulhas para já terem meia obra feita, e meio caminho andado; outro meio são os tijupares para receber os novos hóspedes: e isto podem fazer ou nas suas mesmas terras, ou em outras, que melhor se julguem.

O 3º modo de povoar o Amazonas é convidar com prêmios, e licenciar no Reino a todos os que queiram povoar a aquele Estado prometendo-lhes terras óptimas quantas possam, e queiram cultivar; e só com esta esperança não duvido, que hajam numerosas companhias de forasteiros, que se convidem uns a outros para se aproveitarem das terras. São estas companhias um agregado de inteiras famílias; que concorrendo igualmente ou como podem para os gastos, e elegendo algum capitao que os governe se resolvem a correr o mundo, e buscar fortuna. São estas companhias tão usadas, que muita parte dos ultramares com elas se tem povoado; e as nossas minas do Brasil assim é que se tem descuberto, povoado, e augmentado; e tem lá o nome de Bandeiras, porque cada Companhia de 40, ou 50, ou mais famílias obedecem a um capitão como soldados alistados debaixo de ũa só bandeira. São muito freqüentes estas bandeiras no Brasil, ainda que ordinariamente se fazem com intento de descobrir ouro, e minas, e onde as acham aí fazem alto, e se arrancham.

São como um pequeno exército posto em marcha, levam víveres, e todos os seus bens móveis, todos os dias fazem alto, e se arrancham para passar as noutes, e quando vão sentindo demasiada diminuição nos víveres, como tudo são desertos, e não tem onde os comprar, se arrancham por algũa temporada em algũa paragem, e nela fazem siaras copiosas de milhos, com cujas colheitas, e productos no fim de 3 meses, fazem novos provimentos *v. g.* para 6 meses, e acabados tornam a fazer a mesma diligência, e assim andam meses inteiros, e as vezes anos até darem com algũa mina, onde finalmente se arrancham primeiro em barracas, que levam na sua comitiva, e por isso se chamam estas povoações arraiaes, e daqui vem o conservarem ainda nas minas muitas povoações este nome diferenciadas pelo nome dos seus capitães como o Arraial de Fuão ou Bandeira de Foão, e gozam privilégios especiaes por aventureiros, descobridores, e povoadores.

Com semelhantes bandeiras, ou companhias se podem no Amazonas fazer muitas povoações, não com tantas demoras, e vagares, como as já ditas, mas só com as precisas na viagem, e transporte, havendo primeiro aviso nas frotas, e tendo-lhes já lá preparadas terras, barracas, e víveres os mais precisos para a vida. Destes e muitos outros modos se podem povoar os ultramares; e não duvido que houvessem numerosas famílias de ventureiros na

Europa, que não só aceitem, mas se ofereçam espontaneamente a navegação alistados debaixo de preveligiadas bandeiras; porque há na Europa muita gente necessitada, ainda gente de bem, nobrezas aniiladas, oficiaes descaídos, e muita outra gente que se vê na última pobreza, e miséria, e se dariam os parabéns de acharem semelhante fortuna em terras óptimas especialmente pagando-lhes os gastos da viagem.

CAPÍTULO 6º

DE ALGUNS AVISOS IMPORTANTES AOS NOVOS POVOADORES.

Como o meu intento é persuadir a todos os aventureiros a povoação do rio Amazonas, me pareceo importante dar-lhes alguns avisos concernentes ao seu bom passadio, pois por falta deles [se] contraem tantas doenças, e perigam tantas vidas em todo o mundo; porque é certo que vale muito para a vida, e saúde dos homens o cabal conhecimento das terras, ares, e climas, que habitam para se saberem acautelar do que lhes pode damnificar, e acautelar, o que lhes convém, e posto que para isso lhes bastava já a notícia [que] a todos dei na 1ª Parte do rio, terras, ares, e clima do rio Amazonas, contudo ainda nos faltam alguns avisos, que podem ser de muita utilidade aos novos povoadores do Amazonas para saberem de como hão de viver para conservarem a saúde, e de que se hão de acautelar para não contraírem doenças. Como tãobẽ os bens móvens, e utensílios, de que devem ir providos acomodados à terra que vão povoar.

Seja pois o primeiro aviso sobre o vestuário: sendo o clima do Amazonas tão cálido, como é todo o da zona tórrida, já se vê que são escusados, e supérfluos todos os vestuários encorpados, e calorosos; e são próprios os vestidos à ligeira, a que chamam vestidos de verão. Os índios naturaes andam totalmente nus bem como feras; os mansos, ou já domesticados pouco menos, que nus; os brancos, e gente recolhida quanto basta para a compostura, e decência, com roupas frescas, e leves como algodão, chita, e semelhantes e quando muito para o fresco da noute usam de algum gabinardo de baeta ligeira, e singela; e desta notícia podem inferir os que para aquelas terras mudarem domicílio, quaes sejam as roupas, de que se devem prover! Lembra-me aqui a experiência de um, que passando a vida mui valetudinariamente e cheio de achaques se resolveo a largar um colete, que sempre trazia vestido; e foi o mesmo de pô-lo, que entrar a melhorar: e conheceo por experiência, que as roupas se hão de acomodar aos climas, e calores das terras.

Seja o 2º aviso sobre os bens móveis, e utensílios precisos no Amazonas; não falo dos precisos para o uso, e adorno das casas; porque isso é

conforme a vontade de cada um, e posses sem diferença aos da Europa, e mais mundo; nem tão pouco falo dos instromentos próprios dos ofícios de cada um, porque tãobẽ em toda a parte são os mesmos; falo só dos bens móveis, e instromentos geraes precisos a todos os habitantes do Amazonas; que são um machado, ũa fouce, uma tacira, ũa faca ordinária, um tracado, ou faca do mato, um facão, e uma cravina ao menos: todos estes instromentos se fazem precisos a qualquer lavrador do Amazonas por rezão das terras, e matas, e do modo com que se cultivam actualmente; e ainda que se metam em uso as siaras dos grãos, e agricultura do branco sempre estes instromentos são necessários e se se for introduzindo totalmente o cultivo da Europa, tãobẽ serão precisos os arados, e mais instromentos dos lavradores; mas ao princípio não são necessários.

São necessários os machados para cortar as matas, e muitos outros efeitos, que todos sabem: São necessárias as fouces; porque se usa delas para cortar os cipós, arbustos, e virgontéas que costumam para alimpar as matas por baixo antes de entrar a cortar o arvoredo. As taciras tãobẽ são precisas para picar a terra e enterrar o grão, em lugar da lavoura, que lá não usam por rezão de muita raizama, que nas terras deixam as árvores cortadas; mas se pode usar nas terras descobertas, e campinas e ainda nas de matas cortadas depois de alguns anos. Servem-se então destas taciras, que são ferros direitos espalmados seguros em hastes de pao, com que em pé, e de caminho vão picando a terra, e nas picadas metem o grão, que querem semear. Tem estas taciras muitos outros usos, como para fazer covas no chão etc. E não só os brancos que trabalham na terra tem estes precisos instromentos para si; mas tãobẽ para todos, e cada um dos seus escravos, e fâmulos; e outros de sobre excelente, para suprir os quebrados etc. As enxadas, posto que tãobẽ podem ser mui úteis, tem naquele estado pouco uso.

Das facas ordinárias, e mais instromentos miúdos de ferro, bem sabem todos os seus usos; e [lá] são tanto mais precisos, quanto os matos mais ordinários. As facas de mato ou traçados são precisos [no] Amazonas para defensivo dos tigres, e feras, que encontram os que andam naquelas matas, e para este mesmo efeito se fazem precisas as cravinas, de sorte que assim como os índios, quando entram nas matas sempre vão armados com arco, e frechas, assim os brancos tãobẽ se armam com clavinas e traçados assim dos mais usos, que tem as cravinas para a caça etc. E os que são mais prudentes, tãobẽ levam, e vão armados com algum antídoto, ou defensivo do veneno das cobras, pelas muitas, e mui venenosas que há naquelas matas, como é a pedra de cobra, ou a raiz de cobra; ou qualquer outro dos muitos que há, e eu deixo apontado na 1ª parte, e com mais extensão no infermeiro do Amazonas.

3º aviso seja sobre as paragens, em que se hão de erigir as povoações, ou como hão de fazer sadias as povoações, em que morarem, porque devem ser bem expostas, patentes, e lavadas dos ventos e por isso, sendo altas, são melhores, mas embora que sejam baixas, como são ordinariamente a maior parte por rezão de estarem nas margens dos rios, bem podem ser bem sadias havendo nos seus moradores a providência de lhes cortarem os matos à roda, e vizinhança para entrarem os ventos livremente a refrescar as casas; pois sei, que por falta desta providência havia no meu tempo algũas povoações doentias, e depois, que as desafogaram dos matos, que tinham ao pé, ficaram muito sadias; porque entraram os ventos a refrescar as casas; e é bem que todos saibam esta circunstância, que no Amazonas é mui precisa. Ainda que

não obrigasse esta rezão a patentear bem, e desembaraçar dos matos vizinhos as povoações se deveria fazer por rezão de cultivar em todas as suas vizinhanças, e arrabaldes toda a casta de verdura, e hortaliças em boas hortas, porque este cultivo é o que faz as povoações fartas, e regaladas; e ambos estes motivos serão bastantes a desafogar as povoações.

E occorre-me, que a causa de padecerem a grande cidade do Pará, e muitas outras (algũas) algũas epidemias, e carneiradas de catarrões, e outras doenças é por não terem tido os seus magistrados, e moradores a providência de as desafogarem dos matos, que tem imediato as casas. Ao mesmo tempo, que cultivados todos os seus arrabaldes em boas hortas com toda a casta de hortaliças seriam fartura, regalo, e delícia a seus moradores: descoriosidade tanto mais digna de se estranhar, quanto mais óptimas são as terras para semelhante cultivo por serem baixas, e úmidas. Porém quando o desmazelo seja tanto, que, se não queiram utilizar dauqeles arrabaldes para estes tão úteis refrescos, ao menos pela conveniência da saúde se devem ter limpos do mato para entrarem os ventos a refrescar as povoações, e juntamente se farão pastos de bom capim para creação dos gados, que com boa economia pastam pelas praças das mesmas povoações.

4º aviso devem ser sobre as águas de beber porque tãobẽ condiz muito para a boa saúde a bondade da água, que se bebe, que seja corrente, pura, e cristalina, e por faltar este aviso, e providência há em algũas povoações do Amazonas muitas doenças, porque bebem as águas enlodadas do Amazonas, e outros rios, com que criam baceiras, e muitas outras doenças: e para as evitar se devem buscar paragens, que tenham ao pé algum regato, ou fonte pura; e quando o não haja, e se vejam por essa causa obrigados a beber dos rios, como se faz em muitas povoações de índios, é então precisa a providência que tem os missionários de mandarem buscar a água ao fio da correnteza, onde corre mais pura, e coada por um pano; e os que as tomam nas praias, não a bebem logo, mas além de a coarem a deixam primeiro assentar, antes que a bebam: e por modo nenhum bebem os prácticos águas de lagos, enseadas, e pouco batidas, porque são muito expostas a corrupção pelo grande calor do sol.

5º aviso é, que não tenham as povoações junto ou na vizinhança pântanos, ou lagos incharcados, que no tempo do verão não tenham vazão, nem comonicação com o rio corrente, porque semelhantes lagos corrompendo-se a água detida, e cálida com os raios do sol, são tão doentios, e pestíferos, que deles nacem as carneiradas e catarrões, e outras doenças que as vezes há nas enchentes do Amazonas, porque entrando-lhes nas enchentes as águas, e misturando-se com as corruptas se fazem todas doentias: sendo porém lagos de água corrente, ou em que entram, e saem as marés, não só não tem perigo, mas antes fazem as povoações vizinhas muito fartas com o seu pescado e muito divertidas com as suas aves; e de semelhantes estão cheias as terras do Amazonas, e alguns com muitas légoas de grandes.

6º aviso é, que as terras, que primeiro devem escolher, e cultivar, são as ilhas do Amazonas, pelas rezões, que muitas vezes temos apontado; e são 1ª por serem as mais acomodadas, e próprias para as siaras de grão ou seja trigo, ou sejam milhos, ou seja arroz, ou qualquer casta de legumes; e semelhantes terras lavadas, e regadas com as enchentes dos rios são em todo o mundo as mais estimadas, e mais férteis; e são as que fazem tão rica, e farta a região do Egipto por serem regadas com as enchentes do seu Nilo. 2ª porque ũa vez limpas dos seus matos, com muita facilidade se conservam

sempre limpas; porque só criam algũa erva, que facilmente se munda. 3ª porque não necessitam de mais agricultura, do que, passada a chea, e enxuta a terra, meter-lhe o grão: Não tem necessidade de estrume, ou outro benefício, porque as águas enlodadas as deixam bem pingues. E o mesmo se deve entender das margens dos rios, e de todas as mais terras, que nas enchentes ficam alagadas: posto que té gora são estas terras, e ilhas tão desprezadas, que senão fazia caso delas.

Tãobẽ semelhantes terras alagadas, e ilhas são óptimas para pastos de gado, porque ũa vez limpas de mato, e metendo-lhe logo gados dentro, em lugar de matos se fecundam em feno; mas é necessário para gados, que tenham algũa parte mais alta, que não chegue a alagar de todo nas enchentes para terem os gados em que se refugiar; porque alagando-se toda a ilha seria necessário ou tirar os gados, o que seria dificultosíssimo segundo a braveza, com que lá se criam os gados; ou perdê-lo de todo. Nobres pastos, e copiosas manadas de gado se perdem nas ilhas, e campinas do Amazonas! e sendo esta a primeira providência, que deviam ter os moradores para serem fartos, apenas se acha na cidade do Pará, e seus arrebaldes entre os portugueses; o mais são 4 cabeças, que tem as missões que só servem para algũa função, mas de nenhum modo para sustento ordinário.

Quero aqui advertir ũa indústria, que pode ser de muita conveniência, e utilidade, aos que vivem do benefício de gados. Como são os moradores da ilha do Marajó, que é a única, em que há grandes manadas, e donde sae a grande fartura da cidade do Pará: nem ordinariamente servem as suas extensas campinas para outra cousa, senão para pastos de gado, por se não cultivarem lá as terras descubertas, a que chamam campinas, como temos dito, posto que são nobres terras para siaras, se lá se usassem, ou para quando se usarem. É pois a indústria, que me occorre, para que os donos de semelhantes fazendas de gado, tenham nelas, além dos gados, muita fartura de víveres, de que ordinariamente são faltas pela rezão de só se aplicarem os gados a seguinte suposta a notícia, que temos dado do modo, que lá usam no pastoradouro, a benefício dos gados deixando-os andar à sua vontade pelas campinas; e só trazendo-os ao curral de quando em quando, podem em lugar de um só curral com suas repartições, como costumam, fazer dous, 3, ou 4 curraes do mesmo tamanho divididos pelo meio com largas estradas; e meter os gados por algũas vezes, ou por 3 meses em dous curraes *v. g.* da mão direita; e por outros 3 meses nos curraes da esquerda, e então nos primeiros que por rezão dos gados, estão bem pingues, ocupá-los com siaras. Ou trazendo todos os mais curraes actualmente occupados com siaras, e reservando um só para o benefício do gado.

E assim podem fazer tantos curraes, ou divisões quantas quiserem, e da grandeza que quiserem, e como lá todas as siaras de milhos são tremeses, podem em cada uma ter no ano 3 siaras, e colheitas bem a vontade, metendo-lhes antes das sementeiras os gados a estercá-los por algũas noutes, fazendo *v. g.* um curral de milho graúdo, outro, ou outros de outras castas de milho; outro de arroz, outro de legumes, outro de tabaco etc. quando não haja curraes para tantas sementeiras nos mesmos se podem fazer todas estas siaras uns meses ũas, outras vezes outras; e ficando um só curral reservado sempre para os gados, todos os mais se podem trazer sempre occupados com siaras em todo o ano, se as chuvas e nímia umidade do inverno derem lugar a elas; e quando não dem, ao menos se podem utilizar no verão: e sempre terão tanta abundância, e fartura, que não se arrependerão da indús-

tria, sem mais trabalho, do que fazer ao princípio estas divisões com boas estacas, que não possa romper o gado, nem outros animaes, para não damnificar as siaras. E se pode usar esta mestria em todas as campinas, onde haja manadas de gados.

É semelhante esta indústria a que usam na Europa os senhores de terras, e de gados; porque não se cansam com outra providência de estrumes para as fecundarem, mais do que meterem-lhe antes de fazerem as sementeiras dentro algum rebanho de gado, que ordinariamente é gado miúdo como ovelhas, ou cabras, porém com mais trabalho, do que o podem fazer no Amazonas; porque tem para este efeito ũas grades, ou cancelas manuaes, que armam, e desarmam quando querem. Estas armam ũa noute aqui, e fazem com elas um como cercado, ou curral, e dentro metem o gado a dormir aquela noute; na noute seguinte mudam para diante as cancelas, e fazem o mesmo; té correrem toda a campanha, que querem semear; e os pastores, que nunca largam os gados, para se abrigarem das chuvas, frios, e serenos da noute, tem uns tabernáculos com rodas por baixo a modo de carros, que vão mudando para onde querem; e são os chamados tabernáculos de pastores. No Amazonas não são necessárias semelhantes cancelas postiças, ou manuaes, nem tanto trabalho para as mudar, e armar todas as noutes, porque tendo tão extensas matas, podem ter fixas, e estáveis estacas para estas divisões.

Desta mesma indústria podem usar todos os moradores do Amazonas nos seus sítios, onde costumam sempre ter algum gado fazendo-o dormir de noute em diversos curraes para se aproveitarem do seu estrume, e fecundarem assim o terreno, porque por mais fecundo que seja, sempre o será mais com os gados, e deste modo ter as siaras, que quiserem, utilizando-se assim dos seus gados, e das suas terras, nem é necessário para as sementeiras lavrá-las (ainda caso, que lá se venha a meter, e usar a agricultura ordinária) porque metendo-lhe os gados depois de algũa boa chuva, o mesmo gado fazendo lamaçaes com os pés bastantemente revolvem a terra: assim o usam já alguns moradores para fazerem tabacaes, e vendo neles a grande utilidade dos gados, não se aproveitam deles nos mais cultivos; sendo que usando desta praxe nas campanhas do Marajó, e em quaesquer outras de gado poupariam os grandes gastos de farinha de pao, e muitos outros víveres, que lhes vão de fora. Nem estas siaras fariam algum prejuizo aos pastos do gado, porque ainda lhes ficam livres légoas, e légoas; enfim não tem necessidade mais, do que fazer as estacadas, que duram por muitos anos. Ainda no caso, que absolutamente não queiram o uso dos milhos; e siaras da Europa, senão a farinha de pao, segundo o costume da terra (costume só dos portugueses, e índios do seu destricto) para sustento ordinário, se não deve desprezar esta indústria, visto que com tão pouco custo se faz, e pode servir para legumes, e para os mesmos milhos, que sempre tem gasto.

E ainda neste caso de fazerem antes eleição da farinha de pao, do que das siaras dos milhos, se pode usar, e cultivar esta com a mesma indústria; para o que havemos de saber, que entre as muitas espécies, que há de manibas, há ũa, a que chamam macaxeira, que é entre as mais tanto mais especial, quanto é o trigo entre os mais grãos, não só por fazer melhor farinha; que as mais manibas, muito mais alva, e gostosa; mas porque não necessita de tão laborioso cultivo, nem de terras altas, e secas, nem é venenosa como as mais. As mais castas de mandioca já nós dissemos em seu lugar que são tão venenosas, que matam a quem as come assadas, ou cozidas, ou cruas, antes de lhes espremer em bem apertadas imprensas todo o seu suco, a que

chamam tucupé, e é o veneno, e antes de a secarem, ou cozerem em fornos; Não assim a mandioca macaxeira, não é venenosa, e por isso se pode comer de qualquer modo sem receio, e de facto muitas nações de índios do mesmo Amazonas nos destrictos espanhóis não usam de outra casta de maniba, mas do que da macaxeira; e como tãobē não usam de farinha de pao, só comem a sua raiz assada, ou cozida.

E não é pequeno argumento para prova dos abusos, porque tendo esta espécie de maniba tantas, e tão úteis singulares sobre as mais, é contudo a mais desprezada, e menos coltivada dos portugueses, os quaes fazendo grandes plantamentos das mais espécies desta ou não fazem caso, ou quando muito metem na roça alguns pés, não para farinha, mas para comerem por regalo as suas raízes assadas; nem achei mais rezão do seu desprezo, do que o não estar em uso, porque não é fundamento o que alguns alegam, de que a furtam os índios, e vizinhos, e por isso a não querem cultivar; digo não ser fundamento, porque se todos a cultivassem, e dela fizessem os plantamentos ordinários em lugar das mais espécies já então todos teriam, e não furtariam dos outros. Enfim são abusos, ou opiniões do mundo: Por abuso cultivam com tanto trabalho a maniba para a farinha de pao, e desprezam os milhos tanto mais fáceis, e de tão sobidas conveniências; e já que com todo esse trabalho cultivam a maniba, por abuso cultivam as peiores espécies, e deixam a macaxeira melhor; mas vamos ao ponto.

Digo pois, que no caso, que alguns moradores ou por opinião, ou por gosto, ou por variedade, ou finalmente por abuso, queiram ainda cultivar a maniba para farinha de pao, e não siaras de grão, como usa o mais mundo, deixem, e desprezem as mais espécies, e só cultivem a macaxeira, porque lhes será de maiores conveniências, 1º pela sua melhoria no gosto sobre as mais. 2º por se poder comer sem susto por não ser venenosa. 3º e principal, porque o seu plantamento, e cultivo não necessita de terras de matas, nem de terra firme, dá-se bizarramente em toda a terra ou sejam ilhas, ou sejam alagadas, depois que desalagam ou sejam campinas, como as da ilha Marajó, de que vamos falando, e de qualquer outras, em todas se dá bem, e já nós dissemos, que as nações da província dos mainás, que não usam de outra casta de maniba, não se cansam para o seu plantamento de mais trabalho, do que plantá-la pelas praias, e margens dos rios, assim que vão desalagando; e quando tornam as enchentes, a colhem, guardando em covas as raízes para irem comendo assadas, e as hastes deitam fora, até a seguinte vazante, em que repetem nas mesmas paragens outro plantamento servindo-se das mesmas hastes, que se conservam verdes por muitos meses, ainda que estejam à torreira do sol.

Desta mesma sorte podem fazer, os que quiserem continuar a farinha de pao ainda nas mesmas campinas nos curraes, que dissemos, porque sem trabalho algum mais do que plantá-la depois de lhe meter o gado por alguns dias, e algũa capinação da erva que nacer, enquanto a maniba não fecha, terão no fim ũa boa colheita, sem as fadigas de cortar matas todos os anos para as outras manibas; e para os moradores, que não tem escravos, nem gente de serviço, é certo que é óptima indústria esta; não querendo as siaras de milhos, que sempre são de maiores conveniências; e neste caso podem fazer o plantamento como ordinariamente se costuma com as mais manibas, que é juntando-lhe outras searas; e para que todos continuando com a fa-

rinha de pao o saibam practicar lhes trarei aqui à memória os ditos plantamentos, e siaras, que fazem deste modo.

Planta-se a maniba com suficiente distância de planta a planta, fazendo no campo, ou no meio do plantamento ũa larga estrada capaz de andarem carros, com outra atravessada por modo de cruz; por entre a maniba semeam arroz, e gerzelim, e milho grosso; pelas bordas das estradas semeam algodão, e carrapato, e pelo centro das mesmas estradas tãobẽ arroz, ou milho. A roda, ou circunferência de todo o campo costumam plantar tabaco, ou carrapato, ou ambas as cousas; isto é o mais ordinário que se planta com a maniba, mas outros variam semeando por entre a maniba arroz, milho, e algodão; outros além de tudo semeam as batatas, a que chamam jeticas, e melancias, de sorte que cada roçado é um conglobado de muitas sementeiras, e siaras. O arroz, milhos, e gerzelim colhem já aos 3 meses, e já então fica o campo mais desafogado, posto que o arroz torna a rebentar, e da segunda colheita, que se colhe aos 6 meses, e já então tãobẽ se desfruta o algodão, e tabaco; por fim fica a maniba só no campo, té fazer um ano; e já então estão as estradas expeditas.

E não cuidem, que por serem tantas as searas no mesmo tempo, e no mesmo campo deixam de fructificar, e dar a seus donos grandes colheitas; porque de um semelhante roçado, ou campo vio um religioso, que aqui está, e se achou por ũa temporada em ũa fazenda, colher, além do algodão, tabaco, gerzelim, carrapato, e mandioca, só de milho para cima de 30 carradas, fora o muito que furtaram os escravos, tendo semeado só 2 alqueires; e do arroz, tendo semeado 2 alqueires, e meio vio colher na primeira colheita 700 para 800 alqueires, que tão férteis são aquelas terras: De sorte que se toda a semeadura fosse milho, ou arroz a quantos mil alqueires sobiriam as suas colheitas? E nenhuma delas faz mal à maniba, que é o principal, por vir mais tarde. Destas mesmas siaras se podem aproveitar, os que continuarem com a farinha de pao, mas desterrando-se esta, melhor será fazer estas siaras separadas, e onde há gados, ter para cada siara separado curral.

Último aviso mui importante, e com que quero acabar este capitolo é a indústria de conservarem, e preservarem do gorgulho, e podridão, ou corrupção os milhos, cacao, café, e todas as mais cousas, que estão sujeitas a semelhantes avarias; para as preservarem não tem mais necessidade, do que bem secas as siaras, ou sejam milhos, ou seja cacao, ou café etc. enterrá-las, ou envolvê-las bem em area bem seca nas tulhas, ou paióes, e já lhes não entra nem as umidades, nem o gorgulho. Em toda a parte tem os milhos, e siaras seus contrários; no Amazonas, e terras quentes o seu maior inimigo são dos milhos, o gorgulho, do cacao, e outras drogas a corrupção; por isso maior trabalho dão no Amazonas os milhos para os conservar, e livrar do gorgulho, do que para os cultivar, e talvez, que por esta rezão se esfriem muitos do seu cultivo; e só cultivam o meramente preciso para sustento das aves domésticas, e animaes caseiros; e ainda para preservar esse pouco uns o deixavam seco nas roças, donde só iam tirando a porção de cada dia; mas então corre o perigo dos macacos, e pássaros: Outros atando as espigas ũas com outras as punham pendoradas no ar, e outros usavam, e ainda usam de outras diligências, mas ordinariamente nenhũa aproveita, e quando menos se precatam o acham todo comido do gorgulho. Da mesma sorte o cacao, e outras drogas, se logo as não podem embarcar para a Europa dão grande

trabalho em as deitar amiudadamente ao sol té outras frotas, quando não logo se corrompiam. Saibam pois, que toda a mestria destas cousas está em as envolverem, e cobrirem depois de bem secas em area bem seca, e conservarão por todo o tempo, que quiserem.

CAPÍTULO 7º

DAS PARAGENS, QUE PRIMEIRO SE DEVEM POVOAR NO AMAZONAS.

Visto falarmos na povoação do Amazonas, pede a rezão consignar as milhores paragens para a primeira eleição das suas povoações, atendendo ao bem público de todo aquele Estado: porque ainda que todas as margens dos rios ou seja Amazonas, ou colatraes, que não forem pântanos, e alagadiços, são óptimas para boas povoações, e seria aquele Estado o maior império do mundo ainda que só se povoassem as margens dos rios com ũa povoação de 10 em 10 légoas, como Portugal, de cujos destrictos aqui principal falo, não tem espírito para animar tão grande corpo, é preciso principiar a povoação pelas paragens mais precisas não atendendo só aos particolares, mas tãobẽ ao comum: E assim

As terras, que primeiro se deveriam povoar no Estado do Pará, são as costas do mar desde o Maranhão té o Pará, porque além de serem óptimas para toda a casta de lavouras, e muito fartas para os seus moradores, são tãobẽ precisas para facilitar a navegação, e comonicação daqueles dous Estados Pará e Maranhão: Tem de distância esta costa desde o Maranhão té o Pará* légoas, e apenas tem duas vilas de brancos em tanta distância, e 3, ou 4 de índios, sendo que são estas costas mui fartas de toda a casta de pescado, e de marisco; e ricas de muito âmbar, e tartarugas de cascos preciosos; mas as principaes conveniências da sua povoação, são. 1ª facilitar a comonicação daqueles Estados, e darem os precisos provimentos aos navegantes; 2ª conveniência é soccorrer com abundância de peixe as cidades respectivas.

Depois destas se deveria tomar posse dos muitos, e grandes rios, que há naquele Estado que ainda estão virgens, isto é sem povoação, ou sítio algum de portugueses, como são o rio Iapoco chamado de Vincente Pinçon, que serve de balisa aos destrictos de Portugal, e França no Amazonas e Caiana, acima dele está o rio Araguari; depois se (se) segue o rio Macaé,

---

* Um pequeno espaço em branco no códice.

e depois deles se segue a primeira povoação dos portugueses chamada S. José do Macapá em distância de* légoas do Cabo do Norte ao rio Iapoco, de sorte, que devendo estes rios ser os mais povoados por rezão de estarem mais vizinhos a domínios estranhos, cujas povoações lhes servissem de freio a todas as contingências, estão totalmente despovoados; nestes pois parece, que se fazem inevitáveis as primeiras povoações, nem ficarão de mao partido, porque nas bocas estão todos estes rios cheios de grandes, e mui fartos lagos de peixe. As ilhas são tantas, que fazem um labirinto cheias de cacao de natureza, e óptimas para as lavouras, que temos proposto dos milhos, e siaras da Europa; e para o centro tudo são óptimas campinas, e mui próprias para as ditas siaras, e pasto de gado.

Quasi todos os mais rios, que se vão seguindo da parte do Norte ou estão totalmente despovoados, ou apenas tem algũa aldeia de índios, quando cada um seria um reino se estivesse povoado; mas sobre todos, os que mais nos deviam levar as atenções são o rio Branco, que da parte de Leste corre a meter-se no rio Negro indo regando com suas águas ũa grande parte da extensa campanha a que os geógrafos chamam Guiana: Este rio segundo as notícias de alguns não só é caudaloso, mas mui extenso, e todo ele está ainda despovoado, e só o tem navegado alguns holandeses que sobindo pelo rio Suriname, dele passaram para o Rio Branco com quem mostra ter comonicação o dito Suriname, e bastava esta rezão para logo ter as primazias de algũas povoações. Da mesma sorte o grande rio Japorá da mesma parte do Norte tão grande que terá para cima de 400 légoas de curso, e tão caudaloso que desagua no Amazonas por 5 bocas, tão grandes, que cada ũa se cuidava antigamente ser distintos, e caudalosos rios, e todo ele ainda está despovoado.

De sorte, que nem portugueses, nem ainda ao menos tem algũa missão ou aldeia de índios mansos, sendo, que as terras são das mais ricas em cacao, e outros gêneros; e tem ilhas [de] 20 légoas de compridas, algũas, e algũas talvez mais. E como pela demarcação última dos dous domínios do Amazonas pelo Tratado de Madrid sobre a colônia ficou este rio Japorá servindo de devisa na sua última boca occidental, e ainda que este Tratado não teve execução pelo protesto que contra ele fez o Rei Católico, que então era Rei de Nápoles, contudo se devia tomar posse com algũa, ou algũas povoações ao menos em cada boca sua, porque por falta talvez de semelhantes povoações tem os portugueses perdido ũa grande parte do Amazonas, por quanto afirmam alguns, que já muito antes tinha tomado posse té o Rio Napo Pedro Teixeira por parte de Portugal.

Da parte do Sul há tãobẽ muitos rios totalmente despovoados, e mui caudalosos como é [o] grande Rio Jutaí, e outro mui caudaloso Purus, ambos de 30 ou mais dias de navegação, além de muitos outros menores, e já se vê o quanto importa tomar posse deles com algũas povoações para evitar contendas, que pelo tempo adiante se podem levantar descendo os castelhanos por eles abaixo do Império do Purú, aonde nacem, e finalmente em todos os rios que são balizas dos domínios, ou em que se podem pelo tempo adiante levantar contendas se deviam eregir povoações, que em todo o tempo sejam

* No original um espaço em branco.

irrefragáveis testemunhos da posse, que deles se tem tomado. E por esta mesma rezão, *se podesse ser*, se deveria povoar a campanha goiana, de que dizem as notícias haver manifestos sinaes de muito ouro, e minas, além das belas, e fertilíssimas campinas de que consta a sua maior extensão; antes que algũa das potências francesa, e holandesa que tem nas costas, entre a senhorear-se primeiro dela.

Disse, se pode ser, porque sendo a sua extensão para cima de 300 légoas de comprimento, e de largura, nem todas as 3 potências juntas Portugal, França, e Holanda serão bastantes a povoar a região Goiana como a Europa; porém se podem levantar algũas povoações *v. g.* nas cabeceiras dos rios, que neles nacem, além das que já dissemos se devem erigir nas suas bocas, e já assim ficariam as suas campinas, e centro com bastante domínio, e posse; e serviriam juntamente de melhor se ajudarem as povoações ũas às outras comonicando-se entre si, como diremos adiante, quando falarmos na navegação do Amazonas. Esta banda pois do Norte, é a que primeiro se deve povoar pela vizinhança das mais potências desde o rio Iapoco té Japurá. Como tãobẽ se deviam povoar as costas da grande ilha de Joanes, ou Marajó na parte que olha para o Norte pela mesma rezão de estarem expostas, e à face das ditas potências.

Da parte do Sul, além dos rios, que já dissemos ser mui conveniente povoar, se devem tãobẽ povoar os mais, não tanto para aproveitar as suas muitas riquezas, mas muito mais para facilitar a sua navegação, e comonicação das minas, que na parte do Sul se trabalham; porquanto, posto que já os mineiros se servem pelo grande Rio Madeira, é ũa comunicação tão dificultosa, e vagarosa, que lhes consome para cima de 6 meses de viagem até o Pará, e ainda assim apenas o navegam os mineiros do Mato Grosso. As mais minas, se podessem ter serventia com o mesmo Amazonas, e cidade do Pará lhes seria de grandes conveniências e como a maior parte das minas está sobre, e nas cabeceiras do grande rio Tocantins, e algumas bem perto do Amazonas, e cidade do Pará, parece ser ũa grande falta de providência não poderem servir-se pelo rio abaixo té o Pará cuja viagem poderiam fazer em poucos dias, se tivessem comonicação; e por falta dela buscam outros desaguadouros com muitos meses de viagem, perigos de vida, e gastos de grandes cabedaes. Tudo

Tudo isto nace da falta de alguma povoação, ou povoações no rio Tocantins, que facilitassem a sua navegação, e intimidassem aos índios bravos, que por ele cursam. Os passos mais dificultosos, que tem este rio, e são toda a causa de não se pôr em execução a sua navegação, e serventia, são as suas cachoeiras, especialmente, a que chamam cachoeira da Taboca, cuja maior dificuldade não é tanto para baixo, porque já muitos o tem navegado rio abaixo, quanto para cima por não poderem romper a correnteza violenta das cachoeiras: nestas cachoeiras pois é que se deviam formar vilas, aonde só chegando a prover-se os mineiros, podiam voltar para cima, e seriam as povoações mais ricas pela comonicação, e comércio das minas; além de poderem desfrutar, e utilizar-se das grandes riquezas daquele famoso rio, de quem dizia um muito práctico, que fazendo-se esta comonicação, e navegação, e pondo de paz a nação dos índios canoeiros, que o habita, teriam os portugueses imensas riquezas do rio Tocantins.

E ainda no caso, que se não ponham em execução estas povoações precisas das cachoeiras do rio Tocantins, tem as suas muitas minas outros subterfúgios, por onde se podem comonicar com o dito Amazonas, e Pará abreviando muito caminho, como são 1º o grande rio Araguaia um dos 4 braços principaes do dito rio Tocantins, onde se mete muito perto da sua foz e junto à vila do Camutá. Tem de curso este Araguaia para cima de 300 légoas, tem nas suas cabeceiras muitas minas, e além destas, muita parte, ou todas as do mesmo rio Tocantins se podem servir com grandes conveniências por este rio Araguaia, porque (dizem) que não tem cachoeira alguma por todo ele, e que é mui navegável té as suas cabeceiras; é certo, que entre ele, e o dito Tocantins lá mesmo para o centro tem o espaço de mais de 60 légoas, porém tem o Tocantins vários braços, que correm, deságuam, e se comonicam com o Araguaia, e por eles se pode facilitar a comonicação de todo este gigante Tocantins, mas sempre há a necessidade de algũas povoações de portugueses pelo rio Araguaia acima; e poderão assim aproveitar-se daquela extensa campanha, que medea entre os dous ditos rios Tocantins, e Araguaia, onde se perdem terras óptimas de sementeira e pastos nobres para gado, que faria muito fartas todas aquelas povoações pela fácil condução rio abaixo.

Do grande rio Capim dizia um (um) práctico, que tãobẽ tinha nas suas cabeceiras muita vizinhança, e comonicação com as minas, e que por este rio, mais do que por nenhum outro (excepto o Tocantins pondo-se a sua navegação em praxe) se devia abrir caminho, navegação, e comonicação entre as minas, e cidade do Pará; e a rezão das suas maiores conveniências é 1º porque é rio tão extenso, que lhe dão para cima de 30 dias de viagem; 2º por ser rio de suave navegação, sem cachoeiras, nem correntezas violentas. 3º por desaguar junto à mesma cidade do Pará: é certo, que já na sua boca tem este rio Capim alguns sítios de portugueses, mas rio acima está, como todos os mais, despovoado; e como por rezão da dita comonicação das minas pode este rio ser muito rico, devia ser povoado: e as suas terras são óptimas, como experimentam, os que já nele tem sítios.

Das ilhas, que há pelo Amazonas, e pelas enchentes do rio, são como já dissemos as mais férteis terras para as siaras dos milhos, e talvez do mesmo trigo em se metendo em uso, tãobẽ logo se deviam povoar ao menos as mais principaes. É para estranhar, o estarem-se perdendo tão férteis e grandes ilhas, que povoadas podiam ser outros tantos reinos; como são a ilha do Moju quasi fronteira a boca do Amazonas chamada Tujupuru cortada por dentro com um rio do mesmo nome. A ilha dos Topinambaranas de 20, para 30, ou mais légoas; as ilhas que formam as diversas bocas do famoso rio Japorá de 20, e mais légoas grandes; e inumeráveis outras, que há, todas totalmente despovoadas, por não haver, quem as povoe! Só a ilha grande do Marajó é que já tem algũa povoação por causa de algũas missões de índios, que tem para a banda de Leste, e Sul; mas as mais costas, e todo o seu centro apenas tem ũa piquena vila de portugueses, e algũas fazendas de gado, de que se provê a cidade do Pará sendo para cima de 60 légoas.

Eu bem sei, que é moralmente impossível o povoar tanta imensidade de terras, ilhas, e rios de 300, 400, 500, e mais légoas; e muito mais impossível é o povoar-se toda a chapada grande, e campinas, que mediam entre as cabeceiras dos rios Tocantins, Xingu, Topajós, e outros que da parte do Sul deságuam no Amazonas, que tendo de comprimento entrando por ambos os domínios português, e espanhol para cima de 1.000 légoas; e de largura de bela planície em parte 90, em parte 80, e nunca menos de 30 légoas; porque para se povoar tudo isto nem toda a Europa junta seria bastante; mas ao menos as margens do Amazonas, ilhas, e mais rios colatraes bem se podem povoar; parece-me, que bastava para isso o franquear a passagem, a todos os que as quisessem povoar divulgando-se primeiro a notícia da bondade, e fertilidade do terreno, para serem inumeráveis as famílias, que concorreriam; e muito mais tendo-lhes já lá os víveres, que dissemos, e alojamentos feitos; e promessa de quantas terras podessem cultivar.

Nem meta medo sobre a povoação das ilhas, que dissemos, o alagarem-se algũas, e ficarem debaixo da água nas enchentes, e por isso impróprias para formar casas, e moradias; porque as maiores, como são Marajó, Moju, Topinambaranas, e a maior parte delas tãobẽ tem terras altas, que nunca se alagam, e óptimos terrenos para erigir povoações; e no caso, que algũas mais piquenas totalmente se alaguem nas enchentes, não é isso impedimento para se poderem cultivar, porque as semeaduras só se fazem nas vazantes; e as moradias podem ser de muitos modos. 1º erigindo as casas defronte das ilhas na terra firme, e margem dos rios: 2º fazendo as casas altas nas mesmas ilhas, onde lhes não cheguem as águas fabricadas em esteios, ou sobre estacas metidas na água; como de facto usam ainda muitas nações de índios salvages, que assim vivem pelo meio dos lagos, de sorte, que dentro de casa estão pescando etc. e fora os índios há muitas povoações de brancos, que moram, e vivem sobre a água chegando-lhes à porta as embarcações, em que se servem.

Mas posto que assim vivam muitas nações do mundo, não quero persuadir a que tãobẽ assim se forme povoações, vilas, e cidades no Amazonas tendo tanto terreno, e paragens óptimas nas margens dos rios, e terras firmes; mas serve só este aviso para os particolares, que além das moradas, que tem nos povoados, tem outras nos seus sítios; e estas podem então levantar-se nas ilhas, de sorte que lhes não chegue as águas da enchente, para no caso que nelas queiram morar algum tempo, o possam fazer com toda a comodidade; mas como semelhantes terras só servem, e se cultivam nas vazantes, nenhuma necessidade tem de lá habitarem nas enchentes, e só podem servir nesse tempo de divertimento, que na verdade o é grande para os que tem semelhantes moradias.

Enfim todo o ponto está, em que haja povoadores, e que não se acostumando ao uso da terra no cultivo da maniba, e farinha de pao, conservem lá, e continuem a agricultura da Europa nas siaras dos milhos, e legumes sempre nas mesmas terras, para evitarem trabalho, e terem muita fartura; que casas, quanto é preciso para morar nem lhes faltarão paragens, nem materiaes porque onde não há frios, mas sempre calma refrescada com os ventos geraes, que ordinariamente há, basta qualquer choupana coberta, que livre

do sol, e das chuvas, e aí está já, o que basta para a terra: moradias de mais fausto, e palácios, que muitos levantam nos seus sítios, fazem-se pelo tempo adiante, quando já no producto dos mesmos sítios tem cabedal bastante para semelhantes fábricas.

CAPÍTULO 8º

CORIOSA DISPOSIÇÃO DOS SÍTIOS DO AMAZONAS.

Continuando com a mesma matéria da povoação do Amazonas, direi agora a praxe que podem usar os novos povoadores nos seus sítios com algũa diferença da praxe ordinária; e tãobẽ da economia, que devem seguir os que nos seus sítios quiserem levantar moendas, e engenhos de açúcar, engenhocas de água ardente etc. que são um dos productos mais úteis dos sítios, e terras, do Amazonas; e posto que semelhantes fábricas não são, nem podem ser projecto dos primeiros anos dos novos povoadores, por rezão de pedirem muita gente de serviço, que eles não podem ter logo; e apenas poderão cultivar a terra para o principal sustento; e para pouco a pouco irem dispondo, e estabelecendo fazendas de cacao, café etc. contudo lhes pode servir de aranzel pelo tempo adiante, para quando já possam levantar estas, e outras fábricas.

Principiando pois pelos sítios ordinários, a praxe ordinária dos moradores antigos é assim. Fazem a borda da água na paragem, que mais lhes agrada para formarem o seu sítio, o primeiro roçado estendendo-o para as ilhargas, e para o centro quanto querem *v. g.* um espaço suficiente a ũa carreira de cavalo em quadra, e nele plantam a maniba conforme o uso da terra; e para vivenda levantam na mesma borda do rio ũa ligeira choupana: passado o ano, ou antes dele acabar, fazem segundo roçado da mesma sorte que o primeiro imediato a ele para ũa das ilhargas, ou para o centro, e depois dele feito entram a colher, e desfrutar o primeiro, e o seu terreno deixam para área do sítio, e pastos de gado que logo, ou quando podem, metem: levantando na frente as suas moradias, ou já as que hão de servir para sempre, ou por entretanto, mas já capazes de morarem nelas com toda a comodidade; e se tem posses, e gente fazem logo igreja, a ũa ilharga das casas, e todas as mais benfeitorias, que querem.

Por detrás das casas fazem algum plantamento de cacao com outras árvores frutíferas da grandeza, que querem, com algũa seve, ou cerca à roda, e nas bordas do roçado em círculo como de meia lua levantam os ranchos para os seus fâmulos conforme a sua multidão, e o mais espaço té o rio de ũa, e outra banda acabam de fechar com algũa estacada, que tenham mão

no gado, que não passe aos roçados; e todo o centro deste círculo, que fica expedito, fica para pasto do gado, mas tãobẽ ordinariamente o enfeitam com algũas laranjeiras, e outras árvores fructíferas postas à corda que sem impedirem os pastos servem de sombra, e de proveito; e se o pasto, ou campina que fica, é pouco, o estende pelos anos adiante conforme a grandeza que querem, e vão continuando os roçados.

Suposta esta praxe, a mesma podem usar os novos povoadores mais ou menos conforme poderem, com a diferença de novo cultivo de searas, deixando a maniba; deixando para área terreiro, e pasto um grande espaço, para quando nele poderem ter gado, que em todos os sítios é de grande utilidade, e conveniência a seus donos: em lugar porém do cacual, que costumam fazer por detrás das casas, me parece seria mais conveniente fazer um palmeiral, como usam com grande proveito na Ásia, e nós já descrevemos na 3ª parte, por serem as terras do Amazonas óptimas para as palmeiras; e se isto não pode ser logo ao princípio, então embora seja algum cacual, ou cafezal té pelos anos adiante poderem dispor as palmeiras, porque para o cacao, e mais fazendas não falta terra: todo este espaço de palmeiral, e terreno, moradias etc. suponhamos, que levará 400 braças em quadro, que é bastante terreno para tudo isto.

Das ilhargas desta área se podem aproveitar as terras em siaras, *v. g.* 100 braças para a siara de milhos, outras 100 para outra casta de milho, das que temos dado notícia. Outras 100 para legumes; e outras 100 para arroz, e fazem as 400 correspondentes as 400 da área para o centro, mas no comprimento seguindo a correnteza do rio, podem estender-se té o fim dos seus limites, ou quanto quiserem, ou poderem: tudo isto de ũa banda da área: da outra banda podem fazer as mesmas, ou outras searas conservando sempre as terras limpas de mato, e expeditas para semeaduras; para a parte do mato podem tãobẽ pouco a pouco ir fazendo plantamentos de cacao, café, cravo, e salsa, e da mesma sorte podem fazer hortenses todas as mais preciosidades, que cria o Amazonas nas suas matas, e encher delas todo o seu sítio: advertindo, que tudo isto não é augmentar trabalho, antes pelo contrário é diminui-lo; porque todas estas terras uma vez roçadas de mato ficam servindo para sempre; e na praxe antiga todos os anos se repetem os mesmos trabalhos para servirem um só ano. Já disse os operários com que se possam fazer estes trabalhos, que são os índios da repartição em lugar das canoas.

Agora falarei dos engenhos de açúcar, que é agora o principal assumpto, como tãobẽ das engenhocas de água ardente, cujos feitores se não sabem utilizar, como podiam, dos seus productos. Mas para melhor se perceber a melhoria, que lhes quero propor, é necessário recordar a praxe antiga dos moradores do Amazonas; e a praxe diversa dos mesmos na Bahia, e Brasil. No Brasil costumam os moradores fazer mui grandes, e extensos canaviaes por principal emprego dos seus sítios, que chegue a dar cana todos os dias, e todo o ano a seus engenhos, não obstante moerem estes com açudes, ou marés, e por isso com muita velocidade; mas como já sabem por experiência, o quanto móem no ano, acomodam os canaviaes de sorte, que lhes dem sustento todo o ano.

O modo, ou praxe destes canaviaes é assim. Plantam a cana no terreno, que lhe tem preparado, cortado em cruz pelo meio com estradas suficientes à serventia dos carros, em que a conduzem aos engenhos: passado um ano, ou quando já a cana está capaz de se moer, principiam a cortá-la em um dos 4 canteiros, ou repartimentos, o qual segundo as suas contas, dura 3 meses: este acabado entram pelo 2º canteiro; e logo dão fogo ao primeiro assim que a ramada da cana cortada está seca, o que se faz em poucos dias; e depois de alguns outros dias em que as raízes vão arrebentando em nova cana tem alguém a incumbência de o correr todo, e nos lugares, em que vê alguma falta, por machucarem os carros algũas raízes, replantam com outras plantas: acabado o 2º no fim de outros 3 meses, entram pelo 3º e depois pelo 4º e em todos fazem a mesma diligência; e como quando acabam o 4º canteiro já o primeiro tem um ano, e está de vez, entram de novo por ele no 2º ano, e assim vão fazendo nos mais de sorte, que sempre tem cana suficiente, e fazem assim estáveis, e vitalícios os ditos canaviaes, durando 30, 40, ou mais anos, e alguns são perpétuos, esta a praxe do Brasil.

No Amazonas português é mui diverso o cultivo dos canaviaes, porque só fazem os canaviaes, não em terra firme como no Brasil, mas em alagadiços à margem dos rios, e tão piquenos, que apenas o mais extenso será do tamanho de um só canteiro dos já ditos; é certo, que ordinariamente fazem algum outro, e sempre tem dous, para em quanto cresce um, usarem do outro, mas apenas dão cana às moendas alguma parte do ano, duram semelhantes canaviaes ordinariamente 5 té 7 anos; atribuindo os seus moradores esta pouca duração à qualidade das terras: Plantam-nos a borda dos rios pela conveniência da condução aos engenhos pela água em canoas. Tão bem os engenhos do Amazonas dão mui pouca vazão, ou aviamento por rezão de serem puxados por bois, que além de serem vagarosos, logo cansam, e é necessário mudá-los de tantas em tantas horas, e para isso lhes é necessária ũa grande manada, para revezarem uns a outros, além de outros inconvenientes. Alguns se servem com cavalos com algũa melhoria; mas tãobẽ com seus inconvenientes. Isto posto.

Digo, que podem ter no Amazonas engenhos de açúcar de tanto rendimento, como os do Brasil no que respeita aos canaviaes, e tãobẽ no que respeita ao aviamento dos engenhos. No que respeita aos canaviaes; porque os podem fazer no mesmo Amazonas, e de tanta duração como no Brasil, porque não vai das terras o serem cá de pouca, e no Brasil de muita duração, vai do milhor cultivo, que lá lhe dão: As terras ou são as mesmas, ou melhores no Amazonas, porque são mais regadas: toda a diversidade está em saber fazer, e conservar os ditos canaviaes; porque a pouca duração deles no Amazonas vai de não lhes fazerem o mesmo benefício, que fazem nas mais partes. Deitem-lhe o fogo depois de cortados, replantem onde não arrebentarem as raízes, não lhes deixem crescer mato, e logo farão os canaviaes vitalícios, e perpétuos; e se os querem segurar melhor, não os façam em alagadiços como costumam, mas em terra firme, o que pode ser deste modo.

Feita a disposição dos sítios, que já dissemos, e levantada a fábrica do engenho em lugar accomodado se façam os canaviaes não em alagadiços, como costumam, mas na terra firme por detrás da área do sítio na grandeza

suficiente a dar cana todo o ano ao engenho *v. g.* de 600 braças em quadro repartido em 4 quartos como dissemos, e vão-lhe fazendo o mesmo benefício, que fazem no Brasil, replantando nos lugares, em que os carros machucarem, ou o fogo queimar a raiz, e logo terão canaviaes para toda a vida; e para prova de que a sua duração mais ou menos não vai das terras serem na Bahia melhores, que no Amazonas, basta dizer que no rio Meari do Maranhão há canaviaes, que ũa vez, que foram plantados nunca mais se acabaram té gora com duração já de mais de 40, ou 50 anos: e no rio Moju mui perto da cidade do Pará moía um engenho cana, que tinha já para cima de 18 anos de plantada, e se ia conservando desde o primeiro plantamento ser cultivo nenhum; que se tivesse cultivo reprimindo-lhe a erva, e mato, se faria estável, e perpétuo: Logo não vai da diversidade da terra, vai da diversidade do trato.

É certo, que ainda que só durassem os canaviaes 5 té 7 anos ainda assim pagam muito bem o trabalho, porque se para um plantamento da maniba só para um ano, e para ũa colheita se fazem os roçados de tanto custo, e trabalho, muito mais para os canaviaes de 5, 6, ou 7 colheitas, mas na verdade se podem fazer estáveis, e vitalícios plantando-os em terra firme, como já dissemos, nem ficará por isso mais costosa a sua condução ao engenho, porque em carros mais facilmente, e com menos gente se conduz, do que por água em canoas, que dependem de muita gente para se puxarem, e occasiões oportunas de marés, caladas, e outras circunstâncias, quando para os carros todo o tempo é apto, e para os guiarem bastam ũa só pessoa, ou um só menino, por onde se vê, que é engano cuidarem que por água tem mais fácil condução, e só por necessidade se pode assim conduzir vindo de mais longe por rezão de se occuparem as terras dos sítios em outras fazendas de cacao, café, etc. que não é bom deitar a perder, estando já feitas por causa dos canaviaes que podem fazer-se em outras terras, ou na outra banda do rio, como muitos costumam.

Tendo assim canaviaes perpétuos, terras de semeadura perpétuas etc. já se vê que os engenhos hão de ser de muito maior rendimento, do que ao presente são, e já então como não há os laboriosos roçados das manibas anuaes, não necessitam os engenhos de tanta gente de mais gente, do que a precisa para o seu tráfego; e se quiserem que as terras, que dissemos de semeadura, dem não só ũa senão duas, ou 3 colheitas no ano sem perigo de enfraquecerem, ou descaírem da sua fertilidade, lhes vão espalhando o bagaço da cana, que não terá melhor despejo, visto não se poder deitar nos rios por não os estirilizar de peixe, segundo dizem, e tão bem as podem regar toda a vez, e quando que quiserem, como logo diremos, posto que para serem férteis não necessitam destes benefícios: e para terem nos seus sítios todo o regalo, tãobẽ podem fazer ũa boa horta no espaço que sempre deixam entre as casas, e o rio por todo o comprimento correspondente às casas, igreja, moendas, e mais fábricas que tiverem, onde podem ter toda a casta de hortaliças.

Para a maior expedição das moendas é certo que tãobẽ deviam os moradores do Pará buscar outra melhor indústria, do que a que usam nos bois, porque além de serem vagarosos, é necessário grande manada para se revezarem, nem podem trabalhar sempre, porque se lhes deve dar tempo para

pastarem; e quasi os mesmos inconvenientes tem os cavalos, excepto o serem mais ligeiros; e só dando-lhes de comer em casa para os terem sempre promptos, se melhoraria o caso: o mais acertado será fazer moer com água, como fazem na Bahia, e não faltam regatos de água para isso excelentes, que decem dos matos, mas quando esses não sejam suficientes se podem suprir com açudes, que facilmente se podem fazer no Amazonas, visto levantarem-se todos estes engenhos lá a borda da água: os quaes ainda que moam, e trabalhem só meia maré nele darão mais vazão do que o trabalho dos bois, ou cavalos todo o dia. Dizem tãobẽ se tem inventado engenhos, a que chamam de nova invenção, os quaes dão aviamento em dobro, dos que usam ordinariamente. Não tive tempo de avariar esta nova invenção, porém

Na 6ª parte deste Tesouro do Amazonas dou notícia de alguns ingenhos de açúcar, quaesquer deles posto em execução será dificultoso fazer canavial tão extenso, que lhe possa dar sustento todo o ano; o 1º engenho que proponho há de andar a impulsos de água das marés, mas tal indústria, que nunca há de parar, senão quebrando-se, ou fazendo-o parar de propósito, e com tanta velocidade, que dará mais trabalho em temperar-lhe do que aligeirar-lhe; e havendo cana que lhe dê sustento todo o ano, e gente que lhe possa ministrar, basta um engenho destes para carregar muitos navios em cada ano. Com a circunstância de que tem, ou pode ter anexos muitos outros diversos engenhos como para sarrar madeira, para elevar água ou seja por nora, ou por bombas, [a] serventia de lambiques, e para utilidade das terras; engenhos ou moendas para moer grão; outros para fazer farinha de pao no caso que se queira cultivar; outros para descascar arroz; moer tabaco, levantar pilões, e talvez muitos outros conforme a vontade de cada um, impelidos todos por ũa só roda à força da água. Fora este que é ingenhoso,

Proponho 2º a que tãobẽ podemos chamar de nova invenção, e é para os que usam de bois ou cavalos, mas com tal indústria, que com muita facilidade se possa erigir, e trabalhe com os ditos bois, ou cavalos 30, ou 50, ou quantos mais dobros quiserem, e assim outros à escolha: qualquer deles necessita de grandes canaviaes, e não é necessário a seus donos outras fazendas para enrequecerem mais do que as precisas siaras para sustento dos serventes do engenho: e posto que as engenhocas de água ardente dem mais lucro a seus donos, do que a factura do açúcar, contudo não aconselharia eu, que os canaviaes se consumissem em águas ardentes, mas só em açúcar, e que em lugar da cana se usasse para a factura da água ardente de laranjas, visto ser a terra tão fecunda em laranjas, que se perdem pela terra, e podem para esse efeito ter laranjaes de toda a casta de laranjas, quando não bastassem as que acima dissemos disposta à corda assim pelo pasto, como pelas divisões das terras de semeaduras; e por ventura que seus donos lucrarão muito mais, do que com a aguardente de cana, porque terá mais consumo, e darão menos trabalho.

Para as espremerem não será necessário irem às moendas como a cana, basta usar de imprensas, como se faz às uvas: parece-me que será bem aceita esta advertência pelos moradores do Amazonas por rezão de aproveitarem assim a imensidade de laranjas, que tem, e perdem pelos seus sítios; O mes-

mo podem fazer da fruta caju, de cujo sumo se faz não só excelente vinho, mas tãobẽ água ardente preciosa; e tãobẽ são estáveis os cajueiros, e principiam a dar fruto ou com um ano, ou dous; carregam muito, são fáceis de espremer; e tem fora isso a conveniência das castanhas.

CAPÍTULO 9º

DE MELHOR MÉTODO PARA A FACTURA DAS CANOAS DO AMAZONAS.

Não obstante a bizarria das embarcações do Amazonas tãobẽ os seus moradores devem mudar de sistema, se querem melhor acerto; porque segundo a factura ordinária de canoas inteiriças são tantos os seus inconvenientes, que bem ponderados trazem consigo mais damnos, que proveitos. Para melhor se conhecer esta verdade, se há de trazer à memória a praxe ordinária, que usam para sobre ela dizermos o nosso parecer, em que claramente conheçam as maiores conveniências em outro método. As embarcações de que usavam na entrada dos europeos os índios, e que ainda hoje usam os salvages eram grandes cascas de pao, ou algum tronco de pao aberto por dentro com fogo; nem tinham instromentos de ferro para mais fábrica, punham-lhe alguma rodela na poupa, e proa, e ficavam com a sua embarcação feita com poucos mais materiaes, e com estes barcos viviam, como ainda hoje vivem contentes os salvages, porque não necessitam de barcos de carga, mas só quanto lhes basta para navegar.

Como acharam este feitio de embarcações os europeos se apegaram a ele, assim como à farinha de pao, porque tãobẽ a usavam os índios; e posto que por terem instromentos as foram cada vez mais aperfeiçoando, sempre ficaram com a mesma praxe de as fazer inteiriças assim piquenas, como grandes fazendo de cada pao ũa canoa de 80, 90, ou 100 palmos com admirável artifício como todos os estranhos admiram, e nós já descrevemos; e além do belo feitio que lhes foram dando, tãobẽ foram escolhendo madeira a mais durável para maior duração das canoas; e de tal sorte se pegam todos os europeos a esta moda, que se não usa em todo o Amazonas outra casca de barcos, poupando assim muita pregaria. Isto suposto

Digo, que, não obstante todas as conveniências, que de semelhantes embarcações alegam os prácticos bem consideradas, e contrapostas aos seus inconvenientes, não são de nenhũa utilidade a seus donos estas canoas, antes de mais danos, que proveitos; e que melhores conveniências sem comparação terão fabricando-as ao modo da Europa com taboado, do que fazendo-as inteiriças; e a rezão está clara, porque para as fazer inteiriças, além dos mais inconvenientes, que logo diremos, necessitam de paos especiaes, muito trabalho e maiores riscos; nada disto tem as embarcações feitas de taboado, por-

que bastam para o taboado quaesquer madeiros, fazem-se com mais presteza, com menos perigos, e finalmente com muitos outros maiores avanços: O que melhor se confirma recordando a sua laboriosa factura, e ponhamos exemplo em uma canoa de 90 ou mais palmos feita de um madeiro *v. g.* de 30 palmos em roda.

Primeiramente um semelhante madeiro, e semelhante canoa requer para a sua factura 20 té 30 obreiros ao menos; se é que bastam estes só para moverem, e menearem um tal madeiro. 2º de um tal madeiro, e de qualquer outro por maior que seja, não se faz senão ũa embarcação. 3º a grande demora na sua factura em cousa de dous meses pouco mais, ou menos. 4º o risco de se perder toda a obra, e trabalho quando já está mais de meio feito, na occasião da abertura com fogo, porque muitas vezes racham de meio a meio sem outra serventia senão para o fogo. 5º as contingências de não abrir direita, e com igualdade; ficando com torturas, corcovas, e inchaços, que, se não deitam a perder a obra, a desfeiam muito, e augmentam o trabalho no cavername. 6º novas fadigas para cortarem novos madeiros para lhe fazerem as falcas, que sempre lhe acrescentam de ũa e outra banda; e como cada ũa deve ser do mesmo comprimento do casco, e se faz de um só pao, não custam pouco trabalho.

7º Outros paos do mesmo comprimento para outros dous talabardões que lhe põem por cima das falcas, que se fazem de outros dous grandes madeiros; 8º outros madeiros de boa grossura para lhe fazerem as conchas, e bochecas da proa: Da mesma sorte os bancos fazem cada um de cada pao; o que tudo pede não só muita gente de trabalho, mas muito trabalho, e muito tempo: tudo porém se podia dar por bem empregado se não tivesse ainda outro inconveniente maior de todos, que é (ainda prescindindo de naufrágios, e alagações) o perigo de logo se perder com ũa, ou duas viagens ao sertão antes de dous anos, como muitas vezes acontece por lhe entrar o bicho turu, minhoca d'água, peste da madeira por mais dura, que seja, e traça das embarcações, que logo por baixo trespassa, e faz como um crivo, sem mais remédio, que meter-lhe o machado, e fazer dela lenha para o fogo; e um só ano, ou dous vem a ser todo o producto de tanta gente, e de tanto trabalho, e de tanto tempo.

Todos estes inconvenientes se seguem das canoas inteiriças, e quem bem os ponderar achará, que são maiores os seus danos, do que os seus proveitos; e pelo contrário todos estes inconvenientes se evitam com as canoas de tábuas, como logo mostrarei; quando muito se observe o método antigo, e se façam inteiriças as canoetas piquenas, que mais facilmente se livram do turu, porque se puxam para a terra; e fazem-se com brevidade; mas as grandes é querer arriscar em só ũa viagem o valor de um conto de réis, ou mais, não quero porém dizer, que se façam de tábuas ordinárias como na Europa, posto que ainda assim seriam muito mais convenientes, mas de outra casta de tábuas, que sejam compridas de poupa a proa de 80, 90, ou 100 palmos, e tão largas, que 3, ou 4 sejam bastantes a fabricar ũa canoa das maiores, e mais possantes, que se usam no Amazonas, porque deste modo evitando-se todos os inconvenientes supra, se ganham muitas outras mais utilidades.

1ª é, que do mesmo pao, de que antes só se fabricava um casco para ũa canoa, feito em tábuas se podem fazer 7 ou mais do mesmo tamanho, ou maiores, que o dito casco, e do mesmo comprimento; e o provo com evidência pondo o exemplo em um madeiro de 30 palmos em roda, e 90 no com-

primento: porque ũa canoa feita inteiriça de um tal pao virá a ser de* palmos de bocal, e tantos de circunferência ou bojo *v. g.** Feito porém em tábuas de todo o comprimento do pao virá a deitar mais de 30; algũas com largura de 2 té 10 palmos, [ ] 30 palmos em roda deitam 10 de largo. O que posto se vê claramente que bastam 4 tábões destes para fazerem ũa embarcação de 30 e tantos para 40 palmos em roda, e de bocal, semelhante pouco mais ou menos no tamanho, à única, que se costuma ter inteiriça: dando pois 4 tabões destes a cada canoa vem a deitar nas 30 tábuas um tal pao sete canoas de bom tabuado, e ainda ficam duas tábuas para outra; mas basta, que deite só 6 por rezão de que as tábuas não são todas da mesma largura, e quanto mais conveniente é, ou são 6 canoas, do que uma só do mesmo tamanho. Vejam quanto mais se lucra com este método, do que na praxe antiga? E os mesmos avanços se acharão em qualquer outro pao proporcionando-o conforme a sua grossura.

E conforme a este, assim são os mais avanços, e utilidades; porque a 2ª é os menos operários, de sorte, que se para a factura da canoa ao modo antigo, e para a construção do seu madeiro são necessários *v. g.* 20 té 30 operários: para se serrar, e fazer em tábuas bastarão 10 ou 12 pessoas. 3ª conveniência é no tempo; porque se para a praxe antiga são necessários *v. g.* dous meses, para a nova fábrica bastarão 15 dias té 20 para fazer, e aperfeiçoar ũa canoa de semelhantes taboões, e só poderia gastar mais algum tempo a serradura do pao, mas sempre com mais brevidade, do que a laboriosa boleação, e escavacação de todo o madeiro: a mesma meneação, e condução das tábuas já se vê que é mais fácil, do que menear o madeiro todo, ou um casco inteiriço. 4ª conveniência e grande é, que se evitam as falcas, e talabardões, e por conseqüência a custosa, e vagarosa laboreação de outros grandes madeiros, de que se costumam tirar. 5ª se evitam as conchas, e bochecas, que além de laboriosas, são uma das maiores impertinências, que tem as canoas; porque feitas do taboado dito já não necessitam delas podendo fazer-se-lhe o mesmo feitio nas tábuas com o calor do fogo.

6ª conveniência são as cavernas muito mais fáceis de acomodar as tábuas, do que ao casco inteiriço, porque como o casco rara vez sae do fogo bem boleado, e ordinariamente sae com corcovas, e inchaços é um grande trabalho, e maior impertinência o adjectivar as cavernas a semelhantes inchaços, e corcovas; nem servem todas, senão as muito especiaes; o que se evita na nova factura, em que [lig]am as cavernas aos cascos, mas as tábuas se devem acomodar as cavernas. 7ª porque assim se evita o perigo de perder toda a obra, e trabalho com rachar o casco, quando se abre ao fogo; e se evita tãobẽ a multidão de gente, o grande cuidado, e fadiga, que há na manobra do fogo. Em fim evitam tantos outros inconvenientes, que dizem ordinariamente os prácticos, que antes querem comprar semelhantes canoas por 600 mil réis ou mais, do que mandá-las fazer não obstante terem os oficiaes a casa, e a madeira, e mais materiaes à sua reveria, e na verdade assim o faziam muitos. Porém

A 8ª e principal conveniência das canoas feitas de semelhantes tábuas sobre as inteiriças, está na duração; porque não tem o perigo de logo se perderem como as outras, antes podem durar tanto, ou mais que os mesmos navios; e a rezão é: porque se lhe dá o turu por baixo, como costuma, ti-

* Há no texto original um espaço em branco.

rando-se a tábua damnificada, e pondo-lhe outra em seu lugar fica outra vez a canoa toda saa; e da mesma sorte damnificando-se qualquer outra tábua por podridão, ou por qualquer outra causa, se pode renovar com outra, e finalmente se podem ir renovando todas té durarem saas as cavernas, e se estas forem de bom pao, dos que nunca apodrecem, nem se corrompem, com lhe irem renovando as tábuas tem canoas para a vida de um homem, porque lhes não custam renovar estas tábuas, tendo tantas matas à sua ordem, e tantos madeiros à escolha; e deste modo com menos gente, e com menos trabalho aproveitam melhor os grandes madeiros, do que fazendo deles um só casco.

Porém como semelhantes paos são mais raros, e mais custosos de laborar, aconselhara eu, que seria mais conveniente escolher para semelhante obra outros madeiros mais acomodados, e mais tratáveis *v. g.* de 12, 15, té 20 paos em roda, ou ainda de menos, porque ainda deitam tábuas de boa largura de 4, 5, e mais palmos, e bastam; porque embora, que levem mais tábuas, compotada a maior facilidade, com que se fazem, ainda fica a obra mais conveniente; porque semelhantes paos se acham facilmente, e talvez de mais duração, que os grandes madeiros de 20, ou 30 ou mais paos; que ordinariamente são pao angelim, o qual nem todo, nem em toda a parte são de muita duração; e há muita outra casta de madeira, de muito mais duração, posto que os seus paos sejam mais delgados. Donde o que dissemos em cima dos grandes madeiros, é respectivo ao uso das canoas inteiriças, e que se lucram todas as conveniências supra trabalhando-os do modo dito; porém aqui acrescento, que ainda é mais fácil, e útil trabalhar em madeiros mais acomodados; o ponto está em que sejam do comprimento que se quer, a que sejam de boa duração, porque o levar mais, ou menos tábuas no Amazonas não vale nada.

É engano o cuidarem alguns, que semelhantes canoas feitas de tábuas serão menos fortes, do que as inteiriças de um só pao; porque a fortidão das canoas, e quaesquer embarcações não está no casco, ou tábuas de fora, mas no espinhaço e cavername de dentro; das cavernas depende toda a sua fortidão, e se vê bem esta verdade nos navios, que não obstante serem em taboados de pinho, que é pao de pouca monta, e dos mais brandos, são de muita fortaleza: Além de que sabem se advertir não leva menos partes, e menor composição ũa canoa de casco, do que ũa canoa(s) dos taboões ditos: ũa canoa de casco a menor composição, que leva é de 9 partes, e são o casco, 2 falcas, duas pranchas, ou talabardões, duas conchas, e duas bochechas, e as vezes leva mais; e com menos se faz ũa canoa de tábuas do mesmo tamanho ou maior; antes se pode afirmar nestas maior fortidão, porque se a sua fortaleza se toma do casco inteiro, nunca é tão inteiro, que se não accrescente na proa com as conchas, e bochechas; e as tábuas, que dissemos, não necessitam de acréscimos, porque elas mesmas fazem a proa, e são mais inteiriças, do que os cascos, que se chamam inteiriços, mas na verdade o não são.

Isto é em quanto ao comprimento, e em quanto à roda é a mesma fortaleza, ou mais que os cascos e das tábuas, porque em roda levam as canoas de casco 5 partes ao menos casco, duas falcas, e dous talabardões, com outras tantas tábuas, sejam largas, como as que dissemos de 7, té 9 ou 10 palmos ficará com a mesma fortaleza, isto é a respeito das partes; mas se atendermos aos buracos, com que costumam fazer como um crivo os ditos cascos, e ao depois tapam com tornos, é sem dúvida maior a fortaleza das canoas de tábuas inteiriças, do que as de casco, que muito se enfraquecem

com semelhantes crivos; donde se vê o grande engano em se cuidar mais fortaleza nas antigas; antes é tão pouca, que quando socede sentar-se algũa semelhante canoa em algum pao dos muitos que estão debaixo da água nas praias quebram caem a proa para ũa parte, e a poupa para outra. Mas ainda com outras rezões se pode provar a maior fortaleza destas tábuas.

1ª porque na praxe antiga por rezão das corcovas, inchaços, e barrigas, com que ordinariamente saem os cascos, se procuram aptar as cavernas com a mesma tortura, e cadência, e para isso é preciso tirá-las do seu natural, e cortar-lhes o fio direito; e quem não vê, que que um pao tirado do seu fio direito, e natural fica mais infraquecido, do que o direito, e natural? pois esta melhoria, ou maior fortaleza tem as cavernas na praxe que insinuamos, porque como nela não há corcovas seguem as cavernas o seu fio direito; e em quanto a esta parte ficam por isso mais fortes as embarcações. 2ª porque os mesmos cascos são em si mais fracos do que as tabuas pela mesma rezão; os cascos para sairem com feitio capaz de obra primeiro se boleam, e se tiram do seu natural e fio direito, logo tãobẽ por esta parte ficam as canoas mais fracas na praxe antiga, do que na nova, porque os taboões seguindo o seu natural nada perdem da sua fortaleza. Por todas estas rezões se vê bem, que é apreensão, engano o cuidar, que na praxe antiga ficam mais fortes as canoas, e todas igualmente persuadem, que a praxe antiga traz mais damnos que proveitos; e é mais abuso, que uso, semelhante ao abuso da maniba, que acima propusemos.

Mas quando não houvessem outros proveitos nas embarcações de semelhantes tábuas, ...dissemos, bastava para preferir a sua praxe à antiga o fazerem-se do mesmo madeiro 5, 6, ou mais canoas em lugar de ũa só, que se fazia; e fazerem todas com menos gente, e em menos tempo, e menos riscos, do que só aquela. De sorte, que só para admiração, por galantaria, e cousa rara se poderia algũas vezes fazer ũa semelhante canoa; ou para assim poder aproveitar alguns grandes madeiros occos por dentro, como são muitos angelis, e por isso incapazes para taboado só se podem aproveitar em cortiços, ou cascos; até para isso se poupa tanto mais trabalho, quanto maior é o vão, que tem por dentro; e então tãobẽ eu digo que é bom aproveitar semelhantes madeiros; mas a quem estivesse pelo meu conselho, diria eu que ainda nesse caso mais conveniente, e fácil seria buscar outros paos maciços, embora que mais delgados, e fazê-los em tábuas, do que aproveitar aquele occo; pela rezão dos mais inconvenientes, que dissemos; vale mais deixar este madeiro de 30 palmos em roda *v. g.*, e serrar um só de 15 palmos; porque este de 15 me pode dar 2, ou 3 canoas, e aquele ũa só: estas são certas, e sem riscos, e fáceis; e aquela tem tudo ao contrário; para fazer aquela é necessária muita gente, e muito tempo, para fazer estas basta menos gente, e menos tempo.

A maior objecção da praxe antiga (além do uso, ou abuso) é o não terem, nem necessitarem as canoas de quilha inteira, circunstância que para eles muito pondera, especialmente no Amazonas, onde as canoas tem muitas coroas, e secos pelos quaes se vão puxando quando se não possam puxar ficam assentadas direitas esperando pelas marés sem perigo etc. dizem, que as canoas de tábuas deveriam ter quilha, e por isso menos capazes para os baixios: mas tem fácil reposta esta objeção, e é que não obstante terem tábuas podem ter, ou não ter quilhas conforme a vontade dos seus donos, e dos seus oficiaes; e ainda tendo-as, podem ser tão chatas, boleadas no fundo, que topando em baixos não virem, e fiquem direitas, como socede aos navios, que não

obstante terem quilhas, ordinariamente ficam direitos, quando dão em seco: Antes as quilhas são de tanta conveniência às embarcações, como o espinhaço, ou lombos nos viventos; porque não só fazem mais fortes as embarcações, mas tãobẽ ajudam muito para a sua maior segurança, e para darem ou obedecerem mais facilmente ao leme. Mas no caso, que não queiram quilha, está na sua vontade.

Suponhamos, que querem fazer sem quilha ũa canoa grande, e que para ela tem 5 taboões de 8 palmos de largo cada um; ponha-se um destes no espinhaço, como se faz do casco, suponhamos, que serve de casco arqueado com fogo quanto baste a fazer o boleado, que é facílimo; pelas bandas se lhe vão accomodando as mais tábuas, e aí ficará a embarcação sem quilha, e sempre com as conveniências supra; donde, não é preciso que tem quilha *ex eo*, que sejam de táboas; mas na verdade são tão úteis as quilhas às embarcações, que ainda sendo de cascos as deveriam ter inteiriças, digo inteiriças; porque sempre lhes põem algũa tal qual quilha para a parte da proa, e poupa, e só no meio ou barriga, lhe deixam o casco boleado. Mais fútil é outra objecção, que põem outros, de que levariam mais pregos, e mais ferro, do que os cascos: mas ainda que assim seja, quem não vê, que as conveniências supra avultam mais do que duas, ou 3 dúzias mais de pregos; e ainda que duas ou 3 dúzias mais de quintaes de ferro? Mas eu lhes mostro que podem levar menos, do que as antigas.

As antigas tem, como temos dito, na circunferência 5 peças, que são casco, duas falcas, e dous talabardões; outras tantas tábuas, ou mais algũa levarão as nossas, ou só 4 se forem bem largas; e para se segurarem nas cavernas não serão necessários mais pregos, do que as de casco; logo nesta parte ficará quasi o mesmo: porém como estas tábuas vão a rematar no beque, e fazer a proa, ali poupam toda a ferramenta, que levam de mais os cascos com o accrescentamento das conchas, e bochecas; e nesta parte levam as táboas menos pregos. As mais obras internas são o mesmo em ũas, e outras. Em fim por mais rezões que se busquem, se há de vir a concluir, que a objeção total que tem as táboas, sobre a praxe antiga, não é outra senão o uso, ou abuso; *Sic voluere priores*.

Além deste abuso das canoas de casco tãobẽ me parece não ser bom acerto o dos moradores do Amazonas em fazerem as suas embarcações de angelim, e semelhantes castas de pao pesado, que nas contingências de algũa alagação vai logo ao fundo com o naufrágio dos navegantes, e se perdem canoas, e canoeiros; e não atendendo a semelhantes desgraças, que mais deviam precaver, só atendem à maior duração da canoa pela qualidade de pao duro: e são tantas as desgraças, que socedem com semelhantes naufrágios, que bastavam a eleger antes outras qualidades de madeira boiante, em que possam navegar sem susto. Sendo que na verdade se enganam em cuidarem que os paos pesados duram sempre nas canoas mais, do que os paos leves, bem leve é o pao pinho, e dura na água mais anos, do que qualquer outra casta de pao pesado: mas ainda no caso de maior duração do pao pesado, que o leve, devendo ponderar mais a segurança da gente, e da carga se devia escolher antes a madeira leve, do que a pesada, porque a pesada indo ao fundo perde-se de todo, e perdem-se com ela os navegantes, e as cargas; e pelo contrário nas canoas de pao leve, salvam-se as canoas, salva-se a gente, que é o principal, e muitas vezes tãobẽ se salva, e aproveita muita parte da carga, quando não seja toda.

É certo, que havendo as duas circunstâncias de pao duro, e bioante, como na verdade há em algũas madeiras, qual é o pao itaíba, que não obstante ser comparado ao ferro na duração, é contudo isso boiante, e não vai ao fundo, esse só, ou principalmente se devia escolher para as embarcações, e na boa estimação deveriam preciar-se em dobro as canoas de itaíba pela circunstância de boiar, do que as canoas do angelim, que ũa vez alagadas, ficam perdidas; Nem se enganem com a esperança de muita duração dos angelins, porque sei que alguas canoas feitas delas apenas tem durado dosu anos; assim socedeo a um Missionário que comprando por 500 mil réis ũa canoa, de que tinha necessidade, com duas viagens ao sertão, e em menos de dous anos ficou incapaz de tornar a servir por podre; e que lhe aproveitou ser de angelim? Outras pouco mais tem durado; e que pao leve por mais há que seja durará menos de 2 anos? Porém demos que na verdade durem menos, vale mais a segurança, e vida dos donos, e navegantes, do que as esperanças de maior duração.

Outra advertência, que deviam ter os feitores das canoas, é a maior facilidade, e suavidade [dos] remeiros; pedem compaixão, os pobres índios remeiros nas canoas grandes, e de altos bordos, que não podendo comodamente chegar com os remos à água, se vem obrigados a dobrarem-se todos ou com todo o corpo para poderem chegar com os remos a água, de que nacem muitos inconvenientes como são o não poderem fazer força nos remos; e o derrearem-se, e moerem-se, e contraírem doenças. Eu prescindindo aqui dos inventos facílimos, que apontarei, se Deus for servido, na 6ª e última parte por remate do Tesouro Americano; aconselharia outra mais accomodada, e suave forma de remar, como são os remos de voga, de que usam na Europa; e quando estes se não possam accomodar por rezão, das cobertas das canoas, segundo o uso do Amazonas; ao menos buscar outra melhor forma, que sendo de maior lucro às canoas, seja tãobẽ de maior comodidade aos remeiros *v. g.* assim

Ponha-se uma prancha do comprimento necessário das bandas de fora das canoas grandes com boa porção na altura, para que os índios assentados neles possam remar com facilidade; e para poderem firmar os pés, como costumam, para fazerem impressão na água com o remo, se pode tãobẽ pôr uns paos, ou pontaletes, que deçam para baixo da dita prancha, seguros no costado, que pareçam mais enfeite, do que precisão; e as ditas tâboas se podem segurar nas pontas dos bancos, que nesta praxe devem [sair] fora; como tãobẽ podem as ditas tâboas ou ser estáveis, ou postiças: nelas assentados poderão [já os] remeiros fazer melhor o seu ofício sem tanto dano da sua saúde, e com mais brevidade das viagens com a circunstância de que assim ficam os centros das canoas mais expeditos etc.

Seguia-se agora responder, aos que dizem, que os madeiros da marca maior, como são, os que temos ditos de 30, 40, e mais palmos de roda, de que se costumam fazer os cascos na praxe antiga, se não podem serrar, e fazer em tâboas, para se poder pôr em praxe as canoas de tâboas compridas, que propomos. Porém a milhor reposta guardo para a 6[ª] parte quando apontar alguns engenhos fáceis de serrar madeira por agora, respondo, que estes grandes madeiros se serram na mesma terra, em que caem, fazendo cova na terra, que vão prolongando para diante, quanto mais avançam as serras. Tãobẽ se podem serrar para as bandas, como se faz, quando com serra se quer deitar abaixo alguma árvore; e para descanso, ou encosto das

serras se podem pôr duas vigas nas ilhargas do madeiro do mesmo comprimento, que servindo para descanso das serras se possam levantar, ou abaixar quanto as serras mais se levantam, e abaixam. E ainda que sejam na verdade costosos de serrar estes madeiros, nunca custarão tanto trabalho, nem tanto tempo, como o trabalhá-los para fazer os cascos das canoas.

CAPÍTULO 10º

PROVIDÊNCIA NECESSÁRIA E UTILÍSSIMA PARA A NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS.

Frustrado seria o projecto de povoar o Amazonas com novas povoações, e colônias de europeos, se juntamente se não aplicar a necessária providência para a sua navegação; porque faltando a precisa navegação, faltará juntamente a comũa necessária serventia, e comonicação dos moradores, e seria o mesmo, que prender nas suas povoações os novos colonos, se não se lhes der modo, de poderem sair deles, e negociar a vida: e a rezão é; porque como já temos dito por vezes, em todo o Estado do Amazonas são os caminhos, serventia, e comonicação por água; por estar aquela grande região toda cercada, cortada(da), e retalhada de rios, lagos, e lagoas; e assim a navegação é toda a serventia; as canoas são as bestas, as cavalgaduras, e os carros; e como para esta precisão são necessários remeiros que não terão, nem poderão ter os novos povoadores, seria pô-los de cerco nas suas povoações; e não lhes dar a devida providência da navegação, com que se possam remediar: e para melhor verem quão necessária seja esta providência, se lembrem da praxe que usam os seus habitantes, que é

Ter cada morador canoas próprias, e próprios escravos para os ter sempre promptos a seu serviço; e como precisam de transportar as suas fazendas dos seus sítios à cidade em canoas grandes, e possantes; outras vezes algũa outra menor carga, que precisa de menor barco; e o ordinário, precisam de canoas ligeiras para serventia das suas pessoas, e famílias; para todas estas precisões se vem obrigados a terem canoas de toda a lotação, e escravos próprios não só para as fazer; mas tão bem para as remar; e para este efeito é que buscam todos com muita ambição ter escravos, e mais escravos; para poderem ser bem servidos nas suas canoas, assim como tãobẽ para a roçaria das matas, e cultivo da maniba, que acima dissemos: e quem não tem gente de serviço não é, nem pode ser servido; e se algũa vez se vê muito precisado a algũa navegação, o pede por grande mercê, que se alcança ũa vez, as mais lhe falta; e como tudo isto nace da falta de embarcações comũas, e de aluguel, já se vê quão precisa se faz esta providência que consiste em pôr no Amazonas barcos comuns para a precisa serventia de todos.

E nesta providência consiste o 2º requesito dos dous, que acima dissemos, se requerem para a povoação do Amazonas; assim como o primeiro é meter em praxe o uso das siaras de grão em terras estáveis, desterrando o uso da mandioca. Desterre-se o uso da mandioca cultivando estáveis terras com siaras de grão ao uso do mais mundo; e ponham-se embarcações comũas no Amazonas, porque já então não precisarão os habitantes do Amazonas de ter escravos, e mais escravos, canoas, e mais canoas para se poderem servir, e comonicar. Deste modo com barcos comuns, e de aluguel se servem os homens em todo o mundo, e deste modo se podem tãobẽ servir no Amazonas; já então se poderá cultivar a terra, e se poderão erigir povoações quantas quiserem, porque terão nos barcos comuns a precisa serventia.

Ponham-se pois na carreira do Amazonas dous barcos actuaes, ou mais, se mais se julgarem precisos, grandes, e possantes, e já com eles andando sempre na carreira para baixo, e para cima se remedeam todas as povoações, e missões do Amazonas: Foi já arbítrio este, e conselho do grande Padre Vieira quando Missionário fervoroso andava naquele grande rio pescando as preciosas almas dos seus naturaes; e se occupava em pôr em paz com os portugueses a guerreira nação Meengaiba, que com guerra renhida de muitos anos impedia com outras nações a boca do Amazonas; podendo acabar com as suas prácticas em só um ano, o que não tinham podido conseguir em mais de 20 as armas dos portugueses, para que acabem de conhecer os homens, que vale mais um religioso exortando, do que (do que) um poderoso exército matando; mas deixemos estas verdades, que o mundo já não está para as ouvir, voltemos ao Amazonas para cuja navegação, e necessária comonicação já o grande Vieira julgou [precisos] dous barcos e muito mais se fazem precisos crescendo a sua povoação.

Devem estes barcos não só estar promptos, mas andar sempre encontrados de sorte que quando um sobe, deça outro; um para cima, outro para baixo; navegando junto as povoações para poderem recolher os passageiros, e carga de cada morador; e para maior comodidade trarão consigo esquifes, nos quaes poderão chegar aos sítios dos moradores, onde muitas vezes não poderão chegar os barcos sem perigo, e sem demoras: Tãobẽ nas mesmas povoações pode haver, e sempre haverá algumas canoas ligeiras, por meio das quaes se podem fazer as cargas, e descargas: e no caso, que por serem mui compridas, e vagarosas as viagens dos barcos, se julguem precisos mais, se podem multiplicar, ou quando não, podem ter limites, aonde cheguem, e outros dali para cima, como melhor for.

Tãobẽ para melhor economia deveria haver em cada rio um barco ao menos para serventia dos seus moradores, cuja carreira fosse da cidade para o rio, e do rio para a cidade sendo perto; e sendo mui distante do Amazonas; basta que estes barcos de cada rio dos colatraes transporte as fazendas às bocas dos rios, onde com facilidade se possam baldear nos barcos de carreira, sem que a estes lhes seja necessário entrar por eles com demoras, e prejuízo do comum: e com semelhante economia se podem servir as missões dos índios de cada rio, sem se verem os seus Missionários precisados a terem embarcações próprias, e precisão de mandarem à cidade; basta-lhes terem nas bocas dos rios, em que supomos haver sempre alguma povoação mais principal, procuradores, por meio dos quaes sejam servidos nos barcos da passagem.

E talvez com este exemplo se excitem muitos particulares ao mesmo modo de vida, tomando à sua conta o fazer mais barcos, o que tudo cederá

em utilidade do bem comum, e augmento do Estado. Nem com a sua praxe se deve proibir aos particulares o poderem servir-se nas suas canoas próprias, [com] próprios escravos, se os tem, como té gora fazem; porque semelhantes providências só se põem para suplemento das embarcações próprias, e falta de escravos, que não terão os novos povoadores; sem obrigar, nem violentar, aos que se quiserem servir em canoas próprias: Mas suponho, que ninguém quererá occupar os seus escravos em viagens especialmente dilatadas, tendo, ou podendo ter o mesmo efeito nos barcos da passagem com um barato aluguel. Nestes barcos pois, e na sua providência está o 2º requesito, e meio inevitável para a povoação do Amazonas; e sem ela seria pertender o fim sem pôr os meios.

Quantas utilidades se sigam aos particulares moradores, e a todo o estado em geral? facilmente se conhece, ainda que não houvesse outras causas, por só esta, que sem estes barcos comuns não pode povoar-se o Amazonas, nem por conseguinte augmentar-se o Estado; e pelo contrário com a sua providência se pode povoar, e augmentar-se a um grande império; porque 1º já os governos tem nos barcos correios promptos para expedirem as ordens; tem embarcações para fazerem as viagens; e tem meio para embarcarem as suas tropas a qualquer praça, e destacamento, que queiram, sem se verem precisados a comprar, ou mandar fabricar canoas próprias, e desacomodar os índios das missões para qualquer expedição, ou serviço real. Os ministros régios tem modo de executar as suas diligências, sem mais despesa, que o seu frete. Os moradores ricos sem desacomodarem os seus fâmulos, nem prejudicarem os seus sítios tem a mesma serventia: E os pobres podem ser servidos como os ricos.

Da mesma sorte as missões poderão mandar à cidade quando lhes for preciso por meio dos barcos, sem se verem precisadas a desacomodar os seus neófitos nas prolongadas viagens à cidade, com tanta utilidade dos índios como se pode ver, do que socedia em algũas missões, que todas as vezes que mandavam à cidade por precisão de provimentos sempre lhes morriam muitos índios 6, 10, e mais; e houve occasião em que morrendo todos os remeiros, e pilotos ficou na cidade a canoa por não haver, quem a remasse para cima, e baste este caso, para dele se inferirem os mais, e quantos inconvenientes se evitam com os barcos da carreira, em que assim índios, como brancos se podem servir sem mais dispêndio, do que algum piqueno preço de aluguel.

Mas além da serventia, e comoni[ca]ção, que são o principal intento destes barcos, se segue outra utilidade grande às povoações, e bem comum, que é uma grande fartura de víveres, e riquezas de víveres; porque as missões, índios, e brancos, que moram pelo Amazonas acima poderão carregar os barcos de tartarugas, peixes bois, arroz do muito natural que nace, e se perde pelos lagos; e por ora o não fazem, nem podem os brancos, por não tirarem dos seus sítios, e lavouras os seus escravos; os índios, porque são todos sobre si, e só usam de canoinhas piquenas insuficientes a cargas, e perigosas baías, e finalmente todos, porque fazem mais gastos nas viagens, e transportes, do que a valia das remessas. De riquezas; porque os índios, que são uns fura matos, neles acham muitas riquezas de bálsamos, de resinas, de muitas outras drogas, de que té gora não fazem caso, por não terem modo de as conduzirem à cidade, o que agora poderão fazer nos barcos da carreira.

Não é menor a conveniência de se poderem transportar pelo Amazonas acima os gados, especialmente vacum, de que há tanta carestia, quanta abundância na ilha Marajó, que só ela pode dar gado a todo o rio; mas pela

dificuldade dos transportes, se não podia embarcar, sem grandes prejuízos dos que navegavam, agora sem prejuízo de ninguém, antes com muita utilidade de todos se poderão transportar por todo o rio, e rios nos barcos da carreira, que supomos tão possantes, que no convés possam levar de cada vez ũa manada, cujo sustento pode ser pela viagem as mesmas ilhas de capim, e canarana, que bóiam pelo Amazonas, ou as ramadas das canas de açúcar, que desprezam os senhores de engenho: finalmente seguem-se tantas utilidades com estes barcos, quantos são os inconvenientes que há na sua falta, que facilmente se podem conhecer do que temos dito.

Resta agora saber, quem há de pôr estes barcos, ou por conta de quem hão de correr? e qual haja de ser, ou donde há de sair a sua tripulação? Ao 1º respondo, que, quando não haja particulares que os tomem à sua conta; deveriam correr por conta dos magistrados; *v. g.* o magistrado do Pará deveria tomar à sua conta os dous barcos, que corram todo o Amazonas; ou té o termo do seu governo; e os mais barcos por conta dos magistrados respectivos de cada rio: Os gastos para a sua construção, e conservação se resarcem logo nos fretes das primeiras viagens; porque acodindo todos os moradores, missões, e passageiros ao seu embarque, já se vê, que os fretes hão de ser muitos, e devem ser regulados conforme as maiores, ou menores distâncias, e deles mesmos saem os gastos da tripulação.

Tãobẽ se podem arrematar por contrato; porém o mais acertado me parece seria correr a sua incumbência só por algum particular, porque tem provado a experiência, que só então se desempenham bem as obrigações, quando estão anexas, e hereditárias nos particulares; e a rezão é porque então se vigiam, e tratam as cousas como próprias; e os magistrados, e contratadores só atendem a sua conveniência, e do maior lucro, que podem tirar no seu cargo; e quando muito fariam, que os barcos viajassem no seu tempo, embora que para os successores ficassem perdidos: e cada um procura largar a carga a outros; Para boa execução do ministério, se ponham os barcos em particulares abunados, que possam, e saibam desempenhar a sua obrigação. Nem me parece faltarão opositores fazendo-lhes alguns convenientes partidos, como *v. g.*

Autorizando-os com uma honrosa patente; e na verdade seria precisa não só para conciliar respeito nos passageiros, dos quais há muitos desalmados, e desatentos; mas tãobẽ para não serem vexados nas povoações, e fortalezas; cujos comandantes costumam violentar as canoas, ainda das missões não só demorando-as quanto querem; mas tirando-lhes a tripulação com algum pretexto, buscam, *v. g.* para capinar as fortalezas, e outros semelhantes, e nos barcos resultariam grandes conseqüências, não só nos barqueiros, mas tãobẽ nos interessados; antes deveriam, para os precautar, ser isentos da obrigação de aportarem nas ditas fortalezas, bastando terem, sendo necessária, revista, ou vestoria na [cidade] com semelhantes patentes de honra se movem mesmo os cidadãos ao serviço da República, e muito [mais] se com as patentes ficam filhos da folha com soldo proporcionado ao cargo, e bem o mereceria [um] cidadão fazendo-se benemérito de um benefício tão necessário e útil ao Estado.

E no caso que fosse necessário tãobẽ se poderiam ajudar os barqueiros dando-lhes os primeiros barcos com gastos da fazenda real, porque na factura dos primeiros está a maior dificuldade: pois os primeiros barcos, já a sua conservação fica mais fácil a quem deles tiver a incumbência, porque nos fretes terá com que resarcir os gastos: É certo que pela solidão, em que

actualmente está o Amazonas pouco avultariam os fretes, e talvez não cheguem a compensar as despesas se aliunde não houver algum outro adjutório; porém eu falo na suposição de que aquelas terras se vão cada vez mais povoando, e quanto mais se augmentarem as povoações, e moradores tanto mais se augmentarão as remessas, e crecerão os fretes; além de que postos os barcos haverá maior comércio, que té gora não havia por falta deles: e se os barcos tiverem o privilégio de só eles navegarem com a intenção, que proponho na 6ª parte, é sem dúvida que os lucros serão tanto maiores, quanto mais diminutos os gastos.

Consiste a invenção em dous não menos úteis, que coriosos inventos para abreviar, e facilitar a navegação, e para o grande Amazonas é que propriamente os meditei atendendo a poupar remeiros, e suprir as faltas de vento; mas parece-me terão os mesmos préstimos em toda a navegação ainda nos mais vastos mares: Consiste o primeiro em uma indústria de fazer navegar as embarcações com toda a casta de ventos ainda que sejam os mais ponteiros fazendo-os tão favoráveis, como se fossem de poupa. 2º invento é para suprir a falta dos ventos como socede nas calmarias, fazendo tão boa viagem como se houvesse bons ventos ainda na falta de remeiros, ou tripulação; porque com este invento basta a qualquer dos barcos 10, ou doze pessoas, quando sem ele, e na praxe usual, apenas lhe bastarão 30, ou 40 remeiros. Na 6ª Parte, se Deus for servido, os explicarei aos leitores.

Navegando pois os ditos barcos com os dous inventos, com que abreviarão muito as viagens, e escusarão numerosa tripulação, é sem dúvida, que os gastos, a respeito dos antigos, serão muito diminutos, e os lucros muito avançados, e não terão que temer os barqueiros o ficarem alcançados nas despesas, porque todos os passageiros, e suas remessas acudirão aos barcos pela conveniência da brevidade, além das mais, que já proposemos; porque já então não haverá neles demoras, nem esperas mais do que as meramente precisas nas povoações; ou por evitar tempestades, ou contra marés; e daqui fica respondido a objeção, que poderiam propor os naturaes, de que os ditos barcos teriam grandes dificuldades nos muitos passos, em que por causa de ilhas, e altas matas não podem penetrar os ventos, e só navegam as canoas à força de remos; e para se porem remeiros equivalentes a cada barco haveria precisão de muita tripulação, cujos gastos seriam exorbitantes etc. porque supostos os inventos já se escusam tantos remeiros; bastando para serviço de qualquer barco só 10 ou 12 pessoas.

Respondo já ao 2º quesito, donde haja de sair, e qual haja de ser a tripulação dos ditos barcos, pela rezão de não haver gente de servir naquelas terras, em que todos os brancos se querem reputar fidalgos? Respondo pois a esta dificuldade, que na verdade é a maior que se oferece à praxe dos ditos barcos navegando ao antigo, que como na suposição da pouca gente, de que necessitam, qualquer morador que os tomasse à sua conta, os poderia esquipar com os seus mesmos escravos; e a rezão é, porque se sem os barcos esquipavam antes as suas canoas com os seus escravos, muito mais poderiam esquipar com eles os barcos, pelos maiores avanços, que neles tem, até assim serão mais bem servidos, do que servindo-se com gente de soldada; e lhe seriam mais úteis, do que trabalhando nos seus sítios: mas no caso, que não queiram privar as suas fazendas dos seus escravos, ou no caso, que os não tenham; o melhor meio para os haver são as missões, desta sorte:

Conceda-se ao barqueiro para tripulação dos barcos um índio de cada missão, que já nelas tem gente de sobejo, e podem conceder-se por tempo

de 6 meses, ou por um ano acabado o qual se revezem outros índios de sorte que actualmente só ande fora de cada aldeia um índio no serviço dos barcos, e ainda esse deve ser algum mais expedito para que não tenha família, que sinta a sua ausência; e desta sorte com um só ficam todas as missões servidas, e os brancos, e povoações remediadas, e todo o Amazonas navegado: já se sabe que estes índios hão de ter o seu salário, que lhes hão de pagar os barqueiros, da mesma sorte, que pagam os brancos os índios da repartição, e como os barcos só os podem haver pelo decurso da viagem, e alguns só depois de meses segundo a longitude das missões, se devem remediar na primeira viagem com índios da missão, ou missões mais vizinhas, e restituí-los na torna viagem, em que já trazem juntos os mais.

Com 80 índios, que tantas ou mais poderão ser as missões, ainda exceptuando as do Salgado, que se não poderão obrigar a concorrer com seu índio por não se poderem utilizar dos barcos próprios do Amazonas, tem os dous barcos bastante marinhagem para a sua tripulação ainda na navegação ordinária; e na extraordinária dos inventos supra, em que lhe bastarão 12 a cada barco, lhe ficam muitos índios expeditos ao barqueiro que pode occupar no serviço dos seus sítios, ou em qualquer outro serviço, que ninguém lhe poderá disputar por ser prêmio de sua indústria, e não farão injúria a ninguém pagando-lhes o seu devido salário, e restituindo-os a seu tempo a suas casas. Antes para que ninguém lhes possa obstar esta disposição e privação dos ditos barcos, se podem segurar os barqueiros com privilégios reaes, que os monarcas facilmente concedem aos inventores, que cedem em bem, e utilidade pública, como são estes barcos, que remedeam tantos danos, e causam tantas conveniências; de ninguém poder mais pôr semelhantes barcos, nem practicar a navegação dos inventos supra; e só ficasse livre a navegação antiga, e ordinária aos que a queiram continuar.

Muito útil seria pôr tãobẽ na carreira do Maranhão outro semelhante barco para facilitar a navegação, e comonicação entre os dous governos do Maranhão, e Pará, agora divididos, antigamente unidos; são custosíssimas aquelas viagens, e muitos dilatadas, e necessitavam de alguma indústria que as facilitasse, e abreviasse; e parece-me que se não descobrirá melhor meio, do que o dito barco bem navegado com os dous inventos, e a sua marinhagem pode sair das missões respectivas daquelas costas: a sua utilidade só podem cabalmente dizer os que tem navegado aquelas costas, porque além de ser navegação dilatada de um, dous, ou mais meses, e mui perigosa por rezão de

Baías perigosas, que se atravessam naquela viagem; o mais tempo consomem por iguarapés, ou esteiros, que enchem, e vazam com as marés, e nas maiores águas de cada ũa ficam em seco, de que socede ficarem tãobẽ em secco as canoas 15 dias té chegarem as águas grandes da outra lua, com que possam nadar, e navegar, e destas esperas, e demoras vem o serem aquelas viagens tão dilatadas, e por outra parte temem os pilotos o navegar ao largo por fora dos esteiros.

Contudo o mais custoso daquela navegação são as mosqueterias, que fazem exasperar os navegantes, caem em chuveiros os mosquitos todas as noutes por aqueles esteiros sobre os navegantes e nada lhes é obstáculo, por mais toldos, que se fazem, especialmente o mosquito meruí; e o peior é, que nas esperas das águas os aturam a pé quedo sem remédio, e muitas vezes se vem os pobres remeiros em tal consternação, que se vão enterrar na area deixando só a cara de fora para respirarem e só assim podem dormir, ou descansar de noute; de tudo isto livrará o barco da carreira, que deve ser

possante, e capaz de navegar por fora dos esteiros, e mar alto por onde não chega a peste dos mosquitos, e levantarão as mãos para o céo, os que alcançarem semelhante fortuna com que possam livrar-se das pragas dos mosquitos, além das mais conveniências.

Esta mesma indústria é igualmente conveniente ao Maranhão, Rio da Prata, e mais ultramares, onde não houver embarcações comũas, e se servirem os moradores com as suas próprias: e ainda havendo embarcações comũas, terão muita aceitação os novos dous inventos porque livram de ventos contrários, que fazem todos prósperos, e livram de calmarias; e por isso abreviam muito as viagens, trazem muitos convenientes, e livram de muitos perigos; e se podem usar ainda nos navios no mar largo; e farão viagem tanto mais breve, quanto maiores forem as calmarias; não declaro aqui estes inventos, porque com outros em outras matérias ficam reservados para a 6ª Parte deste Tesouro; e posto que já os tinha apontado em caderno à parte por rezões particulares os dei ao fogo; e só os publicarei se Deus for servido.*

CAPÍTULO 11º

MODO FÁCIL PARA SE PODEREM PRACTICAR OS MERCADOS NO RIO AMAZONAS.

Uma das grandes faltas, que há nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e talvez muitas outras parte[s] dos Ultramares, é a falta de praças públicas, feiras, e mercados, onde os moradores podessem acodir com os seus haveres, e cada um comprasse o necessário; não só por serem um dos melhores meios para fomentar a comonicação dos homens; mas para melhor economia, e fartura das povoações; e por isso usadas em todo o mundo, em que as Repúblicas são bem governadas. Não há em todo o vasto destricto do Amazonas, nem ainda na sua Metrópole a cidade do Pará ũa só feira, ou mercado em forma; nem ainda as necessárias praças dos víveres, e fructos da terra com dano notável assim dos fazendeiros, que os deixam perder nos sítios, como dos moradores, que os não podem comprar; e para remedear estes danos se deseja alguma especial providência.

Tem-se empenhado alguns ministros régios zelosos do bem comum para introduzirem as feiras, mas nada se tem podido conseguir até gora por não acertarem com o meio necessário a este fim; qual é os barcos da carreira do Amazonas, em que até gora falamos, e outras embarcações públicas, que tenham por destino o comonicar os sítios com as povoações, e cidades, por-

* Seguem-se mais 3 linhas e meia com as palavras completamente riscadas.

que já então poderão os fazendeiros remeter neles os seus fructos; e vendê-los nas praças com muita conveniência de todos; e a rezão é; porque na falta de embarcações públicas não *[ilegível]* de fazerem remessas senão com maiores prejuízos; porque, como a comonicação é toda, e sempre por água, e não há barcos públicos, para qualquer diligência que queiram hão de tirar os serventes dos seus sítios, para com eles em próprias canoas mandarem à cidade; isto lhes causa mais prejuízo, do que proveito, e por isso antes querem perder pela terra os seus fructos, do que remetê-los às povoações com tantos damnos, especialmente sendo os sítios distantes dias inteiros das povoações, e com navegação perigosa.

Esta é toda a causa, e dificuldade de se practicarem os mercados, que nunca té gora quiseram remedear os magistrados, e por isso nunca poderão conseguir a sua execução. Lembra-me aqui a reposta, que dão muitos fazendeiros aos ministros régios, quando vendo-lhes nos seus sítios famosos pomares de variedade de fructas, especialmente de espinho, reputam os dízimos em grandes preços, e se prometem muitas riquezas. Dem-nos V. M.[es] a avaliação, que nós lhe cedemos todo o pomar. Porque que importam grandes pomares, se apenas se aproveitam deles, os que os tem junto a si, e quando muito fazem algũa remessa de obrigação, quando por causa de algum negócio se vem precisados a expedir algũa canoa à cidade; e os da cidade só por semelhantes vias, ou só por empenho podem conseguir alguma vez alguns fructos.

Não há pois outro meio para pôr em práctica os mercados, e praças estáveis, senão pondo primeiro em praxe a existência dos barcos supra, e de muitos outros, que sejam públicos, e tenham por ofício o freqüentar os sítios dos brancos, e deles transportar às cidades, e povoações as remessas que mandarem, e levar e trazer os passageiros, que quiserem embarcar: e para que isto se faça com boa regularidade, se ponho um barco, com destino para um rio, e para cada rio seu, *v. g.* falando da cidade do Pará, onde pelo seu muito povo, são mais necessários os mercados; os rios, que tem mais vezinhos, e por onde os seus moradores tem as suas quintas, sítios, e herdades, são o rio Guamá, o rio Capim, o rio Moju, o esteiro Iguarapé Merim; o rio Gibrié, e outros; para todos estes rios, e seus fazendeiros serem bem servidos devem ter ao menos um barco, que ande só na sua carreira, da cidade para aquele rio, e do rio para a cidade; e para que todos os dias, e em todos os tempos possa haver sempre na cidade a mesma fartura, devem ter os barcos dias fixos, e determinados, em que cheguem à cidade quanto possa ser, e se podem destribuir pelos dias da semana, assinando a cada barco seu dia: para que andem a ponto, e para que os quinteiros tenham promptas as remessas.

E como esta cidade por ser tão populosa, e metrópole dos estados lusitanos do Rio Amazonas tem os seus mais necessários víveres da carne, e peixe só vindos de fora, e por mar; A carne da Ilha Marajó, e o peixe da vila da Vigia, e mais costa do mar; não lhe bastando para cada parte destas um só barco, deve ter ao menos dous sempre na carreira para não haver falta em víveres tão necessários, e que são todo o sustento, e remédio dos povos. Esta mesma economia se observe em todas as mais cidades, com vilas com mais, ou menos canoas, ou barcos quantos bastem a sua serventia para as diversas paragens, em que seus moradores tiverem os sítios: e taxando dias certos para vender em mercado público todas as remessas, e frutos, haverá já, ou poderá haver mercados estáveis, e grande fartura em todas as povoações.

E tãobẽ vendo os quinteiros, que os seus frutos tem assim boa saída, sem mais custo, que o frete crescerá neles a ambição de maior cultivo; e se empenharão mais ao uso da agricultura, e como se evitam assim os inconvenientes de canoas próprias, e próprios barqueiros, ou marinheiros, cada morador, ainda que seja só com sua família poderá já ter o seu sítio, e cultivar as terras, seguros de que por meio dos barcos terão boa saída os seus productos. E bem se podem desenganar os seus magistrados, que enquanto não poserem este meio, nem mercados poderão estabelecer, nem os povoados se poderão servir, nem o Estado terá augmento, nem as povoações fartura: porque o servirem-se sempre com canoas próprias, e marinheiros de casa só o poderão fazer os que tiverem escravos; e como a maior parte os não tem, nem podem ter, ficarão como de cerco nos seus sítios, e para o não ficarem, antes os não querem cultivar: e ainda os que tem escravos nada servirão ao público por não perderem mais, do que ganham na expedição das canoas.

Torna aqui a maior dificuldade de marinhagem na falta que há naqueles Estados de vulgo, e gente de servir; nem parece, que todo o serviço haja de correr por conta dos índios, e missões, nem seria isso aliviá-los do insano trabalho que antes tinham na distribuição aos brancos, mas antes augmentar-lhes as misérias: Digo pois, que correndo estes barcos por conta de cidadãos particolares, dos que tem multidão de escravos, com os mesmos escravos os podem servir; e se me oposerem, que então seria maior a despesa, que a receita, e que não teriam conveniência etc. respondo, que assim pode suceder na navegação ordinária, em que as canoas grandes, quaes estas deveriam ser, necessitam para a sua necessária esquipação de 30, ou mais remeiros; mas não, no novo método de navegar, que tenho insinuado, com que lhe bastarão 8 ou menos serventes, porque não há de navegar à força de braços, mas a indústria dos engenhos.

Seriam estes mercados, ou feiras de utilíssimas conseqüências nas missões, e povoações dos índios; duas principalmente se devem atender: 1ª para evitar os muitos, e graves inconvenientes, que há na correição, que fazem os brancos pelos sítios dos índios, quando querem comprar algũas farinhas, ou outras drogas, de que já apontei algũas, como são muita dissolução nos vícios, para os quaes os convida muito a solidão das índias pela ausência dos maridos, e pais, que ordinariamente andam ausentes, ou no serviço dos brancos, e canoas; ou no serviço real; ou pescando, e caçando para sustentarem suas famílias; pois se nas mesmas povoações e na presença dos Missionários e párocos o estão fazendo, quanto mais no recôndito dos matos e na solidão dos sítios, e na propensão, e facilidade daquela gente? Este ponto, como tanto do serviço de Deus é o primeiro que se devia evitar com os mercados nas suas povoações.

Como tãobẽ a injustiça com que mais lhes arrancam, do que compram, ou como lá se explicam, resgatam as farinhas, e mais drogas, que acham nas casas dos ditos índios; porque o ponto é verem algũa cousa, que lhes agrade, porque queiram, ou não queiram os donos vendê-la, os brancos logo a contam por sua; e ainda quando ajustam não dão, o que querem os índios vendedores, mas só o que lhes querem dar os mercadores, dão-lhes um anel de vidro *v. g.* que apenas valerá um ceitil por uma galinha, ou por um alqueire de farinha, e como aquela pobre gente é mui tímida, e acanhada, se cala: peior é quando os brancos levam águas ardentes, que são a maior tentação dos índios, e com que se embebedam, e depois jogam as facadas, e quebram as cabeças, ficando perdidos, e dando trabalhos aos Missionários

assim no esperitual, como no temporal; porque os compradores só atendem a fazer a sua conveniência, que se matem, ou joguem as facadas, não importa.

Todos estes, e muitos outros inconvenientes tem estas correições dos brancos pelos sítios dos índios; todos eles, ou a maior parte, se evitam determinando-lhes mercados em forma nas suas mesmas povoações, aonde em dias determinados, que podem ser *v. g.* um dia em cada mês, acudam com os seus haveres, e os vendam aos brancos, que acudirem na presença do seu Missionário, ou de algum outro oficial, que tenha a incumbência de taxar as cousas, para evitar os enganos, que podem haver, e para a freqüência dos brancos podem tãobẽ servir os barcos da carreira do Amazonas, aos próprios de cada rio: e como as missões são tantas, repartidos por elas os dias do mês, não haverá dia algum, em que não há alguma feira no Amazonas, e pode haver muitas mais, depois que se augmentaram as povoações.

A 2ª utilíssima conseqüência destas feiras, e mercados em forma dos índios é um grande incitamento, que neles se irá introduzindo de melhor cultivo nos seus sítios, e mais diligentes no uso da agricultura; e tãobẽ o buscarem, e aproveitarem as riquezas das matas, de que ninguém melhor do que eles se pode aproveitar, porque são fura-matos, sabem as paragens, em que abundam, o tempo das colheitas etc. e se acharão nestes mercados as mais preciosas riquezas daquelas terras assim em bálsamos, como pedras bazares, baunilhas, puxeris, guaranás, e outras: porque ainda que os índios tenham por natureza, e por herança a preguiça, contudo sempre há alguns mais coriosos, os quaes vendo a estimação que os brancos fazem das riquezas as buscarão pelo mato, ou ao menos aproveitarão quando as acharem. Da mesma sorte nas missões do Salgado, ou Costa do Mar, e seus mercados haverá muita tartaruga fina, âmbar, e resinas, que há pelas suas praias. De sorte que os mercados em boa forma serão o melhor meio para incitar os índios a melhor cultivo das suas terras; e o melhor meio de conseguir riquezas das suas praias, e matas, e tudo ajudará ao maior augmento daquele Estado que pode vir a ser o mais rico império do mundo.

Uma advertência me parece muito necessária nestas feiras, e mercados, e vem a ser a prudência necessária dos almotaceis na avaliação das cousas; porque não só devem atender a conveniência dos que compram; mas tãobẽ dos que vendem; porque se só atendem a conveniência do povo, e põem as cousas no preço ínfimo afugentam os vendedores, e resulta da retirada maior damno. Foi observação que ouvi por vezes naquelas terras, que chegando algumas embarcações do Amazonas carregadas de tartarugas, e outros víveres acudiam logo os almotaceis a pôr-lhe o preço mais ínfimo, e favorável ao povo, de que irritados os donos, e outros que podiam concorrer com semelhantes víveres, vendo a pouca conveniência que tiravam de semelhantes remessas se esfriavam, e desistiam de semelhantes negócios; e como desta falta resulta maior damno ao povo, lhes fazem maior mal, do que bem, quanto os querem favorecer; Antes quanto mais sobido for o preço haverá maior concurso, e resultará maior abundância e fartura; porque mais vale que hajam víveres embora que mais caros, do que os não houver por preço algum.

Assim evitam a queixa ordinária daqueles povos, de que tendo necessidade de víveres, e dinheiro para os comprar, os não acham por preço

algum: de sorte, que quando a algum morador lhes é necessário fazer algum banquete, ou celebrar alguma maior celebridade lhes são necessários multiplicados gastos, uns nas canoas, que expedem dias antes a buscá-los pelos sítios, e fazendas; outros no seu justo preço; e por ventura, que são maiores os primeiros que os segundos; o mais admirável é, que todos estranham, e censuram esta praxe, porém nunca se resolverão a pôr-lhe remédio: avaliem-se as cousas com igual conveniência dos que compram, e dos que vendem, que logo haverá abundância. Lembra-me aqui o que socedeu na mesma metrópole cidade do Pará alguns anos do meu tempo. Zeloso um governo do bem comum lavrou, e mandou publicar ordem, que os fabricantes de açúcar o não vendessem para cima de 1.200 a arroba sendo do mais puro; e por outros menores preços os de menos estimação; e o efeito foi muito ao contrário, do que pertendia; porque pertendendo com esta ordem lisonjear ao povo o pôs em tal consternação, que não podiam achar açúcar por preço algum; e só por empenhos alcançavam pelo preço antigo, ou talvez mais subido alguma arroba, e as escondidas; originando-se esta tão grande carestia de cessarem as fábricas do açúcar, porque deziam-lhes não tinha conta o preço taxado; e a cana que haviam de empregar em açúcar, a empregavam em águas ardentes.

Semelhante carestia se temia nos tabacos porque tãobē se pertendiam pôr por estanque, e com preço ínfimo, e já os fazendeiros protestavam de o não cultivar, não obstante que muitas vezes o vendiam ainda mais barato. Donde é engano cuidar, que taixando as cousas a preço mais favorável ao povo, mais o lisonjeam; porque antes socede ao contrário: quanto mais sobida for a taxa mais abundância haverá; e havendo muita abundância os mesmos vendedores se verão obrigados a acomodarem-se aos preços mais ínfimos; nem vale nestes casos a força coactiva; porque só é conveniente nas terras onde os lavradores não tem, nem podem ter outro modo de vida; mas não no Amazonas, onde só cultiva quem quer, e o que quer; e querer obrigá-los, é perder tudo; assim como taxar-lhes as cousas por preços ínfimos é privar as povoações do seu concurso. Só se poderiam obrigar ao cultivo de algũas mais esquisitas preciosidades do Amazonas como baunilhas, canela, puxeri, guaraná, e semelhantes outras, *v. g.* obrigando-os a plantar cada ano tantos pés ao menos sub pena de perdimento das terras; porque tudo isto cede em proveito seu, e augmento do Estado; mas não taxando-lhes a preço ínfimo os seus productos: havendo grande concurso às praças, e muita abundância nos mercados, eles mesmos se verão obrigados a vender barato, porque quem faz a barateza é a abundância. Esta providência dos barcos, e mercados são o melhor, e mais conducente meio para essa abundância, e barateza, e não a demasiada diligência dos almotaceis nos preços ínfimos.

No Estado, e districto dos Reis Católicos (porque té gora propriamente falei no destricto dos portugueses, e Pará) tãobē se pode practicar a mesma indústria dos barcos, e feiras; pondo no Rio Solimões um, ou dous barcos, cujo destino seja navegar té à cidade Borja, ou té a Vila de Bracamoros; e pondo outros nos rios povoados, como são Napo, e outros para a boa comonicação das suas missões, e povoações; constituindo tãobē mercados em cada

missão: e parece, que só por este meio terão algum mais augmento aqueles tão grandes Estados, que ainda estão como em ambrião: pois tiradas as missões dos índios apenas contam 3 povoações de castelhanos, ũa vila, e duas cidades, que quasi mais lhes é alcunha o nome de cidades, do que realidade, e introduzindo-lhe a praxe dos barcos, e mercados lhes facilitam a comonicação, e comércio; e por conseguinte a povoação de castelhanos que irão concorrendo.

E só pondo em praxe barcos da carreira poderão os ditos castelhanos utilizar-se das imensas riquezas, que tem, e perdem nas suas matas conduzindo-as a Quito pelo Rio Napo, ou Rio Santiago; e se ainda assim lhes não tem conta a sua condução; não lhes considero outro meio para aproveitarem tantas riquezas, senão o comércio com os portugueses do mesmo rio, Eu não digo, que o haja; porque joga com rezões de Estado, que não devemos averiguar; digo só, que é o único meio de se poderem utilizar das suas riquezas, e já então vendo que se podem utilizar os seus colonos dos seus cacaos, cravos, salsa, e baunilha, quina quina, e mais riquezas que para cima não podem conduzir, concorreriam a povoar aquelas tão boas, e ricas terras, comotando aos portugueses estas cousas pelas drogas da Europa, que levadas pelo Amazonas acima, depois de fretes, e mais gastos, ainda assim lhes vem a sair baratas meio por meio, do que havendo-as lá dos seus portos, cuja condução, é carreto custa mais do que valem as drogas.

Podiam pois constituir na cidade de Javari, ou em outra povoação, das que fazem raia entre portugueses, e castelhanos mercados, e feiras estáveis, em que comerceassem as duas nações, cujo comércio seria igualmente útil, e conveniente, e pouco a pouco iria atraindo moradores, e se povoariam aqueles rios. Aos castelhanos, além do intento da maior povoação, teria muita conta por duas grandes conveniências, que deste comércio lhes viriam; 1º de poderem utilizar-se das grandes riquezas das suas matas passando-as aos portugueses, 2ª o enfeirarem as drogas da Europa muito mais acomodadas aos portugueses tãobẽ seriam convenientes por lhes ser fácil o transporte rio abaixo; e um desaguadouro das fazendas da Europa rio acima e parece que melhor é esta praxe, do que perderem-se as suas riquezas nas suas matas.

A mesma economia, e com as mesmas conveniências se deveria estabelecer entre as mesmas duas nações, no Rio Madeira; onde as missões castelhanas tem tãobẽ defícil recurso aos seus portos, e podiam haver os seus provimentos muito mais acomodados por via dos portugueses se se licenciasse entre as duas nações a comonicação, e comércio, e por falta dele se perdem as mesmas riquezas pelas matas, Porém ficando essa providência ao exame dos mercadores espanhóis, que querem não haja outro canal, senão o das suas mãos, e por enriquecer estes particulares padecem os povos, que podiam ser mais felizes por outras vias: e as companhias, ou comércio não servem mais do que enrequecer uns poucos, e empobrecerem os mais; tornemos ao estado dos portugueses; os quais naqueles rios podem ter grandes augmentos por terem fáceis os portos; e os meios mais proporcionados são os barcos de carreira, e os mercados introduzidos, e estabelecidos nas povoações, O que suposto passemos já a outra matéria,

CAPÍTULO 12º

DA PROVIDÊNCIA NECESSÁRIA NA PESCA DO AMAZONAS.

Outra cousa que tãobẽ pede especial providência no Amazonas é a pesca: porque se faz muito reparável, que havendo tanto, e tantas castas de peixes naquele rio, e mares, haja tanta penúria, e falta dele nas povoações por falta de pescadores de ofício, e ribeiras, ou praças públicas, em que se venda; chegando a tanto esta falta de providência, que nos tempos reservados da Quaresma se vem obrigados os moradores das cidades a comer carne por falta total de peixe, de sorte que ainda as comodidades religiosas por mais bem assistidas, e reguladas, que sejam, padecem muitas vezes estas faltas por não acharem modo algum de as remediar; ainda que seja com badejo, e peixe seco, que é o mais ordinário; e ainda que para obviar semelhantes faltas tem os particolares seus pescadores próprios, que tragam cada dia o preciso para suas famílias; a maior parte, que não tem escravos, nem podem ter semelhantes pescadores, padecem suas faltas; pois ainda, os que as tem as padecem como já dissemos na 4ª parte, expondo a praxe, que nisto há naquelas terras.

De duas causas principalmente nasce esta tão grande falta; 1ª a falta de pescadores actuaes, que vivam, e tenham esse ofício. 2ª os grandes calores daquelas terras, que logo corrompem os corpos, e não dão tempo a conduzir fresco, e são o peixe das pescarias às povoações toda vez, que tem alguma maior distância, e por isso os escravos pescadores dos particulares não saem ao largo, e apenas pescam a porção ordinária, logo a vão conduzir a casa; porque não se conserva são de um dia para outro; nem de manhã para a tarde, nem ainda de uma maré a outra, senão à força de sal, e seco ao sol; ou como fazem os índios, pondo-o sobre o fogo. Nace porém esta falta de qualquer causa, é certo, que pede especialmente providência o seu remédio, especialmente nas povoações mais piquenas, e por todas as missões portuguesas, aonde o peixe é o ordinário sustento em todos os dias, e todo o ano por falta do subsídio da vaca, e açougues, que só há nas cidades metrópoles; e para terem o peixe occupam cópia de índios.

Antes de expor a providência necessária para evitar estes danos, quero advertir aos leitores a praxe que usam muitos reinos, e províncias para o peixe; e é que os pescadores, que tem, e vivem desse ofício, não matam o peixe, que pescam, mas assim que o pescam o metem vivo em tinas, que trazem nas embarcações, e vivo o conduzem aos portos, e mercados; de sorte que não se vende naqueles reinos, nem se compra peixe morto, senão o salgado; e se admiram muito dos portugueses, e mais nações, que o vendem, e compram morto; assim se practica no Império da Alemanha; e no Reino de Irlanda dizia um nacional, que talvez ainda seja vivo, e assistente da cidade do Pará — que na sua terra ninguém compra o peixe morto —; e isto se practica não só nos portos, onde com mais facilidade se pode conduzir vivo; para pelo centro dos reinos, aonde só pode chegar por caminhos, e jornadas de terra.

E quando não possa chegar ao centro, e povoações mais distantes indo vivo dos portos, nem por isso o vendem, ou compram morto; porque tem então outra providência, e óptima economia, que deviam emitar todas as nações; tem grandes tanques e viveiros de peixe, de que vendem ao povo, e cada um manda tirar o peixe, que quer e que estava vendo nadar; e semelhantes viveiros, e tanques são a maior regalia, e a maior renda dos morgados; de que nace haver abundância de pescado vivo, e serem providos os povos; e se no nosso Portugal, Castela, e outros reinos, em cujos centros há tanta falta de peixe, imitar esta boa economia, e providência dos mais reinos, nem se deve rejeitar por serem custosos de fazer semelhantes tanques, e viveiros; porque tãobẽ nos mais reinos são custosos, e ao depois na abundância do peixe ressarcem bem os gastos: Eu bem sei, que já alguns particolares tem estes viveiros nas suas quintas; mas tão piquenos, que só servem de galantaria, e quando muito dão para gasto de suas casas; mas não para servirem ao povo. Isto suposto: Vamos agora ao Amazonas.

De dous modos se pode remedear a falta de peixe nas povoações do Amazonas. 1º pondo pescadores actuaes, em cujas embarcações conduzam o pescado vivo aos mercados, o que podem fazer trazendo tinas com água, ou cochos em que o peixe venha nadando, e tão vivo, como o peixe na água; e já então evitarão o damno da sua corrupção trazendo-o morto; e poderão tãobẽ já os pescadores sem risco de damnificação sair ao alto, e fazer grossas pescarias; que todas nas cidades terão bom gasto: pois se esta praxe se usa na Europa, e em terras frigidíssimas como são Alemanha, Irlanda, e outros reinos, onde por causa dos grandes frios podem os corpos mortos estar dias inteiros muito sãos, frescos, e inteiros; muito mais se deve practicar nos climas cálidos do Amazonas, onde o peixe morto, e mais corpos logo se corrompem.

2º modo, e providência são os tanques, e viveiros, em que pode haver tanta abundância, e variedade de peixe, que cheguem a fartar as povoações; e (e) em nenhuma parte melhor, que no Amazonas se pode practicar esta economia por serem as suas terras tão abundantes de água, e estarem fundadas nas margens dos rios todas as suas povoações; e por isso com muita facilidade se pode fabricar semelhantes viveiros de peixe, sem ser necessário buscar para isso fontes, e ribeiras de água como fazem na Europa com grandes gastos nos canaes, e aqueductos, por onde encaminham a água; basta nas povoações do Amazonas fazer estes tanques na mesma margem dos rios, onde entram, e saem as mesmas águas; e onde com muita facilidade se pode conduzir o peixe primeiro para creação, e multiplicação; cujo producto redundará em muita ganância dos seus donos, e em muita utilidade dos povos; e tãobẽ assim se podem utilizar muitos pântanos, e alagadiços, que há nas vizinhanças das povoações, que servem de mais dano, que proveito, e com pouca diligência se podem converter em mui proficuos viveiros de peixe; seja exemplo

A mesma cidade do Pará, a qual tem nas costas um pântano tão grande, que só ele consertado, e dividido em tanques bem formados, pode dar peixe em muita abundância a toda a cidade; e por ora não serve mais, do que impedir a serventia, e passagem aos moradores, e em dar trabalhos aos magistrados com lhes mandarem abrir valas, ou aqueductos, por meio dos quaes deságua bem pelo meio da cidade para a grande baía, que tem em frente; é certo, que se semelhantes pântanos estivessem junto a algũa cidade da Europa os haviam de aproveitar muito bem; pois porque os não podem apro-

veitar os moradores do Pará para os ditos viveiros sendo-lhes tanto mais preciso, quanto maiores são os seus calores, e a falta de peixe, que experimentam; e o mesmo que digo do Pará se pode fazer em qualquer outra povoação do Amazonas.

Não só de Peixe, mas ainda de tartarugas se podem fazer semelhantes viveiros, porque as tartarugas do Amazonas são um do seu mais ordinário, e precioso pescado; e todos os moradores os podem ter, quando não seja dentro, ou ao pé das povoações, ao menos nos seus sítios; não falo dos viveiros, que só servem para conservar pelo ano adiante, as que pescam em outras partes, porque semelhantes tem muitos, a que ordinariamente chamam curraes de tartarugas; falo de viveiros espaçosos, onde as tartarugas possam viver, e nadar à sua vontade; onde tenham que comer, e façam creação: e são tão fáceis estes viveiros nos sítios do Amazonas, quanto é fácil tapar a boca de algum iguarapé, dos que ordinariamente tem todos os sítios, e quando muito fazer-lhe alguma estacada pelas margens, para que não possam sair do iguarapé por terra a meter-se nos rios, e ali tem um óptimo viveiro de tartarugas, que darão fartura não só as suas famílias, mas tãobẽ ao povo; e semelhante providência podem ter todos os moradores, que tem sítio; e todas as povoações, e aldeias dos índios; e muito mais as comodidades religiosas, para se não exporem a sentir tantas faltas de peixe, como experimentam.

É necessário porém advertir que estes viveiros de peixe tenham à roda algumas árvores, que lhes dem sombra, porque o mesmo peixe fogindo do calor do sol, que no Amazonas faz aquecer a mesma água, busca o fresco da sombra; e as tartarugas não só querem o fresco da sombra, mas tãobẽ árvores fructíferas, porque comem, e vivem dos seus fructos especialmente dos fructos da árvore aninga, que nace, e se cria na mesma água; e principalmente praias de lodo; porque o lodo ou é o seu principal sustento, ou parcial, porque observaram já alguns coriosos nos viveiros, que delas tem, que não comem nem ainda as fructas aningas, que lhes deitam, e supõem que é por lhes faltar o lodo, por quanto nas praias de lodo é que se acham, e pescam mais tartarugas. Talvez que assim como há animaes terrestres, que só bebem, e gostam das águas enlodadas, assim as tartarugas só comerão o seu sustento em lodo, ou com lodo.

E para que haja creação, e multiplicação nas tartarugas tãobẽ é necessário que tenham algum tabuleiro de area, onde ponham os ovos; porque só os põem, e enterram na area, onde com o calor do sol se chocam, e saem as crias: Os iguarapés do mato são os mais próprios para viveiros destes animaes, por serem sombrios, e conservarem por isso sempre frescas, e frias as águas; nem necessitam mais, do que tapar-lhes as bocas com pedra solta, que não impeça a saída das águas, pôr-lhes em alguma parte uns tabuleiros de area, e fazer-lhes pelas bordas alguma piquena estacada para que não saiam para fora; e para com brevidade terem multidão destes animaes podem conduzir para ali oveiros delas tirados de outros areaes. Tudo isto é tão útil, e fácil no Amazonas, que bastava que as comonidades religiosas, e moradores, que tem muitos escravos, aplicassem um só ano a estes benefícios os fâmulos que todos os anos aplicam à pesca, para terem pescado certo, e seguro para toda a vida.

Estes são os meios mais próprios, e factíveis para remediarem a penúria que há de peixe, e se aproveitarem do óptimo pescado do Amazonas; e por vir aqui a ponto accrescentarei agora duas providências necessárias naquele

Estado para pelo tempo adiante não experimentarem os danos, que já experimentam em muita parte dele na falta do pescado: 1ª é uma total proscripção do uso do tímbó, e mais venenos, com que lá costumam matar o peixe, porque o seu uso faz os rios tão estéreis de peixe, que havendo antes imen sidade, depois de poucos anos não tem nada, ou é muito raro como experimentam os moradores, e afirmam todos os naturaes: e pela mesma rezão se deve proibir o lançar nos rios o bagaço da cana do açúcar, pois tãobẽ dizem que é veneno para o peixe, e que por tempos faz os rios estéreis: porque semelhantes venenos além de matarem todo o peixe, invenenam as águas, e não deixam vingar as crias; tudo a experiência tem mostrado.

A 2ª providência necessária é sobre as manteigas de tartaruga que se fazem todos os anos; e se deviam proibir, ou totalmente, ou ao menos uns anos por outros, porque continuando os moradores na sua factura todos os anos, como costumam; e crescendo a povoação do Amazonas virá tempo, em que não haverá uma tartaruga: é certo, que ainda há multidão delas; mas a respeito das que havia nos primeiros anos, são já muito poucas; e há paragens, onde já apenas se acha alguma, sendo, que antes eram tantas, que não podiam navegar as canoas pela multidão, que delas havia; e se em tão poucos anos, que tem o Amazonas de europeos se vê tão sensível a diminuição; parece conseqüência infalível, que virá tempo, em que apenas se achará algũa tartaruga: e de que esta tão grande diminuição naça das manteigas, que anualmente se fazem dos seus ovos não há dúvida; e se prova, porque antigamente estava o Amazonas mais povoado de índios, do que hoje está de índios, e europeos: Toda aquela imensidade de gente comia, e dava grande gasto as tartarugas, e contudo enchiam os rios; agora comem-se muito menos, porque é menos a gente, e há já poucas; logo vem esta diminuição de lhes destruírem os oveiros na multidão de manteigas, que todos os anos se fazem a milhares de potes.

Viam-se já tão augmentados estes danos, que já nos anos de 55, e 56 se viram obrigados os magistrados a atalhá-los proibindo a todos o uso dos timbós para matar peixe, e coartando a liberdade das manteigas de tartaruga a 3 em 3 anos; publicaram-se as leis com a solemnidade costumada; porém pouco, ou quasi nenhum efeito teve; porquanto a respeito do peixe só sortiu o efeito de não se usar o timbó claramente, mas occultamente, quem achava occasião, não a perdia fiados, em que as solidões daquelas terras, e rios lhes dão licença para tudo. Talvez que já hoje haja maior observância. A respeito das manteigas de tartaruga, além da solidão, em que se fiam os transgressores, alegam rezões de necessidade, e quem não tem lá outras manteigas, com que se supram as dos ovos das tartarugas. Porém deveriam os magistrados insistir na sua observância, porquanto todas as rezões, e necessidades, que alegam, são frívolas; porquanto

Para o tempero das viandas, quando não haja, ou baste a manteiga ordinária, supre muito bem, ou muito melhor, que a dos ovos a manteiga que costumam fazer das banhas da mesma tartaruga, digo, que supre muito melhor, porque na verdade é mais estimada, e preciosa; e baste para suprir muito bem à vontade; e quando não baste, ou não chegue para todos os usos da manteiga de ovos; tem bom suplemento nos muitos, e preciosos azeites das suas terras: Para a candeia, e luzes tem imensidade de azeites de andiroba, carrapato, pinhão, e outros, de que muitos usam com tão bom efeito nas luzes, como se fosse do bom da Europa; e para o tempero, e prato tãobẽ os tem tão doces, e excelentes, que não lhes faz inveja o melhor da Europa.

como são o das castanhas, e melhor o das palmeiras ibacabas, ou dos seus frutos: e ainda do azeite gerzelim se servem muitos; e de muitos outros. E se todos estes e muitos outros, que podem ter, não bastam a saciar-lhes a ambição, saibam, que em muitas outras províncias não há, nem se remedeam com outros azeites mais, dos que tiram dos caroços, e pevides das frutas; e se dariam por mui afortunados se tivessem nas suas terras metade dos que tem o Amazonas.

Pela mesma rezão, e com os mesmos fundamentos se deviam proibir as manteigas, que fazem outros do peixe boi, ou boi marinho, e ainda as suas carnes secas, de que costumam os moradores, especialmente os sertanejos fazer grandes salgas; porque se continuarem com elas todos os anos virá tempo em que talvez se não ache no Amazonas um boi marinho, e faltará o maior regalo daqueles rios; e a rezão de se temer este dano, é porque o peixe boi não multiplica com a multidão do mais peixe; mas só pare um como as vacas terrestres; e sendo assim tão pouca a sua creação, e multiplicação; e por outra parte matando-se todos os anos tanta multidão, é sem dúvida, que irão a acabar; e de facto já em muitos rios, em que antigamente havia multidão, se não acha um só: proíbam-se pois as suas salgas tão copiosas, e anuaes; e só se conceda a sua pesca para sustento, e não para contrato; ou ao menos só trienal como as tartarugas.

Muitas outras advertências se podiam dar aos novos povoadores do Amazonas sobre a mesma matéria, e método da melhor, e mais própria economia daquelas terras, e suas riquezas; porém reservando-as ou para melhor tempo, se Deus for servido dá-lo; ou para outros coriosos, dos muitos, que tem vivido, e sabem muito bem as suas melhores conveniências; acabo já esta 5ª e última Parte do Tesouro descuberto no Rio Amazonas: chamo-lhe última sendo a 5ª; porque como a 6ª, não obstante ser a principal, trata de vários inventos, ingenhos, e fábricas indiferentes a todo o mundo, porque a todo o mundo são igualmente úteis, fica reservada para tratado à parte, e para outra melhor occasião se Deus a der. Por último acabo com recomendar aos ditos povoadores do Amazonas a praxe destes meios, como mais próprios, e talvez únicos de se poderem aproveitar das grandes riquezas daquele tesouro: e tãobẽ com pedir aos leitores disfarcem os muitos erros, de que esses cadernos estão cheios atendendo* si aliquid contra Fidem, aut bonos mores inventum fuerit, indictum volo, sendo o meu principal intento divertir o tempo.**

***

Existe na Real Biblioteca d'El Rei Nosso Senhor no Rio de Janeiro um manuscripto intitulado, Tesouro descuberto no Rio Amazonas, *sabe-se com toda a certeza pelo Bibliotecário frei Gregorio religioso da Ordem Terceira, que o seo actor é o célebre jesuita o Padre João Daniel, que residio como Messionário dezoito anos sobre a Região Amazona, e que dali fora transportado com alguns outros para o cárcere de São Julião em Lisboa onde escrevera o referido Manuscripto, e donde enviara a sexta parte composta inteiramente de inventos, e máquinas a seo irmão pai do referido frei Gregório: a referida sexta parte foi dada por frei Gregório a seo mestre o Exmo. e R.mo S.r Cenáculo dignissimo Arcebispo de Évora.*

---

* Espaço com algumas palavras riscadas.

** Seguem-se, aqui, mais algumas palavras rabiscadas.

Deseja-se saber, sendo possivel, se entre os seos manuscriptos ou em qualquer outra parte, existe a referida sexta parte por quanto assim interessa à glória, e crédito da Nação Portuguesa.

Este bilhete foi dirigido à Biblioteca pelo Ex.mo S.r Bispo d'Elvas Eleito de Beja D. José Joaquim de Azeredo Coutinho. A quem a Academia das Sciencias encarregou como a seo sócio, que é estando em Lisboa no ano de 1818.

A D V E R T Ê N C I A.

Existe na Real Biblioteca desta Corte um precioso Manuscripto — Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas —, o qual foi escripto pelo célebre Jesuíta João Daniel, durante a sua prisão nos Cárceres da Fortaleza de S. Julião em Lisboa, onde morrera: como este Missionário residiu, pouco mais ou menos, dezoito anos naquela vastíssima Região, é de grande peso a sua autoridade, e torna mui precioso o referido Manuscripto, como facilmente reconhecerão os seus Leitores. No ano de 1767, o sobredito Padre João Daniel aproveitou ocasião oportuna de remeter a seus Parentes a quinta, e a sexta parte do referido Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas por ficar persuadido de que lhes fazia grande serviço. É para notar haver ele julgado conveniente dar nova forma a quinta parte, que remetera, a qual, assim como a sexta (autógrafos daquele Missionário) existem felizmente na escolhida Biblioteca do Ex.mo e Rev.mo Arcebispo de Évora; d'onde alcançamos extrair uma fiel cópia, que hoje com a maior satisfação, apresentamos ao Público, por julgarmos utilíssima a sua publicação.

Observação — Transcrevem-se acima dois textos relativos à 5ª Parte do manuscrito do *Tesouro*, de João Daniel, ambos relacionados com a versão de Évora. O primeiro texto, sem assinatura ou identificação de quem o redigiu, encontra-se apenso ao microfilme da 5ª Parte, que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro solicitou e recebeu da Biblioteca de Évora.

Como se verifica pela observação do parágrafo final, esse texto confirma a intervenção de D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, no assunto, por interesse próprio ou a mando da Academia das Ciências de Lisboa, indagando da 6ª Parte, de que já ouvira falar. Quanto ao segundo texto, saiu ele, como *Advertência* preliminar, sem assinatura, no volume impresso no Rio de Janeiro, em 1820, contendo a 5ª Parte do *Tesouro* e, pelos seus termos, justificando a presunção de autoria de D. José Joaquim Azeredo Coutinho, citado no primeiro texto transcrito.

PARTE SEXTA

(MANUSCRITO DE ÉVORA)

DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MÁXIMO AMAZONAS

Contém

INVENTOS ÚTEIS, E CURIOSOS PARA A MELHOR FAZENDO NAVEGAÇÃO PRÓSPEROS TODOS OS VENTOS AINDA OS MAIS PONTEIROS, E CONTRÁRIOS. E PARA FAZER NAS CALMARIAS BOA VIAGEM. COM NOVA INVENÇÃO DE REPRESAR AS MARÉS. PARA MOEREM FÁBRICAS E INGENHOS DE MOTO CONTÍNUO. ACCRESCEM ALGUMAS OUTRAS IDÉAS DE INGENHOS MANUAES PARA SERRAR MADEIRA, FAZER AÇÚCAR, E MUITOS OUTROS NÃO MENOS CURIOSOS QUE ÚTEIS A VIDA HUMANA.

OFERECIDOS POR UM CURIOSO AOS NAVEGANTES

Antilóquio

Por me ver obrigado pelas razões que aponto na "Primeira Parte" deste *Tesouro descuberto no Amazonas* a entreter o entendimento na falta suma de todos os divirtimentos, e de livros,* e por disfarçar a falta do somno ainda do necessário das noutes, e tomando para remédio o argumento do rio máximo Amazonas, me faltam para comprimento da minha promessa de dar método de fazer mui comunicável a seus habitadores aquele grande rio, os inventos da "Sexta Parte," que agora vou a propor, desejando saiam na praxe quaes me parecem na especulação. Esta é a razão, porque os aproprio aquele famoso rio não obstante que a sua conveniência é igualmente útil a todo o mundo, porque com eles postos em praxe se abreviam as viagens,

---

* Uma linha riscada, no códice.

encurtam as provisões, se diminuem os gastos, se evitam nos víveres, e agoadas as corrupções, e se remediam muitas doenças epedimias, e mortandades, que nas dilatadas viagens, e perigosas calmarias ordinariamente sucedem, além de muitas outras óptimas conveniências, que ao bem comum, e augmento do comércio resultam; mas quando não fossem de tanta utilidade a todo o mundo, bastar-me-á serem-no ao grande Rio Amazonas, e outros semelhantes, para já eu conseguir o meu intento, que é fazer fácil a sua navegação, e comunicação, para se não verem obrigados os seus moradores a navegarem em próprias embarcações com grande prejuízo das suas lavouras, de que tiram os operários, para as esquiparem, por falta de barcos comuns para sirvintia de todos. Suponho, que não serão censurados estes novos inventos por novelas; porque eu não pretendo louvores, ou elogios dos leitores; nem prêmios de inventor nos príncipes nem certidões de serviço nos magistrados: basta-me o terem-me servido de honesto divertimento em tanta miséria, e na falta de outros, e de que venham a servir de utilidade aos mareantes, os que pertencem a pilotagem, e os mais de conveniência aos moradores do Amazonas na facilidade dos seus ingenhos, e tudo para maior glória de Deus.

Valete. *

CAPÍTULO 1º

DO PRIMEIRO INVENTO DE FAZER PRÓSPEROS A TODA A NAVEGAÇÃO TODOS OS VENTOS E CONVERTER AINDA OS MAIS CONTRÁRIOS EM PRÓSPERA BONANÇA.

Mui debatido argumento e matéria de grandes discursos tem sido de indagar alguma indústria, com que fazer prósperos os ventos contrários, e converter em bonançosos os ponteiros; ou já por meio de bolsos nas velas, ou algum outro; mas, por mais que se quebrem as cabeças, não tem para onde apelar mais, que para os bordos, ou rodeios; e para as esperas de determinadas monções, mais prósperas em certas estações do ano; e se fora delas intentam fazer viagem, pela razão de não ter o mar cancelas, como dizia algum constrangendo a sair fora de tempo uma pequena armada para a Índia, expõe-se ao que então sucedeo, porque só ũa não lá chegou, ficando as mais pelo caminho. Este segredo pois tão encantado me parece, que o tenho achado tão eficaz, como fácil: e enquanto se não descubrir outro melhor (se

---

* Lat.: Adeus.

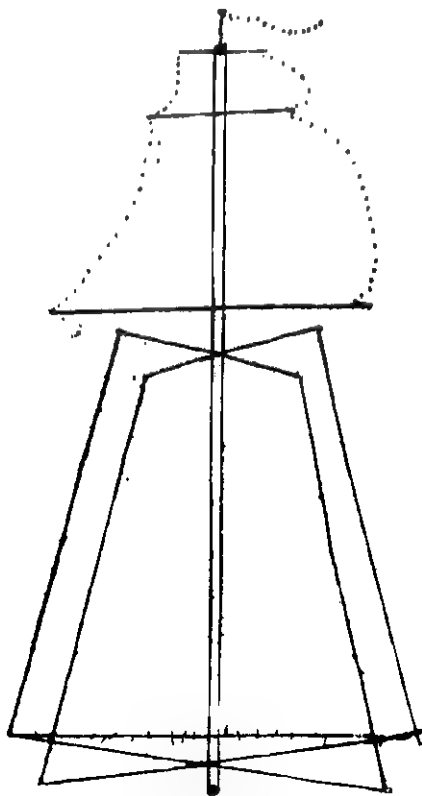
é que pode descubrir melhor) também me parece ser único, segundo os dilatados das minhas solidões. Já a mim em outro tempo me tinha occorrido a possibilidade deste invento, notando as rodas de um relógio; e posto que pondo-o em questão, achei contrários os mais pareceres, reduzindo a minha especulação a praxe em um rústico experimento, e mostrando-o a meu mestre, que na Filosofia, e Teologia tinha exercido este cargo com esplendor da Companhia, honra das cadeiras, e aplausos dos ouvintes, respondeo a sua vista, que não havia dúvida, que era possível, e factível: e segundo o grande exame, que nos anos da minha dilatada solidão, dele fiz, julgo que ninguém o poderá impugnar *quoad substantium.** Digo *quoad substantiam:*** porque *quoad accidentia,**** que são os instromentos, e o modo de os arrumar bem se poderão pôr em outra melhor forma, como o julgarem os prácticos, e o ensinar a experiência. E porque *facile est inventis addere***** cada qual poderá discorrer melhor a arrumação, segundo os diversos pareceres de cada um, entre os quaes me reconheço *tamquam minus sapiens.******

Consiste pois todo o invento só em duas indústrias dependentes uma da outra de sorte, que nenhuma delas sem a outra vale de cousa alguma, e são velas, e remos; as velas para moverem os remos, e estes para puxarem os navios. O que suposto, toda a dificuldade está na qualidade, e feitio das velas, que são o cardo rei do invento: porque devem ser velas de tal feitio, e de tal sorte postas, e dispostas, que sejam totalmente indiferentes para toda a variedade de ventos, e *ex consequenti******* mui dissimilhantes as velas antigas: antes muito vezes se largarão ũas, e outras, e todas juntas levarão melhor os vasos.

Método especulativo

Devem pois ser estas velas, para serem expostas a toda a variedade de ventos, semilhantes as *rodas* das fiandeiras, chamadas *dobadouras,* que andam a roda dos mesmos eixos, em que se sustentam. Da mesma sorte pois estas novas velas hão de andar a roda dos seus eixos, que são os mastros; e deste seu moto, feitio, e semelhança as chamaremos *velas dobadouras,* para distinção das velas antigas. De cujo moto circular já os leitores inferem[:] 1º Que estas *dobadouras* não devem estar firmes em alguns mastros, como as antigas; mas antes hão de girar à roda deles com regular moto mais, ou menos ligeiras, segundo o maior, ou menor impulso dos ventos. 2º Que pelo seu feitio ficam as *dobadouras* expostas, e indeferentes a toda a variedade de ventos, e que tanta impressão farão nelas os de popa, a que chamam bonança, como os bolinaes, e de proa. Bem assim, como as velas dos moinhos de vento, que estão expostas a todos os ventos: melhor direi, bem como as dobadouras, das fiandeiras, que estão indiferentes a qualquer impulso, e de qualquer banda que lho dem: porque nos moinhos de vento andam as velas a roda com seus eixos; mas nas dobadouras das fiandeiras são os eixos

* Lat.: quanto à substância.
** Lat.: quanto aos acidentes.
*** Lat.: fácil é multiplicar as invenções.
**** Lat.: como o menos sábio.
***** Lat.: e por conseqüência.

firmes, e só giram as rodas; do mesmo modo as nossas dobadouras hão de circular a roda dos seus mastros, perseverando estes sempre firmes: figura das dobadouras no presente *A*.

Podem também as velas ser do mesmo feitio das velas dos moinhos, mas para poderem ser maiores, e suficientes à grandeza de qualquer embarcação, me parecem mais proporcionadas do feitio aqui delineado. Poderão também ajuntar-se-lhe outras do feitio das dos moinhos na proa, e popa: porque na proa se lhe faz precisa, não tanto para ajudar as dobadouras, que por si sós suponho suficientes para fazerem circular os remos; mas para servir de rodela aos ventos proeiros, para que estes não sejam obstáculo, imprimindo nas proas a sua força; o que não farão quebrados na rodela, ou escudo da nova vela. Na popa, ou por cima, ou pelas bandas se poderão também adjectivar velas do mesmo feitio. Explicadas assim as velas dobadouras, que são o principal agente do invento, ou novo método de navegar, segue-se a explicação dos remos, que são o segundo requisito, sem o qual as velas por si sós nada fazem; porque pelo seu moto circular nenhuma impressão fazem nos navios, e por isso necessitam de remos por meio dos quaes puxem os vasos. Devem pois ser remos proporcionados, e para o serem não hão de ser compridos, ou como usam na Europa de boga, mas curtos, e do feitio de pás ao uso da Ásia, América, e Amazonas, e de muitas outras partes de quatro até cinco ou seis palmos de comprido, e um, e meio até dous palmos de largo; é certo, que em embarcações maiores também poderão ser maiores, segundo a proporção das embarcações, como mostra a segunda fi-

gura *B*.* De muitos modos se podem accomodar estes remos na praxe, especialmente de quatro. Primeiro. Seguros em tornos, ou fortes cravos de ferro com cabeça redonda, a roda dos quaes andem os remos com moto circular impelidos das dobradouras semilhantes a rodízios de cordoeiros. Segundo. Com molas por baixo semilhantes às molas, que seguram os fuzis das espingardas; e então os remos devem ter a banda debaixo facetada, e toda a mais cabeça redonda, ou com duas faces por baixo, e por cima, mas então dependem de duas molas encontradas, uma por baixo, que obrigue os remos para a popa, e (e) outra por cima, que os obrigue para a proa, cada uma conforme a sua força elástica. Terceiro modo pode ser com remos abertos pelo meio de alto a baixo, presas, e seguras as duas metades com meias dobradiças, que fechem para diante, e abram para trás: isto é, que abram ao cair na ágoa, e fechem ao levantar; tendo assim só meio círculo, porque se levantam pela mesma parte, que caem; bem como patas de gansos, quando nadam, que fecham quando levantam, e abrem quando fazem a impressão na ágoa. É certo, que deste modo custarão mais a fazer os remos; mas eles feitos, e bem ajustados, serão muito regulares, e mais aptos para neles prestarem as dobadouras o seu efeito por meio de algũas molas. Quarto modo pode ser fixar os remos em duas rodas, uma de bombordo, e outra da banda de estibordo, seguras ambas em um eixo, como os de carro, que atravessasse o navio de um a outro lado, e então fazendo as dobadouras andar à roda o eixo e este as rodas, irão os remos fazendo na ágoa a sua impressão; e quando não baste ũa só roda por banda, se podem pôr duas ou três ou as que se necessitarem: e talvez, que este quarto modo agrade mais na praxe; porque com ele se evitam alguns incômodos, que nos primeiros modos, alguns julgam por inconvenientes; e quanto maiores forem as rodas, mais remos se lhes podem ajuntar. De todos os quatro modos ponho as figuras, que são as seguintes. *C*. *D*. *E*. *F*.**

Nos remos do primeiro modo, que são os de cabeça redonda, só há de trabalhar o impulso da dobadoura, fazendo andar em circular agitação a roda dos seus tornos, tanto mais forçosos, e ligeiros, quanto maior for a força dos ventos, e impulso das velas. Nos remos do segundo modo, que são os facetados, só por ũa banda, ou por duas, debaixo, e de cima com precisão de molas as dobadouras só os virarão por cima, e a força das molas os impelirão a fazer por baixo na ágoa o seu impulso. Tendo duas faces fazem dous tempos, ou duas mórulas; e então a mola debaixo impurra os remos ao cair na ágoa, e a mola de cima os impele por cima para a proa. Mas na verdade parece bastar a debaixo, por não multiplicar entidades; porque para os virar por cima bastam as dobadouras. Nos remos do terceiro modo podem as dobadouras pôr o seu impulso só em retrair, ou levantar para cima os remos com muita facilidade por sobirem fechados, e logo largando-os de repente, eles por si caiam na ágoa abertos, impelidos de alguma mola; bem como os cães das clavinas, só com a diferença de terem estes o seu moto por cima, e os remos abertos por baixo: no mais é a mesma indústria. Nos remos do quarto modo não há necessidade de mola, mas só de que as dobadouras façam por meio das dentaduras virar os eixos, que as rodas irão dando volta com os seus remos. A experiência junta com a indústria mostrará qual seja mais conveniente. Método***

---

* No manuscrito, espaço em branco para a figura, no ângulo superior, à direita.

** Espaço de quase uma página em branco para as figuras.

*** Termina, assim, no códice, o parágrafo.

Método Mecânico. Suposta a notícia da qualidade das velas, e remos, vamos já à praxe. Levante-se de cada bordo do navio um mastaréo até a altura das primeiras vergas firmes, fixos, e redondos: embaixo, e em cima se lhes ajustem anéis que andem a roda, e destes anéis saiam uns quatro espigões compridos por modo de cruz, e capazes de servirem de vergas as velas, tanto embaixo, como em cima; mas embaixo podem ser mais compridas para maior largura dos panos em cada verga se accomode um pano, e vem a ser quatro panos em cada vela, ou quatro velas em cada mastaréo do comprimento *v. g.* de 30 palmos, e de largura, *v. g.* dez cada pano em cima, e alargando para baixo até *v. g.* quinze palmos: isto em um, e outro bordo. Estas vergas devem estar preparadas com suas roldanas para na praxe se sobirem e descerem com expedição as velas: e nos anéis se accomodem ũas pequenas molas, que impeçam o curso para ũa parte e o deixem expedito para a outra, como se usa nas rodas dos relógios, em que andam os pesos, que impedem para ũa parte e deixam expedita para a outra, para sempre conservarem as velas o seu moto regular para a banda, que se pretende. No anel debaixo se hão de accomodar uns dentes, que encaixem nos dentes ou peguem nas molas dos remos, de que logo falaremos; e para isso bastam só dous, ou quando muito quatro dentes. Armadas assim nos seus mastaréos as dobadouras expostas, e indiferentes a toda a variedade de ventos, se armem por baixo em lugar proporcionado ũa ordem de remos nos costados, de cada bordo, quantos se puderem accomodar, de sorte que entre eles fique a necessária distância de uns a outros, para que se não embarquem uns com os outros na sua circular laboreação trinta, *v. g.*, ou quarenta por cada bordo, seguros em seus tornos, e de qualquer dos quatro modos supra explicados, enliados pelas cabeças com seguro cabo, para todos se moverem ao mesmo tempo com moto regular, *ex eo* que forem movidos com as dobadouras, como os rodízios dos cordoeiros. Nas cabeças dos remos centraes correspondentes aos mastaréos se ponham ũas rodas, ou molas, cujos dentes encaixem nos dentes, que tem os dentes inferiores. Digo rodas, ou molas, conforme os diversos modos de armar os remos que acima expliquei. Porque nos primeiros dous modos se usará de rodas, que andem à roda dos tornos, e com eles todos os remos ao mesmo tempo. No terceiro modo de remos abertos como só hão de laborar para trás, e para diante, isto é armar e desarmar, basta que tenham molas inclinadas para diante assim* *[espaço em branco no manuscrito]* nas quaes pegando os dentes das dobadouras, e virando-as para trás armam os remos, e como logo se tornam a largar as molas, elas buscando a sua natural postura, desarmam juntamente os remos. No caso, que além das dobadouras se ponham outras velas na popa, e proa, como dissemos, também estas poderão facilitar o moto dos remos por meio de algum cabo, porque *virtus unita fortius agit,** ainda que me parece serão suficientes as dobadouras per si sós para puxarem os remos, sendo os ventos alguma cousa espertos: e só não poderão quando forem só aragem, mas este mesmo desar socede ao velame antigo, que pouco, ou nada faz escasseando os ventos. Para remediar essas contingências serve nobremente o segundo invento de navegar nas calmarias, como adiante direi: do presente, em que vamos falando vai a figura seguinte — *G.***

---

* Lat.: a força reunida age com mais vigor.

** No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

O que temos dito das embarcações de alto bordo, se deve entender *sua proportione habitas** das embarcações mais pequenas, como iates e bargantins: excepto que nas menores bastará só ũa dobadoura no meio do convés, que jogue para um, e outro lado, com ũa roda ao pé, aonde vá prender o cabo dos remos de ambas as bandas; e para melhor safação podem servir de mastaréeos os mesmos mastros do velame antigo até a primeira verga. Porque como os remos hão de ser menos, não necessitam de multiplicadas dobadouras: além de que estas se podem fazer mais, ou menos compridas, e menos, ou mais largas, como quiserem.

CAPÍTULO 2º

SOBRE A MESMA MATÉRIA DO PRIMEIRO INVENTO.

Método Compendioso. Dispostas as velas dobadouras, e arrumados os remos, quando se quer levar âncora, e seguir viagem, se vão soltando os remos pouco a pouco uns depoes de outros, conforme a força que vão creando os navios, para se evitar alguma contingência de quebrarem os dentes das rodas, ou se desconjuntarem os remos, soltando-se todos juntos ao mesmo tempo; e para esse efeito se devem os remos accomodar de sorte, que se possam ir soltando ao mesmo compasso da andadura das embarcações pouco a pouco: e quando nisto se encontre alguma dificuldade, se poderá praticar o seguinte. Levada âncora, se soltem as velas antigas, e deixe-se ir o navio por onde o levam os ventos, embora que seja ao contrário do rumo, que se pretende; e depoes que ele tiver ganhado força, e vá bem despedido, colha-se o antigo velame, soltem-se as dobadouras, expeçam-se os remos, e endireite-se o leme para o rumo desejado, sem medo de ruins contingências. *v. g.* quer um navio ancorado no Tejo sair pela barra fora, e fazer viagem, e a não pode fazer com as velas ordinárias pelos ventos contrários, que lhe sopram por proa da mesma barra, largue contudo o velame antigo deixe ir o navio para a parte contrária; isto é pelo Tejo acima, seguindo os ventos, e quando já o navio tenha ganhado força e vá a bom andar, colha as velas, solte as dobadouras, e remos, e endireite o leme para a barra. Querem os navios sair do Amazonas, vem-se impedidos com ventos proeiros, vão com eles pelo Amazonas acima, e depoes de ganharem andadura, colham as velas, soltem as dobadouras, e remos, e virem para a barra, sem receio, de que os ventos lhe empeçam a saída; antes será esta tanto mais próspera, e feliz, quanto mais fortes forem os ventos, embora que proeiros: e com esta mesma indústria podem os mareantes sair de qualquer porto

---

* Lat.: levada em conta sua proporção.

a toda, e a todo o tempo pelo subsídio do novo invento, e farão viagem a vela, e remo.

Este o invento, e esta a sua explicação: de que se há de inferir 1º Que com ele, já os mareantes não tem que temer, nem receiar em todas e quaesquer viagens, que pretendam fazer, ventos contrários; antes todos são igualmente favoráveis, ou sejam por popa, ou por proa, ou bolinaes, porque para todos são as dobadouras indiferentes, e todos nelas farão a mesma impressão, e o mesmo impulso. 2º Que em em todo o tempo de ventos podem fazer viagem evitando os inconvenientes antigos que padeciam os mareantes de esperas, e prolongadas demoras de semanas, e as vezes de inteiros meses, sem poderem sair dos portos impedidos dos ventos contrários de sorte que se perdem as monções, e se vem muitas vezes precisados a esperar para o seguinte ano outra monção. Infere-se 3º Que não só se evitam as enfadonhas esperas nos portos mas também os dilatados bordos, e multiplicados rodeios no mar alto; e por conseguinte se abreviam as viagens; e está claro, porque se farão as navegações direitas, como se fazem com o antigo velame, quando os ventos são sempre bonança: com este novo método sempre os ventos são bonança, sempre prósperos e favoráveis; e por isso sempre direitas as viagens *ac proinde** muito mais abreviadas; de sorte que se farão em poucos meses as viagens, que por causa dos ventos contrários, e contínuos bordos, se costumam fazer em um inteiro ano, e em ũa somana, as que antes se faziam em um mês, e assim as mais. Ponhamos exemplo. Na viagem de Portugal para o Rio Amazonas gastam ordinariamente as frotas uns anos por outros trinta para quarenta dias; e já algum navio fez esta viagem em vinte, e outro em dezoito dias: e na torna viagem do Amazonas para Portugal consomem quatro para cinco meses. Sucede esta tão grande diferença porque para lá tem ventos favoráveis, e para Europa ventos contrários: para lá vão viagem direita, e para cá a força de bordos, e rodeios. Logo se tivesse para cá ventos favoráveis faria a torna viagem de quatro ou cinco meses, em um só, como para lá: pois este benefício se consegue com o Novo Método das dobadouras, abreviando as viagens a menos da quarta parte pouco mais, ou menos com outras tantas ventagens.

Infere-se 4º Que este novo método não exclue o velame antigo, antes, ou o supre quando os ventos são contrários, ou o ajuda quanto os ventos são bonançosos; e para isso sempre os navios conservarão as suas velas ordinárias, com as quaes tendo ventos favoráveis navegarão a todo o pano, ajudando-se das dobadouras, que tem nos bordos; e sendo os ventos contrários, suprem as dobadouras as mais velas. Se nos vasos menores, em que dizemos bastar ũa só dobadoura no meio do convés, impedirá esta a vela grande, mas a dobadoura a suprirá com muitas ventagens. Infere-se 5[º], e último, que são tão pujantes, ainda além destas, tantas outras conveniências, que posto que na praxe fosse muito custoso este novo método, se deveria cortar por tudo, só para se pôr por obra: porque se abreviam mais as viagens, se poupam gastos, se encurtam os viáticos, e mais em conta as matalotagens, evitam-se as corrupções de agoadas, e víveres; e por conseqüência as epedimias, e mortandades, que causam os víveres, e agoadas corruptas. Haverá nos portos mais fartura, porque mais breves os transportes, menos carestia de víveres, e menos fomes nas repúblicas pelo abreviado socorro. Animar-se-ão com mais coragem os ventureiros, que nas viagens ordi-

---

* Lat.: e por conseguinte.

nárias receiam os mui contingentes perigos; e finalmente todas as mais con-conveniências, que na verdade são muitas, as que há nas viagens abreviadas, como podem dizer os mareantes. Nos mesmos portos se vem claramente muitas conveniências, porque se evitam segundos provimentos, que muitas vezes se vem obrigados a fazer os navegantes, consumidos os primeiros nas esperas de bom vento. Melhor se preservam as fazendas de avarias, se aproveitam as monções etc. etc. E todas estas conveniências resultam de um tão pouco gasto, como é o de ũas velas, e de uns remos, cujo importe será talvez muito menor, que qualquer gasto nas esperas dos portos. Só nada val, nada aproveita este nosso invento para as tempestades; porque então todo o remédio está em pedir a Deus misericórdia, com os necessários meios de contrição, e confissão, para que Ele, que é Senhor dos mares, e elementos os aquiete e sossegue: *Motos praestat componere fluctus.**

Resta-nos agora satisfazer a alguns reparos, e objecções, que podem occorrer sobre o novo método, as quaes me parecem de pouca monta, por não impugnarem a sua possibilidade, e factibilidade, que é o nosso principal intento, mostrar como é possivel, o que ninguém negará, suposta a superior explicação; mas, quando muito, só impugnarão a sua praxe, ainda que também sobre esta parecem ser de pouca monta. 1ª objeção. Postas, e expostas as dobadouras a todos os ventos, também ficam indiferentes a circular para ũa e outra banda; porque igual impressão fazem os ventos, para as obrigarem para a banda direita, como para a esquerda. 2ª A tal dobadoura no meio do convés, como dissemos nas embarcações menores, *v. g.* iates, impedirão o lugar da lancha, e esquife, que costuma ser o centro do mesmo convés. 3ª As mesmas dobadouras levantadas nos bordos impedirão a serventia da mesma lancha, e esquife, tanto ao entrar, como ao sair; por não terem outra serventia, senão pelos bordos do convés. 4ª Supostos os remos de popa a proa, impedem 1º: O lugar das âncoras, que costumam ser as *[em branco no manuscrito]* dos navios. 2º O lugar das escadas para a requisita serventia no subir, e descer. 5ª Os mesmos remos padecerão tantas falhas no seu exercício, quantas forem as inconstâncias, assim no mar, como dos navios inquietos, e inclinados já para um, e para outro lado nos mares banzeiros, e muito mais nos alterados; e assim muitas e muitas vezes não chegarão a ágoa, e circularão em seco apontando os ares, mas não virando os mares. Etc.

Respondo a 1ª Que é bem verdade, que as dobadouras estão indiferentes para um, e outro lado absolutamente e simplesmente levantadas; mas não quando tem a indústria da dentadura, como nos relógios, cuja experiência se vê todos os dias nas velas dos moinhos, que não obstante a sua indiferença, só andam para uma banda, e não para a outra. A 2ª Que a dobadoura levantada no convés não é necessário, que chegue a arrastar até baixo, antes devem deixar sempre livre a serventia; e já então poderá ter também lugar o lanchão sem estorvo da vela. A 3ª Que os mastaréos e dobadouras dos bordos impedirão a serventia da lancha: para esta entrar, ou sair de lado, sim: para entrar, ou sair de popa, ou de proa, não; porque então não necessita de muito espaço. A 4ª Respondo ser de pouca força a objeção; mas quando o fosse se remedea tudo, deixando livres as buchechas para lugar das âncoras, e ainda ficarão remos de sobejo para levar o navio. O mesmo respondo para a serventia da escada: porque com só se tirar o remo respectivo se remedea, mas nem isso é necessário; porquanto, como a escada só ordinariamente tem serventia quando os barcos estão ancorados, e os remos

* Lat.: ele pode aplacar os movimentos das ondas.

presos, então, ou se tire o remo respectivo, ou o mesmo remo, que está virado para a popa, sirva de degrao para a escada: e o melhor será que a dita escada seja postiça para se pôr, ou tirar, só quando haja de servir, ou não servir, de sorte que tudo se pode compor. A 5ª objeção de não chegarem os remos muitas vezes à ágoa, respondo: que com o benefício das dobadouras para os ventos proeiros, bolinaes e contrários já os navios hão de navegar mais direitos, não se deitando tanto sobre os lados; e a razão é: porque, por mais fortes, que sejam os ventos nunca inclinarão o navio para parte alguma pela indiferença das velas; e assim caminhando mais direitos chegarão os remos de um, e outro bordo à ágoa. Mas no caso, que algũas vezes, ou por serem os mares banzeiros, ou as ondas quebradas, não cheguem de algum bordo os remos a ágoa, isso nada impede a navegação, como eu por muitas observei nas canoas do Amazonas. Quando estas levam poucos remeiros, segundo os que pede a sua lotação: ou principalmente quando as embarcações são alterosas, e vão sem carga, não chegam os remeiros a ágoa, e para poderem chegar, se arrumam todos a ũa banda, e como com o seu peso inclinam, e tombam para ali as canoas, já por aquela banda chegam à ágoa, e dessa somente remam, e fazem viagem, sem um só remo do outro lado: logo o chegarem, ou não chegarem os remos alguma vez a ágoa, nada faz para os navios seguirem viagem. Estas repostas são *in gratiam** de um curioso, que me pôs as sobreditas objeções: mas no caso, que alguma delas tenha alguma força, basta-me mostrar a possibilidade do nosso novo invento. Além de que, como o meu principal intento é para as embarcações que frequentam o Amazonas,** e outros grandes rios, nelas não tem lugar as objeções supra, porque não trazem esses lanchões, nem esquifes.

CAPÍTULO 3º

INVENTO SEGUNDO PARA NAVEGAR NAS CALMARIAS.

Sendo tão útil o 1º invento para a navegação por dar idea aos mareantes de incurtarem as viagens por terem prósperos todos os ventos, ainda é mais útil, e curioso este 2º por dar indústria muito fácil para navegar sem ventos: porque o 1º é sim muito útil, mas depende de ventos; e este 2º posto que também pode servir para quando há ventos tem de mais a mais a conveniência de servir para quando os não há, ou nas calmarias, fazendo nelas tão boa, próspera, e ligeira viagem, como se faria na occurrência de bons ventos. De sorte que consultando eu sobre estes inventos alguns bons engenhos, e que podiam dar voto na matéria, acharam neste invento maior galantaria, que no 1º: porque no 1º se encontram 2 inconstâncias nos dous elementos de ágoa, e vento; e neste 2º só há, e pode haver a inconstância da ágoa, mas não a do vento, de que não depende; além de que na praxe não há duvida, que pode ser de maior utilidade. Demais o 1º invento nem sem-

* Lat.: em favor.

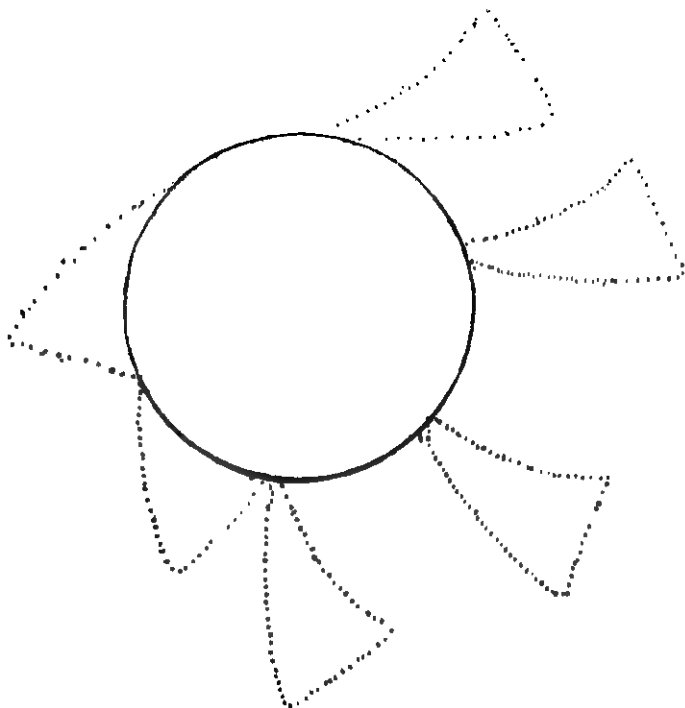
** *Amazonas,* no manuscrito.

pre pode servir, porque nem sempre há ventos e ainda que os haja, se são tão tênues, que não sejam suficientes para impelir quanto é necessário as dobadouras pouco, ou nada fazem; como também pouco fazem as pequenas aragens no velame antigo, e em todas as mais facturas dependentes dos ventos, e basta o serem contingentes, para não poderem ser sempre regulares: não assim este 2º porque 1º não depende da contingência dos ventos, e por isso é mais regular, estável e permanente. 2º porque serve nas calmarias, e nisso evita todos os males; que nelas experimentam os navegantes: porquanto além de serem tão enfadosas, e molestas, são abaixo das tempestades, as calmarias as mais perigosas contingências do mar; e tanto mais perigosas, quanto mais prolongadas, por se consumirem os provimentos, e matalotagens, por se corromperem as agoadas, damnificarem as fazendas; e sobretudo por se multiplicarem as epedimias, crescerem as doenças, e seguirem-se tantas mortandades, que tem sucedido muitas vezes ficarem lestos e desamparados os navios, sem gente alguma, à reveria das ágoas, e ventos.

É pois este utilíssimo invento o seguinte método mecânico. Supostos os remos de algum dos 4 modos, ou de qualquer outro, que a experiência mostrar mais em cômodo, (porque também supõe, e necessita de remos este 2º invento) em lugar das dobadouras, se ponha ũa roda de peso proporcionado, suspensa em 2 columnatas com suas orelhas proporcionadas de ũa, e outra parte para se poder mover, como tem todas as rodas de mão arqueadas ambas, ou para a mesma parte, ou melhor encontradas; isto é, ũa orelha para cima, e outra para baixo; e no pavimento umas molas, ou taboinhas de boa fortaleza presas com suas chamadeiras às sobreditas orelhas, em cujas taboinhas, ou molas hão de carregar com os pés dous, ou um marinheiro, quando quiserem fazer laborar a roda, mover os remos, e navegar. A estas molas ou táboas hão de ir prender os remos com as pontas dos seus calabres, de tal sorte ajustados, e regulados, que a roda na sua laboração com ũa orelha levante, e suspenda os remos, e com outra os puxe para trás por baixo da ágoa; mas o melhor será, que os remos tenham suas molas, como atrás dissemos, uma que os puxe para trás, e outra para diante, do modo acima dito, e então a roda só servirá para levantar, ou armar os remos, e largando-os de repente, cairão com ímpeto na ágoa, impelidos da outra mola. Em uma palavra. As rodas são para fazerem o ofício das velas dobadouras: por isso quanto fica dito acerca das dobadouras com os remos, *proportione habita,** se deve entender das rodas; para o que havemos de supor.

1º Que a roda há de estar tanto a plumo, que a qualquer toque se possa mover, e com qualquer pequena força puxar. 2º Que seja a modo de um arco, porque assim são as rodas mais ligeiras. 3º Que de tal sorte seja móvel, que baste um só marinheiro para a fazer andar em uma roda viva, dando com o pé para baixo, e para cima, e quando muito 2, um em cada orelha. 4º Que a roda no seu peso deve ser proporcionada à grandeza dos vasos, e ao número dos remos, que há de levantar: porque quanto for mais pesada, mais força terá para levantar os remos em ganhando força na sua circulação. De sorte que sendo os remos, *v. g.* a 30 por banda, tenha a roda perto de quinze arrobas para que venha a caber meia arroba de força a cada remo: sendo os remos 40 seja a roda de 20 arrobas; e assim nas mais proporções. Nas embarcações pequenas, em que dissemos bastar ũa só dobadoura, também bastará ũa só roda no meio, que jogue para ambos os lados: e também pode bastar ũa só roda para qualquer outro grande navio propor-

* Lat.: na devida proporção.

cionando-lhe o peso, muito mais sendo a roda do feitio, e indústria, que logo diremos. Porém se a experiência mostrar melhor comodidade em duas, se podem estas levantar nos bordos para os remos respectivos; mas na verdade parece ser mais accomodada ũa só, ainda que seja de maior peso, não só por não occupar mais o navio, mas também para a melhor regularidade dos remos em ũa e outra banda. Que esta roda de semilhante peso seja suficiente, e bastante para puxar os remos de ambas as bandas, parece ser indubitável; porque em ganhando força ũa tal roda, *v. g.* de 20 arrobas de peso seria bastante para levantar e suspender grandes máquinas, de sorte que não seriam bastantes 20 juntas de bois para lhe quebrarem a força, e fazer parar de repente, que é o signal e medida por onde se deve medir a sua grande força. Que também seja suficiente um só marinheiro dando com o pé para baixo, e para cima, se prova da experiência, que mostra bastar qualquer pequeno agente para conservar a força a maior roda em ela ganhando fogo: muito mais sendo do feitio que aponta o *Tesouro de Prudentes,* e eu já vou a explicar, antes de a dar a conhecer na sua figura. É ũa roda por modo de arco a roda na parte de fora tem 6 dobradiças, que abrem ao descer, e fecham ao subir, reguladas de sorte, que umas cheguem às outras: no fim, ou remate de cada dobradiça, se ponha uma maça de ferro, *v. g.* de 8 libras, ou meia arroba; sendo de meia arroba, fazem em todas a conta de 3 arrobas; porém pode ser mais, ou menos *pro libito** de cada um; e como estas dobradiças per si abrem ao descer com o seu peso vão impelindo a roda na sua mesma circulação, ao modo dos gatos com o fogo no rabo, que lhes serve de estímulo para mais correrem: pelo contrário, quando sobem se vão unindo a mesma roda, cuja figura é a seguinte *H*.

* Lat.: à vontade.

Que baste também um só marinheiro para a fazer andar em ũa roda viva, e para lhe conservar a mesma agilidade com só lhe ir dando com o pé com todo o sossego, se prova do seu mesmo feitio, o qual não depende, nem necessita de muita força para andar com toda a ligeireza além do que já advertimos, que as rodas em ganhando força na sua agitação, basta-lhes qualquer leve toque para lha conservar: e quanto ela em si é mais pesada, tanto maior é a sua força, ao contrário das mais rodas, cuja ligeireza só depende da sua liviandade, e do agente, que as move. Bastando pois um só marinheiro para movê-la, este se deve ir revezando em quartos, para que o trabalho se divida, digo se vá aliviando, e repartindo por todos. Desta roda, como ãto útil para muitos outros engenhos, e artefctos, farei menção repetidas vezes para diante, por ser utilíssima para noras, engenhos de serrar madeira, e muitos outros, como depoes veremos, e pelo seu feitio podemos chamar-lhe — roda de engenhos —[.] Esta é toda a substância deste 2º invento de navegar, cujas conveniências, e utilidades são muitas, e muito grandes. 1º Porque tem todas as que acima apontamos do 1º invento. 2º Pela sua muita facilidade, e pouco custo: pois com só uma roda de ferro de 20, 30 ou pouco mais arrobas de peso, e só com a assistência, e pouco trabalho de um marinheiro, supostos os remos, se põem na praxe. 3º Porque com este invento já as embarcações, além dos mais gastos, que poupam na brevidade das viagens, também poupam muita gente; porque para a sua praxe bastam 8 até 10 pessoas para qualquer grande navio muito bem à vontade, no que precisamente respeita ao invento, por serem bastantes quaesquer 8 pessoas para fazer quartos, e se revezarem umas as outras. Digo serem bastantes 8 ou 10 marinheiros precisamente para o exercício deste invento, na suposição, de que só ele se use; porém como este invento não exclue o velame antigo, assim como também o 1º invento, por isso poderão necessitar os vasos de mais gente, não por razão deste invento, mas sim por causa da mastereação antiga. Sendo que também esta se pode adjectivar de sorte que pouca gente baste para a sua servintia; e de facto os holandeses, e outras nações com só 10 até 12 pessoas se servem, e expedem quaesquer grandes vasos, ainda de 3 mastros, e contudo andam também servidos, e tão a ponto, como os que tem multiplicados serventes: tudo vai da indústria, e de saber pôr as cousas em seu lugar, e a seu tempo.

Para as canoas, e barcos do Amazonas em obséquio de cujos moradores principalmente excogitei este invento é por esta causa de poupar remeiros utilíssimo; porque tem várias navegações aquele rio, em que pouco ou nada valem as velas, quer sejam as antigas, quer sejam as novas do 1º invento, por razão de serem navegações por entre ilhas copadas de muito, e alto arvoredo, que impede todo o vento, e só se navegam a força de braços, e remos, sendo necessários para os seus bergantins 20 para 30, ou mais remeiros, os quaes tiram os moradores das suas fazendas com grande detrimento das próprias lavouras, por razão de não terem embarcações comũas: Tem pois neste invento ũa grande conveniência, porque com 6, ou 8 remeiros, e talvez menos, podem esquipar os seus bergantins, que antes necessitavam de 25 ou 30, e nem por isso farão menos viagem, antes navegarão com muita mais brevidade, e com muita mais suavidade desses poucos. E sendo canoas pequenas bastam 2 ou 3 homens para as fazerem navegar: muito mais sendo viagens pequenas de um, ou meio dia; porque então bastam por si sós os moradores, ou com qualquer menino: porquanto em todas as embarcações se pode praticar este invento, e em toda a occasião, e tempo, menos no de temporaes, em que só Deus pode, e deve ser o principal piloto. 4º e prin-

cipal efeito desta roda, e novo invento, é o ser o remédio único nas calmarias: quão grande seja este remédio na falta de ventos, e calmarias? Ninguém melhor o pode dizer, do que os mesmos mareantes, que já se tem visto em semilhantes consternações, estando como presos, e amarrados no meio dos mares, somanas inteiras, e às vezes inteiros meses, com as formidáveis, consequências supra apontadas, de sorte, que tem sucedido muitas vezes morrerem todos à pura miséria: E quanto dariam aqueles navegantes, se no meio de tantos infortúnios lhes sugerissem o método, com que não só podessem romper aquelas prisões, e fogir tão fataes remoras; mas além disto com a grande ventagem de fazerem então uma tão feliz, e próspera viagem, como na verdade lhes segura este novo invento?

Sei que já houve um Ramusio, que deu arbítrio de navegar sem vento; porém só tenho esta notícia; e não sei, nem agora posso saber, qual fosse o seu arbítrio, por me achar quase enterrado vivo em uma mais sepultura, que cárcere. Não sei, porque não se tem posto em execução o seu invento, desejando tanto os sábios, e curiosos, e muito mais os interessados Palinuros descobrir algum meio para evitar tão perigosas contingências do mar? Nem pode deixar de ser, senão, por não se achar tão expediente, ou por depender de algũas grandes máquinas, ou por algum outro grande inconveniente, que eu não acho nem descubro no meu; e por isso o terei sempre por mui factível, enquanto me não mostrarem o contrário, cuja figura é a seguinte. *l**

Não reparem os leitores no impróprio dos vocábulos, porque de pilotagem pouco, ou nada sei; nem em me não explicar com toda a clareza para a boa inteligência dos meus conceitos nos 2 inventos; porém como a substância por si mesma está clara, já nas dobadouras, já na roda de engonços, ou roda marinha, basta isto para se perceber o mais. Digo ser esta a substância: porque os accidentes de ser mais deste, ou daquele modo, desta, ou daquela indústria, fica por conta da experiência, e a eleição de cada um, conforme se julgar ser mais expediente, e conveniente: e talvez se descubra ainda algum outro melhor método, conforme o prolóquio — *facile est inventis addere*** —[.] Nem eu sou tão tenaz destes meus inventos, que não goste que inventem outros melhores, se os há. O não terem estes inventos anexo algum impedimento na sua praxe, que os faça impraticáveis se vê bem claramente do que já tenho dito; e também porque 1º nenhum deles impede os navios por dentro, nem a sua mastareação antiga ou serventia, como já vimos. Não embaraça, ou atrapalha os *[em branco no manuscrito]* e sua serventia, porque 1º todo é externo, assim nos remos, como nos mastaréos, e dobadouras. O 2º também não impede, porque uma roda em qualquer parte se accomoda; e me parece que o seu melhor lugar seja sobre, e na extremidade da praça da popa, ou do castelo da proa, por serem as paragens mais expeditas, e ainda que sejam 2 as rodas, também nada impedem: porque se podem levantar nas muralhas da popa, ficando lesta, e expedita toda a praça. 2º porque ambos eles são fáceis, e pouco custosos, pois nem os remos, nem as molas, velas, e mais misteres são de muito custo: só a roda por ser de ferro levaria alguns gastos, e poderia chegar ao preço, ou valia de uma âncora, de que os senhorios dos navios fazem pouco caso. Por outra parte são tão estimáveis, que ainda à custa de grandes cabedaes se deveriam pôr em praxe, como não duvido se pratica-

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

** Lat.: fácil é multiplicar os inventos.

rão em havendo algum, que se resolva a ser o primeiro: porque não são para desprezar as grandes conveniências de ter sempre prósperos todos os ventos, de não te temerem calmarias, de se abreviarem as navegações, e as mais que já dissemos. Sobre as canoas ordinárias do Rio Amazonas e semelhantes outras, advirto aqui, que posto que o 2º invento da roda de engonços seja facílimo, e indiferente para todas, e quaesquer embarcações grandes, e pequenas, sem outra diferença mais, do que dependerem de mais, ou menos remos, e de maior ou menor roda; contudo se pode esta suprir com molas, ou teclas proporcionadas, em que os navegantes possam com os pés fazer laborar os remos: porque cada homem desta sorte pode mover meia dúzia de remos pelo seu bordo, e outro outros tantos por outro bordo, só com darem ao pé para baixo, e para cima; mas isto é só em embarcações ligeiras, porque nas mais é o uso da roda sobre todas as indústrias.

CAPíTULO 4º

DE ALGŨAS OUTRAS ADVERTÊNCIAS SOBRE A NAVEGAÇÃO.

Ainda que pareça impróprio o *mittere falcem in segetem alienam,** isto é, meter-me eu a falar *de re nautica,*** sendo matéria, que nunca estudei, contudo animo-me a fazer algumas advertências sobre a navegação, sem receio de ser notado dos práticos, e mestres do ofício, lembrado do que diz o Evangelho — *Infirma mundi elegit Deus, ut fortia quoque confundat**** —[.] E também, porque muitas vezes descobre Deus aos humildes muitas cousas altas, e segredos grandes, os quaes encobre, e esconde, aos que se tem por grandes sábios, e mestres — *Abscondisti haec a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis***** — e de facto se sabe por revelação, que a navegação de Leste a Oeste é cousa tão fácil, que, quando o Senhor for servido, que se descubra, se rirão os homens de si mesmo, vendo, que com todas as suas diligências, não puderam dar em cousa tão fácil: assim o revelou o Senhor a sua grande serva *[em branco no manuscrito]* o que posto qualquer se pode animar a fazer seus discursos sobre a matéria. Não é o meu intento esquadrinhar este tão grande segredo, em que se occupam os maiores engenhos do mundo estimulados dos grandes prêmios, que estão propostos, a quem tivera fortuna de o descubrir; e muito mais da glória, que

---

* Lat.: pôr a enxada em seara alheia.

** Lat.: assunto náutico.

*** Lat.: O que é fraco, segundo o mundo, é que Deus escolheu para confundir o que é forte. 1 Cor. 1.27. O autor cita de memória. A Vulgata reza: infirma mundi elegit Deus, *ut confundat fortia.*

**** Lat.: Escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. Mt., 11, 25.

conseguirá por autor, ou inventor. O meu intento é tão somente advertir algũas conveniências na suposição do occulto segredo, e sobre algũas outras concernente a melhor expedição dos navios, e navegantes; e nesta suposição digo assim. A prática, que usam os navegantes sobre a navegação de Leste a Oeste é ordinariamente, a que chamam barquinha, que é uma taboinha no fim de um comprido cordão enrodilhado em um rodízio, a qual taboinha largam sobre o mar da popa abaixo, tendo na mão uma ampulheta, e, segundo a velocidade, com que o peso da barquinha levada das ágoas desenrola o cordel do seu rodízio, inferem a velocidade; ou andadura do navio, para o que o cordel tem sua conta, que regulam pela ampulheta, e dela foram seus cálculos, e destes suas idéas de quanto anda em cada minuto, em cada quarto, em cada hora, e em cada sangradura. Quão sujeita seja a erros esta barquinha, se pode logo inferir do seu cômputo, e cálculo; que não é outra cousa mais, que uma conjectura, ou estimativa tão irregular, e diversa, como a diversidade dos pilotos, e navegantes. Vê-se bem esta diversidade na conjunção de qualquer frota, em que, quando se chama a conselho sobre qual seja a altura, que cada piloto faz na sua estimativa, há tanta diversidade de opiniões, e alturas, quantas são as cabeças, e os pilotos: uns dizem, que se fazem; *v. g.* na altura das Ilhas dos Açores, outros na altura das Berlengas, outros aqui, e outros acolá. E desta incerteza da barquinha e das idéas de cada um sucedem ordinariamente tantos naufrágios, e disgraças, já, porque conjecturando estarem muito amarrados, dão de repente com os narizes em terra, e já porque cuidando estarem já livres dos cachopos, e perigos, caem neles.

Visto a cousa ser tão fácil, como dissemos acima, bem podia eu, ainda que *minus sapiens,** dar outra indústria sobre este ponto; e talvez que me resolva finalmente, segundo as idéas que tenho formado. Porém por não sair agora do meu intento, só quero procedendo na suposição da barquinha, e uso comum, ou ainda na praxe de outros, que se governam pelos relógios, e dos que se regulam pela elevação do sol etc., digo que, supostas as novas idéas de navegar com as dobadouras do 1º invento, e com as rodas de engonços do 2º, se podem melhor dirigir os pilotos, e navegantes na dita navegação de Leste a Oeste; e se não me engano, o provo com evidência. A causa principal da irregularidade da barquinha, e do seu cômputo, é por razão dos bordos, que continuamente fazem os navios a buscar o adjuctório dos ventos; *sed sic est*** que, com as dobadouras supra, e rodas de engonços, se evitam estes bordos e correm direitos os navios segundo o seu rumo: logo com estes inventos se regulam, e acertam melhor as alturas. Que os bordos sejam a causa principal da irregularidade; parece ser indubitável: porque quando a navegação é favorável, e não necessita de bordos, acertam melhor os pilotos as alturas. Que com as dobadouras, e rodas se evitem os bordos, e rodeios; também está claro; porque para isso é, que servem, e para isso tem favorável todos os ventos: logo é certa a consequência, que melhor se regulam as contas da barquinha, e que se expõem a menos erros os pilotos. A 2ª advertência seja sobre as bombas. Socede muitas vezes fazerem ágoa os navios em tanta cópia, que não basta toda a equipagem, e passageiros para dar-lhe vazão, com tanto trabalho de todos, que cansam, suam e tressuam, em dar a bombas: e são estas tão dificultosas, que para se trabalharem são necessários 2 homens de pulso a cada uma. O que posto, digo, que

---

* Lat.: menos sábio.

** Lat.: por isso assim é.

pode suavizar-se este trabalho das bombas de sorte, que não só baste um homem por cada vez, mas ainda qualquer criança desta sorte. Ponha-se na extremidade do pé, em que se pega, um peso proporcionado ao peso da bucha, *v. g.* pesa a bucha 1 arroba, ponha-se cá na extremidade outra arroba de peso, e já então será tão fácil o dar a bomba, que qualquer menino o poderá fazer: está claro. Porque a bucha da bomba *ex-vi** do seu peso e por ter a sua verga mais comprida, como suponho, do que o pé, em que andam as mãos, sempre naturalmente há de descer abaixo; porque pase mais: e como por outra parte tem em cima o outro peso, qualquer pequena força basta a menear. Digo, que suponho ser mais comprida a verga da bucha etc.; e por isso que naturalmente há de descer; mas no caso, que o não seja se diminue então o outro peso *v. g.* 2 libras de menos, e já sucede a mesma facilidade. Em lugar deste peso pode ter uma mola segura na mesma bomba semilhante, a que tem os martelos das horas nos relógios, e talvez será mais fácil para os serventes.

Assim também se pode suavizar este trabalho com roda meneada ou com as mãos, ou com os pés, de que há muitos exemplares, e algumas tão fáceis, que basta um menino assentado, e dando na roda com um dedo da mão, como por divertimento, para tirar quanta ágoa quer de profundos poços. Assim vi no colégio de Arroios em Lisboa ũa bomba de muitos côvados de altura, que um pequeno noviço assentado, e com muita facilidade meneava por largo tempo, tirando quanta água era precisa para o ministério, e servintia da cozinha. Porém deixada esta matéria para diverso capítulo, aqui só falo dela *per transenam*** em ordem a insinuam o meio de suavizar melhor o trabalho das bombas nos navios, tanto para a maior expedição, como para maior suavidade dos serventes. 3ª advertência seja sobre a elevação das amarras, que é um dos maiores, e precisos trabalhos da marinhagem. O mecanismo mais ordinário de levar as âncoras é de 2 modos: 1º é um rodízio na extremidade do tombadilho, ou castelo de proa deitado, em cujos buracos, e duras trancas, puxam os marinheiros, não só com muito vagar, de sorte que gastam muitas horas, senão também com muita dificuldade, e cansaço se fadigam, embora que sejam muitos em número. 2º modo, e praxe, de que usam nas maiores naos é uma almanjarra, por não lhe chamar também rodízio, levantada debaixo do tombadilho da popa, e em cima com ũa roda em cujos dentes vão pegando os marabutos, muitos em número até elevarem etc. Ambos estes modos tem seus incômodos grandes, assim porque impedem muito, os vasos, como por mui vagarosos, e custosos. O 1º porque pela sua grandeza só para ele se mover necessita de força, quanto mais para se mover com o peso da amarra; e além disso não podem os serventes pôr-lhe mais força, do que o peso das suas pessoas, como socede a todas as manobras, que se puxam para baixo: e a razão é; porque ninguém pode puxar para baixo maior peso, do que pesa o seu corpo, por não ter, em que possa firmar os pés; ou mãos para imprimir maior força; ao contrário das mais manobras, em que cada um tendo em que poder firmar os pés, pode levantar dobrado peso, e ainda mais do que pesa. Nem tem necessidade de prova, porque a experiência bem o mostra. Mais útil é a roda do 2º uso, debaixo da praça da popa: porque como é levantada, tem melhor comodidade para se puxar, podendo os serventes firmar os pés; e por empregar melhor as suas forças.

---

* Lat.: em virtude.
** Lat.: de relance.

Tem contudo seus inconvenientes: 1º de impedir a serventia da sala em todo o tempo, que labora a roda, que em alguns portos é por muitos dias, como na barra do Pará, ou Amazonas, aonde por razão dos baixos se entra, e sae só com as marés, e de dia, por 8 ou 9 dias. E ainda que no mais tempo se arruma o rodízio para uma banda, sempre contudo fica occupando uma boa parte, na qual se podiam accomodar alguns serventes.

2º inconveniente é o necessitar para o seu uso de muitos serventes; porque além do grande peso da amarra, só para menear a roda são necessários uns poucos. 3º é o ser necessário atravessar todo o convés do navio de proa a popa a dita amarra, para ir prender no rodízio, com tantos inconveniêntes, como por vezes se tem experimentado quando, ou quebra a amarra, ou escapa, ou é preciso largá-la de repente; porque vai quebrando pernas a marinheiros, que por razão do seu ofício andam pelo caminho da amarra, e não esperam semilhantes repentes, aguadas da matalotagem, e a tudo quanto encontra; e outras vezes com maiores riscos de se perderem os navios nos cachopos, ou baixos por razão de alguma demora no largar da âncora, para dar tempo a que os marinheiros ponham em cobro as suas pernas.

Para evitar pois tantos inconvenientes se podem usar outras mestrias, que são inumeráveis: a mais óbvia, que logo se oferece, é uma roda semilhante a do dito rodízio da popa no modo de se puxar, mas por modo de anel a roda de um dos mastros que se julgar mais conveniente; porque assim lhe fica servindo de firme esteio o mesmo mastro, e a roda dele andam os marinheiros puxando a dita roda, ou anel pelos seus dentes ou trancas ao modo antigo. E mais comodidade haverá então em todo o navio, especialmente se esta roda se accomodar no mastro da proa: porque 1º fica todo o mais navio desempedido, e sem os perigos supra de se quebrarem pernas etc. 2º fica o baixo do tombadilho safo, e desembaraçado assim para refeitório, como para alojamento dos marinheiros. 3º porque fica estável, sem a precisão de se armar, e desarmar cada vez que é necessário usar da âncora. Nem suponho, que será de algum damno ao mastro, mas a ser, pode armar-se debaixo do castelo da proa com as mesmas conveniências. Muitos outros modos se podem usar não só úteis para a melhor expedição dos navios, mas também fáceis para com mais brevidade se levarem as âncoras, e juntamente para menor precisão de serventes; pois é certo, que, se se usasse de algum modo tão fácil, que bastassem 6 marinheiros em lugar de 12, ou mais, que são necessários para o modo antigo, seria de mui aventajadas consequências. Nem há dúvida, que há semilhantes indústrias, como *v. g.* uma roda com um buraco no meio, por onde atravessem 2 cordas bem unidas, as quaes estejam bem seguras em 2 columnatas de ũa, e outra banda, e bem tesas: à roda com largura proporcionada para os buracos dos dentes, em que se há de puxar; armada assim a roda, quando se quer levar âncora, se entesa primeiro nas cordas, andando com ela a roda quanto puder ser, e depoes de bem entesada, chegada a occasião de levar âncora, se lhe prende o cabresto, e se larga, ou solta a roda, a qual quanto mais tesa estiver, tanto mais força porá no cabresto; e quando por si só não seja suficiente para a levantar, o fará com muita brevidade, ajudada com alguns poucos serventes, porque as cordas como violentadas hão de buscar o seu natural. Já se sabe, que uma semilhante roda tem mais conveniência sendo de alto a baixo, do que sendo posta de uma à outra banda; isto é, estando as cordas, que lhe servem de eixo de alto a baixo, e não para as bandas, pela razão da melhor comodidade de se poder entesar: porque sendo de alto a baixo as cordas, fica a roda dei-

tada para as bandas, e assim a podem entesar melhor, andando em roda os serventes, tanto por poderem ser mais em número, como por poderem melhor firmar os pés; e sendo as cordas para as bandas, fica a roda para cima, e para se entesar não pode admitir muitos serventes. Já também se supõem, que embaixo no pavimento tem uma roldana correspondente à roda, pela qual esta há de puxar o cabresto. Também é mui especial um célebre rodízio, de que já muitos usam para levantar grandes pesos, não só com facilidade, mas com brevidade: e há alguns tão industriosos, que basta uma só pessoa para os menear, embora que da outra parte puxem por uma corda outras 20 pessoas, antes todas atrairá a si o rodízio. Não o explico por miúdo, por não estar muito certo no feitio, nem ter de quem me informar na soledade da minha prisão, ou sepultura; mas aponto-o, para que os leitores, que puderem, e quiserem se informem dele; e sendo mais accomodado para os navios, se pode fazer eleição para melhor levar âncora: e de ambos os sobreditos, isto é da roda, e do rodízio se ajuntem aqui as figuras; da roda, que é a seguinte.*

CAPÍTULO 5º

DO TERCEIRO INVENTO DE REPRESAR AS MARÉS PARA FAZER MOTO CONTÍNUO.

De 2 modos pode ser o moto contínuo intrínseco, e extrínseco: o intrínseco está, em que se ponham ũas causas de tal sorte ideadas, que produzindo os seus efeitos deles mesmos receba o seu moto com mútua causalidade; que é o mesmo, que ser cada um agente do outro, e cada um efeito do outro. O moto extrínseco perpétuo é aquele, que tem por causa, e agente alguma força externa, como *v. g.* uma roda movida, ou impelida pela ágoa, uma vela pelo vento, e todas as mais manobras impelidas já com pesos, como nos relógios, ou já com qualquer outra causa externa, a qual sendo contínua, como nos rios, também será contínuo o seu moto, enquanto não falhar algum requisito nos recipientes. O moto contínuo intrínseco é, e tem sido objecto dos maiores discursos dos homens, assim pela conveniência dos prêmios aventajados, que estão prometidos ao seu primeiro inventor, como pela glória tão assignalada, que conseguirá na estimação do mundo. Digo conseguirá: porque não tenho notícia, que ategora se tenha descuberto, posto que tem havido muitos engenhos, que tem com obras curiosas nesta matéria; mas nenhum ainda acertou com a total, e mútua causalidade, da qual também farei algum discurso, *Deo dante,** no fim deste tratado. Aqui porém só pretendo

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

** Lat.: com a ajuda de Deus.

tratar do moto contínuo extrínseco, e colocá-lo nas marés da mesma sorte, que se fora impelido na contínua correnteza de algum rio, aonde não há, nem pode haver dúvida. É tão evidente este invento, segundo o meu parecer, que eu não o chamaria invento novo e meu, se não o tivesse consultado com alguns noticiosos, e curiosos, e nenhum deles me deu notícia de tal invento, nem eu a achei pelos livros; e como por outra parte sei, que se tem cansado muitos curiosos em formar idéas sobre a matéria, e inventar novos artefactos para se utilizarem das marés; todos porém faltos de indústria perpétua; uns porque só laboram nas va:zantes, outros só meia maré das vazantes, e meia das enchentes, e outros muitos de mui diversos modos; por isso me persuado não estar ainda descuberto o invento, posto que fácil, *ac per consequens** lhe chamo invento novo, e meu, sem medo algum. Mas se algum dos leitores o tiver já encontrado em algum autor; de boa vontade cedo a primazia de inventor; servindo então esta minha notícia de persuadir a sua grande utilidade na praxe, embora que não leve as alvíssaras de primeiro inventor. Nem é menos curioso, e útil, que os dous supra, não só para todo o mundo; mas com muita especialidade para o Amazonas, e toda a América; assim para o maior cômodo dos seus engenhos, e grande expedição das suas lavouras; como também por se poderem utilizar dele com mais facilidade, do que na Europa, por razão dos menores gastos. Vamos já a sua explicação, se eu me souber explicar para a boa percepção dos leitores.

Método mecânico. Façam-se 2 tanques a borda do mar, ou rio, em que entram, e alteiam as marés; ou só um equivalente a dous, repartido depoes em dous, com um famoso cais, que os divida do mar; e com um espaçoso repartimento, ou língoa de terra entre um, e outro tanque; mas ambos a borda do mar, ou rio, os quaes distinguiremos com chamar a um taque superior, e a outro inferior. Além disto, devem ter ambos proporcionada grandeza para receberem tanta ágoa, quanta se julgar ser necessária para encher um canal, que há de atravessar de um a outro, como logo direi; e para isso se consultem os senhores geômetros, aos quaes pertence o saber — quanta ágoa seja necessária para encher um canal de tal grandeza, que dure sempre de uma até a outra maré? Cada tanque há de ter sua porta proporcionada à quantidade de ágoa, que há de entrar, e sair; mas com estas anotações. 1ª o tanque superior, que é, o que recebe a ágoa na preamar das marés, tenha a porta de sorte, que só abra para dentro, e feche para fora, como sucede nos açudes ordinários. O tanque inferior, que é, o que há de despejar as ágoas para o mar, terá a sua porta ao contrário da primeira; porque só há de abrir para fora, e fechar para dentro, e *ex consequenti,*** uma porta há de estar da parte de fora do cais para com mais facilidade abrir para fora; a outra porta da parte de dentro, por só abrir para dentro: ambos estes portaes hão de ser proporcionados na grandeza; porque tanta ágoa há um de despejar para fora, quanta o outro para dentro receber. Mais claro: em uma porta há de entrar, e não sair a maré; e na outra há de desagoar a maré para fora, e não entrar para dentro. 2ª advertência é, que a porta *recipiente no tanque superior* há de *estar quase ao olivel da preamar;* porque só na preamar há de receber ágoa. Pelo contrário a porta no tanque *inferior há de estar quase ao olivel da baixa mar;* porque só na baixa mar há de despejar as ágoas. Digo *quase* ao olivel: porque sempre se lhes hão de dar alguns palmos demais do olivel, tanto *na recipiente* da preamar, como *na expelente* da baixa mar.

---

* Lat.: e por conseguinte.
** Lat.: conseguintemente.

3ª advertência. Que a grandeza das portas não só se há de regular pela grandeza dos tanques, mas que essa grandeza, ou espaço seja, não na altura, mas na largura de sorte, que o espaço que as portas costumam ter de alto a baixo, ou levantadas, o tenham estas para os lados, como deitadas. 4ª advertência é acerca dos tanques: porque hão de seguir a consistência das portas, isto é: que o tanque superior basta, que tenha de fundo, *v. g.* 3, ou 4 palmos regulados pelo olivel da preamar: o fundo porém, ou pavimento do inferior deve regular-se pelo olivel da baixa mar; *precise** para a boa disposição das ágoas necessárias ao canal, de que logo falaremos. E vem assim a ficar os tanques um *superior* e outro *inferior:* um *alto* e outro *baixo;* bem como umas balanças, de uma parte assentadas no chão, e levantada acima a outra parte. Disse *precise* para a boa disposição das ágoas etc.: porque para outros efeitos, que ao depoes explicaremos, será conveniente, que os tanques tenham mais alguma profundidade, para nunca chegarem a ficar em seco.

Resta-nos agora o canal, que há de atravessar de um para outro tanque, o qual se deve proporcionar as fábricas, que há de impelir; mas parece-me, que basta ter *v. g.* 3 palmos em quadra de vácuo: porque 3 palmos de ágoa em quadro, especialmente tendo a precisa declinação, dará ágoa bastante a impelir qualquer roda, e a fazer laborar qualquer fábrica; mas deve ser com proporção as portas, de sorte que se estas tem de espaço 3 palmos de alto, e 3 de largo, que vem a fazer em quadro (ainda que este cômputo deva estender-se mais na largura, que na altura como acima adverti) deve, ou pode o canal ter outros 3 palmos em quadro com proporção as portas. Deve também regular-se este canal pelo olivel do tanque superior; porque quanto mais alto for, melhor será, para a maior declinação, salto e cadência da ágoa na roda: *v. g.* tem o tanque 3 palmos ou 4 de fundo, regrados pela altura da preamar; pode o canal ter outros 3 de fundo, ou 3 em quadro; ainda que será de maior conveniência, se esses 3 palmos se repartirem, ou estenderem para as ilhargas, do que para baixo. A razão é: porque quanto menos tiver debaixo, maior será o seu salto, e queda para o tanque inferior, e porá na roda maior impulso; porém sempre deve seguir o olivel, e altura do primeiro tanque para este lhe subministrar todas as suas ágoas. Antes me parece, que sempre deve ser mais alguma cousa profundo para a boa decadência das ágoas; assim como também deve ser declive *saltem*** um palmo para a banda do 2º tanque pela mesma razão. No fim do canal se ponha a roda ou rodízio mais baixo do canal quanto puder ser, *v. g.* 3, ou 4 palmos mais baixo; porque quanto mais baixos tiver a roda os dentes, maior queda fará a ágoa, e dará maior impulso à roda. Digo roda, e não rodízio; por me parecer ser menos conveniente o uso dos rodízios, que das rodas deitadas, e sustentadas pelos seus eixos em fortes esteios de uma, e outra banda, pela razão de se lhe poderem accomodar melhor os dentes, receberem melhor as ágoas, e serem mais aptas para todas as fábricas, e engenhos; e nesta suposição de melhoria não falarei mais em rodízios, mas só em rodas. Por dentes bastam 4 em cruz, proporcionados, e ajustados ao vácuo do canal; e por fora dos esteios, ou se lhes accomodem dentes, ou melhor orelhas, que puxem para cima, e para baixo em contínuo vaivem. Depois da roda se segue o 2º tanque inferior baixo, como dissemos, ao olivel da maré na baixa mar, o

---

* Lat.: precisamente.

** Lat.: pelo menos.

qual vai embebendo toda a ágoa do primeiro, até na baixa mar a desagoar toda no mar. No tabuleiro de terra, que media entre um, e outro tanque, se levantem as fábricas, quaesquer que sejam, seguindo o olivel do canal de sorte, que o centro corresponda em direitura à roda, e desta sorte terão um moto contínuo, sem medo, de que alguma vez pare, mais que por vontade dos donos, ou por faltar algum dos requisitos. Toda a substância explica melhor a planta seguinte.*

Método compendioso. Supostos os dous sobreditos tanques da indústria explicada, é fazer um canal perene de um para outro tanque, como se fosse alguma ribeira de ágoa, que desce de algum monte, e fazer por arte, o que lá faz a natureza. Esta toda a mestria, 1º em que sejam os dous tanques em tudo proporcionados ao intento de despejar um no outro as suas ágoas, e de espaço tal, que possam conter quanta ágoa é precisa para sempre correr o canal cheio até o tanque superior receber novos provimentos nas preamares; e o tanque inferior para as reter em si, enquanto não as desagoa no mar com a vazante. Segundo, na altura: porque se o superior, ou 1º tem de fundo 3 palmos regulados pela preamar; o inferior, ou segundo deve ter ao menos outros 3 regulados pela baixa mar; mas de sorte, que estes 3 palmos do 2º se devem medir da roda para baixo, para nunca chegar a ágoa a embaçar, e impedir a agilidade da roda no seu curso. 3º nas portas; porque devem ser tão proporcionadas, que tanto receba a do primeiro, como desague a do 2º. Requer porém esta invenção suficiente altura de marés, para a precisa decadência das ágoas, e conforme esta altura se hão de regular os tanques, canal, e catadupa, para dar a cada um a suficiência necessária. De sorte, que se a maré altea *v. g.* 12 palmos se dem de fundo 3 ao 1º tanque e canal; um de declinação as ágoas, e são 4: 3 de queda para a roda, e são 7; dous ao espaço da roda, e desafogo no seu curso, e são 9 e 3 abaixo dada roda para a recepção, e retenção das ágoas, enquanto as não desagoa, e são 12. E no caso, que a roda peça maior desafogo, como na verdade há de pedir, porque deve ser grande, se lhe dem, e acrescentem mais palmos de desafogo, e se diminuam na altura do tanque superior, e canal, e esta diminuição da altura se supra na largura, dando ao 1º tanque mais de espaço. Deste modo proporcionalmente se deve regular nas partes, onde alteam mais as marés: porque se alteam *v. g.* 15 palmos, melhor se podem estes repartir; e os tanques, e canal, se podem profundar mais. Mais dificuldade há nos lugares, onde sobem pouco as marés; mas ainda nestes se podem erigir os taes artefactos; porque na maior circunferência dos tanques se pode suprir a menor altura das ágoas; e desta sorte em toda a parte, em que há marés, se podem fazer semelhantes presas, e represas, e se pode pôr um moto contínuo para qualquer fábrica.

Quantas sejam as conveniências deste novo invento de represar as marés, deixo a consideração dos leitores; e o podem dizer, os que tem açudes, e moinhos sobre as marés, que só moem na enchente, ou vazante, donde tiram grandes cabedaes: e quantos mais tirariam, se moessem as marés por encheio com moto contínuo. Deixadas porém estas considerações aos leitores, ainda fora essas grandes conveniências, semelhantes represas tem muitas outras, das quaes não é a menor o servirem de grandes viveiros de peixe, com tanta utilidade que só por ela, se fazem em muitos reinos grandes tanques, pondo-lhes nas portas boas redes de arame, para não sair; para o

* No códice, apenas o espaço em branco para a planta.

que devem os tanques ter mais fundo, do que o requisito para recolherem as ágoas, a fim de nunca o peixe ficar em seco. Por isso quando eu disse acima, que bastava aos tanques terem de fundo *v. g.* 3 palmos, como o canal, foi enquanto à suficiência, e precisão da ágoa requisita para impelir a roda, e precisamente quanto ao curso, e moto contínuo: porém *aliunde,** sempre requerem mais fundo, para serem viveiros de peixe; e também para se conservarem mais tempo sem a precisão da limpeza: porque como semelhantes tanques sempre se vão enlodando, é necessário alimpá-los de quando em quando; mas sendo mais fundos, menos se entupirão, e por mais tempo se conservarão profundos. Ja se vê, que onde há ágoas declives, e ribeiras correntes, são escusadas semilhantes represas; porque nestas, e semilhantes correntes se podem mais facilmente erigir quaesquer fábricas, posto que não com tanta segurança, como nas represas da maré. A razão é: porque nas represas da maré, sempre a ágoa corre regularmente, e não estão sujeitas a enxurradas, e perigosas contingências das invernadas, como o estão as erigidas nas ribeiras. No mais é sem comparação maior a melhoria, por razão de não necessitarem de tanques, nem de muitos cabedaes, e gastos para se erigirem. Porém como ordinariamente não há estas correntes declives, nem as suas conveniências nos lugares, aonde se precisam as fábricas, assim pela comodidade dos portos, como muitas outras conveniências, são óptimas estas presas da marê, nas quaes supre a arte a declinação, que deu aos regatos a natureza. É bem verdade, que semilhantes represas, para se fabricarem com cais proporcionados a resistirem ao combate dos mares, e ondas, não se fazem sem grande cabedal, e gastos; especialmente na Europa, onde os materiaes são tão custosos: porém isso não obstante muitos os fazem, e neles gastam muito, só para aproveitarem as meias marés nos açudes, e moinhos ordinários; o que não gastariam, se não acharam neles grandes conveniências: logo sendo as conveniências no novo invento tão superiores, e sobrepujantes pouco se fazem reparáveis os gastos, posto que grandes na sua ereção. Além de que nas margens do Amazonas, que são o meu primário intento, e em toda a América, são facílimas estas represas das marés, e de pouco custo.

1º porque pela grande extensão das suas terras, em que cada morador tem sítios de légoas, e légoas, não tem precisão, para erigirem os taes açudes, de muros e cais custosos: basta-lhes fazer em lugar de tanques duas grandes poças; e só nos portaes, e canaes necessitam de pedraria, maior composição, e duração. 2º porque nas margens do Amazonas, e mais rios, em todos os seus estados são as terras plainas, e quase ao olivel da ágoa com amiudados lagos, e braços, que entram pela terra dentro, e neles as marés. Pelo que, tem já meio caminho andado, quem quiser fazer semilhantes presas, com só lhes tapar as barras, ou bocas, cavando para uma banda, e fazendo um poção com canal de um para outro, e com as suas portas respectivas, tudo com pouco custo, e suave trabalho. 3º porque tem muitos e mui espaçosos apecus a borda do mar, e separados ordinariamente dele com boas ribanceiras feitas pela natureza, nos quaes entram muitas ágoas na preamar; todos os dias em uns, em outros em todas as ágoas vivas, em outro só entram, e se espraiam por grande espaço as ágoas maiores nos equinócios por bocas estreitas, que cada um tem para o mar, especialmente na foz do Amazonas, e nas partes do salgado, de que os naturaes não fazem algum caso, posto que belas para boas, e grandes salinas, para espaçosos viveiros de peixe, e para muitas outras manobras, se de tão belos tabuleiros se quiserem aproveitar os

---

* Lat.: de outra parte.

seus habitadores. São pois excelentes estes apecus para as represas das marés no nosso invento; porque sem mais trabalho, nem despesas, do que o profundá-los com facilidade, por serem ordinariamente terra úmida, e aventa, só com algum benefício na factura dos portaes para entrar, e sair a maré, e do canal de um para o outro, tem feito as represas. Mas no caso, que este pouco trabalho os intimide; ainda lhes darei outro arbítrio de mais facilidade, e não menor conveniência, e é o seguinte. Há ordinariamente no Estado do Amazonas, além dos muitos e grandes rios que regam, e fertilizam as suas terras, muitos outros pequenos ribeiros, em que entram pouco as marés, e posto que a pouca declinação, com que descem não seja suficiente a fazer moer rodas de grande fábrica, contudo pode suprir a arte a cadência necessária mui facilmente deste modo.

Tapem-se as barras, ou bocas dos riachos, e se alteem sobre a preamar; quanto seja necessário a lhes formar uma boa cadência, ou salto necessário a impelir qualquer roda, e ao olivel desta tapagem, e altura, se vão alteando as margens pelo ribeiro acima, por modo de quem forma um canal, até onde pedir o olivel da tapagem, onde alteada a ágoa, é superior as marés, já fica ajeitada para com o seu salto impelir a roda sem mais precisão de tanques. E como no Amazonas são facílimas estas tapagens, pelo muito arvoredo, de que estão copados todos os riachos, sem mais custo, que o de cortar árvores, meter estacas, chegar pedra, e terra, que em pouco tempo fica firme, e como naturalizada, tem todo o trabalho feito, e suprido a falta de ágoas declives, que só tem para o centro dos matos, que sempre são inabitados. Tudo isto são invenções para fazer moto perpétuo, sem mais diligência que a do princípio; e posto que a dos riachos *proxime** ditos, e a dos apecus, podem para os habitantes do Amazonas ser mais fáceis, e por essa razão mais úteis: as represas das marés são, geralmente falando, mais accomodadas, e aptas para o intento, posto que mais custosas, sem ser necessário recorrer ao arbítrio, que deu certo curioso de fazer um açude mais alto, e superior às marés, e com uma roda não só de tirar ágoa do mar, e por meio de bombas elevá-la ao tamque, mas também há de moer com a mesma ágoa, que tira. Porque, ainda prescindindo da sua possibilidade (que pode ser curioso problema para as academias, e proveitoso desvelo para os filósofos experimentaes) antes supondo-a, parece que nunca poderá tirar ágoa suficiente a lhe dar, e causar o impulso, e agilidade necessária para fazer moer grandes fábricas. Porquanto, ou se há de empregar no exercício das bombas, para conservar sempre provido o tanque; e já então fica a sua força mui diminuta para impelir as fábricas: ou se empregará em fazer moer as fábricas; e já então não tirará ágoa. Quando muito poderá, cheio o primeiro tanque, tirar ágoa suficiente para lhe conservar o seu impulso, sem mais outra conveniência, que a de permanecer sempre o tanque cheio; e fica então engenho só de mera curiosidade. Semilhante a este é outro ingenho de moto contínuo, ideado por outro curioso desta sorte — Põem umas como balanças em mui sutil, e ligeiro olivel: de uma parte um peso de ferro de tantas libras, da outra parte um balde vazio; e como a parte do peso vai abaixo, e o balde por vazio sobe acima, lhe pôs um cano de ágoa caindo do alto no balde, o qual como cheio de ágoa, já pese mais, que o ferro da outra banda, sobe este para cima, e desce o balde ao pavimento, onde chegando logo se intorna, e já vazio sobe outra vez direito ao cano, e tornando-se a encher, vai abaixo, torna acima, e nestas idas, e vindas, sobidas, e descidas anda a balança com

* Lat.: proximamente.

moto perpétuo: porém sem mais utilidade, que uma mera curiosidade; porque alguma outra pequena serventia, que podia ter serve, ou pode ser melhor, e com menos trabalho perene a ágca, que enche o balde.

De mais utilidade, e maior conveniência é a idéia, que deu outro de uma barca, ou batelão no meio do rio, onde alteam os mares, seguro com boas amarras; e sobre ele uma moenda, ou moinho, movido por uma roda segura com arte no mesmo batelão, o qual virando-se para cima, e para baixo segundo o curso, ou fluxo, e refluxo das marés, faz moer a roda com moto regular, tanto na vazante, como na enchente. Porém além das paradas, que por força há de ter na preamar, e baixa mar por algumas horas, a que perigos, e riscos não está exposto este batelão, já dos temporaes, já dos tufões, já de desconsertos amiudados, e tantos outros, que se pode duvidar quaes serão os maiores, se os gastos, se os lucros?

CAPÍTULO 6º

DÁ-SE NOTÍCIA DE UMA FÁBRICA PARA MOER GRÃO COM O NOVO INVENTO DAS MARÉS.

Como a factura dos tanques, cais, e mais manobras do novo invento supra das represas das marés, e moto contínuo das moendas, é obra de algum cabedal para a sua erecção, especialmente na Europa, onde todos os artefactos são custosos, e os materiaes deficeis, o que poderia servir de remora, a quem o quisesse pôr em execução, pretendo agora mostrar-lhes com evidência as grandes conveniências, que terão na praxe, os que se quiserem aproveitar desta notícia. E ainda que bastava para isso a grande prova, dos que fazem grandes açudes com poucos menores gastos, dos que fariam na serventia do novo invento, nos quaes só com meias marés, e com uma só moenda, se dão por contentes dos avanços que tiram, com evidente inferência, de que com moto perpétuo do novo invento seriam multiplicados os avanços; o confirmarei de mais a mais com lhes idear algumas grandes fábricas, que postas na praxe, cada ũa será de grandes consequências. A 1ª fábrica, ou ingenho será para moendas de grão, ou seja trigo, ou qualquer outra casta de grão. 2ª ingenho para moer cana para açúcar, ou ágoas ardentes. 3ª fábrica, ou ingenho de madeira, com declaração, que cada uma destas fábricas postas na praxe, pode bem a vontade bastar a prover qualquer maior povoação; e com a circunstância, que cada uma destas fábricas, ou ingenhos pode ter anexos outros muitos, como adiante diremos, e também todos estes 3 se podem unir em ũa só fábrica. Bem sei, que para semilhantes fábricas são peritíssimos os maquinistas, mas com sua licença apontarei estes, que eles poderão

depoes, como mestres no ofício, melhor adjetivar, e compor, e idear muitos outros. Seja pois o 1º

Ingenho para moendas de toda a casta de grão, tantas, quantas ou pedir a precisão, ou quiserem os interessados: até 100 se podem bem accomodar desta sorte. Levante-se uma quadra, ou de pedra, ou melhor de bons esteios de pinho, ou de qualquer outro pao, dos que duram mais na ágoa, até a altura de 50 palmos, ou os que quiserem, correspondente esta quadra com o centro ao meio da roda, que supomos posta, e impelida com a força da ágoa no fim do canal. Reparta-se esta quadra *v. g.* em 4 andares, e em cada um deles, se ponham 4 moendas nos 4 cantos; e vem a fazer nos 4 andares 16 moendas, cada ũa ajustada com sua roda em cima ao pé do tecto. Pelo centro, ou meio da dita quadra de alto a baixo, se meta um comprido esteio, que haja de servir de rodízio a todas as moendas; e para isso há de ter em cada sala, ou repartimento ũa roda correspondente a das moendas nos 4 cantos com dentes, que encaixem uns nos outros. Além destas rodas correspondentes à das moendas, há de ter no meio outra roda maior, ou cousa equivalente, cujos dentes hão de sair fora a abraçar-se com outras rodas, pelo meio das quaes se há de ir prender ao agente principal, que é a roda do canal. Disse que há de ter no meio outra roda maior, cujos dentes etc. ou cousa equivalente: porque também pode ser (e talvez que agrade mais a alguns) uma quebrada por modo de orelha, e nela uma presa entesada por um arco de balesta da parte fronteira; e com outra presa a puxe para fora um famoso peso, ou figura, que puxe para fora: mas regulada de tal sorte, que tenha menos força, que a presa da balesta, para que esta como mais potente incline para si o rodízio. Do peso, ou figura exterior, que há de estar como suspenso, em cima de alguma roldana encostada à parede, desça outra presa a uma orelha da roda principal, ficando assim com impulso de vai-vém: porque a roda impelida da ágoa puxa por meio da orelha, e presilha pelo peso, ou figura para baixo, e logo largando-a, busca a figura a sua postura pelo impulso da balesta, e fica deste modo um moto contínuo. Suposta esta quadra deste, ou de outro qualquer modo, que julgarem os mestres do ofício, se levantem nos seus lados, seguindo a correnteza do canal outras duas quadras imediatas à 1ª com os mesmos 4 repartimentos, e com as mesmas moendas em cada canto; em tudo semilhantes à central, ou do meio, excepto nas presas, e em lugar delas hão de ter os seus eixos, ou rodízios: uma roda também no meio maior, que as das moendas, cujos dentes se vão enlear com outros no rodízio do meio, a que chamaremos *rodízio mestre*, e se hão de encaixar uns dentes, com outros nas paredes, ou repartimentos das quadras. Deste modo ficam 3 quadras a borda do canal, uma em cima do tabuleiro, outra na direitura da roda, e por isso parte em cima do tabuleiro, e parte embaixo já no 2º tanque; e a 3ª já toda levantada debaixo do dito 2º tanque. E como em cada uma supomos 4 andares, e em cada andar 4 moendas, vem a fazer as moendas por todas 48, cuja planta ou figura é a seguinte.*

Como todas estas quadras são de ũa banda do canal, e a roda 1º móvel, é indiferente para uma, e outra banda, se levantem da outra banda outras 3 quadras em tudo semilhantes às outras, e fazem já por todas 96 moendas. Da parte do 2º tanque, ou tanque inferior, se unam com outra quadra as dos lados, ficando daquela parte unida toda a obra *per modum unius:*** e posto

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

** Lat.: à maneira de um todo.

que por baixo deva ficar expedita para passar a ágoa ao 2º tanque; contudo por cima ainda lhe fica lugar para 3 repartimentos, ou andares, e neles 12 moendas, e fazem por todas 108. E se ainda estas parecerem poucas, podem levantar-se mais duas quadras por detrás das quadras centraes, ou do meio: porque ainda ficam imediatas ao eixo, ou *rodízio mestre;* e por isso impelidas da mesma sorte, que as dos lados, e assim fazem por todas 140 moendas. Já se vê que todas se devem dispor de sorte que dem por dentro livre serventia aos administradores, com suficiente altura, e largura proporcionada; e para isso tanto as rodas das moendas, como do eixo, ou rodízio mestre, devem estar bem chegadas ao tecto de cada sala, e a do meio: porque, além desta roda correspondente as moendas, há de ter, ou outra, ou a quebrada, que dissemos, para as presas da balesta interna, e peso de fora; e por isso há de occupar mais lugar, pode deixar-se mais alta, que as mais para ficar livre a serventia suficiente. O vão, que fica entre o canal, e roda entre umas, e outras quadras, dá bastante lugar para as escadas, e serventia exterior de cada uma das quadras, e seus repartimentos, e tudo se pode pôr em bom andar. Assim, ou de outro melhor modo, e arrumação, fica uma fábrica de moendas para grão tal, que apenas a maior cidade do mundo lhe poderá subministrar o grão preciso para moer em todo o ano. Da mesma sorte ela moendo em todo o ano, pode dar aviamento a toda uma povoação, por grande que seja, e ainda a grandes armadas, e exércitos, sem precisão de mais moinhos de vento, ou atafonas: porque as taes moendas já se vê, que hão de moer com a maior possibilidade ligeiras, e por pouco, que lhe demos, *v. g.* um alqueire de grão por hora, sae a cada ũa 24 alqueires em 24 horas, ainda que melhor poderão ajustar esta conta os mestres do ofício.

Mas dando-lhes alqueire por hora, e sendo as moendas 140, como dissemos, vem a fazer no dia 3 360, que no ano somam (salvo erro) 1 126 400 alqueires, cujo cômputo parece ser suficiente a qualquer grande cidade, havendo a providência necessária de lhe ministrarem sempre sustento; e posto que seja necessário dar-lhe algumas quebras, ainda com elas fica grande aviamento. E daqui se podem desenganar, os que quiserem levantar uma tal fábrica, que por maior que seja o seu cabedal nos gastos dela, e dos seus tanques, pode logo no primeiro ano, não só cobrir os gastos, mas ficar rico com *grande avanços*. Pois se também tomassem à sua conta o beneficiar toda essa farinha em pão, e biscouto, que grande cabedal não fariam, ainda que só por cada alqueire levassem 100 réis por seu ganho? o que tudo pode ser desta sorte. Fazendo à roda dos tanques, ou do melhor modo que puderem, o número de fornos proporcionados à quantidade de farinha, com forneiras as necessárias ao seu benefício. E sendo os fornos de cobre pouca lenha lhe basta para os aquentar e conservar sempre com o calor necessário. Seria esta providência um grande bem comum por muitas razões; e uma delas seria a maior barateza, como supomos, pela qual todos acudiriam a fábrica para se proverem: e por outra parte toda esta concurrência cederia em grandes lucros dos donos, que sem arriscarem as suas fazendas as inconstâncias das ágoas, e contingências do mar, e navios, como fazem os mercadores, podem com bela paz, e sossego enriquecer aproveitando-se do moto contínuo

das marés. Não quero dizer nisto, que de certo hão as moendas de moer esta quantia, e os administradores tirar estes grandes cabedaes: porque isto depende da precisa providência de ajuntar toda esta numerosa quantidade de grão, e de ter apalavrados todos os moradores, para lhe darem consumo etc., mas quero dizer, que suposto o dito moto contínuo das marés, a fábrica das moendas, a quantidade dos fornos, e providência necessária pode subir ainda no primeiro ano a grandes avanços sobre os gastos. Porém julgando-se por demasiadas tantas moendas, podem ser de menos andares as quadras, como também em lugar de algumas moendas, se podem accomodar outros ingenhos, *v. g.* pilões para moer cacao, para fazer chocolate, e descascar arroz: e da parte de fora accomodar uma bomba para elevar âgoa sendo doce, e muitas outras coriosidades.

Também estas moendas multiplicadas pelos sobrados das quadras já se vê, que é para em pouco campo, e pequeno lugar accomodar muita fábrica; mas havendo espaço suficiente, e julgando-se ser mais em cômodo postas todas em baixo, em compridos corredores, também se pode fazer, e então os sobrados ficam reservados para moradias. Além de todas estas moendas, se podem pôr algumas nas mesmas portas dos tanques, por onde entram, e saem as marés, posto que então só moam na dita occasião das marés; e por isso como os moinhos ordinários dos açudes de um só tanque. No Rio Amazonas, e mais Brasil português, em que o trigo, e mais grão não está em uso, em lugar das moendas de grão, se podem accomodar para outros diversos ofícios; *v. g.* para moendas de milho graúdo ũas, outras para moendas de farinha de pao, que é o pão ordinário do país, outras para descascar arroz, para moer tabaco outras; e assim para outros diversos ministérios próprios do país. Disse no Amazonas português; porque no Amazonas espanhol, pode levantar-se muito bem a dita fábrica para o trigo, porque já lá se usa como na Europa, por serem mais curiosos e providos os castelhanos, que logo lá o meteram, e não se quiseram costumar ao uso dos índios na farinha de pao, como os portugueses. E se alguém julgar por só especulativo um tal ingenho, e que nunca se porá em praxe *saltem** com tanta fábrica, como a referida, por serem necessários grandes cabedaes para a erecção dos artefactos, espaçosos celeiros para recolher o trigo, numerosos tabuleiros para as farinhas, e com o adito de beneficiar o pão, multidão de fornos, e de serventes. Respondo, que para o meu assumpto basta-me provar, que se pode fazer, e que não tem impossibilidade alguma, como na verdade não lha acho. Além de que, quantos mais gastos se costumam fazer em muitas outras fábricas, só pela esperança de muito menores lucros? quantos gastos na factura de um navio tão contingente, que pode perder-se no mesmo porto? e assim discorrendo pelas mais fábricas. Mas a prova mais convincente é os grandes gastos, que fazem muitos em algum grande açude para um só moinho, e ainda esse para moer com meias marés somente, e ainda lhes acham suas conveniências: logo quantas não serão as conveniências nesta fábrica? Passemos já à 2ª fábrica, ou ingenho, não menos curioso, e útil, que o primeiro.

---

* Lat.: ao menos.

CAPÍTULO 7º

SEGUNDA FÁBRICA, OU INGENHO DE AÇÚCAR DE MOTO CONTÍNUO.

Tanto é mais própria para a Europa a fábrica antecedente, pelas razões nela apontadas, e pelo uso comum dos trigos, como é própria para o Rio Amazonas, e mais América está presente, por razão da factura do açúcar, nela muito ordinário, com que podem em um dia moer, *v. g.* a cana que antes com os ingenhos ordinários moíam em uma somana, e a que em um mês em ũa somana, e a que em um ano em um só mês, havendo os requisitos necessários, e precisa diligência[.] Desta sorte: Método mecânico supostos os dous tanques, e contínua correnteza do canal, se levantem 2 quadras de uma, e outra parte do dito canal em direitura da roda primeiro móvel, uma de cada banda: a estas quadras se dê o suficiente espaço para as moendas, e boa comodidade dos serventes, *v. g.* de 20, ou 30 palmos em quadra, e a subam a altura que quiserem *v. g.* de 60 palmos, repartida em 4 andares como atrás dissemos. No primeiro térreo, quando não seja só um... como se costuma, poderá servir para alguns despejos, ou para pilões de moer cacao, e fazer choculate, ou para alguma outra serventia, de que falaremos adiante. No 2º que deve ser mais alto, que os mais *v. g.* de 15 palmos de alto, se levantem as moendas, e nos dous de cima, se ponham nos cantos moendas, umas para grão, outras para moer tabaco, outras para descascar arroz, ou cousa semilhante. Tudo isso se faça de ũa, e outra banda do canal, e roda; e vem a ficar um ingenho de açúcar equivalente a dous, ou propriamente dous, um de cada banda: porque na verdade são duas ordens de moendas, e fica o espaço do canal entre uma, e outra quadra livre, e desempedido, ou para uma nora, ou melhor para uma, ou duas bombas impelidas pelo mesmo ingenho com moto contínuo, que tirem ágoa, e a levem acima para muitas serventias, que podem ter, de que abaixo falaremos. Desta sorte vem a ficar um ingenho de ingenhos; porque, além dos dous para açúcar, tem nora, moendas para grão, moendas para arroz, moendas para tabaco, pilões para cacao, e para outros de que logo diremos; e todos impelidos já pela roda, como a nora, ou bombas, e já pela mesma moenda; porquanto para tudo isto, e para muito mais, supomos força na roda, e impulso na ágoa. A causa de levantar dous ingenhos um de cada parte com todos os outros anexos multiplicados de ũa, e outra banda é, porque os maiores gastos na factura dos tanques, canal, e roda tanto se hão de fazer para um, como para dous ingenhos: logo, se o trabalho, e gastos são os mesmos, pede a razão, que podendo ser dous, se aproveitem ambos.

Mas posto que baste esta pequena explicação para os que já tem notícia dos ingenhos de açúcar, contudo não basta aos mais leitores, que deles, nem do modo de fazer açúcar tem notícia; e assim quero primeiro explicar: que cousa sejam ingenhos de açúcar ordinários, para que a sua vista melhor percebam as ventagens, que vão do nosso novo ingenho, a que podemos chamar ingenho de nova invenção, aos antigos, e ordinários do Rio Amazonas, e de todo o Estado do Pará, e Maranhão. Digo do Amazonas, Pará, e Maranhão, porque no Brasil, e outras partes sei, que já há outros ingenhos, uns que

moem com ágoa, outros ordinários, e outros, a que chamam de nova invenção, por serem novamente inventados, que com uma roda mais da ordinária moem em dobro nos ordinários. São pois os ingenhos ordinários do Amazonas 3 paos levantados em alto da grossura de 10, ou 12 palmos pouco mais ou menos, seguros embaixo, e em cima: em cima em uma travessa bem forte; e embaixo em uma base proporcionada ao seu peso, que na verdade é grande. O pao do meio, que é a moenda principal, por ser a que movida move as outras, depoes da sua grossura já dita de 10, ou 12 palmos, até a altura de 6, ou 8, que tem todas 3, e aonde se seguram com um espigão, tem demais a mais para cima um famoso eixo, ou esteio, seguro no tecto com seu espigão etc. Nesta haste que deita para cima tem umas pequenas travessas por modo de cruz, em cujas pontas fazem fincapé outras travessas mais compridas, que descem do mesmo esteio, acima das outras travessas, em que, como digo, se seguram, e descem abaixo em olivel das moendas, alargando-se para fora a modo de pavilhão, e em cada ũa destas 4 travessas se ata um boi, que por isso são puxadas estas moendas sempre por 4 bois, nem mais, nem menos. São estas moendas levantadas da terra cousa de 4 palmos, ou pouco mais, e a roda da moenda andam os bois em círculo, e dentro deste círculo estão os serventes ministrando a cana à moenda. Na dita base, que é cavada por dentro por modo de canoa, aonde cae o sumo, ou guarapa da cana; e por baixo enterrados vão uns canos, para as caldeiras do açúcar um, quando este se quer beneficiar, e outro para os lambiques de ágoa ardente. A figura do ingenho é a seguinte.*

Já se sabe, que este ingenho, e moendas tem dentes, e que pegam uns nos outros, e por isso movida a do meio, que é a mestra, vai moendo as duas das ilhargas; e que a cana se mete por uma parte, só a ponta, e as moendas por si mesmas a vão atraindo, machucando, e lançando pela outra banda, onde outro servente a torna a meter pela outra banda da moenda, para melhor a espremer. Também se há de supor, que estes ingenhos, e moendas, além da sua base, em que estão levantadas, estão também altas com aterro no pavimento, por razão de lhes ficarem nas ilhargas, tanto as caldeiras, e fornos de açúcar, como da outra parte a casa dos lambiques embaixo. O que suposto, vamos agora a nova invenção. Para os leitores pois verem a diferença, que vai de um a outro ingenho, do ordinário ao novo, basta verem os vagares, e mais inconvenientes do primeiro, e a expedição, e velocidade do segundo, ou novo: porque os ordinários, além de requererem ũa mui espaçosa sala para os bois fazerem a sua roda larga, e para a boa serventia dos que trabalham, uns chegando a cana, outros ministrando-a as moendas, e outros incitando os bois. Além também da imundície do esterco dos mesmos bois, que chegam muitas vezes a fazer lamaçal, são muito vagarosos; porque alfim moem a passo de boi, e é o peior inconveniente, que tem de sorte, que para moerem ũa barcada de cana gastam 24 horas, ou mais, com o adito de que, ainda com todo este vagar, não podem sempre trabalhar estes, mas só de quando em quando, pela razão de não se sustentar lá o gado, nem estes bois em casa, como na Europa, mas só com o que apanham a dente nos pastos, que para isso sempre tem anexos estes ingenhos. E quando moem os ingenhos se vaquejam para um cercado, onde não comem, nem bebem, senão quando vão saindo da sua tarefa de 4 em 4 horas, e assim se vão revezando todos os dias, com não pequenas demoras nestas mudanças, para as quaes também se requer uma numerosa multidão de bois de

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

20 para 30. ou mais para se irem revezando. Alguns ingenhos há, que para melhor se expedirem usam de cavalos, e não há dúvida, que se expedem melhor; porém como também se revezam de tantas em tantas horas, e também só pastam pelo campo, tem os mesmos inconvenientes.

Nenhum destes tem o nosso ingenho impelido pela maré. Primeiro, porque é tão veloz, que moerá em um dia, o que os ordinários em ũa somana, ou mais. 2º porque não tem demoras, por ser de moto contínuo, senão quando o quiserem parar. 3º conserva sempre limpo o seu terreno, e mais expedito para a administração dos serventes. 4º que pode ter todos os mais ingenhos anexos, que dissemos, e muitos outros. 5º porque é ingenho multiplicado de ũa, e outra banda do canal; e finalmente muitas outras mais conveniências, e tão ventajosas, que bastará um só para sobrepujar a todos, quantos tem o Estado do Amazonas, havendo a providência necessária de cana e serventes: e bastará só ele para carregar muitos navios, como per si mesmo se está vendo, cuja ficura é a seguinte*

O modo de puxar as moendas pode ser de diversos feitios. O melhor é algum dos dous, que acima dissemos na fábrica das moendas, isto é: ou por quebrada no espigão da moenda deste feitio [*espaço em branco no manuscrito*] com mola, ou chamadeira, que a puxe para dentro, e com outra chamadeira, ou presilha, que a puxe para fora mediante algum bom peso, e deste outra chamadeira, que vá prender na orelha do canal, e fique deste modo com o seu curso de vaivém, acima, e abaixo; ou melhor mediante alguma roda com dentadura etc. Advertindo porém, que as moendas da cana nestes ingenhos, não devem ter o seu curso tão veloz, como as moendas da farinha sob pena de não espremer bem a cana, e a deixar só mordida, ou meia espremida; e para evitar este inconveniente se lhes deve compassar, e regular o curso necessário. Para o que me parece ser mais accomodado o 2º modo com dentaduras de rodas, que o 1º com chamadeiras às orelhas das rodas; e a mola, ou corda do arco, que é mais próprio para as moendas de farinhas, e mais ingenhos, que ganham força na sua velocidade. Pelo contrário aos andares superiores, e uso das moendas, que neles supomos: porque para elas será talvez mais accomodado o primeiro modo de quebradura no espigão da moenda mestra, que pelo meio da quadra há de subir até o último tento, e impelir todas as mais moendas, que lhe accomodarem: porém como a experiência deve ser a melhor regra para ela me remeto. Disse acima, que, além das moendas para açúcar, para grão, tabaco, choculate etc., ainda pode este ingenho ter muitos outros anexos. Para o que havemos de supor, que os senhores de ingenho tem ordinariamente nos seus sítios muitas oficinas, e muitos ofícios, como rodas de fiar algodão, rodízios para o descaroçar, rodas de fazer farinha de pao, torneiros, ferreiros, sarralheiros, e muitos outros, além dos acima nomeados. Item costumam ter, ou fazer as suas moradias imediatas aos ingenhos; o que suposto digo, que além das moendas para grão, das moendas de tabaco, das moendas, ou pilões de beneficiar arroz, dispostas nos 2 andares superiores, pode ter demais dispostas em corredores, ou salas contíguas, rodízios para descaroçar algodão, rodas para o fiar, moendas para a farinha de pao.

E por baixo das moendas, além dos pilões para moer cacao, que se podem dispor para ũa banda, para a outra banda podem ter alguma oficina de ferraria, cujos foles e martelos sejam meneados pelo mesmo ingenho com chamadeiras as rodas; e da mesma sorte se pode usar nas brochas. Item para

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

tornear, e finalmente todos os mais ingenhos, que quiserem, e lhe puderem accomodar; porque para todos tem força o ingenho, e roda principal, como adiante diremos, ainda que todos laborem ao mesmo tempo: e além da presteza, com que trabalharão, já se vê, que hão de poupar muita gente, que é um dos principaes inventos; advertindo, que posto sejam conforme a vontade dos donos todos os mais, o ingenho de uma nora, ou 2 bombas, entre ũa, e outra quadra, sempre se faz preciso pela razão de levar a ágoa aos lambiques da ágoa ardente de uma, e outra banda. Porque sempre estes ingenhos tem juntamente oficinas de ágoa ardente, tanto, ou mais rendosa, que o mesmo açúcar; e assim precisam de ágoa cuja condução não é pequeno trabalho, embora que tenham os rios a porta; e assim para evitar este trabalho, e para serem mais bem servidos são necessárias algumas bombas, ou algũa nora. Fora este ministério, também será óptima providência, e diligência muito profícua, o encaminhar ágoa para os pastos, e para as searas, que supomos nestes sítios, como insinuei na "5ª parte" do Tesouro do Amazonas, especialmente no Estado do Maranhão, por ser mais secco, e falto de ágoas da chuva; e por isso se perdem alguns anos as searas, cujos damnos se podem remediar com noras, e bombas, de que adiante tornaremos a falar. Accomodados pois todos os ingenhos referidos, como na verdade se podem accomodar, ficam os ingenhos de açúcar sendo um conglobado de ingenhos, ou ingenho de ingenhos; e com mais razão de se chamarem Ingenhos reaes, do que os ordinários, principalmente os seguintes — ingenho de açúcar, oficina de águas ardentes, nora, ou bombas, moendas de grão, moendas de arroz, moendas de tabaco, pilões de cacao, maços de ferreiros, foles e brochas, rodízio para descaroçar algodão, rodas para o fiar, rodas para farinha de pao, torneiros; que são por todos 12, e como de ambas as bandas se podem multiplicar ficam sendo 24.

O modo de fazer mover todos esses ingenhos há de ser com chamadeiras às rodas principaes, cuja disposição deixo a indústria, e discurso de cada um, enquanto vou a explicar do modo, que me for possível algumas outras miudezas, que posto sejam só accidentaes, são contudo precisas para a boa economia de semilhantes ingenhos. Seja a 1ª sobre o uso dos taes ingenhos, e vem a ser, que quando se puser em curso, se não soltem de repente, e ao mesmo tempo todos os ingenhos com perigo de se quebrarem, e de se desconjuntarem as rodas, e moendas; mas uns depoes de outros, *v. g.* 1º as moendas de cana, logo a nora, depoes desta as moendas de cima; e assim as mais, umas atrás de outras, e por partes. 2º que a sua disposição seja com tal indústria, que não sucedam as disgraças, que muitas vezes tem sucedido de apanharem as moendas os dedos, e mãos, dos que metem a cana, e atraindo todo o corpo o moem em um instante irremediavelmente; o que com mais facilidade pode suceder no nosso ingenho, por causa da sua velocidade. Para evitar similhantes contingências, dizem, que há no Brasil a providência de estar sempre armada com um alfanje ao pé das moendas uma pessoa, para com um repentino golpe no braço colhido, livrarem o demais corpo. Se assim é já se vê, quantos mais operários sejam necessários: porque se requerem actualmente dous, um de cada banda das moendas, depoes são precisos muitos outros para se revezarem etc. Mais útil me parece outra providência desta sorte. Ponham-se uns paos direitos das paredes as moendas com suas molas atrás, *v. g.* deste feitio ∠___ que naturalmente os empurrem para entrar nas moendas, mas aĩ desçam deles umas chamadeiras abaixo a umas taboinhas, de sorte que estas puxadas pelas ditas chamadeiras estejam com as pontas levantadas, e naturalmente suspensas. Isto posto, quando

moem os ingenhos os ministradores da cana lhes põem os pés em cima, e com o seu peso as puxam, e as tem chegadas à terra, por conseguinte puxam também para trás os ditos paos, e por isso sem prejuízo das moendas. Deste modo, sucedendo a desgraça de apanharem as moendas os dedos, ou mãos, dos que ministram, como por uma parte os suspendem, e por outra eles naturalmente se levantam a acodir à mão encalhada, tirando os pés, se levantam as taboinhas, e correm os paos às moendas, as quaes atraindo os paos por força hão de alargar; e assim dão tempo, a que os entalados se livrem, embora que com alguma moléstia dos dedos, ou hão de arrebentar; mas antes elas se desconjuntem, do que sucedam disgraças; porque estas feitas, não tem remédio, e as moendas desconjuntadas, e desfeitas, sim. Este me parece o melhor modo de evitar taes contingências, sem a precisão de gente, e alfanjes preparados, que por mais alerta, que estejam sempre serão vagarosos, e entretanto lá vão os corpos moídos, e quando pouco, a bom escapar os braços cortados.

2º modo. Em lugar das chamadeiras descerem às taboinhas do pavimento podem (julgando-se mais conveniente) ir ao eixo da 2ª roda, que é a imediata, a 1ª, que anda no canal. Para o que devemos supor, que a dita 2ª roda deve estar no seu eixo, entre duas cunhas, uma da parte de fora junto ao botão, que a segura impurrando a roda para dentro do eixo, e para fora do seu lugar. Outra da parte de dentro, que a obrigue a andar no seu lugar, tudo com tar arte, que só sirvam para ter segura, e firme a roda, mas não para a empecer. Isto suposto, podem ir as chamadeiras, que dissemos, à cunha anterior passando por cima das cabeças, dos que metem a cana com alguma tesidão suficiente a só ter os paos por modo de cunhas afastados das moendas, mas com as pontas direitas a elas. Socedendo pois colherem as moendas os dedos, ou mãos dos serventes, como estes naturalmente acodem logo a lançar a outra mão, o fazem à chamadeira, na qual se suspendem, e com o peso do corpo fazem 2 efeitos: um é o correr o pao a meter-se na moenda; o outro é a tirar, ou a impurrar a cunha, e que as chamadeiras estão presas, do seu lugar, e por falta dela, foge a roda para dentro impelida da cunha, que tem da outra parte do botão, *et ex consequenti** para o ingenho, e fica livre o servente. Mas ainda quando a dita cunha não fosse necessária para as chamadeiras, e para livrar serventes de tão repentina morte, por talvez se evitar pelo primeiro, ou algum outro modo, sempre se faz precisa para quando se quer parar o ingenho; de sorte que baste tirar esta cunha com ũa pancada de maço, para logo saltar do seu lugar a roda, e parar toda a fábrica daquela parte: ou só as moendas da cana, continuando as mais o seu curso. Semilhante providência deve haver nas mais moendas, e ingenhos anexos para os fazer parar quando for preciso, sem prejuízo dos mais; o que tudo se pode fazer com semilhantes cunhas nos eixos das rodas respectivas cada um. Este ingenho pois bem ideado, e fabricado pelas mãos de algum bom mestre, tendo suficientes canaviaes, que lhe dem sustento todo o ano, e por outra parte as searas precisas de grão, arroz, tabaco, etc. para sustento das mais moednas, e os necessários serventes, dará um tal aviamento a seus donos, que sobrepujará a mais de 20, ou 40 ingenhos reaes da praxe ordinária, cujos lucros serão tão aventajados, que possam, e sobejem a sustentar as maiores comunidades, o que se pode inferir da sua grande expedição, e moto contínuo. Porquanto o menos que cada moenda pode moer em

---

* Lat.: e em conseqüência.

24 horas são 24 carradas de cana, que multiplicadas nas 2 moendas são 48, e dando cada carrada por pouco 2 arrobas de açúcar fazem 96 arrobas por dia.

Também podem ter igual, ou muito maior lucro na factura das água ardentes. Digo maior lucro: porque como adverti na "5ª Parte", tem mais gasto, e dão maior lucro, que o açúcar; e por essa razão muitos ingenhos se empregam mais nas ágoas ardentes, que no açúcar; e maiores conveniências teriam, se como adverti no mesmo lugar lambicassem as laranjas, e cajus, de que com muita facilidade podem ter grandes, e estáveis fazendas; e seriam melhores as ágoas ardentes, como a experiência o tem mostrado. Adiante falarei de outras invenções de ingenhos de menor fábrica; advirto porém, que toda esta fábrica, que supomos para o presente, posto que na Europa seria custosa pelo grande custo dos materiaes, no Amazonas é tão fácil, que só custa o entrar nos matos, que tem a porta, escolher os paos, conduzi-los, e levantá-los, para o que são bons mestres os índios naturaes. E daqui se pode colegir a grande facilidade, com que naquela região, se podem fazer semilhantes ingenhos. Da indústria, com que os seus moradores podem cultivar os sítios para sempre terem sustento, dissemos na "5ª Parte".

CAPÍTULO 8º

INGENHO DE MADEIRA A IMPULSO DAS MARÉS COM MOTO PERPÉTUO.

Da mesma sorte, que os dous supra, se podem levantar ingenhos de madeira de moto contínuo com muitas ventagens sobre os ingenhos de vento como são 1ª em serem mais regulares pela regularidade das ágoas, e correnteza do canal, que sempre é a mesma em toda a occasião, e em todo o tempo, o que não tem os de vento, pela inconstância, e irregularidade este elemento, que ũas vezes assopra pouco, e outras demasiado, e ambos estes extremos causam prejuízo. Outras vezes acalmam os ventos, e param totalmente as fábricas; e outras se levantam repentinos tufões, que com a sua violência despedaçam, e quebram os onstrumentos como de facto sucedeo ao ingenho de madeira no Maranhão, que arrebentando-lhe por 2 vezes o eixo principal, só chegou a serrar pelo curto tempo de poucos meses, deixando mais que empenhados, perdidos a seus donos, quando se consideravam na duração da fábrica mais ganhados. 2ª em serem mais accomodado estes ingenhos de ágoa para se erigirem em qualquer lugar sobre o mar, e rios,

onde o peça a conveniência. Não assim os de vento, que requerem paragens bem expostas, e aonde eles melhor assoprem. Omito outras muitas conveniências, das quaes é a principal o terem moto perpétuo, que é o primário intento; e por isso um só sobrepuja a muitos outros de vento pelas quebras, que se devem dar a este elemento, com uma circunstância muito atendível, e é, que estes ingenhos de serrar madeira com o impulso das marés, pode ter anexos muitos outros, e entre eles um de açúcar, como adiante diremos. Havemos também de supor, que o ingenho, de que vou a tratar há de serrar a madeira com todo o seu cumprimento; isto é, com todo o cumprimento dos paos, circunstância atendível pela melhor aptidão das táboas, para quaesquer obras, e muito em especial para a construção dos navios, que não só ficarão tanto mais fortes, quando mais comprida for a sua madeira, mas também sem a precisão de tanto ferro, como ordinariamente se gasta. O que suposto, vou já a explicação da fábrica, e ingenho a que chamaremos de moto contínuo. Método mecânico: Supostos os tanques, canal, e roda perpétua com suas orelhas por fora, se façam uma quadra de cada banda, que pode ser do feitio das de cima, e da mesma grandeza, e altura. No andar mais inferior, e térreo se façam dous estaleiros de cada banda da roda, e canal, que vem a ser 4 por todos arqueados por modo, e feitio de meios canos accomodados ao feitio, e boliado dos paos, que por eles hão de ser atraídos, redondos como são, sem mais precisão, que despidos da casca, ou cortiça, e com todo o seu comprimento, como já advertimos, pelas razões de pouparem trabalho escusado na facetação, e para escorregarem melhor pelos estaleiros, e ficarem as táboas de mais largura, como também para melhor expedição etc.

No fim de cada estaleiro se ponham as serras, que bastam 4 correspondentes aos 4 estaleiros (chamo aqui 4 serras a 4 ordens de serras, cada ũa com número necessário, *v. g.* de 20 serras, que nas 4 ordens vem a fazer 80) ficando assim duas de cada banda da roda. Estas se accomodem pelo feitio de balanças bem seguras em cima, e bem pesadas em baixo, *saltem** a balança de fora, que pelo seu peso puxe a assentar-se na terra: embora; que as balanças de dentro fiquem totalmente levantadas acima (chamo balanças de dentro às imediatas à roda) e destas desçam umas chamadeiras às orelhas da roda, primeiro móvel, as quaes orelhas puxando pelas chamadeiras para baixo, andarão as balanças para baixo, e para cima, por modo de vai vem com moto mui regular, veloz, e contínuo. Do mesmo modo se devem regular os ganchos, que hão de puxar, e atrair os paos na dita balança, de sorte que as pernas das balanças, quando sobem acima, puxem os seus paos respectivos, e quando descem os serrem. Este modo de puxar os paos com gancho, é o mesmo, ou semilhante aos mais ingenhos de vento, e para o fazerem com mais facilidade, devem ser os estaleiros com alguma, ou bastante inclinação, ou declinação para diante, quanto puder ser; porque quanto mais inclinados, e declives forem estes, tanto mais fácil será a sua atração para as serras, ainda que me parece, que os ganchos per si sós terão força bastante a puxarem os paos. A substância se vê na figura seguinte.**

---

* Lat.: pelo menos.

** No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

Outro modo de puxar os paos me ocorre; e talvez mais conveniente, se *aliunde** não obstar alguma rezão; e vem a ser; façam-se estaleiros, por onde os paos correm às serras, móveis a maneira de eixos grossos para fora, e no meio redondos, mas delgados, e accomodados a neles se assentarem bem os paos, seguros estes eixos nas ilhargas com fortes columnatas, ou melhor em bons pranchões bem firmes, e seguros. Por fora dos pranchões se enlacem os eixos com proporcionados calabres, que venham a arrematar-se em alguma roda, ou balança no fim dos estaleiros, a qual roda, ou balança seja impelida pela roda mestra, e então sem mais ganchos aos paos com só puxarem as serras, ou roda mestra a dita balança fará andar a roda os eixos, e os paos por si mesmos se irão meter nas serras uns atrás dos outros. A conveniência maior desta indústria dos eixos é o poupar serventes, que *aliunde*** são necessários para prenderem os ganchos a cada pao, cuja precisão não há nos eixos; e muito melhor se pouparão estes serventes, se nos estaleiros firmes, em que se deita a madeira, antes de entrar nos eixos, se puser algũa indústria, com que os paos por si mesmos vão caindo nos eixos, quando vão acabando os paos das serras. Muitos modos me occorrem para isso, mas não os aponto por me não saber explicar, e facilmente tãobem occorrerão, a quem considerar na matéria. O mais fácil, e perceptível me parece um ângulo posto com tal arte na borda dos estaleiros firmes, que com ũa ponta segure, e tenha mão nos paos, que não caiam, e a outra ponta fique empedida no pao, que vai às serras, multiplicado este ângulo em cada estaleiro. Deste modo em acabando de passar o pao, que vai às serras, e porisso desempedida já esta ponta do ângulo, cae para baixo impelida do peso dos paos, que segurava; e *ex consequenti**** cae para baixo outro pao, e como deste modo dá volta o ângulo, vai de repente com a outra ponta segurar os mais paos, que não caiam. Supõe esta indústria, que os ditos estaleiros estejam tão deitados para a banda dos eixos, que os paos se vão impurrando uns aos outros com esta grande conveniência (além, da que já dissemos de poupar serventes) que deste modo havendo a providência de madeira suficiente, pode o ingenho trabalhar por si só, sem necessidade de algum servente todos os dias do ano, ainda que sejam dias sanctos, sem o escrúpulo de os violar, por não se occupar pessoa alguma; e nos dias de trabalho se podem prover os estaleiros de madeira, que não só chegue para os ditos dias, mas também para os dias sanctos que se seguem. Em lugar do ângulo se pode usar de muitos outros meios, que se julgarem mais fáceis: porém ainda que o ingenho descanse nos dias sagrados, e trabalhe só nos outros sem descansar por falta de madeira, será esta tanta, que não lhe possam dar vazão as ribeiras, o que se vê claramente. Porque dando a cada serra, ou ordem de serras um pao por cada hora, dá 24 paos em 24 horas, que multiplicados nas 4 serras fazem 96; e estes multiplicados por só 300 dias do ano, ficando

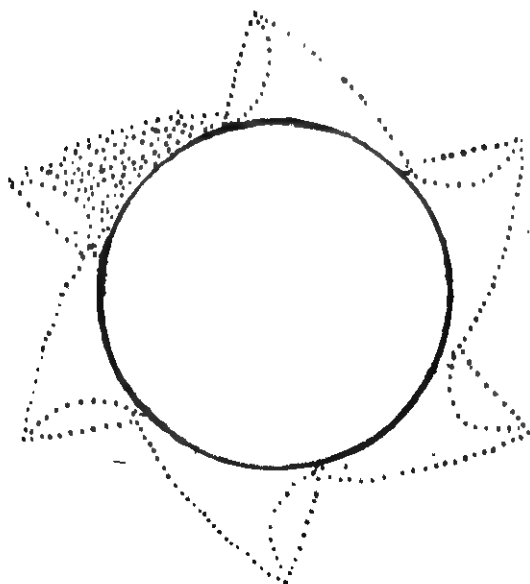
* Lat.: por outro lado.
** Lat.: por outra parte, de resto.
*** Lat.: em conseqüência do que.

os mais para quebras fazem 28 (1) paos, dando a cada um 20 táboas, fazem o cômputo de 576000 (2). Nem pareça, que damos muitas táboas a cada pao em lhe darmos 20; porque supomos, que só paos de grossura suficiente se aplicarão às serras, ainda no caso, que se apliquem outros mais somenos, que não cheguem a deitar tantas táboas; também outros sobrepujarão a 30, e mais; mas ainda que dessem só a 10 táboas, soma muito, com a circunstância, que supra advertimos, de que estas tâboas hão de sair das serras com todo o comprimento, que tiverem os paos, *v. g.* de 60,70,90, ou mais palmos; e também com toda a grossura; digo largura, por não se facetarem os paos.

Tem mais outra grande conveniência este ingenho, ou fábrica de madeira, e é, que como os seus estaleiros, e serras laboram no chão, porque estas se hão de accomodar na queda para o 2º tanque, levantando-se acima as quadras de ũa, e outra parte do canal, se lhe podem accomodar, não só muitos outros dos ingenhos, que acima dissemos, repartidos pelos sobrados; mas ainda o mesmo ingenho de açúcar. Porquanto, como este, conforme e já acima dito, é levantado da terra, para dar lugar as caldeiras, e fornos, que tem baixos na ilharga, fica por baixo das moendas lugar suficiente aos estaleiros, e no fim as serras, sem impedimento algum. Digo sem impedimento algum, pelo que respeita a ordem, e disposição de cada ingenho: porém poderá obstar a muita bulha, ou matinada das serras; que se ela não obstar, bem se podem ajuntar todos os 3 ingenhos, de madeira por baixo, de açúcar por cima, e de moendas pelos sobrados, e ficaria então uma fábrica, ou ingenho *verè* real, havendo serventes, que o possam ministrar. No caso porém, que pela matinada, senão possam adjectivar, se podem ajuntar por cima das 4 ordens de serras, outras mais pequenas para serrar alguns paos mais preciosos, dos que criam as matas do Amazonas, sendo mais pequenos, e fáceis de puxar acima. Nem pareça aos leitores, que para fazer laborar tanta fábrica se requerem mais forçosos agentes, que o canal de ágoa, que dissemos, por muitas razões. Primeira: porque todos estes ingenhos laboram mais por ingenho, do que por força. 2ª porque 3 palmos de ágoa em quadra com queda, ou cadência competente, tem muita força, e equivalem a 12 palmos de ágoa: porém no caso, que este não fosse suficiente, fácil é o remédio, que está em se fazer cano mais espaçoso, com tanques, e portas proporcionadas; e ainda com orada mais industriosa, como direi no capítulo seguinte, a qual ainda com pouca ágoa poderá mover grandes máquinas. Na boca do grande Amazonas, e na margem da rica ilha Marajó há lugar óptimo para uma semilhante fábrica de madeira porque, além da muita madeira, que tem o terreno em altas, e mui dilatadas matas, tem no mesmo rio muita abundância, da que todos os anos boia por ele abaixo, e grande parte dela se encosta nas margens daquela ilha. Havendo pois a providência de guiar para a mesma paragem toda a mais madeira, que vem boiando, terão bastante matéria para as serras; o que se pode fazer conduzindo os paos com algum gancho, e tem o comer mais que meio feito. Também as ágoas ajuntam muitos paos em várias enseadas, que faz o rio, os quaes se podem conduzir em jangadas por ele abaixo até a sobredita paragem, com advertência, de que nela altea suficientemente a maré, para se poder represar nos ditos tanques.

CAPÍTULO 9º

DE ALGUNS OUTROS INGENHOS CURIOSOS COM RODAS DE NOVA INVENÇÃO.

Dissemos até gora dos ingenhos de moto contínuo externo com o novo invento de represar as marés, agora diremos dos ingenhos, que se podem erigir com rodas de nova invenção, posto que sempre dependentes de algum outro agente externo em alguma ágoa. Havemos porém de supor primeiro, que tanto na Europa, como na América, e com muita especialidade na região do Amazonas, há alguns pequenos regatos de ágoa, a que vulgarmente chamam corvos, os quaes por pequenos, não são suficientes para deles se valerem para moinhos, ou algumas outras moendas, que dependem de maior força. E como os taes Corvos de Água, são frequentes, se houvesse arte, ou indústria para lhes augmentar mais força, seriam utilíssimos para se erigirem muitos ingenhos de moto perpétuo, sem a precisão de represas da maré nos custosos tanques, que dissemos. Esta arte pois, ou indústria, me parece ter inventado em uma roda de nova invenção, a qual pelo seu feitio me parece ser muito bastante para com aquela pouca agoa poder mover vários ingenhos, especialmente senão forem de tanta fábrica, como os referidos acima; e talvez, que ainda para eles seja suficiente. Chamo-lhes rodas de Nova Invenção; porque me não lembro de as ter visto, e se as vi já em algum autor, seria só para o uso das noras, para o que são na verdade tão excelentes, que depoes do primeiro moto, como adiante diremos, bastam elas para por si tirarem ágoa; mas além deste ministério, são também mui accomodadas para outros ingenhos mecânicos. É pois a aroda de feitio circular, como a que já dissemos ao princípio, e também deve ser de bom peso, para ganhar força com o moto; nisto porém se diferença da já dita, que aquela tem à roda dobradiças, que com a agitação da roda vão abrindo, e impelindo; esta porém em lugar das dobradiças, tem à roda uns baldes sempre fixos, os quaes se vão enchendo de ágoa, que supomos ser da dos corvos, e com o seu peso se vem obrigadas a andar em uma roda viva. Havemos de supor em ordem à praxe, que sempre a agoa deve ter alguma cadência, e salto ao cair na roda: porque então não só impele pela força do salto a dita roda; mas também com o peso nos baldes, que vai enchendo, ficando deste modo os baldes fazendo dous ofícios; o primeiro de dentes, e o 2º de baldes. Devem-se porém estes ajustar de tal sorte com a boca do canal que a ágoa não tenha, por onde escapar fora dos baldes, os quaes se poderão accomodar pelas ilhargas das rodas de sorte, que estas tenham 3 ordens. Duas pelos lados, e ũa na superfície, do círculo da roda: porque então andará ela com peso triplicado; e para que os baldes se possam encher, sem que uns sirvam de impedimento aos outros, devem ser largos nas bocas, e agudos no fundo, como mostra a figura seguinte.

Da sua explicação, e figura, já se vê a facilidade, com que andará ligeira, de sorte que bastarão 2, ou ainda uma telha de ágoa, para a fazer andar em uma roda viva. Para noras, ou bombs de tirar ágoa, dado o primeiro moto, e cheio antes algum pequeno tanque, levantado de modo, que tenha suficiente cadência sobre os baldes, bastará a mesma ágoa, que a roda vai tirando para a fazer andar, sem a precisão de algum outro agente; e ficará com moto contínuo intrínseco, que como acima dissemos, consiste na mútua causalidade de 2 causas, cada uma causa da outra; e cada uma efeito da outra: porque a ágoa será agente da roda, e a roda com o peso da mesma ágoa nos baldes, será agente da ágoa. Para moinhos, ou quaesquer moendas de grão, tendo ágoa suficiente para encher os baldes, também parece não ter dúvida; e assim com a sua indústria, podem já os lavradores erigir quantidade de moinhos, para os quaes não tem per si só suficiente ágoa. A dúvida só está se serão bastantes estas rodas para maiores fábricas, como as que já dissemos, de multiplicidade de moendas para grão, moendas para açúcar, e serrarias para madeira? Respondo, que para esta sempre se requer mais alguma ágoa, *v. g.* de um palmo em quadra com suficiente cadência: e se ainda não bastar se pode suprir com a conjunção das dobradiças da primeira roda, desta sorte, não occorrendo outro melhor modo. Faça-se ũa roda dos referidos baldes pelo meio, ou só de ũa ordem de baldes pelo círculo, ou com 3 tendo também pelas ilhargas, e nas pontas do eixo em ũa, e outra banda se ponham outras rodas mais pequenas que as do meio. Nas rodas das ilhargas se ponham dobradiças do peso, que quiserem da mesma sorte, que supra dissemos; mas de sorte que estas rodas colateraes, e suas dobradiças fiquem totalmente por fora do canal, para que a ágoa não as impeça. Deste modo bastará uma roda com um só palmo de ágoa pouco mais, ou menos para impelir grandes máquinas; porque com qualquer pequena força andará com muita facilidade, com a advertência já feita, *scilicet,**

---

* Lat.: isto é.

que estas rodas sejam, quanto mais pesadas, melhor; porque assim ganharão, e conservarão a força. A sua figura é a seguinte*

Com semilhante roda, 1º não há que temer nos tanques, que dissemos, no caso, que a ágoa do canal não fosse por si suficiente, o que não é crível, mas não o sendo primeiro se lhe pode ajuntar demais a indústria dos baldes. No caso porém, que ainda não seja suficiente ajuntem-se-lhe por fora do canal as dobradiças, e já então não haverá ingenho, por muita fábrica, que tenha, que deixe de moer por falta de agente. 2º ainda sem as represas das marés, mas só com qualquer pequeno corvo de ágoa, poderão levantar os seus ingenhos com mais facilidade. 3º que semilhante rodas, a que podemos chamar rodas dobradas, por terem dobrada indústria nos baldes, e dobradiças, se podem accomodar a toda a casta de ingenhos, ou sejam de açúcar, ou madeira, ou moendas. Passando agora destas novas invenções de rodas aos moinhos de água ordinários, também estes se podem aligeirar mais, sem estas novas invenções; mas só com alguma outra indústria, e sem muito trabalho. Assim o discorreo um certo religioso vendo um destes moinhos, e segundo o seu discurso para mostrar, que não era só especulação; mas que seria também boa a praxe, se resolveo a mostrá-lo no dito moinho, cuja direção tinha a seu cargo, e sem mais trabalho, do que mandar accrescentar-lhe outra roda, dali por diante andou o moinho mais ligeiro, e moia em dobro, do que antes; que é o mesmo, que se fizera 2 moinhos, porque só com aquela roda demais, ficou equivalente a dous. E de tal indústria pode ser a dita roda accrescentada, que não só fique um moinho equivalente a 2, por moer dobrado, mas equivalente a muito mais, se essa roda for de multiplicação. Para o que havemos de supor, que os antigos, ou ordinários rodízios nos moinhos são pouco úteis, e não tem mais autoridade, que o uso: porque o uso, e praxe das rodas deitadas, são de muito maior conveniência, que os ditos rodízios com as suas penas. Chamo pois roda de multiplicação, não à imediata que impele as moendas, mas à outra accrescentada, em que cae a ágoa, e é a de multiplicação: porque quanto esta for maior, que a roda das moendas; tanto mais lhe multiplicará as voltas.

V. g. em lugar do rodízio com suas penas, em que cae a ágoa; se ponha ũa roda deitada segura pelos seus eixos nas ilhargas, basta que tenha 4 dentes bem justos ao canal, para que a ágoa os apanhe bem, e por fora dos eixos se lhes ponham os dentes, ou orelhas Sendo dentes, requer outros na roda, ou rodízio das moendas; e sendo orelhas basta, que tenha ũa chamadeira, que puxe, e largue. Há de estar então a roda, ou rodízio das moendas só sobre si, sem lhe tocar a ágoa; mas só há de ser impelida pelos dentes, ou chamadeira da primeira roda. Isto posto, se a roda da ágoa é, *v. g.* de 20 palmos de círculo, e o rodízio das moendas, só tiver 10 palmos, enquanto a primeira dá uma volta, darão 20 rodízio, e moendas, e moerá em dobro. Se tiver 30 palmos, e a outra só 5, moerá 6 vezes mais em dobro, e assim discorrendo pelas mais maiorias da primeira roda à 2ª. Esta mesma tão fácil indústria, e multiplicação se pode fazer nas atafonas, e em quaesquer ingenhos de rodas. Nas atafonas accrescentando-lhe mais algumas rodas, sendo necessária, ou fazendo a roda da moenda quanto mais pequena poder ser, e a roda, que anda a besta quanto maior for possivel: porque desta sorte, enquanto a besta com a sua roda ordinária der uma volta, dará a moenda

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

tantas mais, quanto for menor a sua roda. É experiência, que vemos todos os dias em muitos artefactos, como *v. g.* nas rodas dos cordoeiros; porque enquanto eles dão ũa volta com a sua roda, dão os rodízios um cento, ou mais: nem há diversa razão porque não se possa praticar a mesma praxe nos mais artefactos de rodas. Estas mesmas rodas de multiplicação, se podem usar, e com a mesma facilidade, nos moinhos de mão. Costumam ter em algumas terras os moradores em suas casas umas pequenas moendas para o uso, e gastos tão somente de suas casas, em que à mão moem o grão necessário para cada dia, ou somana. Se nestes manuaes moinhos accrescentarem a dita roda de multiplicação, serão sem dúvida em dobro, ou muitos dobros as conveniências. Da mesma sorte se podem accomodar aos ingenhos de açúcar do modo que já vamos a propor no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 10º

INGENHO DE AÇÚCAR POR MULTIPLICAÇÃO.

Temos falado dos ingenhos de açúcar de moto contínuo por impulso da maré no capítulo *[em branco no ms.]* Dissemos também no capítulo passado a indústria, com que se podem erigir em alguns regatos de ágoa pelo adjutório de rodas com baldes, e sendo necessário, também com dobradiças. Agora diremos a indústria, com que se podem levantar com roda de multiplicação, não já com ágoa, como dissemos no capítulo antecedente, mas com bois, como costumam os moradores do Pará, e Amazonas; e ainda que em toda a parte tem lugar esta indústria, para os que não quiserem usar, nem das represas da maré, nem dos corvos de ágoa, que descem dos matos etc. Tem contudo mais lugar nas cabeceiras do Amazonas, e mais paragens, onde não há o subsídio das marés, nem a conveniência das ágoas declives; e por isso não tem mais remédio os lavradores, que seguir a praxe comũa no subsídio de bois, ou cavalos; porque neste caso, ainda podem multiplicar tanto os seus ingenhos mais que o ordinário, que moam com tantos mais dobros, quantos excessos levarem as rodas de multiplicação as rodas das moendas, pois para tão crescidas conveniências não tem mais precisão, do que accrescentarem a seus ingenhos uma, ou duas rodas demais. E para melhor se perceberem, havemos aqui recordar à memória dos ingenhos comuns, cuja figura demos no capítulo *[espaço em branco no manuscrito]* na página* Suposta pois esta notícia, como necessária, digo 1º que havemos de separar a roda, e círculo dos bois das moendas, e pô-la fora, em lugar distinto, e separado; e ali levantar um esteio, ou eixo semilhante ao ordinário das moendas, seguro em

---

* No códice, falta a indicação do número da página.

cima em uma forte, e pesada trave, que pode ser a mesma, que dentro segura o eixo da moenda mestra. Neste eixo de fora, ou rodízio hão de andar, ou puxar os bois em suas travessas, como se costuma. Por cima das travessas, em lugar proporcionado, se ponha uma roda com tamanho círculo, como em baixo o fazem os bois, ou maior se quiserem. Na moenda mestra dentro, se ponha em cima em lugar correspondente na altura à roda de fora uma rodinha de piqueno círculo, *v. g.* de tanta roda como tem a mesma moenda, com os poucos dentes, que se lhe poderem accomodar, *v. g.* 6: e na roda de fora se ponham também em geométrica distância os dentes, que pede a sua maior circunferência, *v. g.* 60. No intermédio de ũa e outra roda (no caso, que a de fora não chegue com os seus dentes imediatamente à de dentro) se ponha outra roda deitada, cujos dentes encaixem juntamente na de fora, e na de dentro, com círculo suficiente para só chegar a ambas, conforme a distância, que tiverem. De tudo é a seguinte figura.*

Disse, que devia levar 3ª roda intermédia, cujos dentes encaixem na de dentro, e na de fora, no caso que a de fora etc. porque, se por si mesma chegar, como pode, não necessita da roda intermédia; e nesse caso bastam só as duas precisas, a de dentro na moenda mestra, cujo círculo deve ser pequeno; e a de fora no rodízio, em que puxam os bois, a qual pode muito bem chegar a de dentro, mediando só entre ambas alguma parede, com uma boa fresta rasgada, pela qual entrem os dentes da roda externa a impelir os da interna. Porém vai pouco em ter mais, ou menos uma roda conforme o pedir o lugar. Aqui tem os senhores de ingenho, e de engenhos ũa indústria muito fácil para multiplicarem os lucros e com o mesmo trabalho: porque sendo as rodas, como dissemos, de 60 palmos *v. g.* a de fora, e só de 6 a de dentro, ficarão os avanços dos novos ingenhos aos antigos sendo 10 vezes mais, que tantos dobros leva ũa roda à outra; e por conseguinte o trabalho, que nos antigos se faria em 10 dias, se faz nos novos em um dia, o que antes em 10 meses, agora em um só; e assim discorrendo pelo mais. Ou para o dizer mais breve, e claro. É este ingenho de multiplicação, equivalente a 10 ingenhos dos ordinários, e pode equivaler a 20, e mais, conforme a grandeza da primeira roda à 2ª. Além destra grande multiplicação, e sobrepujança deste ingenho aos ordinários, tem muitas outras conveniências, como são 1ª que já a lógea, ou terreno das moendas não necessita ser tão espaçoso como se costuma nos ingenhos ordinários; porque já lá não trabalham os bois. 2ª porque fica o dito terreno mais expedito para os serventes, mais limpo, e mais accomodado para ministrar a cana. O que posto em tudo fica superior aos mais ingenhos ordinários; e ainda que não iguale aos que atrás dissemos de moto contínuo nas presas das marés, contudo fica tão ligeiro, que pode dar vazão a quaesquer grandes canaviaes; e pode ainda aligeirar-se mais, conforme a vontade de cada um, com só lhe fazer maior círculo na roda etc.

Pode também praticar-se o dito ingenho de multiplicação mediante alguma corda em lugar da roda intermédia, que dissemos: porque enrodilhando ũa corda no círculo da roda grande de fora, e na pequena roda de dentro ligada, unida, e bem entesada com o virar de ũa roda, virará também a outra, e parece ser mais conveniente por estas razões. 1ª Porque não necessita de roda intermédia. 2ª porque não necessitam as mais rodas de terem dentes, mas só de suficiente grossura para as voltas da corda. 3ª porque

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

será mais perdurável, do que os ditos dentes, e menos sujeita às contingências dos dentes. Porém como depende da vontade, e parecer de cada um, fique também a cada qual livre a eleição. Não obstante ser este ingenho de multipicação que acabamos de explicar, por benefício de só mais uma corda; se pode também dobrar, com lhe acrescentar mais 2 moendas, cada ũa por banda das 3 ordinárias. E está claro: porque, posto que para um ingenho de açúcar sejam precisas 3 moendas. Infalivelmente para ter duas junturas, ũa para passar a cana, e outra para a repassar, com lhe accrescentar duas moendas demais, fica com 4 junturas; e porisso equivalente a 2 ingenhos, embora que com precisão de dobrados serventes, dous para meterem a cana por ũa parte, e outros dous para a repassarem pela outra banda. No mais fica o mesmo trabalho, e só necessita de dobrado provimento de cana, e dobrada diligência nos serventes. A sua figura é a seguinte.*

É bem verdade, que este ingenho, a que chamaremos ingenho real de multiplicação doble, necessita de mais força do que os singelos, por razão da cana em dobro, que actualmente há de moer: mas essa maior força se remedea com lhe accrescentar um, ou dous bois demais, de sorte que se haviam de andar 4 bois, como é o ordinário, andem 6 para a maior força, que se pretende. Também no uso da cana se deve praticar a indústria de ministrar a cana virgem nas 2 junturas do centro, por mais fortes, e nas duas de fora a cana machucada; porque já necessitam de pouca força.

CAPÍTULO 11º

NOTÍCIA DE UM CURIOSO INGENHO DE MADEIRA PORTÁTIL.

Posto que a fábrica de madeira, que acima expusemos de moto contínuo seja de tanta expedição, que apenas lhe poderão dar suficiente sustento muitas légoas de boas matas, sendo talhada, e levantada por mãos de bons mestres ingenheiros, e ministrada dos necessários serventes, que lhe administrem os paos, nada contudo serve, nem pode servir para o centro dos matos, especialmente virgens, onde nunca entra ferro nem gente; e porisso há, e se acham neles os maiores paos, e a madeira mais preciosa; mas sem utilidade alguma, por não se poder conduzir aos ingenhos, já pela distância, e já por não haver para isso indústria humana, em que a receita não chegaria a cobrir a despesa. Por outra parte leva os olhos tão preciosa madeira, e paos de 30,40, e mais palmos de circuito; e alguns de redondeza tão demarcada, que apenas 40 homens com os braços abertos os podem abranger, como já é no-

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

tório nas Histórias, e cujas tábuas seriam mui preciosas e aptas para a fábrica de navios, e mais artefactos, se houvesse arte, indústria, ou ingenho de os poder serrar, beneficiar, e conduzir, como algumas, posto que raras vezes o tem feito alguns moradores, aproveitando algum ainda que dos mais inferiores, como de 20 para 30 palmos de roda, pouco mais, ou menos fazendo para isso covas, para poderem trabalhar as serras, e occupando muitos operários em muito tempo, e ainda depois nos avanços, se dão os parabéns. Por todas estas causas me estimulou o desejo excogitar algum industrioso ingenho manual, e portátil, com que os moradores do Amazonas se podem com facilidade aproveitar do grande tesouro, que Deus lhes pos nas mãos nas suas dilatadas matas. E parece-me tê-lo descuberto, senão occorrer algum contra, muito conforme ao meu desejo, e julgo, que com boa acceitação, não só dos ditos moradores interessados, mas também de todos os curiosos. Chamo-lhe ingenho portátil, e manual, porque se pode levantar, onde a conveniência o pedir, e conduzir de uns para outros lugares, conforme a vontade de cada um. De 4 modos pois se pode erigir este ingenho; mas antes de os explicar, havemos de supor 1º que sejam factivéis serras proporcionadas, ao cumprimento dos paos *v. g.* de 60, 90, 100, ou mais palmos de comprido: não porque sejam precisamente necessárias só para o ministério de serrar, mas para poder serrar os paos em todo o seu comprimento, pelas grandes conveniências, que do tal comprimento resultam, como acima adverti. Nem me parece terão implicância semilhantes serras, visto que se fabricam grades, e outros artefactos de ferro de semilhante comprimento. Contudo sejam nisso juizes os senhores respectivos mestres, por serem obras do seu ofício; porque no caso, que impliquem serras deste comprimento, se pode suprir com outras mais curtas o mesmo ministério.

Suponho 2º que as serras estejam de tal sorte dispostas, e seguras, que se possam augmentar, ou diminuir, conforme o pedirem os paos mais, ou menos grossos: porque se hão de serrar de ũa vez, embora que sejam de muitos palmos de grossura. Suponho 3º que a madeira, não só há de ser serrada com todo o seu comprimento, mas também com toda a sua grossura, sem ser necessário mais benefício nos paos, do que despi-los da casca, ou cortiça, e pô-los no estaleiro, ou accomodá-los as serras, tanto para a maior largura das tábuas, como, e principalmente para diminuir, quanto puder ser o trabalho, como dissemos acima, falando do outro ingenho de madeira estável, com o impulso das marés. *His suppositis,** vamos já ao 1º modo. Método mecânico. Cortados os paos, em qualquer parte do mato, ponham-se-lhes em cima as serras deitadas ao seu comprimento, e número respectivo à grossura da madeira: para se puxarem, se entesam estas serras, pondo-lhes nas pontas do pao seguras em boas estacas algum agente proporcionado; o que pode ser de muitos modos. Primeiro com fortes molas, por modo e feitio de ângulos semilhantes a este Λ . Uma ponta do ângulo se segure em ũa travessa nas ditas estacas; e na outra ponta se suspendam as serras; isto é, de uma, e outra ponta do pao, mas com advertência, que para a parte dos dentes das serras, sejam as molas mais fortes, para que com a sua fortaleza puxem naturalmente para si as serras. Da outra parte seja a mola, ou ângulo tão brando, que baste para intesar as serras, ou em seu lugar basta uma corda, que prenda as serras, e por meio de ũa roldana se puxe, como logo diremos. 2º modo pode ser o agente, que puxe as serras ũa corda de

* Lat.: Feitas estas suposições.

arco de frecha, bem entesada. 3º pode ser uma barra de ferro, ou boa régoa de pao entesada por cordas, como se usa para entesar as serras manuaes. 4º pode ser uma roda bem entesada, também em cordas, a qual naturalmente buscando o seu natural, puxe as serras por meio de algum bom calabre, ou de qualquer outro modo, que julgarem mais fácil. E para melhor se perceberem os 4 modos, que excogitei, vai a sua figura.*

Puxadas pois, e bem entesadas as serras por algum dos 4 modos ditos, para a parte dos dentes, por ser a que depende de mais força, na outra ponta do pao se ponha na distância necessária uma balança, em cuja perna vai prender por meio de uma roldana, uma corda atada no varão das serras, cujas balanças devem estar bem direitas com igual, mas bom peso em ambas as pernas. Em lugar de balança, pode ser um grosso pao furado, e suspenso pelo meio em ũa boa trave; fino, e delgado para o centro, e grosso nas extremidades, para nelas ter o peso necessário. E quando para isso não baste o seu peso, se lhe deve accrescentar, pela razão de que quanto maior for o seu peso, ou de pao, ou de balanças, maior será a sua força para puxar as serras a si contra a elasticidade da mola, arco, ou barra, ou roda da outra banda. E como a balança, ou pao com feitio de balança tem 2 pernas, e há de laborar por modo de vaivém, na praxe, se ponham em proporcionada distância outra ordem de serras da mesma sorte, que a já dita, e só com a diferença de terem encontradas as molas, e os dentes, que é o mesmo, que dizer, que uma ordem de serras há de serras para uma parte, e a outra ordem delas, para a outra parte; uma para cá, e outra lá, para de uma vez se serrarem juntamente 2 paos, e para isso já se vê, que a balança, ou pao há de estar bem ao olivel, correspondente a um, e outro, e as suas pernas bem direitas pelo olivel dos seus respectivos paos, para com igualdade se poderem empregar em um, e outro. Desta sorte bem dispostas sobre os paos, e bem entesadas as serras, basta ũa só pessoa, andando na balança de uma perna para a outra, ou pao bilance, para serrar ao mesmo tempo 2 paos com muita facilidade, e presteza; porque fazendo andar a balança, por modo de vaivém abaixo, e acima, esta com o seu peso faz recuar as serras, e logo largando-as, correm estas a serrar impelidas pelas molas, ou agentes, que dissemos. E talvez, que em ũa hora pouco mais, ou menos, se serrem 2 paos, que a braços de homens, se não serrariam em um mês; porque supomos, que só se hão de buscar para isso paos escolhidos de 20, ou 30 palmos de roda para cima, como já disse; o que melhor declara a figura seguinte.*

Daqui se há de inferir 1º que posto que para preparar os materiaes, *v. g.* carregar, e conduzir as serras, cortar, e aptar os paos, ajustar os instrumentos etc. seja necessária gente proporcionada ao trabalho, contudo no actual exercício de serrar basta ũa só pessoa, caminhando de ũa para outra perna da balança, ou pao equivalente, e quando muito para maior facilidade 2 pessoas, uma de ũa parte, e outra, de outra, indo acima, e abaixo, por modo de vaivém no jogo dos rapazes. 2º que serras andarão suspensas em roldanas, das quaes naturalmente vão descendo impelidas do seu mesmo peso. 3º Chegando as serras ao chão, acabados de serrar os 2 paos pelas

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

mesmas roldanas se puxem acima para darem lugar a se accomodarem debaixo outros paos etc. Método compendioso. Supostas as serras competentes, assim no comprimento como no número, devem-se accomodar bem ao olivel sobre os paos ao comprido, pondo-lhes da parte dos dentes, que devem andar encontrados, serrando ũa ordem de serras o seu pao para lá, e outra ordem o seu pao para cá, porpocionados agentes, que as puxem, ou por meio de molas com feitio de ângulos, ou de régoas, ou rodas, ou arcos de balesta bem entesadas, e fortes. Ponha-se-lhe de ũa parte em suficiente distância. correspondente ao intermédio dos 2 paos, que actualmente hão de serrar uma bem pesada balança, ou pesado pao suspenso, bilance, no qual ande ũa, ou 2 pessoas fazendo ir acima, e vir abaixo; e serrarão com muita facilidade, e presteza dous grandes paos por cada vez. Esta é a substância do ingenho portátil. Chamo-lhe portátil; porque como não depende mais, que das serras se armarem sobre os paos do modo dito, se pode de umas paragens mudar para outras; nem tem precisão de se fabricarem estaleiros; por ser a mesma terra o estaleiro: nem necessita de mais operários, que ũa, ou duas pessoas revezadas, que movam as balanças, e com a circunstância, que podem trabalhar de dia, e de noite. E não só é optimo para qualquer madeira ordinária, mas ainda para os maiores paos do Amazonas.

Advirto mais, que também este modo se pode accomodar aos ingenhos de madeira estáveis, e permanentes, dos que acima dissemos de moto contínuo, e talvez com mais facilidade, do que lá expusemos, por não necessitar de ganchos para puxar os paos este modo; e se pode accomodar, ainda quando se ajuntassem os ingenhos de madeira com os de açúcar, e só então seria talvez mais conveniente não meter os paos por baixo das moendas de açúcar, como lá dissemos: porque isso é mais próprio para quando as serras trabalham de alto abaixo; mas seria melhor fazer os estaleiros virados para o canal em 2 ordens; uma de ũa, e outra da outra parte; nem então se devem ligar a só 2 paos por cada vez; pois havendo número de serras competente, se podem serrar uma dúzia de paos de cada banda do canal. E deste modo tendo de ũa parte as molas, que puxem as serras, da outra parte a balança será movida pela roda do canal com alguma chamadeira a sua orelha. Digo ser este modo mais conveniente porque 1º não necessita de ganchos para puxar os paos. 2º não necessita na roda do canal de mais força, do que a necessária para fazer andar a balança abaixo, e acima. 3º porque havendo multidão de serras, se podem serrar ao mesmo tempo muitos paos. 4º porque serrada uma camada de paos, e levantadas as serras por benefício do mesmo ingenho, se pode accomodar de sorte, que por si mesma caia, ou role outra camada de paos dos estaleiros vizinhos, que para isso devem ser declives para a parte das serras, e com camas já feitas para cada pao. Disse que seriam mais convenientes as serras de comprimento, *v. g.* até 100 palmos, para serrar a madeira em todo o seu comprimento, pelas grandes utilidades das táboas, tanto mais aptas para toda a obra, quanto forem mais compridas, especialmente para navios, e para toda a mais casta de embarcações. Mas sendo só do comprimento que ordinariamente se costuma nos ingenhos de madeira de vento, *v. g.* só do comprimeito de 20 até 30 palmos, parece-me, que sem controvérsia alguma, é este modo mais fácil, mais útil, e mais accomodado, do que todos os outros; para toda a casta de madeira, por mais grossa, que seja.

CAPÍTULO 12º

DOS OUTROS TRÊS MODOS DE SERRAR MADEIRA COM INGENHO PORTÁTIL.

Suposto o 1º modo industrioso do novo ingenho portátil, em que com tanta facilidade se pode dar um grande aviamento; mas como pode ter algum contra, ou inconveniente na factura das serras de tão desmarcado comprimento como dissemos, e na sua condução de ũas para outras paragens, posto que este obstáculo se pode bem remediar, fazendo-as mais curtas, e serrando os paos só no comprimento ordinário de 20 para 30 palmos, perdendo então a grande conveniência, que teriam os taboados no seu grande comprimento; tem lugar o 2º modo, ou indústria, com o qual se podem serrar os paos no seu total comprimento, e com serras mais curtas, e meneáveis, *v. g.* de só 20, ou 30 palmos, desta sorte. Postos e dispostos os paos de 2 em dous, dividos um do outro quanto for necessário, e bem ao olivel, se lhe ponham as suas ilhargas ũas vigas do mesmo, ou mais algum comprimento que os ditos paos, levantadas da terra até quase o meio dos paos, e bem seguras em estacas. São 4 por todas, duas a cada pao, para o efeito de nelas se suspenderem as serras, que hão de serrar os paos através, isto é para as bandas. Porém não obstante deverem estas vigas ser firmes em fortes estacas, para poderem suportar o peso das serras, devem por outra parte, *saltem** as 2 de fora ser postiças, e que se possam tirar, quando for necessário subministrar novos paos, serrados os primeiros. No centro dos 2 paos e por entre as 2 vigas de dentro, se ajuste a balança, ou pao bilance ao comprido, cujas pernas abaixo, e acima pelo benefício de alguma pessoa hão de fazer o ofício de retrair, ou fazer recuar as serras, que hão de ter os dentes, e hão de serrar para fora, as quaes balanças se devem suspender em algũa comprida trave de sorte, que se possam mudar para diante, segundo o pedirem as serras, a quem hão de acompanhar, senão for melhor o estarem firmes, embora que as serras vão caminhando porque por meio de roldanas podem puxá-las. A praxe ditará melhor, o que for mais expediente.

Para puxar as serras para diante, isto é para fora, para onde devem serrar, se ponham ũas molas das que dissemos acima, com feitio de ângulos desta sorte: As pernas de dentro, que são firmes, devem andar seguras nas vigas; e nas pernas de fora se devem prender os varões das serras, que naturalmente hão de puxá-las para fora; e como no vaivém da balança da outra banda se vem obrigadas a recuar em um contínuo andar para diante, e para traz, vão serrando os paos com a mesma facilidade, e ligeireza, que dissemos, só com o benefício de ũa, ou 2 pessoas na balança; e deste modo se podem serrar os maiores paos, assim no comprimento, como na grossura com só lhes accrescentarem, ou diminuirem as serras. Falta só a indústria de as ir puxando para diante para cada vez irem avançando, e é fácil pondo na ponta de cada pao alguma roda, ou régoa entesada em cordas com ũa roldana, e um calabre, cujas pontas vão prender na extremidade dos ângulos, que se-

---

* Lat.: ao menos.

guram as serras, e vão caminhando seguras nas supostas vigas. Para a praxe deste 2º modo basta que as serras tenham de cumprimento 15 até 20 palmos, por bastar este comprimento para a travessia de qualquer grande pao, excepto os de marca maior de 200, e mais palmos de largo, mas esses são raros, ainda que encontrando-se algum, só para se aproveitar, se poderiam fazer serras accomodadas, pois bastaria cada táboa de um semilhante para arqueada dar o casco de um navio inteiro. Vai a figura deste 2º modo do ingenho portátil*.

3º modo. Método mecânico. Levantem-se, e suspendam-se os paos acima, como se costuma na praxe ordinária, suspendam-se também as serras de alto abaixo, para serrarem como se costuma, decima para baixo; mas todas juntas ao mesmo tempo, quantas pedir a grandeza do dito pao. Para sustentar, e suspender as serras, se pode usar um de 2 modos. Primeiro com um triângulo deste feitio, *[espaço em branco no manuscrito]* cujas duas pernas debaixo devem ser iguaes, e accomodadas ao boliado do pao, e na perna de cima se hão de sustentar, e suspender as serras, e no cabo do triângulo, que com as duas pernas debaixo deve assentar sobre o pao, há de prender um calabre, que vá ter com a roda, ou régoa, que deve estar fixa nas estacas adiante do pao, para por si mesmo ir puxando as serras. Da parte debaixo deve ter, ou outro semilhante triângulo unido com duas pernas ao mesmo pao, e com a do meio entesar bem para baixo as serras; ou estas terem na parte debaixo algum grande peso, que por si mesmo as puxe para baixo. Sento também triângulo, puxado também para diante da mesma sorte, que o de cima, para caminhar unido ao pao, e sempre direito, se deve prender ao triângulo de cima, com um arco como de pipa: Sendo peso, o mesmo peso bastará a que as serras caminhem direitas pela direitura do triângulo de cima. Da verga, que segura as serras da parte de baixo, deve sair para fora ũa haste, em que há de dar a perna da balança no seu vaivém. Da outra banda há de estar outro pao com a mesma direção *in totum*.** e entre eles seguindo o comprimento dos paos, há de andar a balança dando já em uma haste das serras, e já na outra em um contínuo vaivém. 2º modo para suspender as serras da parte de cima, em lugar do triângulo, e segundo me parece mais apto, é uma grossa corda, que esteja firme, e bem entesada pelo olivel do centro do pao, de uma a outra ponta, e nesta corda suspensas as serras; e para as fazer avançar para diante outra corda distinta, que por algum anel, ou por cima, ou por baixo da outra corda as vá puxando. Digo ser mais apto este modo, porque, além de outras razões, obrigará as serras a caminharem sempre direitas; nem tem tanto perigo de quebrarem, ou perderem a sua elasticidade, como as molas, e triângulos, que com a continuação afroição. Da banda debaixo com lugar do triângulo, que dissemos, pela dificuldade de caminhar unido ao pao, e também em lugar do peso, que dissemos, no varão das serras, que as puxem para baixo, pode mais facilmente suprir uma verga de ferro pegada ao dito varão das serras para a parte de diante, e inclinada para cima, quanto o pedir o desafogo das serras. E tem mais a conveniência de poder então ter fora as balanças nas cabeças dos paos, só para o efeito de suspender para cima as serras com o seu vaivém, por meio de roldanas, e da corda, que por cima suspende as ditas serras. E nas mesmas balanças se pode accomodar a outra corda de puxar as serras para diante, em lugar das vergas, ou rodas entesadas em cordas. Todas estas diversidades melhor se explicam nas seguintes figuras.***

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.
** Lat.: ao todo.
*** No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

Tem porém este 3º modo de ingenho algumas dificuldades. 1ª é, que este modo depende de se levantarem acima, e suspenderem os paos para desafogo das serras. 2ª é, que as travessas, em que em cima estão suspensos impedem as serras o caminhar, e avançar para diante. As quaes respondo 1º que este modo pode servir para os paos de marca menor; porque os grandes madeiros de 20, 30, e mais palmos em roda, tem melhor indústria com algum dos primeiros dous modos, por não dependerem de levantar os paos, sendo a terra, em que se serram, os seus proporcionados estaleiros. E servindo o 3º modo para os paos de marca menor, e ordinários, já não há tanta dificuldade de os levantar, e suspender acima: porém pode servir ainda para os maiores, e para os levantar a óptima, e fácil indústria desta sorte. Ponham-se aos lados do pao, que se quer levantar, umas vigas, ou paos da grossura, que julgarem porpocionada a altura, a que se quer elevar o madeiro, por cima delas, e por baixo do madeiro, se metam umas boas trancas, por cujas pontas puxando para baixo por modo de alavancas, por uma, e outra parte, e todas ao mesmo tempo, se suspende qualquer madeiro por grande que seja. Nem para isso são necessárias muitas alavancas, ou muita gente: porque para qualquer grande pao, bastam 3, ou 4 alavancas de cada parte, sendo grandes, e a cada alavanca uma, ou 2 pessoas puxando para baixo, para suspenderem o pao. É certo, que devem ser alavancas proporcionadas aos madeiros, e quando por grandes senão possam bem menear, poderão, atando-se-lhes nas pontas alguma corda, ou cabo pelo qual com facilidade se puxarão para baixo, e para não desmentirem para as bandas, se lhes pode meter alguma estaca, que lhes sirva de encosto, e junto a ela se puxarão para baixo com muita facilidade as alavancas. É tão apto, e fácil este modo para suspender qualquer grande peso, que com ele se suspendeo e lançou ao mar um grande navio na ribeira do Pará, que saindo do estaleiro se assentou, e profundou no lodo, nem foi necessária mais indústria para o levantar. E para suspender as maiores canoas do Amazonas bastam com este modo poucas pessoas. A outra dificuldade de ser necessário mudar as travessas, que sustentam o madeiro para as serras passarem adiante, é certo, que não tem outro remédio mais, do que em lhe chegando as serras pararem as balanças, e por conseguinte as mesmas serras, enquanto se mudam para trás as travessas, ou se metem outras, e se tiram as primeiras, o que na verdade requer trabalho, e leva tempo. Mas o mesmo tempo, e trabalho se requer nas serras manuaes com muitos mais dobros, por se serrarem os paos a força de braço, cópia de gente, e cada táboa de per si; o que não tem o nosso modo, que de uma, e por uma vez, leva logo todo o pao, e com tanta mais brevidade, que pode serrar muitos no dia. Porém, quem quiser tirar este obstáculo, tem o 4º modo, que é assim.

Método mecânico. Suspensos os paos, se suspendem também as serras, mas com esta diversidade ao modo antecedente, que nele estão os paos firmes, e caminham as serras, e pelo contrário no presente modo 4º, hão de estar firmes as serras, em um lugar, e os paos devem caminhar a meter-se nelas: para a melhor facilidade em lugar de se suspenderem os paos em travessas, se lhes façam estaleiros proporcionados, e mui declives, e esconsos para a parte das serras para os paos caminharem com facilidade para elas. Nem é necessário subir muito estes estaleiros, porque basta que estejam na mesma face da terra, e para desafogo das serras se lhes faça por baixo um covão, quanto se julgar suficiente espaço. Por cima se podem suspender as serras em cordas, ou melhor em roldanas, ou de qualquer modo, que qui-

serem; e por baixo se devem entesar, ou com mola, ou corda em arco de balesta, ou com peso porporcionado, que não só puxe para baixo as serras, mas as faça, subjugar sempre direitas. Ao pé se arma a balança, e da outra parte dela outro semilhante estaleiro para outro pao; porque também pede, e pode serrar dous paos ao mesmo tempo; depoes das serras, já se vê que ainda hão de continuar os mesmos estaleiros para os paos irem avançando sempre até se acabarem de serrar. Resta o busílis de como se devem puxar o spaos. É fácil deste modo. No fim dos estaleiros se ponham em boa direitura duas rodas, ou 2 vergas, cada ũa correspondente, e bem em direitura dos seus respectivos paos, e as ditas vergas; ou rodas se entesem quanto puder ser em cordas bem torcidas, ou para melhor me explicar, em duas cordas cada uma bem torcida, e bem tesas em bons, e fortes esteios, ou estacas, e nelas em lugar de eixo se segurem as rodas. Estes se entesem nas ditas cordas quanto puder ser, e no círculo das rodas se segure o cabo de gancho; e como as cordas estão violentadas, e naturalmente hão de buscar o seu equilíbrio, irão as rodas puxando os paos, e metendo-os nas serras por meio dos ganchos. Em lugar das rodas podem suprir vergas entesadas em cordas, como se entesam as palhetas nas serras de mão. Tudo explica a presente figura.*

Este 4º ingenho portátil é tão fácil, e accomodado, que não só se pode transportar com facilidade de umas paragens a outras, onde accomodidade o pedir, mas tãobem qualquer morador o pode armar, e ter nos seus sítios, como estável, tendo quem lhe chegue, e conduza a madeira. E ainda ficará mais accomodado, se deixadas as rodas, ou vergas entesadas para puxar os paos, suprirem esta diligência com o mesmo vaivém, da balança, como belamente pode ser, de sorte, que faça então a balança dous ofícios; um de levantar as serras, outro de puxar o pao por meio de gancho, e alguma roldana: nem para isso será necessária muita força, sendo os estaleiros bem declives, e untados com sebo. Na praxe, ou exercício de qualquer destes ingenhos, não há necessidade de mais gente, do uma pessoa, ou duas, que andem na balança, revezadas por seus quartos, ou paos. Porém como *aliunde* é preciso cortar os paos, conduzi-los, e accomodá-los, já se vê, que é necessária muita mais gente. Mas querendo só usar *ad tempus, v. g.* nas vacâncias da Agricultura, e mais serviço preciso, pode toda essa gente occupar-se 1º em armar o ingenho 2º em cortar, e conduzir a madeira, e dispô-la em compridas fileiras as ilhargas dos estaleiros; e já então se podem outra vez recolher as lavouras dos seus sítios, ficando só alguns poucos que se revezem nas balanças, retirem as tâboas, e apliquem outros paos etc. excepto no uso do 3º ingenho no qual como depende de suspender os paos acima, e mudar as travessas, requer-se sempre mais gente. Supostas pois esta notícia já se vê, que os primeiros dous ingenhos são em tudo mais accomodados, sendo fácil a factura das serras compridas, que requer o 1º, ou sendo curtas, não serrar os paos em todo o seu comprimento, mas por partes; porque não necessitam mais, do que endireitar os paos, e accomodar as serras, sem mais precisão alguma de estaleiros. O 4º também é muito factível, e tanto que sobre todos é, o que mais agradou a alguns, aos quaes o comuniquei; mas já depende de algum tal, e qual estaleiro, e indústria para puxar os paos, os quaes estaleiros devem ser arqueados, ou boleados, para que os paos boleados, e só despidos da casca, possam caminhar por eles sem discrepância para as bandas.

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

CAPITULO 13º

DE ALGUMAS OUTRAS CURIOSIDADES SOBRE AS MESMAS, E OUTRAS ÚTEIS MATÉRIAS.

Um dos grandes trabalhos que há nas matas do Amazonas mais, do que nas matas da Europa, é o cortar, e lançar abaixo as árvores por 2 razões: 1º porque ordinariamente são paos duríssimos, e em muitos deles ferem fogo os machados, por cuja causa em algumas partes levam consigo algum oficial de ferreiro, e forja portátil, os que entram nos matos a cortar madeira. 2º porque, além de duros os paos, que ordinariamente escolhem, são para feitoria de canoas inteiras, e porisso são dos mais grossos, e custosos de cortar; o que posto me pareceo excogitar também alguma indústria, com que com facilidade se possam cortar semilhantes madeiros, não obstante a sua grossura, e grandeza com muita facilidade e brevidade, e a meu ver a descubri, e é deste modo. Método mecânico. Façam-se duas estacas, cujas pontas agudas se metam na terra de ũa, e outra banda do madeiro, que se quer cortar. Logo à face da terra tenham estas estacas dobradiças, por meio das quaes se possam inclinar para dentro, e para fora. Mais acima tenham uns buracos, por onde se metam umas molas com feitio de ângulos, do modo que já por vezes tenho dito *[espaço em branco no manuscrito]* de comprimento suficiente para chegar de banda a banda de qualquer grande pao. Nas pontas de fora dos ditos ângulos se segure ũa serra, e para que lhe não sejam de obstáculo as pontas de dentro, devem fazer-se mais curtas, que as de fora; ou melhor fazer as pontas de dentro do ângulo abertas em duas, e por meio delas passe a serra segura nas de fora. Quando se quer serrar algum pao, pregadas as estacas de ũa, e outra banda, correspondentes ao meio do dito pao, se comprimam, e ajuntem as pontas dos ângulos, e assim quase unidas se recuem atrás com algũa violência, até darem lugar a se lhes meter a serra. Puxando logo ũa pessoa de cada banda do pao pelas estacas para fora, e para dentro em um vaivém, irão serrando o pao, e como as molas, ou ângulos estão violentados, naturalmente irão impurrando a serra para diante, e assim em breve espaço se serrará, e virá abaixo qualquer pao.

2º modo, e mais fácil para ũa só pessoa poder lançar abaixo qualquer madeiro. Ponham-se duas estacas de cada banda do pao, segura ũa a outra com alguma travessa, e ponham-se-lhe de ũa, e outra banda as ditas molas angulares, mas com esta diferença, que da parte dos dentes do serrote, fique a ponta do ângulo que há de segurar o serrote da parte de fora das estacas, e tão forte, que tenha bem entesado o serrote. Da outra banda fique a ponta do ângulo, que segura o serrote para dentro, isto é para o pao em tanta distância uma, e outra quanto o serrote há de ter de espaço para desafogo, e esta dita segunda mola deve ser mais branda. Estas estacas não hão de ter as dobradiças do 1º modo, antes devem estar bem firmes; porque só as molas angulares hão de jugar. Postas assim as estacas, e bem entesado o serrote para a parte da mola de fora, uma só pessoa da outra banda atraíndo a si o serrote por meio de alguma pequena roldana em um contínuo vaivém; não só bastará para serrar qualquer grande madeiro, mas o fará

com muita presteza. Pode a dita pessoa, para com mais suavidade trabalhar, usar de chamadeira abaixo, para dar com o pé para baixo, e para cima, como fazem os torneiros. De sorte, que as molas angulares fazem deste modo dous ofícios: 1º é puxar o serrote de ũa para a outra banda com o adjutório de alguma pessoa. 2º é ir avançando de cada vez mais para diante até acabarem de sair do buraco das estacas, em que as molas estão violentadas; e porisso por si mesmas vão saindo tanto, quanto o serrote vai avançando para diante. Tudo mostra a figura presente.*

A bondade, e facilidade desta indústria se pode ver bem pelos efeitos; porque serrará, e deitará abaixo um grande madeiro, talvez em menos de meia hora, quando com machados a poder de forças, e braços, senão cortará por 4 homens em 8 dias. Nem pareça isto exageração aos que ignoram a qualidade da madeira do Brasil. Segurou-me um missionário, que mandando alimpar um terreno, acharam os índios paos, que 4 homens a bom cortar, não puderam deitar abaixo cada um em menos de 8 dias, não obstante serem paos moles; e quantos mais gastariam, se fossem duros, a que chamam paos de lei, que são os de que falamos, e que só se buscam para obras de empenho? Por isso os naturaes na factura das suas lavouras, a que chamam roças, que todos os anos fazem em novas, e diversas matas, quando encontram algum destes grandes paos, ou os deixam em pé seccos a poder de fogo, quando queimam os mais; ou picam só os paos mais delgados a roda dos grandes, e depoes de picados aqueles, cortam estes com muito trabalho, os quaes caindo, lançam por terra com seu grande peso quantos pequenos apanham, e lhes sae assim o trabalho mais suave, por gastarem nos grandes o tempo, e trabalho, que poupam nos mais pequenos, e delgados. Com a nossa indústria se deitarão abaixo com muita brevidade e maior suavidade. A mesma indústria se deve usar para dividir no chão os paos serrando-os para baixo; para o que se lhes devem accomodar os instrumentos de sorte que puxem para baixo, em lugar de puxarem para diante nos paos levantados, o que se pode fazer virando para baixo as molas angulares, que dissemos, ou de qualquer outro modo, que parecer mais eficaz. E quando de cima para baixo se experimente mais algũa dificuldade, por razão de não se poderem da parte de cima obrigar bem as serras a carregar para baixo, se faça de baixo para cima, metidas as molas em algum buraco em baixo, e viradas para cima: porque como violentadas, naturalmente hão de puxar para cima: E ainda com mais facilidade para o efeito de fazer avançar as serras para diante, ou seja para deitar abaixo, ou para dividir os paos já caídos pode usar-se do instrumento de corda desta sorte. Segura a serra no lugar, que se quer pelo meio de alguma travessa de uma, e outra banda do pao, se ate à serra pelas extremidades de ũa, e outra parte uma corda bem dobrada, violentada, e entesada; logo puxando, e fazendo andar a serra no seu exercício, ou por meio de molas angulares, ou por meio de braços de duas pessoas, cada uma da sua banda, a serra obrigada da corda, por força há de avançar para diante, como representam as duas figuras presentes, uma do pao caído, a outra do pao levantado.*

Muitas outras indústrias sobre a mesma matéria de madeira me occorrem, não menos curiosas na especulação, que úteis na praxe, especialmente para alimpar, e lavrar taboado em muita quantidade, e com muita presteza por

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

meio de vergas entesadas emcima com cordas retrocidas, que empurrem as plainas sobre as tábоas, e uma só pessoa, que por meio, ou de uma roda, ou de alguma chamadeira as faça recuar para trás. Porém basta isto para apontamentos nesta matéria, até que eu, restituindo-me Deus à liberdade, ou algum curioso a cujas mãos chegarem, possam com mais comodidade conferir tudo com a experiência.

CAPÍTULO 14º

NOTÍCIA DE ALGUMAS BOMBAS, E AQUEDUTOS PARA O RIO AMAZONAS.

Muitas, e mui curiosas, e fáceis invenções se tem ideado na Europa, para elevar ágoa já de poços, já de cisternas, e rios, aonde cada um quer; e por isso não pretendo eu aqui arbitrar novos modos, ou persuadir nova praxe para semilhante efeito. Pretendo só apontar, ou insinuar aos moradores do grande Rio Amazonas algumas das mais curiosas indústrias, que se usam na Europa, assim em noras, como em bombas, para que se possam aproveitar delas para benefício das suas terras; e também apontarei alguns outros modos novos, não porque sejam mais curiosos, ou ingenhosos, mas por serem mais fáceis, e úteis, conforme a posição das suas terras, e rios. Tenha pois o primeiro lugar uma especial bomba para elevar ágoa dos rios ao interior das terras, para o que se deve saber *primo*, que em quase todos os rios do Estado do Pará entram as marés por eles acima alguns dias de viagem, *saltem* no destricto mais povoado. 2º que as terras no mesmo destricto do Pará são ordinariamente baixas pouco mais que o olivel da ágoa, outras com pequena altura sobre os rios; porém para dentro todas são planície. Digo pois que para todas essas terras se pode elevar ágoa dos seus mais vezinhos rios por bombas estáveis nos mesmos rios, impelidas com muita facilidade pela mesma maré deste modo.

Método mecânico. Levante-se em suficiente distância uma bomba, isto é pao furado, ponha-se-lhe em pequena distância ũa forte estaca para a parte do rio. Meta-se entre a bomba, e estaca ũa roda, com 4, ou 6 dentes da mesma largura da roda, que occupe quase todo o espaço, que vai da bomba a estaca, e na mesma estaca, e bomba se segure com seu eixo, e da parte de fora se ponha no eixo uma orelha. Por cima se meta a bucha com peso suficiente a cair por si mesma pelo vão abaixo. A sua corda se prenda a um varão de ferro posto por modo de cruz, e seguro em outro varão pregado, e fixo na bomba, deitando para fora o varão de cima um bom rabo. Assim posto, e tudo bem ajustado, se ata no rabo da verga travessa ũa chamadeira, que venha atar na orelha da roda. A dita roda deve pôr-se com

o eixo ao olivel da preamar, e com dentes compridos quanto alteam, e abaixam as ágoas, sem mais outra alguma precisão andará a roda com velocidade, já para baixo nas vazantes, e já para cima nas enchentes, e só estará parada na preamar, e baixa mar, por então estarem também paradas as ágoas. E como no seu moto andará a orelha abaixo, e acima, no virar para baixo puxará pela chamadeira, e esta virará o varão, e o varão levantará a bucha, e neste levantar, e cair da bucha, subirá a ágoa, que por meio de canos, poderão encaminhar para onde quiserem. Vai a sua figura.*

Querendo mais ágoa, em lugar da estaca, que dissemos, se levante outra bomba ao comprimento da primeira com os mesmos instrumentos, e ficarão duas bombas, e o canal multiplicado. Sendo esta indústria tão fácil na região do Amazonas, e ainda quando não fosse mais, que para terem os senhores de ingenho, ágoa prompta para os lambiques no benefício das ágoas ardentes, por sua falta estão antes desaccomodando toda a gente dos seus sítios pela meia noite, para em vasilhas a conduzirem dos rios, que tem as portas, e isto sendo lá as madeiras a escolher; e sem mais custo, do que cortar cada um, por onde, e a que quiser, e à porta. Esta mesma indústria de bombas sobre as marés, se pode com mais razão usar nos mais rios, aonde a correnteza é perene, e especialmente nos pequenos riachos, que descem dos matos, ainda sem o temor de que as trovoadas, ou tufões de vento lha desmanchem; porque todos correm defendidos, e abrigados de muito arvoredo, que os cobrem. E posto que em toda a parte são de muita conveniência semilhantes bombas para refrescar as terras no tempo das seccas, as quaes posto que em todo o ano muito férteis, e por isso senão use em toda a região do Amazonas e benefício do regadio tão necessário, e custoso nas mais regiões, contudo é sem dúvida, que se tivessem esta benfeitoria, seriam muito mais férteis, e os seus productos muito mais aventajados. *Saltem*** nas terras do Maranhão se fazem totalmente precisas por razão das grandes seccas que padecem, taes, que em vários anos ficam perdidas as searas da mandioca, que é o seu ordinário pão, de que se seguem as grandes fomes, que por muitas vezes padecem os seus moradores, ficando a raiz da mandioca recozida, e secca, como cortiça. E como são searas, que dependem de estar um ano inteiro na terra, quando no fim dele as acham assim perdidas, não tem mais remédio, que lazarar a fome até o seguinte ano, no caso, que também neste não lhe faltem as chuvas, e no entretanto dão graças a Deus se acham alguma farinha a preço de ũa oitava, ou duas o alqueire, sendo o seu ordinário preço 200 réis. É certo, que as ditas bombas movidas pelas marés, não tem lugar em muitas partes do Maranhão, por ser este rodeado do mar salgado; porém não tem os seus moradores desculpa para as não terem em vários riachos, que ordinariamente correm pelos seus sítios; e com esta indústria podem com muita facilidade regar, e segurar as suas searas de mandioca, visto não quererem em seu lugar usar dos milhos, em que teriam menos contingências, e mais fartura, além das muitas ventagens, que dissemos na "5ª parte". Passando destas fáceis, e utilissimas bombas, a outras mais caseiras, tenham o segundo lugar as de roda em cima;

Já eu disse, que há na Europa uma casta de bombas tão fáceis que qualquer menino, ainda assentado, bolindo, por não dizer dando com os dedos em uma roda, tira brincando quanta ágoa quer, ainda de poços bem fundos.

---

* No códice, apenas o espaço em branco para a figura.

** Lat.: ao menos.

Semilhantes bombas são muito úteis, e accomodadas para o exercício de poços, e cisternas, por muito fâceis. Não estou certo no seu feitio; só me lembra de quando as vi em pequeno, que tem uma pequena roda em cima, por cujo moto se tira a ágoa: Mas entendo, que será do feitio, das que já dissemos acima, só com a diferença de terem em cima a roda, e de serem mais finas; porque vai pouco em estar a roda embaixo, ou em cima, sendo a indústria a mesma. Da mesma sorte, que as bombas, há noras muito fáceis, e alguma vi eu, que o era tanto, que qualquer menino a faria andar, e tirar ágoa. Mas sem ser necessário esquadrinhar as mais esquisitas, qualquer nora, ou grande, ou pequena, que tiver a roda do feitio de algum dos dous modos, que ao princípio dissemos, isto é com dobradiças, ou com baldes, se moverá, e elevará a ágoa com tanta, ou mais facilidade, ainda dos poços, e cisternas mais profundas, como as mais esquisitas. E posto que para outros préstimos sejam preferidas as dobradiças, para o uso das noras parecem ser melhores os baldes depoes de terem recebido o primeiro moto, e cheio algum proporcionado tanque, donde a ágoa corra, e vá enchendo os baldes, porque já então por sí só, sem ajuda, ou ministério algum, por si mesma irá a nora tirando ágoa. Caia agora aqui bem dar alguma idea para elevar ágoa as terras altas, porque ainda que pela maior parte as terras, que se cultivam no Amazonas são baixas a borda dos rios, e por isso fáceis de regadio pelo ministério de noras, ou bombas, contudo há terras altas, que pelo decurso do tempo se virão a povoar, e ainda que de si são fertilíssimas, mais o seriam, se a elas se podesse elevar ágoa, o que me parece pode ser com a praxe de bombas de espaço em espaço até cima. Porém como se acaba já o papel, e por outra estes inventos necessitam de se conferir, fiquem reservados para melhor tempo, ou para quem tem [riscado] e nela comodidade, e instrumentos.*

J. M. J.

....

....

....**

A matéria em seis partes: na 1ª dou notícia geográfica do rio máximo Amazonas: na 2ª descrevo os índios seus habitantes sua lei, vida, e costumes: na 3ª dou notícia da grande fertilidade, e riqueza das suas terras, e matas: na 4ª aponto o modo de Agricultura, que usam os seus habitantes: na 5ª finalmente e 6ª que são as principaes dou naquela um óptimo meio, ou método de se poder melhor, e com brevidade povoar, e desfrutar, que é o principal empenho destes senhores e nestes tempos E nesta dou um corioso método de se poder comonicar, e navegar aquele rio com muita facilidade, e conveniência fazendo dos ventos contrários vento bonança, e nas calmarias, e faltas de vento, e de remeiros, dando meio para fazerem boa viagem, com outros inventos não menos coriosos aos leitores, que úteis aos seus habitantes: Como porém os inventos desta 6ª parte podem igualmente servir a todo o mundo os separei à parte neste tratado*** o que nele digo, e pô-lo em me-

* 5 palavras completamente rabiscadas.

** As 16 primeira linhas foram todas rabiscadas.

*** 2 linhas completamente rabiscadas.

lhor forma, no caso que a práctica corresponda a teoria, como na especulação me parece: e iluminar, ajuntando-lhe alguns outros inventos, e ingenhos concernentes a mesma matéria, desde que falam, muitos livros etc. É certo que no exame deve haver cautela, para que os consultores, que buscarem, os não divulguem, e fiqueis vos olhando,* e se vos agradar o meio, que me ocorre, vô-lo direi. Examinados bem os inventos, pedir alvará de privilégio, para que ninguém sem vossa licença os possa pôr na praxe, e depois divulgá-los na Gazeta. Depois arrendar a este, ou aquele que o pertendesse, e vos fizesse melhor conveniência *v. g.* no Rio Tejo dar, ou arrendar o privilégio de navegar com este método *(ilegível)* ũa só? pessoa: Farei o mesmo no Rio Amazonas do Pará; o mesmo no Maranhão; nos rios de Sena em Moçambique, e assim nos mais. A outra pessoa conferir ũa fábrica de moendas para moer trigo com o novo invento de represar as marés *v. g.* em Lisboa e não faltará mercador, que as queira pôr em execução com lucro muito maior, e sem riscos, do que contratar para os ultramares, e outros reinos com tanto perigo. A outra no Porto, e assim nas mais partes.

* Seguem-se duas linhas rabiscadas

RELATÓRIO DA DIRETORA DA BIBLIOTECA NACIONAL

A BIBLIOTECA NACIONAL EM 1975

JANNICE MONTE-MÓR
Diretora

No decorrer do exercício de 1975, a Biblioteca Nacional desenvolveu as seguintes atividades, dentro dos seus diversos setores de ação, distribuindo-as de conformidade com projetos específicos do Departamento de Assuntos Culturais e da própria BN, relacionados com projetos prioritários do Ministério da Educação e Cultura.

1 — INTEGRAÇÃO NO PLANO SETORIAL

As atividades integradas aos dois projetos da área da cultura, no Plano Setorial de Educação e Cultura 75/79[1], estão associadas a: incentivo à criação e difusão no âmbito da cultura (Projeto 28); preservação e defesa dos bens de valor cultural (Projeto 29).

1.1 — *Divulgação da cultura*

1.1.1 — Atividade editorial

O trabalho editorial da BN dá oportunidade de oferecer, aos interessados, o conhecimento das valiosas obras de seu acervo, em textos comentados, transliterados ou reproduzidos fac-similarmente, bem como permite que se divulgue a bibliografia corrente brasileira.

Foi publicado um volume dos *Anais da Biblioteca Nacional*[2], o de n. 92 tomo 2, continuação da publicação sistemática do catálogo da coleção factícia de folhetos pertencentes a Diogo Barbosa Machado e iniciado no ano passado. Aliás, com relação aos *Anais*, é interessante consignar que a elaboração de um índice completo para os mesmos foi, sempre, um dos planos de grande repercussão, da BN, mas, por motivos vários, constantemente adiado em sua execução. Ao findar 1975, foi constituído um grupo de trabalho que se encarregará de dar desenvolvimento ao plano traçado, para publicação no próximo exercício.

Também a BN editou três dos quatro fascículos trimestrais do *Boletim Bibliográfico*[3] — v. 20, n. 1, 2 e 3 — uma vez que o quarto fascículo anual sempre vem a público apenas no decorrer do semestre subseqüente, pois arrola material bibliográfico recebido pela BN até dezembro do ano correspondente.

Dois catálogos de exposições foram publicados: "D. Pedro II e o desenvolvimento econômico-social no 2º reinado"[4] e "25 anos de enriquecimento do acervo da Seção de Iconografia"[5].

Há muito se fazia necessário um registro oficial da grande atividade editorial da BN, desde 1873, o que foi, finalmente, conseguido em 1975, com "Publicações da Biblioteca Nacional"[6], testemunhando uma produção já secular, que alcança 531 títulos, entre livros, folhetos, periódicos, álbuns, cartões e um mapa, e abrangendo obras de natureza técnica e/ou cultural, principalmente de assuntos brasileiros ou ligados ao Brasil, nos campos de Literatura, História, Biografia e Geografia, a par de Filologia, Lexicografia, Epistolografia, Música, Iconografia, Folclore, Botânica, Administração, Legislação etc.

Mais alguns importantes trabalhos editoriais poderiam ser, aqui, mencionados, mas, por decorrerem de auxílio específico recebido do Programa de Ação Cultural, serão relatados, adiante, em 2.6.

1.1.2 — Exposições de peças e coleções

Outra modalidade de divulgação cultural constitui-se de exposições de obras do acervo bibliográfico da Biblioteca (sobretudo livros raros) e iconográfico, de peças manuscritas, musicais etc. Em 1975, realizaram-se, no recinto da BN, seis exposições, compreendidas entre abril e dezembro, das quais quatro foram colaboração de outras entidades.

Através da Embaixada da Alemanha, uma exposição comemorou a passagem do centenário de Thomas Mann e, com a participação da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil — Seção do Rio de Janeiro, a BN mostrou obras de autores brasileiros que abordam os mais variados temas relacionados com a atuação das nossas tropas na guerra 1939-1945. Essa exposição, que assinalou a passagem do 30º aniversário do término da Segunda Guerra, contou com a presença do General Mark Clark, comandante do 5º Exército — composto por tropas dos países aliados, entre os quais o Brasil — durante aquele conflito mundial.

D. Pedro II como hebraísta (aspecto abordado numa pequena mostra, por solicitação do Instituto Cultural Brasil-Israel) e o desenvolvimento econômico-social durante o Segundo Reinado, testemunhado em uma grande exposição de obras do acervo, representaram as comemorações, na BN, da passagem do sesquicentenário de nascimento do segundo imperador do Brasil. As peças exibidas não se limitaram, portanto, a documentos políticos e administrativos e sim comprovaram, também, a atenção dispensada pelos estadistas e pela classe dirigente da época aos grandes problemas sociais e econômicos, bem como ofereceram rápida visão do aspecto artístico do período.

A Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal solicitou também a cooperação da BN para expor seus trabalhos e, assim, mais outro conjunto de vitrinas foi mostrado ao público freqüentador da Biblioteca.

Encerrando o ano, uma exposição de livros ilustrados e de mapas testemunhou o enriquecimento, nos últimos 25 anos, do acervo da Seção de Iconografia, cuja existência autônoma atingirá um século no próximo ano, uma vez que data da reforma da BN concretizada em 1876. A divulgação do enriquecimento do acervo da Seção vem sendo realizada a longo prazo, por etapas, e a exposição apresentada em 1975 não foi exaustiva e sim seletiva, com base no critério de diversificação de temas.

1.1.3 — Intercâmbio bibliográfico

Intercâmbio bibliográfico com outras instituições do País e do Exterior é outra forma de difusão da cultura que constitui atividade regular da BN,

que desempenha, por legislação específica, o papel de centro nacional de permuta internacional (Decreto n. 20.529, de 16 de outubro de 1931). No decorrer de 1975, seu serviço de intercâmbio enviou, em permuta (isto é, recebendo e redistribuindo publicações estrangeiras, encaminhando publicações oficiais brasileiras, ou da própria BN etc.), 15.222 peças bibliográficas e, em doação, remeteu 6.546.

Não obstante o restabelecimento da franquia postal prevista no Art. 52 do Convênio da União Postal das Américas e Espanha (aprovado pelo Decreto-lei n. 543, de 18 de abril de 1969), a BN iniciou um exame das vantagens que, do ponto de vista econômico, acarretam, para o País e para a própria entidade, suas intensas atividades nesse sentido. O citado Art. 52 estabelece que os países membros da UPAE concedam isenção de pagamento, no serviço interno e no serviço américo-espanhol, aos impressos que forem expedidos por editores ou autores e destinados a órgãos de informação, bem como aos que forem remetidos, gratuitamente, às bibliotecas e aos demais centros culturais nacionais, reconhecidos oficialmente pelos Governos.

Tal isenção fora cancelada, há algum tempo, por uma resolução da Empresa de Correios e Telégrafos, que afetara, de muito, o intercâmbio externo e interno de publicações e, como conseqüência, o movimento de obras culturais que tem, na Biblioteca Nacional, o ponto de convergência. Fundamentada naquele Decreto-lei e em outros atos legislativos, a BN recorreu dessa decisão junto à ECT e obteve o reconhecimento de seus direitos quanto à isenção de tarifas e preços dos serviços executados por aquela Empresa.

Apesar disso, porém, julgou conveniente e oportuno iniciar um estudo econômico do movimento de intercâmbio bibliográfico, face aos altos custos operacionais do mesmo e tendo em vista a futura situação que, no novo Regimento da BN, terá o setor encarregado dessas atividades.

1.1.4 — Serviços reprográficos e de assistência ao leitor

Consulentes de todo gênero requisitam, constantemente, os serviços reprográficos da Biblioteca Nacional, especialmente para documentação de estudos e pesquisas baseados em obras do seu acervo. Durante o exercício passado, foram fornecidas 90.920 cópias xerográficas e 27.498 cópias em microfilmes.

Por termo de cessão firmado em 30 de setembro, o Instituto Nacional do Cinema transferiu à BN equipamento de microfilmagem, acompanhado de leitor-copiador com quatro objetivas e nove leitores para microficha, além de material subsidiário, totalizando uma doação no valor de Cr$ 129.330,00. Com o equipamento recebido, a Biblioteca Nacional ficará capacitada a dar início a um programa de reproduzir, em microfichas, peças do seu acervo, tal como já é feito em outras grandes bibliotecas, em todo o mundo.

Para dar atendimento satisfatório aos usuários que a procuram, a BN acolheu, em 1975, em seus salões, 77.243 consulentes, realizou, a pedido, 2.462 pesquisas bibliográficas, e fez circularem 177.593 obras dadas à leitura. Essas cifras — que atestam uma centralização involuntária de consultas, por deficiência da rede estadual de bibliotecas públicas — evidenciam a dificuldade em encontrar solução para o agudo problema de atendimento ao leitor, como explicitado mais adiante, em 2.5.

1.2 — *Preservação do patrimônio cultural*

As atividades da BN com relação à preservação do patrimônio bibliográfico abrangem três setores principais, todos igualmente importantes e significativamente produtivos em 1975.

1.2.1 — Enriquecimento do acervo

A aquisição de novas peças para o acervo tem, como se sabe, seu maior apoio na "contribuição legal", que totalizou 62.777, no exercício findo, ampliando a representação, na Biblioteca Nacional, da produção bibliográfica brasileira.

O International Standard Book Number (ISBN), isto é, a numeração padronizada internacionalmente, capaz de individualizar qualquer publicação, seja qual for seu país de origem ou o idioma em que está redigido seu texto, será implantado no Brasil através da atuação da Biblioteca Nacional que, em 1975, foi autorizada, pela Agência Internacional do ISBN, a funcionar como Agência do ISBN para países de língua portuguesa, e não apenas como agência brasileira, como solicitara anteriormente. A par da grande contribuição que seu trabalho dará ao movimento mundial em torno do ISBN — e do qual já participam muitos países e a própria UNESCO — a Biblioteca Nacional passará a dispor de mais um recurso de controle da literatura nacional, complementando suas possibilidades de fazer executar, satisfatoriamente, o dispositivo da "contribuição legal", de que é beneficiária.

Por compra, a BN adquiriu 1.726 publicações estrangeiras, pois, dentro do mecanismo da chamada aquisição planificada, ela tem procurado reunir obras — principalmente de referência — que bem representem a produção intelectual, em todos os campos do conhecimento humano. Por isso, a Biblioteca Nacional comprou, no ano que ora termina, obras como, por exemplo: ROMERO — Patologia general y fisiopatologia (2v.); SCHEID — Neurologia; PASQUINI — Vita degli animali (4v.); UNIVERSO de las formas (5v.); VAN DER STRAETEN — La musique au Pays-Bas (4v.); partituras de Schubert, Schoenberg, Mahler, Corelli, Boccherini e Scarlatti (este, em obras completas); diversos livros sobre Etnomusicologia. E alguns documentos antigos, cabendo mencionar: carta brasão-de-armas do Barão de Monte Santo, em pergaminho aquarelado (Século XIX); bula do Papa Nicolau IV, em cópia manuscrita perfeitamente legível (de 1289); escritura de instituição da Capela de Nossa Senhora da Glória, por D. Gonçalo Pereira, códice de pergaminho (datada de 1334).

Obras raras ou valiosas brasileiras, ou publicações estrangeiras sobre o Brasil, também foram adquiridas por compra, citando-se: manuscrito composto de um discurso apologético de autoria do Cônego da Sé de Olinda (1751); vários jornais e outros periódicos do Século XIX, num total de 53 títulos diferentes; gravuras dos gravadores Lívio Abramo, Rossini Perez e Marlene Hori e mais xilografias de Oswald Goeldi.

Outro aspecto das atividades de aquisição de material bibliográfico é o relativo à permuta e doação. Em 1975, a BN enriqueceu seu acervo, mediante permuta, de 24.836 peças e recebeu, em doação, 546.

1.2.2 — Tratamento técnico do acervo

Todo o material incorporado ao acervo da Biblioteca Nacional sofre o devido tratamento técnico nos setores especializados.

No exercício em foco, foram registradas 64.322 das peças entradas na BN por qualquer das formas de aquisição, catalogadas 14.707 e classificadas (Sistema Decimal de Dewey) 12.951. Para atualização dos catálogos, representando material já à disposição dos leitores, compuseram-se 17.601 fichas catalográficas.

A criação, em 1975, do Centro de Informática do Ministério da Educação e Cultura, em convênio entre o MEC e o Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), propiciou à Biblioteca Nacional a tão esperada oportunidade de programar a automação de seus serviços, medida recomendada não só pelas modernas técnicas de Documentação como também pelos estudos de racionalização do trabalho, realizados pela equipe da Reforma Administrativa na BN. Assim, o CIMEC, logo após sua criação, deu início à análise das rotinas de controle de periódicos e elaborou o projeto de execução do catálogo e do inventário do grande acervo de periódicos existente na Biblioteca. Da mesma forma, foram estudados os meios de controlar, por processos automáticos, o registro da bibliografia brasileira corrente — dando, como produto imediato, a publicação do *Boletim Bibliográfico* por computador — e a implantação do número padronizado para livros (ISBN), conforme preconizado internacionalmente.

1.2.3 — Conservação do acervo

A manutenção do acervo em condições de uso abrange o trabalho de preservação e restauração do mesmo.

Para isentar determinadas peças do manuseio excessivo pelos leitores, causando dano às mesmas, a Biblioteca preparou microfilmes, totalizando 38.811 fotogramas. Também para proteger outras obras, encadernou 3.128 volumes e restaurou 9.977 folhas de documentos.

A limpeza e desinfestação periódica do acervo, não executadas no exercício anterior por ter sido tardiamente recebido o crédito suplementar necessário, foram realizadas em 1975, ficando, dessa forma, preservadas do pó, de insetos e de microorganismos prejudiciais as 3.102.600 peças que compõem, no momento, oficialmente, a coleção da Biblioteca Nacional.

Mas, ao prosseguir na execução das recomendações resultantes do relatório final[7] encaminhado à UNESCO pela especialista em restauração e bibliopatologia, que visitou a Biblioteca Nacional no ano anterior, foi que a BN seguiu o exemplo dos centros culturais mais avançados da Europa e dos Estados Unidos, particularmente de grandes e prestigiadas bibliotecas nacionais: deu início, em 1975, a um projeto de pesquisa, desenvolvido com a participação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para correta abordagem científica do problema dramático de conservação do acervo. E, com essa medida, propiciou também o aconselhável entrosamento entre as atividades de pesquisa na área universitária com atividades de outras áreas, integradas nos projetos prioritários do Ministério da Educação e Cultura com referência à preservação do patrimônio cultural.

Assim, o Laboratório de Biologia e o de Bioquímica daquela Universidade estarão colaborando com a Biblioteca na preservação de todo o acervo.

Uma das pesquisas procederá ao levantamento de insetos e microorganismos nocivos, estudando sua biologia e seus meios de disseminação, bem como os processos racionais de combate aos mesmos, compatíveis com o local e sem implicações de natureza toxicológica para funcionários e leitores[8]. Outra estará identificando os fatores físico-químicos e biológicos que influem sobre a higidez do material bibliográfico, para possibilitar ação eficaz, defensiva e protetora, desse material. Comportamento das substâncias que entram na composição do material bibliográfico, lesões presentes no material da BN e sua etiologia, agentes patogênicos de natureza física e química e de natureza biológica, condições ambientais favoráveis à armazenagem — eis os pontos focais desse estudo[9].

Ambas as pesquisas poderão trazer elementos valiosos e facilmente aplicáveis a outras instituições congêneres, que têm sob sua guarda e responsabilidade acervos preciosos do gênero da coleção da Biblioteca Nacional.

Infelizmente, há a registrar uma ocorrência de repercussão negativa, cujas conseqüências prejudicaram, em pequena mas valiosa parte, a riqueza do acervo da Biblioteca Nacional: o desaparecimento de 25 volumes de uma das duas coleções do *Correio Braziliense* existentes no órgão. Verificado o fato, foi imediatamente determinada a abertura de processo administrativo a respeito, com o objetivo de apurar responsabilidades.

A comissão de inquérito, constituída por Portaria BN n. 35, de 8 de outubro, procedeu a todas as diligências convenientes, elaborou o respectivo relatório e, em 30 de dezembro, encaminhou o processo à autoridade competente — a Direção da Biblioteca — para julgamento do assunto.

Caso a comissão em apreço não identifique culpado, ou culpados, do desaparecimento dos volumes e se tiver levantado informações, dados e fatos que configurem ação criminosa, a Biblioteca, baseada no Art. 226 do Estatuto dos Funcionários, solicitará ao Superintendente Regional da Polícia Federal instauração de inquérito policial.

2 — PROJETOS ESPECIAIS

Fora de sua programação rotineira, e com recursos extraordinários, a Biblioteca Nacional confiou ao Grupo-Tarefa nela militante a planificação e o acompanhamento de alguns projetos especiais, destinados a lhe propiciar melhores e mais fáceis condições de funcionamento.

2.1 — *Grupo de Documentação em Ciências Sociais*

Instalado, formalmente, em 13 de dezembro de 1974, com a devida autorização da Secretaria-Geral do MEC, o Grupo de Documentação em Ciências Sociais tem por finalidade: promover, estimular e coordenar a difusão, no Brasil, de documentos em Ciências Sociais; colaborar na preservação de documentos necessários aos estudiosos, nessa área; incentivar a cooperação e o intercâmbio entre especialistas da informação e cientistas sociais, do Brasil e do Exterior.

Composto por representantes de mais três instituições além da BN — Arquivo Nacional, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, e Fundação Getúlio Vargas — vem tendo seus projetos iniciais financiados pela Fundação Ford, mas já recebeu também recursos providos pela Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Regula-se por minuta de regimento próprio, que lhe deu um Conselho Deliberativo presidido pela Biblioteca Nacional, na pessoa de sua Diretora.

A sede do GDCS, em seu primeiro biênio de atuação, vem sendo a BN, o que, indiscutivelmente, tem contribuido para o desenvolvimento das importantes tarefas a cargo do Grupo, que, para melhor realizá-las, desdobrou-se, em 1975, em três Subgrupos: História Oral, Preservação e Restauração de Documentos, e Guia de Fontes Históricas. O objetivo desses Subgrupos é reunir o maior número possível de entidades e pessoas que, em conjunto, sensibilizadas e mobilizadas, possam estudar, propor, coordenar e/ou executar projetos relacionados com cada área específica, aumentando as possibilidades de ação do GDCS. O funcionamento dos Subgrupos, no decorrer do exercício agora terminado, demonstrou o acerto da constituição dos mesmos, principalmente no que se relaciona com o intercâmbio de informações e colaboração, evitando a duplicação de esforços nesta fase inicial de identificação dos trabalhos prioritários e dos conseqüentes programas de trabalho efetivo.

Dentro das atividades do Grupo, realizou-se, em julho, no Rio de Janeiro, o 1º Curso de História Oral, que teve a participação da Fundação Getúlio Vargas — através de seu Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea — da Universidade Federal Fluminense e da Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Com relação aos trabalhos da BN, a finalidade precípua do GDCS é financiar a constituição de um fundo rotativo para microfilmagem de jornais. Sempre com o intuito de executar esse projeto em seus próprios laboratórios — considerados dos melhores no Rio de Janeiro — a Biblioteca Nacional promoveu inúmeros contatos pessoais e/ou por correspondência, no Brasil e no Exterior, para delinear a melhor política a ser seguida em seu programa de microfilmagem, preocupação essa que remonta a 1971.

Um catálogo coletivo de jornais brasileiros existentes, sob microformas, no Brasil ou no Exterior, vem sendo sistematicamente compilado pela BN e tem servido de valiosa fonte de informação para o planejamento da microfilmagem em apreço.

2.2 — *Assistência técnica da UNESCO*

Interessada, através do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, em dar continuação à assistência técnica que lhe fora solicitada pela própria Biblioteca Nacional, a UNESCO patrocinou a permanência, na Itália, de duas bibliotecárias da BN, com vistas a um treinamento intensivo em trabalhos de restauração de documentos, atendendo às recomendações da consultora técnica vinda ao Rio de Janeiro no ano anterior[7].

Essas recomendações — resultantes de um estudo, dentro do possível, completo — abrangem, principalmente, a urgência em obter condições satisfatórias quanto à ambientação favorável para guarda do acervo, aos processos de restauração até então empregados e à preparação de pessoal capacitado.

Conseqüentemente, ambas as bolsistas, sob a orientação direta da especialista que visitara a BN, estagiaram em abalizados serviços italianos, onde se adestraram em diferentes trabalhos no campo da restauração e da preservação como: recursos para eliminar excesso de temperatura e umidade, impossibilitar absorção de poeira exterior, e atenuar efeitos dos fenômenos de condensação e oxidação; vantagens de aplicabilidade de modernos aparelhos; meios de compatibilizar os diversos elementos que compõem os documentos,

isto é, papel, couro, tinta, colas etc.; diversidade e conveniência dos tipos de encadernação conhecidos.

De volta ao Brasil, as servidoras bolsistas assumiram imediatamente o encargo de examinar os problemas da BN nesse setor, preparando-se para colaborar com equipes destinadas a desenvolver essa modalidade de trabalho. A par disso — e ainda de acordo com instruções recebidas nos estágios — procuraram contactar fabricantes de papel e editores, tentando conscientizá-los da responsabilidade que lhes cabe, em face da conservação do patrimônio cultural contemporâneo, e visando a estimulá-los a promover pesquisa e seleção de material adequado e de tecnologia já devidamente comprovada.

2.3 — *Bolsistas estagiários*

Por convênio com a Fundação MUDES (Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social), foi possível dar andamento a projetos complementares ao programa regular de trabalho, atendendo a áreas do sistema de planejamento, do processamento técnico e das promoções culturais. Com o auxílio de estagiários de Administração, Biblioteconomia, Comunicação e Estatística, bolsistas custeados pela Fundação MUDES, conseguiu a BN dar andamento paralelo a determinados setores de atividades, ao mesmo tempo que colaborou para o aprimoramento técnico-profissional de universitários, atualizados com técnicas modernas que lhes estão sendo ministradas em suas escolas e faculdades.

O desenvolvimento, ainda em 1975, do projeto começado no ano anterior (atendimento ao salão de leitura e atualização de catálogos), com bolsistas decorrentes do convênio firmado entre o Instituto Nacional do Livro e o Departamento de Assuntos Culturais, foi outro grande reforço de recursos humanos recebido pelos serviços da BN, para atingir as metas propostas.

2.4 — *Construção do anexo e manutenção do edifício*

Em 1975, foi designada, pela Portaria n. 528, de 17 de outubro, do Senhor Ministro da Educação e Cultura, uma comissão encarregada de elaborar o programa para construção do edifício do Anexo da Biblioteca Nacional.

Na composição dessa comissão, houve a intenção de reunir profissionais capacitados a prestarem valiosa colaboração a um programa de tão grande importância para o desenvolvimento da BN e seus naturais reflexos na cultura nacional, possibilitando ao Arquiteto Lúcio Costa o detalhamento do projeto de sua autoria. São eles: Jannice Monte-Mór, Diretora da Biblioteca e que é a Presidente da comissão; Alcyr de Souza Coelho, Engenheiro do Departamento de Assuntos Culturais; Lydia de Queiroz Sambaquy, Assessora da Presidência da Fundação Getúlio Vargas; Elton Eugênio Volpini, Diretor da Biblioteca Central da Universidade de Brasília; Marina Monteiro de Barros Roxo, Chefe da Divisão de Administração da Biblioteca Nacional; e Maria de Nazareth Montojos Tacques, Bibliotecária da Biblioteca Nacional.

A comissão realizou seu primeiro encontro antes de findar o exercício e analisou todas as sugestões de soluções apresentadas para o crucial problema de falta de espaço, na Biblioteca.

Por outro lado, com recursos especiais, recebidos diretamente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, a BN deu início, desde o segundo

semestre de 1975, à recuperação do edifício que ocupa, e que é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os respectivos projetos de engenharia estão sendo financiados por recursos provenientes do Programa de Ação Cultural e foram confiados a arquitetos de notório valor profissional — Jorge Moreira e Wladimir Alves de Souza — e à Assessoria de Engenharia e Arquitetura do DAC cabem a assistência técnica e a apreciação final dos trabalhos.

Entre essas obras civis, que se prolongarão por um período de dois anos, destacam-se, como prioritários: reparo da instalação elétrica e atualização do sistema de iluminação, recomposição e substituição das coberturas em geral, reparos gerais em dependências do porão, com reaproveitamento de áreas, reinstalação da Seção de Música e Arquivo Sonoro, substituição de elevadores, pinturas externa e interna, revisão da rede telefônica, com instalação de sistema PABX.

2.5 — *Estudo do usuário*

Através dos anos, a BN tem sido desviada, paulatinamente, do seu papel de "biblioteca de última instância", onde a informação deve ser fornecida a consulentes de nível cultural superior, sensíveis ao valor do acervo que ela abriga. As conhecidas deficiências na rede de bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro têm levado a BN a atender público que, normalmente, deveria procurar bibliotecas públicas e escolares e, com isso, o número imenso de consulentes que absorvem tempo, espaço, acervo e serviços da instituição vem prejudicando seus naturais leitores, entendendo-se como tal os usuários da área erudita, artística ou mesmo universitária.

Desconhecimento dos recursos disponíveis e carência de acervos em pequenas bibliotecas mais acessíveis geográfica e funcionalmente, ausência de correta divulgação dos objetivos das bibliotecas públicas e escolares, falta de orientação por parte de professores ou responsáveis pelas diretrizes dadas a estudos e trabalhos — são esses, talvez, entre muitos outros, os motivos que, quanto aos usuários, levam estes a se deslocarem de pontos distantes, para o centro da cidade, onde lhes parece que apenas a Biblioteca Nacional dispõe de recursos informativos para lhes oferecer o dado solicitado. Por outro lado, o jamais censurável excesso de zelo dos bibliotecários de modo geral, a consciência profissional de que nenhum leitor pode deixar de ser atendido e o reconhecimento das próprias dificuldades para contornar a situação vigente têm sido, por parte da Biblioteca Nacional, os entraves à implantação de um sistema de seleção de leitores.

Como, atualmente, vêm adquirindo cada vez maior importância as pesquisas realizadas sobre hábitos de leitura e sobre níveis e interesses dos leitores, para isso baseando-se os estudos na análise de papeletas de pedidos, a BN procedeu a um levantamento nesse sentido, procurando chegar à fixação de critérios relativos ao complexo problema dos interesses dos usuários, sem afetar a qualidade do atendimento que lhes é devido.

A par desse levantamento a respeito dos hábitos e interesses dos leitores que a consultam, a BN preparou, para o MEC, e por solicitação direta do Senhor Ministro, um estudo — com o correspondente anteprojeto — relativo à criação de um Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Esse estudo compreendeu uma proposta de lei, bem como da respectiva exposição de motivos, e foi encaminhado ao Gabinete do Ministro da Educação e Cultura, para

ser examinada a viabilidade de constituição de um novo e necessário órgão no campo das bibliotecas, no Brasil.

2.6 — *Programa de Ação Cultural*

Provendo recursos para o desenvolvimento de projetos de significativa importância para a área da cultura, o Programa de Ação Cultural, do MEC, contemplou, com sua assistência financeira, alguns planos da Biblioteca Nacional em 1975, permitindo que esta alcançasse metas não atingíveis com os recursos orçamentários habituais. Assim, a BN procurou compor-se com a política cultural do Ministério, objetivando, de modo geral, otimizar condições de irradiação de informação cultural, em todos os ramos do saber, o que é sua missão precípua.

Graças ao PAC, houve oportunidade de se efetivarem vários trabalhos programados pela BN, como: impressão do catálogo da exposição da Seção de Iconografia[5]; realização de duas conferências ilustrativas, por ocasião da exposição comemorativa do sesquicentenário de Pedro II; montagem da citada exposição sobre o enriquecimento da Seção de Iconografia; pesquisa para um levantamento bibliográfico sobre o conto brasileiro (suplemento 1968-1974, da bibliografia já publicada) e sobre Darius Milhaud; bem como a execução de alguns trabalhos de infra-estrutura, como reparos em cofres e arcazes e em calhas do edifício, e aquisição de material de consumo necessário à proteção de obras raras.

Com recursos do PAC, já empenhados no exercício de 1975, serão editadas, no próximo ano, várias publicações, algumas das quais já se encontram no prelo, como as a seguir referidas.

O v. 94 dos *Anais da Biblioteca Nacional* reunirá contribuições distintas e expressivas das Seções de Iconografia e Manuscritos: "Registro de santos", que é o catálogo da Coleção Augusto de Lima Júnior, conjunto precioso de estampas religiosas, e que está sob a guarda da BN; "Relação sumária das cousas do Maranhão", em edição fac-similar, comemorando o 350º aniversário da primeira edição desse raríssimo folheto; e "Manuscritos relativos à Independência do Brasil (1720-1904)", desenvolvimento de um inventário anteriormente divulgado, em publicação avulsa, pela Biblioteca Nacional.

O v. 95 dos mesmos *Anais*, constando de 2 tomos, dará a público, pela primeira vez, na íntegra, a obra do Jesuíta João Daniel "Tesouro descoberto no Rio Amazonas", códice autógrafo do Século XVIII, escrito na prisão, em Lisboa, ao tempo do Marquês de Pombal.

Outra obra notável que surgirá, em 1976, será a edição especial de um álbum de estampas, reproduzindo pranchas pertencentes à BN, gravadas na Oficina Tipográfica, Calcográfica e Literária do Arco do Cego (extinta em 1801), em Lisboa, trazidas para o Brasil ao tempo de D. João VI.

Ainda outro grande álbum, financiado pelo PAC, constituir-se-á de "Plantas fluminenses", apresentando a reprodução de 15 desenhos a cores, originais do pintor Muzzi, e que serviram de trabalho preliminar para a *Flora Fluminensis*, de Frei Conceição Veloso, no Século XVIII.

A primeira exposição a ser inaugurada em 1976 já tem a impressão de seu catálogo assegurada pelo auxílio do PAC concedido em 1975: trata-se de "Movimentos de vanguarda na Europa e o Modernismo brasileiro (1909-1924)". O fato de já terem decorrido 50 anos do lançamento do último

dos grandes movimentos de vanguarda europeus e de o Modernismo no Brasil ser identificado como face desses movimentos justifica, no plano histórico-literário, a visão retrospectiva que a exposição programada irá proporcionar.

Finalmente, o "Índice do *Correio Braziliense*" facilitará a consulta aos 29 volumes do jornal editado em Londres, de 1808 a 1822, pelo patriarca da imprensa brasileira, Hipólito José da Costa Pereira, quando lá exilado. Esse trabalho será complementado pela microfilmagem, para venda de cópias, dos originais do *Correio*, que representou o registro dos acontecimentos ligados ao período que antecedeu a independência do Brasil.

Ainda esses mesmos recursos do PAC financiarão conferências ilustrativas, suplementares da próxima exposição programada.

Por outro lado, com o objetivo de ver seu planejamento cultural, para 1976, apoiado com recursos do PAC, a Biblioteca Nacional apresentou um elenco de publicações e exposições, no seu plano de trabalho para o exercício vindouro. Assim, a impressão de doze obras e as despesas de montagem de cinco exposições (que serão acompanhadas de conferências ilustrativas) aguardam decisão sobre o patrocínio do PAC, a fim de corresponderem, com o devido brilho, ao programa de trabalho da BN para o próximo exercício.

3 — PRESENÇA NO CONTEXTO CULTURAL

Uma das formas de promover a divulgação da Biblioteca Nacional e dos serviços que pode prestar é sua participação no momento cultural brasileiro e sua colaboração a congressos e reuniões da mesma natureza.

Para comemoração do centenário de Thomas Mann, a BN realizou sessões cinematográficas, com a exibição de filmes cujos argumentos se basearam em romances daquele escritor, e contou, para isso, com a especial cooperação da Embaixada da Alemanha.

O historiador Pedro Calmon proferiu palestra sobre D. Pedro II e seus conhecimentos como hebraísta e, para complementar a exposição sobre o segundo imperador do Brasil, os escritores Odylo Costa Filho e Francisco de Assis Barbosa pronunciaram conferências a respeito.

Não só no País como no Exterior, a Biblioteca, em 1975, procurou tomar parte nos trabalhos das reuniões técnicas em que se trocam experiências e se apreendem novos métodos de tratamento da informação.

Os vários encontros do Grupo de Trabalho para Estabelecimento de Normas de Catalogação em Âmbito Nacional e a 1ª Reunião de Ciência da Informação (promovida, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação) contaram com representantes da BN, bem como as comemorações da Semana Nacional da Biblioteca, em Belo Horizonte, e no Rio de Janeiro e em Niterói, ocasiões em que, a convite da Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais e do Conselho Regional de Biblioteconomia — 7ª Região, respectivamente, a Diretora realizou palestra sobre os projetos e as atividades da Biblioteca Nacional no setor da restauração e da preservação de documentos. Aliás, dentro da programação da mesma Semana, no Rio de Janeiro, foram apresentadas, no recinto da BN, por conferencistas convidados ou por bibliotecários da própria instituição, diversas palestras acompanhadas de debates.

As mais importantes reuniões de estudos sobre bibliotecas, que têm lugar em nosso País, são os bienais Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e

Documentação, dos quais o 8º se realizou em Brasília, em 1975. A delegação da BN foi bastante expressiva, tendo sido preparados, a convite da Comissão Organizadora do conclave, dois dos chamados Trabalhos de Base para o programa, de autoria da Diretora do órgão e de sua Assessoria: "Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa"[10] e "Sistemas de bibliotecas e redes de informação"[11].

No Exterior, o 20º Seminário sobre Aquisição de Materiais Bibliográficos da América Latina (Bogotá) também teve representação oficial da BN, assim como o 4º Congresso Internacional de Reprografia e Informação (Hannover), mas, neste último, a participação da entidade não constituiu ônus para os cofres públicos.

Infelizmente, os estudos para a criação de uma associação de bibliotecas nacionais — iniciados em 1974, no Canadá — não puderam dispor, em 1975, da presença do delegado da BN; no entanto, o preparo do documento resultante da coleta de dados específicos entre as bibliotecas nacionais da América Latina e correspondente análise, que fora confiado à Biblioteca, chegou a Oslo — local da nova reunião programada — dentro do tempo regulamentar, para ser divulgado pelo órgão internacional competente[12].

A cooperação prestada a entidades congêneres, sob a forma de assistência técnica baseada em experiência adquirida em vários setores de atividades, revelou-se mediante auxílio fornecido a algumas instituições, como, por exemplo, a Câmara dos Deputados, que necessitou de laudo técnico quanto à autenticidade, ao valor intrínseco e ao valor comercial de volumes manuscritos, datados de 1768, de dois distintos conjuntos de copiadores atribuídos à administração do Marquês do Lavradio, 3º Vice-Rei do Brasil.

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, cujo acervo ficou grandemente prejudicado com as enchentes ocorridas, em julho, em Recife, solicitou ao Departamento de Assuntos Culturais que patrocinasse a visita de um especialista em restauração de documentos, com a finalidade de estabelecer um plano de ação para recuperação dos documentos danificados. Transferido o pedido à Biblioteca Nacional, esta prestou a assistência técnica solicitada, tentando orientar a Direção do Instituto no que fosse preciso programar com aquela finalidade.

Pela Resolução n. 108, de 27 de abril de 1975, o Conselho Federal de Biblioteconomia determinou que todas as bibliotecas e os centros de documentação, informação ou informática, do poder público ou privado, deverão ser registrados no Conselho Regional de Biblioteconomia da respectiva jurisdição, para efeito de cadastramento e controle estatístico e conseqüente publicação — trienal — de guias de bibliotecas. Dando cumprimento à determinação, a Biblioteca providenciou seu registro, mediante a apresentação dos documentos fixados pela citada Resolução, e recebeu o n. 1, prestigiando, assim, os esforços que vêm sendo desenvolvidos no sentido de normalizar as estatísticas relativas a bibliotecas.

Também em torno do movimento associativo e disciplinar da profissão de bibliotecário e através da colaboração de três de seus servidores, a BN participou intensamente da Diretoria do CRB-7 que expirou seu mandato em 1975.

4 — CONDIÇÕES INFRA-ESTRUTURAIS

4.1 — *Recursos financeiros*

A dotação orçamentária que coube à BN foi, como sempre, insuficiente para desenvolvimento de seus planos de trabalho, uma vez que se dinamizam constantemente os seus serviços.

Os recursos orçamentários totalizaram Cr$ 2.200.000,00 e, com recursos externos advindos por convênios, concessão de bolsas, assistência técnica etc., a Biblioteca conseguiu acrescê-los de Cr$ 7.619.967,46, sendo Cr$ 1.492.000,00 do Plano de Ação Cultural, Cr$ 862.100,00 da Fundação Ford, Cr$ 213.000,00 do Instituto Nacional do Livro (Cr$ 180.000,00 para o *Boletim Bibliográfico* de 1975 e Cr$ 33.000.00 para custeio de bolsistas estagiários), Cr$ 5.000.000,00 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e Cr$ 52.867,46 da Fundação Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social.

Lamentavelmente, os recursos advindos da FINEP/SEMOR não puderam ter, em 1975, a programada aplicação, por falta de flexibilidade administrativa da própria SEMOR.

A arrecadação por serviços prestados aos usuários, conforme convênio BN/IPHAN, atingiu Cr$ 71.352,02, dos quais 80% deverão reverter à Biblioteca, mediante plano de aplicação específico, a ser apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

4.2 — *Recursos humanos*

Em termos de disponibilidade de pessoal, a Biblioteca Nacional funciona virtualmente durante 24 horas diárias — das quais 11 para atendimento ao público — uma vez que cerradas suas portas e finda a jornada de trabalho, permanecem em andamento os serviços de vigilância. Assim, os 296 servidores com que contou, em seu quadro, em 1975, foram insuficientes, em número, para execução das atividades que cabem à instituição.

A outorga de novo Regimento e a publicação de sua nova lotação de pessoal vieram, felizmente, lançar um lampejo de esperança para solução de alguns dos problemas internos da BN, aqueles que dizem respeito às conseqüências da reclassificação dos cargos do serviço público federal, conforme estabelecido pela Lei n. 5.645, de 10 de dezembro de 1970.

Por Portaria de n. 470, datada de 1º de outubro de 1975, publicada no *Diário Oficial* de 21 do mesmo mês, o Ministro da Educação e Cultura aprovou o novo Regimento Interno da Biblioteca, que, por esse ato, passou a ser estruturada como segue: a) Coordenadoria Técnica; b) Divisão de Aquisição e Processamento, constando de Seções de Contribuição Legal, Compras, Registro, Catalogação, Classificação, e Composição de Catálogos; c) Divisão de Referência Geral, compreendendo Seções de Armazenamento, Consulta e Leitura, Informações Bibliográficas, e Periódicos; d) Divisão de Referência Especializada, abrangendo Seções de Obras Raras, Música, Iconografia, e Manuscritos; e) Divisão de Divulgação, comportando Seções de Edi-

toração, Promoções Culturais, e Intercâmbio; f) Divisão de Conservação, composta de Seções de Preservação e Restauração, e Encadernação; g) Serviço de Direitos Autorais; h) Serviço de Reprografia; i) Serviços Auxiliares.

Não obstante a Portaria ter fixado a vigência do Regimento a partir da data de sua publicação, instruções superiores determinaram que a implantação definitiva da nova estrutura far-se-ia mediante normas específicas ainda em estudo, e somente após a efetivação dos atos relativos à lotação de pessoal e à subseqüente reclassificação dos cargos correspondentes. Com isso, todos os servidores da BN continuaram, até o final do ano, em seus respectivos postos, executando os serviços a seu cargo, para preservar as finalidades do órgão, durante a fase intermediária.

Quase ao término do exercício, o *Boletim de Pessoal* do Ministério da Educação e Cultura, de n. 50 (Suplemento), datado de 11 de dezembro, levou ao conhecimento dos servidores do MEC a lotação estabelecida para todas as categorias funcionais que virão a integrar o Quadro Permanente de Pessoal e proposta ao Departamento Administrativo do Serviço Público. Para orientação dos dirigentes das unidades organizacionais do Ministério, o *Boletim* informou, também, a lotação global e parcial de cada uma delas, alertando sobre a rotina a ser observada para dar a máxima divulgação àquele Suplemento.

Logo após, o *Diário Oficial* de 29 de dezembro publicou a aprovação do Presidente da República à lotação proposta, em despacho de 22 do mesmo mês, face à Exposição de Motivos n. 658, do DASP, datada do dia 18.

Ficou, assim, a BN na expectativa apenas da decisão governamental quanto às disposições, relativas ao MEC, sobre a transposição e transformação de cargos para categorias funcionais dos diferentes Grupos e seus códigos, conforme as novas diretrizes para o serviço público em geral, e aguardando, portanto, o Decreto que irá relacionar, nominalmente, os ocupantes habilitados no processo seletivo de que tratam os decretos de estruturação dos referidos Grupos.

5 — CONCLUSÕES

Parece à BN não ser demasiado insistir em que, apesar de todo o esforço desenvolvido e das metas promissoramente alcançadas, faltam-lhe ainda determinadas condições propiciadoras de desempenho satisfatório em toda a linha de suas atividades.

Realmente, embora o elenco de realizações positivas, durante o exercício de 1975, ateste o aspecto dinâmico de que se tem procurado revestir a Biblioteca Nacional e não obstante a quase consecução de seus objetivos quanto à disponibilidade de estrutura e pessoal adequados, ressente-se ela grandemente da circunstância de não lhe ter sido outorgada a aconselhada autonomia administrativa e financeira, bem como a necessária dotação orçamentária, reiteradamente enfatizadas nos relatórios referentes a alguns dos anos anteriores de trabalho[13, 14, 15].

Ao findar, assim, o exercício de 1975, julga, mais uma vez, a Biblioteca Nacional que, se muito foi feito, muito lhe resta ainda por fazer e que essa parcela, que lhe soa, anualmente, como finalidades inatingidas, será extremamente facilitada quando lhe forem oferecidos requisitos ideais de funcionamento.

6 — CITAÇÕES BIBLIOGRAFICAS

1 BRASIL. Ministério da Educação e Cultura — *Plano Setorial de Educação e Cultura 75/79*. Brasília, 1974. 2v. em 3

2 HORCH, R.E. — *Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1974. (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional. Anais, v. 92, t. 2, 1972)

3 RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional — *Boletim bibliográfico da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 1918-

4 ———— — *D. Pedro II e o desenvolvimento econômico-social no II reinado (1840-1889)*. Catálogo da exposição inaugurada em agosto de 1975. Rio de Janeiro, 1975. 56p.

5 ———— — *Vinte e cinco anos de enriquecimento do acervo, 1950 Seção de Iconografia 1975*. Rio de Janeiro, 1975. 54p.

6 ———— — *Publicações da Biblioteca Nacional; catálogo, 1873-1974*. Rio de Janeiro, 1975. 128p. (Coleção Rodolfo Garcia. Série 13 — Catálogos e bibliografias)

7 DI FRANCO, M. — *Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro*. Paris, UNESCO, 1974. 7p. (3059/RMO.RD/CLP)

8 ROBBS, C. — Preservação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. In: RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional — *Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa* [Anexo I] 20p. mimeogr. [trabalho apresentado ao 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Brasília, 1975]

9 CONTARDO DA FONSECA, C.L. — Estudo químico e bioquímico de agentes patogênicos em documentos bibliográficos; análise dos defensivos. In: RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional — *Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa* [Anexo II] 20p. mimeogr. [trabalho apresentado ao 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Brasília, 1975]

10 RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional — *Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa*. 20p. mimeogr. [trabalho apresentado ao 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Brasília, 1975]

11 CUNHA, L.G.C. da — *Sistemas de bibliotecas e redes de informação*. 19p. mimeogr. [trabalho apresentado ao 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Brasília, 1975]

12 RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional — *The role of national libraries in national and international information system; Latin American supplement*. Working paper for the Meeting of National Libraries, Oslo, August 12-13, 1975. Rio de Janeiro, National Library, 1975. 6f. mimeogr.

13 MONTE-MÓR, J. — A Biblioteca Nacional em 1972. *Anais da Biblioteca Nacional, 92:* 255-73, 1973.

14 ———— — A Biblioteca Nacional em 1973. *Anais da Biblioteca Nacional, 93:* 259-72, 1974.

15 ———— — A Biblioteca Nacional em 1974. *Anais da Biblioteca Nacional, 94:* 199-212, 1976.